OS PADRES DA IGREJA

O.P.M.· SERMÕES SOBRE O EVANGELHO DE SÃO JOÃO

SÃO JOÃO CRISÓSTOMO

São João Crisóstomo
Sermões Sobre o Evangelho de São João

O.P.M

Sermões de São João Crisóstomo sobre o Santo Evangelho de São João Apóstolo e Evangelista, Sermões I até LXXXVIII

Sermão I
Prefácio

[1.] Aqueles que assistem aos jogos dos gentios, quando ouvem dizer que de algum lugar veio um atleta distinto, vencedor de coroas, correm todos juntos para ver sua luta, sua habilidade e força; e pode-se ver todo o teatro, com dezenas de milhares de pessoas, ali reunidas, forçando os olhos do corpo e da mente para que nada do que se passa lhes escape. Da mesma forma, esses mesmos indivíduos, se chega entre eles algum músico admirável, deixam de lado tudo o que tinham em mãos — mesmo que muitas vezes fossem negócios urgentes e necessários — sobem as escadas e se sentam com muita atenção, ouvindo as palavras e os acompanhamentos, e julgando a harmonia entre ambos. É isso o que fazem as multidões.

Novamente, os que são versados na retórica fazem o mesmo com relação aos sofistas, pois estes também têm seus teatros, seu público, aplausos, gritos e um exame minucioso do que é dito.

E, se no caso dos retóricos, dos músicos e dos atletas as pessoas se reúnem para ver ou ouvir com tanta atenção e empenho, que zelo, que esforço não deveria haver, com muito mais razão, quando não se trata de músico nem de debatedor, mas de alguém que fala do céu, e profere uma voz mais clara que o trovão? Pois ele percorreu toda a terra com seu som e a encheu por completo — não pela força do brado, mas por mover a língua com a graça de Deus.

E o que é mais admirável: esse som, por mais grandioso que seja, não é áspero nem desagradável, mas mais suave e encantador que qualquer harmonia musical, mais eficaz em consolar; e, além de tudo isso, é santíssimo, terrível e cheio de mistérios tão grandes, e trazendo consigo bens tão sublimes, que, se os homens os recebessem com exatidão e prontidão de alma, já não poderiam continuar sendo simples homens, nem permanecer na terra, mas se colocariam acima de todas as coisas desta vida; e, adaptando-se à condição dos anjos, habitariam na terra como se estivessem no céu.

[2.] Pois o filho do trovão, o amado de Cristo, o pilar das Igrejas do mundo inteiro, o que possui as chaves do céu, que bebeu o cálice de Cristo, que foi batizado com o Seu batismo, que se reclinou sobre o peito do Mestre com grande confiança — este homem é quem agora vem até nós; não como ator de espetáculo, nem escondendo a cabeça sob uma máscara (pois ele tem outro tipo de palavras a dizer), nem subindo num palco, nem batendo com o pé no tablado, nem vestido com roupa dourada — mas ele entra com um manto de beleza inconcebível. Pois ele se apresenta a nós tendo "revestido-se de Cristo" (cf. Rm 13,14; Gl 3,27), com os belos "pés calçados com a preparação do Evangelho da paz" (Ef 6,15); usando um cinto não ao redor da cintura, mas dos rins, não feito de couro escarlate nem recoberto exteriormente de ouro, mas tecido e composto pela própria verdade.

Agora ele se apresenta a nós, não representando um papel (pois nele não há nada de falso, nem de fictício, nem de fabuloso), mas com a cabeça descoberta proclama a verdade sem disfarce; não fazendo o auditório acreditar que ele é outro por gestos, por aparência ou por voz, nem necessitando de instrumentos musicais — como harpa, lira ou semelhantes — para transmitir sua mensagem, pois tudo realiza com a língua, proferindo uma voz mais doce e mais proveitosa que a de qualquer músico ou qualquer melodia.

Seu palco é o céu todo, seu teatro é o mundo habitado; seu auditório são todos os anjos e todos os homens que já se tornaram anjos ou desejam sê-lo. Pois só estes podem escutar devidamente essa harmonia e manifestá-la em suas obras. Os demais, como crianças pequenas que ouvem mas não compreendem, por estarem preocupadas com doces e brinquedos infantis — assim também esses outros, vivendo na alegria, no luxo, e vivendo apenas por riquezas, poder e prazeres, ouvem às vezes o que é dito, é verdade, mas nada de grande ou nobre manifestam em suas ações, por estarem colados à lama da fabricação de tijolos.

Ao lado desse Apóstolo estão os poderes do alto, maravilhados com a beleza de sua alma, com seu entendimento, com o esplendor daquela virtude pela qual ele atraiu a si o próprio Cristo e obteve a graça do Espírito. Pois ele

preparou sua alma como uma lira bem trabalhada e adornada, com cordas de ouro, e a ofereceu ao Espírito para a execução de algo grandioso e sublime.

[3.] Visto, então, que já não é mais o pescador, o filho de Zebedeu, mas Aquele que conhece "as profundezas de Deus" (1 Coríntios 2,10) — quero dizer o Espírito Santo — quem toca esta lira, ouçamo-lo como convém. Pois ele nada nos dirá como homem, mas o que disser, dirá das profundezas do Espírito, daquelas coisas ocultas que, antes de acontecerem, nem mesmo os próprios Anjos conheciam; pois também eles aprenderam pela voz de João, juntamente conosco e por meio de nós, as coisas que agora sabemos. E outro Apóstolo declarou isso, dizendo: “Para que agora, pela Igreja, seja conhecida dos principados e potestades nos céus a multiforme sabedoria de Deus” (Efésios 3,10). Se, portanto, os principados, potestades, Querubins e Serafins aprenderam essas coisas pela Igreja, é evidente que estavam intensamente atentos a este ensinamento; e mesmo nisso fomos grandemente honrados: que os Anjos tenham aprendido conosco aquilo que antes não sabiam — e nem falo aqui de terem aprendido também por meio de nós.

Portanto, mostremos grande silêncio e comportamento ordenado; não só hoje, nem apenas no dia em que ouvimos, mas durante toda a nossa vida, pois sempre é bom escutá-Lo. Pois se temos tanta ânsia de saber o que acontece no palácio — por exemplo, o que o rei disse, o que fez, que conselho tomou a respeito dos súditos —, ainda que, na verdade, tais coisas pouco nos digam; quanto mais não deveríamos desejar ouvir o que Deus disse, sobretudo quando tudo nos diz respeito. E tudo isso este homem nos relatará com precisão, como sendo amigo do próprio Rei, ou antes, como alguém que tem o Rei falando dentro de si, e Dele ouve todas as coisas que Ele ouve do Pai. “Já não vos chamo servos”, diz Ele, “porque o servo não sabe o que faz o seu senhor; mas chamei-vos amigos, porque tudo quanto ouvi de Meu Pai, vos tenho feito conhecer” (João 15,15).

[4.] Assim como todos nós correríamos juntos se víssemos alguém vindo do alto do céu repentinamente, prometendo descrever com exatidão todas as coisas de lá, da mesma forma devemos agora nos dispor. Pois é de lá que este

Homem nos fala; Ele não é do mundo, como o próprio Cristo declara: “Vós não sois do mundo” (João 15,19); e é o Consolador quem fala dentro dele — o Onipresente, que conhece as coisas de Deus tão perfeitamente quanto a alma do homem conhece o que lhe pertence —, o Espírito de santidade, o Espírito justo, o Espírito guia, que conduz os homens pela mão até o céu, que lhes dá novos olhos, tornando-os capazes de ver as coisas futuras como se já estivessem presentes, e que os faz, mesmo ainda na carne, contemplar as coisas celestes. A Ele, pois, submetamo-nos durante toda a nossa vida, com grande tranquilidade. Que aqui não entre nem permaneça ninguém entorpecido, sonolento ou apegado às coisas sórdidas; mas elevemo-nos ao céu, pois é lá que Ele diz estas coisas àqueles que já são cidadãos do alto. E se permanecermos na terra, de lá nada de grande colheremos. Pois as palavras de João nada são para quem não deseja libertar-se desta vida de porcos, assim como as coisas do mundo nada são para ele. O trovão assusta nossas almas com som sem significado; mas a voz deste homem não perturba os fiéis — ao contrário, liberta-os da confusão e do tumulto; ela apenas espanta os demônios e seus escravos. Portanto, para que compreendamos como essa voz os espanta, mantenhamos profundo silêncio — tanto exterior quanto interior, mas especialmente o interior; pois de que vale a boca estar calada, se a alma está agitada e tumultuada?

É aquela calma da mente, da alma, que busco, pois é o ouvido da alma que eu exijo. Não nos perturbem desejos de riquezas, nem a sede de glória, nem a tirania da ira, nem a multidão de outras paixões; pois não é possível ao ouvido, se não estiver purificado, perceber como convém a sublimidade do que é dito, nem compreender devidamente a natureza terrível e inefável destes mistérios e de toda a virtude que há nesses oráculos divinos. Se alguém não consegue aprender bem uma melodia em flauta ou harpa sem empregar toda a atenção, como poderá alguém, sentado para ouvir sons místicos, escutá-los com alma descuidada?

[5.] Por isso o próprio Cristo exortou, dizendo: “Não deis aos cães o que é santo, nem lanceis vossas pérolas diante dos porcos” (Mateus 7,6). Ele chamou essas palavras de "pérolas", embora sejam, na verdade, muito mais preciosas, porque entre nós não há substância mais valiosa do que essa. Por

isso também costuma compará-las ao mel, não porque sua doçura seja apenas aquela, mas porque, entre nós, nada há mais doce. Agora, para mostrar que elas superam grandemente tanto as pedras preciosas quanto a doçura do mel, ouve o que diz o profeta a respeito delas, afirmando essa superioridade: "Mais desejáveis são do que o ouro e muito ouro fino; mais doces do que o mel e o favo de mel" (Salmo 18[19],11). Mas isso, para aqueles que estão com saúde; por isso acrescentou: "Por elas se admoesta o teu servo". E em outro lugar, chamando-as de doces, acrescentou: "para minha garganta", dizendo: "Quão doces são as tuas palavras para a minha garganta!" (Salmo 118[119],103). E de novo insiste na superioridade: "Mais do que o mel e o favo para a minha boca". Pois ele estava com perfeita saúde espiritual. E também nós não nos aproximemos dessas palavras enquanto estivermos doentes, mas, uma vez curada a alma, recebamos então o alimento que nos é oferecido.

[6.]
É por isso, então, que, após tão longo prefácio, ainda não me atrevi a sondar essas expressões (de São João), a fim de que cada um, tendo deixado de lado toda espécie de enfermidade, como se estivesse entrando no próprio céu, entre aqui puro, livre de ira, de preocupações e ansiedades desta vida, e de todas as outras paixões. Pois não é possível ao homem colher daqui algum grande proveito, se não tiver antes purificado novamente sua alma.

E que ninguém diga que o tempo até a próxima comunhão é curto; pois é possível, não só em cinco dias, mas até em um só momento, mudar toda a direção da vida. Dize-me, o que há de pior que um ladrão e um assassino? Não é esse o extremo da maldade? No entanto, tal homem chegou diretamente ao cume da virtude e entrou no próprio Paraíso — e não precisou de dias, nem de meio dia sequer, mas apenas de um breve instante. Assim, o homem pode mudar subitamente e tornar-se ouro em vez de barro. Pois, uma vez que a virtude e o vício não pertencem à natureza, a mudança é fácil, por ser livre de qualquer necessidade.

“Se quiserdes e me ouvirdes,” diz Ele, “comereis o melhor desta terra” (Isaías 1,19). Vês que é necessário apenas querer? Não o querer comum da multidão, mas uma vontade decidida. Pois eu sei que todos desejam voar ao céu até mesmo agora; mas é preciso manifestar esse desejo por meio das obras.

O comerciante também deseja enriquecer; mas não se detém apenas no pensamento: ele prepara um navio, reúne marinheiros, contrata um piloto, abastece a embarcação com todo o necessário, toma dinheiro emprestado, atravessa o mar, vai a uma terra estranha, suporta muitos perigos — e tudo o mais que sabem os que navegam. Assim também devemos nós mostrar nossa vontade; pois também estamos em viagem, não de uma terra a outra, mas da terra ao céu.

Ordenemos, pois, nossa razão, para que sirva de piloto em nossa jornada ascendente, e que nossos marinheiros (isto é, os sentidos e potências da alma) lhe sejam obedientes; e que nossa embarcação seja sólida, para que não se afunde nas tribulações e desânimos desta vida, nem se exalte com os sopros da vanglória, mas que seja firme e fácil de conduzir. Se assim organizarmos nosso navio, nosso piloto e nossa tripulação, velejaremos com bom vento, e atrair-nos-emos o Filho de Deus, o verdadeiro Piloto, que não permitirá que nossa barca se afunde, mas, ainda que soprem dez mil ventos, Ele repreenderá o vento e o mar, e, em lugar de ondas furiosas, fará grande calmaria.

[7.]
Tendo, pois, ordenado vós mesmos assim, vinde à nossa próxima assembleia — se é que é para vós algum objeto de desejo ouvir algo para vosso proveito — e guardai o que se disser em vossas almas. Mas que nenhum de vós seja o “terreno à beira do caminho”, nem o “pedregoso”, nem o “cheio de espinhos” (cf. Mateus 13,4-7). Façamo-nos terra fértil e lavrada. Assim nós (os pregadores) lançaremos a semente com alegria, ao vermos o solo limpo; mas, se o terreno for pedregoso ou espinhoso, perdoai-nos se não quisermos trabalhar em vão. Pois, se deixarmos de semear e começarmos a arrancar espinhos, certamente lançar semente em terra não lavrada será extrema loucura.

Não convém que aquele que tem o benefício de ouvir tais ensinamentos participe da mesa dos demônios. “Pois que comunhão há entre a justiça e a iniquidade?” (2 Coríntios 6,14). Tu permaneces ouvindo João e aprendendo dele as coisas do Espírito; e, depois disso, vais ouvir meretrizes dizendo palavras torpes e praticando atos ainda mais torpes, ou efeminados que se esbofeteiam uns aos outros? Como poderás então purificar-te verdadeiramente, se te rebolas nessa lama?

Por que precisaria eu enumerar todos os atos indecentes que ali ocorrem? Ali tudo é riso, tudo é vergonha, tudo é infâmia, zombaria e escárnio, toda sorte de depravação, toda forma de perdição. Vede, eu vos previno e advirto a todos: que nenhum daqueles que desfrutam os bens desta mesa destrua sua própria alma por esses espetáculos perniciosos. Tudo o que ali se diz e se faz é uma encenação de Satanás. Mas vós, que fostes iniciados, sabeis que tipo de aliança fizestes conosco — ou antes, que fizestes com Cristo, quando Ele vos conduziu aos Seus mistérios: o que Lhe dissestes, que diálogo tivestes com Ele acerca das encenações de Satanás — como renunciastes a Satanás e a seus anjos, e prometestes que nem sequer olharíeis para essas coisas.

Há, pois, grande motivo de temor, que alguém, por negligenciar tais promessas, se torne indigno destes mistérios.

[8.]
Não vês como, nos palácios dos reis, não são os culpados, mas os que foram honrosamente distinguidos, que são chamados a participar de favores especiais e são contados entre os amigos do rei? Um mensageiro veio a nós do céu, enviado pelo próprio Deus, para falar conosco de assuntos necessários — e tu deixas de ouvir Sua vontade e a mensagem que Ele te enviou, para sentar-te a ouvir comediantes?

Que trovões, que raios do céu, não merece tal conduta! Pois assim como não convém participar da mesa dos demônios, assim também não convém escutar as palavras dos demônios; nem se deve estar presente àquela gloriosa Mesa, repleta de tantos bens, com vestes imundas — Mesa que o próprio

Deus preparou. Tão grande é seu poder, que pode elevar-nos imediatamente ao céu, se ao menos nos aproximarmos dela com mente sóbria.

Pois não é possível que aquele que constantemente se alimenta das palavras de Deus permaneça nesse estado baixo e terreno: ele há de, necessariamente, alçar voo e elevar-se à terra celeste, e repousar nos tesouros infinitos de bens celestiais.

A esses tesouros, conceda-nos Deus que todos nós possamos chegar, pela graça e benignidade de nosso Senhor Jesus Cristo, por quem e com quem seja dada glória ao Pai e ao Espírito Todo-Santo, agora e sempre, e pelos séculos dos séculos. Amém.

Sermão II – João 1,1: "No princípio era o Verbo"

Se João fosse conversar conosco e nos dissesse palavras dele mesmo, seria necessário descrever sua família, sua pátria e sua educação. Mas, como não é ele quem fala, e sim Deus por meio dele que fala à humanidade, parece-me supérfluo e até distrativo indagar essas coisas. E, no entanto, mesmo assim não é supérfluo, mas até muito necessário. Pois, quando souberes quem ele era, de onde vinha, quem eram seus pais e qual seu caráter, e então ouvires sua voz e toda a sua sabedoria celeste, reconhecerás bem claramente que tais ensinamentos não são próprios dele, mas sim da virtude divina que movia sua alma.

De que região era ele, então? De nenhuma cidade importante, mas de uma aldeia pobre, de uma terra pouco estimada e que não produzia bem algum. Pois os escribas falam mal da Galileia, dizendo: "Examina e verás que da Galileia não se levanta profeta" (Jo 7,52). E o "verdadeiro israelita" também fala mal dela: "Pode vir algo de bom de Nazaré?" (Jo 1,46). Sendo, pois, desta terra, nem mesmo era de algum lugar notável dentro dela, mas de uma localidade sem nome e sem destaque. De lá era ele, e seu pai era um pescador pobre, tão pobre que levava consigo os filhos para o mesmo ofício. Ora, todos sabem que nenhum trabalhador deseja criar seu filho no mesmo ofício, a não ser que a pobreza o obrigue a isso, sobretudo quando esse ofício

é humilde. Mas nada há mais pobre, mais vil ou mais ignorante do que pescadores. E mesmo entre eles há os maiores e os menores; e até entre estes, nosso apóstolo ocupava a posição mais baixa, pois não pescava no mar, mas passava seu tempo em um pequeno lago. E enquanto ali trabalhava com seu pai e seu irmão Tiago, consertando redes rasgadas — o que por si já denota extrema pobreza — foi chamado por Cristo.

Quanto à instrução do mundo, podemos aprender por estes fatos que ele não teve nenhuma. Além disso, Lucas o testifica ao escrever que ele não apenas era ignorante, mas absolutamente iletrado (cf. At 4,13). O que era de se esperar. Pois um homem tão pobre, que nunca frequentava assembleias públicas, nem convivia com homens respeitáveis, mas como que estava pregado à pesca, ou, se porventura encontrava alguém, era com vendedores de peixe e cozinheiros que conversava — como, dize-me, poderia estar em um estado melhor do que os animais irracionais? Como poderia evitar imitar o próprio silêncio dos peixes?

[2.] Este pescador, portanto, cuja vida girava em torno de lagos, redes e peixes; este homem natural de Betsaida da Galileia; este filho de um pescador pobre — pobre até ao último grau; este homem ignorante — ignorante ao extremo, que jamais estudou letras, nem antes nem depois de seguir a Cristo — vejamos o que ele diz, e sobre que assuntos conversa conosco. Fala ele de coisas do campo? De rios? Do comércio de peixes? Pois talvez esperássemos isso de um pescador. Mas não temais: não ouviremos nada disso; mas ouviremos sobre as coisas do céu, e sobre aquilo que ninguém jamais soube antes deste homem. Pois, como é natural de quem fala a partir dos tesouros do Espírito, ele vem trazendo doutrinas sublimes, o melhor modo de vida e de sabedoria — como se acabasse de chegar do céu; ou melhor, coisas que nem todos lá no céu poderiam saber, como já disse. Dize-me: isso é próprio de um pescador? Isso é próprio de um retórico? De um sofista ou filósofo? De alguém instruído na sabedoria dos gentios? De modo algum. A alma humana é simplesmente incapaz de filosofar desse modo sobre aquela natureza pura e bem-aventurada; sobre os poderes que lhe estão próximos; sobre a imortalidade e a vida eterna; sobre a natureza dos corpos mortais que se tornarão imortais; sobre o castigo e o juízo vindouro; sobre o exame que será

feito das ações e palavras, dos pensamentos e intenções. Ela não pode dizer o que é o homem, o que é o mundo; o que é verdadeiramente homem e o que apenas parece sê-lo; qual a natureza da virtude e qual a do vício.

[3.] Algumas dessas coisas os discípulos de Platão e de Pitágoras de fato investigaram. Dos outros filósofos nem precisamos falar: todos foram ridículos em excesso nesse ponto; e os que entre eles foram tidos por grandes e os principais nessa ciência foram ainda mais ridículos do que os outros. Compuseram e escreveram tratados sobre política e doutrinas, e em todos foram mais vergonhosamente tolos que as crianças. Passaram a vida toda a tornar as mulheres comuns a todos, a derrubar a própria ordem da vida, a abolir a honra do matrimônio e a estabelecer outras leis igualmente absurdas. Quanto às doutrinas sobre a alma, não há nada de vergonhoso que não tenham dito: que as almas dos homens se transformam em moscas, mosquitos e arbustos; que o próprio Deus é uma alma — e outras indecências semelhantes.

E não só isso neles é digno de censura, mas também o fluxo sempre mutável de suas palavras; pois, como afirmam tudo com argumentos incertos e falaciosos, são como homens levados de um lado para o outro no Euripo, e nunca permanecem no mesmo lugar.

Não assim este pescador; pois tudo o que diz é infalível, e, permanecendo como que sobre uma rocha, nunca muda de posição. Pois, tendo sido considerado digno de estar nos lugares mais secretos e tendo o Senhor de todos falando dentro dele, não está sujeito a nada que seja humano. Mas aqueles, como pessoas que não são consideradas dignas nem sequer em sonho de pôr o pé no palácio do rei, mas que passam o tempo no fórum com outros homens, adivinhando por sua própria imaginação aquilo que não podem ver, erraram grandemente, e, como cegos ou ébrios em seu vaguear, chocaram-se uns contra os outros; e não apenas uns contra os outros, mas contra si mesmos, mudando continuamente de opinião, e sempre sobre as mesmas matérias.

[4.] Mas este homem iletrado, ignorante, nativo de Betsaida, filho de Zebedeu — ainda que os gregos zombem dez mil vezes da rusticidade desses nomes, não deixarei, por isso, de os pronunciar com ainda mais ousadia. Pois quanto mais bárbara sua nação lhes parecer, e quanto mais ele parecer distante da disciplina grega, tanto mais resplandecente aparece aquilo que possuímos. Pois, quando um bárbaro e iletrado profere coisas que nenhum homem sobre a terra jamais soube, e não apenas as profere — ainda que só isso já fosse um grande prodígio — mas, além disso, fornece outra prova ainda mais forte de que o que diz é inspirado por Deus, ou seja, o fato de convencer a todos os seus ouvintes por todo o tempo; quem não se maravilhará do poder que nele habita? Já que esta é, como disse, a mais forte prova de que ele não estabelece leis próprias. Este bárbaro, então, com a sua redação do Evangelho, ocupou todo o mundo habitado. Com seu corpo, ele tomou posse do centro da Ásia, onde outrora filosofavam todos os da escola grega, brilhando no meio de seus inimigos, dispersando suas trevas e destruindo a fortaleza dos demônios; mas em alma, ele se retirou para o lugar que convém a quem realizou tais feitos.

[5.] Quanto aos escritos dos gregos, todos estão apagados e desapareceram, mas os deste homem resplandecem cada dia mais. Pois desde o tempo em que ele (e os outros pescadores) surgiram, desde então as doutrinas de Pitágoras e Platão, que antes pareciam prevalecer, deixaram de ser mencionadas, e a maioria dos homens nem mesmo as conhece pelo nome. No entanto, Platão foi, dizem, o companheiro convidado de reis, tinha muitos amigos e viajou à Sicília. E Pitágoras ocupou a Magna Grécia, e ali praticou dez mil tipos de feitiçaria. Pois conversar com bois (como dizem que fazia) nada mais era que uma forma de feitiçaria. O que se torna bem claro por isso: aquele que assim conversava com os brutos não beneficiou em nada o gênero humano, mas até mesmo lhe fez o maior mal. E certamente, a natureza dos homens era mais apropriada à razão filosófica; mesmo assim, ele, segundo dizem, conversava com águias e bois, usando artes mágicas. Pois não tornava racional sua natureza irracional (o que era impossível ao homem), mas com seus truques mágicos enganava os tolos. E, negligenciando ensinar algo útil aos homens, ensinava que era tão aceitável comer a cabeça de seus próprios

pais quanto comer feijões. E persuadia aqueles que o seguiam de que a alma de seu mestre tinha sido, ora um arbusto, ora uma moça, ora um peixe.

Não estão essas coisas com justa razão extintas e completamente desaparecidas? Com toda razão, e de modo bem razoável. Mas não assim as palavras daquele que era ignorante e iletrado; pois sírios, egípcios, indianos, persas, etíopes e outras dez mil nações, traduzindo para suas línguas as doutrinas que ele transmitiu, embora bárbaras, aprenderam a filosofar. Por isso não disse em vão que todo o mundo se tornou seu teatro. Pois ele não deixou os de sua própria espécie e desperdiçou seu esforço em criaturas irracionais (ato de extrema vaidade e loucura), mas, isento disso e de outras paixões, foi zeloso em um só ponto: que todo o mundo pudesse aprender algo que o beneficiasse e pudesse ser traduzido da terra para o céu.

Por essa razão também, ele não ocultou seu ensinamento em névoa e trevas, como fizeram aqueles que lançaram sobre seus males um véu de obscuridade no discurso. Mas as doutrinas deste homem são mais claras que os raios do sol, e por isso foram desdobradas a todos os homens do mundo inteiro. Pois ele não ensinou como Pitágoras, que obrigava os que vinham a ele a ficarem calados por cinco anos, ou a se sentarem como pedras insensíveis; nem inventou fábulas, definindo o universo como composto de números; mas, rejeitando todo esse lixo e mal diabólico, infundiu tal simplicidade em suas palavras, que tudo o que dizia era claro, não só aos sábios, mas também às mulheres e aos jovens. Pois estava convencido de que suas palavras eram verdadeiras e proveitosas a todos os que as escutassem. E todo o tempo posterior a ele é testemunha disso; pois ele atraiu a si todo o mundo, e libertou nossa vida, quando ouvimos essas palavras, de toda monstruosa ostentação de sabedoria; por isso nós, que as ouvimos, preferiríamos antes abandonar nossa vida do que as doutrinas que ele nos transmitiu.

[6.] Por isso, pois, e por todas as outras circunstâncias, é claro que nada do que vem deste homem é humano, mas divino e celeste é o ensinamento que nos chega por meio desta alma divina. Pois não veremos nele frases sonoras, nem uma linguagem magnífica, nem um arranjo excessivo e inútil de palavras e sentenças — coisas essas muito distantes de toda verdadeira

sabedoria —, mas sim uma força invencível e divina, uma autoridade irresistível de doutrina reta, e uma abundância rica de bens incontáveis.

Pois o cuidado exagerado com a forma de expressão foi tão excessivo, tão próprio de meros sofistas — ou melhor, nem mesmo de sofistas, mas de jovens tolos —, que até mesmo o principal filósofo entre eles apresenta seu mestre como grandemente envergonhado dessa arte, e como dizendo aos juízes que o que ouviriam dele seria falado de modo simples e sem preparação, não adornado retoricamente nem enfeitado com belas palavras e sentenças; pois — diz ele — "certamente não convém, ó homens, que alguém da minha idade venha diante de vós como um rapazinho inventando discursos".
E vê quão extrema é a incoerência da coisa: aquilo que ele descreveu seu mestre evitando como vergonhoso, indigno da filosofia e próprio de jovens, isso ele mesmo cultivou acima de tudo. Tão completamente estavam entregues à mera busca de glória.

E assim como, se tu abrires sepulcros que por fora são caiados, encontrarás dentro deles corrupção, mau cheiro e ossos podres, assim também os ensinamentos dos filósofos, se forem despidos de sua linguagem floreada, verás que estão cheios de abominações — especialmente quando filosofam sobre a alma, a qual tanto exaltam quanto ultrajam sem medida. E esse é o laço do diabo: nunca manter a devida proporção, mas, por excessos de um lado ou de outro, desviar aqueles que são enredados por ele ao erro e à blasfêmia.

Ora exaltam a alma dizendo que é da substância de Deus; ora, depois de elevá-la de modo tão desmedido e ímpio, passam para outro excesso e a insultam, fazendo-a entrar em porcos e jumentos, e até em animais de menor estima do que esses.

Mas basta disso — ou melhor, até isso já foi dito em excesso. Pois, se fosse possível aprender algo útil com essas coisas, deveríamos ter nos detido mais nelas; mas, se é apenas para observar sua indecência e absurdidade, já dissemos mais que o necessário. Deixemos, pois, essas fábulas, e

apeguemo-nos à nossa doutrina, que nos foi trazida do alto pela língua deste pescador, e que nada tem de humano.

[7.] Apresentemos, pois, agora as palavras, lembrando-vos, como vos exortei no início, a prestar com diligência atenção ao que será dito. Que diz então este Evangelista logo ao começar?

"No princípio era o Verbo, e o Verbo estava com Deus." (Jo 1,1)

Vês a grande ousadia e força das palavras? Como ele não fala duvidando, nem conjecturando, mas declarando tudo abertamente? Pois isso é próprio do mestre: não vacilar em nada do que diz. Já que, se aquele que deve guiar os outros precisa de alguém que o confirme com certeza, ele seria com justiça contado não entre os mestres, mas entre os discípulos.

Mas se alguém disser: "Qual seria a razão de ele ter deixado de lado a primeira causa e nos falar logo da segunda?", recusamos falar em "primeira" e "segunda", pois a Divindade está acima de número e de sucessão temporal. Por isso rejeitamos essas expressões; mas confessamos que o Pai é de ninguém, e que o Filho é gerado do Pai.

Sim, alguém pode dizer: "Mas então, por que ele deixa de lado o Pai e fala do Filho?" Por quê? Porque o primeiro (o Pai) já era manifesto a todos — se não como Pai, ao menos como Deus —, mas o Unigênito não era conhecido. Por isso, com razão, ele se apressa desde o começo a implantar o conhecimento d'Ele naqueles que não O conheciam.

Além disso, ele não se cala sobre o Pai em seus escritos nesses pontos. E observa, por favor, sua sabedoria espiritual: ele sabe que os homens honram mais aquilo que é o mais antigo, o que foi antes de tudo, e que consideram isto como Deus. Por isso ele começa por este ponto, e conforme avança, declara que Deus é, e não diz como Platão que Ele é, ora intelecto, ora alma. Pois essas coisas estão muito distantes daquela Natureza divina e pura, que nada tem em comum conosco, e está separada de qualquer comunhão com as criaturas — digo quanto à substância, embora não quanto à relação.

E por isso ele O chama de “Verbo”. Pois como está prestes a ensinar que esse “Verbo” é o Filho Unigênito de Deus, para que ninguém imagine que Sua geração se dá de modo passível (isto é, sujeito a mudança ou sofrimento), ao dar-Lhe o nome de “Verbo”, ele antecipa e remove de antemão tal suspeita má, mostrando que o Filho é do Pai, e que sem que o Pai sofra mudança.

[8.] Vês então, como eu dizia, que ele não silenciou quanto ao Pai ao falar sobre o Filho? E se esses exemplos não bastam para explicar totalmente o assunto, não te admires, pois nosso objeto é Deus, a quem é impossível descrever ou imaginar dignamente; por isso esse homem em parte alguma atribui o nome da essência divina (pois não é possível dizer o que Deus é em sua essência), mas por toda parte o declara a nós por Suas operações. Porque esse "Verbo" será logo depois chamado de "Luz", e a "Luz", por sua vez, será chamada de "Vida".

Ainda que essa não seja a única razão pela qual Ele recebe esses nomes; essa foi a primeira razão, e a segunda é que Ele estava prestes a nos declarar as coisas do Pai. Pois Ele diz: "Tudo o que ouvi de meu Pai vos tenho feito conhecer" (Jo 15,15). Ele o chama de "Luz" e de "Vida", pois nos deu gratuitamente a luz que procede do conhecimento, e a vida que o acompanha. Em suma, um nome não basta, nem dois, nem três, nem muitos, para nos ensinar o que pertence a Deus. Mas devemos nos contentar em poder, mesmo por meio de muitos nomes, compreender, ainda que obscurecidamente, os Seus atributos.

E ele não o chamou simplesmente de "Verbo", mas com o acréscimo do artigo definido, distinguindo-o assim dos demais. Vês então que eu não disse sem razão que esse Evangelista nos fala do céu? Observa somente como, desde o princípio, ele eleva a alma, dá-lhe asas e leva consigo a mente de seus ouvintes. Pois, tendo-a posto acima de todas as coisas sensíveis, acima da terra, do mar e do céu, ele a conduz pela mão acima dos próprios anjos, acima dos querubins e serafins, acima dos tronos, das dominações e das potestades; em suma, persuade-a a ir além de toda criatura.

[9.] E então? Quando ele nos leva a uma altura tão sublime, é capaz de nos deter ali? De modo algum; mas assim como alguém que, transportando para o meio do mar um homem que estava à beira da praia, olhando para cidades, costas e portos, o afasta de tais objetos sem lhe fixar a vista em parte alguma, mas o conduz a uma visão sem limites, assim também este Evangelista, tendo-nos elevado acima de toda criação e conduzido aos séculos eternos que estão além dela, deixa o olhar suspenso, sem permitir que se detenha em nenhum limite superior — como de fato não há limite.

Pois o intelecto, tendo subido até "o princípio", pergunta que princípio é esse; e então, encontrando o "era" (ou "existia") sempre ultrapassando sua imaginação, não tem ponto em que fixar o pensamento; mas olhando intensamente para frente, e não podendo deter-se em parte alguma, cansa-se e volta às coisas inferiores. Porque esse "no princípio era o Verbo" significa nada menos do que existir sempre e infinitamente.

Vês então a verdadeira filosofia e as doutrinas divinas? Não são como as dos gregos, que atribuem tempos e dizem que alguns de seus deuses são mais jovens e outros mais velhos. Não há nada disso entre nós. Pois se Deus É — como certamente Ele é — então nada houve antes d'Ele. Se Ele é o Criador de todas as coisas, Ele deve ser o primeiro; se é o Senhor e Mestre de tudo, então todas as criaturas e todos os tempos vêm depois d'Ele.

[10.] Eu desejava entrar em outras questões difíceis ainda, mas talvez nossas mentes já estejam cansadas. Por isso, depois de te aconselhar sobre os pontos que nos são úteis ao ouvir tanto o que foi dito quanto o que ainda será, voltarei ao silêncio. Quais são esses pontos então? Sei que muitos ficaram confusos por causa da extensão do que foi falado. Isso acontece quando a alma está sobrecarregada com muitos fardos desta vida. Pois assim como o olho, quando está limpo e transparente, também é aguçado e não se cansa facilmente de perceber até mesmo os menores corpos; mas quando, por algum humor ruim vindo da cabeça ou por vapores subindo de baixo, se forma uma espécie de névoa espessa diante da pupila, isso não lhe permite perceber claramente nem mesmo objetos maiores — assim também é naturalmente com a alma.

Pois quando está purificada e não possui nenhuma paixão para perturbá-la, ela contempla firmemente os objetos dignos de sua atenção; mas quando está obscurecida por muitas paixões, perde sua excelência própria e não é facilmente capaz de compreender coisas elevadas, mas logo se cansa e recua. E, desviando-se para o sono e para a preguiça, deixa passar aquilo que lhe diz respeito quanto à excelência e à vida que dela procede, em vez de acolher essas coisas com toda prontidão.

[10, continuação.] E para que não venhais a padecer isso — pois não deixarei de vos advertir continuamente — fortalecei vossas mentes, para que não ouçais o que os fiéis dentre os Hebreus ouviram de Paulo. Pois a eles ele disse que tinha "muitas coisas a dizer, e difíceis de explicar" (Hb 5,11); não que elas fossem por natureza difíceis, mas porque, diz ele, "vos tornastes tardios em ouvir". Pois é da natureza do homem fraco e enfermo confundir-se mesmo com poucas palavras, como se fossem muitas, e considerar difícil de compreender aquilo que é claro e fácil. Que ninguém aqui seja assim; mas, tendo afastado de si todo cuidado mundano, ouça estas doutrinas.

Pois, quando o desejo do dinheiro possui o ouvinte, o desejo de ouvir não pode também possuí-lo; já que a alma, sendo una, não pode bastar a muitos desejos. Um deles prejudica o outro, e, por causa da divisão, enfraquece-se à medida que o desejo rival prevalece, consumindo tudo em si mesmo.

E isso costuma acontecer com os filhos. Quando um homem tem apenas um, ama-o com grande afeição. Mas quando se torna pai de muitos, então também os afetos do coração, estando divididos, tornam-se mais fracos.

Se isso acontece onde há o domínio e o poder absoluto da natureza, e onde os objetos amados são entre si parentes, o que diremos então desse desejo e disposição que nascem da escolha deliberada? Especialmente quando tais desejos se opõem diretamente uns aos outros; pois o amor às riquezas é coisa contrária ao amor por este tipo de ensinamento. Entramos no céu ao entrarmos aqui; não em lugar, digo, mas em disposição; pois é possível que

alguém, mesmo estando na terra, permaneça no céu, tenha visão das coisas celestes e ouça palavras que vêm de lá.

[11.] Que ninguém, pois, introduza as coisas da terra no céu; que ninguém, estando aqui, se preocupe com o que está em sua casa. Pelo contrário, ele deve levar consigo e conservar, tanto em casa quanto em seus negócios, aquilo que ganhou neste lugar, e não permitir que isso seja sobrecarregado pelos fardos da casa e do mercado. Nossa razão para entrar na cátedra da instrução é que nela possamos purificar-nos das imundícies do mundo exterior; mas se estamos prestes, mesmo neste curto espaço de tempo, a ser prejudicados por coisas ditas ou feitas fora daqui, é melhor que nem entremos.

Que ninguém, portanto, durante a assembleia, esteja pensando em assuntos domésticos, mas que em casa esteja se alimentando daquilo que ouviu na assembleia. Que essas coisas sejam mais preciosas para nós do que todas as outras. Pois elas dizem respeito à alma, e aquelas ao corpo; ou antes, o que aqui é dito concerne tanto ao corpo quanto à alma. Por isso, que essas coisas sejam nossa principal ocupação, e todas as outras apenas trabalhos secundários; pois estas dizem respeito tanto à vida futura quanto à presente, mas as outras, a nenhuma das duas — a menos que sejam conduzidas segundo a norma estabelecida por estas.

Pois a partir destas é possível aprender não apenas o que seremos no porvir, e como viveremos então, mas também como dirigir retamente esta vida presente.

Porque esta casa é uma espécie de cirurgia espiritual, para que quaisquer feridas que tenhamos recebido lá fora, aqui possamos curar — e não para que adquiramos novas para levar conosco ao sair. Mas, se não dermos ouvidos ao Espírito que nos fala, não somente deixaremos de nos purificar das antigas feridas, como ainda adquiriremos outras além dessas.

Portanto, escutemos com grande zelo o livro que está sendo aberto diante de nós. Pois, se aprendermos bem os primeiros princípios e as doutrinas

fundamentais, não necessitaremos depois de grande esforço; mas, depois de termos trabalhado um pouco no início, poderemos, como diz Paulo, também instruir os outros (Rm 15,14). Pois este Apóstolo é elevadíssimo, abundante em muitas doutrinas, e é sobre estas que ele insiste mais do que sobre outros assuntos.

Não sejamos, pois, ouvintes negligentes. E esta é a razão pela qual lhes apresentamos as coisas pouco a pouco, para que tudo lhes seja facilmente inteligível e não escape à vossa memória. Temamos, portanto, para que não venhamos a cair sob a condenação daquela palavra que diz: “Se eu não tivesse vindo e falado a eles, não teriam pecado” (João 15,22). Pois de que nos valerá mais do que àqueles que não ouviram, se, mesmo depois de ouvir, voltarmos para casa sem levar nada conosco, senão apenas admirando-nos do que foi dito?

Permitam-nos, pois, semear em boa terra; permitam que vos aproximemos cada vez mais de nós. Se alguém tem espinhos, que lance sobre eles o fogo do Espírito. Se alguém tem o coração duro e obstinado, que pela ação desse mesmo fogo o amoleça e o torne dócil. Se alguém está pisoteado à beira do caminho por todo tipo de pensamentos, que se retire para lugares mais protegidos, e não fique exposto para que os invasores o arrasem — para que assim possamos ver vossos campos ondulando com as espigas. Além disso, se cuidarmos tanto de nós mesmos e nos aplicarmos com diligência a essa escuta espiritual, se não de imediato, ao menos gradualmente, certamente seremos libertos de todos os cuidados da vida.

Portanto, tomemos cuidado para que não se diga de nós que nossos ouvidos são como os da víbora surda (Sl 58,4). Pois diga-me: em que difere um ouvinte assim de uma besta? E como poderia ele ser outra coisa senão mais irracional que qualquer animal irracional, aquele que não presta atenção quando Deus fala? E se agradar a Deus é realmente ser homem, o que mais pode ser senão uma besta aquele que nem sequer quer ouvir como pode alcançar isso? Consideremos, então, que desgraça seria para nós cair por nossa própria vontade da natureza humana para a dos animais, quando Cristo deseja fazer-nos iguais aos anjos. Pois servir à barriga, ser dominado pelo desejo de

riquezas, dar-se à ira, morder, chutar — tudo isso não torna o homem, mas o animal. Não, até mesmo os animais têm cada qual, por assim dizer, uma única paixão, e isso por natureza. Mas o homem, quando lança fora o domínio da razão e se separa da comunidade que Deus instituiu, entrega-se a todas as paixões, tornando-se não apenas uma besta, mas um monstro de múltiplas formas e aspectos; e não tem sequer a desculpa da natureza, pois toda sua maldade provém de escolha e decisão deliberadas.

Que nunca tenhamos motivo para suspeitar isso da Igreja de Cristo. De fato, estamos convencidos a vosso respeito de coisas melhores, e que pertencem à salvação; mas quanto mais assim estivermos convencidos, mais cuidadosos seremos para não cessar de advertir-vos. Para que, tendo chegado ao cume das excelências, possamos alcançar os bens prometidos. Que assim aconteça, para que todos nós alcancemos, pela graça e misericórdia de nosso Senhor Jesus Cristo, por quem e com quem, ao Pai e ao Espírito Santo, seja dada glória pelos séculos dos séculos. Amém.

Sermão III.
João 1,1 — "No princípio era o Verbo."

[1.] Sobre a atenção na escuta, é supérfluo exortar-vos mais, pois tão rapidamente já demonstrastes com vossas ações os efeitos do meu conselho. Porque a vossa maneira de reunir-se, as posturas atentas, o empurrar-se uns aos outros na ânsia de alcançar os lugares interiores, onde minha voz possa ser ouvida com mais clareza por vós, a relutância em sair da aglomeração até que esta assembleia espiritual se dissolva, o bater de palmas, os murmúrios de aplausos; em suma, tudo isso pode ser considerado prova do fervor de vossas almas e do vosso desejo de ouvir. Portanto, nesse ponto, não há necessidade de exortar-vos. Porém, uma coisa é necessário pedir e rogar: que continueis a ter o mesmo zelo, e que o manifesteis não só aqui, mas também em casa, conversando entre marido e mulher, e pai e filho, sobre essas questões. E digais algo de vós mesmos, e também exijais algo deles; para que todos contribuam para este excelente banquete.[1]

Que ninguém me diga que nossas crianças não devem se ocupar com essas coisas; elas não devem apenas se ocupar delas, mas devem ser zelosas apenas por elas. E embora, por causa da vossa fraqueza, eu não afirme isso nem tire delas o aprendizado mundano,[2] assim como também não vos afasto de vossos negócios civis; ainda assim, destes sete dias eu reivindico que dediqueis um ao Senhor comum de todos nós. Pois não é estranho que mandemos nossos servos trabalharem para nós todo o tempo, e não reservemos sequer um pouco do nosso lazer para Deus? E isso quando todo nosso serviço nada acrescenta a Ele, (pois a divindade é incapaz de falta), mas reverte em benefício nosso? E, contudo, quando leveis vossos filhos ao teatro, não alegais suas aulas de matemática nem nada semelhante; mas se se trata de adquirir ou reunir algo espiritual, considerais desperdício de tempo. E como não irarás a Deus, se achas tempo e marcos para tudo, e no entanto consideras inoportuno e incômodo para teus filhos ocuparem-se com o que lhe concerne?

Não façais assim, irmãos, não façais assim. É justamente essa idade que mais precisa ouvir essas coisas; pois pela sua delicadeza armazena facilmente o que é dito; e o que as crianças ouvem fica impresso como selo na cera de suas mentes. Além disso, é quando a vida começa a pender para o vício ou para a virtude; e se desde os portões[3] e entradas se afastá-las do pecado e as conduzir pela mão pelo melhor caminho, elas serão fixadas para o futuro em um tipo de hábito e natureza, e não mudarão facilmente para pior, mesmo que queiram, pois essa força do costume as atrai para a prática do bem. Assim as veremos tornar-se mais respeitáveis do que os que já são velhos, e serão mais úteis na vida civil, mostrando na juventude as qualidades dos idosos.

Pois, como disse antes, não é possível que aqueles que têm o benefício de ouvir tais coisas, e que estão na companhia de tão grande Apóstolo, partam sem receber alguma grande e notável vantagem, seja homem, mulher ou jovem que participe desta mesa. Se domesticamos com palavras os animais que temos, e assim os amansamos, quanto mais faremos isso com os homens por meio deste ensino espiritual, quando há uma grande diferença entre o remédio em cada caso e o sujeito curado também. Pois não há em nós tanta

ferocidade quanto nos brutos, visto que a deles é por natureza, a nossa por escolha; nem o poder das palavras é o mesmo, pois o poder do primeiro é o intelecto humano, o poder do segundo é o poder e a graça do Espírito.[4] Então, que o homem que desespera de si mesmo considere os animais domesticados, e não se deixe assim afetar; que venha continuamente a esta casa de cura, que ouça sempre as leis do Espírito, e, ao voltar para casa, grave em sua mente o que ouviu; assim sua esperança será boa e sua confiança grande, pois sentirá seu progresso pela experiência. Pois quando o diabo vê a lei de Deus escrita na alma, e o coração se torna uma tábua para nela ser gravada, ele não se aproximará mais. Pois onde estiver a escrita do Rei, não gravada em pilar de bronze, mas estampada pelo Espírito Santo numa mente que ama a Deus e brilha com abundante graça, aquele (maligno) nem poderá olhar para ela, e de longe virará as costas para nós. Pois nada lhe é tão terrível, nem aos pensamentos que ele sugere, quanto uma mente cuidadosa das coisas divinas e uma alma que se eleva continuamente a esta fonte. Tal pessoa nada poderá apresentar que a incomode, mesmo que seja desagradável; nada a inflará ou orgulhará, mesmo que seja favorável; mas em meio a toda essa tempestade e agitação, desfrutará de grande calma.

[2.] Pois a confusão surge dentro de nós, não pela natureza das circunstâncias, mas pela fraqueza de nossas mentes. Com efeito, se fôssemos afetados por causa do que nos sucede, então — já que todos navegamos no mesmo mar, e é impossível escapar das ondas e do borrifo — todos os homens necessariamente estariam perturbados; mas se há alguns que permanecem fora da influência da tempestade e do mar agitado, então é claro que não são as circunstâncias que fazem a tempestade, mas a disposição da nossa própria mente. Se, portanto, ordenarmos a mente de tal modo que ela suporte todas as coisas com contentamento, não teremos tempestade nem sequer agitação, mas sempre uma calmaria serena.

Tendo eu prometido nada dizer sobre esses pontos, não sei como fui levado a tamanha extensão de exortação. Perdoai minha prolixidade; pois temo, sim, temo muito que esse nosso zelo venha algum dia a enfraquecer. Se eu estivesse confiante quanto a isso, não vos diria nada agora sobre esses assuntos, já que ele é suficiente para vos facilitar todas as coisas. Mas é hora

de prosseguirmos com o que foi proposto para hoje, para que não chegueis cansados ao combate. Pois temos combates contra os inimigos da verdade, contra aqueles que usam de todo artifício para destruir a honra do Filho de Deus — ou melhor, a sua própria —, pois esta permanece para sempre como é, nada diminuída pela língua blasfema, ao passo que eles, ao buscarem com avidez rebaixar Aquele que dizem adorar, cobrem seus rostos de vergonha e suas almas de castigo.

O que então dizem eles, quando afirmamos o que afirmamos? Dizem que as palavras "no princípio era o Verbo" não indicam uma eternidade absoluta, pois essa mesma expressão também foi usada a respeito do céu e da terra. Que desmedida desfaçatez e irreverência! Eu te falo a respeito de Deus, e tu trazes à discussão a terra e os homens que são da terra? Nesse caso, já que Cristo é chamado Filho de Deus, e Deus, então o homem que é chamado filho de Deus deve também ser Deus. Pois, "Eu disse: sois deuses, e todos vós filhos do Altíssimo." (Sl 81,6) Queres contender com o Unigênito sobre a filiação e afirmar que, nesse aspecto, Ele nada goza a mais do que tu? "De modo algum", dirás. No entanto, tu o fazes mesmo que não o digas com palavras. "Como?" Porque dizes que tu és filho por graça, e Ele também. Pois ao dizeres que Ele não é Filho por natureza, tornas-no tal apenas por graça.

Mas vejamos as provas que eles nos apresentam. "No princípio," dizem, "Deus criou o céu e a terra, e a terra era invisível e sem forma." (Gn 1,1–2) E: "Havia (houve) um homem de Ramataim-Sofim." (1Sm 1,1) Esses são os argumentos que pensam ser fortes — e realmente o são, mas para provar a correção das doutrinas que nós afirmamos, enquanto são totalmente ineficazes para sustentar sua blasfêmia. Pois dize-me: que tem a palavra "era" em comum com a palavra "fez"? Que tem Deus em comum com o homem? Por que misturas o que não se pode misturar? Por que confundes coisas que são distintas? Por que rebaixas o que está acima? Naquele lugar não é apenas a expressão "era" que denota eternidade, mas "Ele era no princípio". E ainda aquela outra: "O Verbo era". Pois assim como a palavra "é", quando usada a respeito do homem, distingue apenas o tempo presente, mas quando se trata de Deus, denota eternidade; do mesmo modo "era", quando

se refere à nossa natureza, indica tempo passado — e ainda assim limitado —, mas quando se refere a Deus, declara eternidade.

Já seria suficiente, ao se ouvir as palavras "terra" e "homem", não imaginar mais sobre elas senão o que convém pensar de uma natureza que teve origem. Pois tudo o que veio a ser, seja o que for, veio a ser ou no tempo, ou numa idade anterior ao tempo, mas o Filho de Deus está acima não só do tempo, mas de todas as idades anteriores, pois Ele é o Criador e Autor delas, como diz o Apóstolo: "por quem também fez os séculos." (Hb 1,2) Ora, o Criador necessariamente é anterior à coisa criada. No entanto, como há alguns tão insensatos que, mesmo diante disso, têm ideias mais elevadas do que o devido sobre as criaturas, pelas expressões "Ele fez" e "houve um homem", o evangelista antecipa-se, toma pela mão a mente do ouvinte e arranca pela raiz toda desfaçatez. Pois tudo o que foi feito — tanto céu quanto terra — foi feito no tempo e teve seu início no tempo, e nada disso é sem princípio, por ter sido feito. Assim, ao ouvir que "Ele fez a terra" e que "houve um homem", estás divagando inutilmente e tecendo uma rede de tolice vã.

E posso ainda mencionar outra coisa, por aprofundamento. Qual é? É que mesmo que se dissesse da terra: "No princípio era a terra", e do homem: "No princípio era o homem", ainda assim não deveríamos imaginar coisa alguma maior sobre eles do que aquilo que agora determinamos. Pois os termos "terra" e "homem", como são pressupostos, qualquer coisa que se diga sobre eles não permite à mente imaginar para si algo maior do que o que conhecemos no presente. Do mesmo modo, "o Verbo", ainda que pouco se diga Dele, não permite pensar Dele algo baixo ou indigno. Pois ao prosseguir, diz o autor da terra: "A terra era invisível e sem forma." Pois, tendo dito que "Ele a fez", e tendo fixado seu devido limite, declara ousadamente o que segue, sabendo que não há ninguém tão tolo que suponha que ela seja sem princípio e incriada, já que a palavra "terra" e a outra "fez" são suficientes para convencer até mesmo o mais simples de que ela não é eterna nem incriada, mas uma daquelas coisas criadas no tempo.

[3.] Além disso, a expressão "era", aplicada à terra e ao homem, não indica existência absoluta. Mas, no caso do homem, (denota) que ele era de certo

lugar; no da terra, que ela existia de certo modo. Pois ele não disse simplesmente "a terra era" e se calou, mas explicou como ela era mesmo após sua criação, a saber, que era "invisível e sem forma", ainda coberta pelas águas e em confusão. Do mesmo modo, no caso de Elcana, ele não diz apenas que "havia um homem", mas acrescenta também de onde ele era: "de Ramataim-Zofim". Mas no caso do "Verbo", não é assim. Tenho vergonha de colocar esses casos em comparação, um contra o outro; pois se já reprovamos os que fazem tais comparações entre homens, quando há grande diferença na virtude daqueles que se comparam — ainda que sua substância seja a mesma — quanto mais se há diferença de natureza e de tudo o mais, não será extrema loucura levantar tais questões? Mas que Aquele que é blasfemado por eles tenha misericórdia de nós. Pois não fomos nós que inventamos a necessidade de tais discussões, mas foram eles, que guerreiam contra sua própria salvação, que a impuseram sobre nós.

Que direi então? Que aquele primeiro "era", aplicado ao "Verbo", indica apenas o seu ser eterno (pois ele disse: "No princípio era o Verbo"), e que o segundo "era" ("e o Verbo estava com Deus") denota sua existência em relação [ao Pai]. Pois, como ser eterno e sem princípio é algo próprio de Deus, isso é posto primeiro; e depois, para que ninguém ao ouvir que Ele estava "no princípio" afirme também que era "ingênito", ele imediatamente corrige isso dizendo, antes de declarar o que Ele era, que Ele estava "com Deus". E ele impediu que alguém pensasse que esse "Verbo" era simplesmente um logos (como os que são proferidos ou concebidos pela mente), ao adicionar, como disse antes, o artigo definido, bem como essa segunda expressão. Pois ele não diz que estava "em Deus", mas que estava "com Deus", indicando-nos sua eternidade enquanto Pessoa. Depois, ao prosseguir, ele o revela mais claramente, ao acrescentar que esse "Verbo" também "era Deus".

"Mas ainda assim", poderá alguém dizer, "ele foi criado." O que então o impediu de dizer que "No princípio Deus fez o Verbo"? Afinal, Moisés, ao falar da terra, não diz que "no princípio era a terra", mas que "Deus a fez", e então ela era. Por que João não disse do mesmo modo que "no princípio Deus fez o Verbo"? Pois se Moisés teve receio de que alguém afirmasse que a terra era

incriada, muito mais João deveria temer isso a respeito do Filho, caso Ele de fato tivesse sido criado. O mundo, sendo visível, por esse mesmo fato proclama seu Criador — "os céus narram a glória de Deus" (Sl 18,2 LXX = Sl 19,1) —, mas o Filho é invisível e está infinitamente acima de toda criação. Se, portanto, mesmo quando não precisamos de argumentos ou ensinamentos para saber que o mundo foi criado, ainda assim o profeta declara esse fato com clareza e antes de tudo, muito mais João deveria tê-lo declarado a respeito do Filho, se de fato Ele fosse criado.

"Sim," poder-se-á dizer, "mas Pedro afirmou isso claramente e abertamente." Onde e quando? "Quando, ao falar aos judeus, ele disse: 'Deus o fez Senhor e Cristo.'" (At 2,36) Por que não acrescentas o que se segue: "esse mesmo Jesus a quem vós crucificastes"? Ou não sabes que das palavras, parte se refere à sua natureza pura, e parte à sua encarnação? Mas se não for assim, e quiseres entender absolutamente tudo como se referindo à divindade, então farás com que a divindade seja capaz de sofrer; mas se ela não é capaz de sofrer, então não é criada. Pois se tivesse corrido sangue dessa natureza divina e inefável, e se essa natureza — e não a carne — tivesse sido dilacerada pelos cravos na cruz, nesse caso teu sofisma teria alguma razão; mas se nem mesmo o diabo ousaria proferir tal blasfêmia, por que finges ignorar, com ignorância tão imperdoável, aquilo que nem mesmo os espíritos malignos ousam pretender? Além disso, as expressões "Senhor" e "Cristo" não pertencem à sua essência, mas à sua dignidade; pois uma se refere ao seu poder, e a outra, ao fato de ter sido ungido. Que dirás então a respeito do Filho de Deus? Pois mesmo que, como afirmas, Ele tenha sido criado, esse argumento ainda assim não teria cabimento. Pois Ele não foi primeiro criado e depois escolhido por Deus, nem detém um reino que poderia ser removido, mas um que pertence por natureza à sua essência. Pois, quando perguntado se era rei, Ele respondeu: "Para isso nasci." (Jo 18,37) Mas Pedro fala como se de um eleito, porque todo o seu argumento se refere à economia (isto é, à dispensação da encarnação).

[4.] E por que te admiras se Pedro diz isso? Pois Paulo, discutindo com os atenienses, chama-O apenas de "homem", dizendo: "Por meio daquele Homem que Ele designou, dando certeza a todos, ressuscitando-O dentre os

mortos" (Atos 17,31). Ele não fala nada sobre "a forma de Deus" (Filip. 2,6), nem que Ele era "igual a Deus", nem que Ele era "o resplendor da Sua glória" (Hebr. 1,3). E com razão. O tempo para palavras como essas ainda não havia chegado; bastava-lhe por ora que eles admitissem que Ele era homem e que ressuscitara dos mortos. O próprio Cristo agiu da mesma maneira, e Paulo, tendo aprendido d'Ele, usou dessa reserva. Com efeito, Ele não revelou de imediato Sua divindade, mas no início era tido como um profeta e um homem bom; depois, Sua verdadeira natureza foi manifestada por Suas obras e palavras.

Por isso também Pedro, no início, usou desse método (pois este foi o primeiro sermão que fez aos judeus); e como eles ainda não estavam aptos a entender claramente algo sobre a Sua divindade, ele insistiu nos argumentos relativos à Encarnação, para que seus ouvidos, sendo exercitados por essas noções, se abrissem ao restante de seu ensinamento. E se alguém percorrer todo o sermão desde o começo, verá que o que digo é notável, pois ele (Pedro) chama-O de "homem" e insiste nas narrativas de Sua Paixão, Ressurreição e geração segundo a carne. Paulo também, ao dizer: "nascido da descendência de Davi segundo a carne" (Rom. 1,3), apenas nos ensina que a palavra "feito" se refere à Sua Encarnação, como admitimos.

Mas agora o filho do trovão (João) está nos falando sobre Sua Existência Inefável e Eterna, e por isso abandona o termo "feito" e usa "era"; contudo, se Ele tivesse sido criado, era necessário que esse ponto fosse especialmente esclarecido. Pois, se Paulo temeu que algumas pessoas insensatas supusessem que Ele será maior que o Pai, e que aquele que O gerou se tornaria sujeito a Ele — (por isso o Apóstolo, escrevendo aos Coríntios, diz: "Quando diz: 'todas as coisas Lhe estão sujeitas', é manifesto que está excluído Aquele que Lhe sujeitou todas as coisas") —, quem poderia imaginar que o Pai, mesmo em comunhão com todas as coisas, se tornaria sujeito ao Filho?

Se, pois, ele temeu essas imaginações tolas e disse: "é exceto Aquele que Lhe sujeitou todas as coisas", muito mais, se o Filho de Deus fosse realmente

criado, João deveria temer que alguém O supusesse incriado, e deveria ensinar isso antes de qualquer outra coisa.

Mas agora, visto que Ele é Gerado, com razão nem João nem qualquer outro, seja apóstolo ou profeta, afirmou que Ele foi criado. E se assim fosse, o Unigênito não teria deixado de mencioná-lo. Pois Aquele que falou de Si mesmo tão humildemente por condescendência, certamente não teria silenciado quanto a este ponto. E não me parece inverossímil supor que seria mais provável que Ele tivesse uma natureza mais elevada e nada dissesse sobre isso, do que não a ter e ainda assim calar-se sobre o fato. Pois no primeiro caso havia boa razão para o silêncio, a saber, o desejo de ensinar à humanidade a humildade, ao ocultar a grandeza de Seus atributos; mas no segundo caso, não há desculpa razoável para o silêncio.

Pois por que Aquele que omitiu muitos de Seus verdadeiros atributos para ensinar humildade, teria se calado quanto ao fato de ter sido feito (se assim o fosse)? Aquele que, para ensinar humildade, muitas vezes proferiu palavras de baixeza, que não Lhe convêm propriamente — muito mais, se tivesse sido criado, teria declarado muitas coisas semelhantes, para que ninguém pensasse que Ele era incriado. Por exemplo: "Não penseis que sou gerado do Pai; fui criado, não gerado, nem compartilho da Sua essência." Mas, ao contrário, Ele diz exatamente o oposto e profere palavras que obrigam as pessoas, mesmo contra sua vontade e desejo, a admitir a opinião contrária, como:

"Eu estou no Pai, e o Pai em mim" (Jo. 14,11);
"Há tanto tempo estou convosco, e não me conheces, Filipe? Quem me viu, viu o Pai." (Jo. 14,9);
"Para que todos honrem o Filho como honram o Pai." (Jo. 5,23);
"Assim como o Pai ressuscita os mortos e dá vida, também o Filho dá vida a quem quer." (Jo. 5,21);
"Meu Pai trabalha até agora, e eu trabalho." (Jo. 5,17);
"Como o Pai me conhece, assim também eu conheço o Pai." (Jo. 10,15);
"Eu e o Pai somos um." (Jo. 10,30).

E por toda parte, ao usar as expressões "como", "assim também", e "estar com o Pai", Ele declara Sua semelhança perfeita e inalterável com Ele.

Seu poder em Si mesmo Ele manifesta por essas palavras, bem como por muitas outras, como quando diz:
"Silêncio! Cala-te!" (Mc. 4,39);
"Quero, sê limpo!" (Mt. 8,3);
"Espírito mudo e surdo, eu te ordeno: sai dele!" (Mc. 9,25).

E novamente:
"Ouvistes que foi dito aos antigos: não matarás. Mas eu vos digo: todo aquele que se irar contra seu irmão..." (Mt. 5,21–22).

E todas as outras leis que Ele deu, e os prodígios que operou, bastam para demonstrar Seu poder — ou, antes, eu diria que uma pequena parte deles já seria suficiente para convencer qualquer um, exceto os totalmente insensatos.

[5.] Mas a vanglória é algo de tal modo poderoso que consegue cegar, mesmo diante das verdades mais evidentes, a mente dos que por ela são enredados, e persuadi-los a discutir contra aquilo que é reconhecido por todos. Mais ainda: leva alguns, que conhecem e estão persuadidos da verdade, a fingirem ignorância e a se oporem a ela. Assim aconteceu com os judeus: eles não negaram o Filho de Deus por ignorância, mas para obter honra da multidão. "Creram", diz o Evangelista, "mas tinham medo de serem expulsos da sinagoga" (Jo 12,42). E assim entregaram a salvação deles a outros.

Com efeito, não é possível que alguém tão zeloso escravo da glória deste mundo presente venha a alcançar a glória que vem de Deus. Por isso mesmo Ele os repreendeu, dizendo: "Como podeis crer, vós que recebeis glória uns dos outros, e não buscais a glória que vem do único Deus?" (Jo 5,44).

Essa paixão é uma espécie de embriaguez profunda, que torna difícil a cura daquele que é dominado por ela. Pois, tendo arrancado a alma dos seus cativos das coisas celestes, prende-a à terra, e não a deixa olhar para a

verdadeira luz, antes a persuade a revolver-se sempre no lodo. E impõe-lhes senhores tão poderosos, que não precisam sequer ordenar para que sejam obedecidos.

De fato, o homem acometido por essa doença faz espontaneamente, e sem que lhe peçam, tudo aquilo que pensa ser do agrado de seus senhores. Por causa deles, veste-se com roupas luxuosas, embeleza o rosto — e não por si mesmo, mas pelos outros. E leva consigo, pela praça, um séquito de acompanhantes, para ser admirado. Tudo o que faz é para agradar os outros.

Pode haver estado de espírito mais miserável do que este? A fim de ser admirado, ele se precipita continuamente em sua própria ruína.

Queres saber quão tirânica é essa paixão? Bastariam as palavras de Cristo para mostrar tudo isso. Mas escuta ainda estas outras considerações.

Se perguntares a qualquer um desses homens que se envolvem em negócios do Estado e fazem grandes despesas, por que esbanjam tanto ouro e o que significam esses gastos tão vastos, ouvirás deles que não é por outra razão senão para agradar ao povo.

Se, então, perguntares o que é esse povo, dirão que é algo cheio de confusão e turbulento, composto na maior parte de tolices, oscilando de cá para lá como as ondas do mar, e muitas vezes formado por opiniões contraditórias e opostas.

Não deve ser então mais digno de compaixão do que qualquer um o homem que tem um tal senhor?

E, ainda que isso seja espantoso, mais espantoso ainda é que os mundanos se entreguem com tanto ardor a essas coisas; mas que aqueles que afirmam ter renunciado ao mundo sejam acometidos da mesma doença — ou melhor, de uma ainda mais grave — isso sim é o mais espantoso de tudo.

Pois, no primeiro caso, a perda é apenas de bens materiais; mas, no segundo, o perigo recai sobre a alma.

Quando os homens mudam a reta fé por causa da reputação, e desonram a Deus para alcançarem reputação entre os homens — dize-me: que excesso de estupidez e loucura não há nisso?

As outras paixões, ainda que muito danosas, ao menos trazem algum prazer — ainda que seja breve e passageiro. Os que amam o dinheiro, o vinho ou as mulheres, têm, mesmo com o dano, algum prazer, ainda que fugaz.

Mas os que são cativos desta paixão vivem uma vida amarga, desprovida de qualquer alegria, pois não obtêm aquilo que desejam ardentemente — refiro-me à glória dos muitos. Pensam que a desfrutam, mas não é verdade, porque aquilo que buscam nem sequer é verdadeira glória.

Por isso o estado de espírito que têm não se chama "glória", mas "vaidade de glória" (ou "vainglória"); assim chamaram todos os antigos, e com razão. Porque ela é vazia e não contém dentro de si nada de brilhante ou glorioso, mas é como as máscaras de teatro, que parecem belas e luminosas, mas são ocas por dentro — e por essa razão, embora mais belas que os rostos naturais, nunca despertam amor.

Assim também — ou melhor, de modo ainda mais miserável — a aprovação da multidão nos engana com essa paixão, perigosa como adversária e cruel como senhora. Seu rosto é brilhante, mas seu interior não é apenas vazio como uma máscara, mas cheio de desonra e repleto de tirania selvagem.

Donde vem, pois, essa paixão tão irracional e sem prazer? Donde, senão de uma alma mesquinha e vil?

Não é possível que alguém dominado pelo desejo de aplauso imagine algo realmente grande ou nobre. Ele há de ser necessariamente vil, baixo, desonroso e pequeno.

Aquele que não faz nada por causa da virtude, mas para agradar a homens indignos de qualquer consideração, e que sempre toma por referência as opiniões erradas e confusas deles — como pode valer alguma coisa?

Pensa comigo: se alguém lhe perguntasse: “O que pensas da multidão?”, ele certamente responderia que são irrefletidos e indignos de crédito.

Então, se alguém o perguntasse de novo: “Gostarias de ser como eles?”, creio que ele não poderia de modo algum desejar isso.

Não será, então, extremamente ridículo querer a boa opinião daqueles a quem jamais desejaríamos nos assemelhar?

[6.]
Dizes que eles são muitos e uma espécie de corpo coletivo? Pois é exatamente por isso que deves mais ainda desprezá-los. Se, tomados individualmente, são desprezíveis, muito mais o serão quando estão reunidos; pois, quando se juntam, a tolice de cada um se acumula e aumenta. De modo que alguém talvez possa corrigir um deles isoladamente, mas não o poderá fazer com todos juntos, porque então a tolice se torna intensa, e eles são levados como ovelhas, seguindo para todo lado as opiniões uns dos outros. Dize-me, procurarás tu alcançar essa glória vulgar? Não o faças, eu te suplico e rogo. Ela transtorna todas as coisas; é a mãe da avareza, da maledicência, do falso testemunho, das traições; arma e exaspera aqueles que não receberam injúria contra os que nenhuma causaram. Aquele que caiu nessa doença não conhece amizade, não se lembra de antigas companhias, não sabe respeitar a ninguém; lançou fora de sua alma toda bondade, e está em guerra com todos, inconstante, sem afeto natural.

Ainda que a paixão da ira seja tirânica e difícil de suportar, ao menos não costuma perturbar sempre, mas apenas quando há alguém que a excite; já a vanglória está sempre ativa, e não há tempo, por assim dizer, em que cesse, pois a razão nem a impede nem a contém, mas está sempre conosco, não apenas nos persuadindo a pecar, mas também nos arrebatando das mãos tudo o que porventura tenhamos feito de bom, ou mesmo impedindo-nos de

fazer o bem. Se Paulo chama a avareza de idolatria, como deveríamos então chamar aquilo que é mãe, raiz e fonte dela — quero dizer, a vanglória? Não podemos achar termo que corresponda à maldade dela. Amados, voltemos agora ao bom senso; despojemo-nos dessa veste imunda, rasguemo-la e arranquemo-la de nós; tornemo-nos enfim livres com verdadeira liberdade, e reconheçamos a nobreza que nos foi dada por Deus; desprezemos o aplauso vulgar. Pois nada é tão ridículo e vergonhoso quanto essa paixão, nada tão cheio de desonra e infâmia. Pode-se ver por muitas vias que amar a honra é desonra, e que a verdadeira honra consiste em desprezá-la, em nada fazer caso dela, mas em dizer e fazer tudo conforme o que parece bom a Deus. Assim poderemos receber recompensa d'Aquele que vê perfeitamente todas as nossas ações, se estivermos contentes em tê-Lo somente como espectador. Para que precisamos de outros olhos, se Aquele que há de conferir o prêmio está sempre contemplando nossas ações? Não é estranho que tudo o que um servo faz, ele o faz para agradar ao seu senhor, não busca nada além da atenção do seu senhor, nem deseja atrair outros olhares (ainda que sejam homens eminentes os que o observam), mas visa uma só coisa: que seu senhor o observe? E nós, que temos um Senhor tão grande, buscamos outros espectadores que nada podem nos beneficiar, mas ao contrário, nos prejudicam com sua atenção e tornam vão todo o nosso trabalho? Não seja assim, eu vos imploro. Chamemos a Ele para aplaudir e ver nossas ações, d'Aquele de quem receberemos nossa recompensa. Nada tenhamos a ver com os olhos humanos. Pois, se quisermos de fato alcançar essa honra, então a alcançaremos quando buscarmos aquela que vem somente de Deus. Pois Ele diz: "Aos que Me honram, honrarei." (1 Sm 2,30.) E assim como estamos melhor providos de riquezas quando as desprezamos e buscamos apenas as que vêm de Deus — "Buscai primeiro o Reino de Deus, e todas essas coisas vos serão acrescentadas" (Mt 6,33) — assim também ocorre com a honra. Quando a concessão das riquezas ou da honra já não traz perigo para nós, então Deus as dá livremente; e não trazem perigo quando elas não nos governam, não nos dominam como escravos, mas nos pertencem como a homens livres e senhores. Pois a razão pela qual Deus deseja que não as amemos, é para que não sejamos dominados por elas; e se vencermos nesse ponto, Ele no-las dará com grande generosidade. Dize-me, o que há de mais glorioso que Paulo, quando diz: "Não buscamos a glória dos homens, nem de

vós, nem de outros"? (1 Ts 2,6.) Que há, pois, mais rico do que aquele que nada possui, e no entanto possui todas as coisas? Pois, como eu disse, quando não somos dominados por essas coisas, então as dominamos; então as receberemos. Se, pois, desejamos alcançar a honra, fujamos da honra, e assim poderemos, após cumprir as leis de Deus, obter tanto os bens que estão aqui como os que são prometidos, pela graça de Cristo, com quem, ao Pai e ao Espírito Santo, seja glória pelos séculos dos séculos. Amém.

Sermão IV
João 1,1 – "No princípio era o Verbo, e o Verbo estava com Deus."

[1.] Quando as crianças são introduzidas ao aprendizado, seus mestres não lhes dão muitas tarefas de uma só vez, nem as impõem de modo definitivo; ao contrário, repetem frequentemente as mesmas lições curtas, para que aquilo que é ensinado se fixe facilmente na mente delas, e para que não se aborreçam logo no início com a quantidade de conteúdo nem com a dificuldade de memorizá-lo — o que geraria uma espécie de lentidão, nascida da dificuldade. Eu, que desejo alcançar o mesmo efeito convosco e tornar o vosso trabalho mais leve, ofereço pouco a pouco o alimento que está posto nesta mesa divina, e o instilo em vossas almas. Por isso, retomarei novamente as mesmas palavras — não para repetir o que já foi dito, mas para expor aquilo que ainda resta. Vamos, pois, aplicar mais uma vez o nosso discurso à introdução:

"No princípio era o Verbo, e o Verbo estava com Deus."

Por que razão, quando todos os outros evangelistas começaram pela Economia (Isto é, a dispensação da Encarnação — pois Mateus diz: "Livro da geração de Jesus Cristo, Filho de Davi", e Lucas também nos relata, no começo de seu Evangelho, os acontecimentos relativos a Maria; de modo semelhante, Marcos se detém nas mesmas narrativas, começando com a história do Batista), por que razão João apenas alude brevemente a esses fatos, e apenas em um ponto mais tardio, dizendo: "E o Verbo se fez carne" (Jo 1,14), e, passando por alto tudo o mais — a concepção, o nascimento, a

criação, o crescimento — começa diretamente a nos ensinar sobre a geração eterna do Verbo?

Agora vos direi o motivo disto. Porque, como os outros evangelistas haviam se detido sobretudo nos relatos da vinda de Cristo na carne, havia o receio de que alguns, de mente rasteira, se apegassem apenas a essas doutrinas, como de fato aconteceu com Paulo de Samosata. Para afastar, pois, aqueles que estivessem propensos a se apegar à terra, e para elevá-los ao céu, João, com muita razão, inicia sua narrativa de cima, da existência eterna. Pois, enquanto Mateus começa sua narração por Herodes, o rei; Lucas, por Tibério César; Marcos, pelo batismo de João; este Apóstolo deixa tudo isso de lado e se eleva acima de todo tempo e de toda era, lançando o pensamento de seus ouvintes até o "No princípio", não permitindo que se detenha em nenhum ponto fixo, como os outros fizeram em Herodes, Tibério e João.

E o que podemos ainda mencionar como especialmente digno de admiração é que João, embora se tenha entregado à doutrina mais elevada, não negligenciou a Economia; e os outros, embora focados na Economia, não deixaram de falar da existência anterior aos séculos. Com razão: pois era um só o Espírito que movia a alma de todos eles. Por isso, demonstram grande concordância em sua narrativa. Mas tu, amado, ao ouvires "o Verbo", não suportes aqueles que dizem que Ele é uma criatura, nem sequer os que pensam que Ele é meramente uma palavra. Pois há muitas palavras de Deus que os anjos executam, mas nenhuma dessas é Deus. São todas profecias ou mandamentos — pois nas Escrituras é costume chamar os mandamentos e profecias de "palavras" de Deus. Por isso se diz dos anjos: "Poderosos em fortaleza, que executais a sua palavra" (Sl 102 [103],20). Mas este Verbo é um Ser subsistente, que procede sem paixão do próprio Pai. Pois isso, como disse antes, João indica com o termo "Verbo".

Assim como a expressão "No princípio era o Verbo" mostra a Sua eternidade, assim também "o Verbo estava com Deus no princípio" declara Sua coeternidade. Para que, ao ouvires "No princípio era o Verbo", não o entendas como eterno mas penses que a vida do Pai é anterior à d'Ele por algum intervalo ou duração, e assim atribuas ao Filho um começo, ele acrescenta: "e

o Verbo estava com Deus no princípio" — ou seja, é eterno tal como o próprio Pai, pois o Pai nunca esteve sem o Verbo, mas sempre foi Deus com Deus, embora cada um em sua Pessoa própria.

Mas, dirá alguém, como afirma João que Ele "estava no mundo", se estava com Deus? Porque Ele estava ao mesmo tempo com Deus e no mundo. Pois nem o Pai nem o Filho estão limitados de modo algum. Já que "sem fim é a Sua grandeza" (Sl 144 [145],3), e "sem número é a Sua sabedoria" (Sl 146 [147],5), é evidente que não pode haver começo temporal em Sua essência. Tu ouviste que "No princípio Deus criou o céu e a terra" (Gn 1,1); que entendes por este "princípio"? Claramente que foram criados antes de todas as coisas visíveis. Assim também, a respeito do Unigênito, ao ouvires que Ele estava "no princípio", entende que Ele é anterior a todas as coisas inteligíveis, anterior aos séculos.

Mas se alguém disser: "Como pode Ele ser Filho, e não ser mais novo que o Pai? Já que aquilo que procede de algo deve necessariamente vir depois daquilo de que procede." Nós responderemos que, propriamente falando, essas são considerações humanas, que quem pergunta isso perguntará também coisas ainda mais inconvenientes — e que tais pessoas não devem sequer ser ouvidas. Pois estamos falando agora de Deus, não da natureza humana, que está sujeita à sequência e às consequências necessárias desse tipo de raciocínio. No entanto, para tranquilizar os mais fracos, falaremos também sobre isso.

[2.]

Dize-me, então: o brilho do sol procede da substância do próprio sol, ou de alguma outra fonte? Qualquer pessoa que não tenha perdido completamente o juízo deve confessar que procede da própria substância do sol. No entanto, embora o brilho proceda do próprio sol, não podemos dizer que ele seja posterior, em termos de tempo, à substância daquele corpo, já que o sol nunca apareceu sem seus raios. Ora, se no caso destes corpos visíveis e sensíveis se mostra haver algo que procede de outro, e ainda assim não é posterior àquilo de que procede, por que se mostrares incrédulo no caso da

Natureza invisível e inefável? Também ali se dá essa mesma realidade, mas de um modo apropriado àquela Substância. Por isso mesmo Paulo também O chama de "Resplendor" (Hb 1,3), exprimindo assim que Ele é Dele e Coeterno com Ele.

Mais uma vez: dize-me, por acaso todos os séculos e todo o intervalo não foram criados por Ele? Qualquer um em seu juízo perfeito há de confessar isso. Portanto, não há nenhum intervalo entre o Filho e o Pai; e, se não há nenhum, então Ele não é posterior, mas Coeterno com Ele. Pois "antes" e "depois" são noções que implicam tempo; sem idade ou tempo, ninguém conseguiria sequer imaginar essas palavras; mas Deus está acima dos tempos e dos séculos.

Se, em algum caso, dizes ter encontrado um princípio para o Filho, vê se, com essa mesma razão e argumento, não és forçado a atribuir também um princípio ao Pai, anterior, é certo, mas ainda assim um princípio. Pois, ao teres atribuído ao Filho um limite e começo de existência, não passas a subir a partir desse ponto e a dizer que o Pai existia antes? Sem dúvida, sim. Diz-me, então: qual a extensão da anterioridade do Pai? Pois, seja que digas que o intervalo é pequeno, seja que digas que é grande, de igual modo atribuís ao Pai um princípio. Com efeito, é evidente que é ao medir o espaço que dizes se ele é pequeno ou grande; mas não seria possível medi-lo sem haver um começo de cada lado; de modo que, do teu ponto de vista, deste ao Pai um princípio — e, a partir de então, segundo o teu argumento, nem mesmo o Pai será sem princípio. Vês como a palavra dita pelo Salvador é verdadeira, e como a declaração em toda parte mostra sua força? E qual é essa palavra? "Aquele que não honra o Filho, não honra o Pai." (Jo 5,23)

E sei bem que o que agora foi dito não pode ser compreendido por muitos, e por isso mesmo é que em muitos lugares evitamos provocar discussões com base em raciocínios humanos, pois o restante do povo não consegue acompanhar tais argumentos — e, ainda que pudesse, eles não têm em si nada de firme ou seguro. "Pois os pensamentos dos mortais são miseráveis, e nossas invenções incertas." (Sab 9,14) Ainda assim, eu gostaria de perguntar aos que se opõem: o que quer dizer aquilo que é dito pelo Profeta: "Antes de

mim não foi formado nenhum deus, nem haverá outro depois de mim"? (Is 43,10) Pois, se o Filho é mais novo que o Pai, como então Ele diz: “nem haverá outro depois de mim”? Irás suprimir a existência do próprio Unigênito? Terás de ousar isto, ou admitir uma única Divindade com Pessoas distintas: o Pai e o Filho.

E, enfim, como poderia ser verdadeira a expressão: "Todas as coisas foram feitas por Ele"? Pois se há um século mais antigo que Ele, como poderia aquilo que foi antes d’Ele ter sido feito por Ele? Vedes até onde chegou a ousadia dos que se desviaram da verdade? Por que o Evangelista não disse que Ele foi feito de coisas que não eram — como Paulo afirma de todas as coisas, quando diz: “que chama à existência as coisas que não existem, como se existissem”? (Rm 4,17) Mas, ao contrário, diz: “Estava no princípio.” Isso se opõe àquela outra ideia — e com razão. Pois Deus não é feito, nem tem algo mais antigo do que Ele; tais palavras são próprias dos gregos. Diz-me mais isto: não dirias que o Criador supera infinitamente Suas obras? Ora, aquilo que é feito do nada é semelhante às coisas que são do nada; onde, então, estaria a superioridade incomparável? E o que significam as expressões: "Eu sou o primeiro e eu sou o último" (Is 44,6) e "Antes de mim não foi formado outro deus"? (Is 43,10) Pois, se o Filho não é da mesma essência, há então outro Deus; e se não é Coeterno, é posterior a Ele; e se não procede da Sua essência, evidentemente foi feito. Mas se alegam que estas coisas foram ditas para distingui-lo dos ídolos, por que não admitem que também foi para distingui-lo dos ídolos que Ele disse: "o único Deus verdadeiro"? (Jo 17,3) Ademais, se isso foi dito para distingui-lo dos ídolos, como interpretarás toda a sentença? "Depois de mim", diz Ele, "não há outro Deus." Ao dizer isso, Ele não exclui o Filho, mas está dizendo: “Depois de mim não há deus ídolo”, não que “não há Filho”. Admitido isso, dirás: e quanto à expressão "Antes de mim não foi formado outro deus", irás interpretá-la dizendo que nenhum deus ídolo foi formado antes d’Ele, mas que, ainda assim, um Filho foi formado antes d’Ele? Que espírito maligno ousaria afirmar isso? Não creio que nem mesmo Satanás se atreveria.

Além disso, se Ele não for Coeterno com o Pai, como podes dizer que Sua Vida é infinita? Pois se teve um princípio no passado, ainda que não tenha

fim, não é, contudo, infinita; pois o infinito deve sê-lo em ambas as direções. Como também Paulo declarou, ao dizer: "sem princípio de dias nem fim de vida" (Hb 7,3); com esta expressão ele mostra que é tanto sem princípio como sem fim. Pois, assim como de um lado não tem limite, do outro também não tem princípio.

[3.] E como poderia Ele ser "a Vida", se houve algum momento em que Ele não era? Pois todos devem admitir que a Vida é eterna, sem princípio e sem fim, se é verdadeiramente Vida — como de fato o é. Pois, se há algum momento em que Ela não existe, como poderá ser a vida de outros, se nem sequer Ela mesma existe?

"Como então," dirá alguém, "João estabelece um princípio ao dizer: 'No princípio era'?" Dize-me: prestaste atenção ao "no princípio" e ao "era"? Não compreendes a expressão "o Verbo era"? Ora, quando o Profeta diz: "Desde a eternidade e até a eternidade Tu és" (Sl 89[90], 2), diz isso para lhe atribuir limites? Não, mas para declarar Sua eternidade. Considera agora que o mesmo se dá neste lugar. Ele não emprega a expressão para estabelecer limites, pois não disse: "teve um princípio", mas "era no princípio"; com a palavra "era", leva-te a considerar que o Filho é sem princípio.

"Contudo", dirá alguém, "o Pai é nomeado com o acréscimo do artigo definido, mas o Filho, sem ele." E daí? Quando o Apóstolo diz: "O grande Deus e nosso Salvador Jesus Cristo" (Tt 2,13), e ainda: "De quem é o Cristo segundo a carne, o qual é sobre todos, Deus bendito para sempre" (Rm 9,5), vemos que aí ele mencionou o Filho sem o artigo; mas ele faz o mesmo com o Pai também. Pelo menos em sua Epístola aos Filipenses (2,6), ele diz: "O qual, sendo em forma de Deus, não considerou como usurpação ser igual a Deus"; e ainda aos Romanos: "Graça a vós outros, e paz, da parte de Deus, nosso Pai, e do Senhor Jesus Cristo." (Rm 1,7). Ademais, era supérfluo acrescentar o artigo nesse lugar, já que logo acima ele foi continuamente aplicado ao "Verbo". Pois, ao falar do Pai, ele diz: "Deus é Espírito" (Jo 4,24), e nós não negamos, por não haver artigo junto a "Espírito", a natureza espiritual de Deus; assim também aqui, embora o artigo não seja acrescentado ao Filho, o Filho não é, por isso, um Deus menor. Por quê? Porque ao dizer "Deus" e

novamente “Deus”, ele não nos revela qualquer diferença nessa Divindade, mas o contrário; pois tendo antes dito: “e o Verbo era Deus”, para que ninguém supusesse que a divindade do Filho fosse inferior, imediatamente acrescenta as características da verdadeira Divindade, incluindo a eternidade (“Ele estava no princípio com Deus”) e atribuindo a Ele a função de Criador. Pois “todas as coisas foram feitas por Ele, e sem Ele nada do que foi feito se fez”; o que o Pai também declara por toda parte, por meio dos Profetas, como sendo próprio de Sua própria Essência.

E os Profetas insistem continuamente nesse tipo de demonstração — não só por si mesmos, mas ao combaterem a honra prestada aos ídolos. “Pereçam os deuses que não fizeram o céu e a terra” (Jr 10,11); e novamente: “Eu estendi os céus com a minha mão” (Is 44,24); e é por considerá-lo um sinal da Divindade que Ele continuamente o afirma. E o próprio Evangelista não se contentou com essas palavras, mas chama-O também de “Vida” e “Luz”.

Se agora Ele sempre esteve com o Pai, se Ele próprio criou todas as coisas, se Ele trouxe todas as coisas à existência e sustém todas as coisas (pois é isso o que significa “Vida”), se Ele ilumina todas as coisas, quem seria tão insensato a ponto de dizer que o Evangelista desejava ensinar uma inferioridade da Divindade justamente por meio daquelas expressões pelas quais, mais do que por quaisquer outras, é possível exprimir Sua igualdade e identidade? Não confundamos, pois, a criatura com o Criador, para que não se diga também de nós: “Serviram à criatura em vez do Criador” (Rm 1,25); pois, embora se diga que isso foi dito dos céus, ainda assim, ao falar dos céus, ele declara positivamente que não devemos servir à criatura — pois isso é próprio do paganismo.

[4.] Não nos sujeitemos, pois, a essa maldição. Pois foi para isso que o Filho de Deus veio: para nos libertar desse serviço; foi para isso que Ele assumiu a forma de servo, para nos libertar da escravidão; foi para isso que Ele foi cuspido, esbofeteado, para isso que suportou uma morte vergonhosa. Não tornemos, suplico-vos, todas essas coisas inúteis; não voltemos à nossa antiga iniquidade — ou antes, a uma iniquidade ainda mais grave — pois servir à criatura não é o mesmo que rebaixar o Criador, pelo menos no que

depende de nós, à baixeza da criatura. Pois Ele permanece sendo o que é, como diz o salmista: “Tu és sempre o mesmo, e os teus anos não têm fim” (Sl 102,27).

Glorifiquemo-Lo, pois, como o recebemos dos nossos pais; glorifiquemo-Lo tanto pela fé quanto pelas obras. Pois as doutrinas sãs de nada nos servem para a salvação, se nossa vida estiver corrompida. Vivamos, então, segundo o que é agradável a Deus, mantendo-nos longe de toda imundície, injustiça e cobiça, como estrangeiros e forasteiros e peregrinos quanto às coisas desta terra. Se alguém possui muitas riquezas e bens, que os use como quem é apenas um hóspede neste mundo, e que, queira ou não, logo o deixará. Se alguém for ofendido por outro, não se encolerize para sempre — antes, nem mesmo por um instante. Pois o Apóstolo não nos permitiu mais que um único dia para descarregar nossa ira:

“Não se ponha o sol sobre a vossa ira” (Ef 4,26).

E com razão: já é de se contentar que nem por tão pouco tempo haja algo de desagradável; mas se a noite também nos alcançar, o ocorrido torna-se mais grave, porque o fogo da ira se inflama dez mil vezes mais pela memória, e no repouso examinamos tudo com mais amargura. Por isso, antes que alcancemos esse pernicioso repouso e acendamos um fogo mais ardente, ele nos ordena que detenhamos de antemão e extingamos o mal. Pois a paixão da ira é feroz — mais feroz do que qualquer chama — e precisamos agir com presteza para impedir que essa chama se levante e arda, pois esse mal se torna causa de muitos outros males. Já destruiu casas inteiras, dissolveu velhas amizades, e causou tragédias irreparáveis em um só instante.

“O furor do homem será sua ruína” (Eclo 1,22).

Não deixemos, pois, esse animal selvagem solto, mas ponhamos nele uma mordaça, feita do mais forte dos freios: o temor do juízo futuro. Sempre que um amigo te entristecer, ou um dos teus familiares te exasperar, pensa nos pecados que cometeste contra Deus, e que, com tua mansidão para com o próximo, tornas mais brando o juízo contra ti:

“Perdoai, e sereis perdoados” (Lc 6,37).

E tua paixão logo se esconderá.

Além disso, considera: houve uma ocasião em que te enfureceste, mas te contiveste? E outra em que te deixaste arrastar pela paixão? Compara esses dois momentos, e disso tirarás grande proveito. Diz-me: quando te louvaste a ti mesmo? Quando foste vencido ou quando venceste? Não é certo que, no primeiro caso, nos repreendemos severamente e sentimos vergonha, ainda que ninguém nos censure, e não nos acometem muitos sentimentos de arrependimento, tanto pelo que dissemos quanto pelo que fizemos? Mas quando dominamos a nós mesmos, não nos orgulhamos e nos alegramos como vencedores? Pois a vitória, no caso da ira, não é retribuir o mal com o mal — isso é derrota total —, mas suportar com mansidão ser maltratado e caluniado. Vencer não é causar, mas sofrer o mal.

Portanto, quando estiveres irado, não digas: “Com certeza me vingarei”, “certamente revidarei!” Não insistas em dizer, aos que te exortam à vitória: “Não vou permitir que me zombem e fiquem impunes!” Ele jamais zombará de ti, exceto se te vingares. E se zombar, será como um insensato. Não busques honra de tolos quando vences, mas considera suficiente aquela que vem dos homens sensatos. Aliás, por que te proponho um auditório tão pequeno e vil, feito de homens? Eleva teus olhos diretamente a Deus: Ele te louvará — e o homem aprovado por Deus não deve buscar honra entre os mortais. A honra dos mortais, muitas vezes, nasce da bajulação ou do ódio por outros, e de nada aproveita; mas o juízo de Deus é isento dessas desigualdades, e traz grande recompensa ao homem que Ele aprova. Busquemos, pois, este louvor.

Queres saber quão má é a ira? Fica ao lado quando outros brigam na praça. Em ti mesmo, dificilmente poderás ver o ridículo da situação, porque tua razão está turva e embriagada; mas quando estiveres livre da paixão, e teu juízo for são, contempla o que acontece nos outros e verás tua própria miséria. Observa, rogo-te, as multidões que se ajuntam ao redor, e os homens irados como loucos, agindo de modo vergonhoso em público. Pois

quando a paixão ferve no peito, e se excita e enfurece, a boca solta fogo, os olhos lançam chamas, todo o rosto se incha, as mãos se agitam desordenadamente, os pés dançam de modo ridículo, e eles investem contra os que os tentam conter, sem diferença alguma de lunáticos em sua insensatez; antes, não diferem nem de jumentos selvagens, que dão coices e mordem.

Na verdade, o homem colérico não é um homem digno.

E então, quando, após essa conduta extremamente ridícula, voltam para casa e recobram o juízo, sentem dor ainda maior e muito temor, pensando em quem estava presente quando se iraram. Pois, como homens em delírio, naquele momento não reconheceram os que estavam por perto, mas, ao voltarem à razão, se perguntam: eram amigos? eram inimigos e adversários que presenciaram a cena? E temem igualmente a ambos — aos primeiros, porque os condenarão e causarão mais vergonha; aos segundos, porque se alegrarão com o ocorrido. E se chegaram mesmo a trocar golpes, então o temor se torna mais grave; por exemplo, receiam que algo muito sério aconteça àquele que sofreu o ataque — uma febre sobrevenha e leve à morte, ou um inchaço complicado surja e o coloque em risco extremo. E então dizem: "Que necessidade eu tinha de brigas, de violência, de contendas? Que tudo isso pereça." E então amaldiçoam o malfadado incidente que os levou a começar tudo, e os mais tolos colocam a culpa no "espírito maligno" ou na "hora má"; mas essas coisas não vêm de hora má (pois não existe tal coisa como uma hora má), nem de espírito maligno, mas da malícia daqueles que se deixaram capturar pela paixão; eles mesmos atraem os espíritos e trazem sobre si todos os males terríveis.

"Mas o coração se incha," diz alguém, "e é ferido pelas injúrias." Eu sei disso; e por isso admiro ainda mais aqueles que dominam essa besta selvagem terrível. No entanto, é possível, se quisermos, repelir a paixão. Pois por que, quando nossos superiores nos insultam, não nos sentimos ofendidos? Porque o medo contrabalança a paixão e nos impede, com receio, de reagir, e não permite que a ira sequer se levante. E por que nossos servos, embora insultados por nós de mil maneiras, suportam tudo em silêncio? Porque

também sobre eles pesa o mesmo freio. E não penses apenas no temor a Deus, mas que é o próprio Deus quem então te insulta — Ele que te ordena silenciar — e assim suportarás tudo com mansidão, dizendo ao agressor: "Como posso me irar contra ti? Há outro que refreia minha mão e minha língua"; e essa palavra será um conselho de sábia prudência, tanto para ti quanto para ele.

Mesmo agora suportamos coisas insuportáveis por causa de homens, e frequentemente dizemos àqueles que nos insultaram: "Fulano insultou a mim, não a ti." Não deveríamos ter o mesmo cuidado no caso de Deus? Como poderemos esperar perdão de outro modo? Digamos à nossa alma: "É Deus quem segura nossas mãos, é Ele quem agora nos insulta; não sejamos rebeldes, que Deus não seja menos honrado por nós do que os homens." Tremeste diante dessa palavra? Quisera eu que tremesses não apenas diante da palavra, mas do ato. Pois Deus nos mandou, quando esbofeteados, não apenas suportar, mas até oferecer-nos a sofrer coisa pior; e nós resistimos com tal veemência, que não apenas recusamos nos oferecer ao sofrimento, mas também nos vingamos, e muitas vezes somos os primeiros a atacar — e ainda pensamos estar desonrados se não retribuirmos na mesma medida.

Sim, e o problema é que, quando estamos completamente vencidos, nos julgamos vencedores; e quando jazemos por baixo, recebendo mil golpes do diabo, então imaginamos estar dominando-o. Compreendamos, pois, eu vos exorto, qual é a verdadeira natureza da vitória, e essa natureza sigamos. Sofrer o mal é receber a coroa. Se então quisermos ser proclamados vitoriosos por Deus, não observemos nesses combates as regras dos jogos pagãos, mas sim as de Deus, e aprendamos a suportar tudo com longanimidade; pois assim venceremos nossos adversários e alcançaremos tanto os bens presentes quanto os prometidos, pela graça e benignidade de nosso Senhor Jesus Cristo, por quem e com quem ao Pai e ao Espírito Santo seja glória, poder e honra, agora e sempre, e pelos séculos dos séculos. Amém.

Sermão V.

João capítulo 1, versículo 3 — "Todas as coisas foram feitas por Ele; e sem Ele nada do que foi feito se fez."

[1.] Moisés, no início da história e dos escritos do Antigo Testamento, fala-nos dos objetos dos sentidos, e os enumera detalhadamente para nós. Pois, "No princípio," ele diz, "Deus criou o céu e a terra," e depois acrescenta que a luz foi criada, e um segundo céu e as estrelas, as diversas espécies de seres vivos e, para que não demoremos com detalhes, todo o resto. Mas este Evangelista, cortando tudo isso, inclui essas coisas e as que estão acima delas numa única frase; com razão, porque elas eram conhecidas dos seus ouvintes, e porque ele se apressa para um assunto maior, e estruturou todo o seu tratado para falar não das obras, mas do Criador, e daquele que as produziu todas. Por isso Moisés, embora tenha escolhido a parte menor da criação (pois nada nos falou sobre os poderes invisíveis), detém-se nessas coisas; enquanto João, apressando-se a subir ao próprio Criador, passa por essas coisas e também por aquelas sobre as quais Moisés se calou, tendo-as reunido numa pequena frase: "Todas as coisas foram feitas por Ele." E para que não penseis que ele fala somente das coisas mencionadas por Moisés, acrescenta: "sem Ele nada do que foi feito se fez." Ou seja, que das coisas criadas, nenhuma, seja ela visível ou inteligível, foi trazida à existência sem o poder do Filho.

Não devemos, como fazem os hereges, pôr ponto final em "nada do que foi feito". Eles, querendo fazer do Espírito uma criatura, dizem: "O que foi feito, nele estava a Vida"; porém assim o que é dito torna-se incompreensível. Primeiro, não era o momento aqui para mencionar o Espírito, e se ele quisesse fazê-lo, por que o expressou tão indistintamente? Pois como se poderia entender que essa frase se refere ao Espírito? Além disso, por esse argumento, encontraríamos não o Espírito, mas o próprio Filho sendo criado por si mesmo. Mas despertem-se, para que o que é dito não vos escape; e vamos ler um pouco no estilo deles, para que sua absurda lógica fique mais clara para nós. "O que foi feito, nele estava a Vida." Eles dizem que o Espírito é chamado "Vida." Mas essa "Vida" também é "Luz," pois ele acrescenta: "E a Vida era a Luz dos homens" (vers. 4). Portanto, segundo eles, a "Luz dos

homens" aqui significa o Espírito. Mas quando ele continua dizendo que "Houve um homem enviado por Deus, que veio dar testemunho da Luz" (vers. 6 e 7), eles precisam afirmar que isso também se refere ao Espírito; porque aquele que ele chamou "Verbo" acima, aqui ele chama "Deus," "Vida" e "Luz." Este "Verbo," ele diz, era "Vida," e essa "Vida" era "Luz." Se agora esse Verbo era Vida, e se esse Verbo e essa Vida se fizeram carne, então a Vida, ou seja, o Verbo, "se fez carne, e vimos a sua glória, glória como do Unigênito do Pai." Se eles dizem que aqui o Espírito é chamado "Vida," considerai as consequências estranhas que se seguem. Será o Espírito, e não o Filho, que se fez carne; o Espírito será o Filho Unigênito.

E aqueles que leem o trecho assim cairão, se não nisso, em outra conclusão muito estranha. Se permitirem que as palavras se refiram ao Filho, e ainda assim não fizerem a pausa ou leitura que fazemos, então afirmarão que o Filho é criado por si mesmo. Pois, se "o Verbo era Vida," e "o que foi feito nele era Vida," segundo essa leitura Ele é criado em si mesmo e por si mesmo. Depois de algumas palavras, ele acrescenta: "E vimos a sua glória, glória como do Unigênito do Pai" (vers. 14). Vede, segundo essa leitura dos que afirmam tais coisas, que o Espírito Santo também é um Filho unigênito, pois é dele que toda essa declaração é feita. Vede quando a palavra se desvia da verdade para onde ela é pervertida, e que consequências estranhas produz!

Então, alguém dirá: o Espírito não é "Luz"? É Luz; mas aqui não há menção do Espírito. Pois mesmo Deus (o Pai) é chamado "Espírito," isto é, incorpóreo; no entanto, Deus (o Pai) não está absolutamente significado sempre que se fala "Espírito." E por que te espantas se dizemos isso do Pai? Nem mesmo do Consolador poderíamos dizer que sempre que "Espírito" se menciona, o Consolador está absolutamente significado, embora este seja seu nome mais próprio; ainda assim, nem sempre onde se fala em Espírito está se referindo ao Consolador. Assim Cristo é chamado "poder de Deus" (1 Cor. 1,24) e "sabedoria de Deus"; mas nem sempre onde se fala de "poder" e "sabedoria de Deus" está se referindo a Cristo. Portanto, neste trecho, embora o Espírito dê "Luz," o Evangelista não fala agora do Espírito.

Quando os excluímos dessas opiniões estranhas, aqueles que se esforçam em resistir à verdade dizem, ainda presos à mesma leitura: “Tudo o que veio à existência por ele era vida,” pois, diz um deles, “tudo o que veio à existência era vida.” O que dizeis então do castigo dos homens de Sodoma, do dilúvio, do fogo do inferno e de milhares de coisas semelhantes? “Mas,” diz outro, “falamos da criação material.” Pois bem, estas também pertencem inteiramente à criação material. Mas, para que refutemos seu argumento com abundância, perguntaremos: “A madeira é vida?” Responde-me: “A pedra é vida?” Essas coisas, que são sem vida e imóveis? Ou o homem é absolutamente vida? Quem diria isso? Ele não é vida pura, mas capaz de receber a vida.

[2.] Veja aqui novamente uma absurdidade; por essa mesma sequência de consequências levaremos o argumento a tal ponto, para que daí possas aprender a sua insensatez. Assim eles afirmam coisas que de modo algum convêm ao Espírito. Expulsos de seu outro argumento, aplicam ao homem aquilo que antes julgavam digno de ser dito do Espírito. No entanto, examinemos também essa leitura dessa maneira. A criatura é agora chamada “vida”, portanto, a mesma é “luz”, e João veio dar testemunho acerca dela. Por que, então, ele (João) não é também “luz”? Ele diz que “não era aquela luz” (v. 8), e, contudo, ele pertencia às criaturas? Como, então, ele não é “luz”? Como ele estava “no mundo, e o mundo foi feito por Ele”? (v. 10.) Estava a criatura na criatura, e a criatura foi feita pela criatura? Mas como o “mundo não o conheceu”? Como a criatura não conheceu a criatura? “Mas aos que o receberam deu-lhes o poder de serem feitos filhos de Deus.” (v. 12.) Mas basta de risos. O resto deixo a você para atacar essas razões monstruosas, para que não pareça que escolhemos rir sem motivo e perder tempo sem causa. Pois, se essas coisas não são ditas do Espírito (e foi demonstrado que não são), nem de qualquer coisa criada, e, ainda assim, insistem na mesma leitura, seguirá uma conclusão mais estranha do que todas as que já mencionamos, a saber: que o Filho foi feito por si mesmo. Pois se o Filho é a verdadeira Luz, e essa Luz era Vida, e essa Vida foi feita nele, esta deve ser a conclusão segundo a própria leitura deles. Então abandonemos essa leitura e avancemos para a leitura e explicação reconhecidas.

E qual é essa? É fazer a frase terminar em “foi feito” e começar a próxima frase com “Nele estava a Vida”. O que (o Evangelista) diz é o seguinte: “Sem Ele nada foi feito do que foi feito”; qualquer coisa criada que foi feita, diz ele, não foi feita sem Ele. Vê como por essa pequena adição ele retificou todas as dificuldades encontradas; pois a frase “sem Ele nada foi feito” e logo após a adição “do que foi feito” inclui as coisas conhecidas pelo intelecto, mas exclui o Espírito. Porque depois de dizer que “todas as coisas foram feitas por Ele” e “sem Ele nada foi feito”, precisou acrescentar isso para que alguém não dissesse: “Se todas as coisas foram feitas por Ele, então o Espírito também foi feito”. “Eu,” responde, “afirmei que tudo o que foi feito foi feito por Ele, ainda que seja invisível, incorpóreo ou esteja nos céus. Por isso, não disse absolutamente ‘todas as coisas’, mas ‘tudo o que foi feito’, isto é, ‘coisas criadas’; mas o Espírito é increado.”

Vês a precisão de seu ensinamento? Ele aludiu à criação das coisas materiais (pois acerca dessas Moisés já havia ensinado antes dele) e, depois de nos fazer avançar para coisas superiores, quero dizer, as imateriais e invisíveis, ele exclui o Espírito Santo de toda criação. E assim Paulo, inspirado pela mesma graça, disse: “Porque nele foram criadas todas as coisas.” (Col. 1:16.) Observe aqui também a mesma exatidão. Pois o mesmo Espírito moveu essa alma também. Para que ninguém excluísse quaisquer coisas criadas da obra de Deus por serem invisíveis, nem confundisse o Consolador com elas, após enumerar os objetos sensíveis conhecidos por todos, ele enumera também coisas nos céus, dizendo: “Quer sejam tronos, quer domínios, quer principados, quer potestades”; pois a expressão “quer” colocada junto a cada um mostra-nos nada mais que isto: “por Ele todas as coisas foram feitas, e sem Ele nada do que foi feito foi feito.”

Mas se pensas que a expressão “por” é um sinal de inferioridade (como se Cristo fosse um instrumento), escuta-o dizer: “Tu, Senhor, no princípio fundaste a terra, e os céus são obra das tuas mãos.” (Salmo 102:25.) Ele diz do Filho o que é dito do Pai em sua qualidade de Criador; o que não teria dito se não tivesse considerado o Filho como Criador, e ainda assim não subserviente a ninguém. E se a expressão “por Ele” é aqui usada, é apenas para impedir que alguém suponha que o Filho é Não-Gerado. Pois no que

toca ao título de Criador Ele não é inferior ao Pai; ouve do próprio Filho, quando diz: “Assim como o Pai ressuscita os mortos e os vivifica, assim também o Filho vivifica a quem quer.” (João 5:21.) Se no Antigo Testamento é dito do Filho: “Tu, Senhor, no princípio fundaste a terra,” seu título de Criador é claro. Mas se dizes que o Profeta falou isso do Pai, e que Paulo atribuiu ao Filho o que foi dito do Pai, a conclusão é a mesma. Pois Paulo não teria decidido que a mesma expressão convinha ao Filho, se não estivesse muito certo de que entre o Pai e o Filho havia igualdade de honra; pois seria ato de extrema imprudência referir o que convinha a uma Natureza incomparável a uma natureza inferior e aquém dela. Mas o Filho não é inferior nem fica aquém da Essência do Pai; e por isso Paulo não apenas ousou usar essas expressões acerca dele, mas também outras semelhantes. Pois a expressão “de quem”, que julgais pertencer propriamente só ao Pai, ele também usa acerca do Filho, quando diz: “do qual todo o corpo, ajustado e unido pelo auxílio de todas as juntas, cresce segundo a atividade própria de cada parte, e se edifica a si mesmo em amor.” (Colossenses 2:19.)

[3.] E ele não se contenta apenas com isso, ele também cala as vossas bocas de outra maneira, aplicando ao Pai a expressão "por quem", que vós dizeis ser sinal de inferioridade. Pois ele diz: "Deus é fiel, pelo qual fostes chamados à comunhão de seu Filho" (1 Coríntios 1,9); e ainda, "pela sua vontade" (1 Coríntios 1,1, etc.); e em outro lugar, "pois dele, por ele e para ele são todas as coisas." (Romanos 11,36.) Nem a expressão "de quem" é atribuída somente ao Filho, mas também ao Espírito; pois o anjo disse a José: "Não temas receber Maria tua esposa, porque o que nela foi concebido é do Espírito Santo." (Mateus 1,20.) Assim como o Profeta não considera impróprio aplicar ao Pai a expressão "em quem", que pertence ao Espírito, quando diz: "Em Deus faremos proezas." (Salmo 60,12.) E Paulo, "rogando, se de algum modo agora, por fim, eu tenha uma viagem próspera na vontade de Deus, para ir ter convosco." (Romanos 1,10.) E novamente a usa a respeito de Cristo, dizendo: "Em Cristo Jesus." (Romanos 6,11; 23, etc.) Em resumo, podemos encontrar com frequência e continuamente essas expressões trocadas; isso não teria acontecido se a mesma Essência não fosse, em cada caso, seu sujeito. E para que não imagines que as palavras "Todas as coisas foram feitas por Ele" aqui se referem a seus milagres (pois os outros Evangelistas já trataram disso), ele

continua dizendo: "Ele estava no mundo, e o mundo foi feito por Ele"; (mas não o Espírito, pois este não é do número das coisas criadas, mas das que estão acima de toda criação.)

Agora atentemos ao que se segue. João, tendo falado da obra da criação, dizendo que "Todas as coisas foram feitas por Ele, e sem Ele nada do que foi feito se fez," passa a falar da sua Providência, onde ele diz: "Nele estava a Vida." Para que ninguém duvide de como tantas e tão grandes coisas foram "feitas por Ele", acrescenta que "Nele estava a Vida." Pois assim como a fonte, que é a mãe dos grandes abismos, por mais que dela se tire, nada diminui da fonte; assim também, com a energia do Unigênito, por mais que se creia ter sido produzida e feita por ela, nada disso diminui sua própria essência. Ou, para usar um exemplo mais familiar, citarei a luz, que o próprio Apóstolo acrescenta imediatamente, dizendo: "E a Vida era a Luz." Assim como a luz, por mais que ilumine miríades, não sofre diminuição de seu próprio brilho; assim também Deus, antes de começar Sua obra e depois de completá-la, permanece igualmente indelével, nada diminuído, nem fatigado pela grandeza da criação. Aliás, se fosse necessário criar dez mil, ou mesmo um número infinito de tais mundos, Ele permanece o mesmo, suficiente para não apenas produzi-los, mas também para controlá-los após sua criação. Pois a palavra "Vida" aqui não se refere apenas ao ato da criação, mas também à providência (envolvida) na permanência das coisas criadas; também prefigura a doutrina da ressurreição e é o princípio dessas maravilhosas boas novas. Desde quando a "vida" veio a nós, o poder da morte se dissolveu; e quando a "luz" brilhou sobre nós, já não há mais trevas, mas a vida permanece sempre dentro de nós, e a morte não pode vencê-la. De modo que o que é afirmado do Pai pode ser afirmado absolutamente também dele (Cristo), que "Nele vivemos, nos movemos e existimos." (Colossenses 1,16-17.) Como Paulo demonstrou ao dizer, "Por Ele foram criadas todas as coisas," e "por Ele todas as coisas subsistem"; por isso Ele foi chamado também de "Raiz" e "Fundamento."

Mas, quando ouvirdes que "Nele estava a Vida," não O imagineis um Ser composto, pois mais adiante ele diz também a respeito do Pai: "Como o Pai tem vida em si mesmo, assim deu ao Filho ter vida em si mesmo" (João 5,26);

assim como não diríeis que o Pai é composto por causa dessa expressão, assim também não podeis dizer isso do Filho. Assim, em outro lugar, ele diz que "Deus é Luz" (1 João 1,5), e em outro (diz-se) que Ele "habita na luz inacessível" (1 Timóteo 6,16); ainda que essas expressões sejam usadas não para supor uma natureza composta, mas para que pouco a pouco sejamos conduzidos às doutrinas mais elevadas. Pois como um dos muitos não poderia entender facilmente como Sua vida era Vida Impessoal, ele primeiro usou essa expressão mais humilde, e depois os conduziu (assim treinados) à doutrina superior. Pois Aquele que dissera que "Lhe deu (ao Filho) ter vida" (cap. 5,26), o Mesmo diz em outro lugar: "Eu sou a Vida" (cap. 14,6); e em outro: "Eu sou a Luz." (cap. 8,12.) E qual, diga-me, é a natureza dessa "luz"? Esta luz não é objeto dos sentidos, mas do intelecto, iluminando a própria alma. E visto que Cristo diria depois que "Ninguém pode vir a Mim se o Pai não o trouxer" (cap. 6,44); o Apóstolo antecipou aqui uma objeção e declarou que é Ele (o Filho) quem "dá a luz" (ver. 9); que, embora ouças uma afirmação assim a respeito do Pai, não deves dizer que pertence somente ao Pai, mas também ao Filho. Pois "Todas as coisas," Ele diz, "que o Pai tem são minhas." (cap. 16,15.)

Primeiramente, pois, o Evangelista nos ensinou acerca da criação, depois nos fala dos bens referentes à alma que Ele nos concedeu por Sua vinda; e esses ele descreve obscurecidamente em uma só frase, quando diz: "E a Vida era a Luz dos homens." (vers. 4.) Ele não diz: "era a luz dos judeus," mas universalmente "dos homens": não foram apenas os judeus, mas também os gregos, que chegaram a esse conhecimento, e essa luz foi uma oferta comum feita a todos. "Por que ele não acrescentou 'Anjos', mas disse 'dos homens'?" Porque, no momento, seu discurso é da natureza dos homens, e a eles veio trazendo alegres notícias.

"E a luz resplandece nas trevas." (vers. 5.) Ele chama morte e erro de "trevas." Pois a luz que é objeto dos nossos sentidos não resplandece nas trevas, mas separadamente delas; mas a pregação de Cristo brilhou em meio ao erro predominante, e o fez desaparecer. E Ele, ao suportar a morte, venceu a morte de tal modo que recuperou aqueles já retidos por ela. Assim, nem a

morte o venceu, nem o erro, pois Ele é brilhante em toda parte, e brilha por sua própria força, e por isso diz:

"E as trevas não a compreenderam." Pois ela não pode ser vencida, e não habitará em almas que não desejam ser iluminadas.

[4.] Mas não te perturbe que Ele não tenha tomado todos, porque Deus não nos traz a Si por necessidade ou força, mas por vontade e consentimento. Portanto, não feches as portas contra esta luz, e tu experimentarás grande felicidade. Mas essa luz vem pela fé, e quando ela chega, ilumina abundantemente aquele que a recebeu; e se exibires uma vida pura (condizente) com ela, ela permanece habitando continuamente dentro de ti. "Porque," Ele diz, "aquele que Me ama guardará os Meus mandamentos; e Eu e Meu Pai faremos morada nele." (João 14,23; com ligeira variação.) Assim como ninguém pode usufruir corretamente da luz do sol sem abrir os olhos, também ninguém pode partilhar amplamente deste esplendor sem expandir o olho da alma, tornando-o em todo sentido aguçado para a visão.

Mas como isso se realiza? Quando purificamos a alma de todas as paixões. Pois o pecado é treva, e uma treva profunda; como é claro, porque os homens o praticam inconscientemente e em segredo. Pois, "todo aquele que pratica o mal odeia a luz, e não se aproxima da luz." (João 3,20.) E, "até é vergonha falar das coisas que eles fazem em segredo." (Efésios 5,12.) Pois, assim como na escuridão o homem não distingue amigo de inimigo, nem percebe as propriedades dos objetos; assim também é no pecado. Pois aquele que deseja mais ganho, não faz distinção entre amigo e inimigo; e o invejoso olha com olhos hostis para aquele com quem tem muita intimidade; e o conspirador está em guerra mortal com todos igualmente. Enfim, no que toca distinguir a natureza das coisas, quem peca não é melhor do que um bêbado ou um louco. E assim como na noite, madeira, chumbo, ferro, prata, ouro e pedras preciosas nos parecem iguais pela ausência da luz que mostra suas diferenças; assim aquele que vive impuro não conhece a excelência da temperança nem a beleza da filosofia. Pois na escuridão, como disse, mesmo as pedras preciosas se não exibidas não mostram seu brilho, não por sua natureza, mas pela falta de discernimento dos que as contemplam. E não é só

este o mal que ocorre a nós que estamos no pecado, mas também que vivemos em constante temor: e como homens que andam numa noite sem luar tremem mesmo sem que ninguém os assuste; assim os que praticam a iniquidade não têm confiança, mesmo sem acusadores; mas temem tudo, desconfiados, atormentados pela consciência: tudo lhes é cheio de medo e angústia, olham ao redor e tudo os aterroriza. Fugi, pois, de uma vida tão dolorosa, especialmente porque após essa dor vem a morte; uma morte sem fim, pois o castigo naquele lugar não terá término; e nesta vida os que pecam são como loucos, pois sonham com coisas que não existem. Pensam que são ricos quando não são, que gozam quando não gozam, nem percebem o engano até que sejam libertos dessa loucura e acordem desse sono. Por isso Paulo exorta todos a estarem sóbrios e vigilantes; e Cristo também manda o mesmo. Pois aquele que está sóbrio e acordado, embora seja preso pelo pecado, logo se livra dele; enquanto quem dorme e está descontrolado não percebe como está cativo dele.

Não durmamos, pois. Esta não é a estação da noite, mas do dia. Andemos, pois, "honestamente, como de dia" (Romanos 13,13); e nada é mais indecente do que o pecado. Em termos de indecência, não é tão grave andar nu quanto em pecado e maldade. Isso não é tão censurável, pois pode até ser causado pela pobreza; mas nada tem mais vergonha e menos honra do que o pecador. Pensemos naqueles que vêm à justiça por extorsão ou fraude; quão baixos e ridículos parecem a todos pela sua total falta de vergonha, suas mentiras e audácia. Mas somos seres tão miseráveis e lastimáveis, que não suportamos ver alguém vestir uma roupa torta ou desajeitada; e se vemos outra pessoa assim, a corrigimos; e ainda assim, mesmo que nós e todos ao redor andemos de cabeça para baixo, não percebemos. Pois, o que pode ser mais vergonhoso do que um homem que vai a uma prostituta? O que é mais desprezível do que um insolente, um de língua suja ou um invejoso? De onde vem então que estas coisas não parecem tão desonrosas quanto andar nu? Apenas do costume. Ninguém jamais suportou voluntariamente andar nu; mas todos ousam pecar continuamente, sem medo. Contudo, se alguém entrasse numa assembleia de anjos, onde tais coisas jamais aconteceram, veria claramente a grande ridicularização disso. E por que digo uma assembleia de anjos? Mesmo nos palácios entre nós, se alguém introduzisse uma prostituta para se

divertir, ou se embriagasse demais, ou cometesse qualquer outra indecência semelhante, sofreria punição severa. Mas se é intolerável que homens façam tais coisas nos palácios, muito mais quando o Rei está presente em toda parte, observando tudo que é feito, sofreremos castigo severíssimo se ousarmos tais atos. Por isso vos exorto a mostrarmos na vida muita gentileza e pureza, pois temos um Rei que observa continuamente todas as nossas ações. Para que essa luz sempre nos ilumine abundantemente, aceitemos com alegria esses raios brilhantes, pois assim gozaremos tanto das coisas presentes quanto das futuras, pela graça e misericórdia de nosso Senhor Jesus Cristo, por quem, e com quem, ao Pai e ao Espírito Santo, seja a glória pelos séculos dos séculos. Amém.

Sermão VI.
João capítulo 1, versículo 6 – "Houve um homem enviado por Deus, cujo nome era João."

[1.] Tendo na introdução falado sobre coisas de urgente importância a respeito de Deus, o Verbo, o Evangelista, prosseguindo em sua narrativa e em ordem, vem depois ao arauto do Verbo, seu homônimo João. E agora que ouves que ele foi "enviado por Deus", não imagines daqui em diante que alguma das palavras ditas por ele sejam meras palavras humanas; pois tudo o que ele profere não é seu, mas daquele que o enviou. Por isso ele é chamado "mensageiro" (Ml 3,1), porque a excelência de um mensageiro está em não dizer nada por si mesmo. Mas a palavra "houve" aqui não indica seu surgimento ou existência, e sim refere-se ao seu ofício de mensageiro; pois dizer "houve um homem enviado por Deus" equivale a dizer "um homem foi enviado por Deus."

Como então alguns dizem que a expressão "existindo na forma de Deus" (Fl 2,6) não se refere à Sua semelhança invariável com o Pai, porque não há artigo definido? Pois repare que o artigo não é usado em lugar nenhum ali. Essas palavras então não falam do Pai? O que dizer então do profeta que diz: "Eis que envio o meu mensageiro diante da tua face, que preparará o teu caminho" (Ml 3,1; cf. Mc 1,2)? Pois as expressões "meu" e "teu" indicam duas Pessoas.

Vers. 7. “Este veio como testemunha, para dar testemunho da Luz.”

O que é isso? Talvez alguém diga, o servo dá testemunho do seu senhor? E quando vires não só que Ele é testemunhado pelo seu servo, mas ainda que Ele vem até ele, e que os judeus são batizados por ele, não te surpreenderás ainda mais? Contudo, não deves ficar perturbado ou confuso, mas maravilhado com tamanha bondade inexplicável. Se ainda alguém permanecer desconcertado e confuso, Ele dirá a esse tal, o que disse a João: “Deixa assim por enquanto, pois assim nos convém cumprir toda a justiça” (Mt 3,15); e, se continuar perturbado, dirá também aos judeus: “Eu não recebo testemunho dos homens” (Jo 5,34). Se Ele não precisa desse testemunho, por que então João foi enviado por Deus? Não porque Ele necessite do testemunho – isso seria a blasfêmia máxima. Por quê então? João mesmo nos explica, quando diz:

“Para que todos cressem por meio dele.”

E Cristo também, depois de dizer “Eu não recebo testemunho dos homens” (Jo 5,34), para que não parecesse contradizer-se, declarando de um lado “Há outro que dá testemunho de Mim, e sei que o testemunho que Ele dá de Mim é verdadeiro” (Jo 5,32) — pois Ele se referia a João — e de outro lado “Eu não recebo testemunho dos homens” (Jo 5,34), logo acrescenta a solução da dúvida: “Mas estas coisas digo para que vocês sejam salvos.” Como se dissesse: “Eu sou Deus, o verdadeiro Filho Unigênito de Deus, da essência simples e bem-aventurada, não preciso que ninguém dê testemunho de Mim; e mesmo que ninguém o fizesse, Minha essência não seria diminuída; mas, porque me preocupo com a salvação de muitos, abri mão da minha glória e confiei o testemunho a um homem.” Pois devido à natureza rasteira e à fraqueza dos judeus, a fé n’Ele seria assim mais facilmente acolhida e mais palatável. Assim como Ele Se revestiu da carne para não destruir os homens ao se mostrar Deus aberto, enviou um homem como arauto para que os que ouviam, ao ouvir uma voz semelhante, se aproximassem mais facilmente. Pois para provar que Ele não precisava daquele testemunho, bastaria mostrar-Se em Sua essência manifesta e confundir todos; mas Ele não o fez

pelo motivo já exposto. Teria aniquilado a todos, pois ninguém suportaria a visão daquela luz inacessível. Portanto, como disse, Se fez carne e confiou o testemunho a um dos nossos companheiros, pois preparou tudo para a salvação dos homens, não só para sua honra, mas também para que fosse recebido e proveitoso aos ouvintes. Ele o indicou ao dizer: "Estas coisas digo para que vocês sejam salvos." (Jo 5,34.) E o Evangelista, usando a mesma linguagem do seu Mestre, depois de dizer "para dar testemunho da Luz", acrescenta:

"Para que todos cressem por meio dele."

Como que dizendo: Não pensem que a razão de João Batista ter vindo dar testemunho fosse para aumentar a confiabilidade de seu Mestre. Não; (Ele veio) para que, por meio dele, pessoas do mesmo gênero pudessem crer. Pois fica claro no que se segue que ele usou essa expressão para dissipar de antemão essa suspeita, pois acrescenta:

Vers. 8. "Ele não era a Luz."

Se ele não dissesse isso para se afastar dessa suspeita, a expressão seria supérflua, uma tautologia e não um esclarecimento de sua doutrina. Por que, depois de dizer que ele "veio para dar testemunho da Luz", diria de novo "Ele não era a Luz"? (Ele o diz) não de forma vaga ou sem razão; mas porque, em geral, entre nós, quem dá testemunho é tido por maior e mais confiável do que aquele de quem se dá testemunho; por isso, para que ninguém suspeitasse isso a respeito de João, logo no início ele elimina essa má suspeita e, arrancando-a pela raiz, mostra quem é aquele que dá testemunho, quem é o testemunhado, e quanta distância existe entre o testemunhado e o testemunha. Tendo feito isso e mostrado sua incomparável superioridade, prossegue destemidamente com o relato que resta; e, removendo cuidadosamente quaisquer ideias estranhas que pudessem estar secretamente no espírito dos mais simples, introduz facilmente e sem impedimento a palavra da doutrina na ordem correta.

Oremos, pois, para que, com a revelação destes pensamentos e a retidão da doutrina, tenhamos também uma vida pura e uma conduta brilhante, pois essas coisas não servem para nada se não vierem acompanhadas de boas obras. Pois mesmo que tenhamos toda a fé e todo o conhecimento das Escrituras, se estivermos nus e destituídos da proteção da vida santa, nada impedirá que sejamos precipitados no fogo do inferno e queimemos para sempre na chama inextinguível. Pois assim como os que fizeram o bem ressuscitarão para a vida eterna, assim os que fizeram o contrário ressuscitarão para o castigo eterno, que não terá fim. Mostremos, portanto, toda a diligência para não estragar o ganho que obtivemos pela fé correta pela vilania de nossas ações, mas, tornando-nos agradáveis a Ele por meio delas, olhemos corajosamente para Cristo. Nenhuma felicidade pode ser igual a esta. E que aconteça que todos nós, tendo obtido o que foi mencionado, façamos tudo para a glória de Deus; a quem, com o Filho Unigênito e o Espírito Santo, seja glória para sempre. Amém.

Sermão VII.
João capítulo 1, versículo 9 — "Aquele era a verdadeira luz, que ilumina todo homem que vem ao mundo."

[1.] A razão, ó filhos muito amados, pela qual vos damos o alimento por partes, com os pensamentos extraídos das Escrituras, e não tudo de uma vez, é para que seja fácil reter o que vos é apresentado sucessivamente. Pois mesmo na construção, aquele que antes que as primeiras pedras estejam firmes já coloca outras, constrói um muro todo podre e que se derruba facilmente, enquanto quem espera que o cimento endureça e vai acrescentando o que falta pouco a pouco, termina a casa toda firme e a torna forte, não para durar pouco tempo nem para desmoronar facilmente. Estes construtores imitamos, e semelhantemente edificamos vossas almas. Tememos que, enquanto o primeiro fundamento está apenas recém-assentado, a adição das especulações seguintes possa prejudicar o que já foi posto, devido à insuficiência do entendimento para conter tudo de uma vez.

O que foi lido para nós hoje?

"Aquele era a verdadeira luz, que ilumina todo homem que vem ao mundo." Pois, já que acima, falando de João, foi dito que ele veio "para dar testemunho da Luz"; e que ele foi enviado nestes nossos dias, para que ninguém, ouvindo isso, por causa da recente vinda do testemunho, crie alguma suspeita semelhante acerca daquele de quem se dá testemunho, ele transporta a imaginação para aquela existência que está antes de todo começo, que não tem nem fim nem princípio.

"Como é possível," diz alguém, "que sendo Filho, Ele possua essa natureza?" Estamos falando de Deus, e perguntas como? Não tremes nem te assombras? Mas, se alguém te perguntar: "Como nossas almas e corpos terão vida sem fim no mundo vindouro?" — tu rirás da pergunta, pois sabes que não pertence ao entendimento humano buscar tais coisas, mas que só deves crer e não ser demasiado curioso no assunto, pois tens prova suficiente do que foi dito, no poder daquele que falou. E se dizemos que Aquele que criou nossas almas e corpos, e que supera incomparavelmente todas as coisas criadas, é sem princípio, queres que digamos "como"? Quem poderia chamar isso ato de alma sensata ou de razão sã? Ouviste que "Aquele era a verdadeira Luz": por que, então, buscas em vão e precipitadamente ultrapassar por força de raciocínio essa Vida ilimitada? Não podes fazê-lo. Por que buscar o que não pode ser buscado? Por que ser curioso sobre o incompreensível? Por que investigar o inescrutável? Contempla a própria fonte dos raios solares. Não podes; e no entanto não te enfadas nem te impacientas com tua fraqueza; como, então, te tornas tão ousado e precipitado em coisas maiores? O filho do trovão, João, que toca a trombeta espiritual, quando ouviu do Espírito o "era", não investigou mais. E tu, que não participas da sua graça, mas falas segundo teus próprios raciocínios miseráveis, ambicionas exceder a medida do seu conhecimento? Por isso mesmo nunca alcançarás sequer a medida do seu saber. Pois esta é a astúcia do diabo: ele afasta aqueles que o obedecem dos limites que Deus estabeleceu, como se fosse para coisas muito maiores; mas, tendo-nos seduzido com essas esperanças, quando nos lança fora da graça de Deus, não nos dá mais nada (como poderia, sendo ele próprio demônio?), e nem sequer permite que retornemos à situação anterior, onde habitávamos seguros e tranquilos, mas nos leva errantes em todas as direções, sem nenhum lugar firme para estar. Assim fez com o primeiro

homem criado, banindo-o do paraíso. Inflado pela esperança de maior conhecimento e honra, expulsou-o do que já possuía em segurança. Pois não se tornou semelhante a Deus como o diabo prometera, mas caiu sob o domínio da morte; não ganhou vantagem ao comer da árvore, e perdeu grande parte do conhecimento que possuía, por causa da esperança de maior saber. Pois o sentimento de vergonha, e o desejo de esconder-se pela nudez, vieram sobre ele, que antes da fraude era superior a toda essa vergonha; e esse ver-se nu, e a necessidade futura da cobertura com roupas, e muitas outras fraquezas, passaram a ser naturais a ele. Para que não sejamos assim, obedeçamos a Deus, permaneçamos em Seus mandamentos e não nos ocupemos com coisas além deles, para que não sejamos expulsos dos bens que já nos foram dados. Pois assim aconteceu com aqueles de quem falamos: procurando achar o começo da Vida sem começo, perderam o que poderiam ter guardado. Não acharam o que buscavam (isso é impossível), e caíram da verdadeira fé acerca do Unigênito.

Não removamos, portanto, os limites eternos que nossos pais estabeleceram, mas cedamos sempre às leis do Espírito; e ao ouvirmos que "Aquele era a verdadeira Luz", não busquemos descobrir mais nada. Pois não é possível ir além dessa afirmação. Se Sua geração fosse como a do homem, haveria necessariamente um intervalo entre o que gera e o gerado; mas sendo de modo inexprimível e adequado a Deus, abandonemos o "antes" e o "depois", pois esses são nomes de pontos no tempo, e o Filho é o Criador até mesmo de todas as eras.

[2.] "Então," diz alguém, "Ele não é Pai, mas irmão." Por quê? Se disséssemos que o Pai e o Filho são de raiz diferente, então poderias dizer isso; mas, se fugimos dessa impiedade, e afirmamos que o Pai, além de não ter princípio, é também Não-gerado, e que o Filho, embora sem princípio, é gerado do Pai, por que haveria necessidade de introduzir essa ideia impia? Nenhuma. Pois Ele é um resplendor; e um resplendor está incluído na natureza de quem resplandece. Por isso Paulo o chama assim, para que não imagines intervalo entre o Pai e o Filho (Hb 1,3). Essa expressão, portanto, declara o ponto; mas a parte seguinte da prova citada corrige a opinião errada que poderia assaltar os simples. Pois o Apóstolo diz: não suponhas, porque ouvistes que Ele é um

resplendor, que Ele está desprovido de Sua própria pessoa; isso é impiedade, pertence à loucura dos sabelianos e seguidores de Marcelino. Nós não dizemos isso, mas que Ele é também em Sua própria Pessoa. E por isso, depois de chamá-lo de "resplendor", Paulo acrescentou que Ele é "a expressão exata da Sua pessoa" (Hb 1,3), para mostrar claramente Sua pessoa própria, e que pertence à mesma essência da qual Ele é também a imagem expressa. Como disse antes, não basta usar uma só expressão para expor os ensinamentos sobre Deus, mas convém juntar várias, e escolher de cada uma o que convém. Assim poderemos alcançar uma descrição digna de Sua glória, digna em relação à nossa capacidade; pois quem se julgar capaz de falar palavras adequadas à dignidade essencial de Deus, e se vangloriar disso, é o que menos conhece Deus.

Sabendo isso, mantenhamos firmemente o que "nos foi transmitido, o qual desde o princípio foram testemunhas oculares e ministros da palavra" (Lc 1,2). E não sejamos curiosos além disso; porque dois males seguem os que padecem dessa doença, a curiosidade: o cansaço inútil por buscar o que é impossível de encontrar, e a provocação a Deus por tentar transgredir os limites que Ele estabeleceu. Que ira isso desperta, não precisais aprender conosco, que já sabeis. Portanto, afastemos essa loucura, e tremamos diante de Suas palavras, para que Ele nos fortaleça continuamente. Pois "sobre quem atentarei," diz Ele (Is 66,2), "senão sobre o humilde, o tranquilo e o que teme as minhas palavras?" Deixemos, pois, essa curiosidade perniciosa, quebremos nosso coração, lamenteos nossos pecados como Cristo ordenou, deixemos que o coração se fira por nossas transgressões, e consideremos com exatidão todas as más ações que no passado ousamos cometer, e esforcemo-nos com diligência para apagá-las de todas as maneiras.

Para isso Deus nos abriu muitos caminhos. Pois, "Confessa primeiro," diz Ele, "os teus pecados, para que sejas justificado" (Is 43,26); e também, "Disse: confessei ao Senhor a minha iniquidade, e Tu tiraste a culpa do meu pecado" (Sl 32,5); pois a acusação e lembrança constante dos pecados contribui bastante para diminuir sua gravidade. Mas há outro caminho ainda mais eficaz: não guardar rancor contra quem nos ofendeu, perdoar a todos que nos transgrediram. Queres aprender um terceiro? Ouve Daniel, dizendo:

"Redime teus pecados com esmolas, e teus pecados com misericórdia para com os pobres" (Dn 4,27). Há outro além desse: a constância na oração e a perseverança nas intercessões feitas junto a Deus. Do mesmo modo, o jejum nos traz conforto e alívio dos pecados cometidos, contanto que seja acompanhado de bondade para com os outros, e apaga a veemência da ira de Deus (1 Tm 2,1). Pois "água apaga o fogo ardente, e as obras de misericórdia purificam os pecados" (Eclo 3,30).

Percorramos, pois, todos esses caminhos; pois, se nos dedicarmos inteiramente a eles, e passarmos nosso tempo nessas ocupações, não só lavaremos os pecados passados, mas também ganharemos grande proveito para o futuro. Pois não permitiremos que o diabo nos ataque com ociosidade, nem para vida preguiçosa, nem para curiosidade perniciosa, já que, por essas e outras formas, e em consequência delas, ele nos conduz a perguntas tolas e disputas prejudiciais, ao ver-nos desocupados e ociosos, sem nenhum cuidado pela excelência de vida. Mas vamos fechar essa porta para ele, vigiar e estar sóbrios, para que, tendo trabalhado um pouco nesse breve tempo, possamos obter bens eternos por todas as eras, pela graça e misericórdia de nosso Senhor Jesus Cristo; por quem e com quem e com o Pai e o Espírito Santo seja glória para sempre. Amém.

Sermão VIII.
João 1,9 — "Essa era a verdadeira Luz, que ilumina todo homem que vem ao mundo."

Nada nos impede de tratar hoje também dessas mesmas palavras, já que antes fomos impedidos, pela exposição de doutrinas, de considerar tudo o que foi lido. Onde estão agora aqueles que negam que Ele é o verdadeiro Deus? Pois aqui Ele é chamado "a verdadeira Luz" (cf. João 14,6) e em outros lugares "a Verdade" e "a Vida" em sentido pleno. Esse dizer trataremos de modo mais claro quando chegarmos àquele trecho; mas por enquanto devemos falar um pouco à vossa caridade acerca daquela outra questão.

Se Ele "ilumina todo homem que vem ao mundo", como é que tantos permanecem sem luz? Pois nem todos conheceram a majestade de Cristo.

Como então Ele "ilumina todo homem"? Ele ilumina a todos na medida do que lhes é possível receber n'Ele. Mas se alguns, fechando voluntariamente os olhos da mente, não querem receber os raios dessa Luz, a sua escuridão não provém da natureza da Luz, mas da própria malícia deles, que voluntariamente se privam do dom. Pois a graça é derramada sobre todos, não se afastando nem do judeu, nem do grego, nem do bárbaro, nem do escita, nem do livre, nem do escravo, nem do homem, nem da mulher, nem do velho, nem do jovem, mas admitindo a todos igualmente e convidando com o mesmo respeito. E aqueles que não querem gozar desse dom devem justamente imputar a si mesmos sua cegueira; porque, quando o portão está aberto para todos e ninguém impede, se algum ser voluntariamente malvado permanece de fora, perece por sua própria maldade e não por outra coisa.

Versículo 10. "Ele estava no mundo."

Mas não com duração igual à do mundo. Longe disso. Por isso acrescenta: "E o mundo foi feito por Ele"; conduzindo-te novamente à existência eterna do Unigênito. Pois quem ouviu que este universo é obra d'Ele, mesmo que seja muito insensato, ou inimigo da glória de Deus, certamente, queira ou não, será forçado a confessar que o Criador é anterior às suas obras. Daí me admira sempre a loucura de Paulo de Samosata, que ousou negar tão manifesta verdade e se lançou voluntariamente no precipício. Pois ele não errou por ignorância, mas com pleno conhecimento, estando no mesmo caso que os judeus. Pois estes, fixando-se nos homens, abandonaram a fé verdadeira, sabendo que Ele era o Filho unigênito de Deus, mas não O confessando por causa de seus líderes, para não serem expulsos da sinagoga; assim se diz que ele, para agradar certa mulher, vendeu a própria salvação. Coisa poderosa, verdadeiramente poderosa, é a tirania da vaidade; ela é capaz de cegar até os olhos dos sábios, se não forem sóbrios; pois se o recebimento de presentes pode fazer isso, muito mais o sentimento violento dessa paixão. Por isso Jesus disse aos judeus: "Como podeis crer, vós que recebeis honra uns dos outros, e não buscais a honra que vem só de Deus?" (João 5,44)

"E o mundo não O conheceu." Por "mundo" aqui se entende a multidão

corrupta e presa às coisas terrenas, o povo comum, turbulento e insensato. Pois os amigos e prediletos de Deus O conheceram, mesmo antes da sua vinda em carne. A respeito dos patriarcas, o próprio Cristo fala nominalmente: "Vosso pai Abraão alegrou-se por ver o meu dia, e viu-o e se alegrou." (João 8,56) E a respeito de Davi, refutando os judeus, Ele disse: "Como, pois, Davi em espírito o chama Senhor, dizendo: Disse o Senhor ao meu Senhor: Assenta-te à minha direita?" (Mt 22,43; Mc 12,36; Lc 20,42) E em muitos lugares, discutindo com eles, Ele menciona Moisés; e o apóstolo cita os demais profetas; pois Pedro declara que todos os profetas, desde Samuel, O conheciam e previam de longe a sua vinda, quando diz: "Todos os profetas, desde Samuel e aqueles que seguem, quantos falaram, também anunciaram esses dias." (Atos 3,24) Mas Jacó, seu pai e seu avô, receberam a aparição e falaram com Ele, e receberam a promessa de muitas e grandes bênçãos, que Ele cumpriu.

"Como então," diz alguém, "Ele mesmo disse: ‘Muitos profetas desejaram ver as coisas que vós vedes e não viram; e ouvir as coisas que ouvistes e não ouviram’? (Lc 10,24) Eles não compartilhavam desse conhecimento?" Certamente sim; e tentarei esclarecer isso por meio do próprio dizer, pelo qual alguns pensam estar privados dele. Pois "muitos" desejaram ver as coisas que vós vedes. Ou seja, eles sabiam que Ele viria do céu, viveria e ensinaria como Ele viveu e ensinou; pois se não soubessem, não poderiam desejar algo; pois ninguém pode desejar o que não conhece. Portanto, eles conheceram o Filho do Homem e que Ele viria entre os homens. Então, o que são as coisas que não viram e não ouviram? São as coisas que agora vedes e ouvis. Porque se eles ouviram Sua voz e O viram, não foi na carne, não foi entre os homens; nem quando Ele vivia tão familiarmente e conversava tão abertamente com eles. E, para mostrar isso, Ele não disse simplesmente "ver-Me": mas "as coisas que vós vedes"; nem "ouvir-Me": mas "as coisas que ouvistes." Assim, se eles não viram Sua vinda em carne, ainda assim sabiam que viria, desejavam-na e acreditavam n’Ele sem O terem visto na carne.

Quando, pois, os gregos nos acusam com tais palavras, dizendo: "O que então fez Cristo outrora, que não olhou para a raça humana? E por que razão veio finalmente ajudar na nossa salvação, depois de nos ter negligenciado por

tanto tempo?" responderemos que antes disso Ele estava no mundo, cuidando de Suas obras e era conhecido por todos os dignos. Mas se disserdes que, porque todos então não O conheceram, porque Ele foi conhecido apenas por nobres e excelentes pessoas, por isso não foi reconhecido; por essa lógica não permitiríeis que Ele seja adorado agora, pois ainda hoje nem todos O conhecem. Mas, assim como hoje ninguém, por causa dos que não O conhecem, deixa de crer naqueles que O conhecem, assim também nos tempos antigos não devemos duvidar que Ele foi conhecido por muitos, ou melhor, por todas essas pessoas nobres e admiráveis.

[2.] E se alguém disser: "Por que então nem todos os homens lhe deram atenção? Nem todos o adoraram, mas somente os justos?" Eu também perguntarei: por que, mesmo agora, nem todos os homens o conhecem? Mas por que falar de Cristo, quando nem todos conheciam seu Pai naquela época, ou o conhecem agora? Pois alguns dizem que todas as coisas acontecem por acaso, enquanto outros entregam a providência do universo aos demônios. Outros inventam um outro deus além Dele, e alguns blasfemam dizendo que Ele é uma potência oposta, e pensam que suas leis são as leis de um demônio maligno. Que faremos então? Diremos que Ele não é Deus porque alguns assim dizem? E devemos confessá-Lo como mal? Pois há quem até assim o blasfeme. Fora com tais devaneios, tal insanidade completa. Se formos traçar doutrinas segundo o juízo dos loucos, nada nos impede de ficarmos nós mesmos loucos com a mais grave loucura. Ninguém afirmará, olhando para pessoas com visão fraca, que o sol é prejudicial aos olhos, mas dirá que ele é próprio para iluminar, tirando seu juízo de pessoas sadias. E ninguém chamará o mel de amargo porque assim parece ao paladar de um doente. E haverá alguém que, pelas imaginações de homens doentes (de mente), decidirá que Deus ou não existe, ou é mau; ou que Ele às vezes exerce Sua Providência, e às vezes não? Quem pode dizer que tais homens têm a mente sã, ou negar que estão fora de si, delirando, completamente loucos?

Ele diz: "O mundo não O conheceu"; mas os que o mundo não merecia, conheceram-No. E, depois de falar daqueles que não O conheceram, ele logo apresenta a causa de sua ignorância; pois não diz absolutamente que

ninguém O conheceu, mas que "o mundo não O conheceu"; isto é, aquelas pessoas que estão como pregadas somente ao mundo, e que se preocupam com as coisas do mundo. Pois assim Cristo costumava chamá-las; como quando diz: "Ó Pai santo, o mundo não Te conheceu." (João 17:25.) O mundo, portanto, estava ignorante, não só Dele, mas também de Seu Pai, como dissemos; porque nada escurece tanto a mente quanto apegar-se firmemente às coisas presentes.

Sabendo disso, afaste-se do mundo, e desprenda-se tanto quanto possível das coisas carnais, pois o dano que lhe advém dessas não está nas coisas comuns, mas no que é o maior dos bens. Pois não é possível que o homem que se apega fortemente às coisas desta vida alcance verdadeiramente as do céu; quem se empenha em uma necessariamente perde a outra. "Não podeis servir a Deus e a Mamom" (Mateus 6:24), pois deveis apegar-vos a um e odiar o outro. E isso a própria experiência das coisas proclama em voz alta. Aqueles, por exemplo, que ridicularizam o desejo por dinheiro são especialmente os que amam a Deus como devem; assim como aqueles que respeitam aquela soberania (de Mamom) são os que têm, acima de todos, o amor mais frouxo por Ele. Pois a alma, uma vez feita prisioneira da cobiça, não recusará facilmente fazer ou dizer nada que irrite a Deus, sendo escrava de outro senhor, e de um que dá todos os seus comandos em oposição direta a Deus. Voltem-se então finalmente ao bom senso, despertem-se, e lembrando de quem somos servos, amemos somente o Seu reino; choremos, lamentemos pelos tempos passados em que fomos servos de Mamom; abandonemos de uma vez por todas seu jugo tão intolerável, tão pesado, e continuemos a carregar o leve e suave jugo de Cristo. Pois Ele não impõe sobre nós os mesmos mandamentos que Mamom. Mamom nos manda ser inimigos de todos os homens, mas Cristo, ao contrário, manda abraçar e amar a todos. Aquele, pregando-nos ao barro e à fabricação de tijolos (pois ouro é isso), não nos permite nem ao menos respirar um pouco à noite; o outro nos liberta desse cuidado excessivo e insensato, e nos manda juntar tesouros no céu, não por injustiça para com os outros, mas pela nossa própria justiça. Aquele, depois de nossas muitas fadigas e sofrimentos, não pode nos ajudar quando somos punidos naquele lugar e sofremos por causa de suas leis, antes aumenta o fogo; o outro, embora nos mande dar até

mesmo um copo de água fria, jamais deixa que percamos nossa recompensa por isso, mas nos retribui abundantemente. Como então não seria extrema loucura desprezar uma lei tão mansa, tão cheia de todos os bens, e servir a um tirano ingrato e sem reconhecimento, que nem neste mundo nem no outro pode ajudar aqueles que lhe obedecem e lhe dão atenção? E não é essa a única coisa terrível, nem essa é a única pena, que ele não defende os seus quando são punidos; mas, além disso, como disse antes, cerca aqueles que lhe obedecem de milhares de males. Pois entre os punidos naquele lugar, pode-se ver que a maioria o é por essa causa: que foram escravos do dinheiro, amaram o ouro, e não ajudaram os necessitados. Para que não sejamos assim, vamos distribuir, vamos dar aos pobres, vamos livrar nossas almas dos cuidados prejudiciais neste mundo e da vingança que por causa disso nos aguarda naquele lugar. Vamos acumular justiça nos céus. Em vez de riquezas na terra, coletemos tesouros invulneráveis, tesouros que possam nos acompanhar na jornada ao céu, que possam nos ajudar em nosso perigo e fazer o Juiz propício naquele momento. Que Ele seja misericordioso para conosco, agora e naquele dia, e que gozemos com muita confiança das coisas boas preparadas nos céus para os que o amam como devem, pela graça e bondade do nosso Senhor Jesus Cristo, a quem, ao Pai e ao Espírito Santo, seja glória agora e sempre, pelos séculos dos séculos. Amém.

Sermão IX
João 1,11 — "Veio para o que era seu, e os seus não o receberam."

[1.] Se vocês recordam as reflexões anteriores, avançaremos com maior zelo na construção do que ainda resta, pois assim faremos grande proveito. Nosso discurso será mais claro para vocês que já se lembram do que foi dito, e não precisaremos de muito esforço, porque, pelo grande amor ao aprendizado, conseguirão compreender melhor o que falta. O homem que sempre perde o que recebe precisará sempre de um mestre e nunca saberá nada; mas aquele que guarda o que recebeu e ainda recebe o que falta, logo será mestre em vez de aprendiz, útil não só para si, mas para todos; assim imagino, vendo sua grande prontidão para ouvir, que esta assembleia será especialmente assim. Venham, pois, guardemos em suas almas, como num tesouro seguro, o

dinheiro do Senhor, e revelemos, na medida da graça do Espírito que nos fortalece, as palavras que hoje nos são propostas.

Ele (São João) dissera, falando dos tempos antigos, que "o mundo não o conheceu" (v. 10); depois, descendo na narrativa até os tempos da pregação do Evangelho, diz: "Veio para o que era seu, e os seus não o receberam", chamando agora os judeus de "seus", como seu povo escolhido, ou talvez toda a humanidade, criada por Ele. E como antes, quando perplexo com a loucura dos muitos, e envergonhado de nossa natureza comum, ele disse que "o mundo foi feito por Ele", e, sendo feito, não reconheceu seu Criador; assim aqui, ainda mais perturbado pela estupidez dos judeus e da multidão, expõe a acusação de forma mais enfática, dizendo que "os seus não o receberam", e isso quando Ele veio a eles. E não só ele, mas os profetas também, admirados, disseram o mesmo, assim como Paulo depois, surpreendido pelas mesmas coisas. Assim os profetas clamaram em nome de Cristo: "Um povo que eu não conheci me serviu; assim que me ouviram, me obedeceram; os filhos estranhos me traíram. Os filhos estranhos envelheceram e desviaram-se dos seus caminhos." (Salmo 18,43-45 LXX) E ainda: "Os que não tinham ouvido falar dele verão, e os que não tinham ouvido entenderão." E: "Eu fui encontrado por aqueles que não me buscaram" (Isaías 52,15); "Eu me manifestei àqueles que não perguntaram por mim." (Isaías 45,1, citado em Romanos 10,20.) E Paulo, em suas cartas aos Romanos, disse: "Pois o que diremos? Que Israel não obteve o que buscava, mas a eleição obteve." (Rom. 11,7) E ainda: "Que diremos, pois? Que os gentios, que não seguiram a justiça, alcançaram a justiça, mas Israel, que buscava a lei da justiça, não a alcançou." (Rom. 9,30)

É realmente motivo de espanto que aqueles que foram criados no conhecimento dos livros proféticos, que ouviam Moisés todos os dias lhes falar de milhares de coisas sobre a vinda do Cristo, e os demais profetas também, que viram o próprio Cristo realizando milagres entre eles diariamente, dedicando-se exclusivamente a eles, não permitindo ainda que os discípulos fossem aos gentios, nem Ele próprio, mas declarando sempre que fora enviado às ovelhas perdidas de Israel (Mateus 10,5); como, embora tenham visto os sinais, ouvido os profetas e o próprio Cristo continuamente

os recordando, ainda assim se fizeram tão cegos e obtusos que nenhum desses motivos os levou à fé em Cristo (Mateus 15,24). Enquanto os gentios, que nada disso tiveram, que nunca ouviram os oráculos de Deus, nem mesmo em sonho, mas vagueavam nas fábulas dos insanos (pois a filosofia pagã é isso), que tinham em mãos as tolices de seus poetas, presos a estátuas e pedras, e que nem em doutrina nem em vida tinham coisa alguma boa ou sã — pois seu modo de vida era ainda mais impuro e amaldiçoado que sua doutrina, como era de se esperar, já que viam seus deuses deliciarem-se em toda perversidade, adorados com palavras e atos vergonhosos, contando isso como festa e louvor, e ainda honrados por assassinatos e infanticídios — ainda assim, embora tão decaídos na maldade, de repente, como por um mecanismo, apareceram para nós brilhando do alto, do mais alto céu.

Como então e de onde veio isso? Ouçam Paulo lhes dizer. Pois esse bendito, examinando exatamente essas coisas, não cessou enquanto não encontrou a causa e a declarou a todos. Qual é, então? De onde veio tal cegueira aos judeus? Ouçam o encarregado deste ministério dizer. O que ele responde para resolver essa dúvida de muitos? (1 Cor. 9,17) "Pois eles", diz ele, "ignorando a justiça de Deus e querendo estabelecer a sua própria justiça, não se submeteram à justiça de Deus." (Rom. 10,3) Por isso sofreram isso. E explicando a mesma questão de outra forma, ele diz: "Que diremos, pois? Que os gentios, que não buscaram a justiça, obtiveram a justiça pela fé; mas Israel, que buscava a justiça pela lei, não a alcançou. Por quê? Porque não a buscou pela fé. Porque tropeçaram na pedra de tropeço." (Rom. 9,30) O sentido é este: a incredulidade desses homens causou suas desgraças, e sua soberba gerou a incredulidade. Pois, tendo gozado antes maiores privilégios que os gentios, por terem recebido a lei, por conhecerem a Deus e outros benefícios que Paulo menciona, depois da vinda de Cristo, vendo os gentios chamados ao mesmo nível pela fé, e recebendo-a, os circuncidados em nada sendo preferidos aos gentios, invejaram e ficaram orgulhosos, não suportando a insondável e imensa misericórdia do Senhor. Isso lhes aconteceu por nada além do orgulho, maldade e dureza de coração.

[2.] Pois em que, ó homem mais tolo, sois prejudicado pelo cuidado que se tem com os outros? De que maneira as vossas bênçãos diminuem por haver

outros que compartilham das mesmas? Mas, verdadeiramente, a maldade é cega e não percebe facilmente aquilo que deveria. Sendo, pois, atormentados pela perspectiva de que outros possam compartilhar da mesma confiança, eles cravam uma espada contra si mesmos e se excluem da misericórdia de Deus. E com razão. Pois Ele diz: "Amigo, não te faço injustiça; a estes também darei o mesmo que a ti." (Mateus 20,14.) Ou melhor, esses judeus não merecem nem mesmo essas palavras. Pois o homem da parábola, se estava insatisfeito, ainda podia falar do trabalho e do cansaço, do calor e do suor de um dia inteiro. Mas o que poderiam esses homens dizer? Nada disso, senão preguiça, depravação e milhares de coisas más, das quais todos os profetas continuamente os acusavam, e pelas quais, como os gentios, haviam ofendido a Deus. E Paulo, declarando isso, diz: "Não há diferença entre judeu e grego, pois todos pecaram e carecem da glória de Deus, e são justificados gratuitamente pela sua graça." (Romanos 3,22-24; 10,12.) E sobre esse assunto ele trata de modo proveitoso e muito sábio ao longo daquela Epístola. Mas numa parte anterior ele prova que são dignos de castigo ainda maior. "Pois todos os que pecaram sob a lei serão julgados pela lei" (Romanos 2,12); isto é, mais severamente, pois têm contra si a acusação da lei e da natureza. E não só por isso, mas porque foram a causa de que Deus seja blasfemado entre os gentios: "O meu nome é blasfemado entre os gentios por causa de vós." (Romanos 2,24; Isaías 52,5.)

Pois agora, isso foi o que mais os feriu, (pois a coisa parecia incrível até mesmo para os circuncisos que acreditavam, e por isso acusaram Pedro, quando ele veio a eles de Cesaréia, de que "entrou em casa de homens incircuncisos e comeu com eles" (Atos 11,3); e depois que compreenderam a disposição de Deus, ainda assim se maravilhavam de que "também sobre os gentios fosse derramado o dom do Espírito Santo" (Atos 10,45), mostrando por sua surpresa que jamais poderiam ter esperado algo tão incrível). Sabendo que isso os atingia profundamente, vejam como ele desmontou o orgulho deles e a arrogância inflada. Pois, depois de discursar sobre o caso dos gentios e mostrar que eles não tinham desculpa nem esperança de salvação, e de acusá-los firmemente da perversão de suas doutrinas e da impureza de suas vidas, ele volta sua argumentação para os judeus; e depois de citar todas as expressões do profeta, nas quais ele dizia que eles eram

pessoas contaminadas, traiçoeiras, hipócritas e "totalmente inúteis," que "ninguém entre eles busca a Deus," que todos "se desviaram do caminho" (Romanos 3,12) e coisas semelhantes, ele acrescenta: "Sabemos que tudo o que a lei diz, ela o diz aos que estão sob a lei, para que toda boca seja fechada e o mundo inteiro fique culpado diante de Deus." (Romanos 3,19) "Pois todos pecaram e carecem da glória de Deus." (Romanos 3,23)

Por que te exaltas então, ó judeu? Por que és arrogante? Pois tua boca também está fechada, tua ousadia te foi tirada, tu também, como todos os outros, tornaste-te culpado, e, como os demais, precisas ser justificado gratuitamente. Certamente, mesmo que tivesses permanecido firme e tivesses grande ousadia diante de Deus, não deverias invejar aqueles que devem ser piedosamente salvos pela Sua misericórdia. Isto é o ápice da maldade: invejar as bênçãos dos outros, especialmente quando isso acontece sem qualquer perda para ti. Se, de fato, a salvação dos outros prejudicasse teus benefícios, teu pesar seria compreensível; embora nem mesmo então o fosse para quem aprendeu a verdadeira sabedoria. Mas se tua recompensa não é aumentada pelo castigo alheio, nem diminuída pelo bem-estar dele, por que lamentas que outro seja salvo gratuitamente? Como disse, mesmo que fosses um dos aprovados, não deverias entristecer-te pela salvação que vem aos gentios pela graça. Mas quando tu, que és culpado perante teu Senhor pelas mesmas coisas, e que tu mesmo pecaste, te desagrada o bem alheio e te consideras superior, como se só tu devesse participar da graça, és culpado não só de inveja e insolência, mas de extrema tolice, e poderás ser sujeito aos tormentos mais severos; porque plantaste em ti mesmo a raiz de todos os males: o orgulho.

Por isso um sábio disse: "O orgulho é o começo do pecado" (Eclo 10,13); isto é, a raiz, a fonte, a mãe do pecado. Por causa disso, o primeiro criado foi expulso daquele lugar feliz; por isso o diabo, que o enganou, caiu daquela altura de dignidade; sabendo que a natureza do pecado era suficiente para derrubá-lo do céu, veio por esse caminho quando se esforçou para derrubar Adão de tão alta honra. Pois, inflado pela promessa de que seria como um Deus, ele o derrubou e o lançou aos abismos do inferno. Porque nada afasta tanto o homem da misericórdia de Deus e o entrega ao fogo do inferno como

o tirano orgulho. Pois, quando ele está presente em nós, toda nossa vida se torna impura, mesmo que cumpramos temperança, castidade, jejum, oração, esmola, qualquer coisa. Pois "todo aquele que é orgulhoso de coração é abominação para o Senhor." (Provérbios 16,5.) Portanto, restrinjamos esse inchaço da alma, cortemos pela raiz essa massa de orgulho, se pelo menos desejarmos ser limpos e escapar da punição destinada ao diabo. Pois o orgulhoso deve cair sob o mesmo castigo daquele (maligno), como Paulo declara: "Não sendo noviço, se alguém se eleva em orgulho, cai em juízo e na armadilha do diabo." Qual é esse "juízo"? Ele quer dizer a mesma "condenação," o mesmo castigo. Como, então, diz ele, o homem pode evitar essa coisa terrível? Refletindo sobre sua própria natureza, sobre a quantidade de seus pecados, sobre a grandeza dos tormentos naquele lugar, sobre a natureza passageira das coisas que parecem brilhantes neste mundo, que não diferem em nada da relva e murcham mais do que as flores da primavera. Se continuamente agitamos dentro de nós essas considerações e mantemos em mente aqueles que andaram mais retamente, o diabo, por mais que tente, não poderá nos elevar nem nos fazer tropeçar. Que o Deus dos humildes, o Deus bom e misericordioso, conceda a ti e a mim um coração quebrantado e humilhado, para que possamos ordenar o resto com facilidade, para a glória do nosso Senhor Jesus Cristo, por quem e com quem, ao Pai e ao Espírito Santo, seja glória para sempre. Amém.

Sermão X
João 1,11 – "Veio para o que era seu, e os seus não o receberam."

[1.] Amados, Deus, sendo amoroso para com o homem e benevolente, faz e ordena todas as coisas para que possamos brilhar na virtude, e como desejando que sejamos aprovados por Ele. Para esse fim, Ele não arrasta ninguém pela força ou compulsão, mas pela persuasão e benefícios atrai todos os que querem e os conquista para Si mesmo. Por isso, quando Ele veio, alguns O receberam, e outros não. Pois Ele não quer servos forçados ou relutantes, mas todos de livre vontade e escolha, gratos a Ele pelo serviço prestado. Os homens, necessitando do ministério dos servos, mantêm muitos nesse estado mesmo contra a sua vontade, pela lei da propriedade; mas Deus, não precisando de nada nosso, e fazendo tudo apenas para a nossa salvação,

nos deixa completamente livres nessa questão, e portanto não impõe força nem compulsão a nenhum dos que não querem. Porque Ele pensa só no nosso benefício; e ser forçado a um serviço assim é o mesmo que não servi-lo.

"Por que então," alguém diz, "Ele pune os que não O escutam, e por que ameaçou o inferno aos que não suportam Seus mandamentos?" Porque, sendo infinitamente Bom, Ele se importa até com os que não O obedecem, e não se afasta daqueles que se afastam e fogem d'Ele. Mas quando rejeitamos a primeira maneira de Sua benevolência, e recusamos o caminho da persuasão e bondade, então Ele aplicou o outro caminho, o da correção e das punições; amargo, sem dúvida, mas ainda assim necessário, quando o anterior é desprezado. Os legisladores também impõem muitas penas rigorosas aos infratores, e ainda assim não os odiamos por isso; pelo contrário, os honramos mais por causa das punições que estabeleceram, porque, mesmo não precisando de nada que temos, e muitas vezes não sabendo quem seriam os beneficiários das suas leis escritas, ainda assim cuidam da boa ordem de nossas vidas, recompensando os virtuosos e punindo os intemperantes e aqueles que perturbam a paz dos outros. Se admiramos e amamos esses homens, quanto mais devemos admirar e amar a Deus por Seu tão grande cuidado! Pois a diferença entre o cuidado deles e o Dele para conosco é infinita. Inefáveis, sem dúvida, são as riquezas da bondade de Deus, e ultrapassam todo limite.

Considera: "Veio para o que era seu", não por necessidade pessoal (pois, como disse, a Divindade não tem necessidades), mas para fazer o bem ao Seu povo. Ainda assim, nem assim os seus O receberam, quando Ele veio para o benefício deles, mas O rejeitaram, e não só isso, mas até O expulsaram da vinha e O mataram. Mesmo assim, Ele não os excluiu do arrependimento, mas lhes concedeu, se quisessem, depois de tal maldade, lavar todas as suas transgressões pela fé n'Ele, e serem colocados em igualdade com os que nada assim fizeram, mas são Seus amigos especiais.

E não digo isso ao acaso, ou só para persuadir: toda a história do bem-aventurado Paulo declara isso em voz alta. Pois, quando ele, que após a

Cruz perseguiu Cristo e apedrejou o mártir Estêvão com aquelas muitas mãos, se arrependeu, condenou seus pecados passados e correu para Aquele a quem perseguira, Ele imediatamente o contou entre Seus amigos, e o mais destacado deles, nomeando-o arauto e mestre para todo o mundo, ele que fora "blasfemo, perseguidor e injurioso" (1 Tim. 1,13). Como ele, regozijando-se na misericórdia de Deus, proclamou em alta voz, sem vergonha, mas tendo registrado em seus escritos, como em um pilar, os feitos que outrora ousara, mostrando-os a todos; considerando melhor que sua vida passada ficasse exposta à vista de todos, para que a grandeza do dom gratuito de Deus se manifestasse, do que obscurecer Sua misericórdia inefável e indescritível hesitando em exibir publicamente seu erro. Por isso, constantemente trata de sua perseguição, suas maquinações, suas guerras contra a Igreja, ora dizendo: "Não sou digno de ser chamado Apóstolo, porque persegui a Igreja de Deus" (1 Cor. 15,9); ora: "Jesus veio ao mundo para salvar os pecadores, dos quais eu sou o principal" (1 Tim. 1,15); e de novo: "Ouvistes a minha vida passada no judaísmo, como sem medida persegui a igreja de Deus e a destruí" (Gl 1,13).

[2.] Como que fazendo uma espécie de retribuição a Cristo por Sua paciência para com ele, ao mostrar quem ele era, que tipo de inimigo e odioso Ele salvou, declarou com muita franqueza a guerra que no início ele travou com todo zelo contra Cristo; e com isso oferece boas esperanças àqueles que desesperaram de sua condição. Pois ele diz que Cristo o aceitou, para que nele primeiro "manifestasse toda a longanimidade" (1 Timóteo 1,16), e as ricas abundâncias de Sua bondade, "para modelo daqueles que haveriam de crer n'Ele para a vida eterna." Porque as coisas que ousaram fazer foram grandes demais para qualquer perdão, que o Evangelista, ao declarar, disse:

"Veio para o que era seu, e os seus não O receberam." De onde veio Aquele que enche todas as coisas e está presente em todo lugar? Que lugar Ele esvaziou de Sua presença, Aquele que segura e segura todas as coisas em Sua mão? Ele não trocou um lugar por outro; como poderia? Mas por Seu descer até nós Ele realizou isso. Pois, embora estivesse no mundo, não parecia estar ali, porque ainda não era conhecido, mas depois manifestou-Se, dignando-Se a tomar sobre Si a nossa carne; ele (São João) chama essa manifestação e

descida de "vinda." Pode-se admirar o discípulo que não se envergonha da desonra do seu Mestre, mas ainda registra a insolência que lhe foi feita: e, no entanto, esta não é uma pequena prova de sua sinceridade. Além disso, quem sente vergonha deve senti-la pelos que ofenderam, e não pela pessoa ultrajada. De fato, por isso mesmo Ele brilhou ainda mais, ao tomar, mesmo após a ofensa, tanto cuidado para com aqueles que a fizeram; enquanto eles apareciam ingratos e malditos aos olhos de todos os homens, por terem rejeitado Aquele que veio para lhes trazer tão grandes bens, como odiosos e inimigos. E não foram feridos apenas nisso, mas também por não obterem o que obtiveram os que O receberam. O que estes obtiveram?

Verso 12. "Mas a todos quantos O receberam deu-lhes o poder de se tornarem filhos de Deus", diz o Evangelista. "Por que então, ó bendito, não nos contas também o castigo dos que não O receberam? Disseste que eram 'os seus', e que quando 'veio para os seus, não O receberam'; mas o que sofrerão por isso, que punição terão, não acrescentaste. Contudo, assim tu os terias mais aterrorizado, e suavizado a dureza da loucura deles com a ameaça. Por que então silenciaste?" "E que outra punição," diriam, "pode ser maior do que esta, que, quando lhes é oferecido o poder de se tornarem filhos de Deus, eles não o aceitam, mas voluntariamente se privam de tão nobre e honroso privilégio?" Embora o castigo deles não se detenha aí, pois além de não ganharem bem algum, o fogo inextinguível os receberá, como mais adiante ele revela claramente. Por enquanto, porém, ele fala dos bens inexprimíveis dos que O receberam, e coloca estas palavras brevemente diante de nós, dizendo: "A todos quantos O receberam deu-lhes o poder de se tornarem filhos de Deus." Seja escravo ou livre, grego ou bárbaro, cita ou não, mulher ou homem, criança ou idoso, honrado ou desonrado, rico ou pobre, governante ou particular, todos, diz ele, são considerados dignos do mesmo privilégio; pois a fé e a graça do Espírito, removendo a desigualdade causada pelas coisas do mundo, moldaram todos a uma mesma forma, e lhes imprimiram uma mesma marca, a do Rei. Que pode igualar tal bondade? Um rei, feito da mesma argila que nós, não se digna a contar entre seus servidores os seus semelhantes, que partilham da mesma natureza com ele, e que por vezes têm caráter melhor, se forem escravos; mas o Filho unigênito de Deus não desprezou contar entre a companhia de Seus filhos tanto

publicanos, feiticeiros e escravos, quanto homens de reputação inferior e maior pobreza do que esses, aleijados e sofrendo de mil males. Tal é o poder da fé n'Ele, tal o excesso de Sua graça. E assim como o elemento fogo, ao encontrar minério, logo o transforma em ouro, assim — e muito mais — o Batismo faz com que os lavados se tornem ouro em vez de barro; o Espírito, nesse momento, caindo como fogo em nossas almas, queima a "imagem do terreno" (1 Cor. 15,49), produzindo "a imagem do celestial", recém-forjada, brilhante e cintilante, como se saída do molde da fornalha.

Por que, então, disse ele que "deu-lhes poder para se tornarem filhos de Deus" e não que "os fez filhos de Deus"? Para mostrar que precisamos de muito zelo para conservar a imagem da filiação impressa em nós no Batismo, toda a vida, sem mácula nem mancha; e ao mesmo tempo mostrar que ninguém poderá tirar esse poder de nós, a menos que sejamos os primeiros a privar-nos dele. Pois, se entre os homens, aqueles que receberam controle absoluto de qualquer assunto têm quase tanto poder quanto aqueles que lhes deram o encargo, muito mais nós, que recebemos tal honra de Deus, seremos maiores e melhores do que todos os demais. Ao mesmo tempo, ele quer mostrar também que a graça não desce sobre o homem indiscriminadamente, mas sobre aqueles que a desejam e se esforçam por ela. Pois está em poder destes se tornarem filhos (Dele), já que, se não fizerem essa escolha primeiro, o dom não lhes vem, nem produz efeito.

[3.] Tendo, portanto, excluído em toda parte a coerção e apontado para a escolha voluntária e o livre arbítrio do homem, ele disse o mesmo agora. Pois, mesmo nessas bênçãos místicas, é, por um lado, parte de Deus conceder a graça, por outro, do homem oferecer a fé; e no tempo futuro é necessário muito empenho para o que ainda resta. Para preservar nossa pureza, não basta apenas termos sido batizados e crido, mas se quisermos continuamente desfrutar desse brilho, devemos mostrar uma vida digna dele. Esta, então, é a obra de Deus em nós. Ter nascido do Nascimento místico e ter sido purificado de todos os nossos pecados anteriores vem do Batismo; mas permanecer puro para o futuro, nunca mais admitir nenhuma mancha, pertence ao nosso próprio poder e diligência. E esta é a razão pela qual ele

nos lembra da maneira do nascimento, e pela comparação com as dores da carne mostra sua excelência, quando diz:

Verso 13. "Que nasceram, não da vontade da carne, nem da vontade do homem, mas de Deus." Ele fez isso para que, considerando a vilania e a baixez do primeiro nascimento, que é "da carne" e "da vontade da carne", e percebendo a elevação e nobreza do segundo, que é pela graça, possamos formar daí uma grande opinião sobre ele, digna do dom daquele que nos gerou, e para o futuro manifestar muito empenho.

Pois há um não pequeno temor de que, havendo em algum momento manchado essa bela roupa por nossa preguiça e transgressões posteriores, sejamos expulsos do aposento interior e da câmara nupcial, como as cinco virgens loucas, ou como aquele que não tinha vestido de casamento. (Mateus 25; Mateus 22.) Ele também era um dos convidados, pois fora convidado; mas porque, depois do convite e de tão grande honra, se comportou com insolência para com Aquele que o convidara, ouça que punição sofre, quão lamentável, digno de muitas lágrimas. Pois, ao tentar participar daquela esplêndida mesa, não só lhe é negado o mínimo, mas, atado de mãos e pés, é lançado nas trevas exteriores para sofrer pranto e ranger de dentes eternos e sem fim. Portanto, amados, não esperemos que a fé seja suficiente para nossa salvação; pois, se não mostrarmos uma vida pura, mas virmos vestidos com roupas indignas dessa chamada bendita, nada impede que soframos o mesmo que aquele miserável. É estranho que Ele, que é Deus e Rei, não se envergonhe de homens vis, mendigos e de má reputação, mas os leve, mesmo eles, vindos de caminhos tortuosos, àquela mesa; enquanto nós mostramos tanta insensibilidade, a ponto de não sermos nem melhorados por tão grande honra, mas, após o chamado, permanecemos em nossa velha maldade, abusando insolentemente da incomensurável bondade daquele que nos chamou. Pois não foi para isso que Ele nos chamou à comunhão espiritual e admirável de seus mistérios, para que entremos com nossa antiga maldade; mas para que, tirando nossa imundície, mudássemos nossa veste para uma que convém àqueles que são convidados para lugares. Mas se não agirmos dignamente dessa chamada, isso já não depende daquele que nos honrou,

mas de nós mesmos; não é Ele quem nos expulsa daquela admirável companhia de convidados, mas nós nos expulsamos.

Ele fez tudo que era seu dever. Fez o casamento, providenciou a mesa, enviou pessoas para nos chamar, nos recebeu quando chegamos e nos honrou com toda honra; mas nós, ao ofendermos Aquele, a companhia e o casamento com nossas roupas imundas, isto é, nossas ações impuras, somos com razão expulsos. É para honrar o casamento e os convidados que Ele afasta aqueles ousados e sem vergonha; pois, se permitisse que aqueles vestidos assim permanecessem, pareceria estar insultando os demais. Mas que nunca aconteça que algum de nós ou de outros encontre isso daquele que nos chamou! Pois para isso todas essas coisas foram escritas antes que acontecessem, para que, sob o temor das ameaças das Escrituras, não permitamos que essa vergonha e castigo cheguem ao ato, mas parem apenas na palavra, e cada um venha àquela chamada com vestes brilhantes; o que se cumpra para que todos desfrutemos, pela graça e bondade de nosso Senhor Jesus Cristo, por quem e com quem, ao Pai e ao Espírito Santo, seja glória para sempre. Amém.

Sermão XI
João 1,14 — "E o Verbo se fez carne e habitou entre nós."

[1.] Desejo pedir um favor a todos vocês, antes de abordar as palavras do Evangelho; não recusem meu pedido, pois não peço nada pesado ou oneroso, nem, se concedido, será útil apenas para mim que o recebo, mas também para vocês que o concedem, e talvez muito mais para vocês. O que então exijo de vocês? Que cada um de vocês tome em mãos a passagem dos Evangelhos que será lida entre vocês no primeiro dia da semana, ou mesmo no Sábado, e antes que o dia chegue, sente-se em casa e a leia inteira, e com frequência considere cuidadosamente seu conteúdo, examinando bem todas as suas partes, o que é claro, o que é obscuro, o que parece favorecer os adversários, mas que na realidade não o faz; e, quando tiverem examinado, em uma palavra, cada ponto, então venham ouvi-la ser lida. Pois de um zelo assim haverá não pouco benefício para vocês e para nós. Não precisaremos de muito esforço para tornar querido o significado do que é dito, porque suas

mentes já estarão familiarizadas com o sentido das palavras, e vocês se tornarão mais aguçados e perspicazes não só para ouvir, nem apenas para aprender, mas também para ensinar aos outros. Pois, do modo que a maioria dos que aqui vêm ouve agora, tentando captar de uma vez só o sentido das palavras e das explicações que fazemos sobre elas, não colherão, mesmo que façamos isso por um ano inteiro, grande proveito algum. Como poderiam, quando têm lazer para o que é dito apenas como uma ocupação paralela, e somente neste lugar, e por tão pouco tempo? Se alguém culpasse o negócio, os cuidados e a constante ocupação em assuntos públicos e privados, em primeiro lugar, esta é uma acusação nada leve em si mesma, que estão rodeados de tantos negócios, tão continuamente presos às coisas desta vida, que não podem achar nem um pouco de tempo para o que é mais necessário que tudo. Além disso, se isto é apenas um pretexto e desculpa, seus encontros com amigos provam o contrário, seu tempo perdido nos teatros, e as festas que fazem para ver corridas de cavalos, nas quais passam muitas vezes o dia inteiro, e, mesmo assim, nunca, nesse caso, alguém reclama da falta de tempo. Pois para futilidades então vocês sempre encontram tempo de sobra sem dar desculpas; mas quando devem atender às coisas de Deus, estas parecem-lhes tão totalmente supérfluas e insignificantes, que pensam não dever reservar sequer um pouco de tempo para elas? Como merecem respirar ou olhar para o sol os homens de tal disposição?

Há outra desculpa muito tola desses preguiçosos: que não têm os livros em sua posse. Quanto aos ricos, é ridículo que tomemos isso como desculpa; mas porque imagino que muitos dos mais pobres a usem continuamente, gostaria de perguntar se cada um deles não tem todas as ferramentas do ofício em que trabalha, completas, ainda que a pobreza infinita se oponha? Não é então estranho, nesse caso, não atribuir a culpa à pobreza, mas usar todos os meios para que não haja obstáculo de nenhuma parte, mas, quando poderíamos ganhar tão grande vantagem, lamentar nossa falta de tempo e pobreza?

Além disso, mesmo que alguém seja tão pobre, está em seu poder, por meio da leitura contínua das Sagradas Escrituras que aqui acontece, não ignorar nada do que nelas está contido. Ou se isso lhes parecer impossível, assim o é com razão; porque muitos não vêm com fervoroso zelo para escutar o que é

dito, mas, tendo feito essa única coisa por formalidade por nossa causa, voltam imediatamente para casa. Ou se alguém fica, não está melhor disposto do que aqueles que se retiraram, pois está aqui conosco só no corpo. Mas, para não sobrecarregá-los com acusações e gastar todo o tempo apenas encontrando defeitos, prossigamos às palavras do Evangelho, pois é tempo de dirigir o restante do nosso discurso ao que nos é apresentado. Portanto, despertem-se, para que nada do que é dito lhes escape.

"E o Verbo se fez carne," diz ele, "e habitou entre nós."

Depois de declarar que aqueles que o receberam foram "gerados de Deus" e se tornaram "filhos de Deus," ele acrescenta a causa e a razão dessa inefável honra. É que "o Verbo se fez carne," que o Mestre tomou para Si a forma de servo. Pois Aquele que era Filho de Deus tornou-se Filho do homem, para que pudesse fazer dos filhos dos homens filhos de Deus. Pois o que é elevado, ao associar-se com o que é baixo, não perde em nada a própria honra, enquanto eleva o outro da sua profunda humilhação; e assim foi com o Senhor. Ele em nada diminuiu Sua própria natureza por essa condescendência, mas elevou-nos, que sempre estivemos sentados na desgraça e nas trevas, a uma glória inefável. Assim como um rei, ao conversar com interesse e bondade com um homem pobre e humilde, não se envergonha de modo algum, mas faz o outro ser notado por todos e ilustre. Agora, se no caso da dignidade adquirida dos homens, a convivência com a pessoa humilde não prejudica em nada o mais honrado, quanto menos poderá fazê-lo no caso daquela Essência simples e bendita que não tem nada adquirido, nem sujeito a crescimento ou decadência, mas possui todos os bens imutáveis e fixos para sempre. De modo que, quando ouvirem que "o Verbo se fez carne," não fiquem perturbados nem abatidos. Pois essa Essência não se transformou em carne (é impiedade imaginar isso), mas, permanecendo o que é, tomou para Si a forma de servo.

[2.] Por que, então, Ele usa a expressão "foi feito"? Para calar a boca dos hereges. Pois, como há alguns que dizem que todas as circunstâncias da Dispensação foram uma aparência, uma encenação, uma alegoria, para afastar desde já a sua blasfêmia, Ele empregou "foi feito", querendo mostrar

assim não uma mudança de substância (fora de questão tal pensamento), mas a assunção da carne verdadeira. Pois, assim como quando (Paulo) diz: "Cristo nos resgatou da maldição da lei, sendo feito maldição por nós", não quer dizer que Sua essência, afastando-se da Sua glória própria, assumiu o ser de uma coisa maldita (isso nem mesmo os demônios poderiam imaginar, nem os mais tolos, nem aqueles destituídos do entendimento natural — tal impiedade e loucura isso contém), assim (São Paulo) não diz isso, mas que Ele, ao assumir sobre Si a maldição pronunciada contra nós, nos liberta da maldição; assim também aqui (São João) diz que Ele "foi feito carne", não por mudar Sua essência em carne, mas por assumir carne para Si, Sua essência permaneceu intacta.

Se disserem que, sendo Deus, Ele é Onipotente, de modo que poderia abaixar-Se à substância da carne, responderemos que Ele é Onipotente enquanto continua a ser Deus. Mas se admitir mudança, mudança para pior, como poderia Ele ser Deus? Pois a mudança está longe daquela natureza simples. Por isso o Profeta diz: "Todos eles envelhecerão como uma veste, e tu os enrolarás como uma capa, e eles serão mudados; mas tu és o mesmo, e os teus anos não acabarão." (Salmo 102,27) Porque essa Essência está acima de toda mudança. Não há nada melhor do que Ele a que pudesse avançar ou alcançar. Melhor, digo? Não, nem igual, nem sequer próximo a Ele. Resta, portanto, que se Ele mudar, deve admitir uma mudança para pior; e isso não seria Deus. Mas que a blasfêmia retorne sobre a cabeça dos que a pronunciam. Não, para mostrar que Ele usa a expressão "foi feito" somente para que vocês não suponham uma mera aparência, ouçam o que vem depois como ele esclarece o argumento e derruba essa sugestão maligna. Pois o que acrescenta? "E habitou entre nós." Quase dizendo: "Não imaginem nada impróprio na palavra 'foi feito'; eu não falei de qualquer mudança daquela Natureza imutável, mas de Sua morada e habitação. Mas aquilo que habita não pode ser o mesmo que aquilo em que habita, mas diferente; uma coisa habita em outra, caso contrário não seria habitação; pois nada pode habitar a si mesmo. Quero dizer, diferente quanto à essência; pois por uma união e junção, Deus Verbo e a Carne são Um, não por confusão ou obliteramento das substâncias, mas por certa união inefável e incompreensível. Não perguntem como, pois 'foi feito' segundo o que Ele sabe."

Qual foi, então, o tabernáculo em que Ele habitou? Ouçam o Profeta dizer: "Eu levantarei o tabernáculo de Davi que caiu." (Amós 9,11) Caiu, de fato, nossa natureza havia caído numa queda incurável, e precisava somente daquela mão poderosa. Não havia possibilidade de erguer-la novamente, se Aquele que a formou no início não estendesse para ela Sua mão, e a estampasse de novo com Sua imagem, pela regeneração da água e do Espírito. E observem, peço-vos, a terrível e inefável natureza do mistério. Ele habita este tabernáculo para sempre, porque Se vestiu de nossa carne, não para depois a deixar, mas para tê-la sempre consigo. Se isso não fosse assim, Ele não teria considerado digno do trono real, nem, usando-a, teria sido adorado por todo o exército do céu: anjos, arcanjos, tronos, principados, dominações e potestades. Que palavra, que pensamento pode representar tão grande honra feita à nossa raça, tão verdadeiramente maravilhosa e terrível? Que anjo, que arcanjo? Nenhum em qualquer lugar, seja no céu, seja na terra. Pois assim são as obras poderosas de Deus, tão grandes e maravilhosos são Seus benefícios, que uma descrição correta deles excede não só a língua dos homens, mas mesmo o poder dos anjos.

Por isso, por um momento encerraremos nosso discurso e ficaremos em silêncio; entregando somente a vocês este encargo, que paguem a este nosso tão grande Benefator com uma retribuição que nos traga lucro a todos. A retribuição é que cuidemos com toda diligência do estado de nossas almas. Pois também esta é obra da Sua bondade amorosa, que Aquele que nada necessita de nós diz ser recompensado quando cuidamos de nossas próprias almas. Portanto, é um ato de extrema loucura, e merecedor de dez mil castigos, se nós, quando tal honra foi derramada sobre nós, nem mesmo contribuirmos com o que pudermos, e ainda mais quando o proveito volta a nós por esses meios, e dez mil bênçãos são apresentadas diante de nós nessas condições. Por tudo isso, rendamos glória ao nosso misericordioso Deus, não só com palavras, mas muito mais com obras, para que possamos obter as coisas boas daqui em diante, que todos alcancemos, pela graça e bondade do nosso Senhor Jesus Cristo, por quem e com quem, ao Pai e ao Espírito Santo, seja glória para sempre. Amém.

Sermão XII.
João 1,14 — "E nós vimos a sua glória, glória como do Unigênito do Pai, cheia de graça e de verdade."

[1.] Talvez, no outro dia, tenhamos parecido para vocês desnecessariamente duros e pesados, usando uma linguagem muito severa e prolongando demais nossas repreensões contra a preguiça de muitos. Agora, se tivéssemos feito isso por mero desejo de irritá-los, cada um de vocês teria motivos para se zangar; mas, se, pensando no vosso benefício, deixamos de lado o que pudesse agradar, se não quiserem dar crédito à nossa prudência, ao menos nos perdoem por amor tão terno. Pois, na verdade, tememos muito que, se nós nos esforçamos e vocês não quiserem manifestar o mesmo zelo em ouvir, o vosso futuro julgamento possa ser ainda mais severo. Por isso, somos compelidos continuamente a despertar e a excitar vocês, para que nada do que é dito lhes escape. Pois assim vocês poderão viver no presente com muita confiança e apresentar-se naquele Dia diante do tribunal de Cristo. Já que recentemente lhes tocamos suficientemente, comecemos hoje pelas próprias expressões.

"Vimos," ele diz, "a sua glória, a glória como do Unigênito do Pai."

Tendo declarado que fomos feitos "filhos de Deus" e mostrado de que maneira, ou seja, pela "Palavra" que foi "feita carne," ele novamente menciona outra vantagem que ganhamos desta mesma circunstância. Qual é? "Vimos a sua glória, a glória como do Unigênito do Pai"; que não poderíamos ter visto se não nos tivesse sido revelada por meio de um corpo semelhante ao nosso. Pois se os homens antigos não podiam sequer suportar olhar o rosto glorificado de Moisés, que participava da mesma natureza que nós, se aquele justo necessitou de um véu para encobrir a pureza da sua glória e mostrar-lhes a face do seu profeta, mansa e suave; como nós, criaturas de barro e terra, poderíamos suportar a divindade descoberta, que é inatingível até mesmo pelos poderes celestes? Por isso, Ele habitou entre nós, para que pudéssemos com muito destemor aproximar-nos dele, falar com Ele e conversar.

Mas o que significa "a glória como do Unigênito do Pai"? Muitos profetas também foram glorificados, como o próprio Moisés, Elias e Eliseu, um cercado pelo carro de fogo (2 Reis 6,17), o outro levado por ele; e depois deles, Daniel e os três jovens, e muitos outros que realizaram maravilhas; e anjos que apareceram entre os homens, e em parte revelaram aos que os viam a luz cintilante da sua própria natureza; e não só anjos, mas até mesmo os Querubins foram vistos pelo Profeta em grande glória, assim como os Serafins: o Evangelista nos afasta de tudo isso, desviando nossos pensamentos das coisas criadas e do brilho dos nossos semelhantes, e nos coloca no cume do bem. Pois, "nem de profeta," diz ele, "nem de anjo, nem de arcanjo, nem de poder superior, nem de qualquer outra natureza criada, se é que existe outra, mas do próprio Mestre, do próprio Rei, do verdadeiro Unigênito, do próprio Senhor de tudo, vimos a glória."

Pois a expressão "como" aqui não indica semelhança ou comparação, mas confirmação e definição indubitável; como se dissesse: "Vimos a glória tal qual convinha e era próprio que Ele possuísse, que é o Unigênito e verdadeiro Filho de Deus, o Rei de tudo." Este modo de falar é comum; não rejeito reforçar meu argumento por um costume comum, já que meu objetivo agora não é a beleza das palavras ou a elegância da composição, mas apenas o vosso proveito; portanto, nada impede que eu fundamente meu argumento com um costume popular. Qual é o costume da maioria? Frequentemente, quando alguém viu um rei ricamente adornado, brilhando por todos os lados com pedras preciosas, e depois descreve a outros a beleza, os ornamentos, o esplendor, enumera o máximo que pode: a cor viva da púrpura do manto, o tamanho das joias, a brancura dos mulos, o ouro no jugo, o leito macio e brilhante. Mas, após enumerar essas e outras coisas, quando não conseguem, digam o que disserem, transmitir plenamente o esplendor, logo acrescentam: "Mas por que dizer tanto? Ele foi, em resumo, como um rei." Não querem com "como" dizer que ele se parece com um rei, mas que ele é um rei de verdade. Assim o Evangelista colocou a palavra "como" para representar a natureza transcendente e a excelência incomparável da sua glória.

De fato, todos os outros, anjos, arcanjos e profetas, fizeram tudo como sob comando; mas Ele, com a autoridade própria de um Rei e Senhor; o que até

mesmo as multidões admiravam, porque Ele ensinava "como quem tem autoridade." (Mt 7,29.) Mesmo anjos, como já disse, apareceram com grande glória sobre a terra; como nos casos de Daniel, Davi, Moisés, mas todos como servos que têm um Senhor. Ele, porém, como Senhor e Governador de tudo, e isso quando apareceu em forma pobre e humilde; mas mesmo assim, a criação reconheceu seu Senhor. Agora, a estrela do céu que chamou os magos para adorá-lo, a vasta multidão de anjos que acompanhava o Senhor e entoava louvores, e além deles muitos outros arautos que surgiram repentinamente, e todos, ao se encontrarem, anunciavam uns aos outros as boas novas deste mistério inefável; os anjos aos pastores, os pastores aos da cidade, Gabriel a Maria e Isabel, Ana e Simeão aos que iam ao Templo. E não apenas homens e mulheres se alegraram, mas o próprio infante ainda não nascido, cidadão do deserto, homônimo deste Evangelista, saltou ainda no ventre materno, e todos se elevaram com esperanças para o futuro. Isso ocorreu logo após o nascimento. Mas, quando Ele se manifestou ainda mais, outros prodígios, ainda maiores que os primeiros, foram vistos. Pois não era mais uma estrela ou o céu, nem anjos ou arcanjos, nem Gabriel ou Miguel, mas o próprio Pai do céu que o proclamou, e com o Pai o Consolador, que desceu no momento da voz e repousou sobre Ele. Verdadeiramente, portanto, ele disse: "Vimos a sua glória, a glória como do Unigênito do Pai."

[2.] Contudo, Ele o diz não somente por causa dessas coisas, mas também por causa do que lhes seguiu; pois já não são apenas os pastores, as viúvas e os anciãos que nos anunciam as boas novas, mas a própria voz das coisas em si, soando mais clara que qualquer trombeta, e tão alta, que o som foi imediatamente ouvido até nesta terra. "Pois," diz alguém, "a fama dele se espalhou por toda a Síria" (Mateus 4,24); e Ele se revelou a todos, e tudo em toda parte exclamava que o Rei do Céu havia chegado. Espíritos malignos fugiam de todos os lados e se afastavam; Satanás cobriu o rosto e retirou-se; a morte, naquele tempo, recuou diante dele, e depois desapareceu por completo; todo tipo de enfermidade foi libertada; os túmulos soltaram os mortos; os demônios, aqueles a quem haviam enlouquecido; e as doenças libertaram os enfermos. E podia-se ver coisas estranhas e maravilhosas, tais como, com justa causa, os profetas desejaram ver, mas não viram. Podia-se ver olhos restaurados (João 9,6-7), vê-lo mostrar a todos, em pouco tempo e

na parte mais nobre do corpo, aquela coisa admirável que todos teriam desejado ver: como Deus formou Adão da terra; membros paralisados e deformados foram consertados e ajustados uns aos outros; mãos mortas moviam-se; pés paralisados saltavam vigorosamente; ouvidos obstruídos foram abertos novamente; e a língua, que antes estava presa pela mudez, soava alto. Pois, tendo tomado sobre si a natureza comum dos homens, como algum excelente artífice que pega uma casa arruinada pelo tempo, Ele reparou o que estava quebrado, juntou as fendas e partes abaladas, e ergueu novamente o que estava completamente destruído.

E o que se deve dizer da formação da alma, muito mais admirável do que a do corpo? A saúde dos nossos corpos é algo grande, mas a da alma é tanto maior quanto a alma é superior ao corpo. E não somente por isso, mas porque nossa natureza corporal segue para onde quer que o Criador a conduza, sem resistência, mas a alma, sendo sua própria senhora e possuindo poder sobre suas ações, não obedece a Deus em tudo, a menos que queira. Pois Deus não fará dela algo belo e excelente se ela for relutante e, de certa forma, obrigada pela força, porque isso não é virtude alguma; mas Ele deve persuadi-la a tornar-se assim por sua própria vontade e escolha. E, portanto, essa cura é mais difícil que a outra; ainda assim, também esta teve sucesso, e todo tipo de maldade foi banido. E assim como Ele reordenou os corpos que curou, não apenas para a saúde, mas para a mais alta vigorosidade, assim não apenas livrou as almas da maldade extrema, mas as elevou ao mais alto grau de excelência. Um publicano tornou-se apóstolo, um perseguidor, blasfemador e injurioso apareceu como arauto para o mundo; os magos se tornaram mestres dos judeus; um ladrão foi declarado cidadão do Paraíso; uma prostituta brilhou pela grandeza de sua fé; e, das duas mulheres, uma da Canaã e outra da Samaria — esta última também uma prostituta — empenhou-se em pregar o Evangelho aos seus conterrâneos, e, tendo cercado toda uma cidade em sua rede, assim os trouxe a Cristo; enquanto a primeira, pela fé e perseverança, conseguiu a expulsão de um espírito maligno da alma de sua filha; e muitos outros, ainda piores que estes, foram imediatamente contados entre os discípulos, e logo todas as enfermidades dos seus corpos e doenças de suas almas foram transformadas, e eles foram novamente moldados para a saúde e a mais exata virtude. E desses, não

apenas dois ou três homens, nem cinco, dez, vinte ou cem, mas cidades e nações inteiras foram facilmente remodeladas. Por que falar da sabedoria dos mandamentos, da excelência das leis celestiais, da boa organização da política angélica? Pois tal vida Ele nos propôs, tais leis nos determinou, tal governo estabeleceu, que aqueles que praticam essas coisas tornam-se imediatamente anjos e semelhantes a Deus, na medida do possível para nós, mesmo que tenham sido piores que todos os homens.

[3.] Portanto, o Evangelista, tendo reunido todas essas coisas — as maravilhas em nossos corpos, em nossas almas, nos elementos (da nossa fé), os mandamentos, aqueles dons inefáveis e superiores aos céus, as leis, a ordem, a persuasão, as promessas futuras, Seus sofrimentos — pronunciou aquela voz tão maravilhosa e cheia de doutrina sublime, dizendo: "Nós vimos a Sua glória, a glória do Unigênito do Pai, cheio de graça e verdade." Pois nós O admiramos não somente por causa dos milagres, mas também por causa dos sofrimentos; como o fato de ter sido pregado na cruz, açoitado, surrado, cuspido, e ter recebido golpes na face daqueles a quem Ele havia feito o bem. Porque até mesmo daquelas coisas que parecem vergonhosas, é adequado repetir a mesma expressão, pois Ele mesmo chamou aquela ação de "glória." Pois o que então aconteceu foi (prova) não só de bondade e amor, mas também de um poder indescritível. Naquele tempo, a morte foi abolida, a maldição foi desfeita, os demônios foram envergonhados, levados em triunfo e exibidos, e o escrito dos nossos pecados foi pregado na cruz. E então, enquanto essas maravilhas aconteciam invisivelmente, outras ocorreram visivelmente, mostrando que Ele era de fato o Filho Unigênito de Deus, o Senhor de toda a criação. Pois, enquanto aquele corpo bendito ainda pendia na árvore, o sol afastou seus raios, toda a terra se perturbou e escureceu, os sepulcros se abriram, a terra tremeu, e uma multidão incontável de mortos saltou para fora e entrou na cidade. E enquanto as pedras de Seu túmulo estavam fixadas no sepulcro, e os selos ainda sobre elas, os mortos ressuscitaram, o Crucificado, aquele que fora perfurado pelos pregos, e, tendo enchido seus onze discípulos com Seu poder poderoso, enviou-os para os homens em todo o mundo, para serem curadores comuns de toda a humanidade, para corrigir seu modo de vida, para espalhar por toda a terra o conhecimento de suas doutrinas celestiais, para derrubar a tirania dos

demônios, para ensinar aquelas grandes e inefáveis bênçãos, para nos trazer as boas novas da imortalidade da alma, da vida eterna do corpo, e das recompensas além da compreensão, que nunca terão fim. Essas coisas, então, e ainda mais que estas, o bendito Evangelista tendo em mente — coisas que, embora conhecesse, não pôde escrever, porque o mundo não poderia contê-las (pois, se todas as coisas "fossem escritas uma a uma, creio que nem o mundo conteria os livros que seriam escritos" — c. xxi. 25) — refletindo, portanto, em tudo isso, exclama: "Nós vimos a Sua glória, a glória do Unigênito do Pai, cheio de graça e verdade."

Convém, portanto, àqueles que foram considerados dignos de ver e ouvir tais coisas, e que desfrutaram de tão grande dom, mostrar também uma vida digna das doutrinas, para que possam gozar também as coisas boas que estão reservadas lá. Pois nosso Senhor Jesus Cristo veio não somente para que contemplássemos Sua glória aqui, mas também aquela que há de vir. Por isso Ele diz: "Quero que estes também estejam comigo onde eu estiver, para que vejam a minha glória." (c. xvii. 24.) Agora, se a glória aqui foi tão brilhante e esplêndida, o que dizer daquela que há de vir? Pois ela não aparecerá nesta terra corruptível, nem enquanto estivermos em corpos perecíveis, mas em uma criação incorruptível, que não envelhece, e com um brilho impossível até mesmo de descrever em palavras. Ó abençoados, três vezes abençoados, sim, muitas vezes abençoados, aqueles que forem considerados dignos de ser contempladores daquela glória! É sobre isso que o profeta diz: "Que os ímpios sejam afastados, para que não vejam a glória do Senhor." (Isaías 26,10 — LXX.) Que Deus conceda que nenhum de nós seja jamais afastado ou excluído de contemplá-la. Pois se não a gozarmos depois, então é hora de dizermos de nós mesmos: "Melhor fora para nós que não tivéssemos nascido." Pois por que vivemos e respiramos? O que somos, se falharmos naquele espetáculo, se ninguém nos permitir então contemplar nosso Senhor? Se aqueles que não veem a luz do sol suportam uma vida mais amarga que a morte, o que é provável que sofram os que forem privados daquela luz? Pois, em um caso, a perda se limita a essa única privação; mas no outro não se detém aí (embora se fosse só isso que se deva temer, mesmo assim os graus de punição não seriam iguais, mas um seria tão mais severo quanto o sol é incomparavelmente superior a esta luz), mas agora devemos

esperar também por outra vingança; pois aquele que não vê essa luz não deve apenas ser conduzido à escuridão, mas deve ser continuamente queimado, consumido, ranger os dentes, e sofrer outras dezenas de mil coisas terríveis. Não permitamos, portanto, que, fazendo deste breve tempo um tempo de descuido e negligência, caiamos no castigo eterno, mas vigiemos e sejamos sóbrios, façamos tudo, e tornemos isso nosso único cuidado: alcançar essa felicidade e manter-nos longe daquele rio de fogo, que ruge estrondosamente diante do terrível tribunal. Pois quem uma vez for lançado ali, permanecerá para sempre; não há ninguém para livrá-lo da punição, nem pai, nem mãe, nem irmão. E isso os próprios profetas declararam em voz alta; um deles dizendo: "Irmão não livra irmão. Será que o homem livrará?" (Salmo 49,7 — LXX.) E Ezequiel declarou ainda mais: "Ainda que Noé, Daniel e Jó estivessem nele, não livrariam filhos nem filhas." (Ezequiel 14,16.) Pois há uma só defesa, que é pelas obras, e quem for privado dela não pode ser salvo por outro meio. Meditando, portanto, nessas coisas e refletindo nelas continuamente, purifiquemos nossa vida e tornemo-la brilhante, para que possamos ver o Senhor com ousadia e obter as coisas boas prometidas; pela graça e misericórdia de nosso Senhor Jesus Cristo, por quem e com quem, ao Pai e ao Espírito Santo, seja a glória para sempre. Amém.

Sermão XIII
João 1,15 — "João dá testemunho dele, e clama, dizendo: Este é aquele de quem eu falei, 'Aquele que vem depois de mim é preferido a mim, porque já existia antes de mim'."

[1.] Corremos e trabalhamos então em vão? Semeamos sobre pedras? A semente cai sobre as pedras? Ou a semente cai sem que saibamos, à beira do caminho e entre espinhos? Estou muito aflito e temo que nossa lavoura não seja proveitosa; não como se eu viesse a ser perdedor, assim como vocês, quanto à recompensa deste trabalho. Pois não é assim com aqueles que ensinam, como com os lavradores. Frequentemente, o lavrador, após um ano de trabalho, de esforço e suor, se a terra não produzir fruto adequado ao seu esforço, não encontrará consolo para o seu labor em ninguém, mas voltará envergonhado e abatido do celeiro para sua casa, para sua esposa e filhos, incapaz de exigir de alguém recompensa por seu trabalho prolongado. Mas

no nosso caso, nada disso acontece. Porque, mesmo que o solo que cultivamos não produza fruto, se tivermos dado todo o nosso empenho, o Senhor da terra e de nós não nos permitirá partir com esperanças frustradas, mas nos dará a recompensa; pois, como diz São Paulo, "cada um receberá a sua recompensa conforme o seu trabalho" (1 Coríntios 3,8), e não conforme o resultado das coisas. E para que isso fique claro, escutem: "E tu", diz Ele, "Filho do homem, dá testemunho a este povo, quer que ouça, quer que não ouça" (Ezequiel 2,5; não da LXX). E Ezequiel diz: "Se o vigia der o alarme do que deve fugir e do que deve escolher, terá salvo a sua alma, ainda que ninguém dê ouvidos" (Ezequiel 3,18 e 33,9; não citado da LXX). Apesar de termos esta forte consolação e confiança na recompensa que receberemos, ainda assim, quando vemos que o trabalho em vocês não avança, nossa condição não é melhor que a dos lavradores que lamentam, que choram, que escondem o rosto e ficam envergonhados. Este é o sentimento do professor, este é o cuidado natural de um pai. Pois também Moisés, quando podia livrar-se da ingratidão dos judeus e lançar o fundamento mais glorioso de outro povo, muito maior ("Deixa-me só", disse Deus, "para que os consuma e faça de ti uma nação mais poderosa que esta" — Êxodo 32,10), sendo homem santo, servo de Deus e amigo verdadeiro e generoso, não suportou sequer ouvir esta palavra, mas preferiu morrer com aqueles que lhe tinham sido confiados, do que salvar-se sem eles e estar em maior honra. Assim deve ser aquele que tem a responsabilidade das almas. Pois é estranho que alguém com filhos fracos não seja chamado pai senão daqueles que lhe nasceram, mas aquele que tem discípulos confiados a si mude continuamente um rebanho por outro, passando ora por estes, ora por aqueles, ora por outros, sem ter afeto verdadeiro por nenhum. Que nunca tenhamos motivo para suspeitar isso de vocês. Confiamos que vocês abundam mais em fé no nosso Senhor Jesus Cristo, e em amor uns para com os outros e para com todos os homens. E isso dizemos desejando que o zelo de vocês aumente, e que a excelência da vossa conduta avance ainda mais. Pois assim vocês poderão compreender até a profundidade das palavras que lhes apresentamos, se nenhuma película de maldade escurecer os olhos do vosso entendimento, perturbando sua claridade e agudeza.

O que então nos é apresentado hoje? "João deu testemunho dele e clamou, dizendo: Este é aquele de quem falei, 'Aquele que vem depois de mim é preferido a mim, porque já existia antes de mim'." O Evangelista menciona João frequentemente, e enfatiza muito o seu testemunho. E isso não é sem razão, mas muito sabiamente; porque todos os judeus tinham grande admiração por esse homem (até Josefo atribui a guerra à sua morte, e mostra que, por causa dele, aquela que fora a cidade mãe não é mais cidade alguma, e continua por longo trecho o elogio a ele), e portanto, desejando envergonhar os judeus por meio dele, recorda continuamente o testemunho do precursor. Os outros Evangelistas mencionam os antigos profetas, e a cada acontecimento que envolve Jesus remetem os ouvintes a eles. Assim, quando a criança nasce, dizem: "Tudo isso aconteceu para que se cumprisse o que fora dito pelo profeta Isaías: Eis que a virgem conceberá e dará à luz um filho" (Mateus 1,22; Isaías 7,14); e quando Ele é procurado para ser morto, até mesmo os infantes são assassinados por causa de Herodes, trazem Jeremias, dizendo: "Em Ramá ouviu-se um clamor, pranto e grande lamentação; Raquel chora por seus filhos" (Mateus 2,18; Jeremias 31,15); e novamente, quando Ele sai do Egito, mencionam Oseias, dizendo: "Do Egito chamei o meu filho" (Mateus 2,15; Oseias 11,1); e fazem isso em toda parte. Mas João, dando testemunho mais claro e fresco, e clamando com voz mais gloriosa que os demais, apresenta continuamente não só os que já partiram e estão mortos, mas também aquele que estava vivo e presente, que o indicou e o batizou — esse ele introduz constantemente, não querendo tirar o mérito do mestre em favor do servo, mas adaptando-se à fraqueza de seus ouvintes. Pois, se Ele não tivesse assumido a forma de servo, não teria sido facilmente aceito; e se Ele não tivesse preparado os ouvidos de seus companheiros servos pela voz de um servo, muitos dos judeus não teriam acolhido a Palavra.

[2.] Mas além disso, havia outra grande e maravilhosa providência. Porque, como falar grandes palavras a respeito de si mesmo faz a testemunha ser suspeita, e muitas vezes é um obstáculo para muitos ouvintes, outro vem para testemunhar acerca Dele. E além disso, a muitos é costume correr mais prontamente para uma voz que lhes seja mais familiar e natural, como a reconhecendo mais do que outras vozes; e por isso a voz do céu foi proferida

uma ou duas vezes, mas a de João muitas vezes e continuamente. Pois aqueles do povo que haviam superado a fraqueza da sua natureza, e tinham sido libertados de todas as coisas sensoriais, podiam ouvir a Voz do céu, e não tinham muita necessidade da voz do homem, mas em tudo obedeciam àquela outra, e eram por ela conduzidos; mas os que ainda estavam mais baixos, e envoltos em muitos véus, precisavam daquela voz mais humilde. Da mesma forma, João, porque tinha se despojado de todo modo das coisas sensoriais, não precisava de outros mestres, mas era ensinado do céu. "Aquele que me enviou," diz ele, "para batizar com água, esse mesmo me disse: Sobre quem vires descer o Espírito de Deus, esse é Ele." (João 1,33) Mas os judeus, que ainda eram crianças, e não podiam ainda alcançar aquela altura, tinham um homem para seu mestre, um homem que não lhes falava palavras próprias, mas lhes trazia uma mensagem do alto.

O que então ele diz? Ele "testemunha acerca Dele, e clama, dizendo." O que significa essa palavra "clama"? Significa que ele proclama com ousadia, livremente, sem qualquer reserva. O que ele proclama? A quê ele "testemunha" e "clama"? "Este é aquele de quem eu disse: Aquele que vem depois de mim é preferido antes de mim, porque Ele era antes de mim." O testemunho é obscuro, e contém, além disso, muito do humilde. Pois ele não diz: "Este é o Filho de Deus, o Unigênito, o verdadeiro Filho"; mas o quê? "Aquele que vem depois de mim é preferido antes de mim, porque Ele era antes de mim." Como as aves-mães não ensinam seus filhotes a voar tudo de uma vez, nem terminam seu ensino num só dia, mas primeiro os levam para fora, para estarem apenas fora do ninho, depois de os deixarem descansar, os põem novamente a voar, e no dia seguinte continuam o voo muito mais longe, e assim, gentilmente, pouco a pouco, os levam à altura própria; assim também o bem-aventurado João não levou imediatamente os judeus a coisas altas, mas os ensinou por um tempo a voar um pouco acima da terra, dizendo que Cristo era maior do que ele. E ainda isso, mesmo isso, foi para a época uma coisa não pequena, poder persuadir os ouvintes de que alguém que ainda não aparecera nem fizera maravilhas era maior do que um homem (refiro-me a João), tão maravilhoso, tão famoso, para quem todos corriam, e a quem achavam um anjo. Por isso, por um tempo, ele se empenhou em estabelecer na mente dos ouvintes que aquele de quem se dava testemunho

era maior do que quem o dava; Aquele que veio depois, era maior do que aquele que veio antes; Aquele que ainda não havia aparecido, era maior do que aquele que era manifesto e famoso. E veja como ele introduz seu testemunho prudentemente; pois ele não o aponta somente quando Ele apareceu, mas mesmo antes que Ele aparecesse, o proclama. Pois a expressão "Este é aquele de quem falei" é a expressão de quem está declarando isto. Como também Mateus diz que, quando todos iam a ele, ele dizia: "Eu, na verdade, vos batizo com água, mas vem aquele que é mais poderoso do que eu, do qual não sou digno de desatar a correia das sandálias." (Mateus 3,11) Por que então ele fez isso mesmo antes de Sua aparição? Para que, quando Ele aparecesse, o testemunho fosse prontamente aceito, as mentes dos ouvintes já estando predispostas pelo que fora dito acerca Dele, e a aparência humilde externa não prejudicasse isso. Pois se, sem ter ouvido nada acerca Dele, tivessem visto o Senhor, e ao mesmo tempo em que o contemplavam recebessem o testemunho das palavras de João, tão maravilhoso e grande, a humildade da Sua aparência teria logo sido um obstáculo para a grandeza das expressões. Pois Cristo tomou para Si uma aparência tão humilde e ordinária, que até mulheres samaritanas, prostitutas e publicanos tinham a confiança de se aproximar ousadamente e conversar com Ele. Portanto, como disse, se eles tivessem ouvido essas palavras e visto Ele mesmo ao mesmo tempo, talvez zombassem do testemunho de João; mas agora, porque mesmo antes que Cristo aparecesse, eles já tinham ouvido muitas vezes e estavam acostumados ao que era dito a respeito Dele, foram afetados no sentido oposto, não rejeitando o ensinamento das palavras pela aparência daquele de quem se dava testemunho, mas pela crença naquilo que já lhes fora dito, estimando-O ainda mais glorioso.

A frase "que vem depois" significa "aquele que prega depois de mim", não "aquele que nasceu depois de mim." E isso Mateus alude quando diz: "Depois de mim vem um homem", não falando do nascimento Dele de Maria, mas da Sua vinda para pregar (o Evangelho), pois, se estivesse falando do nascimento, ele não teria dito "vem", mas "veio"; pois Ele já nascera quando João disse isso. O que então significa "é antes de mim"? Significa mais glorioso, mais honroso. "Não suponhas," diz ele, "porque vim primeiro pregando, que sou maior do que Ele; sou muito inferior, tão inferior que não

sou digno nem de ser contado na classe dos servos." Este é o sentido de "é antes de mim," que Mateus mostra de maneira diferente, dizendo: "Da correia das suas sandálias não sou digno de desatar." (Lucas 3,16) Além disso, que a frase "é antes de mim" não se refere à Sua vinda à existência, é claro pelo que se segue; pois, se ele quisesse dizer isso, o que segue, "porque Ele era antes de mim," seria supérfluo. Pois quem é tão lento e tolo a ponto de não saber que aquele que "nasceu antes" dele "era antes" dele? Ou se as palavras se referem à Sua subsistência antes dos séculos, o que se diz é nada mais do que que "aquele que vem depois de mim veio a existir antes de mim." Além disso, algo assim é incompreensível, e a causa está lançada desnecessariamente; pois ele deveria ter dito o contrário, se quisesse declarar isso, "que aquele que vem depois de mim era antes de mim, porque também nasceu antes de mim." Pois alguém poderia razoavelmente atribuir isso, (o "nascer antes") como causa de "ser antes," mas não "ser antes" como causa de "nascer." Enquanto o que afirmamos é muito razoável. Já que todos vocês pelo menos sabem que sempre são coisas incertas e não evidentes, que precisam que suas causas sejam atribuídas. Agora, se o argumento fosse sobre a produção da substância, não poderia ser incerto que aquele que "nasceu" primeiro deve necessariamente "ser" primeiro; mas como ele está falando de honra, ele com razão explica o que parece ser uma dificuldade. Pois muitos poderiam muito bem perguntar, de onde e por qual motivo aquele que veio depois se tornou antes, isto é, apareceu com grande honra; para responder a essa pergunta, portanto, ele imediatamente atribui a razão; e a razão é Sua existência primeira. Ele não diz que "por algum tipo de avanço ele lançou para trás a mim, que fui primeiro, e assim se tornou antes de mim," mas que "ele era antes de mim," mesmo que chegue depois de mim.

Mas como, diz alguém, se o Evangelista se refere à manifestação Dele aos homens, e à glória que devia vir Dele por parte deles, ele fala do que ainda não foi realizado, como se já tivesse ocorrido? Pois ele não diz "será," mas "era." Porque isso é costume entre os profetas antigos, falar do futuro como se fosse passado. Assim Isaías, falando de Sua morte, não diz "Ele será levado (o que indicaria futuridade) como ovelha para o matadouro," mas "Ele foi levado como ovelha para o matadouro" (Isaías 53,7); porém Ele ainda não estava Encarnado, mas o Profeta fala do que haveria de ser como se tivesse

acontecido. Assim Davi, apontando para a Crucificação, não disse "Eles perfurarão minhas mãos e meus pés," mas "Eles perfuraram minhas mãos e meus pés, e repartiram entre si as minhas vestes, lançando sortes sobre minha túnica" (Salmo 22,16 e 18); e falando do traidor ainda não nascido, disse: "Aquele que comeu do meu pão levantou contra mim o calcanhar" (Salmo 41,9); e das circunstâncias da Crucificação: "Deram-me fel por mantimento, e na minha sede deram-me vinagre para beber." (Salmo 69,21)

[4.] Queres que apresentemos mais exemplos, ou estes bastam? Por minha parte, creio que bastam; pois se não lavramos toda a extensão do terreno, ao menos lavramos até o fundo; e esse último trabalho não é menos árduo que o primeiro; e tememos que, por forçar demasiadamente a vossa atenção, vos façamos retroceder.

Demos, pois, ao nosso discurso uma conclusão adequada. E que conclusão é adequada? Uma devida glória a Deus; e é apropriado que ela seja dada, não só com palavras, mas muito mais com ações. Pois Ele diz: "Que a vossa luz brilhe diante dos homens, para que vejam as vossas boas obras e glorifiquem a vosso Pai que está nos céus." (Mateus 5,16.) Nada é mais pleno de luz que uma conduta excelente. Como disse um dos sábios: "Os caminhos dos justos brilham como a luz" (Provérbios 4,18; Provérbios 4,18 LXX); e eles não brilham apenas para aqueles que acendem a chama com suas obras e são guias no caminho da justiça, mas também para os seus vizinhos. Derramemos, pois, óleo nessas lâmpadas, para que a chama se eleve mais, para que apareça uma luz rica. Pois não só este óleo tem grande força agora, mas mesmo quando os sacrifícios estavam no auge, ele era muito mais aceitável do que eles poderiam ser. "Eu quero misericórdia," diz Ele, "e não sacrifício." (Mateus 12,7; Oséias 6,6.) E com razão; pois aquele é um altar sem vida, este é um altar vivo; e tudo o que é colocado naquele altar torna-se alimento do fogo, termina em pó, é espalhado como cinzas, e sua fumaça se dissolve na substância do ar; mas aqui nada disso acontece, os frutos que produz são diferentes. Como declaram as palavras de Paulo; pois ao descrever os tesouros de bondade para os pobres acumulados pelos coríntios, ele escreve: "Porque a administração deste serviço não só supre a falta dos santos, mas é abundante em muitas ações de graças a Deus." (2 Coríntios 9,12.) E

novamente: “Enquanto eles glorificam a Deus por vossa sujeição declarada ao Evangelho de Cristo e por vossa liberal distribuição a eles e a todos os homens, e pelas suas orações por vós, as quais muito desejam.” Vês como isso se resolve em ações de graças e louvor a Deus, em orações contínuas daqueles que foram beneficiados, e em caridade mais fervorosa? Sacrifquemos, pois, amados, sacrifquemos todos os dias sobre estes altares. Pois este sacrifício é maior do que a oração e o jejum e muitas outras coisas, desde que provenha de ganhos honestos, de trabalhos honestos, e esteja puro de toda cobiça, rapina e violência. Pois Deus aceita tais oferendas, mas rejeita e odeia as outras; Ele não quer ser honrado pelas calamidades alheias, tal sacrifício é impuro e profano, e irritaria Deus ao invés de apaziguá-lo. Assim, devemos ser muito cuidadosos para que, no lugar do serviço, não insultemos Aquele a quem desejamos honrar. Pois se Caim, por fazer uma oferta de segunda categoria, sem ter cometido outro mal, sofreu castigo extremo, quanto mais nós, se oferecermos algo ganho por rapina e cobiça, sofreremos punição ainda mais severa. Por isso Deus nos deu o exemplo desta ordem, para que tivéssemos misericórdia, e não severidade para com os nossos irmãos; mas aquele que toma o que pertence a um e dá a outro não mostrou misericórdia, mas causou dano e cometeu extrema injustiça. Assim como uma pedra não pode produzir óleo, tampouco a crueldade pode gerar humanidade; pois a esmola que tem tal raiz já não é esmola. Por isso exorto-vos a que não olhemos só para o fato de dar aos necessitados, mas que não demos a partir do roubo alheio. “Quando um ora e outro amaldiçoa, de quem ouvirá o Senhor a voz?” (Eclesiástico 34,24.) Se nos guiarmos com esta rigorosa conduta, pela graça de Deus poderemos obter muita bondade, misericórdia e perdão por tudo o que fizemos de errado durante tanto tempo, e escapar ao rio de fogo; e que isso aconteça para que todos sejamos libertados e subamos ao Reino dos Céus, pela graça e misericórdia do nosso Senhor Jesus Cristo, a quem, com o Pai e o Espírito Santo, seja a glória pelos séculos dos séculos. Amém.

Sermão XIV
João 1,16 — "E da sua plenitude todos nós temos recebido, e graça sobre graça."

[I.] Disse outro dia que João, para resolver as dúvidas daqueles que poderiam perguntar a si mesmos como o Senhor, embora tenha vindo depois na pregação, se tornou antes e mais glorioso que ele, acrescentou: "Porque Ele era antes de mim." E esta é, de fato, uma razão. Mas não satisfeito com isso, acrescenta outra segunda razão, que agora ele declara. Qual é? "E da sua plenitude," diz ele, "todos nós temos recebido, e graça sobre graça." Com estas palavras ele menciona outra coisa. Qual é? Que

Versículo 17. "A lei foi dada por Moisés, mas a graça e a verdade vieram por Jesus Cristo."

E o que significa isto, diz ele, "Da sua plenitude todos nós temos recebido"? Pois a isto devemos por um momento dirigir nosso discurso. Ele não possui, diz ele, o dom por participação,[1] mas é Ele mesmo a verdadeira Fonte e a verdadeira Raiz de todo bem, a própria Vida, a própria Luz e a própria Verdade, não retendo em Si as riquezas de Suas coisas boas, mas transbordando-as para todos os outros, e depois de transbordar permanecendo cheio, em nada diminuído por suprir os outros, mas fluindo sempre para fora, e comunicando aos outros uma parte dessas bênçãos, Ele permanece na mesma perfeição. O que eu possuo é por participação, (pois recebi de outro) e é uma pequena porção do todo, como se fosse uma gota de chuva pobre[2] comparada ao abismo incontável ou ao mar sem limites; ou melhor, nem mesmo esta comparação pode expressar plenamente o que queremos dizer, pois se você tirar uma gota do mar, terá diminuído o mar em si[3], embora essa diminuição seja imperceptível. Mas dessa Fonte não podemos dizer isso; por mais que se tire dela, ela continua inabalada. Devemos, portanto, recorrer a outra comparação, também fraca, e que não consegue estabelecer totalmente o que buscamos, mas que nos guia melhor do que a anterior para o pensamento que agora nos propomos.

Suponhamos que haja uma fonte de fogo; que dessa fonte acendam-se dez mil lâmpadas, o dobro, o triplo, inúmeras vezes; acaso o fogo não permanece no mesmo grau de plenitude mesmo após transmitir sua virtude a tantos membros? Isso é claro para todos. Ora, se no caso dos corpos que são feitos de partes e se diminuem pela abstração, se encontrou algo dessa natureza, que após fornecer algo de si mesmo para os outros não sofre perda, muito mais isso se dará com aquele Poder incorpóreo e indivisível. Se no exemplo dado, aquilo que é comunicado é substância e corpo, e embora dividido não sofre divisão, quando nosso discurso trata de uma energia, e ainda mais uma energia de uma substância incorpórea, é muito mais provável que nada disso aconteça. E por isso João disse: "Da sua plenitude todos nós temos recebido," e junta seu próprio testemunho ao do Batista; pois a expressão "Da sua plenitude todos nós temos recebido" não pertence ao precursor, mas ao discípulo; e seu significado é algo assim: "Não penseis," diz ele, "que nós, que durante muito tempo convivemos com Ele e participamos de Sua alimentação e tom, testemunhamos por amizade," já que até João, que nem mesmo O conhecia antes, que nunca esteve com Ele, mas apenas O viu em companhia de outros quando batizava, clamou: "Ele era antes de mim," tendo dessa fonte[5] recebido tudo; e todos nós, os doze, os trezentos, os três mil, os cinco mil, as muitas miríades de judeus, todos os fiéis de então, de agora e do futuro, temos "recebido da sua plenitude." O que recebemos? "Graça sobre graça," diz ele. Que graça, para quê? Para a antiga, para a nova. Pois havia uma justiça, e há uma justiça, ("A respeito da justiça que está na lei," diz Paulo, "sem culpa.") (Filipenses 3,6.) Havia uma fé, e há uma fé. ("De fé em fé.") (Romanos 1,17.) Havia uma adoção, e há uma adoção. ("A quem pertence a adoção.") (Romanos 9,4.) Havia uma glória, e há uma glória. ("Pois se o que foi abolido era glorioso, muito mais o que permanece é glorioso?") (2 Coríntios 3,11.) Havia uma lei, e há uma lei. ("Porque a lei do Espírito de vida me libertou.") (Romanos 8,2.) Havia um serviço, e há um serviço. ("A quem pertence o serviço" — Romanos 9,4; e novamente: "Servindo a Deus no Espírito.") (Filipenses 3,3.) Havia uma aliança, e há uma aliança. ("Farei convênio novo convosco, não como o que fiz com vossos pais.") (Jeremias 31,31.) Havia uma santificação, e há uma santificação; havia um batismo, e há um Batismo; havia um sacrifício, e há um Sacrifício; havia um templo, e há um templo; havia uma circuncisão, e há uma circuncisão; e assim também

havia uma “graça,” e há uma “graça.” Mas as palavras no primeiro caso são usadas como tipos, no segundo como realidades, preservando a mesma forma, embora não o mesmo sentido. Assim como em figuras e modelos, a forma de um homem riscada com linhas brancas sobre fundo preto é chamada de homem, assim como aquele que tem a coloração correta; e no caso das estátuas, a figura, seja feita de ouro ou de gesso, é igualmente chamada estátua, embora no primeiro caso como modelo, e no segundo como realidade.

[2.] Não suponhas, pois, porque se usam as mesmas palavras, que as coisas sejam idênticas, nem tampouco totalmente diversas; pois, na medida em que foram modelos, não diferiam da verdade; mas por só preservarem o contorno, eram inferiores à verdade. Qual é a diferença em todos esses casos? Queres que tomemos um ou dois dos exemplos mencionados para examinar? Assim o restante te será claro; e veremos que os primeiros eram lições para crianças, os últimos para homens crescidos e de mente elevada; que as primeiras leis foram feitas para mortais, as últimas para anjos.

De onde então devemos começar? Da filiação em si? Qual é a distinção entre a primeira e a segunda? A primeira é a honra do nome, na segunda a coisa acompanha o nome. Da primeira o Profeta diz: "Eu disse: Vós sois deuses, e todos vós filhos do Altíssimo" (Salmo 81(82), 6); mas da segunda, que eles "nasceram de Deus." Como, e de que modo? Pelo lavar da regeneração e renovação do Espírito Santo. Pois então, mesmo depois de terem recebido o título de filhos, mantinham o espírito de escravidão, (pois enquanto eram escravos eram honrados com esse nome,) mas nós, feitos livres, recebemos a honra, não só no nome, mas na ação. E isso Paulo declarou e disse: "Pois não recebestes o espírito de escravidão para outra vez estardes em temor, mas recebestes o Espírito de adoção, pelo qual clamamos: Aba, Pai." (Romanos 8,15.) Pois tendo nascido de novo, e, por assim dizer, completamente refeitos, assim somos chamados "filhos." E se considerares a natureza da santidade, o que foi a primeira e o que é a segunda, encontrarás aí também grande diferença. Aqueles, quando não adoravam ídolos, nem cometiam fornicação ou adultério, eram chamados por esse nome; mas nós nos tornamos santos não apenas por nos afastarmos desses vícios, mas por adquirir coisas

maiores. E esse dom recebemos primeiro pela vinda do Espírito Santo sobre nós; e depois, por uma regra de vida muito mais abrangente que a dos judeus. Para provar que essas palavras não são mero vangloriar-se, ouve o que Ele lhes diz: "Não fareis adivinhação, nem fareis purificação para os vossos filhos, porque sois um povo santo." Assim, a santidade para eles consistia em estar livres dos costumes da idolatria; mas não é assim conosco. "Para que ela seja santa," diz Paulo, "no corpo e no espírito." (1 Coríntios 7,34.) "Segui a paz, e a santidade, sem a qual ninguém verá o Senhor" (Hebreus 12,14); e, "Aperfeiçoando a santidade no temor de Deus." (2 Coríntios 7,1.) Pois a palavra "santo" não tem o mesmo sentido em todos os casos em que se aplica; pois Deus é chamado "Santo," embora não como nós. Por exemplo, o que diz o Profeta ao ouvir o clamor dos Serafins que voavam? "Ai de mim! pois estou perdido, porque sou homem de lábios impuros, e habito no meio de um povo de lábios impuros" (Isaías 6,5); embora ele fosse santo e puro; mas se nos compararmos com a santidade que está acima, somos impuros. Anjos são santos, arcanjos são santos, os Querubins e Serafins são santos, mas dessa santidade há também uma dupla diferença; isto é, em relação a nós e às potências superiores. Poderíamos continuar com todos os outros pontos, mas a discussão se tornaria longa e extensa demais. Por isso, desistiremos de prosseguir, deixando a vocês a tarefa de juntar essas coisas, examinar as diferenças e assim percorrer o que resta. "Dai lugar ao sábio, e ele se fará mais sábio." (Provérbios 9,9.) O começo é por nossa parte, mas o fim será por vossa.

Agora devemos retomar a conexão.

Depois de dizer, "De sua plenitude todos nós recebemos," acrescenta: "e graça sobre graça." Pois pela graça os judeus foram salvos: "Escolhi-vos," diz Deus, "não porque fostes muitos em número, mas por causa de vossos pais." (Deuteronômio 7,7.) Se agora eles foram escolhidos por Deus não por seus próprios méritos, é evidente que por graça receberam essa honra. E nós também todos somos salvos pela graça, mas não da mesma maneira; nem pelos mesmos motivos, mas por motivos muito maiores e mais elevados. A graça que temos não é como a deles. Pois não apenas nos foi dado o perdão dos pecados (pois isso temos em comum com eles, pois todos pecaram), mas

também a justiça, a santificação, a filiação e o dom do Espírito muito mais glorioso e abundante. Por essa graça nos tornamos amados de Deus, não mais como servos, mas como filhos e amigos. Por isso diz, "graça sobre graça." Pois até mesmo as coisas da lei eram graça, e o próprio fato de o homem ter sido criado do nada (pois não recebemos isso como recompensa por boas obras passadas, como poderíamos, se antes sequer existíamos? Mas de Deus que sempre é o primeiro a conceder seus benefícios); e não só fomos criados do nada, mas logo que fomos criados, aprendemos o que devemos e não devemos fazer, e que recebemos essa lei em nossa própria natureza, e que nosso Criador nos confiou a regra imparcial da consciência, isso tudo são provas da maior graça e amor incomensurável. E a recuperação dessa lei, depois que se corrompeu, por meio da lei escrita, também foi obra da graça. Pois o que se poderia esperar era que aqueles que falsificaram a lei dada sofressem correção e punição; mas o que de fato aconteceu não foi isso, mas, ao contrário, uma renovação da nossa natureza e perdão, não como dívida, mas concedido por misericórdia e graça. Para mostrar que foi por graça e misericórdia, ouve o que diz Davi: "O Senhor executa justiça e juízo por todos os oprimidos; fez conhecer seus caminhos a Moisés, seus feitos aos filhos de Israel" (Salmo 103,6-7); e ainda: "Bom e reto é o Senhor, por isso ensinará o caminho aos que andam na reta." (Salmo 24,8.)

[3.] Portanto, que os homens receberam a lei foi por compaixão, misericórdia e graça; e por isso ele diz, "graça sobre graça." Mas esforçando-se ainda mais fervorosamente para expressar a grandeza dos dons, ele continua dizendo:

Versículo 17: "A lei foi dada por Moisés, mas a graça e a verdade vieram por Jesus Cristo."

Vede como gentilmente, por uma só palavra e pouco a pouco, tanto João Batista quanto João, o Discípulo, conduzem seus ouvintes ao conhecimento mais alto, tendo-os primeiro exercitado em coisas mais humildes? O primeiro, tendo comparado a si mesmo Aquele que é incomparavelmente superior a todos, assim depois mostra Sua superioridade dizendo: "veio depois de mim," e então acrescentando as palavras, "era antes de mim"; enquanto o segundo fez muito mais do que ele, embora ainda pouco para a

dignidade do Unigênito, pois faz a comparação, não com João, mas com alguém reverenciado pelos judeus mais do que João, com Moisés. "Porque a lei," diz ele, "foi dada por Moisés, mas a graça e a verdade vieram por Jesus Cristo."

Observa sua sabedoria. Ele não investiga a pessoa, mas as coisas; pois, uma vez provadas estas, era provável que até os insensatos recebessem necessariamente delas um juízo e noção muito mais elevada sobre Cristo. Pois quando os fatos testemunham, e não podem ser suspeitos de fazê-lo nem por favor a alguém, nem por malícia, eles fornecem um meio de julgamento que nem mesmo os insensatos podem duvidar; pois permanecem à vista, exatamente como seus atores os dispuseram, e portanto sua evidência é a menos sujeita a suspeita de todas. E vê como ele torna a comparação fácil mesmo para os menos capazes; pois não prova a superioridade por argumentos, mas aponta a diferença pelas palavras simples, contrapondo "graça e verdade" a "lei", e "vieram" a "foi dada." Entre cada um desses termos há uma grande diferença; pois um, "foi dada," pertence a algo ministrado, quando alguém recebeu de outro e deu àquele a quem foi ordenado dar; mas o outro, "graça e verdade vieram," convém a um rei que perdoa todas as ofensas, com autoridade, e ele mesmo concede o dom. Por isso Ele disse, "Teus pecados te são perdoados" (Mateus 9,2); e ainda, "Para que saibais que o Filho do Homem tem poder na terra para perdoar pecados" (disse ao paralítico), "Levanta-te, toma teu leito e vai para tua casa." (Ibid., v. 6.)

Vês como a "graça" vem por Ele? Olha também para a "verdade." Sua "graça" fica clara no exemplo citado, e no que aconteceu com o ladrão, e no dom do Batismo, e na graça do Espírito dada por Ele, e em muitas outras coisas. Mas sua "verdade" conheceremos mais claramente, se entendermos os tipos. Pois os tipos, como padrões, anteciparam e esboçaram previamente as dispensações que deveriam ser cumpridas sob a nova aliança, e Cristo veio e as cumpriu. Consideremos agora os tipos em poucas palavras, pois não podemos, no presente momento, tratar de tudo o que lhes diz respeito; mas quando tiveres aprendido alguns pontos daqueles exemplos que te apresentarei, conhecerás também os demais.

Queres então que comecemos pela própria Paixão? O que então diz o tipo? "Tomai um cordeiro por casa, e matai-o, e fazei como ele ordenou e estabeleceu." (Êxodo 12,3.) Mas não é assim com Cristo. Ele não ordena que isso seja feito, mas Ele próprio se torna esse cordeiro, oferecendo-se como Sacrifício e Oblacão a seu Pai.

[4.] Vede como o tipo foi "dado por Moisés," mas a "Verdade veio por Jesus Cristo." (Êxodo 17,12.)

Novamente, quando os amalequitas guerrearam no Monte Sinai, as mãos de Moisés foram sustentadas, mantidas erguidas por Arão e Hur que estavam de cada lado dele (Êxodo 17,12); mas quando Cristo veio, Ele mesmo estendeu Suas mãos na cruz. Observaste como o tipo "foi dado," mas "a Verdade veio"?

Ainda, a Lei dizia: "Maldito todo aquele que não continuar em todas as coisas que estão escritas neste livro." (Deuteronômio 27,26; Deuteronômio 27,26 na Septuaginta.) Mas o que diz a graça? "Vinde a Mim, todos os que estais cansados e oprimidos, e Eu vos aliviarei" (Mateus 11,28); e Paulo, "Cristo nos resgatou da maldição da lei, fazendo-Se maldição por nós." (Gálatas 3,13.)

Ora, visto que temos desfrutado de tal "graça" e "verdade," exorto-vos a que não sejamos mais negligentes por causa da grandeza do dom; pois quanto maior é a honra da qual fomos considerados dignos, maior é nossa dívida de excelência; pois aquele que recebeu pequenos benefícios, mesmo que faça pequenos retornos, não merece a mesma condenação; mas aquele que foi elevado ao mais alto cume da honra, e ainda assim manifesta disposições rasteiras e mesquinhas, será digno de punição muito maior. Que eu nunca tenha de suspeitar isto de vós. Pois confiamos no Senhor que haveis alçado vôo com vossas almas para o céu, que vos haveis afastado da terra, que, estando no mundo, não lidais com as coisas do mundo; contudo, embora tão persuadidos, não cessamos de vos exortar continuamente. Nos jogos dos pagãos, aqueles a quem todos os espectadores incentivam não são os que caíram e jazem supinos, mas aqueles que ainda se esforçam e correm; dos demais (pois fariam algo inútil, e não poderiam, com seus incentivos, levantar homens já para sempre afastados da vitória), eles deixam de dar

atenção. Mas neste caso pode-se esperar algum bem, não apenas dos que estão sóbrios, mas mesmo dos que caíram, se se converterem. Por isso usamos todos os meios, exortando, repreendendo, animando, louvando, para que possamos alcançar a vossa salvação.

Não vos escandalizeis, pois, com nossa contínua advertência acerca da vida cristã, pois as palavras não são de quem vos acusa de negligência, mas de quem tem excelentes esperanças a vosso respeito. E não somente a vós, mas a nós mesmos que as proferimos, estas palavras são ditas, e ainda serão ditas, pois nós também precisamos do mesmo ensino; assim, embora venham de nós, nada impede que sejam dirigidas a nós também (pois a Palavra, quando encontra o homem em falta, corrige-o, e, quando é clara e livre, afasta-o o mais possível do erro), e nós mesmos não estamos livres de transgressões. O caminho da cura é o mesmo para todos, os remédios são indicados para todos, só a aplicação não é igual, mas feita conforme a escolha dos que usam os remédios; pois aquele que trata o remédio como deve, obtém algum benefício, enquanto aquele que não o coloca sobre a ferida, agrava o mal e o leva ao fim mais doloroso.

Não nos irritemos, pois, quando somos curados, mas rejubilemos antes, mesmo que o sistema de disciplina traga dores amargas, pois depois nos mostrará frutos mais doces que quaisquer outros. Façamos, portanto, tudo para esse fim, que possamos partir para aquele mundo, purificados das feridas e golpes que os dentes do pecado causam na alma, para que, tornando-nos dignos de contemplar o rosto de Cristo, sejamos entregues naquele dia não aos poderes vingativos e cruéis, mas àqueles que podem conduzir-nos à herança dos céus que está preparada para os que O amam; e que assim aconteça que todos alcancemos isso, pela graça e misericórdia de nosso Senhor Jesus Cristo, a quem seja glória e domínio para todo o sempre. Amém.

Sermão XV.
João 1,18 — "Ninguém jamais viu a Deus; o Filho Unigênito, que está no seio do Pai, esse o declarou."

[1.] Deus não quer que ouçamos as palavras e frases contidas nas Escrituras de modo descuidado, mas com muita atenção. Por isso, o bem-aventurado Davi acrescentou em muitos lugares aos seus Salmos o título "para entendimento," e disse: "Abre os meus olhos para que eu veja as maravilhas da tua lei." (Sl 32,42; Sl 118,18) E depois dele, seu filho (Salomão) novamente mostra que devemos "buscar a sabedoria como a prata, e fazer dela comércio mais do que do ouro." (Provérbios 2,4; 3,14 [parcialmente citado]; João 5,39) E o Senhor, quando exorta os judeus a "buscarem as Escrituras," mais ainda nos impulsiona à investigação, pois Ele não teria falado assim se fosse possível compreendê-las imediatamente à primeira leitura. Ninguém jamais buscaria o que é óbvio e está à mão, mas o que está envolto em sombra, e que deve ser encontrado após muita investigação; e para nos estimular a essa busca Ele as chama de "tesouro escondido." (Provérbios 2,4; Mateus 13,44) Essas palavras nos são ditas para que não nos apliquemos às palavras das Escrituras de maneira descuidada ou casual, mas com muita exatidão. Pois se alguém ouvir o que nelas está dito sem investigar o significado, e receber tudo ao pé da letra, suporá muitas coisas inadequadas acerca de Deus, admitirá que Ele é um homem, que é feito de bronze, que se irou, que está furioso, e muitas opiniões ainda piores que essas. Mas se aprender inteiramente o sentido que está por trás, será libertado de toda essa inadequação. (Apocalipse 1,15) O próprio texto que aqui temos diante de nós diz que Deus tem um seio, coisa própria de substâncias corporais, contudo ninguém é tão insano a ponto de imaginar que Aquele que não tem corpo seja um corpo. Para que possamos interpretar corretamente toda a passagem segundo seu sentido espiritual, vamos examiná-la desde o começo.

"Ninguém jamais viu a Deus." Qual é o vínculo de pensamento que leva o Apóstolo a dizer isso? Depois de mostrar a imensa grandeza dos dons de Cristo, e a diferença infinita entre eles e aqueles ministrados por Moisés, ele quer acrescentar a causa razoável da diferença. Moisés, sendo servo, era ministro de coisas inferiores, mas Cristo, sendo Senhor e Rei, e Filho do Rei,

trouxe-nos coisas muito maiores, pois está sempre com o Pai e o contempla continuamente; por isso Ele diz, "Ninguém jamais viu a Deus." O que então responderemos à voz poderosa de Isaías, quando diz, "Eu vi o Senhor assentado sobre um trono alto e elevado" (Isaías 6,1); e ao próprio João testemunhando acerca dele, dizendo que "falou estas coisas quando viu a sua glória"? (João 12,41) E a Ezequiel? Pois ele também o contemplou sentado sobre os querubins. (Ezequiel 1 e 10) E Daniel? Pois também ele diz, "O Ancião de Dias se assentou." (Daniel 7,9) E o próprio Moisés, dizendo, "Mostra-me a tua glória para que eu possa ver-te e conhecer-te." (Êxodo 33,13) E Jacó tomou seu nome exatamente por causa disso, sendo chamado "Israel," pois Israel é "aquele que vê Deus." E outros O viram. Como então João diz, "Ninguém jamais viu a Deus"? Quer declarar que todos esses foram casos de condescendência, não a visão da própria Essência revelada. Pois se tivessem visto a própria Natureza, não a teriam visto sob diferentes formas, pois ela é simples, sem forma, sem partes ou limites. Não se assenta, nem se levanta, nem anda: essas coisas pertencem a corpos. Mas como Ele É, somente Ele sabe. E isso foi declarado por certo profeta, dizendo, "Multipliquei visões, e usei de similitudes pelas mãos dos profetas" (Oséias 12,10), isto é, "condesci, não apareci como realmente sou." Pois, visto que seu Filho estava para aparecer em carne verdadeira, preparou desde o passado para que contemplassem a substância de Deus, tanto quanto era possível vê-la; mas o que Deus realmente é, não somente os profetas não viram, mas nem mesmo os anjos ou arcanjos. Se lhes perguntarmos, não os ouviremos responder nada acerca da Sua Essência, mas elevando "Glória a Deus nas alturas, e paz na terra, boa vontade para com os homens." (Lucas 2,14) Se desejas aprender algo dos querubins ou serafins, ouvirás o cântico místico da Sua santidade, e que "céus e terra estão cheios da Sua glória." (Isaías 6,3) Se inquires às potestades superiores, encontrarás somente que sua única obra é o louvor a Deus. "Louvai-o," diz Davi, "todas as suas hostes." (Sl 147,2) Mas somente o Filho O contempla, e o Espírito Santo. Como pode alguma natureza criada sequer ver o Incriado? Se somos absolutamente incapazes de discernir claramente qualquer poder incorpóreo, ainda que criado, como já foi frequentemente demonstrado no caso dos anjos, quanto menos poderemos discernir a Essência que é incorpórea e incriada. Por isso Paulo diz, "Aquele a quem ninguém viu, nem pode ver." (1 Timóteo 6,16) Então, essa característica

especial pertence somente ao Pai, não ao Filho? Longe disso. Ela também pertence ao Filho; e para mostrar isso, ouve Paulo declarando esse ponto, dizendo que Ele "é a Imagem do Deus invisível." (Colossenses 1,15) Agora, se Ele é a Imagem do Invisível, deve Ele mesmo ser invisível, pois, caso contrário, não seria "imagem." E não te espantes que Paulo diga em outro lugar, "Deus se manifestou na carne" (1 Timóteo 3,16), porque a manifestação se deu por meio da carne, não segundo a Sua Essência. Além disso, Paulo mostra que Ele é invisível, não só para os homens, mas também para as potestades celestiais, pois, depois de dizer "manifestado na carne," acrescenta "foi visto por anjos."

[2.] De modo que até para os anjos Ele então se tornou visível, quando revestiu-se da carne; mas antes desse tempo eles não o contemplavam assim, porque até para eles Sua essência era invisível.

"Como então," pergunta alguém, "Cristo disse: 'Não desprezeis um destes pequeninos, porque eu vos digo que os seus anjos no céu veem continuamente a face do meu Pai'? (Mateus 18,10). Deus teria então um rosto, e estaria Ele limitado pelos céus?" Quem seria tão louco para afirmar isso? Qual é então o significado dessas palavras? Assim como quando Ele diz: "Bem-aventurados os limpos de coração, porque eles verão a Deus" (Mateus 5,8), Ele quer dizer a visão intelectual que nos é possível, e o ter Deus em nossos pensamentos; assim, no caso dos anjos, devemos entender que, em razão de sua natureza pura e vigilante, eles nada fazem senão continuamente formam em si mesmos a imagem de Deus. E por isso Cristo diz que "Ninguém conhece o Pai, senão o Filho" (Mateus 10,27). Então, estamos todos na ignorância? Deus nos livre; mas ninguém conhece o Pai como o Filho O conhece. Assim como muitos viram Deus na forma da visão que lhes foi permitida, mas ninguém contemplou Sua essência, assim muitos de nós conhecemos Deus, mas o que Sua substância possa ser, ninguém sabe, senão apenas Aquele que foi gerado por Ele. Pois por "conhecimento" Ele quer dizer aqui uma ideia exata e compreensão, tal como o Pai tem do Filho. "Assim como o Pai Me conhece, também Eu conheço o Pai." (João 10,15)

Observa, portanto, com quanta plenitude o Evangelista fala; porque, tendo dito que "ninguém viu Deus alguma vez", ele não acrescenta logo "mas o Filho que O viu O declarou", e sim algo além da simples "visão" com as palavras "que está no seio do Pai"; pois "habitar no seio" é muito mais do que "ver". Porque aquele que apenas "vê" não tem um conhecimento por completo exato do objeto, mas aquele que "habita no seio" não pode ignorar coisa alguma. Agora, para que, ao ouvires que "ninguém conhece o Pai senão o Filho", não digas que, embora Ele conheça o Pai mais que todos, não sabe quão grande Ele é, o Evangelista diz que Ele habita no seio do Pai; e o próprio Cristo declara que conhece o Pai tanto quanto o Pai conhece o Filho. Pergunta, portanto, ao contraditor: "Dize-me, o Pai conhece o Filho?" E se não for louco, certamente responderá "Sim." Então pergunta de novo: "Ele vê e conhece com visão e conhecimento exatos? Sabe claramente o que Ele é?" Certamente também confessará isso. Deste ponto, colhe a exata compreensão que o Filho tem do Pai. Porque Ele diz: "Assim como o Pai Me conhece, também Eu conheço o Pai" (João 10,15); e noutro lugar: "Ninguém viu o Pai, senão aquele que é de Deus." (João 6,46) Por isso, como disse, o Evangelista menciona "o seio" para nos mostrar tudo isso numa só palavra; que grande é a afinidade e proximidade da essência, que o conhecimento não é diferente, que o poder é igual. Pois o Pai não teria no Seu seio alguém de outra essência, nem teria ousado, se fosse um entre muitos servos, morar no seio do seu Senhor, porque isso pertence somente a um verdadeiro Filho, àquele que tem grande confiança para com Seu Pai e que em nada lhe é inferior.

Queres também aprender Sua eternidade? Ouve o que Moisés diz sobre o Pai. Quando lhe perguntaram o que devia responder se os judeus lhe perguntassem quem o enviara, ouviu estas palavras: "Diz que EU SOU me enviou." (Êxodo 3,14) Agora, a expressão "EU SOU" significa o Ser eterno, o Ser sem princípio, o Ser real e absoluto. E esta mesma expressão "Estava no princípio" também declara o Ser eterno; de modo que João usa esta palavra para mostrar que o Filho está desde toda a eternidade no seio do Pai. Para que não suponhas, por causa da semelhança do nome, que Ele seja algum dos que são feitos filhos pela graça, primeiro é acrescentado o artigo, distinguindo-O desses pela graça. Mas se isso não te satisfaz, se ainda olhas

para baixo, ouve um nome mais absoluto que este, “Unigênito.” Se mesmo depois disso ainda olhas para baixo, “Não recusarei,” diz ele (São João), “aplicar a Deus um termo próprio ao homem, quero dizer, a palavra ‘seio’, apenas não suspeites nada degradante.” Vês a bondade e o cuidado do Senhor? Deus aplica a si mesmo expressões indignas, para que, mesmo assim, possas ver por meio delas e ter alguma ideia grande e elevada Dele; e tu permaneces abaixo? Pois diz-me, para que serve esta palavra grosseira e carnal “seio” aqui empregada? É para que suponhamos Deus um corpo? De modo algum, ele não diz isso. Por que então é dita? Pois se por ela nem a genuinidade do Filho é estabelecida, nem que Deus não é um corpo, a palavra, por não servir a nenhum propósito, seria lançada desnecessariamente. Por que então é dita? Pois não cessarei de te fazer essa pergunta. Não é muito claro que não é por outra razão senão para que por ela entendamos a genuinidade do Unigênito, e Sua coeternidade com o Pai?

[3.] “Ele o declarou”, diz João. O que Ele declarou? Que “ninguém jamais viu a Deus”? Que “Deus é um só”? Mas isso todos os outros profetas também testemunham, e Moisés exclama continuamente: “O Senhor teu Deus é o único Senhor” (Dt 6,4); e Isaías, “Antes de mim não foi formado deus algum, nem depois de mim haverá” (Is 43,10). Então, o que aprendemos a mais com “o Filho que está no seio do Pai”? E com “o Unigênito”? Em primeiro lugar, essas mesmas palavras foram proferidas por Sua obra; em segundo lugar, recebemos um ensinamento muito mais claro, e aprendemos que “Deus é Espírito, e é necessário que os que o adoram o adorem em espírito e em verdade” (Jo 4,24); e ainda, que é impossível ver a Deus; “ninguém conhece” a Deus “senão o Filho” (Mt 11,27); que Ele é o Pai do verdadeiro e Unigênito; e todas as outras coisas que nos são ditas acerca Dele. Mas a palavra “declarou” mostra o ensinamento mais claro e evidente que Ele deu não só aos judeus, mas a todo o mundo, e o confirmou. Aos profetas nem mesmo todos os judeus deram atenção, mas ao Filho Unigênito de Deus todo o mundo se submeteu e obedeceu. Portanto, a “declaração” aqui indica a maior clareza de seu ensino, e por isso Ele também é chamado de “Verbo” e “Anjo do Grande Conselho”.

Pois, já que nos foi concedido um ensinamento maior e mais perfeito, Deus

não tendo falado mais pelos profetas, mas "nestes últimos dias nos falou pelo Filho" (Hb 1,1), manifestemos uma conversa muito superior à deles, adequada à honra que nos foi concedida. Seria estranho que Ele tivesse se rebaixado tanto, a ponto de escolher falar conosco não mais por seus servos, mas pela sua própria boca, e ainda assim não exibíssemos nada além daquilo que os antigos fizeram. Eles tiveram Moisés como mestre, nós temos o Senhor de Moisés. Exibamos, pois, uma sabedoria celestial digna dessa honra e não nos prendamos às coisas da terra. Foi para isso que Ele trouxe seu ensinamento do céu, para que elevássemos nossos pensamentos para lá e fôssemos imitadores do nosso Mestre na medida de nossas forças. Mas como podemos ser imitadores de Cristo? Agindo em tudo para o bem comum, e não buscando somente o nosso próprio interesse. "Porque também Cristo não agradou a si mesmo, mas, como está escrito: Os insultos dos que te insultavam caíram sobre mim" (Rm 15,3; Sl 69,9). Portanto, que ninguém busque o seu próprio interesse. Na verdade, o homem busca o seu próprio bem quando pensa no bem do próximo. O que é bom para eles é nosso; somos um só corpo, partes e membros uns dos outros. Não sejamos, pois, como se estivéssemos desunidos. Que ninguém diga: "Fulano não é meu amigo, nem parente, nem vizinho, não tenho nada a ver com ele, como me aproximar, como falar com ele?" Mesmo que não seja parente nem amigo, é um homem, que partilha da mesma natureza que você, reconhece o mesmo Senhor, é seu companheiro de serviço e peregrino, pois nasceu no mesmo mundo. E se ainda mais ele participa da mesma fé, veja que ele também se tornou membro seu: pois que amizade poderia criar tal união senão a relação da fé? E nossa intimidade uns com os outros não deve ser apenas a proximidade que amigos devem mostrar aos amigos, mas tal como a que há entre membro e membro, pois ninguém pode descobrir uma intimidade maior do que esse tipo de amizade e comunhão. Assim, como você não pode dizer: "De onde vem a minha intimidade e conexão com este membro?" (seria ridículo), também não pode dizer isso a respeito de seu irmão. "Todos nós fomos batizados em um só corpo" (1Cor 12,13), diz Paulo. "Por que em um só corpo?" Para que não sejamos desunidos, mas conservemos as proporções justas daquele único corpo por meio da convivência e amizade uns com os outros.

Não nos desprezemos, portanto, para não nos prejudicarmos. “Pois ninguém jamais odiou a sua própria carne, mas a alimenta e cuida dela” (Ef 5,29). E por isso Deus nos deu uma só morada, esta terra, distribuiu as coisas igualmente, fez brilhar um só sol para todos nós, estendeu sobre nós um só teto, o céu, fez uma só mesa, a terra, que produz alimento para nós. E outra mesa nos deu, bem melhor do que esta, e essa também é uma só (aqueles que participam dos nossos mistérios entendem minhas palavras); concedeu a todos um mesmo modo de nascimento, o espiritual, todos temos uma só pátria, a dos céus, todos bebemos do mesmo cálice. Não deu ao homem rico um dom mais abundante e mais honroso, nem ao pobre um dom menor e mais pobre, mas chamou a todos igualmente. Deu as coisas carnais com igualdade a todos, e as espirituais da mesma forma. De onde então vem a grande desigualdade nas condições de vida? Da avareza e do orgulho dos ricos. Mas que isso não aconteça mais, irmãos, e quando assuntos de interesse universal e necessidade urgente nos reunirem, não nos dividamos por coisas terrenas e insignificantes: quero dizer, pela riqueza e pobreza, por parentesco corporal, por inimizade e amizade; pois todas essas coisas são uma sombra, ou menos substanciais do que uma sombra para aqueles que possuem o vínculo da caridade que vem do alto. Conservemos então este vínculo intacto, para que nenhum daqueles espíritos malignos possa entrar, que causam divisão em uma união tão perfeita; a qual todos possamos alcançar pela graça e bondade de nosso Senhor Jesus Cristo, por quem e com quem, ao Pai e ao Espírito Santo, seja a glória agora e para sempre, pelos séculos dos séculos. Amém.

Sermão XVI.
João 1:19 — “E este é o testemunho de João, quando os judeus enviaram sacerdotes e levitas de Jerusalém para lhe perguntar: Quem és tu?”

[1.] A inveja é coisa terrível, amados, terrível e perniciosa, para os invejosos, não para os invejados. Pois primeiro ela prejudica e destrói aqueles que a têm, como um veneno mortal profundamente enraizado em suas almas; e se, por acaso, prejudica seus objetos, o dano é pequeno e insignificante, e acaba trazendo mais proveito do que perda. De fato, não apenas no caso da inveja, mas em todos os outros, não é quem sofre o dano, mas quem comete a

injustiça que recebe o prejuízo. Se assim não fosse, Paulo não teria ordenado aos discípulos que suportassem o mal, em vez de praticá-lo, quando diz: “Por que não preferis sofrer a injustiça? Por que não preferis ser defraudados?” (1 Cor. 6:7). Ele bem sabia que a destruição sempre segue não ao injustiçado, mas ao injusto. Digo tudo isso por causa da inveja dos judeus. Pois aqueles que haviam vindo das cidades até João, haviam condenado seus próprios pecados, e se haviam batizado, arrependendo-se após o Batismo, enviam para lhe perguntar: “Quem és tu?” De fato, eram descendentes de víboras, serpentes, e até piores, se possível. Ó geração má, adúltera e perversa, depois de ter sido batizada, tornai-vos curiosa e vãomente inquisitiva, e questionais sobre o Batista? Que loucura maior do que essa pode haver em vós? Como foi que saístes? Que confessastes os vossos pecados? Que correstes para o Batista? Como perguntastes o que devíeis fazer? Quando em tudo isso agíeis sem razão, pois não compreendíeis o princípio e o propósito de sua vinda. Contudo, o bem-aventurado João nada disse disso, nem os acusou ou repreendeu, mas respondeu-lhes com toda a gentileza.

Vale a pena aprender por que ele agiu assim. Foi para que a maldade deles se tornasse manifesta e clara a todos os homens. Muitas vezes João testemunhou de Cristo aos judeus, e quando os batizava, constantemente falava Dele à sua companhia, dizendo: “Eu vos batizo com água, mas vem aquele que é mais poderoso do que eu; Ele vos batizará com o Espírito Santo e com fogo.” (Mat. 3:11). Com relação a ele, eram afetados por um sentimento humano; pois, temendo a opinião do mundo e olhando “para a aparência exterior” (2 Cor. 10:7), julgavam indigno que ele estivesse sujeito a Cristo. Pois havia muitas coisas que apontavam João como pessoa ilustre. Primeiro, sua ascendência distinta e nobre; pois era filho de um sumo sacerdote. Depois, sua conduta, seu modo austero de vida, seu desprezo por todas as coisas humanas; pois, desprezando vestes e mesa, casa e comida, passara seu tempo anterior no deserto. No caso de Cristo, tudo era o contrário disso. Sua família era humilde (como frequentemente Lhe objetavam, dizendo: “Não é este o filho do carpinteiro? Não se chama sua mãe Maria? E seus irmãos Tiago e José?”) (Mat. 13:55); e o que se supunha ser Sua terra natal era tão mal reputada, que até Natanael disse: “Pode vir alguma coisa boa de Nazaré?” (João 1:46). Seu modo de vida era comum, e Suas vestes não melhores do que

as de muitos. Pois Ele não usava cinto de couro, nem seu vestido era de pelos, nem comia mel e gafanhotos. Mas vivia como os outros, e estava presente nas festas de homens maus e publicanos, para atraí-los a Si. O que os judeus não compreendendo, O censuraram, como Ele mesmo diz: "O Filho do Homem veio comendo e bebendo, e dizem: Eis aí um comilão e beberrão, amigo de publicanos e pecadores." (Mat. 11:19). Quando então João continuamente os enviava dele para Jesus, que a seus olhos parecia pessoa inferior, envergonhados e irritados com isso, e querendo antes tê-lo como mestre, não ousavam dizê-lo abertamente, mas enviavam a ele, pensando que com sua bajulação o fariam confessar ser o Cristo. Portanto, não enviam a ele homens humildes, como no caso de Cristo, pois quando queriam prendê-Lo, enviavam servos, depois herodianos e semelhantes, mas neste caso, "sacerdotes e levitas," e não apenas "sacerdotes," mas "de Jerusalém," isto é, os mais ilustres; pois o Evangelista não registra isso sem motivo. E enviam para perguntar: "Quem és tu?" Porém a maneira de seu nascimento era conhecida de todos, de modo que todos diziam: "Que tipo de criança será esta?" (Lucas 1:66); e a fama havia se espalhado por toda a região montanhosa. E depois, quando ele veio ao Jordão, todas as cidades se mobilizaram e vieram até ele de Jerusalém e de toda Judéia para serem batizadas. Por que então agora perguntam? Não porque não o conhecessem (como poderia ser, sendo que ele se manifestara de tantas maneiras?), mas porque queriam levá-lo a fazer o que mencionei.

[2.] Ouçam, pois, como esta bem-aventurada pessoa respondeu à intenção com que lhe fizeram a pergunta, e não à pergunta em si. Quando disseram: "Quem és tu?", ele não lhes deu de imediato a resposta direta, "Eu sou a voz do que clama no deserto." Mas o que fez? Ele afastou a suspeita que eles tinham formado; pois, diz o Evangelista, quando lhe perguntaram "Quem és tu?" —

Vers. 20: "Confessou, e não negou; confessou: Não sou o Cristo."

Observe a sabedoria do Evangelista. Ele menciona isso pela terceira vez, para mostrar a excelência do Batista e a maldade e a loucura deles. Lucas também diz que, quando as multidões o supunham ser o Cristo, ele novamente

desfazia a suspeita deles. Isso é próprio de um servo honesto: não só não tomar para si a honra do seu senhor, mas também rejeitá-la quando dada por muitos. Porém as multidões chegaram a essa suposição por simplicidade e ignorância; esses que lhe perguntaram tinham má intenção, como já mencionei, esperando, como disse, atraí-lo para seus propósitos pela bajulação. Se não tivessem esperado isso, não teriam partido imediatamente para outra pergunta, mas se iriam irritar com ele por dar uma resposta estranha à sua pergunta, e diriam: "Por que supusemos isso? Viemos te perguntar isso?" Mas agora, flagrados e descobertos, fazem outra pergunta, e dizem —

Vers. 21: "Então? És tu Elias? E ele disse: Não sou."

Pois esperavam que Elias também viesse, como Cristo declarou; pois quando seus discípulos perguntaram, "Por que então dizem os escribas que Elias deve vir primeiro?" (Mat. 17:10), Ele respondeu: "Elias realmente virá primeiro e restaurará todas as coisas." Então perguntam: "És tu esse profeta?" e ele respondeu: "Não." (Mat. 17:10). Contudo, certamente ele era profeta. Por que então nega isso? Porque mais uma vez ele considera a intenção de seus interrogadores. Pois esperavam que viesse um profeta especial, porque Moisés disse: "O Senhor teu Deus suscitará para ti um profeta dentre teus irmãos, como eu; a ele ouvirás." (Deut. 18:15). Este era Cristo. Por isso não perguntam: "És profeta?" no sentido de um profeta comum; mas a expressão "És o profeta?" com o artigo definido significa "És aquele Profeta que Moisés anunciou?" e por isso ele não negou que era profeta, mas que era "aquele Profeta."

Vers. 22: "Disseram-lhe, então, Quem és tu? para que demos resposta aos que nos enviaram. Que dizes de ti mesmo?"

Observe-os pressionando-o mais fortemente, insistindo, repetindo a pergunta e não desistindo; enquanto ele primeiro remove gentilmente as falsas opiniões a seu respeito, e depois lhes apresenta uma verdadeira. Pois ele diz —

Vers. 23: “Eu sou a voz do que clama no deserto: ‘Endireitai o caminho do Senhor,’ como disse o profeta Isaías.”

Quando pronunciou palavras altas e elevadas sobre Cristo, como que respondendo à opinião deles, imediatamente se voltou ao profeta para daí tirar confirmação da sua afirmação.

Vers. 24, 25: “E, [diz o Evangelista] os que foram enviados eram dos fariseus. E perguntaram-lhe, dizendo: Por que batizas, se tu não és o Cristo, nem Elias, nem aquele profeta?”

Não vês sem razão o que disse, que eles desejavam levá-lo a isso? E a razão por que não disseram logo foi para não serem descobertos por todos. E quando ele disse: “Não sou o Cristo,” eles, desejando esconder sua trama interior, passam a “Elias” e “aquele profeta.” Mas quando ele disse que também não era um desses, em sua perplexidade, tiram a máscara e, sem disfarces, mostram claramente sua intenção traiçoeira, dizendo: “Por que, então, batizas, se não és o Cristo?” E logo em seguida, querendo lançar alguma obscuridade sobre o assunto, acrescentam os outros também, “Elias” e “aquele profeta.” Pois, como não conseguiram capturá-lo com bajulações, pensaram que com uma acusação poderiam forçá-lo a dizer o que não era.

Que loucura, que insolência, que intromissão inoportuna! Fostes enviados para saber quem e de onde ele era, não para impor leis a ele também. Isso também foi conduta de homens que queriam obrigá-lo a confessar que era o Cristo. E ainda assim ele não se irou, nem disse, como se esperava, algo como: “Quem vos deu poder para me dar ordens e impor leis?” mas mostrou-lhes novamente muita gentileza.

Vers. 26, 27: “Eu,” diz ele, “batizo com água; mas no meio de vós está alguém que vós não conheceis; este é aquele que, vindo depois de mim, é preferido a mim, cujo calçado não sou digno de desatar.”
[3.] Que poderiam os judeus ainda dizer a isso? Pois mesmo a partir daqui não podem escapar da acusação contra si, a sentença contra eles não admite perdão, pois deram sentença contra si mesmos. Como? De que maneira? Eles

consideraram João digno de crédito, e tão verdadeiro, que podiam crer nele não só quando testemunhava sobre outros, mas também quando falava de si mesmo. Pois, se não estivessem dispostos assim, não teriam enviado para saber dele sobre si mesmo. Porque sabe-se que as únicas pessoas em quem cremos, especialmente quando falam de si mesmas, são aquelas que supomos serem mais verídicas do que qualquer outra. E não é apenas isso que lhes cala a boca, mas também a disposição com que se aproximaram dele; pois vieram a ele primeiro com grande interesse, ainda que depois mudassem de atitude. Ambas as coisas Cristo declarou, quando disse: "Ele era uma luz ardente (e resplandecente), e vós estivestes dispostos por algum tempo a alegrar-vos em sua luz." Além disso, a resposta de João o tornou ainda mais digno de crédito. Pois Cristo diz: "Aquele que não busca sua própria glória, esse é verdadeiro, e nele não há injustiça." Ora, este homem não a buscava, mas remetia os judeus a outro. E aqueles que foram enviados eram dos mais confiáveis entre eles, e de mais alta posição, de modo que não poderiam ter qualquer refúgio ou desculpa para a incredulidade que mostraram para com Cristo. Por que, então, não recebestes as coisas ditas acerca dele por João? Enviaste homens de primeira posição entre vós, perguntastes por meio deles, ouvistes o que o Batista respondeu, eles mostraram toda diligência possível, investigaram cada ponto, nomearam todas as pessoas que suspeitavam que ele pudesse ser; e, no entanto, ele confessou publicamente e claramente que não era "o Cristo," nem "Elias," nem "aquele Profeta." Nem parou aí, mas ainda lhes informou quem ele era, falou da natureza do seu próprio batismo, que era coisa leve e humilde, nada mais que água, e falou da superioridade do batismo dado por Cristo; também citou o profeta Isaías, que testemunhou muito antes, chamando Cristo de "Senhor" (Isaías 40:3), mas dando-lhe os nomes de "ministro e servo." Depois disso, o que eles deveriam ter feito? Não deveriam crer naquele que era testemunhado, adorá-lo, confessá-lo como Deus? Pois o caráter e a sabedoria celestial do testemunho mostravam que este não vinha da bajulação, mas da verdade; o que também é claro pelo fato de que ninguém prefere seu próximo a si mesmo, nem, quando pode legitimamente receber honra, a entrega a outro, especialmente quando essa honra é tão grande quanto esta de que falamos. De modo que João não teria renunciado a esse testemunho (como pertencente) a Cristo, se Ele não fosse Deus. Pois embora ele pudesse rejeitá-lo para si, por ser algo grande demais

para sua própria natureza, não teria atribuído a outra natureza inferior aquilo.

“Mas está no meio de vós aquele que vós não conheceis.” Era razoável que Cristo se misturasse entre o povo como um dentre muitos, pois Ele ensinava em todo lugar aos homens a não se exaltarem nem se vangloriarem. E aqui, por “conhecimento,” o Batista quer dizer um perfeito reconhecimento de quem Ele era e de onde viera. E imediatamente acrescenta, “Que vem depois de mim,” quase dizendo: “Não penseis que tudo se encerra no meu batismo; se este fosse perfeito, outro não teria vindo depois de mim para vos oferecer um diferente; o meu é apenas uma preparação e um desbravar o caminho para aquele outro. O meu é sombra e imagem, mas um deve vir que acrescentará a realidade. Por isso o fato de Ele vir ‘depois de mim’ declara especialmente sua dignidade: pois se o primeiro fosse perfeito, não haveria lugar para o segundo.” “É antes de mim” é mais honroso, mais brilhante. E então, para que não pensassem que sua superioridade era por comparação, querendo estabelecer a incomparabilidade, diz: “Cujo calçado eu não sou digno de desatar”; isto é, Ele não é simplesmente “antes de mim,” mas tão acima de mim que eu não sou digno nem mesmo de ser contado entre os mais humildes de seus servos. Pois desatar a sandália é um ofício de humildíssimo serviço.

Agora, se João não era digno de “desatar a correia” (Mateus 11:11), João, a quem “entre os nascidos de mulher não surgiu outro maior,” onde nos colocaremos nós? Se aquele que era igual, ou antes maior do que todo o mundo (pois Paulo diz: “O mundo não era digno deles” — Hebreus 11:38), declara que não é digno nem de ser contado entre os mais humildes de seus ministros, o que diremos nós, que estamos cheios de milhares de pecados e estamos tão longe da excelência de João quanto a terra está do céu?

[4.] Ele então diz que ele mesmo não é “digno nem sequer de desatar a correia da sandália Dele”; enquanto os inimigos da verdade estão loucos com tal loucura, a ponto de afirmarem que são dignos de conhecê-Lo como Ele mesmo se conhece. O que é pior do que tal insensatez, o que é mais frenético

do que tal arrogância? Bem disse um homem sábio: “O princípio do orgulho é não conhecer o Senhor.”

O diabo não teria sido derrubado e se tornado diabo, sem antes ser diabo, se não tivesse sido acometido dessa doença. Foi isso que o lançou fora daquela confiança, isso o enviou ao poço de fogo, essa foi a causa de todos os seus males. Pois isso basta por si só para destruir toda excelência da alma, seja que encontre esmola, oração, jejum ou qualquer outra coisa. Pois, diz o Evangelista, “O que é estimado entre os homens é abominação diante do Senhor.” (Lucas 16:15 — não citado exatamente). Portanto, não são somente a fornicação ou o adultério que costumam contaminar aqueles que os praticam, mas também o orgulho, e este muito mais do que esses vícios. Por quê? Porque a fornicação, embora seja um pecado imperdoável, pode o homem alegar o desejo; mas o orgulho não pode encontrar causa ou pretexto algum, de qualquer espécie, para obter nem mesmo a sombra de uma desculpa; não é nada além de uma distorção e uma doença gravíssima da alma, produzida por nenhuma outra fonte senão a loucura. Pois nada é mais tolo do que um homem orgulhoso, ainda que esteja cercado de riquezas, ainda que possua muita sabedoria deste mundo, ainda que ocupe lugar real, ainda que carregue consigo tudo aquilo que entre os homens parece desejável.

Pois se o homem que se orgulha de coisas realmente boas é miserável e infeliz, e perde a recompensa de todas essas coisas, não será mais ridículo aquele que se exalta por coisas vãs, que se enche de vanglória por uma sombra ou a flor da erva (pois assim é a glória deste mundo), quando age como um pobre necessitado, que passa todo seu tempo faminto, mas se por acaso sonha com a boa fortuna por uma noite, fica cheio de presunção por isso?

Ó miserável e infeliz! Quando tua alma está perecendo por uma doença gravíssima, quando és pobre em absoluta pobreza, és altivo porque tens tal ou qual quantidade de talentos de ouro? Porque tens muitos escravos e gado? Mas tudo isso não é teu; e se não crês nas minhas palavras, aprende pela experiência daqueles que te precederam. E se estiveres tão embriagado que

não possas ser instruído nem pelo que aconteceu aos outros, espera um pouco, e saberás por ti mesmo que essas coisas não te servirão para nada, quando, arfando pela vida, e não sendo senhor nem de uma hora sequer, nem de um pequeno momento, tu as deixarás contra tua vontade àqueles que te cercam, e talvez até àqueles a quem não quisesses deixá-las. Pois muitos não tiveram permissão nem mesmo para dar instruções sobre elas, mas partiram de repente, desejando gozá-las, mas não lhes foi permitido, foram arrancadas deles e forçados a cedê-las a outros, dando lugar por compulsão àqueles a quem não desejavam. Para que isso não nos aconteça, façamos, enquanto ainda temos força e saúde, enviar nossas riquezas para a nossa própria cidade, pois só assim e de nenhum outro modo poderemos desfrutá-las; assim as guardaremos num lugar inviolável e seguro. Pois ali não há nada, absolutamente nada, que possa nos tirá-las; nem a morte, nem testamentos contestados, nem herdeiros das heranças, nem falsas acusações, nem tramas contra nós, mas aquele que partir daqui levando consigo grande riqueza pode gozá-la para sempre naquele lugar. Quem então é tão miserável que não deseje se alegrar com riquezas que são suas para todo o sempre? Transfiremos, pois, nossas riquezas, e levemo-las para lá. Não precisaremos para essa mudança de jumentos, nem camelos, nem carroças, nem navios (Deus até nos livrou dessa dificuldade), mas apenas dos pobres, dos coxos, dos aleijados, dos enfermos. Estes são confiados com essa transferência, estes conduzem nossas riquezas ao céu, estes introduzem os senhores de tal riqueza na herança dos bens eternos. Que possamos todos alcançar isso pela graça e bondade amorosa de nosso Senhor Jesus Cristo, por quem e com quem, ao Pai e ao Espírito Santo, seja glória agora e sempre, pelos séculos dos séculos. Amém.

Sermão XVII.
João 1:28-29 — "Estas coisas foram feitas em Betânia, além do Jordão, onde João estava batizando. No dia seguinte, ele vê Jesus vindo a ele e diz: Eis o Cordeiro de Deus, que tira o pecado do mundo."

[1.] Grande virtude é a ousadia e a liberdade no falar, e fazer que todas as coisas sejam secundárias em importância perante a confissão de Cristo; tão grande e admirável que o Filho Unigênito de Deus proclama tal pessoa na

presença do Pai. (Lucas 12:8.) E a recompensa é mais que justa, pois tu confessas na terra, Ele no céu; tu diante dos homens, Ele diante do Pai e de todos os anjos.

Tal era João, que não considerava a multidão, nem a opinião, nem qualquer outra coisa humana, mas pisava tudo isso aos seus pés e proclamava a todos com liberdade apropriada as coisas referentes a Cristo. Por isso o Evangelista indica o lugar exato, para mostrar a ousadia do arauto de voz alta. Pois não foi numa casa, nem num canto, nem no deserto, mas no meio da multidão, depois de ocupar o Jordão, quando todos os que foram batizados por ele estavam presentes (pois os judeus o cercavam enquanto ele batizava), foi ali que ele proclamou em alta voz aquela maravilhosa confissão sobre Cristo, cheia daquelas doutrinas sublimes, grandes e misteriosas, e que ele não era digno de desatar a correia da sandália Dele. Por isso ele diz, "Estas coisas foram feitas em Betânia," ou, conforme as cópias mais corretas, "em Betabara." Pois Betânia não ficava "além do Jordão," nem na fronteira do deserto, mas em algum lugar próximo a Jerusalém.

Ele também indica os lugares por outra razão. Como não ia relatar fatos antigos, mas que tinham ocorrido há pouco tempo, ele faz dos presentes e dos que viram testemunhas de suas palavras, e fornece prova baseada nos próprios lugares. Confiando que nada acrescentara por si mesmo ao que fora dito, mas que simplesmente descrevia a verdade dos fatos, tira testemunho dos lugares, o que, como disse, não seria uma demonstração comum de sua veracidade.

"No dia seguinte, ele vê Jesus vindo a ele, e diz: Eis o Cordeiro de Deus, que tira o pecado do mundo."

Os Evangelistas dividiram os períodos entre si; e Mateus, abreviando o relato do tempo antes de João Batista ser preso, apressa-se para o que vem depois, enquanto o Evangelista João não só não encurta esse período, como se detém bastante nele. Mateus, após o retorno de Jesus do deserto, sem mencionar as circunstâncias intermediárias — o que João falou, o que os judeus enviaram e disseram — e abreviando o restante, passa imediatamente para a prisão.

“Porque,” diz ele, “Jesus, ao saber” que João fora preso, “retirou-se de lá.” (Mat. 14:13.) Mas João não age assim. Ele se cala quanto à ida ao deserto, pois isso foi descrito por Mateus; mas relata o que se seguiu à descida da montanha, e, passando por muitas circunstâncias, acrescenta: “Pois João ainda não fora preso.” (3:24.)

E por que, pergunta alguém, Jesus vem agora até ele? Por que não apenas uma vez, mas uma segunda vez também? Pois Mateus diz que Sua vinda foi necessária por causa do Batismo, já que Jesus acrescenta que “convém que cumpramos toda a justiça.” (Mat. 3:15.) Mas João diz que Ele veio novamente após o Batismo, e declara isso aqui: “Eu vi,” diz ele, “o Espírito descendo do céu como pomba, e Ele repousou sobre Ele.” Por que então Ele veio a João? Pois não veio por acaso, mas foi a ele expressamente. “João,” diz o Evangelista, “viu Jesus vindo a ele.” Então, por que Ele vem? Para que, visto que João o batizara juntamente com muitos outros, ninguém suponha que Ele se aproximou de João pela mesma razão que os demais — para confessar pecados e lavar-se no rio para arrependimento. Pois Ele vem para dar a João oportunidade de corrigir essa opinião, dizendo: “Eis o Cordeiro de Deus, que tira o pecado do mundo,” afastando toda suspeita. Pois é evidente que Aquele tão puro a ponto de poder lavar os pecados dos outros não vem para confessar pecados, mas para dar oportunidade ao maravilhoso arauto de fixar com mais firmeza o que dissera aos que ouviram suas palavras anteriores, e para acrescentar outras declarações. A palavra “Eis” é usada porque muitos o buscavam por causa do que fora dito e por muito tempo. Por isso, apontando-O quando presente, disse: “Eis,” este é Aquele tão buscado, este é “o Cordeiro.” Chama-O “Cordeiro” para lembrar os judeus da profecia de Isaías e da sombra sob a lei de Moisés, para melhor conduzi-los do tipo à realidade. Aquele cordeiro da lei mosaica não tirava imediatamente o pecado de ninguém; mas este tira o pecado de todo o mundo; pois quando ele estava em perigo de perecer, Ele rapidamente o livrou da ira de Deus.

Versículo 30. “Este é aquele de quem eu disse: Depois de mim vem um que é preferido a mim.”

[2.] Vês aqui também como ele interpreta a palavra "antes" ("precede")? Pois, tendo chamado Jesus de "Cordeiro" e dizendo que Ele "tira o pecado do mundo," então ele diz que "Ele é preferido antes de mim, porque Ele já existia antes de mim"; declarando que esse "antes" significa tomar sobre si os pecados do mundo, "e o batismo com o Espírito Santo." "Pois a minha vinda não tinha outro propósito senão proclamar o Benefactor comum do mundo e conceder o batismo com água; mas o d'Ele era purificar todos os homens e conceder-lhes o poder do Consolador." "Ele é preferido antes de mim," isto é, apareceu mais resplandecente do que eu, porque "Ele já existia antes de mim." Que se envergonhem aqueles que aceitaram a loucura de Paulo de Samosata ao resistirem a uma verdade tão manifesta.

Vers. 31. "E eu não O conhecia," diz ele.

Aqui ele dá seu testemunho livre de suspeitas, mostrando que não foi por amizade humana, mas por revelação divina. "Eu não O conhecia," diz ele. Como, pois, poderias ser testemunha confiável? Como ensinarás outros se tu mesmo eras ignorante? Ele não disse "Eu não O conheço," mas "Eu não O conhecia," para mostrar assim maior confiabilidade; pois por que mostraria favor a alguém que não conhecia?

"Mas para que Ele fosse manifestado a Israel, por isso vim batizando com água."

Então ele não precisava do batismo, nem este tinha outro objetivo senão preparar o caminho para que todos cressem em Cristo. Pois ele não disse "para que eu pudesse limpar os que eram batizados," nem "para que eu pudesse livrá-los dos seus pecados," mas "para que Ele fosse manifestado a Israel." "E por que, me diga, ele não poderia ter pregado e atraído as multidões sem o batismo?" Mas assim não teria sido fácil. Pois não teriam corrido todos juntos, se a pregação tivesse sido sem o batismo; não teriam aprendido pela comparação a superioridade Dele. Pois a multidão juntava-se não para ouvir suas palavras, mas para quê? Para ser "batizada, confessando seus pecados." Mas quando vinham, eram instruídos sobre as coisas de Cristo e a diferença do Seu batismo. Porém até este batismo de João era de

maior dignidade do que o judaico, e por isso todos corriam para ele; mesmo assim, era imperfeito.

“Então, como O conheceste?” “Pela descida do Espírito,” diz ele. Mas, novamente, se alguém suspeitasse que ele precisasse do Espírito como nós, ouça como ele afasta essa suspeita, mostrando que a descida do Espírito foi só para revelar Cristo. Pois depois de dizer “Eu não O conhecia,” acrescenta: “Mas aquele que me enviou a batizar com água, esse me disse: Sobre quem vires o Espírito descer e permanecer sobre Ele, esse é quem batiza com o Espírito Santo.” (Vers. 33.)

Vês que essa foi obra do Espírito, apontar Cristo? O testemunho de João não era para ser suspeito, mas querendo torná-lo ainda mais credível, ele o liga a Deus e ao Espírito Santo. Pois quando João testemunhou algo tão grande e maravilhoso, capaz de espantar todos os ouvintes, que só Ele tomou sobre si os pecados do mundo, e que a grandeza do dom bastava para um resgate tão enorme, depois ele prova essa afirmação. E a prova é que Ele é o Filho de Deus, que não precisava de batismo, e que o objetivo da descida do Espírito era só para torná-Lo conhecido. Pois não estava no poder de João dar o Espírito, como mostram aqueles que foram batizados por ele, quando dizem: “Nem sequer ouvimos se há Espírito Santo.” (Atos 19:2.) Na verdade, Cristo não precisava de batismo, nem do dele nem de outro; mas o batismo precisava do poder de Cristo. Pois o que faltava era a bênção suprema de todos, que aquele que era batizado fosse considerado digno do Espírito; esse dom livre do Espírito Ele acrescentou quando veio.

Verss. 32-34. “E João deu testemunho, dizendo: Eu vi o Espírito descer do céu como uma pomba, e repousar sobre Ele. E eu não O conhecia; mas aquele que me enviou a batizar com água me disse: Sobre quem vires o Espírito descer e permanecer sobre Ele, esse é quem batiza com o Espírito Santo. E eu vi e testifiquei que Ele é o Filho de Deus.”

Ele repete várias vezes “Eu não O conhecia.” Por quê? E para quê? Ele era parente Seu segundo a carne. “Eis,” diz o anjo, “tua parenta Isabel, que também concebeu um filho.” (Lucas 1:36.) Para que não parecesse favorecer

Jesus por causa do parentesco, ele repete “Eu não O conhecia.” E isso aconteceu por boa razão; pois ele passou todo seu tempo no deserto, longe da casa do pai.

Então, se não O conhecia antes da descida do Espírito, e só então O reconheceu pela primeira vez, como pôde repreendê-Lo antes do batismo, dizendo: “Eu tenho necessidade de ser batizado por Ti, e vens Tu a mim?” (Mat. 3:14), já que isso prova que o conhecia muito bem? Contudo, ele não O conhecia antes, nem por muito tempo, e por bom motivo; pois os prodígios que aconteceram quando Ele era criança — como a visita dos magos e outros semelhantes — tinham ocorrido muito antes, quando João ainda era muito jovem, e, como muito tempo havia se passado, Ele era naturalmente desconhecido de todos. Pois, se fosse conhecido, João não teria dito: “Para que Ele seja manifestado a Israel, por isso vim batizando.”

[3.] Portanto, fica claro para nós que os milagres que dizem pertencer à infância de Cristo são falsos, e invenções de alguns que os divulgam. Pois, se Ele tivesse começado desde a infância a operar maravilhas, nem João poderia ter sido ignorante a Seu respeito, nem a multidão precisaria de um mestre para torná-Lo conhecido. Mas agora ele diz que por isso veio, “para que Ele fosse manifestado a Israel”; e por isso disse novamente, “Tenho necessidade de ser batizado por Ti.” Depois, tendo adquirido conhecimento mais exato Dele, proclamou-o à multidão, dizendo: “Este é aquele de quem eu disse: Depois de mim vem um homem que é preferido antes de mim.” Pois “aquele que me enviou a batizar com água,” e me enviou para este fim, “para que Ele fosse manifestado a Israel,” Ele mesmo O revelou ainda antes da descida do Espírito. Por isso, mesmo antes de Ele vir, João disse: “Depois de mim vem alguém que é preferido antes de mim.” Ele não O conhecia antes de ir ao Jordão e batizar todos os homens, mas, quando estava para ser batizado, então O conheceu; e isso porque o Pai O revelou ao Profeta, e o Espírito O mostrou enquanto era batizado diante dos judeus, para quem, de fato, a descida do Espírito ocorreu. Para que o testemunho de João, que disse “Ele era antes de mim” e “Ele batiza com o Espírito” e “Ele julga o mundo,” não fosse desprezado, o Pai pronunciou uma Voz proclamando o Filho, e o Espírito desceu, dirigindo essa Voz para a Cabeça de Jesus. Pois, visto que um

estava batizando e o outro recebendo o batismo, o Espírito veio corrigir a ideia que alguns dos presentes poderiam formar, de que as palavras foram ditas a respeito de João. Assim, quando ele diz “Eu não O conhecia,” fala do tempo anterior, não do tempo próximo ao batismo. Caso contrário, como poderia ter proibido Jesus, dizendo: “Tenho necessidade de ser batizado por Ti”? Como poderia ter dito tais palavras a Seu respeito?

“Mas,” diz alguém, “por que então os judeus não creram, pois não foi só João que viu o Espírito na semelhança de uma pomba?” Foi porque, mesmo que vissem, tais coisas requerem não só os olhos do corpo, mas mais que estes, a visão do entendimento, para evitar que as pessoas suponham que tudo não passa de ilusão vã. Pois, se quando viam Jesus fazer milagres, tocando com Suas próprias mãos os doentes e os mortos, trazendo-os de volta à vida e à saúde, estavam tão embriagados de malícia a ponto de declarar o contrário do que viram, como poderiam abandonar a incredulidade só pela descida do Espírito? E alguns dizem que nem todos viram, mas só João e alguns dos mais bem dispostos. Porque, mesmo que fosse possível com olhos carnais ver o Espírito descendo na semelhança de uma pomba, ainda assim não era absolutamente necessário que todos vissem tal circunstância. Pois Zacarias viu muitas coisas em forma sensível, assim como Daniel e Ezequiel, e não teve com quem partilhar o que viram; Moisés também viu muitas coisas que ninguém mais viu; nem todos os discípulos contemplaram a Transfiguração no monte, nem todos o viram igualmente na Ressurreição. E isso Lucas mostra claramente, quando diz que Jesus se mostrou “a testemunhas escolhidas antes por Deus.” (Atos 10:41)

“E eu vi e testifiquei que este é o Filho de Deus.”

Onde ele “testificou que este é o Filho de Deus?” Ele o chamou de fato de “Cordeiro” e disse que Ele “batizaria com o Espírito,” mas em lugar nenhum disse sobre Ele “Filho de Deus.” Porém os outros Evangelistas não relatam que ele disse algo depois do batismo, e, tendo ficado em silêncio sobre o tempo entre esses fatos, mencionam os milagres de Cristo feitos depois da prisão de João, de onde podemos razoavelmente supor que esses e muitos outros milagres foram omitidos. E isso o próprio Evangelista declara no fim

de seu relato. Pois eles estavam longe de inventar algo grandioso sobre Ele, e as coisas que parecem trazer reprovação foram todas anotadas por unanimidade e com exatidão, e não encontrarás nenhum deles omitindo tais circunstâncias; mas dos milagres, alguns deixaram para os outros relatarem, e outros todos passaram em silêncio.

Não digo isso sem motivo, mas para responder à ousadia dos pagãos. Pois essa é uma prova suficiente de sua honestidade e de que não dizem nada por interesse. E assim, em outras formas, também podes te armar para um confronto argumentativo com eles. Mas toma cuidado. Seria estranho que o médico, o sapateiro, o tecelão — em suma, todos os artesãos — pudessem defender corretamente sua própria arte, mas que alguém que se diga cristão não pudesse dar razão de sua própria fé; contudo, quando tais coisas são negligenciadas, trazem apenas prejuízo à propriedade dos homens, enquanto que estas, se desprezadas, destroem nossas almas. Porém tal é nossa miserável condição, que damos todo nosso cuidado às primeiras, e desprezamos como se fossem pouco importantes as coisas necessárias e que são a base da nossa salvação.

[4.] É isso que impede os pagãos de zombar rapidamente do próprio erro. Pois, quando eles, embora firmados numa mentira, usam todos os meios para ocultar a vergonhosa falsidade de suas opiniões, enquanto nós, servos da verdade, nem sequer conseguimos abrir a boca, como poderão deixar de condenar a grande fraqueza da nossa doutrina? Como deixarão de suspeitar que nossa religião é fraude e loucura? Como não blasfemarão contra Cristo, chamando-o de enganador e impostor, que usou a tolice dos muitos para promover sua fraude? E somos nós os culpados por essa blasfêmia, porque não permanecemos vigilantes em argumentos para a piedade, mas julgamos tais coisas supérfluas, e cuidamos apenas das coisas terrenas. Aquele que admira um dançarino ou um auriga, ou alguém que combate com feras, usa todos os esforços e artifícios para não sair em desvantagem em qualquer disputa a seu respeito, e compõem longos panegíricos para sua defesa contra os que os criticam, lançando incontáveis escárnios contra seus oponentes; mas quando se apresentam argumentos para o cristianismo, todos baixam a cabeça, coçam-se, bocejam e acabam se tornando objetos de desprezo.

Isso não merece uma ira excessiva, quando Cristo é mostrado como menos honrado em vossa estima do que um dançarino? Pois vocês criaram milhares de defesas para as coisas que eles fizeram, embora mais vergonhosas do que todas, mas dos milagres de Cristo, que atraíram o mundo para Ele, não suportam sequer pensar ou se importar. Nós cremos no Pai, no Filho e no Espírito Santo, na Ressurreição dos corpos e na Vida eterna. Se algum pagão disser: "O que é este Pai, o que é este Filho, o que é este Espírito Santo? Como vós, que dizeis que há três Deuses, nos acusais de termos muitos deuses?" O que direis? Como respondereis? Como repelireis esse ataque? Mas e se, quando vocês permanecerem em silêncio, o incrédulo fizer outra pergunta, e perguntar: "O que é, em poucas palavras, a ressurreição? Levantar-nos-emos outra vez neste corpo? Ou em outro, diferente deste? Se neste, para que então há necessidade de que ele se dissolva?" O que responderão? E se ele disser: "Por que Cristo veio agora e não nos tempos antigos? Por acaso Lhe pareceu bom agora cuidar dos homens, e Ele nos desprezou durante todos os anos que passaram?" Ou se fizer outras perguntas além dessas, e até mais? Pois não devo propor muitas questões e permanecer em silêncio quanto às respostas, para não prejudicar os mais simples entre vocês. O que já foi dito é suficiente para despertar-vos do vosso sono. Pois bem, se eles fizerem tais perguntas e vocês absolutamente não conseguirem nem ouvir as palavras, dir-me-ão, sofreremos apenas um castigo leve, quando temos sido causa de tanto erro para os que estão sentados nas trevas?

Eu desejaria, se vocês tivessem tempo suficiente, trazer diante de vocês todo o livro de um certo filósofo pagão impuro escrito contra nós, e o de outro, de data anterior, para que ao menos eu pudesse despertá-los e tirá-los da extrema preguiça. Pois, se eles estavam vigilantes para dizer tais coisas contra nós, que perdão mereceremos nós, se nem sabemos repelir os ataques feitos contra nós? Para que propósito fomos então apresentados? Não ouves o Apóstolo dizer: "Estejam preparados para responder a todo aquele que vos pedir a razão da esperança que há em vós"? (1 Pedro 3:15) E Paulo exorta de modo semelhante, dizendo: "Habite ricamente em vós a palavra de Cristo." (Colossenses 3:16) O que respondem os mais preguiçosos que as abelhas, a

isso? “Bem-aventurada é toda alma simples,” e “aquele que anda na simplicidade anda seguro.” (Provérbios 10:8) Pois esta é a causa de todo tipo de mal, que muitos não saibam aplicar corretamente nem mesmo o testemunho das Escrituras. Assim, neste lugar, o autor não se refere (ao dizer “simples”) ao homem tolo, ou que nada sabe, mas àquele que está livre da maldade, que não pratica o mal, que é sábio. Se não fosse assim, teria sido inútil dizer: “Sede prudentes como as serpentes e simples como as pombas.” (Mateus 10:16) Mas por que citar estas coisas, quando o discurso vem totalmente fora de lugar? Pois, além do que já foi dito, outras coisas não vão bem entre nós, aquelas que dizem respeito à nossa vida e conduta. Somos de toda forma miseráveis e ridículos, sempre prontos a criticar uns aos outros, mas lentos para corrigir em nós mesmos aquilo que censuramos no próximo. Por isso vos exorto que, ao menos agora, cuidemos de nós mesmos, e não nos detenhamos só em criticar (isso não basta para apaziguar Deus), mas que mostremos uma mudança em todos os aspectos, para que, tendo vivido aqui para a glória de Deus, possamos gozar da glória futura; o que aconteça, que todos alcancemos, pela graça e misericórdia de nosso Senhor Jesus Cristo, a quem seja glória para todo o sempre. Amém.

Sermão XVIII
João 1,35-37: “No dia seguinte, João estava ali novamente com dois de seus discípulos. E, olhando para Jesus, que passava, disse: Eis o Cordeiro de Deus. Os dois discípulos, ouvindo-o dizer isso, seguiram Jesus.”

[1.] A natureza do homem é, de certo modo, preguiçosa e propensa à perdição — não por causa da constituição da própria natureza, mas por causa da negligência deliberada da vontade. Por isso, precisa de frequente exortação. E foi por essa razão que Paulo, escrevendo aos Filipenses, disse: “Escrever-vos as mesmas coisas, para mim não é penoso, e para vós é segurança” (Fl 3,1).

A terra, uma vez que recebeu a semente, logo dá seus frutos, e não necessita de novo plantio; mas com nossas almas não é assim. Deve-se estar satisfeito se, depois de semear muitas vezes e mostrar muito cuidado, conseguir-se colher algum fruto uma única vez. Pois, em primeiro lugar, o que é dito

penetra com dificuldade na mente, porque o solo é muito duro e cheio de espinhos inumeráveis, e há muitos que armam ciladas e carregam a semente embora; depois, mesmo quando ela é fixada e enraizada, ainda requer o mesmo cuidado, para que venha a amadurecer, permaneça sem dano e não sofra nenhum prejuízo. Pois, no caso das sementes, uma vez formado o grão e tendo ele adquirido sua força própria, facilmente resiste à ferrugem, à seca e a tudo o mais; mas não é assim com as doutrinas. Nestas, mesmo depois de todo o trabalho ter sido feito, uma única tempestade e enxurrada pode surgir e, por ataque de circunstâncias adversas, ou por tramas de homens habilidosos no engano, ou por várias outras tentações, levar tudo à ruína.

Não disse tudo isso sem motivo, mas para que, ao ouvir João repetir as mesmas palavras, não o acuseis de vã tagarelice, nem o julgueis inoportuno ou cansativo. Ele desejava que bastasse tê-las dito uma única vez para ser ouvido, mas como poucos deram atenção ao que dissera desde o princípio, por causa de profundo torpor, ele os desperta outra vez por esse segundo chamado. Observai: ele havia dito: "Aquele que vem depois de mim, passou à minha frente" e que "não sou digno de desatar a correia de seu calçado"; e que "Ele batiza com o Espírito Santo e com fogo"; e que ele "viu o Espírito descer como pomba e repousar sobre Ele"; e deu testemunho que "Este é o Filho de Deus". Mas ninguém deu atenção, nem perguntou, nem disse: "Por que dizes essas coisas? Em favor de quem? Por qual razão?" Ele ainda havia dito: "Eis o Cordeiro de Deus, que tira o pecado do mundo"; e nem assim conseguiu tocar a insensibilidade deles. Por isso, é compelido a repetir novamente as mesmas palavras, como quem amacia com arado um solo duro e rebelde, e com sua palavra, como com um arado, revolve a mente endurecida em torrões, a fim de lançar a semente em profundidade. Por isso também ele não prolonga muito o discurso; pois só deseja uma coisa: levá-los e uni-los a Cristo. Sabia que, uma vez acolhida essa palavra e persuadidos por ela, eles não mais precisariam de testemunho sobre Ele. E assim de fato aconteceu. Pois, se os samaritanos puderam dizer à mulher, após ouvirem a Cristo: "Agora cremos, não por causa do que disseste, pois nós mesmos ouvimos e sabemos que Este é verdadeiramente o Cristo, o Salvador do mundo", com muito mais razão os discípulos se convenceriam com mais rapidez — e assim foi. Pois, tendo vindo e ouvido a Cristo por apenas uma

tarde, não voltaram mais a João, mas se ligaram a Ele com tal firmeza que assumiram o próprio ministério de João, e passaram a anunciá-Lo. Pois diz o evangelista: "Ele encontra seu irmão Simão e lhe diz: Encontramos o Messias, que traduzido é o Cristo." E observai, peço-vos, como quando ele dissera: "Aquele que vem depois de mim passou à minha frente", e que "não sou digno de desatar a correia de seu calçado", não convenceu ninguém; mas quando falou da Economia (isto é, da obra salvífica) e abaixou o tom de seu discurso, então os discípulos O seguiram.

E podemos observar isso não apenas nesse caso dos discípulos, mas que muitos não se deixam atrair tanto quando se fala algo elevado e sublime sobre Deus, quanto quando se menciona algum ato de misericórdia e amor, algo que se refere à salvação dos ouvintes. Quando ouviram que "Ele tira o pecado do mundo", correram logo a Ele. Pois pensaram: "Se é possível lavar os crimes que pesam contra nós, por que tardar? Eis aqui Aquele que nos livrará sem nenhum esforço nosso. Não será extrema loucura adiar a aceitação desse Dom?" Ouçam isso os Catecúmenos, que deixam a sua salvação para o último suspiro.

"Novamente," diz o Evangelista, "João estava ali, e diz: Eis o Cordeiro de Deus." Cristo não diz palavra alguma; Seu precursor diz tudo. Assim também acontece com o noivo: ele não fala nada à noiva por um tempo, mas está presente em silêncio, enquanto outros o mostram à noiva, e outros a entregam em suas mãos. Ela apenas aparece, e ele a recebe, não tendo-a tomado por si, mas tendo-a recebido de outro que a entregou a ele. E quando a recebe assim entregue, dispõe dela de modo que ela não se lembra mais daqueles que a desposaram. Assim aconteceu com Cristo. Ele veio para unir a Si a Igreja; não disse nada, apenas veio. Foi Seu amigo, João, quem colocou nas mãos d'Ele a mão direita da noiva, quando por seus discursos entregou em Suas mãos as almas dos homens. Ele, tendo-as recebido, dispôs delas de tal modo que jamais voltaram para João, que as havia confiado a Ele.
[2.] E aqui podemos observar não apenas isso, mas algo mais além. Assim como, num casamento, a donzela não vai ao encontro do noivo, mas é ele quem se apressa até ela — ainda que seja filho de rei, e esteja prestes a desposar uma pessoa pobre e miserável, ou até mesmo uma serva —, assim

também se deu neste caso. A natureza humana não subiu até Ele; mas, sendo desprezível e pobre como era, Ele veio até ela. E, uma vez celebrado o matrimônio, Ele não permitiu mais que ela permanecesse aqui, mas, tendo-a assumido, transportou-a para a casa de Seu Pai.

"Por que, então, João não toma seus discípulos à parte e conversa com eles sobre essas coisas, entregando-os então a Cristo, em vez de dizer publicamente, diante de todo o povo: 'Eis o Cordeiro de Deus'?" Para que isso não parecesse um arranjo combinado; pois, se eles tivessem ido de João até Cristo após terem sido admoestados em particular, e como que para agradar ao seu mestre, talvez logo teriam voltado atrás; mas agora, tendo decidido segui-Lo com base num ensinamento público e universal, permaneceram depois firmes como discípulos, não tendo seguido por consideração ao mestre, mas buscando unicamente o próprio bem.

Os Profetas e os Apóstolos, pois, todos pregaram a Cristo ausente: os Profetas antes de Sua vinda na carne, os Apóstolos depois de Sua ascensão; somente João O proclamou presente. Por isso se chama a si mesmo "amigo do Esposo" (Jo 3,29), pois ele foi o único presente nas núpcias, e foi quem tudo fez e realizou: ele deu início à obra. E, "olhando para Jesus que passava, disse: Eis o Cordeiro de Deus." Não apenas com a voz, mas também com os olhos ele deu testemunho e expressou sua admiração por Cristo, alegrando-se e glorificando-O. E por um tempo não dirige palavra de exortação aos seus discípulos, mas apenas demonstra maravilha e admiração por Aquele que estava presente, e declara a todos o Dom que Ele veio trazer, e o modo de purificação. Pois "o Cordeiro" exprime ambas as coisas.

E ele não disse: "Que tomará", ou "que tomou", mas: "que tira o pecado do mundo"; porque Ele o faz continuamente. Não os tirou apenas naquela ocasião em que sofreu, mas desde então até agora Ele os tira, não sendo repetidamente crucificado (pois ofereceu um único sacrifício pelos pecados), mas por aquele único sacrifício purifica-os continuamente. Assim como o título de "Verbo" indica Sua preeminência, e o de "Filho" Sua superioridade sobre os demais, assim também "o Cordeiro", "o Cristo", "aquele Profeta", "a Luz verdadeira", "o Bom Pastor" — e quaisquer outros nomes que Lhe sejam

dados com o acréscimo do artigo definido — assinalam uma grande diferença. Pois houve muitos "cordeiros", e "profetas", e "cristos", e "filhos", mas João distingue-O de todos eles por uma larga distância. E isto ele assegura não apenas pelo artigo definido, mas também pela adição de "Unigênito"; pois Ele nada tinha em comum com a criação.

Se a alguém parece inoportuno que essas coisas tenham sido ditas "à décima hora" (pois esse era o horário do dia, como se lê: "Era por volta da décima hora" — Jo 1,39), esse tal, ao meu ver, se engana muito. No caso da maioria, e daqueles que servem à carne, o tempo após a refeição não é muito propício para assuntos de grande importância, pois seus corações estão pesados pelos alimentos; mas aqui temos um homem que nem mesmo participava da comida comum, e que, ao cair da tarde, era tão sóbrio quanto nós pela manhã (ou antes, muito mais; pois muitas vezes os resíduos do alimento da noite, que permanecem em nós, enchem nossas almas de imagens e devaneios, enquanto ele não carregava sua "vasilha" com nenhuma dessas coisas); ele, com toda razão, falava à tarde dessas questões. Além disso, ele permanecia no deserto junto ao Jordão, onde todos vinham ao seu batismo com grande temor, preocupando-se pouco, naquele momento, com as coisas desta vida; assim como também permaneceram com Cristo três dias sem ter o que comer (cf. Mt 15,32). Pois esta é a conduta de um arauto zeloso e de um agricultor cuidadoso: não cessar enquanto não vê que a semente lançada lançou raízes firmes.

"Por que, então, ele não andava por toda a Judeia pregando o Cristo, em vez de ficar à beira do rio esperando que Ele viesse, para então apontá-Lo quando aparecesse?" Porque queria que isso se desse pelas obras d'Ele; seu próprio objetivo, naquele momento, era apenas torná-Lo conhecido e persuadir alguns a ouvirem sobre a vida eterna. Mas ao próprio Cristo ele deixava o maior testemunho — o das obras —, como Ele mesmo diz: "Eu não recebo testemunho de homem... As obras que Meu Pai Me deu para realizar, essas mesmas dão testemunho de Mim" (Jo 5,34.36). Repara como isso foi muito mais eficaz: pois, tendo lançado uma pequena centelha, logo a chama se elevou. Pois os que antes nem sequer lhe davam ouvidos, depois diziam: "Tudo o que João disse sobre Ele era verdade." (Jo 10,41)

[3.] Além disso, se ele tivesse andado por aí dizendo essas coisas, o que estava sendo feito pareceria feito por algum motivo humano, e a pregação pareceria cheia de suspeita.

"E os dois discípulos o ouviram e seguiram Jesus."

Contudo, João tinha outros discípulos, mas estes não apenas não seguiram Jesus, como até se mostraram invejosos em relação a Ele. Diz um deles: "Rabi, Aquele que estava contigo além do Jordão, de quem deste testemunho, eis que Ele batiza, e todos vêm a Ele" (Jo 3,26). E novamente eles aparecem apresentando uma queixa contra Ele: "Por que jejuamos nós e os fariseus muitas vezes, mas os teus discípulos não jejuam?" (Mt 9,14). Mas os que eram melhores que os demais não tinham tal sentimento; antes, ouviram e logo seguiram — seguiram, não por desprezo ao seu mestre, mas por estarem plenamente convencidos por ele, e dando a mais forte prova de que assim agiram com juízo reto quanto às razões dele. Pois não o fizeram por conselho dele — o que poderia parecer suspeito —, mas quando ele apenas predisse o que haveria de acontecer, isto é, que "Ele batizaria com o Espírito Santo [e com fogo]", eles seguiram. Eles, pois, não abandonaram seu mestre, mas desejaram aprender o que Cristo trouxera consigo mais do que João. E nota-se aqui zelo unido à modéstia. Eles não se aproximaram de imediato para interrogar Jesus sobre as questões necessárias e mais importantes, nem quiseram conversar com Ele publicamente, diante de todos, de maneira apressada, mas privadamente; pois sabiam que as palavras de seu mestre procediam, não de humildade, mas da verdade.

Verso 40. "Um dos dois que ouviram e O seguiram era André, irmão de Simão Pedro."

Por que, então, ele não revelou também o nome do outro? Alguns dizem que foi porque o outro era o próprio autor do Evangelho; outros dizem que não, mas que ele não era um dos discípulos mais notáveis, e por isso não convinha dizer mais do que o necessário. Pois de que nos adiantaria saber seu nome, quando o escritor nem sequer menciona os nomes dos setenta e dois? São

Paulo também faz o mesmo. “Enviamos com ele o irmão”, diz ele, “cujo louvor no Evangelho se espalhou por todas as igrejas” (2Cor 8,18). Além disso, ele menciona André por outro motivo. Qual é este? É que, ao saberes que Simão, tendo ouvido com ele aquelas palavras — “Segui-Me, e farei de vós pescadores de homens” (Mt 4,19) — não ficou perplexo diante de promessa tão estranha, possas entender que seu irmão já havia preparado dentro dele os princípios da fé.

Verso 38. “Então Jesus, voltando-Se e vendo que O seguiam, disse-lhes: Que buscais?”

Aqui aprendemos que Deus não antecipa nossa vontade com Seus dons, mas que, quando nós começamos, quando oferecemos a disposição da vontade, então Ele nos dá muitas oportunidades de salvação. “Que buscais?” Como é isso? Aquele que conhece os corações dos homens, que habita nos nossos pensamentos, pergunta? Sim, pergunta; não para ser informado — como poderia ser? —, mas para, com a pergunta, torná-los mais íntimos, infundir-lhes mais ousadia e mostrar-lhes que são dignos de ouvi-Lo; pois era provável que sentissem vergonha e medo, por serem desconhecidos d’Ele e por terem ouvido tais testemunhos a Seu respeito por parte do mestre deles. Por isso, para remover tudo isso — a vergonha e o temor deles —, Ele lhes faz perguntas e não permite que venham em silêncio até a casa. Ora, o mesmo teria acontecido se Ele não tivesse perguntado; eles teriam permanecido ao segui-Lo, e andando após Ele teriam chegado à Sua morada. Por que então perguntou? Para realizar o que dissemos: acalmar seus ânimos, ainda perturbados pela vergonha e ansiedade, e dar-lhes confiança.

E não foi só por O seguirem que mostraram o intenso desejo, mas também por sua pergunta: pois, sem ainda terem aprendido ou sequer ouvido nada d’Ele, chamam-nO de Mestre, como que se lançando já entre Seus discípulos, e declarando o motivo por que O seguiam: para ouvir algo proveitoso. Observa-se também sua sabedoria. Eles não disseram: “Ensina-nos a tua doutrina” ou “alguma coisa de que necessitamos saber”; mas o quê? “Onde moras?” Porque, como já dissemos, desejavam dizer-Lhe algo em particular e ouvir-Lhe algo a sós, e aprender. Por isso, não adiaram o assunto, nem

disseram: “Viremos amanhã com certeza, e Te ouviremos falar em público”; mas mostraram o grande ardor que tinham por ouvi-Lo, ao não se deixarem deter sequer pela hora do dia, pois o sol já estava quase se pondo (“era”, diz João, “cerca da hora décima”). E por isso Cristo não lhes diz as marcas da casa, nem sua localização, mas os induz a segui-Lo, mostrando-lhes que os havia acolhido. Por essa razão, não lhes disse algo assim: “É hora inconveniente agora para entrarem em casa; amanhã ouvireis, se quiserdes; ide agora para casa”; mas conversa com eles como amigos, e como se já estivessem há muito tempo com Ele.

Como, então, Ele diz em outro lugar: “Mas o Filho do Homem não tem onde reclinar a cabeça” (Lc 9,58), se aqui Ele diz: “Vinde e vede” (Jo 1,39) onde moro? Porque a expressão “não tem onde reclinar a cabeça” significa que Ele não possuía morada própria, não que não habitasse numa casa. E é esse também o sentido da comparação. O evangelista mencionou que “eles permaneceram com Ele naquele dia”, mas não acrescentou o motivo, porque era evidente; pois por nenhum outro motivo seguiram a Cristo, e Ele os atraiu a Si, senão para que recebessem instrução — e esta eles receberam com tal abundância e avidez, mesmo em uma só noite, que imediatamente passaram à conquista de outros.

[4.] Aprendamos, pois, também nós com isso a considerar todas as coisas como secundárias em relação à escuta da palavra de Deus, e a não julgar que há algum tempo inconveniente para tal. Ainda que alguém precise entrar na casa de outro homem, sendo ele um desconhecido, e se fazer conhecido diante de homens importantes, mesmo que seja tarde ou em qualquer outra hora, nunca deve negligenciar este comércio espiritual. Que a comida, os banhos, os jantares e as demais coisas desta vida tenham seu tempo determinado; mas que o ensino da filosofia celeste não tenha tempo reservado, que toda hora seja apropriada para ela. Pois Paulo diz: "Prega a palavra, insta a tempo e fora de tempo, repreende, censura, exorta." (2Tm 4,2) E o profeta também diz: "Na sua lei meditará de dia e de noite." (Sl 1,3) E Moisés ordenou aos judeus que fizessem isso sempre.

Pois as coisas desta vida — os banhos, os jantares, mesmo que sejam

necessárias —, sendo continuamente repetidas, tornam o corpo fraco; mas o ensino da alma, quanto mais prolongado, tanto mais fortalece a alma que o recebe. Contudo, atualmente repartimos todo o nosso tempo com ninharias e conversas tolas sem proveito, e sentamo-nos juntos à toa pela manhã e à tarde, ao meio-dia e à noite ainda, e até marcamos lugares para isso; mas ouvindo as doutrinas divinas duas ou três vezes por semana já nos sentimos doentes, cansados, e completamente saturados. Qual é a causa disso? Estamos em má condição de alma; a sua faculdade de desejar e de se lançar a essas coisas está totalmente enfraquecida. Por isso, ela não é forte o bastante para ter apetite pelo alimento espiritual. E isso, entre outras coisas, é grande prova de fraqueza: não ter fome nem sede, mas estar inclinado à indiferença em relação a ambos. Ora, se isso, quando ocorre em nosso corpo, é sinal seguro de enfermidade grave e causa de fraqueza, quanto mais o é na alma.

"Como, então" — diz alguém — "poderemos renová-la, caída e enfraquecida, para a força? Fazendo o quê? Dizendo o quê?" Aplicando-nos às palavras divinas dos profetas, dos apóstolos, dos evangelhos e de todos os demais; então saberemos que é muito melhor alimentar-nos dessas coisas do que de alimento impuro — pois assim devemos chamar nossas conversas tolas e reuniões desordenadas. Pois qual é o melhor, dize-me: conversar sobre as coisas do mercado, dos tribunais ou do exército, ou sobre as coisas do céu e o que nos espera após a partida desta vida? O que é melhor: falar de nosso próximo e dos seus assuntos, intrometer-nos no que pertence a outros, ou investigar as coisas dos anjos e os assuntos que dizem respeito a nós mesmos? Pois os negócios do próximo não te pertencem em nada; mas as coisas celestes te pertencem.

"Mas" — dirá alguém — "um homem pode, com uma só fala, esgotar totalmente esses assuntos." Por que não pensas isso nas questões sobre as quais conversas inutilmente e com tolice? Por que, mesmo gastando tua vida nisso, nunca esgotaste o assunto? E ainda nem mencionei o que é muito mais vil que isso. Essas são as coisas sobre as quais os mais respeitáveis entre vós conversam entre si; mas os mais negligentes e descuidados levam em sua conversa atores, dançarinos e condutores de bigas, corrompendo os ouvidos dos homens, manchando suas almas, e lançando sua natureza em loucas

extravagâncias com essas narrativas, e por meio desses discursos, introduzindo toda espécie de maldade em sua imaginação.

Pois assim que a língua pronuncia o nome do dançarino, imediatamente a alma imagina sua aparência, seus cabelos, suas roupas delicadas e ele próprio, mais efeminado do que todos. Outro, por sua vez, atiça as chamas de outro modo, introduzindo na conversa alguma meretriz, com suas palavras, gestos e olhares, seus olhos languidamente voltados, os cabelos torcidos, a maciez das faces e as pálpebras pintadas. Não foste de certo modo afetado quando dei esta descrição? E, contudo, não te envergonhes nem te cores, pois a própria necessidade da natureza exige isso, e assim dispõe a alma conforme a direção do que se diz.

Mas, se, quando sou eu quem falo, tu — estando na igreja e afastado dessas coisas — foste de certo modo tocado ao ouvir, considera quão mais dispostos ficam aqueles que estão sentados no próprio teatro, totalmente isentos de temor, ausentes desta venerável e temível assembleia, e que veem e ouvem essas coisas com toda a desfaçatez. “E por que então” — talvez diga um dos que não prestam atenção — “se é a necessidade da natureza que assim dispõe a alma, nos censuras por isso?” Porque, ser tocado ao ouvir essas coisas é obra da natureza; mas ouvi-las não é culpa da natureza, e sim da escolha deliberada. Assim como aquele que se aproxima do fogo necessariamente se queima — pois assim o quer a fraqueza da nossa natureza —, no entanto, não é a natureza que nos atrai ao fogo e ao dano que dele provém; isso só pode vir de perversidade deliberada.

Suplico-vos, portanto, que removares e corrijais essa falta, para que não vos lanceis voluntariamente no precipício, nem vos jogueis nos fossos da maldade, nem corrais por vontade própria para as chamas, a fim de que não nos coloquemos em risco do fogo preparado para o diabo. Que assim aconteça, que todos nós, sendo libertos tanto deste fogo quanto daquele outro, possamos ir ao próprio seio de Abraão, pela graça e benignidade de nosso Senhor Jesus Cristo, por quem e com quem, ao Pai e ao Espírito Santo, seja glória pelos séculos dos séculos. Amém.

Sermão XIX
João 1,41-42 – "Este achou primeiro a seu irmão Simão, e disse-lhe: Achamos o Messias (que, traduzido, é o Cristo); e levou-o a Jesus."

[1.] Quando Deus, no princípio, criou o homem, não quis que ele permanecesse sozinho, mas deu-lhe uma mulher como ajudadora, e fez com que habitassem juntos, sabendo que grande proveito adviria dessa convivência. Ainda que a mulher não tenha usado bem dessa dádiva, se alguém observar devidamente a natureza da questão, verá que aos sábios muito proveito resulta desse convívio — não apenas no caso do esposo e da esposa, mas também quando irmãos vivem assim, eles gozarão do mesmo benefício. Por isso disse o Profeta: "Oh! quão bom e quão suave é que os irmãos habitem em união" (Salmo 132,1 LXX). E Paulo exortou a não negligenciarmos a assembleia comum (cf. Hb 10,25). Nisso nos distinguimos dos animais: por isso edificamos cidades, mercados, casas, para nos unirmos uns aos outros, não apenas pelo local de moradia, mas pelo vínculo do amor.

Pois como nossa natureza veio imperfeita daquele que a criou e não é autossuficiente, Deus, para nosso proveito, ordenou que essa deficiência fosse suprida pela assistência vinda da convivência mútua, de modo que o que faltasse a um fosse suprido por outro, e a natureza imperfeita se tornasse autossuficiente. Por exemplo, embora feita mortal, ela deve, pela sucessão, manter por longo tempo a imortalidade.

Poderia alongar-me mais nesse argumento, para mostrar quantas vantagens resultam do convívio genuíno e puro entre as pessoas; mas há outra coisa mais urgente, a razão pela qual introduzimos essas observações.

André, depois de ter permanecido com Jesus e aprendido o que Ele fazia, não reteve para si esse tesouro, mas apressa-se e corre rapidamente para seu irmão, para compartilhar com ele os bens que recebera. Mas por que João não disse sobre o que Cristo conversou com eles? Como fica claro que foi por isso que "permaneceram com Ele"? Demonstramos isso na outra homilia; mas podemos aprendê-lo também pelo que foi lido hoje. Observa o que André diz ao irmão: "Achamos o Messias (que traduzido é o Cristo)." Vês

como, na medida em que aprendeu em tão pouco tempo, mostra a sabedoria do Mestre que os persuadiu, e o zelo deles, que desde muito se interessavam por essas coisas e as procuravam desde o princípio? Pois esta palavra "achamos" é expressão de uma alma que anseia por Sua vinda, que busca Sua presença do alto e se alegra sobremaneira quando a coisa esperada acontece, e apressa-se a transmitir a boa nova aos outros.

Isso é próprio do afeto fraterno, da amizade natural, de um espírito sincero: ter zelo em estender a mão ao outro em coisas espirituais. Ouve ainda como ele fala com o uso do artigo: não diz apenas "Messias", mas "o Messias"; mostrando assim que esperavam um único Cristo, sem nada em comum com outros.

E vê, peço-te, o espírito de Pedro, obediente e dócil desde o princípio: corre a Ele sem qualquer demora. "E levou-o," diz São João, "a Jesus." Mas não culpes sua facilidade de espírito por ter acolhido a palavra sem muita investigação, pois é provável que seu irmão lhe tenha contado tudo com mais exatidão e em detalhe. Os evangelistas, por amor à concisão, frequentemente omitem muitas partes. Além disso, não se diz simplesmente que "ele creu", mas que "o levou a Jesus", para entregá-lo dali por diante a Ele, a fim de que Dele aprendesse tudo; pois o outro discípulo também estava com ele e contribuiu para isso.

E se João Batista, tendo dito que Ele era "o Cordeiro" e que "batiza com o Espírito", os encaminhou a aprender a doutrina mais clara diretamente com Ele, muito mais André o teria feito, não se julgando suficiente para explicar tudo, mas conduzindo o irmão à própria fonte da luz, com tanto zelo e alegria, que este nem hesitou nem retardou em nada.

Versículo 42. "E olhando Jesus para ele, disse: Tu és Simão, filho de Jonas; tu serás chamado Cefas (que se interpreta Pedro)."

[2.] A partir deste momento, Ele começa a revelar as coisas pertencentes à Sua divindade, e a manifestá-la pouco a pouco por meio de profecias. Assim fez no caso de Natanael e da mulher samaritana. Pois as profecias convertem

os homens não menos do que os milagres; e estão isentas da aparência de vanglória. Os milagres podem ser caluniados pelos insensatos (como disseram: “Ele expulsa os demônios por Beelzebu” – Mt 12,24), mas jamais se disse algo semelhante sobre a profecia.

No caso de Natanael e de Simão, Ele utilizou esse método de ensino; mas com André e Filipe não o fez. Por quê? Porque aqueles dois tinham o testemunho de João, o que já era uma preparação não pequena; e Filipe recebeu uma prova crível da fé, ao ver aqueles que já haviam estado com Jesus.

“Tu és Simão, filho de Jonas.” Pelo que é presente, garante-se o que é futuro; pois é claro que Aquele que nomeou o pai de Pedro também conhecia o futuro. E a profecia vem acompanhada de louvor; mas o objetivo não era lisonjear, e sim anunciar algo que haveria de acontecer.

Ouve, ao menos no caso da mulher samaritana, como Ele profere uma profecia com severas repreensões: “Tiveste cinco maridos, e o que agora tens não é teu marido” (Jo 4,18). Do mesmo modo, o Pai dá grande importância à profecia, ao opor-se à honra dada aos ídolos: “Que eles anunciem o que está para acontecer” (Is 47,13); e ainda: “Eu anunciei, salvei e fiz ouvir, e não houve entre vós um deus estranho” (Is 43,12 – LXX); e Ele apresenta isso ao longo de toda a profecia. Pois a profecia é especialmente obra de Deus, e os demônios nem sequer conseguem imitá-la, ainda que se esforcem grandemente. No caso dos milagres, pode haver engano; mas predizer o futuro com precisão pertence somente àquela Natureza pura. Ou, se alguma vez os demônios o fizeram, foi enganando os mais simples; por isso seus oráculos são sempre facilmente desmascarados.

Mas Pedro não responde a essas palavras; pois ainda nada sabia com clareza, mas estava ainda aprendendo. E nota que nem mesmo a profecia é totalmente revelada; pois Jesus não disse: “Eu mudarei teu nome para Pedro, e sobre esta pedra edificarei minha Igreja”, mas: “Tu serás chamado Cefas.” A primeira forma expressaria autoridade e poder demasiadamente grandes. Pois Cristo não manifesta imediatamente todo o Seu poder, mas fala por um tempo com mais humildade; e assim, quando já havia dado provas de Sua

divindade, então fala com mais autoridade, dizendo: "Bem-aventurado és tu, Simão, porque não foi a carne nem o sangue que to revelaram, mas meu Pai" (Mt 16,17); e novamente: "Tu és Pedro, e sobre esta pedra edificarei minha Igreja" (Mt 16,18). Portanto, foi assim que Ele o nomeou; e a Tiago e seu irmão chamou de "filhos do trovão" (Mc 3,17).

Por que então Ele faz isso? Para mostrar que foi Ele quem deu a antiga aliança, que foi Ele quem mudou nomes, quem chamou Abrão de "Abraão", e Sarai de "Sara", e Jacó de "Israel". A muitos Ele atribuiu nomes desde o nascimento, como a Isaac, Sansão, e aos mencionados em Isaías e Oséias (Is 8,3; Os 1,4.6.9); mas a outros deu nomes depois de já terem sido nomeados por seus pais, como os que mencionamos, e Josué, filho de Num. Também era costume dos antigos dar nomes com base em acontecimentos, como fez Lia; e isso não sem razão, mas para que os homens tivessem no nome uma recordação da bondade de Deus, e que a profecia expressa nesses nomes fosse constantemente ouvida por aqueles que os portassem. Assim também Ele nomeou João desde cedo, pois aqueles cuja virtude haveria de brilhar desde a juventude recebiam o nome desde então; enquanto aqueles que se tornariam grandes apenas mais tarde, o título também lhes era dado mais tarde.

[3.] Naquele tempo, cada um recebia um nome diferente; agora, porém, todos temos um só nome — um nome maior do que qualquer outro —, sendo chamados cristãos, e filhos de Deus, e amigos d'Ele, e até mesmo Seu Corpo. Pois este nome, por si só, é mais capaz que todos os outros de nos despertar e nos tornar mais zelosos na prática da virtude.

Não vivamos, então, de modo indigno da honra que corresponde a esse título, considerando a grandeza de nossa dignidade — nós, que somos chamados de Cristo; pois assim nos chamou Paulo (cf. 1Cor 3,23). Tenhamos em mente e respeitemos a grandeza dessa designação. Pois se alguém que descende de um famoso general ou de algum homem notável se orgulha de ser chamado filho deste ou daquele, considerando tal nome uma grande honra, e se esforça de todos os modos para não trazer vergonha àquele cujo nome carrega, por negligência própria; então, será que nós — que somos chamados

pelo nome não de um general, nem de algum príncipe da terra, nem de anjo, nem de arcanjo, nem de serafim, mas do próprio Rei de todos eles —, não deveríamos entregar até mesmo nossa própria vida para não ofender Aquele que nos honrou assim?

Não sabeis qual é a honra das tropas reais de escudeiros e lanceiros que cercam o rei? Pois nós, que fomos considerados dignos de estar próximos d'Ele — e muito mais próximos ainda —, assim como o corpo está mais próximo da cabeça que qualquer outra coisa, devemos empregar todos os meios para sermos imitadores de Cristo.

O que diz então Cristo? "As raposas têm suas tocas, e as aves do céu seus ninhos; mas o Filho do Homem não tem onde reclinar a cabeça" (Lc 9,58). Ora, se eu vos exigisse isso, talvez pareceria a muitos de vós algo duro e penoso. Por isso, em razão de vossa fraqueza, não vos peço tão alto grau de perfeição, mas apenas que não vos deixeis escravizar pelas riquezas. E assim como eu, por causa da fraqueza de muitos, recuo um pouco na exigência do excesso de virtude, desejo que vós retrocedais ainda mais do lado do vício.

Não critico os que possuem casas, terras, riquezas e servos; mas desejo que os possuam de modo seguro e digno. E o que é "de modo digno"? Que sejam senhores e não escravos dessas coisas; que as governem, e não sejam governados por elas; que as usem, e não as abusem. É por isso que elas são chamadas de "bens de uso": para que as empreguemos no que for necessário, e não para que as acumulemos. Acumular é tarefa de servo, mas empregar é ofício de senhor, de quem tem grande autoridade.

Não recebeste tuas riquezas para enterrá-las, mas para distribuí-las. Se Deus quisesse que as riquezas fossem escondidas, não as teria dado aos homens, mas as teria deixado onde estavam, no seio da terra. Mas, como Ele quer que sejam repartidas, permitiu-nos possuí-las, para que as distribuamos entre nós. E se as guardamos só para nós, já não somos mais seus senhores. Mas, se queres multiplicá-las e por isso as manténs guardadas, mesmo assim, o melhor modo de fazê-lo é espalhá-las e distribuí-las por todos os lados; pois não há lucro sem despesa, nem riqueza sem gasto.

Pode-se ver que isso é assim até nas coisas do mundo. Assim age o comerciante, assim o lavrador: um lança ao mar seus bens, o outro espalha a semente no solo; um navega para distribuir suas mercadorias, o outro trabalha o ano inteiro semeando e cuidando da terra. Mas aqui não há necessidade de nada disso — nem equipar navio, nem juntar bois, nem lavrar o solo, nem temer o clima incerto, nem recear o granizo. Aqui não há ondas nem rochedos; esta viagem e esta semeadura exigem apenas uma coisa: que lancemos fora nossos bens. Todo o restante será feito por Aquele Lavrador de quem Cristo disse: "Meu Pai é o Lavrador" (Jo 15,1).

Não é, então, absurdo sermos tão preguiçosos e negligentes justamente onde podemos obter tudo sem esforço, e, por outro lado, mostrarmos todo nosso empenho nas coisas que envolvem tantos trabalhos, dificuldades e cuidados, e mesmo assim com esperança incerta?

Peço-vos, portanto, não sejamos insensatos a tal ponto a respeito de nossa salvação; deixemos de lado a tarefa mais trabalhosa e corramos àquela que é mais fácil e mais proveitosa, para que alcancemos também os bens futuros — pela graça e bondade de nosso Senhor Jesus Cristo, ao qual, juntamente com o Pai e o Espírito Santo vivificante, seja a glória, agora e sempre, e pelos séculos dos séculos. Amém.

Sermão XX.
João 1, 43-44 — "No dia seguinte, Jesus quis partir para a Galileia, e encontrou Filipe, e disse-lhe: 'Segue-Me.' Ora, Filipe era de Betsaida, cidade de André e Pedro."

[1.] "Todo homem cuidadoso alcança lucro" (Prov. 14, 23), diz o Provérbio; e Cristo deu a entender ainda mais do que isso, quando disse: "Quem busca, encontra." (Mt 7, 8). Por isso, não me espanta mais como Filipe seguiu a Cristo. André foi persuadido ao ouvir João, e Pedro por André, mas Filipe, sem ter aprendido nada de ninguém senão do próprio Cristo, que apenas lhe disse: "Segue-Me", obedeceu imediatamente, sem recuar, tornando-se até mesmo pregador para outros. Pois correu até Natanael e disse-lhe: "Achamos

Aquele de quem Moisés escreveu na Lei, e também os Profetas." Vês quão reflexivo era ele? Com que assiduidade meditava nos escritos de Moisés, esperando a Vinda? Pois a expressão "achamos" pertence sempre àqueles que de algum modo estavam buscando.

"No dia seguinte, Jesus partiu para a Galileia."
Antes que alguém se juntasse a Ele, não chamou ninguém; e não fez isso sem razão, mas segundo Sua própria sabedoria e discernimento. Pois se, quando ninguém vinha a Ele espontaneamente, Ele mesmo os atraísse, talvez eles se afastassem logo; mas agora, tendo escolhido vir por si mesmos, permaneceram firmes. Ele chama Filipe, alguém que O conhecia melhor, pois, sendo nascido e criado na Galileia, conhecia-O mais do que outros. Tendo então chamado os discípulos, passa à conquista de outros, e atrai a Si Filipe e Natanael. Agora, no caso de Natanael isso não é tão admirável, porque a fama de Jesus já havia se espalhado por toda a Síria (Mt 4, 24). Mas o admirável está em Pedro, Tiago e Filipe: que creram, não apenas antes dos milagres, mas sendo da Galileia, da qual "não surge profeta", nem "pode vir coisa boa"; pois os galileus eram de certo modo mais rudes e obtusos do que outros; mas mesmo nisso Cristo mostrou Seu poder, ao escolher de uma terra estéril os Seus discípulos mais excelentes.

É então provável que Filipe, tendo visto Pedro e André, e ouvido o que João dissera, tenha seguido; e é provável também que a voz de Cristo tenha operado nele de algum modo; pois Ele conhecia os que seriam úteis. Mas o evangelista resume todos esses pontos. Que o Cristo viria, Filipe sabia; que este era o Cristo, ele não sabia — e isso digo que ouviu ou de Pedro ou de João. Mas João menciona também sua aldeia, para que aprendas que "Deus escolheu as coisas fracas do mundo." (1Cor 1, 27)

Vers. 45. "Filipe encontrou Natanael, e disse-lhe: Achamos Aquele de quem Moisés escreveu na Lei, e também os Profetas: Jesus de Nazaré, filho de José."

Ele diz isso para tornar sua pregação mais crível — o que deve ser, se se apoia em Moisés e nos Profetas — e com isso envergonhar seu ouvinte. Pois, como Natanael era um homem criterioso e que examinava todas as coisas com

verdade, como também Cristo testemunhou e o fato demonstrou, Filipe, com razão, remete-o a Moisés e aos Profetas, para que assim ele acolhesse Aquele que fora predito. E não se incomodou ao chamá-lo "filho de José"; pois ainda se supunha que fosse seu filho.

"Mas de onde, ó Filipe, está claro que este é Ele? Que prova nos apresentas? Pois não basta apenas afirmar isso. Que sinal viste, que milagre? Não é sem risco crer sem motivo em tais assuntos. Que prova, então, tens?" — "A mesma que André", responde ele; pois André, embora incapaz de expor a riqueza que encontrara ou descrever seu tesouro com palavras, ao descobri-lo, levou seu irmão até ele. Assim também fez Filipe. Como este é o Cristo e como os profetas o anunciaram, ele não disse; mas atrai Natanael até Jesus, sabendo que este não se afastaria depois de provar Suas palavras e ensinamentos.

Vers. 46-47. "E Natanael disse-lhe: Pode vir alguma coisa boa de Nazaré? Filipe disse-lhe: Vem e vê. Jesus viu Natanael aproximar-se d'Ele e disse a seu respeito: Eis um verdadeiro israelita, em quem não há dolo."

Ele elogia e aprova o homem, porque dissera: "Pode vir alguma coisa boa de Nazaré?" — e, no entanto, deveria tê-lo repreendido. Mas não; pois suas palavras não são de um incrédulo, nem dignas de repreensão, mas de louvor.

"Como assim, e de que modo?" Porque Natanael tinha examinado os escritos dos Profetas mais do que Filipe. Pois ouvira das Escrituras que o Cristo deveria vir de Belém, da aldeia onde estava Davi. Essa crença ao menos prevalecia entre os judeus, e o profeta já o proclamara há muito, dizendo: "E tu, Belém, não és a menor entre os príncipes de Judá, pois de ti sairá um Chefe que apascentará o Meu povo Israel." (Mt 2, 6; Mq 5, 2)

E assim, quando ouviu que Ele era "de Nazaré", ficou confuso e duvidou, não encontrando o anúncio de Filipe em concordância com a profecia. Mas observa sua sabedoria e sinceridade mesmo ao duvidar. Não disse de pronto: "Filipe, estás me enganando e falando falsamente, não creio em ti, não irei; aprendi pelos profetas que o Cristo deve vir de Belém, tu dizes 'de Nazaré'; portanto, este não é o Cristo." Nada disso disse; mas o que faz? Vai até Ele

pessoalmente, mostrando — ao não admitir que o Cristo fosse "de Nazaré" — sua exatidão quanto às Escrituras e um caráter difícil de ser enganado; e, ao não rejeitar aquele que lhe trazia a notícia, o grande desejo que sentia pela vinda do Cristo. Pois pensava consigo mesmo que Filipe talvez estivesse enganado quanto ao lugar.

[2.] E observa, peço-te, o modo como ele recusou, quão gentil foi, e em forma de pergunta. Pois não disse: "A Galileia não produz nada de bom"; mas como disse? "Pode vir alguma coisa boa de Nazaré?" Também Filipe foi muito prudente; pois não ficou como quem está confuso, irritado ou aborrecido, mas persevera, desejando conquistar aquele homem, e manifestando-nos desde o início de sua pregação a firmeza que convém a um Apóstolo. Por isso também Cristo diz: "Eis um verdadeiro israelita, em quem não há dolo." De modo que há quem seja israelita falso; mas este não o é; pois seu juízo, diz Cristo, é imparcial, ele não fala por favoritismo, nem por aversão. Com efeito, os judeus, quando lhes perguntaram onde o Cristo deveria nascer, responderam: "Em Belém" (Mt 2,5), e apresentaram a prova, dizendo: "E tu, Belém, de modo algum és a menor entre os príncipes de Judá." (Mq 5,2). Antes de terem visto o Cristo, deram tal testemunho; mas quando O viram, por malícia ocultaram a evidência, dizendo: "Quanto a este, não sabemos de onde é." (Jo 9,29). Natanael não fez isso, mas manteve a opinião que tinha desde o princípio, de que Ele não era "de Nazaré".

Como, então, os profetas O chamam de Nazareno? Por ter sido criado e habitado lá. E Ele não diz: "Não sou de Nazaré, como Filipe te disse, mas de Belém", para não tornar logo o relato duvidoso; e além disso, porque, mesmo que tivesse obtido crédito, isso não seria prova suficiente de que era o Cristo. Pois o que impediria que, não sendo o Cristo, fosse mesmo assim de Belém, como outros que ali nasceram? Por isso Ele omite isso; mas faz o que mais tem poder para conquistar Natanael, pois mostra que estava presente quando eles conversavam. Pois, quando Natanael perguntou:

Vers. 48. "De onde me conheces?" — Ele respondeu: "Antes que Filipe te chamasse, quando estavas debaixo da figueira, eu te vi."

Observa um homem firme e constante. Quando Cristo disse: “Eis um verdadeiro israelita”, ele não se ensoberbeceu com essa aprovação, não correu atrás desse elogio público, mas continua buscando e examinando com mais exatidão, desejando aprender algo certo. Ainda perguntava como a um homem, mas Jesus respondeu como Deus. Pois disse: “Eu te conheci desde o princípio” — a ele e à sinceridade de seu caráter. Isso Ele conheceu não como homem, por ter o seguido de perto, mas como Deus, desde o princípio: “E agora há pouco te vi debaixo da figueira”; quando não havia ali ninguém presente, senão apenas Filipe e Natanael, que disseram tudo aquilo em particular. É mencionado que, tendo-o visto de longe, Ele disse: “Eis um verdadeiro israelita”, para mostrar que, antes de Filipe se aproximar, Cristo dissera aquelas palavras — a fim de que o testemunho não parecesse suspeito. Por isso também Ele mencionou o tempo, o lugar e a árvore; porque, se apenas dissesse: “Antes de Filipe vir a ti, eu te vi”, poderia parecer que O tinha enviado, e que não dizia nada de extraordinário. Mas agora, ao mencionar o lugar onde ele estava quando foi abordado por Filipe, o nome da árvore e o tempo da conversa, mostrou que Seu conhecimento prévio era incontestável.

E Ele não apenas demonstrou Seu conhecimento antecipado, mas também o instruiu de outra maneira. Pois o fez recordar do que haviam dito então; como: “Pode vir algo bom de Nazaré?” E foi principalmente por isso que Natanael O recebeu, porque, tendo Ele ouvido tais palavras, não o condenou, mas o elogiou e aprovou. Por isso ele se convenceu de que este era de fato o Cristo, tanto por Seu conhecimento prévio, como por ter examinado com precisão os seus pensamentos — o que era próprio de Alguém que queria mostrar que conhecia o íntimo de sua mente — e, além disso, por não o ter repreendido, mas louvado, ainda quando parecia ter falado contra Ele. Ele disse então que Filipe o tinha “chamado”; mas o que Filipe lhe dissera, ou ele dissera a Filipe, Cristo omitiu, deixando à sua consciência, e não querendo repreendê-lo mais.

[3.] Então, foi somente “antes que Filipe o chamasse” que Ele “o viu”? Será que não o viu antes disso com Seu olhar vigilante? Ele o viu, e ninguém poderia contestar isso; mas era isso que era necessário dizer naquele

momento. E o que fez Natanael? Quando recebeu uma prova indubitável do Seu conhecimento antecipado, apressou-se em confessá-Lo, mostrando pela demora anterior sua cautela, e pela posterior aprovação sua justiça. Pois, disse o Evangelista,

Vers. 49. "Ele respondeu e disse-lhe: Rabbi, tu és o Filho de Deus, tu és o Rei de Israel."

Vês como sua alma se enche de alegria imensa e abraça Jesus com palavras? "Tu és", diz ele, "aquele esperado, aquele procurado." Vês como ele fica maravilhado, como se assombra? Como pula e dança de alegria?

Assim também devemos nos alegrar nós, que fomos considerados dignos de conhecer o Filho de Deus; alegrar-nos não somente em pensamento, mas mostrar isso também pelas nossas ações. E o que devem fazer aqueles que se alegram? Obedecer àquele que lhes foi revelado; e os que obedecem devem fazer tudo o que Ele quiser. Pois se formos fazer o que Lhe desagrada, como mostraremos que estamos alegres? Não vedes em nossas casas quando um homem recebe alguém que ama, como ele se esforça com prazer, correndo para todos os lados, e mesmo que precise gastar tudo o que tem, nada poupando para agradar seu visitante? Mas se quem convida não atender seu hóspede, e não fizer o que possa lhe proporcionar conforto, embora diga dez mil vezes que se alegra com sua vinda, nunca será acreditado por ele. E com razão; porque isso deve ser demonstrado por ações. Mostremos então, visto que Cristo veio a nós, que estamos alegres, e não façamos nada que Lhe desagrade; preparemos a casa onde Ele veio, porque isso é o que fazem os que se alegram; coloquemos diante d'Ele a refeição que Ele deseja comer, porque assim fazem os que celebram festa. E qual é essa refeição? Ele mesmo disse: "A minha comida é fazer a vontade daquele que me enviou." (Jo 4,34.) Quando Ele estiver com fome, alimentemo-Lo; quando estiver com sede, demos-Lhe de beber: ainda que lhe dês só um copo de água fria, Ele o aceita; pois Ele te ama, e para aquele que ama, as ofertas do amado, ainda que pequenas, parecem grandes. Apenas não sejas preguiçoso; ainda que dês só dois dinheiros, Ele não os rejeita, mas os aceita como grande riqueza. Pois, como Ele é sem necessidades e recebe essas ofertas não porque precise delas,

é razoável que toda distinção não esteja na quantidade dos dons, mas na intenção do doador. Mostra apenas que amas Aquele que veio, que por Sua causa estás dando o melhor de ti, que te alegras com Sua vinda. Vê como Ele está disposto para contigo. Ele veio por ti, entregou Sua vida por ti, e depois de tudo isso, não recusa nem mesmo te rogar. “Somos embaixadores”, diz Paulo, “como se Deus exortasse por nosso intermédio.” (2 Cor 5,20.) “E quem é tão louco”, diz alguém, “que não ame seu próprio Mestre?” Também eu digo isso, e sei que nenhum de nós negaria isso em palavras ou na intenção; mas aquele que é amado deseja que o amor se manifeste, não somente pelas palavras, mas também pelas ações. Pois dizer que amamos e não agir como quem ama é ridículo, não só diante de Deus, mas mesmo diante dos homens. Já que, então, confessá-Lo apenas em palavras, enquanto em ações O contrariamos, não é só inútil, mas também prejudicial para nós; façamos, peço-te, também uma confissão por nossas obras; para que também possamos obter uma confissão d’Ele naquele dia, quando diante do Pai Ele confessará aqueles que forem dignos em Cristo Jesus nosso Senhor, por quem e com quem, ao Pai e ao Espírito Santo seja glória, agora e para sempre, e pelos séculos dos séculos. Amém.

Sermão XXI
João 1:49-50 — "Natanael respondeu e disse-lhe: Rabbi, Tu és o Filho de Deus, Tu és o Rei de Israel. Jesus respondeu e disse-lhe: Porque te disse que te vi debaixo da figueira, creste? Verás coisas maiores do que estas."

[1.] Amados, precisamos de muito cuidado e muita vigilância para poder penetrar na profundidade das Sagradas Escrituras. Pois não é possível descobrir o seu sentido de modo descuidado ou enquanto estamos adormecidos; é necessário um exame atento e fervorosa oração, para que sejamos capazes de entrever um pouco os segredos dos divinos oráculos. Hoje, por exemplo, não temos diante de nós uma questão trivial, mas uma que requer grande zelo e investigação. Pois, quando Natanael disse, "Tu és o Filho de Deus", Cristo respondeu: "Porque te disse que te vi debaixo da figueira, creste? Verás coisas maiores do que estas."

Qual é, então, a questão que surge deste trecho? É a seguinte: Pedro, após tantos milagres e doutrina elevada, confessou que "Tu és o Filho de Deus" (Mt 16,16) e é chamado "abençoado", por ter recebido a revelação do Pai; enquanto Natanael, embora tenha dito exatamente o mesmo antes de ver ou ouvir qualquer milagre ou doutrina, não recebeu tal palavra, mas como se não tivesse dito tanto quanto devia, é conduzido a coisas ainda maiores. Qual será o motivo disso? É que Pedro e Natanael disseram as mesmas palavras, mas não com a mesma intenção. Pedro confessou-O como "Filho de Deus" no sentido de que Ele é o próprio Deus; Natanael, como um mero homem. E de onde isso aparece? Do que ele disse logo após estas palavras; pois depois de dizer, "Tu és o Filho de Deus", acrescentou: "Tu és o Rei de Israel." Mas o Filho de Deus não é apenas "Rei de Israel", e sim de todo o mundo.

E isso fica claro não só por isso, mas também pelo que vem a seguir. Pois Cristo não acrescentou nada mais a Pedro, como se sua fé fosse perfeita, dizendo que sobre essa confissão edificaria a Igreja; mas no caso de Natanael não fez nada parecido, mas o contrário. Como se faltasse uma parte maior e melhor à sua confissão, acrescentou o que se segue. Pois o que diz Ele?

Vers. 51. "Em verdade, em verdade vos digo, vereis o céu aberto, e os anjos de Deus subindo e descendo sobre o Filho do Homem."

Vês como Ele o eleva pouco a pouco da terra, e não o deixa imaginar que Ele é apenas um homem? Pois aquele a quem os anjos ministram, e sobre quem os anjos sobem e descem, como poderia ser somente homem? Por isso Ele disse: "Verás coisas maiores do que estas." E para provar isso, Ele introduz o ministério dos anjos. E o que Ele quer dizer é algo como: "Parece-te grande, ó Natanael, e por isso me confessaste Rei de Israel? Que dirás quando vires os anjos subindo e descendo sobre Mim?" Convencendo-o por essas palavras a reconhecer também que Ele é Senhor dos anjos. Pois sobre Ele, como sobre o próprio Filho do Rei, os ministros reais subiram e desceram, uma vez na ocasião da crucificação, outra na ressurreição e ascensão, e antes disso, quando "vieram e ministraram a Ele" (Mt 4,11), quando anunciaram as boas novas de Seu nascimento e clamaram: "Glória a Deus nas alturas, e paz na terra" (Lc 2,14), quando vieram a Maria, quando vieram a José.

E Ele agora faz o que já fez em muitos casos; pronuncia duas previsões, dá prova presente de uma delas, e confirma aquilo que deve acontecer pelo que já aconteceu. Pois algumas de Suas palavras já tinham sido provadas, como: "Antes que Filipe te chamasse, eu te vi debaixo da figueira"; outras ainda estavam por se cumprir, e em parte já se cumpriram, como a descida e subida dos anjos na crucificação, ressurreição e ascensão; e Ele torna isso crível pelas Suas palavras, mesmo antes do acontecimento. Pois aquele que conhecera Seu poder pelo que já passara, e ouvira Dele coisas futuras, aceitaria mais facilmente esta previsão também.

O que faz então Natanael? Não responde nada. Por isso, neste ponto, Cristo interrompeu a conversa, permitindo que ele meditasse em privado sobre o que foi dito; e, não querendo revelar tudo de uma vez, depois de lançar a semente em terreno fértil, deixou-a germinar com calma. E isso Ele mostrou em outro lugar, quando disse: "O reino dos céus é semelhante a um homem que semeou boa semente, mas enquanto dormia, veio seu inimigo e semeou joio entre o trigo."

Cap. 2, vers. 1-2
"No terceiro dia houve um casamento em Caná da Galileia. Jesus foi convidado para o casamento, e Sua mãe estava lá, assim como Seus irmãos."

Eu disse antes que Ele era mais conhecido na Galileia; por isso o convidam para o casamento, e Ele vai; pois não buscava Sua própria glória, mas o nosso benefício. Aquele que não desprezou "tomar a forma de servo" (Filipenses 2,7) menos ainda desprezaria estar presente no casamento de servos; Aquele que se assentou "com publicanos e pecadores" (Mt 9,13) menos ainda recusaria sentar-se com os presentes na festa. Certamente aqueles que O convidaram não tinham juízo justo sobre Ele, nem O convidaram como alguém importante, mas apenas como conhecido comum; e isso o Evangelista insinua ao dizer: "A mãe de Jesus estava lá, e Seus irmãos." Assim como convidaram a mãe e os irmãos, convidaram Jesus.

Vers. 3

"E, faltando vinho, a mãe de Jesus lhe disse: Não têm vinho."

Aqui vale a pena perguntar de onde veio à mente de Sua mãe a ideia de que Seu Filho poderia fazer algo grandioso; pois Ele ainda não tinha realizado nenhum milagre, visto que o Evangelista diz: "Este foi o primeiro milagre que Jesus fez em Caná da Galileia." (Jo 2,11)

[2.] Agora, se alguém disser que isto não é uma prova suficiente de que foi "o começo dos Seus milagres", porque está simplesmente acrescentado "em Caná da Galileia", como se permitisse que tenha sido o primeiro feito ali, mas não o primeiro absolutamente e totalmente, pois Ele poderia ter feito outros milagres em outro lugar, responderemos com o que dissemos antes. E de que tipo? As palavras de João (o Batista): "E eu não o conhecia; mas para que Ele se manifestasse a Israel, por isso vim, batizando com água." Ora, se Ele tivesse realizado milagres na infância, os israelitas não teriam precisado de outro para declará-Lo. Pois aquele que veio entre os homens, e por Seus milagres foi conhecido assim, não só na Judeia, mas também na Síria e além, e que fez isso em apenas três anos, ou melhor, que nem mesmo precisou desses três anos para se manifestar (Mt 4,24), porque imediatamente e desde o princípio Sua fama se espalhou por toda parte; digo, aquele que em pouco tempo brilhou tanto pela multidão de milagres, que Seu nome era bem conhecido por todos, seria muito menos provável que, se tivesse realizado milagres na infância, passasse tanto tempo despercebido. Pois o que fosse feito pareceria ainda mais estranho se feito por um menino, e haveria tempo para o dobro ou o triplo de milagres, e muito mais. Mas, de fato, Ele nada fez enquanto criança, salvo apenas aquilo de que Lucas deu testemunho (Lc 2,46), que, aos doze anos, Ele se sentava ouvindo os doutores, e era admirado por suas perguntas. Além disso, era razoável e provável que Ele não começasse a fazer sinais desde cedo; pois teriam considerado aquilo uma ilusão. Pois se, quando Ele era adulto, muitos desconfiavam disso, muito mais, se tivesse feito milagres quando era jovem, teriam apressado Sua ida à Cruz, movidos pelo veneno de sua malícia; e os próprios fatos da Dispensa teriam sido desacreditados.

“Como então,” pergunta alguém, “veio à mente de Sua mãe imaginar algo grandioso d’Ele?” Ele estava agora começando a se revelar, e já era claramente descoberto pelo testemunho de João, e pelo que Ele havia dito a Seus discípulos. E antes disso tudo, a própria Concepção e todas as circunstâncias que a acompanharam haviam inspirado nela uma opinião muito grande acerca da Criança; “pois,” disse Lucas, “ela guardava todas essas coisas, ponderando-as no seu coração.” “Por que então,” diz alguém, “ela não falou isso antes?” Porque, como disse, foi só agora que Ele começou a manifestar-Se. Antes disso, Ele vivia como um entre muitos, e por isso Sua mãe não tinha confiança para lhe dizer coisa semelhante; mas quando ouviu que João tinha vindo por causa d’Ele, e que dera tal testemunho a Seu respeito, e que Ele tinha discípulos, então ela tomou confiança, chamou-O e disse, quando faltava o vinho, “Eles não têm vinho.” Pois desejava tanto fazer-lhes um favor, como também, por meio de Seu Filho, tornar-se mais notória; talvez também tivesse sentimentos humanos, como Seus irmãos, quando disseram, “Mostra-Te ao mundo” (Jo 17,4), querendo ganhar crédito por Seus milagres. Portanto, Ele respondeu com certa veemência, dizendo:

Vers. 4. “Mulher, que tenho eu contigo? Ainda não é chegada a Minha hora.”

Para provar que Ele respeitava muito Sua mãe, ouve Lucas relatar como Ele era “submisso” a Seus pais (Lc 2,51), e nosso próprio Evangelista declarar como Ele já tinha providenciado cuidado por ela na própria época da Crucificação. Pois onde os pais não causam impedimento ou obstáculo em coisas que pertencem a Deus, é nosso dever ceder a eles, e há grande perigo em não fazê-lo; mas quando exigem algo fora de tempo e causam impedimento em alguma matéria espiritual, não é seguro obedecer. Por isso Ele respondeu assim neste lugar, e também em outro, “Quem é Minha mãe, e quem são Meus irmãos?” (Mt 12,48), porque ainda não pensavam corretamente d’Ele; e ela, por tê-Lo gerado, reclamava, segundo o costume de outras mães, o direito de dirigir-lhe tudo, quando devia venerá-Lo e adorá-Lo. Esta foi, portanto, a razão pela qual Ele respondeu como respondeu naquela ocasião. Pois considera quão estranho seria que, estando todas as pessoas, altas e baixas, ao redor d’Ele, enquanto a multidão estava atenta a ouvi-Lo, e Sua doutrina começava a ser proclamada, Ela viesse ao

meio, tirasse Ele do trabalho de exortação, conversasse com Ele à parte, e nem sequer suportasse entrar junto, mas apenas O levasse para fora, só para si. Por isso disse, "Quem é Minha mãe, e quem são Meus irmãos?" Não para insultar quem O gerou (longe disso!), mas para obter o maior benefício para Ela, e para não deixá-la pensar pouco d'Ele. Pois se Ele se importava com os outros, e usava todos os meios para implantar neles uma opinião digna sobre Si mesmo, muito mais o faria no caso de Sua mãe. E como era provável que, se essas palavras fossem dirigidas a Ela por Seu Filho, Ela não teria escolhido facilmente acreditar nelas, mas sempre teria reivindicado a superioridade por ser Sua mãe, por isso Ele respondeu assim àqueles que Lhe falavam; caso contrário, Ele não poderia ter elevado os seus pensamentos da sua humildade presente até à futura exaltação, se Ela esperasse ser sempre honrada por Ele como por um filho, e não como por seu Mestre.

Foi então por este motivo que Ele disse naquele lugar: "Mulher, que tenho eu contigo?" e também por outra razão não menos importante. Qual foi essa? Que Seus milagres não fossem suspeitos. O pedido deveria ter vindo daqueles que necessitavam, não de Sua mãe. E por quê? Porque aquilo que é feito a pedido de amigos, por mais grandioso que seja, frequentemente causa escândalo aos espectadores; mas quando o pedido é feito por aqueles que têm a necessidade, o milagre fica livre de suspeitas, o louvor é puro, o benefício é grande. Assim, se algum excelente médico entrasse numa casa onde houvesse muitos enfermos, e não fosse solicitado por nenhum dos pacientes ou seus parentes, mas apenas por sua própria mãe, ele seria suspeito e mal visto pelos doentes, nem nenhum deles ou seus acompanhantes o julgariam capaz de realizar algo grande ou notável. Por isso foi esta uma razão pela qual Ele a repreendeu naquela ocasião, dizendo: "Mulher, que tenho eu contigo?", instruindo-a para o futuro a não fazer o mesmo; porque, embora Ele cuidasse de honrar sua mãe, dava muito mais valor à salvação da alma dela e ao bem de muitos, para o qual assumiu a carne.

Estas foram, portanto, palavras não de alguém que fala rudemente com sua mãe, mas de uma sábia providência, que a colocou na disposição correta e garantiu que os milagres fossem acompanhados da honra que lhes era

devida. E, deixando de lado outras considerações, esta aparência mesma dessas palavras, que parecem ter sido ditas com repreensão, basta para mostrar que Ele a tinha em alta estima, pois pela Sua desaprovação demonstrou grande reverência por ela; de que modo, diremos no próximo discurso. Pense nisso, então, e quando ouvires certa mulher dizer: “Bendito é o ventre que Te gerou e os peitos que Tu mamaste”, e Ele responder: “Antes bem-aventurados são os que ouvem a palavra de Deus e a guardam” (Lucas 11,27), suponha que aquelas outras palavras também tenham sido ditas com a mesma intenção. Pois a resposta não foi de alguém que rejeitasse sua mãe, mas de Quem queria mostrar que o fato de ela tê-Lo gerado nada lhe teria valido se ela não fosse muito boa e fiel. Agora, se, deixando de lado a excelência da alma dela, não lhe aproveitou de nada que o Cristo tenha nascido dela, muito menos valerá para nós termos um pai ou irmão, ou um filho de disposição virtuosa e nobre, se nós mesmos estivermos longe da sua virtude. “Um irmão,” diz Davi, “não redimirá um homem, um homem redimirá?” (Salmo 49,7). Devemos colocar nossa esperança de salvação em nada além de nossas próprias obras justas, feitas após a graça de Deus. Pois se isso por si só pudesse ter valido, teria valido aos judeus (porque Cristo era seu parente segundo a carne), teria valido à cidade onde Ele nasceu, teria valido aos Seus irmãos. Mas, enquanto seus irmãos não cuidaram de si mesmos, a honra do parentesco não lhes aproveitou nada, e foram condenados com o resto do mundo, e só foram aprovados quando brilharam por sua própria virtude; a cidade caiu e foi queimada, sem ganhar nada com isso; e seus parentes segundo a carne foram assassinados e pereceram miseravelmente, sem obter nada para a salvação por causa dessa relação com Ele, pois não tinham a defesa da virtude. Os Apóstolos, ao contrário, pareceram maiores que todos, porque seguiram a verdadeira e excelente maneira de obter parentesco com Ele, que é a obediência. E por isso aprendemos que sempre precisamos de fé e de uma vida brilhante e resplandecente, pois só isso tem poder para nos salvar. Embora seus parentes fossem por muito tempo honrados, chamados “parentes do Senhor”, hoje não sabemos sequer seus nomes, enquanto os nomes e vidas dos Apóstolos são celebrados em toda parte.

Portanto, não nos orgulhemos da nobreza de nascimento segundo a carne, mesmo que tenhamos dez mil ancestrais famosos; esforcemo-nos para ir além da excelência deles, sabendo que não ganharemos nada do esforço dos outros para nos ajudar no julgamento que há de vir; antes, isso será condenação mais severa, pois, mesmo nascendo de pais justos e tendo um exemplo em casa, não imitamos nossos mestres. E digo isto agora porque vejo muitos pagãos, quando os levamos à fé e os exortamos a se tornarem cristãos, fugirem para seus parentes, ancestrais e casa, dizendo: "Todos os meus parentes, amigos e companheiros são cristãos fiéis." O que isso te importa, miserável e desgraçado? Essa mesma coisa será especialmente tua ruína, que não respeitaste a multidão ao teu redor e não correste para a verdade. Outros, que são crentes mas vivem de forma negligente, ao serem exortados à virtude fazem a mesma defesa, dizendo: "Meu pai, meu avô e meu bisavô foram homens muito piedosos e bons." Mas isso certamente será tua condenação maior, que, sendo descendente de tais homens, agiste indignamente da raiz de onde nasceste. Pois ouve o que o Profeta diz aos judeus: "Israel serviu de esposa, e guardou ovelhas para esposa" (Oséias 12,12); e Cristo: "Vosso pai Abraão se alegrou por ver o Meu dia, e o viu e se alegrou" (João 8,56). Em toda parte lhes apresentam os atos justos dos seus pais, não apenas para elogiá-los, mas também para tornar a acusação contra seus descendentes mais pesada. Sabendo isso, usemos todos os meios para sermos salvos por nossas próprias obras, para que, não nos enganando com a confiança vã nos outros, não aprendamos tarde demais que fomos enganados, quando o conhecimento disso já não nos servirá de nada. "No túmulo," diz Davi, "quem te dará graças?" (Salmo 6,5). Arrependamo-nos, portanto, aqui, para alcançarmos os bens eternos, o que Deus conceda que todos consigamos, pela graça e misericórdia do nosso Senhor Jesus Cristo, a quem sejam glória, para sempre, com o Pai e o Espírito Santo. Amém.

Sermão XXII.
João 2:4 — "Mulher, que tenho eu contigo? Ainda não é chegada a minha hora."

[1.] No anúncio da palavra há algum trabalho, e isso Paulo declara quando diz: "Os presbíteros que governam bem sejam tidos por dignos de dupla honra,

principalmente os que trabalham na palavra e na doutrina." (1 Timóteo 5:17.) Contudo, está em vosso poder tornar esse trabalho leve ou pesado; pois, se rejeitais nossas palavras, ou mesmo sem rejeitá-las efetivamente, não as manifestais em vossas obras, nosso labor será pesado, porque trabalhamos inutilmente e em vão; mas se as escutardes e delas derdes prova em vossas obras, nem sentiremos o trabalho, pois o fruto produzido pelo nosso labor não deixará aparecer a grandeza desse trabalho. Portanto, se desejais excitar nosso zelo, e não apagá-lo ou enfraquecê-lo, mostrai-nos, vos suplico, o vosso fruto, para que possamos contemplar os campos ondulando com o trigo, e, sustentados pela esperança de uma colheita abundante, ao contarmos vossas riquezas, não sejamos preguiçosos no comércio do bem.

Hoje nos é colocada uma questão nada trivial. Pois, primeiro, quando a mãe de Jesus diz: "Eles não têm vinho", Cristo responde: "Mulher, que tenho eu contigo? Ainda não é chegada a minha hora." E então, tendo assim falado, fez conforme ela dissera; uma ação que exige investigação não menos que as palavras. Então, depois de invocar Aquele que realizou o milagre, avancemos na explicação.

Essas palavras não são usadas somente aqui, mas também em outros lugares; pois o mesmo Evangelista diz: "Não podiam lançar mão dele, porque ainda não era chegada a sua hora" (João 8:20); e ainda, "Ninguém lançou mão dele, porque ainda não era chegada a sua hora" (João 7:30); e outra vez, "Chegou a hora, glorifica a teu Filho" (João 17:1). O que então significam essas palavras? Juntei vários exemplos para dar uma explicação única para todos. E qual é essa explicação? Cristo não disse "Ainda não é chegada a minha hora" por estar sujeito à necessidade das estações ou à observância de uma "hora"; como poderia estar, Ele que é o Criador das estações e dos tempos e das eras? A que mais então se referia? Deseja mostrar que faz todas as coisas na sua estação conveniente, não fazendo tudo de uma vez; pois haveria confusão e desordem se, em vez de agir na sua ordem própria, misturasse tudo: Seu nascimento, Sua ressurreição e Sua vinda para o julgamento. Observemos isto: a criação devia ocorrer, mas não toda de uma vez; homem e mulher deviam ser criados, mas nem mesmo juntos; a humanidade devia ser condenada à morte, e haveria uma ressurreição, mas o intervalo entre os dois

devia ser longo; a lei devia ser dada, mas não a graça junto com ela, cada coisa devia ser dispensada no seu tempo próprio. Cristo não estava sujeito à necessidade das estações, mas sim estabelecia sua ordem, pois é o Criador delas; por isso Ele diz aqui: "Ainda não é chegada a minha hora." E quer dizer que ainda não era manifesto para muitos, nem sequer tinha todo o seu grupo de discípulos; André o seguia, e junto dele Filipe, mas ninguém mais. Além disso, nenhum deles, nem mesmo sua mãe ou seus irmãos, o conhecia como devia; pois, após muitos milagres, o Evangelista diz de seus irmãos: "Nem mesmo seus irmãos criam nele" (João 7:5). E os presentes no casamento também não o conheciam, pois certamente, em sua necessidade, teriam ido a Ele e o suplicado. Por isso Ele diz: "Ainda não é chegada a minha hora", isto é, "Ainda não sou conhecido por este grupo, nem eles percebem que faltou o vinho; que primeiro tomem consciência disso. Eu não devia saber por ti; tu és minha mãe, e isso torna o milagre suspeito. Aqueles que desejavam o vinho deveriam ter vindo a mim e suplicado, não que eu precise disto, mas para que pudessem, com consentimento inteiro, aceitar o milagre. Pois quem sabe que precisa de algo, é muito grato ao obtê-lo; mas quem não sente a própria necessidade, nunca terá uma clara consciência do benefício."

Por que, então, depois de dizer "Ainda não é chegada a minha hora", e de negá-la, Ele fez o que sua mãe desejava? Principalmente para que aqueles que se opunham a Ele e pensavam que Ele estava sujeito a uma "hora" tivessem prova suficiente de que Ele não estava sujeito a hora alguma; pois se estivesse, como poderia, antes da hora certa, fazer o que fez? Em segundo lugar, fez para honrar sua mãe, para que não parecesse contradizê-la e envergonhá-la diante de tantos; e também para não parecer que lhe faltava poder, pois ela levou os servos a Ele.

Além disso, mesmo quando disse à mulher cananeia: "Não convém tirar o pão dos filhos e lançá-lo aos cães" (Mateus 15:26), Ele ainda deu o pão, por causa da perseverança dela; e apesar da primeira resposta: "Não fui enviado senão às ovelhas perdidas da casa de Israel", ainda assim curou a filha daquela mulher. Assim aprendemos que, embora sejamos indignos, muitas vezes pela perseverança tornamo-nos dignos de receber. Por isso sua mãe permaneceu

por perto e levou abertamente os servos a Ele, para que o pedido viesse de mais pessoas; e por isso acrescentou:

Versículo 5: "Fazei tudo o que Ele vos disser."

Pois ela sabia que sua recusa não vinha da falta de poder, mas da humildade, para que não parecesse apressar-se ao milagre sem motivo; por isso levou os servos.

Ver. 6, 7. "E ali estavam seis talhas de pedra, postas para a purificação dos judeus, contendo cada uma duas ou três metretas. Jesus disse-lhes: Enchei as talhas de água; e encheram-nas até em cima."

Não é sem razão que o Evangelista diz: "Depois do costume da purificação dos judeus", mas para que nenhum dos incrédulos suspeitasse que, tendo ficado borras nas vasilhas, e sido nelas derramada água e misturada com elas, tivesse sido feito um vinho muito fraco. Por isso ele diz "depois do costume da purificação dos judeus", para mostrar que aquelas vasilhas nunca foram recipientes para vinho. Pois, como a Palestina é um país com pouca água, e riachos e fontes não se encontram em toda parte, eles costumavam sempre encher as talhas com água, para que não precisassem apressar-se ao rio quando precisassem, mas tivessem sempre à mão os meios para a purificação.

"E por que Ele não fez o milagre antes de encherem as talhas, o que teria sido muito mais maravilhoso? Porque uma coisa é transformar uma matéria dada em outra qualidade, e outra bem diferente é criar a matéria do nada." Esta última teria sido de fato mais maravilhosa, mas não teria parecido tão credível para a maioria. Por isso Ele muitas vezes diminui propositalmente a grandeza de Seus milagres, para que sejam mais prontamente aceitos.

"Mas por que," diz alguém, "Ele mesmo não produziu a água que depois mostrou ser vinho, em vez de mandar os servos trazê-la?" Pela mesma razão; e também para que aqueles que a tiraram fossem testemunhas de que o que fora feito não era ilusão, porque, se alguém tivesse inclinação para a

desonestidade, os que serviram poderiam dizer: 'Nós tiramos a água, nós enchemos as talhas.' Além do que já mencionamos, Ele assim derruba as doutrinas que surgem contra a Igreja. Pois, como há alguns que dizem que o Criador do mundo é outro, e que as coisas visíveis não são obra Dele, mas de um certo deus contrário, para refrear a loucura desses homens, Ele realiza a maioria de Seus milagres com matéria encontrada à mão. Porque, se o criador dessas coisas fosse contrário a Ele, não usaria aquilo que é de outro para manifestar Seu próprio poder. Mas agora, para mostrar que é Ele quem transforma a água nas videiras, e quem converte a chuva, por meio da raiz, em vinho, realizou em um momento no casamento o que na planta demora muito para acontecer. Quando encheram as talhas, Ele disse:

Ver. 8-10. "Tirai agora e levai ao mestre-sala." E levaram. O mestre-sala provou a água que se fizera vinho, e não sabia de onde era (mas os servos que tinham tirado a água sabiam). Então chamou o noivo e disse-lhe: 'Todo homem põe primeiro o vinho bom, e quando já têm bebido muito, então o inferior; mas tu guardaste até agora o bom vinho.'

Aqui novamente alguns zombam, dizendo: "Era uma reunião de homens embriagados, o juízo dos que julgavam estava turvo e não podiam distinguir o que fora feito, nem decidir o que era, se água ou vinho; porque estavam bêbados, como prova o próprio mestre-sala." Isto é ridículo, e até esta suspeita o Evangelista removeu. Pois ele não diz que os convidados deram sua opinião, mas o "mestre-sala", que estava sóbrio, e ainda não havia provado nada. Pois certamente sabes que os encarregados de organizar essas festas são os mais sóbrios, pois têm a responsabilidade de pôr tudo em ordem e garantir o decoro; e por isso o Senhor chamou os sentidos sóbrios desse homem para testemunhar o que foi feito. Ele não disse: "Derramai para os que estão à mesa," mas "Levai ao mestre-sala."

"E por que o mestre-sala não chamou os servos? Para que assim o milagre tivesse sido revelado." Porque Jesus mesmo não revelou o que tinha sido feito, mas quis que o poder de Seus milagres fosse conhecido suavemente, pouco a pouco. E supondo que na época tivesse sido divulgado, os servos que o contassem nunca seriam acreditados, seriam tidos como loucos por dar tal

testemunho a alguém que na época parecia a muitos um mero homem; e embora eles soubessem da certeza do fato pela própria experiência (pois não iriam duvidar das próprias mãos), não seriam suficientes para convencer os outros. Por isso Ele não revelou tudo a todos, mas àquele que estava mais apto a entender, reservando um conhecimento mais claro para o futuro; já que, após a manifestação de outros milagres, este também se tornaria credível. Assim, quando estava para curar o filho do oficial, o Evangelista mostra que já era mais conhecido; pois foi principalmente porque o oficial conhecia o milagre que ele o chamou, como João mostra de passagem quando diz: "Jesus entrou em Caná da Galileia, onde fez a água vinho." (c. iv. 46.) E não apenas vinho, mas o melhor.

[3.] Pois tais são as obras miraculosas de Cristo, elas são muito mais perfeitas e melhores do que as operações da natureza. Isso também se vê em outros casos; quando Ele restaurava qualquer membro enfermo do corpo, fazia-o melhor do que o saudável.

Que era vinho então, e o melhor vinho, isso não só os servos, mas também o noivo e o mestre-sala testemunhariam; e que foi feito por Cristo, testemunhavam aqueles que tiraram a água; de modo que, embora o milagre não fosse então revelado, no fim não poderia ficar em silêncio, pois tantos e tão fortes testemunhos Ele providenciou para o futuro. Que Ele fizera a água vinho, os servos eram testemunhas; que o vinho feito era bom, o mestre-sala e o noivo.

Poder-se-ia esperar que o noivo respondesse a isso (ao que disse o mestre-sala) e dissesse algo, mas o Evangelista, apressando-se a tratar de assuntos mais urgentes, apenas tocou nesse milagre e passou adiante. Porque o que precisávamos aprender era que Cristo fez a água vinho, e que era bom vinho; mas o que o noivo disse ao mestre-sala não lhe pareceu necessário acrescentar. E muitos milagres, a princípio obscuros, tornaram-se com o tempo mais claros, quando relatados mais precisamente por aqueles que os conheceram desde o começo.

Naquele tempo, então, Jesus fez da água vinho, e tanto então quanto agora Ele não cessa de mudar nossas vontades fracas e instáveis. Pois há, sim, há homens que em nada diferem da água, tão fria, fraca e inconstante. Mas levemos tais pessoas ao Senhor, para que Ele mude sua vontade para a qualidade do vinho, para que não sejam mais aguados, mas tenham corpo, e sejam causa de alegria em si mesmos e nos outros.

Mas quem seriam esses frios? São aqueles que dão suas mentes às coisas passageiras desta vida presente, que não desprezam os luxos do mundo, que são amantes da glória e do domínio; pois todas essas coisas são águas correntes, nunca estáveis, mas sempre precipitando-se violentamente ladeira abaixo. O rico hoje é pobre amanhã; aquele que um dia aparece com arautos, cinto, carruagem e muitos acompanhantes, frequentemente no dia seguinte é habitante de um calabouço, tendo desistido de todo esse aparato para dar lugar a outro.

Ainda, o glutão e dissipado, quando se enche até a explosão, não consegue manter nem por um dia sequer a provisão trazida por suas delícias, mas quando esta se dispersa, para renová-la é obrigado a colocar mais, não diferindo em nada de uma torrente. Pois, assim como na torrente, quando o primeiro corpo de água se vai, outros lhe sucedem; assim na gula, quando uma refeição se retira, novamente requeremos outra. E tal é a natureza e a sorte das coisas terrenas, nunca estáveis, sempre correndo e apressando-se; mas no caso do luxo, não é só o correr e apressar, mas muitas outras coisas que nos perturbam. Pela violência de seu curso, desgasta a força do corpo, e despoja a alma de sua virilidade, e as correntes mais fortes dos rios não corroem com tanta facilidade suas margens e as fazem ceder, como o luxo e a dissipação varrem todas as fortalezas da nossa saúde; e se você entrar na casa de um médico e lhe perguntar, verá que quase todas as causas das doenças vêm disso.

Pois a frugalidade e uma mesa simples são a mãe da saúde, e por isso os médicos assim a nomearam; porque chamaram a não satisfação de "saúde" (pois não se satisfazer com a comida é saúde), e falaram da dieta moderada como "mãe da saúde." Ora, se a condição de falta é mãe da saúde, está claro

que a plenitude é mãe da doença e da debilidade, e produz ataques que superam a habilidade dos médicos. Pois gota nos pés, apoplexia, visão turva, dores nas mãos, tremores, ataques paralisantes, icterícia, febres prolongadas e inflamatórias, e muitas outras doenças — pois não temos tempo para todas — são frutos naturais não da abstinência e da dieta moderada, mas da gula e da repleção.

E se você olhar para as doenças da alma que delas surgem, verá que sentimentos de cobiça, preguiça, melancolia, torpor, impureza e toda espécie de tolices têm aí sua origem. Pois, depois de tais banquetes, as almas dos luxuosos tornam-se não melhores que burros, sendo despedaçadas por tais feras selvagens (as paixões). Devo dizer também quantas dores e descontentamentos têm aqueles que se entregam ao luxo? Não poderia enumerá-los todos, mas por um único ponto principal tornarei tudo claro.

À mesa de que falo, isto é, uma mesa suntuosa, os homens nunca comem com prazer; pois a abstinência é mãe tanto do prazer quanto da saúde, enquanto a repleção é fonte e raiz não só de doenças, mas de desagrado. Pois onde há saciedade não pode haver desejo, e onde não há desejo, como pode haver prazer? Por isso devemos ver que os pobres são não só de melhor entendimento e mais saudáveis que os ricos, mas que também gozam de maior prazer.

Reflitamos nisso e fujamos da embriaguez e do luxo, não só o da mesa, mas de todo outro que se encontra nas coisas desta vida, e recebamos em troca o prazer que nasce das coisas espirituais, e, como diz o Profeta, deleitemo-nos no Senhor: "Deleita-te no Senhor, e Ele concederá os desejos do teu coração" (Salmo 37,4); para que possamos desfrutar as coisas boas aqui e no além, pela graça e misericórdia de nosso Senhor Jesus Cristo, por quem e com quem, ao Pai e ao Espírito Santo, seja glória para sempre. Amém.

SermãoXXIII.
João 2,11 — "Este princípio dos milagres fez Jesus em Caná da Galileia."

[1.] O diabo é frequente e feroz em seus ataques, sitia nossa salvação por todos os lados; por isso, devemos vigiar e estar sóbrios, e em toda parte nos fortalecer contra seu assalto, pois, se ele ganhar alguma pequena vantagem, ele abre para si uma ampla passagem e gradualmente introduz todas as suas forças. Se, portanto, temos algum cuidado com nossa salvação, não permitamos que ele avance mesmo em pequenas coisas, para que possamos detê-lo antecipadamente nas questões importantes; seria extremo absurdo, enquanto ele demonstra tanto zelo para destruir nossas almas, não dedicarmos pelo menos igual esforço para defender nossa salvação.

Não digo isso sem motivo, mas porque temo que esse lobo já esteja agora invisível no meio do rebanho, e que algumas ovelhas se tornem sua presa, sendo desviadas do rebanho e da escuta por sua própria negligência e pela astúcia dele. Se as feridas fossem visíveis, ou o corpo recebesse os golpes, não haveria dificuldade em perceber suas tramas; mas, como a alma é invisível, e é ela quem recebe os ferimentos, precisamos de grande vigilância para que cada um se prove a si mesmo; pois ninguém conhece as coisas do homem senão o espírito do homem que nele está (1 Cor 2,11). A palavra é dirigida a todos e é oferecida como remédio geral para os que dela necessitam, mas cabe a cada ouvinte tomar o que se ajusta à sua própria enfermidade. Não sei quem está doente, nem quem está são. Por isso uso todos os tipos de argumentos e apresento remédios adequados a todas as enfermidades, ora condenando a avareza, ora tratando da luxúria, ora da impureza, e então compondo algo em louvor e exortação à caridade, e a cada uma das outras virtudes por sua vez. Pois temo que, ao tratar um assunto, possa sem saber estar tratando de uma enfermidade para um, enquanto outro sofre de outra. Se esta congregação fosse uma só pessoa, não julgaria tão necessário variar meu discurso; mas, como há muitos, certamente muitas enfermidades existem, e razoavelmente diversifico meu ensino, pois assim alcançará a todos. Por isso mesmo as Escrituras são múltiplas e falam sobre milhares de assuntos, pois se dirigem à natureza humana em geral, e em tal multidão devem existir todas as paixões da alma, ainda que nem todas em cada um. Purifiquemo-nos delas, e assim ouçamos os oráculos divinos, e com coração contrito escutemos o que hoje nos foi lido.

E o que foi? "Este princípio dos milagres fez Jesus em Caná da Galileia." Disse-vos outro dia que alguns dizem que este não foi o começo. "Pois o que," diz um, "se acrescenta 'de Caná da Galileia'? Isso mostra que este foi 'o começo' que Ele fez em Caná." Mas nesses pontos não me arrisco a afirmar nada com precisão. Já mostrei que Ele começou Seus milagres após o Batismo, e não realizou nenhum antes; mas se entre os milagres depois do Batismo este ou outro foi o primeiro, não me parece necessário afirmar categoricamente.

"E manifestou Sua glória."

"Como?" pergunta alguém, "e de que maneira? Pois só os servos, o governador do banquete e o noivo, e não a maioria dos presentes, deram atenção ao que foi feito." Como então manifestou Sua glória? Ele a manifestou, ao menos para Si mesmo, e se nem todos souberam do milagre no momento, o saberiam depois, pois até hoje é celebrado e não passou despercebido. Que nem todos souberam no mesmo dia é claro pelo que se segue, pois depois de dizer que "manifestou Sua glória," o Evangelista acrescenta:

"E Seus discípulos creram n'Ele."

Seus discípulos, que antes mesmo já O olhavam com admiração. Vês que foi especialmente necessário realizar milagres na presença de homens de mente honesta, que dariam atenção cuidadosa ao que acontecia? Pois estes creriam mais facilmente e atentariam mais precisamente às circunstâncias. "E como Ele poderia ser conhecido sem milagres?" Porque Sua doutrina e poderes proféticos já causavam admiração nas almas de Seus ouvintes, que estavam bem predispostos para com Ele. Por isso em muitos lugares os Evangelistas dizem que Ele não fez milagres por causa da perversidade dos moradores (Mt 12,38; 13,58, etc.).

Verso 12. "Depois disso desceu para Cafarnaum, Ele, Sua mãe, Seus irmãos e Seus discípulos; e ficaram ali poucos dias."

Por que Ele vem com "Sua mãe para Cafarnaum", se não realizou milagres lá, e os moradores daquela cidade não eram dos que tinham boa disposição para com Ele, mas totalmente corruptos? Cristo declarou isso quando disse: "E tu, Cafarnaum, que és exaltada até o céu, serás lançada ao inferno" (Lc 10,15). Por que, então, Ele vai? Creio que foi porque logo depois pretendia subir a Jerusalém, e então foi a Cafarnaum para evitar andar por toda parte com Sua mãe e irmãos. Assim, tendo partido e permanecido um pouco para honrar Sua mãe, Ele recomeça Seus milagres depois de a devolver à casa daquela que O gerou. Por isso o Evangelista diz que, depois de "poucos dias,"

Verso 13. "Subiu para Jerusalém."

Recebeu o batismo poucos dias antes da Páscoa. Mas, ao subir a Jerusalém, o que fez? Um ato de grande autoridade: expulsou do Templo os que vendiam e trocavam dinheiro, e os que vendiam pombas, bois e ovelhas, e que ali permaneciam para esse fim.

[2.] Outro Evangelista escreve que, ao expulsá-los, Ele disse: "Não façais da casa de meu Pai uma
"toca de ladrões" — mas neste texto:

Ver. 16. "Não façais da casa de meu Pai uma casa de comércio."

Eles não se contradizem, mas mostram que Ele fez isso duas vezes, e que essas expressões não foram usadas na mesma ocasião, mas que Ele agiu assim uma vez no começo de Seu ministério, e novamente quando se aproximava o tempo de Sua Paixão. Portanto, na segunda ocasião, usando expressões mais fortes, Ele chamou a casa de "toca de ladrões", mas aqui, no começo de Seus milagres, não usa esse termo tão forte, mas uma repreensão mais branda; disso se pode concluir que isso aconteceu uma segunda vez.

"E por que," diz alguém, "Cristo fez o mesmo e usou tamanha severidade contra esses homens, algo que não é visto em nenhum outro momento, mesmo quando era insultado e chamado por eles de 'Samaritano' e

‘endemoninhado’? Pois Ele não se satisfez somente com palavras, mas tomou um chicote e os expulsou.”

Sim, mas foi quando outros recebiam benefício que os judeus O acusavam e se enfureciam contra Ele; quando era provável que ficassem irados por Suas repreensões, não mostraram tal disposição, pois não O acusaram nem injuriaram. O que dizem eles?

Ver. 18. “Que sinal nos mostras, visto que fazes estas coisas?”

Vês quão maliciosos eram, e como os benefícios concedidos a outros os irritavam mais (do que as repreensões)?

Em um momento Ele disse que o Templo havia sido feito por eles “toca de ladrões”, mostrando que o que vendiam vinha de roubo, pilhagem e ganância, e que enriqueceram às custas das calamidades alheias; em outro momento, “casa de comércio”, apontando para suas vergonhosas transações.

“Mas por que fez isso?” Como Ele ia curar no sábado e realizar muitas coisas que eles consideravam transgressões da Lei, para que não parecesse que Ele veio para ser um Deus rival e adversário de Seu Pai, Ele aproveitou a ocasião para corrigir essa suspeita deles. Pois aquele que mostrou tanto zelo pela Casa não poderia ser inimigo daquele que é Senhor da Casa e adorado nela. Sem dúvida, mesmo os anos anteriores em que Ele viveu segundo a Lei já bastavam para mostrar Sua reverência ao Legislador, e que Ele não veio para dar leis contrárias; porém, como esses anos provavelmente foram esquecidos com o passar do tempo, por não terem sido conhecidos por todos, pois Ele foi criado numa morada humilde, depois faz isso na presença de todos (pois muitos estavam presentes por causa da festa próxima), e corre grande risco. Pois não apenas “os expulsou”, mas também “revirou as mesas” e “derramou o dinheiro”, dando a entender que Aquele que se expôs a perigo para manter a ordem da Casa jamais desprezaria Seu Mestre. Se tivesse agido assim por hipocrisia, só teria aconselhado; mas colocar-se em perigo era algo muito audacioso. Pois não era coisa leve oferecer-se à ira de tantos vendedores, excitar contra Si uma multidão brutal de pequenos negociantes pelas Suas

repreensões e golpes; isso não foi atitude de um impostor, mas de alguém disposto a sofrer tudo pela ordem da Casa.

Por isso, não apenas por Suas ações, mas por Suas palavras, Ele mostra concordância com o Pai; pois não diz "a Casa Santa", mas "a Casa de Meu Pai". Vê, Ele O chama de "Pai", e eles não ficam irados; pensaram que falava de modo geral; mas quando Ele falou mais claramente, a fim de mostrar-lhes a ideia de Sua igualdade, então se iraram.

E o que dizem eles? "Que sinal nos mostras, visto que fazes estas coisas?"

Ai de sua loucura completa! Precisavam de um sinal para cessar suas más ações e livrar a casa de Deus de tal desonra? E não foi o maior sinal de Sua excelência o zelo que demonstrou por essa Casa? Na verdade, os bem-dispostos eram distinguidos justamente por isso, pois "Eles", Seus discípulos, dizem:

Ver. 17. "Lembraram-se que está escrito: O zelo da tua casa me consumiu."

Mas os judeus não lembraram da profecia, e disseram: "Que sinal nos mostras?" (Sl 69,9), entristecidos porque seu comércio vergonhoso foi cortado, esperando, assim, detê-Lo e também querendo desafiá-Lo a um milagre e criticar o que Ele fazia. Por isso Ele não lhes dá sinal; e antes, quando pediram, deu-lhes a mesma resposta: "Geração má e adúltera pede sinal; e não lhe será dado sinal, senão o sinal do profeta Jonas." (Mt 16,4.) Naquela ocasião a resposta foi clara, agora é mais ambígua. Isso Ele faz por causa da extrema insensibilidade deles; pois Aquele que os preveniu sem que pedissem, dando-lhes sinais, não os teria rejeitado se tivesse visto que suas intenções não fossem malignas e falsas, nem traiçoeiras. Pense quão cheia de maldade era a pergunta desde o começo. Quando deveriam aplaudi-Lo pelo zelo e empenho, deveriam estar maravilhados por Ele cuidar tanto da Casa, mas O repreendem dizendo que era lícito comerciar e ilícito que alguém interrompesse seu comércio, a não ser que mostrasse um sinal. O que diz Cristo?

Ver. 19. “Destruí este templo, e em três dias o levantarei.”

Muitas palavras como esta Ele proferiu, que não eram entendidas pelos ouvintes imediatos, mas que deveriam ser compreendidas por aqueles que viriam depois. E por que Ele fez isso? Para que, quando a profecia se cumprisse, fosse evidente que Ele desde o início previra o que ia acontecer, o que de fato ocorreu com essa profecia. Pois, diz o Evangelista:

Ver. 22. “Quando ressuscitou dentre os mortos, Seus discípulos lembraram-se de que Ele havia dito isso, e creram na Escritura e na palavra que Jesus dissera.”

Mas quando Ele falou, os judeus estavam perplexos e procuravam entender, dizendo:

Ver. 20. “Quarenta e seis anos se trabalhou nesta casa, e tu a levantarás em três dias?”

“Quarenta e seis anos,” disseram, referindo-se à última construção, pois a anterior fora terminada em vinte anos. (Esdras 6,15.)

[3.]

Por que então Ele não resolveu a dificuldade e disse: "Não falo deste templo, mas do meu corpo"? Por que o Evangelista, escrevendo o Evangelho num período posterior, interpreta esta palavra, e Jesus permaneceu em silêncio na ocasião? Por que Ele ficou em silêncio? Porque eles não teriam recebido a Sua palavra; pois se nem mesmo os discípulos foram capazes de entender essa afirmação, quanto menos as multidões. "Quando," diz o Evangelista, "Ele ressuscitou dentre os mortos, então eles se lembraram, e creram na Escritura e na palavra d’Ele." Houve duas coisas que os impediram naquele momento: uma, o fato da Ressurreição; outra, a questão maior sobre se Ele era Deus que habitava neles; de ambas Ele falou obscuramente quando disse: "Destruí este templo, e em três dias o levantarei." E São Paulo declara que isso não é pouca prova da Sua divindade, quando escreve: "Declarado Filho de

Deus com poder, segundo o Espírito de santidade, pela ressurreição dos mortos." (Rom. 1:4).

Mas por que Ele tanto ali, quanto aqui, e em toda parte, dá isso como sinal, ora dizendo, "Quando levantardes o Filho do Homem, então conhecereis que Eu Sou" (cap. 8:28); ora dizendo, "Não vos será dado outro sinal, senão o sinal do profeta Jonas" (Mat. 12:39); e ainda neste lugar, "Em três dias o levantarei"? Porque o que especialmente mostrava que Ele não era mero homem, era a Sua capacidade de estabelecer um troféu de vitória sobre a morte, e tão rapidamente abolir a longa tirania dela, e concluir aquela difícil guerra. Por isso Ele diz: "Então conhecereis." "Então." Quando? Quando, após Minha Ressurreição, Eu atrair (todo) o mundo a Mim, então saberão que Eu fiz estas coisas como Deus, e Verdadeiro Filho de Deus, vingando o insulto feito ao Meu Pai.

"Por que então, em vez de dizer: 'Que necessidade há de sinais para conter as más ações?' Ele prometeu que lhes daria um sinal?" Porque assim teria mais os exasperado; mas dessa forma Ele antes os espantou. Ainda assim eles não responderam a isso, pois lhes parecia inacreditável, de modo que nem sequer permaneceram para questioná-Lo sobre isso, passando adiante como impossível. Contudo, se tivessem sido sábios, embora à época lhes parecesse inacreditável, quando Ele realizasse Seus muitos milagres, teriam então vindo a questioná-Lo, teriam suplicado para que a dificuldade lhes fosse esclarecida; mas, por serem tolos, não prestaram atenção a parte do que foi dito, e a outra parte ouviram com espírito perverso. E por isso Cristo falou com eles de modo enigmático.

A pergunta ainda permanece: "Como foi que os discípulos não sabiam que Ele devia ressuscitar dos mortos?" Foi porque ainda não lhes fora concedido o dom do Espírito; e assim, embora ouvissem constantemente Seus discursos sobre a Ressurreição, não os compreendiam, mas raciocinavam consigo mesmos sobre o que isso poderia ser. Pois era muito estranho e paradoxal a afirmação de que alguém poderia ressuscitar a si mesmo, e o faria de tal modo. Por isso Pedro foi repreendido, quando, não sabendo nada sobre a Ressurreição, disse: "Longe de ti isso aconteça." (Mat. 16:22.) E Cristo não

revelou claramente isso a eles antes do evento, para que não se escandalizassem desde o início, sendo levados a desconfiar de Suas palavras por causa da grande improbabilidade da coisa, e porque ainda não O conheciam claramente, quem Ele era. Pois ninguém poderia deixar de crer no que se proclamava claramente pelos fatos, enquanto alguns provavelmente duvidariam do que lhes era dito apenas por palavras. Por isso Ele, no começo, permitiu que o sentido de Suas palavras permanecesse oculto; mas quando, pela experiência, Ele verificou que Suas palavras se cumpriram, depois disso lhes deu entendimento das mesmas, e também tais dons do Espírito que eles os receberam todos de uma vez. "Ele," disse Jesus, "vos fará lembrar de tudo." (cap. 14:26.) Pois aqueles que numa única noite lançaram todo respeito por Ele, fugiram e negaram que O conheciam, dificilmente teriam lembrança do que Ele fizera e dissera durante todo o tempo, não fosse pela abundante graça do Espírito.

"Mas," diz alguém, "se eles deveriam ouvir do Espírito, por que precisavam acompanhar Cristo se não retinham Suas palavras?" Porque o Espírito não lhes ensinava coisas novas, mas lembrava-lhes o que Cristo dissera antes; e isso contribui muito para a glória de Cristo, pois foram remetidos à memória das palavras que Ele lhes dissera. No início, portanto, foi dom de Deus que a graça do Espírito recaísse sobre eles tão largamente e abundantemente; mas depois, foi por virtude própria deles que retiveram o dom. Pois mostraram vida brilhante, muita sabedoria, grandes trabalhos, desprezaram esta vida presente, nada pensaram das coisas terrenas, mas estiveram acima de todas; e como uma espécie de águia leve e alada, voando alto por suas obras, alcançaram o próprio céu, e por isso possuíram a incompreensível graça do Espírito.

Imitemos, pois, a eles, e não apaguemos nossas lâmpadas, mas as mantenhamos brilhantes com a prática da caridade, pois assim é que a luz deste fogo se conserva. Vamos juntar óleo em nossos vasos enquanto estamos aqui, pois não podemos comprá-lo quando partirmos para o outro lugar, nem o podemos obter em outro lugar, senão pelas mãos dos pobres. Por isso, vamos recolhê-lo abundantemente dali, se ao menos desejamos entrar com o Noivo. Mas, se não o fizermos, teremos de ficar fora da câmara nupcial, pois é

impossível, é impossível, por mais que façamos milhares de boas obras, entrar pelos portais do Reino sem a prática da caridade. Façamos, pois, isso abundantemente, para que possamos gozar dessas bênçãos inexprimíveis; que assim aconteça a todos nós, pela graça e misericórdia de nosso Senhor Jesus Cristo, ao qual, junto com o Pai e o Espírito Santo, seja glória para sempre. Amém.

Sermão XXIV.
João 2:23 – "Ora, estando Ele em Jerusalém, na festa da Páscoa, muitos creram n'Ele."

[1.] Dos homens daquela época, uns permaneceram em seu erro, outros agarraram-se à verdade, e destes últimos alguns, depois de um tempo, novamente se afastaram dela. Aludindo a esses, Cristo os comparou a sementes não profundamente semeadas, mas com raízes na superfície da terra; e disse que rapidamente murchariam. E esses o Evangelista aqui nos indica, dizendo:

"Quando Ele estava em Jerusalém, na Páscoa, na festa, muitos creram n'Ele, ao verem os milagres que Ele fazia."

Versículo 24. "Mas Jesus não se confiou a eles."

Pois os mais perfeitos entre Seus discípulos eram aqueles que O buscavam não só pelos milagres, mas também por Seus ensinamentos. A turma mais grosseira era atraída pelos milagres, mas os melhores pensadores, por suas profecias e doutrinas; assim, aqueles que eram tocados por seus ensinamentos eram mais firmes do que os atraídos apenas pelos milagres. E Cristo também os chamou de "bem-aventurados", dizendo: "Bem-aventurados os que não viram, e creram." (João 20:29). Mas que os aqui mencionados não eram verdadeiros discípulos, mostra a passagem seguinte, pois diz: "Jesus não se confiou a eles." Por quê?

"Porque Ele conhecia todas as coisas,"

Versículo 25. “E não precisava que alguém testemunhasse a respeito do homem, pois Ele sabia o que havia no homem.”

O sentido é este: “Aquele que habita no coração dos homens e penetra seus pensamentos não se atém às palavras exteriores; e sabendo bem que seu entusiasmo era passageiro, não confiou neles como em discípulos perfeitos, nem lhes confiou todas as suas doutrinas como se já fossem crentes firmes.” Conhecer o que há no coração dos homens pertence somente a Deus, “que forma um a um os corações” (Sl 33:15 LXX), pois, como diz Salomão, “Só Tu, Senhor, conheces os corações” (1 Reis 8:39). Por isso Ele não precisava de testemunhas para conhecer os pensamentos de Suas criaturas, e não confiava neles por sua fé apenas temporária. Os homens, que não sabem nem o presente nem o futuro, muitas vezes contam tudo sem reservas a pessoas que se aproximam com engano e logo os abandonam; mas Cristo não era assim, pois conhecia todos os seus pensamentos secretos.

Hoje também há muitos assim, que têm o nome de fé, mas são instáveis e facilmente desviados; por isso Cristo ainda não se confia a eles, mas lhes oculta muitas coisas; e assim como não confiamos em conhecidos superficiais, mas em amigos verdadeiros, assim também Cristo procede. Ouça o que Ele disse aos discípulos: “De agora em diante não vos chamo servos, mas amigos.” (João 15:14-15). Por quê? “Porque tudo quanto ouvi de meu Pai vos tenho feito conhecido.” Por isso Ele não deu sinais aos judeus que os pediam, porque pediam para tentar. Pedir sinais sempre foi prática dos que tentam, tanto então quanto agora; pois ainda hoje há quem os peça e pergunte: “Por que não se fazem milagres também hoje?” Se fores fiel e amares a Cristo como deves, não precisas de sinais, pois estes são dados aos incrédulos.

“Então por que não foram dados aos judeus?” Foram, certamente; e se houve ocasiões em que, apesar de pedirem, não os receberam, foi porque não pediam para se livrar da incredulidade, mas para confirmar sua maldade.

Capítulo 3:1-2. “E havia um homem dos fariseus, chamado Nicodemos. Este veio a Jesus de noite.”

Esse homem aparece também no meio do Evangelho defendendo Cristo, pois diz: “Nossa lei não julga ninguém sem antes ouvi-lo” (João 7:51); e os judeus, irritados, responderam-lhe: “Procura e vê, porque da Galileia não se levanta profeta.” Depois da crucificação, cuidou com zelo do sepultamento do corpo do Senhor: “Também veio Nicodemos, que de noite havia vindo a Jesus, e trouxe uma mistura de mirra e aloés, quase cem libras.” (João 19:39).

Mesmo então ele estava inclinado para Cristo, mas não como devia, nem com os sentimentos adequados, pois ainda estava preso à fragilidade judaica. Por isso veio de noite, porque temia fazê-lo de dia. Porém, o Deus misericordioso não o rejeitou nem o repreendeu, nem o privou de instrução, mas com muita bondade conversou com ele e lhe revelou doutrinas elevadas, ainda que de modo enigmático, mas as revelou. Pois ele era muito mais merecedor de perdão do que aqueles que agiam assim por maldade. Estes não têm desculpa; mas ele, embora sujeito a condenação, não era tão culpado assim.

“Então por que o Evangelista nada diz disso a seu respeito?” Em outro lugar diz que “muitos dos príncipes creram n’Ele, mas, por causa dos judeus, não confessavam, para não serem expulsos da sinagoga” (João 12:42); aqui, ele implica tudo ao mencionar que veio “de noite.” O que então disse Nicodemos?

“Rabi, sabemos que és Mestre vindo de Deus; porque ninguém pode fazer os sinais que fazes, se Deus não estiver com ele.”

[2.] Nicodemos ainda permanece abaixo, tem pensamentos humanos a respeito Dele, e fala d’Ele como de um Profeta, sem imaginar algo grandioso a partir dos Seus milagres. “Sabemos,” diz ele, “que Tu és um Mestre vindo de Deus.” “Por que, então, vens de noite e às escondidas a Aquele que fala as coisas de Deus, àquele que vem de Deus? Por que não conversas abertamente com Ele?” Mas Jesus não lhe disse nada disso, nem o repreendeu; pois, como diz o Profeta, “um caniço trêmulo Ele não quebrará, e o pavio que fumega não apagará; não contendrá nem gritará” (Isaías 42,2-3; citado em Mateus

12,19-20); e Ele mesmo disse, “Eu não vim para condenar o mundo, mas para salvar o mundo” (João 12,47).

“Ninguém pode fazer esses milagres, a não ser que Deus esteja com ele.”

Ainda assim, aqui Nicodemos fala como os hereges, ao dizer que Ele possui um poder que opera dentro Dele, e necessita da ajuda de outros para fazer o que fez. O que então diz Cristo? Observe a Sua extrema condescendência. Ele se contém por um tempo de dizer: “Não preciso da ajuda de ninguém, faço tudo com poder, pois Eu sou o Próprio Filho de Deus, e tenho o mesmo poder que Meu Pai,” porque isso teria sido difícil demais para quem o ouvia; pois digo agora o que digo sempre: o que Cristo desejava era não tanto revelar imediatamente Sua Própria Dignidade, mas persuadir os homens de que Ele nada fazia contra o Seu Pai. Por isso, em muitos lugares, Ele parece usar palavras com limites, mas em Suas ações não. Pois quando opera um milagre, Ele o faz todo com poder, dizendo: “Quero, fica limpo” (Mateus 8,3); “Talita, levanta-te” (Marcos 5,41); “Estende a tua mão” (Marcos 3,5); “Teus pecados estão perdoados” (Mateus 9,2); “Paz, acalma-te” (Marcos 4,39); “Levanta o teu leito e vai para tua casa” (Mateus 9,6); “Espírito imundo, eu te ordeno, sai dele” (Marcos 9,25); “Seja feito para ti conforme a tua fé” (Mateus 15,28); “Se alguém vos perguntar, dizei que o Senhor precisa dele” (Marcos 11,3); “Hoje estarás comigo no paraíso” (Lucas 23,43); “Ouvistes que foi dito: Não matarás; mas Eu vos digo que quem se irar contra seu irmão, será réu do juízo” (Mateus 5,21-22); “Segue-Me, e Eu vos farei pescadores de homens” (Marcos 1,17). Em toda parte observamos que Sua autoridade é grande; pois em Suas ações ninguém podia achar defeito no que fazia. Como poderia ser diferente? Se Suas palavras não se cumprissem, ou não tivessem sido realizadas como Ele ordenou, alguém poderia dizer que eram ordens de um louco; mas, como se cumpriram, a realidade de Sua realização calou a boca dos homens, mesmo contra a vontade deles. Mas em relação aos Seus discursos, frequentemente por sua insolência podiam acusá-Lo de loucura. Por isso, no caso de Nicodemos, Ele não diz nada abertamente, mas por meio de palavras obscuras o eleva de seus pensamentos baixos, ensinando-lhe que Ele tem em Si mesmo poder suficiente para realizar milagres; pois Seu Pai O gerou Perfeito e Todo-suficiente, sem nenhuma imperfeição.**

Mas vejamos como Ele faz isso. Nicodemos diz: “Rabi, sabemos que Tu és Mestre vindo de Deus, pois ninguém pode fazer os milagres que Tu fazes, se Deus não estiver com ele.”

Ele pensava que tinha dito algo grande ao falar assim de Cristo. O que então diz Cristo? Para mostrar que ele ainda não tinha sequer pisado no limiar do verdadeiro conhecimento, nem mesmo estava no vestíbulo, mas ainda vagava fora do palácio, ele e quem mais dissesse o mesmo, e que não tinha nem ao menos olhado em direção ao verdadeiro conhecimento quando sustentava tal opinião do Unigênito, o que diz Ele?

Verso 3. “Em verdade, em verdade te digo, que aquele que não nascer de novo não pode ver o Reino de Deus.”

Isto é: “A menos que nasças de novo e recebas os ensinamentos corretos, estás vagando por aí, longe do Reino dos Céus.” Mas Ele não fala assim tão diretamente. Para tornar a frase menos difícil de suportar, Ele não a dirige claramente a ele, mas fala de modo indefinido: “a menos que alguém nasça de novo”, como que dizendo: “tanto tu como qualquer outro que tenha tais opiniões sobre Mim, estão fora do Reino.” Se Ele não quisesse estabelecer isso, Sua resposta teria sido adequada ao que fora dito. Agora, se essas palavras fossem dirigidas aos judeus, eles O teriam ridicularizado e partido; mas Nicodemos mostra aqui também seu desejo de aprender. E é por isso que, em muitos lugares, Cristo fala obscuramente, porque quer estimular seus ouvintes a fazer perguntas e a ficarem mais atentos. Pois o que é dito claramente muitas vezes escapa ao ouvinte, mas o que é obscuro o torna mais ativo e zeloso. Agora, o que Ele diz é algo assim: “Se não nasceres de novo, se não participares do Espírito por meio do lavar da Regeneração, não podes ter uma opinião correta sobre Mim, pois a opinião que tens não é espiritual, mas carnal” (Tito 3,5). Mas Ele não falou assim, para não confundir aquele que se esforçou e falou com a melhor disposição possível; e leva-o, sem que perceba, a um conhecimento maior, dizendo: “a menos que alguém nasça de novo.” A palavra “de novo” aqui, alguns entendem como “do alto” (do céu), outros, “desde o princípio.” “É impossível,” diz Cristo, “que alguém não assim

nascido veja o Reino de Deus," apontando para Si mesmo e declarando que há outra visão além da natural, e que precisamos de outros olhos para contemplar Cristo.**

Tendo ouvido isso,

Verso 4. "Nicodemos diz: Como pode um homem nascer, sendo velho?"

Chamas-O "Mestre," dizes que Ele "veio de Deus," e ainda assim não recebes Suas palavras, mas falas ao teu Mestre de modo que expressa muita perplexidade? Pois o "Como?" é a pergunta duvidosa de quem não tem fé forte, mas ainda é da terra. Por isso Sara riu quando disse "Como?" E muitos outros, ao fazerem essa pergunta, caíram da fé.

[3.] E assim os hereges continuam na sua heresia, porque frequentemente fazem essa pergunta, alguns deles dizendo: "Como foi gerado Ele?" outros: "Como foi feito carne?" e submetendo aquela Essência Infinita à fraqueza de seus próprios raciocínios. Sabendo disso, devemos evitar essa curiosidade inoportuna, pois aqueles que investigam essas questões, sem aprender o "Como", afastar-se-ão da verdadeira fé. Por isso Nicodemos, estando em dúvida, indaga a maneira como isso pode ser (pois entendeu que as palavras faladas se referiam a si mesmo), fica confuso, tonto e perplexo, pois veio como homem, e ouviu mais que palavras humanas, algo que ninguém jamais ouvira; por algum tempo se anima pela sublimidade das palavras, mas permanece nas trevas, instável, levado para todo lado, e continuamente afastando-se da fé. Por isso ele insiste em provar a impossibilidade, para provocá-Lo a um ensino mais claro.

"Pode um homem," ele diz, "entrar novamente no ventre de sua mãe, e nascer?"

Vês como, quando alguém submete as coisas espirituais ao seu próprio raciocínio, fala ridiculamente, parece brincar ou estar embriagado, quando investiga o que foi dito além do que parece bom a Deus, e não admite a submissão da fé? Nicodemos ouviu sobre o nascimento espiritual, mas não o

percebeu como espiritual, antes arrastou as palavras para a baixez da carne, e fez uma doutrina tão grande e elevada depender de consequência física. Assim ele inventa frivolidades e dificuldades ridículas. Por isso Paulo disse: "O homem natural não recebe as coisas do Espírito." (1 Cor. 2:14) Mesmo assim, neste ponto, ele preservou seu respeito por Cristo, pois não zombou do que foi dito, mas, considerando impossível, ficou calado. Havia duas dificuldades: um nascimento dessa natureza, e o Reino; pois entre os judeus nunca se ouvira falar nem do Reino, nem de um nascimento assim. Mas ele se detém um pouco na primeira, que mais lhe causava admiração.

Portanto, sabendo disso, não devemos investigar as coisas relacionadas a Deus por raciocínio, nem trazer as coisas celestiais sob a regra das consequências terrenas, nem submetê-las à necessidade da natureza; mas devemos pensar em tudo com reverência, crendo conforme disseram as Escrituras; pois a pessoa inquieta e curiosa nada ganha, e além de não encontrar o que procura, sofrerá castigo extremo. Ouviste que (o Pai) gerou (o Filho): acredita no que ouviste; mas não perguntes "Como," e assim retires a Geração; fazer isso seria extrema loucura. Pois se este homem, ao ouvir falar da Geração, não daquela geração inefável, mas desta que é pela graça, não concebeu nada grande a respeito, mas pensamentos humanos e terrenos, e por isso ficou escurecido e em dúvida, que castigo merecerão aqueles que se ocupam e curiosamente investigam aquela geração tão terrível, que transcende toda razão e entendimento? Pois nada causa tal vertigem quanto o raciocínio humano, cujas palavras são todas de terra, e que não suporta ser iluminado de cima. Os raciocínios terrenos estão cheios de lama, e por isso precisamos de rios do céu, para que, quando a lama assentar, a parte mais clara possa subir e se misturar com as lições celestiais; e isso acontece quando apresentamos uma alma honesta e uma vida reta. Pois certamente é possível que o intelecto seja escurecido não só pela curiosidade inoportuna, mas também pelos maus costumes; por isso Paulo disse aos Coríntios: "Eu vos dei leite, e não comida forte; porque ainda não podíeis suportar. Nem ainda agora podeis, pois ainda sois carnais; pois enquanto há inveja, contendas e divisões entre vós, não sois carnais?" (1 Cor. 3:2) E também na Epístola aos Hebreus e em muitos outros lugares, pode-se ver Paulo afirmando que esta é a causa das doutrinas más; pois a alma possuída pelas

paixões não pode contemplar coisa alguma grande ou nobre, mas como se escurecida por uma espécie de véu sofre uma visão muito turva.

Portanto, purifiquemo-nos, acendamos a luz do conhecimento, e não semeemos entre os espinhos. O que são os espinhos, vós sabeis, mesmo que não vos digamos; pois muitas vezes ouvistes Cristo chamar os cuidados desta vida presente e a falsidade das riquezas por esse nome. (Mateus 13:22) E com razão. Pois assim como os espinhos não dão frutos, assim são essas coisas; assim como os espinhos ferem os que os manuseiam, assim fazem essas paixões; assim como os espinhos pegam fogo facilmente e são odiados pelo lavrador, assim são as coisas do mundo; assim como nas espinhas se escondem feras, serpentes e escorpiões, assim se escondem na falsidade das riquezas. Mas acendamos o fogo do Espírito, para que possamos consumir os espinhos, expulsar as feras e limpar o campo para o lavrador; e depois de limpá-lo, reguemo-lo com os rios do Espírito, plantemos a oliveira frutífera, aquela árvore mais amável, a perene, a luminosa, a nutritiva, a saudável. Todas essas qualidades tem a esmola, que é, por assim dizer, um selo sobre aqueles que a possuem. Essa planta nem mesmo a morte faz murchar quando chega, mas permanece sempre iluminando a mente, fortalecendo os nervos da alma e tornando seu vigor maior. E se a possuirmos constantemente, poderemos com confiança contemplar o Noivo e entrar na câmara nupcial; para a qual todos possamos chegar, pela graça e misericórdia de nosso Senhor Jesus Cristo, a quem sejam glórias para o Pai e o Espírito Santo, agora e para sempre. Amém.

Sermão XXV.
João 3:5 — "Na verdade, na verdade te digo que, se alguém não nascer da água e do Espírito, não pode entrar no Reino de Deus."

[1.] Meninos pequenos que vão diariamente aos seus mestres recebem suas lições e as repetem, e nunca cessam desse tipo de aprendizado, chegando às vezes a passar noites e dias nisso, e são obrigados a tal esforço por coisas perecíveis e passageiras. Agora, não exigimos de vós, que já atingistes a idade adulta, o mesmo esforço que exigis dos vossos filhos; pois não todos os dias, mas apenas dois dias da semana vos exortamos a ouvir nossas palavras, e só

por breve tempo, para que a tarefa seja leve. Por essa mesma razão também dividimos para vós em pequenas partes o que está escrito nas Escrituras, para que possais receber facilmente e guardar nos tesouros de vossas mentes, e empenhar-vos em lembrar de tudo, para repetir com exatidão a outros, a não ser que alguém esteja sonolento, lento e mais preguiçoso que uma criança pequena.

Atentemos agora para a continuação do que foi dito anteriormente. Quando Nicodemos caiu em erro e deturpou as palavras de Cristo para o nascimento carnal, dizendo que não era possível a um velho nascer de novo, observai como Cristo, em resposta, revela de modo mais claro o modo desse Nascimento, o qual ainda assim foi difícil para o inquiridor carnal, mas pôde elevar a mente do ouvinte de sua opinião baixa a respeito dele. O que Ele diz? "Na verdade, na verdade te digo, que se alguém não nascer da água e do Espírito, não pode entrar no Reino de Deus." O que Ele declara é isto: "Tu dizes que é impossível; eu digo que é absolutamente possível, tanto que é necessário, e que não há outra maneira de salvar-se." Pois as coisas necessárias Deus também tornou extremamente fáceis. O nascimento terreno, que é segundo a carne, é do pó, e por isso o céu está fechado a ele, pois que tem a terra em comum com o céu? Mas aquele outro, que é do Espírito, nos abre facilmente as portas do alto. Ouvi, vós que estais sem luz, estremecei, gemei, o aviso é terrível, o juízo é temível. "Não é possível," Ele diz, "que alguém que não nasceu da água e do Espírito entre no Reino dos céus"; porque ele veste o traje da morte, da maldição, da perdição, ainda não recebeu o sinal do Senhor, é estrangeiro e alheio, não tem a senha real. "Se alguém não nascer da água e do Espírito, não pode entrar no Reino dos céus."

Ainda assim Nicodemos não entendeu. Nada é pior do que sujeitar as coisas espirituais a argumentos; foi isso que não o deixou supor algo sublime e grande. Por isso somos chamados fiéis, para que, deixando abaixo a fraqueza das razões humanas, possamos subir à altura da fé, e confiar a ela a maioria de nossas bênçãos; e se Nicodemos tivesse feito isso, não teria considerado a coisa impossível. O que então faz Cristo? Para afastá-lo de sua imaginação rasteira, e mostrar que Ele não fala do nascimento terreno, diz: "Se alguém

não nascer da água e do Espírito, não pode entrar no Reino dos céus." Isso Ele disse, querendo atraí-lo à fé pelo temor da ameaça, e persuadi-lo a não considerar a coisa impossível, esforçando-se por afastá-lo da imaginação do nascimento carnal. "Quero dizer," Ele diz, "um outro nascimento, ó Nicodemos. Por que arrastas o dizer para a terra? Por que sujeitas a coisa à necessidade da natureza? Este nascimento é demasiado elevado para tais dores; nada tem em comum convosco; é chamado nascimento, mas só em nome; na realidade é diferente. Afasta-te do comum e do familiar; um outro tipo de nascimento trago ao mundo; de outro modo quero que os homens sejam gerados: vim trazer um novo modo de criação. Modelei o homem do barro e da água; mas o que foi formado não serviu, o vaso foi torto; não mais os formarei do barro e da água, mas 'da água' e 'do Espírito.'"

E se alguém perguntar, "Como da água?" Eu também perguntarei, como da terra? Como foi o barro separado em partes diferentes? Como o material uniforme (que era só terra) tornou-se em coisas diversas e de todo tipo? De onde vêm os ossos, os tendões, as artérias e veias? De onde as membranas, os vasos dos órgãos, as cartilagens, os tecidos, o fígado, o baço, o coração? De onde a pele, o sangue, o muco e a bile? De onde tais grandes poderes, de onde cores tão variadas? Estas coisas não pertencem à terra ou barro. Como a terra, ao receber as sementes, as faz brotar, enquanto a carne as recebe e as gasta? Como a terra alimenta o que nela é posto, enquanto a carne é alimentada por essas coisas, e não as alimenta? A terra, por exemplo, recebe água e a transforma em vinho; a carne frequentemente recebe vinho e o transforma em água. De onde então é certo que essas coisas são feitas da terra, quando a natureza da terra, conforme foi dito, é contrária à do corpo? Não posso descobrir pela razão, aceito só pela fé. Se mesmo coisas diárias, que tocamos, exigem fé, muito mais aquelas que são misteriosas e espirituais que estas. Pois assim como a terra, que é sem alma e imóvel, foi capacitada pela vontade de Deus, e sobre ela se fizeram tais maravilhas; muito mais, quando o Espírito está presente com a água, todas essas coisas estranhas e que transcendem a razão se realizam facilmente.

[2.] Não duvide, portanto, dessas coisas porque não as vês; tu não vês tua alma, e ainda assim acreditas que tens uma alma, e que ela é algo diferente do corpo.

Mas Cristo não o conduziu por este exemplo, e sim por outro; o exemplo da alma, embora incorpórea, Ele não o trouxe por esse motivo, porque a disposição do ouvinte ainda era muito lenta. Ele põe diante dele outro exemplo, que não tem conexão com a densidade dos corpos sólidos, mas que também não alcança o nível das naturezas incorpóreas; isto é, o movimento do vento. Ele começa primeiro com a água, que é mais leve que a terra, mas mais densa que o ar. E assim como no princípio a terra foi o material sujeito, mas o todo era d'Aquele que a moldou; assim também agora a água é o material sujeito, e o todo é da graça do Espírito: então "o homem se tornou alma vivente" (Gn 2,7); agora ele se torna "Espírito vivificante". Mas grande é a diferença entre os dois. A alma não dá vida a outro senão a quem nela está; o Espírito não apenas vive, mas também dá vida a outros. Assim, por exemplo, os Apóstolos até ressuscitaram os mortos. Então, o homem foi formado por último, quando a criação havia sido concluída; agora, pelo contrário, o homem novo é formado antes da nova criação; ele nasce primeiro, e então o mundo é renovado. (1 Cor 15,45.) E assim como no princípio Ele o formou inteiro, assim Ele o cria inteiro agora. Então Ele disse: "Façamos para ele uma ajudadora" (Gn 2,18), mas aqui não disse nada disso. Que outra ajuda necessitará aquele que recebeu o dom do Espírito? Que mais precisará daquele que pertence ao Corpo de Cristo? Então Ele fez o homem à imagem de Deus, agora Ele o uniu a Deus mesmo; então ordenou que ele dominasse sobre os peixes e os animais, agora Ele exaltou nossos primeiros frutos acima dos céus; então deu-lhe um jardim para habitar, agora abriu-nos o céu; então o homem foi formado no sexto dia, quando o mundo estava quase terminado; mas agora no primeiro, no próprio princípio, no tempo em que a luz foi feita antes. De tudo isso fica claro que as coisas realizadas pertencem a uma vida diferente e melhor, e a uma condição sem fim.

A primeira criação, então, a de Adão, foi da terra; a seguinte, a da mulher, da sua costela; a próxima, a de Abel, da semente; porém não podemos compreender nenhuma dessas nem provar suas circunstâncias por

argumento, embora sejam da natureza mais terrena; como então poderemos explicar a geração invisível pelo Batismo, que é muito mais sublime que essas, ou exigir argumentos para aquele estranho e maravilhoso nascimento? Já que até os Anjos estão presentes quando essa geração ocorre, mas não sabem explicar o modo daquele trabalho maravilhoso, eles apenas observam, não atuam, apenas contemplam o que acontece. O Pai, o Filho e o Espírito Santo realizam tudo. Cramos, então, na declaração de Deus; ela é mais confiável que a visão real. A vista muitas vezes engana, é impossível que a Palavra de Deus falhe; creiamos, pois; aquele que chamou as coisas que não existem para a existência pode ser bem confiável quando fala de sua natureza. O que então ela diz? Que o que é realizado é uma Geração. Se alguém perguntar "Como?", cale sua boca com a declaração de Deus, que é a prova mais forte e clara. Se alguém perguntar "Por que a água é incluída?", perguntemos também nós: "Por que a terra foi empregada no princípio na criação do homem?", pois é evidente para todos que Deus poderia fazer o homem sem a terra. Não seja então excessivamente curioso.

Que a necessidade da água é absoluta e indispensável, podes aprender assim: numa ocasião, quando o Espírito já tinha descido antes da aplicação da água, o Apóstolo não se demorou nisso, mas, como se a água fosse necessária e não supérflua, veja o que ele diz: "Pode alguém impedir a água, para que estes não sejam batizados, que também receberam o Espírito Santo como nós?" (Atos 10,47.)

Qual então é o uso da água? Isso também vos direi depois, quando revelar-vos o mistério oculto. Existem também outros pontos de ensino místico relacionados à questão, mas por agora mencionarei um dentre muitos. Qual é este? No Batismo se cumprem as promessas da nossa aliança com Deus; o sepultamento e a morte, a ressurreição e a vida; e tudo isso acontece de uma só vez. Pois quando mergulhamos nossas cabeças na água, o homem velho é sepultado como num túmulo abaixo, e afundado para sempre; então, quando o levantamos, o homem novo ressuscita em seu lugar. Assim como é fácil para nós mergulhar e erguer nossas cabeças novamente, assim é fácil para Deus enterrar o homem velho e mostrar o novo. E isso é feito três vezes, para que aprendas que o poder do Pai, do Filho e do Espírito

Santo realiza tudo isso. Para mostrar que o que dizemos não é conjectura, ouve Paulo dizendo: "Somos sepultados com Ele pelo Batismo na morte" e, novamente: "O nosso velho homem foi crucificado com Ele" e mais: "Fomos plantados juntos na semelhança da Sua morte" (Rom 6,4; 6,5; 6,6). E não só o Batismo é chamado "cruz", mas a "cruz" é chamada "Batismo". "Com o Batismo com que Eu sou batizado, também vós sereis batizados", diz Cristo (Mc 10,39); e "Tenho um Batismo com que ser batizado" (Lc 12,50) (que vós não conheceis); pois assim como facilmente mergulhamos e levantamos as cabeças, Ele também facilmente morreu e ressuscitou quando quis ou, antes, muito mais facilmente, embora tenha esperado três dias para a dispensa de certo mistério.

[3.] Então, nós que fomos julgados dignos de tais mistérios, mostremos uma vida digna do Dom, isto é, uma conduta excelente; e vós que ainda não fostes julgados dignos, fazei tudo para que o sejais, para que sejamos um só corpo, para que sejamos irmãos. Pois enquanto estivermos divididos nesse aspecto, embora alguém seja pai, ou filho, ou irmão, ou qualquer outra coisa, não é verdadeiro parente, pois está cortado daquela relação que vem do alto. De que adianta estar ligado pelos laços da família terrena, se não formos unidos pelos laços espirituais? De que vale a proximidade de parentesco na terra, se formos estranhos no céu? Pois o Catecúmeno é estranho aos Fiéis. Ele não tem o mesmo Cabeça, não tem o mesmo Pai, não tem a mesma Cidade, nem o mesmo Alimento, nem a mesma Roupa, nem a mesma Mesa, nem a mesma Casa, mas tudo é diferente; tudo está na terra para uns, para outros tudo está no céu. Um tem Cristo por Rei; o outro, o pecado e o diabo; o alimento de um é Cristo, do outro é aquela comida que se corrompe e perece; um tem roupa feita de vermes, o outro o Senhor dos anjos; o céu é a cidade de um, a terra a do outro. Visto que então não temos nada em comum, em quê, diga-me, teremos comunhão? Sofremos as mesmas dores? Saímos do mesmo ventre? Isso nada tem a ver com a mais perfeita relação. Esforcemo-nos, então, para que possamos tornar-nos cidadãos da cidade que está acima. Quanto tempo ainda demoramos na fronteira, quando devemos retomar nosso país antigo? Não corremos perigo comum; pois se acontecer (Deus nos livre!) que pela chegada repentina da morte partamos daqui sem ter sido iniciados, ainda que tenhamos dez mil virtudes, nossa porção não será outra senão o inferno,

e o verme venenoso, e o fogo inextinguível, e os laços indissolúveis. Mas Deus conceda que nenhum dos que ouvem estas palavras experimente tal castigo! E isso acontecerá, se, tendo sido julgados dignos dos santos mistérios, não edificarmos sobre essa base ouro, e prata, e pedras preciosas; pois assim, após nossa partida daqui, poderemos aparecer naquela morada ricos, quando não deixarmos nossas riquezas aqui, mas as transportarmos para tesouros invioláveis pelas mãos dos pobres, quando emprestarmos a Cristo. Muitas são as nossas dívidas ali, não de dinheiro, mas de pecados; emprestemos então a Ele nossas riquezas, para que possamos receber o perdão de nossos pecados; pois Ele é quem julga. Não o negligenciemos aqui quando Ele tem fome, para que Ele nos alimente sempre lá. Aqui o vistamos, para que Ele não nos deixe nus da salvação que vem d'Ele. Se aqui lhe dermos bebida, não diremos como o rico: "Manda Lázaro que molhe na ponta do dedo a minha língua ardente." Se aqui o recebermos em nossa casa, ali Ele nos preparará muitas moradas; se o visitarmos na prisão, Ele também nos libertará das nossas correntes; se o acolhermos quando Ele é estrangeiro, não permitirá que sejamos estranhos ao Reino dos céus, mas nos dará uma porção na Cidade que está acima; se o visitarmos doente, Ele também nos livrará rapidamente das nossas enfermidades.

Demos então, recebendo grandes coisas embora dando pouco, o pouco para que possamos ganhar o muito. Enquanto há tempo, semeemos, para que possamos colher. Quando o inverno nos alcançar, quando o mar não for mais navegável, não seremos mais senhores desse comércio. Mas quando será o inverno? Quando aquele grande e manifesto Dia estiver próximo. Então cessaremos de navegar neste grande e amplo mar, pois assim é a vida presente. Agora é tempo de semear, então de colher e ganhar. Se alguém não semear a seu tempo e semear na colheita, além de não conseguir nada, será ridículo. Mas se o presente é tempo de semear, segue-se que não é tempo de juntar, mas de espalhar; semeemos, pois, para que possamos colher, e não tentemos colher agora, para não perdermos a colheita; pois, como disse, esta estação nos convoca a semear, gastar e despender, não a recolher e guardar. Não deixemos, então, a oportunidade escapar, mas ponhamos semente abundante, e não poupem nossas reservas, para que possamos recebê-las de volta com grande recompensa, pela graça e misericórdia de nosso Senhor

Jesus Cristo, a quem sejam glória, ao Pai e ao Espírito Santo, pelos séculos dos séculos. Amém.

Sermão XXVI
João 3,6: "O que é nascido da carne é carne; e o que é nascido do Espírito é espírito."

[1.] Grandes mistérios são aqueles dos quais o Filho Unigênito de Deus nos julgou dignos; grandes, e tais que não éramos dignos, mas tais que era conveniente que Ele nos desse. Pois se alguém computar o nosso merecimento, não só éramos indignos do dom, como também merecedores de castigo e vingança; mas Ele, porque não olhou para isso, não só nos livrou da punição, como nos concedeu gratuitamente uma vida muito mais brilhante do que a primeira, nos introduziu em outro mundo, fez-nos outra criatura; "Se alguém está em Cristo," diz Paulo, "é nova criatura." (2 Cor 5,17) Que tipo de "nova criatura"? Ouça o próprio Cristo declarar: "Se alguém não nascer da água e do Espírito, não pode entrar no Reino de Deus." O Paraíso nos foi confiado, e fomos considerados indignos de habitar até mesmo ali, contudo Ele nos elevou ao céu. Nas coisas primeiras fomos infiéis, e Ele nos confiou coisas maiores; não conseguimos abster-nos de uma única árvore, e Ele nos proporcionou delícias superiores; não guardamos o nosso lugar no Paraíso, e Ele abriu para nós as portas do céu. Bem disse Paulo: "Ó profundidade das riquezas, tanto da sabedoria como do conhecimento de Deus!" (Rom 11,33) Não há mais mãe, nem dores de parto, nem sono, nem encontros e abraços dos corpos; doravante toda a estrutura da nossa natureza é formada do alto, pelo Espírito Santo e pela água. A água é usada, tornando-se o nascimento para quem nasce; o que o ventre é para o embrião, a água é para o crente; pois na água ele é formado e moldado. No início disse-se: "Que as águas produzam seres vivos rastejantes" (Gn 1,20), mas desde o momento em que o Senhor entrou nas águas do Jordão, a água não mais produz "ser rastejante que tem vida", mas almas racionais e portadoras do Espírito; e o que foi dito do sol, que ele é "como um noivo que sai de seu aposento" (Sl 18,6), agora podemos dizer dos fiéis, pois eles irradiam luzes muito mais brilhantes do que ele. O que é formado no ventre requer tempo, não assim na água, mas tudo se faz num só momento. Aqui nossa vida é

perecível, e tem origem na decadência de outros corpos; aquilo que deve nascer vem lentamente (pois tal é a natureza dos corpos, eles adquirem a perfeição com o tempo), mas não é assim com as coisas espirituais. E por quê? Porque as coisas criadas são formadas perfeitas desde o começo.

Quando Nicodemos, ouvindo isso, ficou perturbado, veja como Cristo lhe revela parcialmente o segredo deste mistério, e esclarece o que estava obscuro para ele. "O que é nascido," diz Ele, "da carne é carne; e o que é nascido do Espírito é espírito." Ele o afasta de todas as coisas sensíveis e não lhe permite vasculhar em vão os mistérios com seus olhos carnais; "Não falamos," diz Ele, "de carne, mas de Espírito, ó Nicodemos," (por esta palavra Ele o orienta para o céu por um tempo,) "não busques coisas relacionadas aos sentidos; nunca o Espírito poderá ser visto por esses olhos, não pense que o Espírito gera a carne." "Como, então," alguém pode perguntar, "foi gerada a Carne do Senhor?" Não somente do Espírito, mas da carne; como Paulo declara: "Feito de mulher, feito sob a Lei" (Gl 4,4); pois o Espírito não o formou do nada (pois para isso não haveria necessidade de um ventre), mas da carne de uma Virgem. Como, não posso explicar; contudo isso foi feito, para que ninguém supusesse que o que nasceu é estranho à nossa natureza. Pois se, mesmo tendo ocorrido isso, há quem não creia em tal nascimento, em que impiedade não teria caído se Ele não tivesse tomado a carne da Virgem?

"O que é nascido do Espírito é espírito." Vês a dignidade do Espírito? Ele aparece realizando a obra de Deus; pois acima disse-se de alguns que "foram gerados por Deus" (Jo 1,13), aqui Ele diz que o Espírito os gera.

"O que é nascido do Espírito é espírito." O sentido é este: "Quem nasce do Espírito é espiritual." Pois o nascimento de que Ele fala aqui não é segundo a essência, mas segundo a honra e a graça. Agora, se o Filho também é assim gerado, em que será Ele superior aos homens assim nascidos? E como é Ele, Unigênito? Pois eu também sou nascido de Deus, embora não de Sua essência, e se Ele também não é de Sua essência, em que difere de nós? Não, Ele será inferior ao Espírito; pois o nascimento desse tipo é pela graça do

Espírito. Precisa Ele então da ajuda do Espírito para continuar sendo Filho? E em que isso difere das doutrinas judaicas?

Cristo, tendo dito "Quem nasce do Espírito é espírito", e vendo Nicodemos ainda confuso, conduz Sua explicação a uma figura sensível, dizendo:

Vers. 7, 8: "Não te maravilhes de eu te ter dito que importa nascer de novo. O vento sopra onde quer."

Pois ao dizer "Não te maravilhes", Ele indica a confusão da alma dele, e o leva a algo mais leve que o corpo. Já o afastara das coisas da carne, dizendo: "O que nasce do Espírito é espírito"; mas, como Nicodemos não sabia o que isso significava, Ele o leva a outra figura, sem trazê-lo à densidade dos corpos, nem falando de coisas puramente incorpóreas (pois se assim fosse, ele não poderia receber), mas encontrando algo entre o que é e o que não é corpo, a saber, o movimento do vento, Ele o traz para isso. E diz acerca dele:

"Ouves o seu som, mas não sabes de onde vem, nem para onde vai."

Embora Ele diga "sopra onde quer", não o diz como se o vento tivesse poder de escolha, mas declarando que seu movimento natural não pode ser impedido, e é poderoso. Pois as Escrituras sabem falar assim de coisas sem vida, como quando dizem: "A criatura foi sujeita à vaidade, não voluntariamente." (Rom 8,20) A expressão, portanto, "sopra onde quer", é de quem quer mostrar que ele não pode ser contido, que se espalha por toda parte, e ninguém pode impedir que passe aqui e ali, mas que vai com grande força, e ninguém pode desviar sua violência.

[2.] "E ouves a sua voz," (isto é, o seu sussurro, o seu ruído,) "mas não sabes de onde vem, nem para onde vai; assim é todo aquele que nasce do Espírito."

Aqui está a conclusão de toda a questão. "Se," Ele diz, "tu não sabes explicar o movimento nem o caminho desse vento que percebes pelo ouvir e pelo toque, por que te inquietas tanto com a ação do Espírito Divino, quando não entendes sequer o vento, embora ouças sua voz?" A expressão "sopra onde

quer" também serve para mostrar o poder do Consolador; pois se ninguém pode deter o vento, e ele se move onde quer, muito menos as leis da natureza, ou os limites da geração corporal, ou coisa semelhante poderão restringir as operações do Espírito.

Que a expressão "ouves a sua voz" é usada em relação ao vento fica claro por esta circunstância; Ele não teria dito isso ao conversar com um incrédulo e com alguém que não conhece a ação do Espírito, dizendo "ouves a sua voz." Assim como o vento não é visível, embora emita som, assim também o nascimento do que é espiritual não é visível aos nossos olhos corporais; porém o vento é um corpo, embora muito sutil; pois tudo o que é objeto dos sentidos é corpo. Portanto, se não te queixas por não poderes ver esse corpo, e por isso não duvidas, por que quando ouves falar do "Espírito" hesitas e exiges explicações exatas, embora não aja assim em relação ao corpo? Que faz Nicodemos então? Continua ainda em sua opinião judaica inferior, e isso quando lhe foi dado um exemplo tão claro. Por isso, quando ele novamente diz com dúvida,

Vers. 9, 10. "Como podem ser estas coisas?" Cristo então lhe fala mais repreensivamente: "És mestre em Israel, e não sabes estas coisas?"

Repara como Ele nunca acusa o homem de maldade, mas apenas de fraqueza e simplicidade. "E o que," pode alguém perguntar, "tem esse nascimento em comum com os assuntos judaicos?" Diz-me antes, o que há nele que não tenha em comum? Pois o primeiro homem criado, e a mulher formada de sua costela, e as mulheres estéreis, e as coisas realizadas pela água — refiro-me à fonte onde Eliseu fez flutuar o ferro, ao Mar Vermelho que os judeus atravessaram, à piscina que o Anjo agitava, a Naamã o sírio que foi purificado no Jordão — todas essas anunciavam de antemão, como por figura, o nascimento e a purificação que haveriam de vir. E as palavras do Profeta aludem ao modo desse nascimento, como: "Anunciar-se-á ao Senhor uma geração que virá, e eles anunciarão a sua justiça a um povo que nascerá, que o Senhor formou" (Salmo xxii, 30; xxx, 31 LXX); e, "A tua mocidade será renovada como a da águia" (Salmo ciii, 5 LXX); e, "Brilha, ó Jerusalém; eis que vem o teu Rei!" (Isaías lx, 1; Zacarias ix, 9); e, "Bem-aventurados os cujos

pecados são perdoados" (Salmo xxxii, 1 LXX). Isaque também foi tipo desse nascimento. Pois diga-me, Nicodemos, como ele nasceu? Foi segundo a lei natural? De modo nenhum; o modo de sua geração esteve no meio do que falamos e do natural; natural, porque foi gerado por coabitação; o outro, porque não foi gerado de sangue (mas pela vontade de Deus). Mostrarei que essas figuras anunciaram não só esse nascimento, mas também o da Virgem. Pois, porque ninguém facilmente teria acreditado que uma virgem pudesse dar à luz, primeiro foram as mulheres estéreis, depois as que não eram só estéreis, mas também idosas. Que uma mulher foi feita da costela foi, de fato, muito mais maravilhoso que a estéril conceber; mas como isso foi de tempos antigos, deu-se outra figura, nova e fresca, a da mulher estéril; para preparar o caminho à crença no parto da Virgem. Para lembrar-lhe, então, dessas coisas, Jesus disse: "És mestre em Israel, e não sabes estas coisas?"

Vers. 11. "Falamos do que sabemos, e testemunhamos o que vimos, e não recebestes o nosso testemunho."

Isto Ele acrescentou, tornando Suas palavras críveis por outro argumento, e falando com brandura, condescendendo à fraqueza do outro.

[3.] E o que é isto que Ele diz: "Falamos do que sabemos, e testificamos o que vimos"? Porque para nós a visão é o sentido mais confiável, e se desejamos obter a crença de uma pessoa, falamos assim: que vimos com nossos próprios olhos, não que sabemos por ouvir dizer; por isso Cristo fala a ele segundo o modo dos homens, ganhando assim credibilidade para Suas palavras. E que assim é, e que Ele não deseja estabelecer outra coisa, nem se refere à visão sensível, fica claro por isto: depois de dizer, "O que é nascido da carne é carne; e o que é nascido do Espírito é espírito," Ele acrescenta, "Falamos do que sabemos, e testificamos o que vimos." Ora, isto (do Espírito) ainda não tinha nascido; como, então, diz Ele, "o que vimos"? Não é evidente que Ele fala de um conhecimento de outro tipo, não menos exato?

"E ninguém recebe o nosso testemunho." A expressão "sabemos" Ele usa, então, quer a respeito de Si mesmo e do Pai, quer a respeito de Si mesmo sozinho; e "ninguém recebe," não é expressão de alguém irritado, mas de

quem declara um fato: pois Ele não disse, "Que pode haver de mais insensato do que vós que não aceitais o que tão claramente declaramos?" mas mostrando toda brandura, tanto por Suas obras quanto por Suas palavras, Ele não pronunciou nada parecido; suavemente e amavelmente Ele anunciou o que haveria de acontecer, conduzindo-nos também à brandura, e ensinando-nos que, quando conversamos com alguém e não o persuadimos, não devemos nos irritar ou nos tornar ferozes; pois é impossível para quem está fora de si conseguir seu intento, ele só fará com que aquele a quem fala fique ainda mais incrédulo. Por isso devemos evitar a ira, e tornar nossas palavras credíveis em todo aspecto, evitando não só a raiva, mas também a voz alta — pois a voz alta é o combustível da paixão.

Atai, pois, o cavalo, para que possamos dominar o cavaleiro; cortemos as asas da nossa ira, para que o mal não se eleve mais. A paixão aguda é a ira, aguda e habilidosa para roubar nossas almas; por isso devemos, de todos os lados, guardar-nos contra sua entrada. Seria estranho que pudéssemos domar feras selvagens e, entretanto, negligenciássemos nossa própria mente selvagem. A ira é fogo feroz, devora todas as coisas; prejudica o corpo, destrói a alma, torna o homem deformado e feio de se olhar; e se fosse possível a uma pessoa irada ver-se a si mesma no momento da ira, não precisaria de outro aviso, pois nada é mais desagradável do que um semblante irado. A ira é uma espécie de embriaguez, ou antes, é mais grave que a embriaguez, e mais lamentável que a possessão por um demônio. Mas, se cuidarmos para não sermos bruscos no falar, encontraremos esse o melhor caminho para a sobriedade do comportamento. Por isso Paulo quis eliminar a clamoração tanto quanto a ira, quando diz: "Toda ira e clamor sejam tirados de entre vós" (Efésios 4,31). Obedeçamos, pois, a esse mestre de toda sabedoria, e quando estivermos irados com nossos servos, consideremos nossas próprias faltas, e nos envergonhemos da paciência deles. Pois, quando és insolente, e teu servo suporta tuas injúrias em silêncio, quando ages mal, ele, como um sábio, toma isso como aviso, mais do que qualquer outro. Embora ele seja teu servo, é ainda um homem, tem alma imortal, e foi honrado com os mesmos dons que tu pelo nosso comum Senhor. E se aquele que é nosso igual nas coisas mais importantes e espirituais, por causa de alguma superioridade humana pequena e insignificante suporta tão humildemente nossas injúrias, que

perdão podemos merecer, que desculpa podemos dar, nós que não podemos, ou melhor, não queremos ser tão sábios por temor de Deus, como ele é por temor de nós? Considerando, pois, todas estas coisas, e lembrando nossas próprias transgressões e a natureza comum do homem, cuidemos de falar sempre com brandura, para que, sendo humildes de coração, encontremos descanso para nossas almas, tanto as que agora existem, como as que virão; o que todos possamos alcançar, pela graça e benignidade de nosso Senhor Jesus Cristo, ao qual sejam a glória, para o Pai e o Espírito Santo, para todo o sempre. Amém.

Sermão XXVII
João 3,12-13 — "Se vos tenho falado coisas terrestres e não credes, como crereis se vos falar das celestiais? E ninguém subiu ao céu, senão aquele que desceu do céu, o Filho do Homem que está no céu."

[1.] O que tenho dito muitas vezes, agora repito, e não cessarei de dizer. O que é isso? É que Jesus, quando está para tratar de doutrinas sublimes, frequentemente se contém por causa da fraqueza dos seus ouvintes, e não permanece continuamente sobre assuntos dignos de Sua grandeza, mas sim sobre aqueles que contêm condescendência. Pois o sublime e grande, sendo pronunciado uma só vez, é suficiente para estabelecer essa característica, na medida em que somos capazes de ouvi-lo; mas, a menos que ditos mais humildes, e próximos da compreensão dos ouvintes, sejam continuamente proferidos, o mais sublime não se prenderia facilmente a um ouvinte mundano. Por isso, das palavras de Cristo, mais são humildes do que sublimes. Mas para que isso não cause outro mal, retendo o discípulo aqui embaixo, Ele não apresenta simplesmente aos homens Suas palavras inferiores sem antes lhes dizer por que as pronuncia; como de fato fez neste trecho. Pois quando falou sobre o Batismo, e a Geração pela graça que acontece na terra, querendo admiti-los à Sua própria Geração misteriosa e incompreensível, Ele a mantém em suspense por um tempo, e não os admite, e então lhes dá a razão dessa não admissão. Qual é essa razão? É a lentidão e fraqueza de Seus ouvintes. Referindo-se a isso, acrescentou as palavras: "Se vos tenho falado coisas terrestres e não credes, como crereis se vos falar das

celestiais?", para que, sempre que Ele disser algo ordinário e humilde, atribuamos isso à fraqueza de Seu auditório.

A expressão "coisas terrestres" alguns dizem que aqui se refere ao vento; ou seja, "Se vos dei um exemplo tirado de coisas terrestres, e nem assim crestes, como podereis aprender coisas mais sublimes?" E não estranhe que Ele chame aqui o Batismo de "coisa terrestre", pois assim o chama, seja porque se realiza na terra, seja por nomeá-lo em comparação com Sua própria Geração terrível e sublime. Pois, embora esta nossa Geração seja celestial, ainda assim, comparada com aquela verdadeira Geração que provém da Substância do Pai, é terrestre.

Ele não diz: "Não entendestes", mas "Não crestes"; porque, quando alguém está mal disposto para com as coisas que podem ser apreendidas pela inteligência, e não as aceita facilmente, pode ser justamente acusado de falta de entendimento; mas quando não aceita coisas que não podem ser apreendidas pelo raciocínio, mas somente pela fé, a acusação contra ele não é mais falta de entendimento, mas incredulidade. Afastando-o, portanto, de indagar pelo raciocínio sobre o que foi dito, Ele o toca mais severamente, acusando-o de falta de fé. Se agora devemos receber nossa própria Geração pela fé, o que merecem aqueles que se ocupam em raciocinar sobre a Geração do Unigênito?

Mas talvez alguém pergunte: "E se os ouvintes não acreditassem nestas palavras, para que então foram ditas?" Porque, ainda que "eles" não creiam, os que vierem depois crerão e delas se beneficiarão. Tocando-o, portanto, com muita severidade, Cristo continua mostrando que não conhece estas coisas apenas, mas outras também, muito maiores e mais elevadas. E isso Ele declarou no que se segue, quando disse: "E ninguém subiu ao céu, senão aquele que desceu do céu, o Filho do Homem que está no céu."

"E que sequência é esta?" pergunta alguém. A mais estreita e totalmente em harmonia com o que se disse antes. Pois, como Nicodemos havia dito: "Sabemos que és Mestre vindo de Deus", sobre esse ponto Ele o corrige, quase dizendo: "Não me considere mestre como tantos profetas que foram da

terra, porque Eu vim do céu agora. Nenhum dos profetas subiu lá, mas Eu habito lá." Vês como até aquilo que parece muito elevado é absolutamente indigno de Sua grandeza? Pois Ele não está somente no céu, mas em toda parte, e tudo enche; contudo, fala conforme a fraqueza de Seu ouvinte, desejando conduzi-lo pouco a pouco. E neste trecho Ele não chamou a carne "Filho do Homem", mas agora nomeou, por assim dizer, Seu Eu inteiro a partir da substância inferior; de fato, é costume d'Ele chamar Sua Pessoa ora pela Divindade, ora pela humanidade.

Verso 14. "E, como Moisés levantou a serpente no deserto, assim importa que o Filho do Homem seja levantado."

Isto novamente parece depender do que foi dito antes, e também tem conexão muito próxima com ele. Pois, depois de falar sobre o grande benefício que veio ao homem pelo Batismo, Ele procede a mencionar outro benefício, que foi a causa daquele, e não inferior a ele; a saber, o da Cruz. Como também Paulo, argumentando com os Coríntios, junta esses benefícios quando diz: "Foi Paulo crucificado por vós? Ou fostes batizados em nome de Paulo?" Pois essas duas coisas mais do que todas declaram Seu amor incompreensível, que Ele sofreu pelos inimigos, e que, tendo morrido por eles, lhes concedeu livremente pelo Batismo o perdão total de seus pecados.

[2.] Mas por que Ele não disse claramente: "Estou para ser crucificado", em vez de remeter seus ouvintes ao antigo tipo? Primeiro, para que aprendas que as coisas antigas são afins às novas, e que umas não são alheias às outras; depois, para que saibas que Ele não veio relutantemente à Sua Paixão; e ainda, além dessas razões, para que aprendas que nenhum mal lhe acontece por causa desse fato, e que para muitos disso brota a salvação. Pois, para que ninguém diga: "E como é possível que aqueles que creem num crucificado sejam salvos, se ele mesmo está sujeito à morte?", Ele nos conduz à história antiga. Ora, se os judeus, olhando para a imagem de bronze da serpente, escaparam da morte, muito mais os que crerem no Crucificado gozarão com justiça um benefício muito maior. Pois isso não ocorre por fraqueza do Crucificado, nem porque os judeus sejam mais fortes que Ele, mas porque "Deus amou o mundo"; por isso Seu vivo Templo está fixado na Cruz.

Verso 15. "Para que todo aquele que nele crê não pereça, mas tenha a vida eterna."

Vês a causa da Crucificação, e a salvação que dela provém? Vês a relação do tipo com a realidade? Ali os judeus escaparam da morte, mas aqui os crentes escapam da morte eterna; ali a serpente pendurada curou as picadas de serpentes, aqui Jesus Crucificado curou as feridas infligidas pelo dragão espiritual; ali quem olhava com os olhos do corpo era curado, aqui quem contempla com os olhos do entendimento se livra de todos os pecados; ali o que estava pendurado era bronze moldado à semelhança da serpente, aqui era o Corpo do Senhor, edificado pelo Espírito; ali uma serpente picava e outra curava, aqui a morte destruiu e uma Morte salvou. Mas a serpente que destruía tinha veneno, a que salvava era livre de veneno; e assim aconteceu aqui, pois a morte que nos matou tinha o pecado com ela, como a serpente tinha veneno; mas a Morte do Senhor estava livre de todo pecado, assim como a serpente de bronze estava livre de veneno. Pois, diz Pedro, "Ele não cometeu pecado, nem se achou engano em Sua boca" (1 Ped. 2,22). E isso também Paulo declara: "Despojando os principados e potestades, os expôs publicamente, triunfando deles na cruz" (Col. 2,15). Pois assim como um nobre campeão, levantando seu adversário no alto e lançando-o por terra, torna sua vitória mais gloriosa, assim Cristo, diante de todo o mundo, derrubou os poderes adversos e, tendo curado os feridos no deserto, livrou-os de todas as feras venenosas que os afligiam, por estar pendurado na Cruz. Contudo, Ele não disse "deve ser pendurado", mas "deve ser levantado" (Atos 28,4); pois usou este termo que parecia mais suave, por causa do ouvinte, e porque era próprio ao tipo.

Verso 16. "Porque Deus amou o mundo de tal maneira que deu o seu Filho unigênito, para que todo aquele que nele crê não pereça, mas tenha a vida eterna."

O que Ele diz é do tipo: Não te admirares de que Eu deva ser levantado para que sejais salvos, pois isso agrada ao Pai, que tanto vos amou a ponto de dar Seu Filho por servos ingratos. Contudo, um homem não faria isso nem por

um amigo, nem facilmente por um justo; como Paulo declarou quando disse: "Com dificuldade alguém morrerá por um justo" (Rom. 5,7). Agora, Paulo falou longamente, pois falava a crentes; aqui Cristo fala concisamente, porque Seu discurso foi dirigido a Nicodemos, mas ainda assim de modo muito significativo, pois cada palavra tinha grande importância. Pois pela expressão "tanto amou" e pela outra "Deus o mundo" Ele mostra a grande força de Seu amor. Grande e infinito era o abismo entre os dois. Ele, o imortal, sem princípio, a Majestade Infinita; eles, pó e cinza, cheios de milhares de pecados, que, ingratos, O ofenderam a todo tempo; e estes Ele "amou". Ademais, as palavras que Ele acrescentou depois são igualmente significativas, quando diz que "deu Seu Filho unigênito", não um servo, não um anjo, nem um arcanjo. E ainda assim ninguém mostraria tanto cuidado com seu próprio filho como Deus teve com Seus servos ingratos.

Sua Paixão então Ele apresenta não muito abertamente, mas de modo obscuro; porém a vantagem da Paixão Ele acrescenta de modo mais claro, dizendo: "Para que todo aquele que nele crê não pereça, mas tenha a vida eterna." Pois, quando disse "deve ser levantado" e aludiu à morte, é provável que o ouvinte se sentisse desanimado com essas palavras, formando algumas meras opiniões humanas sobre Ele e supondo que Sua morte era um cessar de existir; observa como Ele corrige isso, dizendo que aquele que foi dado foi "O Filho de Deus", e a causa da vida, da vida eterna. Aquele que conquistou a vida para outros pela morte, não ficaria continuamente na morte; pois, se os que creram no Crucificado não perecem, muito menos perece Aquele que é crucificado. Aquele que tira a privação dos outros, muito mais está livre dela; aquele que dá vida aos outros, muito mais produz para si mesmo vida. Vês que em tudo há necessidade de fé? Pois Ele chama a Cruz de fonte de vida, o que a razão não pode facilmente admitir, como os pagãos agora atestam zombando disso. Mas a fé, que vai além da fraqueza do raciocínio, pode recebê-la e retê-la facilmente. E de onde veio que Deus "tanto amou o mundo"? De nenhuma outra fonte senão de Sua bondade.

[3.] Envergonhemo-nos agora do Seu amor, tenhamos vergonha do excesso de Sua bondade amorosa, pois Ele, por nossa causa, não poupou Seu Filho Unigênito, enquanto nós poupamos nossas riquezas para nosso próprio

prejuízo; Ele, por nós, deu Seu Próprio Filho, mas nós por Ele nem sequer desprezamos o dinheiro, nem mesmo por nós mesmos. E como podem essas coisas merecer perdão? Se vemos um homem se submetendo a sofrimentos e à morte por nós, o colocamos acima de todos os outros, contamos como um dos nossos melhores amigos, entregamos a ele tudo o que temos e consideramos isso mais como dele do que nosso, e mesmo assim não pensamos que lhe damos a recompensa que merece. Mas para com Cristo não conservamos sequer esse grau de sentimento justo. Ele deu Sua vida por nós e derramou Seu precioso Sangue por nós, que nem sequer estávamos bem dispostos nem éramos bons, enquanto nós não derramamos nem sequer nosso dinheiro por nós mesmos e negligenciamos Aquele que morreu por nós, estando Ele nu e estrangeiro; e quem nos livrará do castigo que está por vir? Pois suponha que não seja Deus quem pune, mas nós mesmos; não deveríamos votar contra nós mesmos? Não deveríamos nos sentenciar ao próprio fogo do inferno, por permitir que Aquele que deu Sua vida por nós padeça de fome? Mas por que falar de dinheiro? Se tivéssemos dez mil vidas, não deveríamos entregá-las todas por Ele? E ainda assim, mesmo assim, não poderíamos fazer o que Seus benefícios merecem. Pois quem faz um benefício inicialmente dá prova evidente de sua bondade, mas quem o recebe, seja qual for o retorno que faça, paga como dívida, e não como favor; especialmente quando aquele que fez o primeiro bem estava beneficiando seus inimigos. E quem paga tanto concede seus dons a um benfeitor e ainda colhe o fruto deles para si mesmo. Mas nem isso nos move; somos mais tolos que qualquer um, colocando colares de ouro em nossos servos, mulas e cavalos, e negligenciando nosso Senhor que anda nu, vai de porta em porta, está sempre à saída de nossas casas, estende Suas mãos para nós, mas muitas vezes o olhamos com olhar impiedoso; e ainda assim Ele suporta tudo isso por nossa causa. Ele tem fome com alegria para que tu possas ser alimentado; Ele anda nu para que possa te prover os materiais para um vestido incorruptível, e ainda assim nem assim cedes alguma coisa tua. Algumas das tuas vestes estão comidas de traça, outras são um peso para teus cofres e um incômodo desnecessário para seus donos, enquanto Aquele que te deu estas e todas as outras coisas que possuis anda nu.

Mas talvez tu não as guardes nos cofres, mas as uses para te adornar. E que ganho tens com isso? É para que as pessoas da rua te vejam? Pois bem, não te admirarão por usares tais vestes, mas sim aquele que fornece roupas aos necessitados; se desejas ser admirado, vestindo os outros, obterás muito mais aplausos. Então, Deus e os homens te louvarão; agora ninguém pode louvar-te, todos te invejam, ao verem um corpo bem vestido, mas uma alma negligenciada. Assim as prostitutas têm adornos, e suas roupas são muitas vezes mais caras e esplêndidas do que o comum; mas o adorno da alma está somente com aqueles que vivem em virtude.

Estas coisas digo continuamente, e não cessarei de dizê-las, não tanto por me importar com os pobres, mas porque me importo com vossas almas. Pois eles terão algum conforto, se não de vós, de algum outro lugar; ou mesmo que não sejam consolados, mas pereçam de fome, o mal para eles não será grande. Que dano causaram a Lázaro a pobreza e o desperdício pela fome! Mas ninguém poderá te salvar do inferno se não obtiveres a ajuda dos pobres; diremos a ti o que foi dito ao homem rico, que estava sempre em tormento, mas não obteve conforto. Que Deus conceda que ninguém ouça essas palavras, mas que todos entrem no seio de Abraão; pela graça e bondade amorosa de nosso Senhor Jesus Cristo, por quem e com quem, ao Pai e ao Espírito Santo, seja glória para sempre. Amém.

Sermão XXVIII.
João 3,17 – "Porque Deus enviou o Seu Filho, não para condenar o mundo, mas para salvar o mundo."

[I.] Muitos dos mais descuidados, usando a bondade amorosa de Deus para aumentar a gravidade de seus pecados e o excesso de sua negligência, falam assim: "Não há inferno, não há punição futura, Deus perdoa todos os pecados." Para calar tais bocas, um homem sábio diz: "Não digas: Grande é a Sua misericórdia, Ele se pacificará por causa da multidão dos meus pecados; pois misericórdia e ira vêm d'Ele, e a Sua indignação repousa sobre os pecadores" (Eclo 5,6); e ainda: "Assim como a Sua misericórdia é grande, assim também é a Sua correção." (Eclo 16,12.) "Onde, então," diz alguém, "está a Sua bondade amorosa, se receberemos segundo nossos merecimentos

pelos nossos pecados?" Que de fato receberemos "segundo nossos merecimentos," ouça tanto o Profeta quanto Paulo declararem; um diz: "Tu darás a cada um conforme o seu trabalho" (Salmo 62,12); o outro, "Ele retribuirá a cada um conforme suas obras" (Romanos 2,6). E ainda assim podemos ver que mesmo assim a bondade amorosa de Deus é grande; ao dividir nossa existência em dois períodos, a vida presente e a que há de vir, fazendo a primeira uma prova e a segunda um lugar de coroação, Ele mesmo nisso mostrou grande bondade amorosa.

"Como e de que modo?" Porque, quando tínhamos cometido muitos e graves pecados, e não cessamos desde a juventude até a velhice extrema de manchar nossas almas com milhares de más ações, por nenhum destes pecados Ele nos pediu contas, mas nos concedeu remissão deles pelo banho da regeneração, e gratuitamente nos deu justiça e santificação. "Então," diz alguém, "se um homem que desde sua infância foi considerado digno dos mistérios, depois disso comete milhares de pecados?" Tal pessoa merece um castigo mais severo. Pois não pagamos as mesmas penas pelos mesmos pecados, se errarmos depois da iniciação. E isso Paulo declara, dizendo: "Aquele que desprezou a lei de Moisés morreu sem misericórdia sob testemunho de dois ou três; quanto mais severo castigo achares que merece aquele que pisoteou o Filho de Deus, e considerou como profano o sangue da aliança, e insultou o Espírito da graça?" (Hebreus 10,28-29.) Tal pessoa, portanto, é digna de castigo mais severo. Contudo, mesmo para ele Deus abriu portas ao arrependimento e lhe concedeu muitos meios para lavar suas transgressões, se assim o quiser. Pense, então, que provas de bondade amorosa são estas; pela graça perdoar pecados, e não punir quem pecou depois da graça e merece punição, mas dar-lhe tempo e espaço determinado para purificação. Por todas estas razões Cristo disse a Nicodemos: "Deus não enviou o Seu Filho para condenar o mundo, mas para salvar o mundo."

Porque há dois Adventos de Cristo, aquele que já foi e aquele que há de vir; e os dois não têm o mesmo propósito; o primeiro não veio para investigar nossas ações, mas para perdoar; o objeto do segundo não será perdoar, mas julgar. Portanto, do primeiro Ele diz: "Não vim para julgar o mundo, mas para salvar o mundo" (João 3,17); mas do segundo: "Quando o Filho do Homem vier

em Sua glória, Ele separará os cordeiros à sua direita e as cabras à esquerda" (Mateus 25,31-46). E estes irão para a vida; e aqueles para o castigo eterno. Porém a vinda anterior foi para o juízo segundo a regra da justiça. Por quê? Porque antes da Sua vinda havia uma lei natural, os profetas, e ainda uma Lei escrita, doutrina, milhares de promessas, manifestações de sinais, castigos, vinganças e muitas outras coisas que poderiam corrigir os homens; e daí decorre que para tudo isso Ele pediria contas; mas, porque é misericordioso, Ele por um tempo perdoa em vez de investigar. Pois, se o fizesse, todos seriam precipitados imediatamente na perdição, porque "todos pecaram e destituídos estão da glória de Deus" (Romanos 3,23). Vês a imensurável grandeza da Sua bondade amorosa?

Versículo 18. "Quem crê no Filho não é julgado; mas quem não crê já está julgado."

Mas se Ele "não veio para julgar o mundo," como "quem não crê já está julgado," se o tempo do "juízo" ainda não chegou? Ou quer dizer que o fato de não crer, sem arrependimento, já é punição (pois estar sem a luz já é uma punição severa), ou está anunciando antecipadamente o que será. Pois assim como o assassino, embora ainda não tenha sido condenado pela decisão do juiz, já está condenado pela natureza do ato, assim é com o incrédulo. Pois Adão também morreu no dia em que comeu da árvore; assim era o decreto: "No dia em que comeres, morrerás" (Gênesis 2,17); porém ele viveu. Como, então, "morreu"? Pelo decreto, pela natureza da coisa; pois quem se torna passível de punição está sob a pena dela, e mesmo que por um tempo não de fato, já está pela sentença.

Para que ninguém, ao ouvir "Não vim para julgar o mundo," imagine que possa pecar impunemente e assim se torne mais negligente, Cristo detém tal desprezo dizendo: "já está julgado"; e porque o "juízo" era futuro e ainda não chegara, Ele aproxima o temor da vingança e descreve o castigo como já presente. E isso é em si mesmo sinal de grande bondade amorosa, que Ele não só deu Seu Filho, mas também adiou o juízo, para que os que pecaram e os que não creem possam ainda lavar suas transgressões.

“Quem crê no Filho não é julgado.” Quem “crê,” não o curioso demais; quem “crê,” não o intrometido. Mas e se sua vida for impura e suas ações más? É especialmente de tais que Paulo declara que não são verdadeiros crentes: “Professam conhecer a Deus, mas negam-no com as obras” (Tito 1,16). Mas aqui Cristo diz que tal pessoa não é “julgada” nesse único aspecto; por suas obras, de fato, sofrerá castigo mais severo, mas tendo crido uma vez, não é castigada por descrença.

[2.] Vês como, tendo começado seu discurso com coisas temerosas, Ele o conclui novamente com as mesmas? Pois a princípio diz: "Se alguém não nascer da água e do Espírito, não pode entrar no Reino de Deus"; e aqui novamente, "Quem não crê no Filho, já está julgado." Ele diz: "Não penseis que a demora beneficia de alguma forma o culpado, a menos que se arrependa; pois quem não crê estará em condição nenhuma melhor do que aqueles que já foram condenados e estão sob punição."

Verso 19. "E esta é a condenação: que a luz veio ao mundo, e os homens amaram mais as trevas do que a luz."

O que Ele quer dizer é algo assim: "Eles são punidos porque não quiseram abandonar as trevas e correr para a luz." E por isso continua privando-os de toda desculpa para o futuro: "Se eu tivesse vindo para punir e cobrar conta de suas obras, eles poderiam dizer: ‘É por isso que nos afastamos de ti’; mas agora que vim para libertá-los das trevas e conduzi-los à luz, quem poderia ter compaixão de quem não quer sair das trevas para a luz? Quando nada têm para acusar contra nós, mas receberam inúmeros benefícios, eles se afastam de nós." E essa acusação Ele já fez em outro lugar, onde diz: "Eles me odiaram sem causa" (João 15:25); e novamente: "Se eu não tivesse vindo e falado a eles, não teriam pecado" (João 15:22). Pois aquele que, na ausência da luz, está nas trevas, pode talvez ser perdoado; mas aquele que, após a luz ter vindo, permanece nas trevas, prova contra si mesmo ter um espírito perverso e contencioso. Em seguida, porque sua afirmação pareceria incrível para a maioria (pois ninguém escolheria “as trevas em vez da luz”), Ele acrescenta a causa desse sentimento neles. Qual é?

Versos 19 e 20. "Porque," Ele diz, "suas obras eram más. Pois todo aquele que faz o mal odeia a luz, e não vem à luz para que suas obras não sejam reprovadas."

Mas Ele não veio para julgar ou investigar, mas para perdoar e remir as transgressões, e conceder salvação pela fé. Como então fugiram? Se Ele tivesse vindo e se sentado no trono do Juízo, o que disse poderia parecer razoável; pois aquele que está consciente de suas más ações costuma fugir do juiz. Mas, pelo contrário, os que transgrediram correm para aquele que perdoa. Se, pois, Ele veio para perdoar, naturalmente aqueles que mais corriam a Ele eram os conscientes de muitos pecados; e assim foi com muitos, pois até publicanos e pecadores sentavam-se à mesa com Jesus. Então, o que quer dizer com isso? Fala daqueles que escolhem permanecer sempre na maldade. Ele veio para perdoar os pecados passados e protegê-los contra os futuros; mas como há alguns tão relaxados, tão fracos para as dificuldades da virtude, que desejam permanecer na maldade até o último suspiro, e nunca a deixam, Ele fala aqui pensando neles. "Pois, visto que a profissão do cristianismo exige, além de uma doutrina correta, também uma vida reta, eles temem vir para nós porque não gostam de mostrar uma vida justa. Aquele que vive na idolatria ninguém censura, porque com deuses tais como os seus, e com ritos tão imundos e ridículos como os seus deuses, ele mostra ações condizentes com suas crenças; mas os que pertencem ao Deus verdadeiro, se vivem descuidadamente, todos os homens os chamam à conta e os acusam. Tanto assim que até os inimigos da verdade a admiram." Repare, então, como Ele estabelece precisamente o que diz. A expressão não é "quem fez o mal não vem à luz", mas "quem o faz sempre, quem deseja sempre se revolver na lama do pecado, não se sujeita às Minhas leis, mas escolhe ficar fora, e cometer fornicação sem medo, e fazer todas as outras coisas proibidas. Pois se vier a Mim, se manifestará como ladrão à luz, e por isso evita o Meu domínio." Por exemplo, mesmo agora se ouve muitos pagãos dizerem: "Não podemos vir à nossa fé, porque não conseguimos deixar a embriaguez, a fornicação e outras desordens."

"Mas," diz alguém, "não há cristãos que fazem o mal, e pagãos que vivem com retidão?" Que há cristãos que fazem o mal, eu sei; mas se há pagãos que

vivem retamente, ainda não sei ao certo. Pois não me fale daqueles que por natureza são bons e ordeiros (isso não é virtude), mas fale do homem que consegue suportar a violência extrema de suas paixões e ainda assim ser temperante. Você não pode. Pois se a promessa do Reino, e a ameaça do inferno, e tantas outras providências mal conseguem manter os homens na virtude, dificilmente irão atrás da virtude os que não acreditam em nada disso. Ou, se alguém diz que o faz, é por aparência; e quem assim o faz por aparência, não vai se abster de satisfazer seus desejos quando pode escapar da observação. Contudo, para não parecer controverso a ninguém, admitamos que há homens que vivem corretamente entre os pagãos; pois isso não contradiz meu argumento, visto que falei do que ocorre geralmente, e não do que acontece raramente."

E observa como de outra forma Ele os priva de toda desculpa, quando diz que "a luz veio ao mundo". "Eles a buscaram por si mesmos?" Ele pergunta, "se esforçaram, trabalharam para encontrá-la? A luz mesma veio até eles, e mesmo assim não se apressaram para ela."

E se há alguns cristãos que vivem mal, argumentaria que Ele não diz isso a respeito daqueles que foram cristãos desde o princípio e herdaram a verdadeira religião de seus antepassados (embora até esses, em sua maioria, tenham sido abalados da doutrina correta por causa de sua má vida), mas penso que Ele aqui não fala sobre esses, e sim sobre os pagãos e os judeus que deveriam ter vindo para a verdadeira fé. Pois Ele mostra que ninguém vivendo no erro escolheria vir à verdade se antes não tivesse planejado para si uma vida justa, e que ninguém permaneceria na incredulidade se previamente não tivesse escolhido sempre ser ímpio.

Não me diga que alguém é temperante e não rouba; essas coisas por si só não são virtude. Pois de que vale alguém possuir essas coisas e ainda ser escravo da vaidade, e permanecer em seu erro por medo da companhia dos amigos? Isso não é vida reta. O escravo da reputação é tão pecador quanto o fornicador; na verdade, comete atos ainda mais graves do que ele. Mas fale-me de alguém que esteja livre de todas as paixões e iniquidades e que permaneça entre os pagãos. Você não pode; pois mesmo aqueles que entre

eles se gabaram de grandes feitos, e que dizem ter dominado a avareza ou a gula, foram, mais que ninguém, escravos da reputação, e essa é a causa de todos os males. Assim também os judeus continuaram sendo judeus; por isso Cristo os repreendeu dizendo: "Como podeis crer, vós que recebeis honra uns dos outros?" (João 5:44).

"E por que, então, Ele não falou sobre essas coisas com Natanael, a quem testificou a verdade, nem prolongou seu discurso?" Porque ele não veio com o mesmo zelo que Nicodemos. Nicodemos fez disso seu trabalho, e o tempo que outros usavam para descansar ele usava para ouvir; mas Natanael veio por causa de outro. Contudo, nem mesmo a ele Jesus desprezou, pois disse: "Vereis o céu aberto e os anjos de Deus subindo e descendo sobre o Filho do Homem" (João 1:51). Mas a Nicodemos não falou assim; conversou com ele sobre a Economia da Salvação e sobre a vida eterna, tratando cada um de modo diferente e adequado à condição de sua vontade. Isso bastou para Natanael, porque ele conhecia as Escrituras dos profetas, e não era tão tímido, de modo que ouvir apenas isso foi suficiente; mas como Nicodemos ainda estava dominado pelo medo, Cristo não revelou claramente tudo a ele, mas sacudiu sua mente para expulsar o medo pelo próprio medo, declarando que quem não crê já está julgado, e que a incredulidade procede de uma consciência má. Pois como ele dava grande valor à honra dos homens mais do que ao castigo (como diz o Evangelista: "Muitos dos príncipes creram nele, mas por causa dos judeus não o confessaram" — João 12:42), Cristo tocou esse ponto com ele dizendo: "Não é possível que quem não crê em mim descrê por outra razão senão porque vive uma vida imunda." Mais adiante Ele diz: "Eu sou a Luz" (João 8:12), mas aqui, "a Luz veio ao mundo"; pois no começo falou um pouco obscuramente, mas depois com mais clareza. Ainda assim, o homem ficou retido pelo medo da opinião alheia e, por isso, não pôde falar abertamente como devia.

Fujamos, pois, da vaidade, porque esta é uma paixão mais tirânica do que qualquer outra. Daí nascem a cobiça, o amor ao dinheiro, o ódio, as guerras e as contendas; pois quem deseja mais do que tem nunca se contenta, e esse desejo nasce apenas do amor à vaidade. Diga-me, por que tantos se cercam de eunucos, servos e muitos ostentação? Não por necessidade, mas para que

os outros sejam testemunhas dessa exibição inadequada. Se cortarmos isso, mataremos com a cabeça os outros membros da maldade, e nada nos impedirá de viver na terra como se fosse o céu. Essa paixão não só conduz seus escravos à maldade, mas coexiste até mesmo com suas virtudes, e quando não consegue expulsá-los totalmente delas, ainda assim lhes causa grande dano na prática dessas virtudes, forçando-os a sofrer e privando-os do fruto. Pois aquele que jejua, ora e pratica a misericórdia tendo em vista a vaidade já recebeu sua recompensa. Que coisa mais lamentável do que essa perda, que faz o homem se lamentar inutilmente e em vão, tornando-se objeto de escárnio e perdendo a glória que vem do alto? Pois quem deseja ambos não pode ter ambos. É possível ter ambos quando desejamos apenas um, aquele que vem do céu; mas não pode ter ambos quem deseja ambos. Por isso, se queremos alcançar a glória, fujamos da glória humana e desejemos apenas aquela que vem de Deus; assim obteremos ambos — que todos nós possamos desfrutar, pela graça e misericórdia de nosso Senhor Jesus Cristo, por quem e com quem, ao Pai e ao Espírito Santo, seja glória para sempre. Amém.

Sermão XXIX.
João iii, 22 — "E Jesus foi com Seus discípulos para a região da Judeia, e ali ficou com eles, e batizava."

[I.] Nada pode ser mais claro ou mais poderoso que a verdade, assim como nada é mais fraco que a falsidade, ainda que esta esteja coberta por dez mil véus. Pois, assim mesmo, a falsidade é facilmente detectada, facilmente se desfaz. Mas a verdade se apresenta nua a todos os que desejam contemplar sua beleza; ela não busca esconder-se, não teme perigo algum, não se abala com intrigas, não deseja a glória dos muitos, não presta contas a nenhuma criatura mortal, mas está acima de todas elas, é alvo de milhares de conspirações secretas e, ainda assim, permanece invencível, guardando com a própria força aqueles que a procuram como um refúgio seguro; evita esconderijos, e coloca o que é seu diante de todos os homens. E isso Cristo declarou em sua conversa com Pilatos, quando disse: "Eu sempre ensinei publicamente, e em segredo nada disse." (João 18,20.) Como falou naquela ocasião, assim agiu agora, pois "Depois disto", diz o Evangelista, "Jesus foi

com Seus discípulos para a região da Judeia, e ali ficou com eles, e batizava." Nas festas subia à Cidade para anunciar no meio deles Seus ensinamentos e a força de Seus milagres; mas depois das festas, frequentemente ia ao Jordão, porque ali se juntava muita gente. Pois Ele sempre escolhia os lugares mais cheios, não por amor à exibição ou vaidade, mas porque desejava ajudar o maior número possível.

Mas o Evangelista continua dizendo que "Jesus não batizava, mas Seus discípulos"; daí fica claro que esse é o sentido também aqui. E por que Jesus não batizava? O Batista já tinha dito antes: "Ele vos batizará com o Espírito Santo e com fogo." Como ainda não tinha dado o Espírito, era justo que não batizasse. Mas Seus discípulos batizavam, porque desejavam levar muitos à doutrina da salvação.

"E por que, enquanto os discípulos de Jesus batizavam, João não deixou de batizar? Por que continuou a batizar até ser preso? Pois dizer

vers. 23 — 'João também batizava em Enom'; e acrescentar,

vers. 24 — 'João ainda não tinha sido lançado na prisão', era para mostrar que até então ele não cessava de batizar. Mas por que batizava até então? Ele teria feito os discípulos de Jesus parecerem mais veneráveis se tivesse parado quando eles começaram. Por que então continuou batizando?" Foi para não estimular seus discípulos a uma rivalidade ainda maior, tornando-os mais contenciosos. Pois, mesmo proclamando Cristo dez mil vezes, cedendo a Ele o primeiro lugar e se considerando tão inferior, não conseguia persuadi-los a ir a Ele; se tivesse acrescentado mais isso, teria aumentado a hostilidade deles. Por isso, Cristo começou a pregar mais constantemente quando João foi retirado. Além disso, penso que a morte de João foi permitida e aconteceu rapidamente para que toda a atenção do povo se voltasse para Cristo, sem mais divisões entre os dois.

Além disso, mesmo enquanto batizava, João não deixava de exortar constantemente e de mostrar-lhes a grandeza e a majestade de Jesus. Pois ele batizava e dizia apenas que deviam crer naquele que viria depois dele. Como

alguém que agisse assim, parando de batizar, faria os discípulos de Cristo parecerem dignos de reverência? Pelo contrário, pareceria movido por inveja e paixão. Continuar pregando dava prova mais forte; pois não buscava glória para si, mas encaminhava seus ouvintes para Cristo, trabalhando com Ele, e não menos, mas até mais do que os próprios discípulos de Cristo, porque seu testemunho não era suspeito e ele era muito mais estimado por todos. Isso o Evangelista sugere quando diz: "Toda a Judeia e todos os habitantes ao redor do Jordão iam até ele e eram batizados." (Mateus 3,5.) Mesmo enquanto os discípulos batizavam, muitos continuavam a correr até João.

Se alguém perguntar: "E em que era melhor o batismo dos discípulos do que o de João?", respondemos: "Em nada"; ambos eram iguais, sem o dom do Espírito, e tinham a mesma razão para batizar, que era levar os batizados a Cristo. Para que não precisassem estar sempre correndo atrás daqueles que deveriam crer, como no caso de Simão seu irmão e Felipe com Natanael, instituíram o batismo para atrair facilmente todos e preparar o caminho para a fé que haveria de vir. Mas o fato de que um batismo não era superior ao outro fica claro no que vem a seguir. O que é isso?

Vers. 25 — "Houve então uma questão," diz o Evangelista, "entre alguns dos discípulos de João e os judeus, acerca da purificação."

Pois os discípulos de João, sempre ciumentos em relação aos discípulos de Cristo e a Cristo mesmo, ao verem estes batizando começaram a discutir com os que haviam sido batizados, como se o batismo deles fosse superior ao dos discípulos de Cristo; e, levando um dos batizados, tentaram persuadi-lo disso, mas não o convenceram. Note como o Evangelista nos mostra que foram eles que atacaram, não o contrário. Ele não diz que "um certo judeu questionou com eles", mas que "houve uma questão entre os discípulos de João e um certo judeu, sobre a purificação."

[2.] E observai, peço-vos, a inofensividade do Evangelista. Ele não fala de forma injuriosa, mas, na medida do possível, suaviza a acusação, dizendo apenas que "surgiu uma questão"; enquanto a continuação (que ele também apresenta de modo ameno) deixa claro que o que foi dito, foi dito por ciúmes.

Verso 26. "Vieram", diz ele, "a João e lhe disseram: Rabi, aquele que estava contigo além do Jordão, a quem tu deste testemunho, eis que ele batiza, e todos vão a ele."

Ou seja, "Aquele que tu batizaste"; pois é isso que eles querem dizer ao falar: "a quem tu deste testemunho", como se dissessem: "Aquele que tu apontaste como ilustre, e fizeste notável, ousa fazer o mesmo que tu." Contudo, eles não dizem: "Aquele que tu batizaste batiza" (pois então teriam de mencionar a Voz que veio do céu e a descida do Espírito); mas o que dizem? "Aquele que estava contigo além do Jordão, a quem tu deste testemunho"; isto é, "Aquele que tinha a condição de discípulo, que não passava de nós, esse homem se separou e batiza." Pois pensavam causar ciúmes, não só com isso, mas também afirmando que sua própria reputação estava diminuindo. "Todos," dizem, "vão a ele." Daí é evidente que não conseguiram convencer o judeu com quem discutiam; falaram assim porque eram pessoas imperfeitas em seu caráter, ainda dominadas pelo sentimento de rivalidade. Então, o que respondeu João? Ele não os repreendeu severamente, temendo que eles se separassem novamente dele e causassem algum outro mal. Quais foram suas palavras?

Verso 27. "Ninguém pode receber coisa alguma, se não lhe for dado do céu."

Não se admire se ele fala de Cristo de modo humilde; era impossível ensinar de uma vez só, desde o princípio, homens tão dominados pela paixão. Mas ele quer, por enquanto, impressioná-los com temor e assombro, e mostrar-lhes que combatiam ninguém menos que Deus mesmo quando combatiam Cristo. E aqui ele estabelece secretamente a verdade que Gamaliel declarou: "Não combatais contra Deus, para que não sejas achado até que combatais contra Deus." (Atos 5:39.) Pois dizer, "Ninguém pode receber coisa alguma, se não lhe for dado do céu," era nada mais que declarar que estavam tentando o impossível e, assim, seriam encontrados combatendo contra Deus. "Mas, e quanto a Teudas e seus seguidores, que 'receberam' por si mesmos?" Receberam, mas foram logo dispersos e destruídos, ao contrário do que pertence a Cristo.

Com isso, ele também os consola suavemente, mostrando-lhes que não era um homem, mas Deus quem os superava em honra; e que, portanto, não deviam se espantar se o que pertencia a Ele era glorioso e se "todos iam a ele": pois essa é a natureza das coisas divinas, e é Deus quem as realiza, porque nenhum homem jamais teve poder para tais feitos. Todas as coisas humanas são facilmente desmascaradas, são corruptas e se dissipam rapidamente; essas não eram assim, portanto, não eram humanas. Observai também que, quando disseram, "a quem tu deste testemunho," ele virou contra eles aquilo que pensavam que tinham usado para diminuir Cristo, e os silencia depois de mostrar que a glória de Jesus não vinha do testemunho dele; "Ninguém pode," diz ele, "receber coisa alguma de si mesmo, a não ser que lhe seja dado do céu." "Se ao menos aceitardes o meu testemunho e acreditardes que é verdadeiro, saibam que, por esse testemunho, não deveriam preferir a mim a Ele, mas preferi-Lo a mim. Pois o que eu testemunhei? Chamo a vocês mesmos como testemunhas."

Verso 28. "Vós mesmos sois testemunhas de que eu disse: 'Não sou o Cristo, mas fui enviado diante dele.'"

"Se, então, acreditais no meu testemunho (e até agora o usais ao dizer, 'a quem tu deste testemunho'), Ele não é diminuído ao receber meu testemunho, mas aumentado; além disso, o testemunho não era meu, mas de Deus. Portanto, se pareço confiável para vós, disse isso, entre outras coisas, que 'fui enviado antes dele.'" Vês como ele mostra, pouco a pouco, que essa Voz era divina? Pois o que ele diz é algo deste tipo: "Sou servo, e falo as palavras daquele que me enviou, não lisonjeando Cristo por favor humano, mas servindo ao Pai que me enviou. Eu não dei o testemunho por vontade própria, mas falei o que fui enviado para falar. Portanto, não penseis por isso que sou grande, pois isso mostra que Ele é grande. Ele é Senhor de todas as coisas." Isso ele continua a declarar, dizendo:

Verso 29. "Aquele que tem a noiva é o noivo; mas o amigo do noivo, que está e o ouve, regozija-se muito por causa da voz do noivo."

"Mas como é que aquele que disse: ‘Não sou digno de desatar a correia da sandália dele,’ agora se chama amigo dele?" Não é para se exaltar, nem por vaidade, que ele diz isso, mas por desejo de mostrar que ele também promove isso (isto é, a exaltação de Cristo), e que essas coisas acontecem não contra sua vontade nem para sua tristeza, mas que ele as deseja e se alegra com elas, e que foi com essa finalidade especial que todas as suas ações foram feitas; e isso ele mostrou muito sabiamente com o termo 'amigo.' Pois em ocasiões como casamentos, os servos do noivo não são tão alegres e jubilantes quanto os seus 'amigos.' Não era por desejo de provar igualdade de honra (isso longe de ser), mas só por excesso de alegria e ainda por condescendência à fraqueza deles que ele se chama 'amigo.' Pois seu serviço ele já declarou antes, dizendo: 'Fui enviado diante dele.' Por essa razão, e porque eles pensavam que ele estava contrariado com o que acontecera, ele se chamou 'amigo do noivo' para mostrar que não estava contrariado, mas que se alegrava grandemente. "Pois," diz ele, "vim para realizar isto, e estou tão longe de me entristecer pelo que foi feito, que, se não tivesse ocorrido, eu teria ficado muito triste. Se a noiva não tivesse vindo ao noivo, eu teria ficado triste, mas não agora, pois minha missão foi cumprida. Quando os seus servos avançam, somos nós que ganhamos a honra pelo que desejávamos que acontecesse, e a noiva conhece o noivo, e vós sois testemunhas disso quando dizeis: 'Todos vão a ele.' Isso eu desejava ardentemente, fiz tudo para esse fim; e agora, vendo que isso aconteceu, fico feliz, regozijo-me e salto de alegria."

[3.] Mas o que significa: "Quem está de pé e o ouve, alegra-se muito por causa da voz do noivo"? Ele transfere a expressão da parábola para o assunto em questão; pois, depois de mencionar o noivo e a noiva, ele mostra como a noiva é levada para casa, ou seja, por uma "Voz" e ensinamento. Pois assim a Igreja é desposada a Deus; e por isso Paulo diz: "A fé vem pelo ouvir, e o ouvir pela palavra de Deus." (Romanos 10:17.) "Dessa Voz," diz ele, "me alegro." E não sem motivo ele usa "quem está de pé", mas para mostrar que seu ofício tinha cessado, que ele havia entregado a "Noiva" a Ele, e que doravante devia apenas estar de pé e ouvi-lo; que ele era servo e ministro; que sua boa esperança e sua alegria estavam agora cumpridas. Portanto, ele diz:

"Esta minha alegria, portanto, está cumprida."

Ou seja: "A obra que devia ser feita por mim está terminada, daqui em diante não posso fazer mais nada." Então, para prevenir o aumento do sentimento de ciúme, não só naquele momento, mas para o futuro, ele também lhes fala do que há de acontecer, confirmando isso pelo que já dissera e fizera. Por isso ele continua,

Vers. 30. "Convém que Ele cresça, e que eu diminua."

Isto é: "O que é meu agora chegou ao fim e cessou, mas o que é Dele cresce; pois o que temem não será somente agora, mas muito mais à medida que avança. E é isto que mostra o que é meu, mais claramente: pois para este fim eu vim, e me alegro que o que é Dele tenha progredido tanto, e que tenham acontecido as coisas pelas quais tudo o que fiz foi feito." Vês como ele suavemente e muito sabiamente amorteceu a paixão deles, apagou a inveja, mostrou-lhes que estavam tentando o impossível, um método pelo qual o mal é melhor controlado? Para isso foi ordenado que essas coisas acontecessem enquanto João ainda estava vivo e batizando, para que seus discípulos tivessem nele uma testemunha da superioridade de Cristo, e que, se não acreditassem, pudessem ficar sem desculpa. Pois João não disse estas palavras por conta própria, nem por resposta a outros que perguntavam, mas eles mesmos fizeram a pergunta e ouviram a resposta. Pois se ele tivesse falado por si, a crença deles não teria sido igual ao juízo autocontraditório que receberam ao ouvi-lo responder à pergunta; assim como os judeus, enviando mensageiros de suas casas, ouviram o que ouviram, e ainda assim não creram, privando-se especialmente dessa forma de desculpa.

O que então nos ensina isso? Que um desejo louco de glória é causa de todos os males; isso os levou à inveja, e quando cessaram por um tempo, isso os despertou novamente. Por isso eles vão a Jesus e dizem: "Por que os teus discípulos não jejuam?" (Mateus 9:14.) Portanto, amados, evitemos essa paixão; pois se a evitarmos, escaparemos do inferno. Pois este vício especialmente incendeia o fogo do inferno, e em todos os lugares estende seu domínio, e ocupa tiranicamente todas as eras e todas as posições. Isso tem

virado igrejas do avesso, é nocivo em assuntos de Estado, subverte casas, cidades, povos e nações. Por que te admiras? Até no deserto manifestou seu grande poder. Pois homens que renunciaram completamente às riquezas e a toda ostentação do mundo, que não conversam com ninguém, que dominaram os desejos mais imperiosos da carne, esses mesmos, feitos prisioneiros pela vaidade, muitas vezes perderam tudo. Por causa dessa paixão, um que muito trabalhou partiu pior do que um que não trabalhou, mas pelo contrário cometeu dez mil pecados; o fariseu mais do que o publicano. No entanto, condenar a paixão é fácil (todos concordam em fazê-lo), mas a questão é: como vencê-la? Como podemos fazer isso? Colocando a honra contra a honra. Pois assim como desprezamos as riquezas da terra quando olhamos para outras riquezas, como desprezamos esta vida quando pensamos na outra, muito melhor, assim seremos capazes de desprezar a glória deste mundo quando soubermos de outra muito mais augustíssima, que é a verdadeira glória. Uma é coisa vão e vazia, tem o nome sem a realidade; mas aquela outra, que vem do céu, é verdadeira, e tem para dar seu louvor Anjos, Arcanjos e o Senhor dos Arcanjos, ou melhor, devo dizer que tem também os homens. Agora, se tu olhares para aquele teatro, aprenderás quais coroas estão lá, transportar-te-ás para os aplausos que vêm dali, nunca as coisas terrenas poderão te prender, nem quando vierem as considerarás grandes, nem quando se forem as buscarás. Pois até mesmo nos palácios terrenos, nenhum dos guardas que estão ao redor do rei, cuidando de agradar aquele que usa a diadema e está no trono, se incomoda com as vozes das gaivotas, ou com o zumbido das moscas e mosquitos ao seu redor; e a boa reputação dos homens não é melhor que estas. Sabendo, pois, o valor da inutilidade das coisas humanas, reunamos tudo em tesouros que não possam ser roubados, busquemos aquela glória que é permanente e inabalável; a qual possamos todos alcançar, pela graça e bondade de nosso Senhor Jesus Cristo, por quem, com quem e para quem seja glória ao Pai e ao Espírito Santo, agora e sempre, pelos séculos dos séculos. Amém.

Sermão XXX — João 3,31
"Aquele que vem do alto está acima de todos; o que é da terra, é da terra e fala da terra."

[1.] A paixão pela glória é algo terrível, terrível e cheia de muitos males; é um espinho difícil de arrancar, uma fera selvagem indomável e de muitas cabeças, armando-se contra os que a alimentam. Pois, assim como o verme consome a madeira de onde nasce, como a ferrugem corrói o ferro de que se origina, e as traças os tecidos de lã, assim também a vanglória destrói a alma que a alimenta. Por isso, é necessária grande diligência para remover tal paixão.

Observa aqui como João precisa de longo encantamento para aplacar os discípulos acometidos por esse desejo, e com dificuldade os acalma. Pois ele os suaviza com outras palavras além das que já mencionou. E que palavras são essas? Diz ele: "Aquele que vem do alto está acima de todos; o que é da terra, é da terra e fala da terra."

Como eles estavam atribuindo grande importância ao testemunho de João, e assim argumentavam que ele era mais digno de crédito que Cristo, era necessário que compreendessem isto: que é impossível a alguém que vem do céu ter sua autoridade fortalecida por quem habita na terra.

E o que quer dizer "acima de todos"? O que essa expressão quer nos mostrar? Que Cristo não necessita de nada, mas é suficiente em Si mesmo, e incomparavelmente maior que todos. De si mesmo João diz ser "da terra, e falar da terra." Não que falasse de sua própria vontade, mas, como Cristo disse: "Se vos falei de coisas terrenas e não credes...", referindo-se ao Batismo — não por este ser "coisa terrena", mas por ser comparado à sua própria geração inefável — assim também João afirma que fala "da terra", comparando seus ensinamentos aos de Cristo.

Pois dizer "fala da terra" significa apenas isto: "Minhas palavras são pequenas, baixas e pobres comparadas às Dele, e são tais como seria de

esperar de uma natureza terrena. Nele ‘estão escondidos todos os tesouros da sabedoria.’” (Col. 2,5)

Que ele não fala com base em raciocínios humanos fica claro daqui: “Aquele que é da terra, é terreno.” Ora, nem tudo nele era terreno, pois possuía alma e participava de um Espírito que não era da terra. Como então diz que é “terreno”? Vês que ele quer dizer apenas isto: “Sou pequeno e sem valor, caminho sobre a terra e nasci na terra; mas Cristo veio do alto até nós.”

Tendo, com todos esses argumentos, apagado a paixão deles, João então fala mais abertamente de Cristo; pois antes disso seria inútil pronunciar palavras que jamais seriam compreendidas por seus ouvintes. Mas, quando arrancou os espinhos, então ousadamente lança a semente, dizendo:

Versículos 31–32:
"Aquele que vem do alto está acima de todos; e o que viu e ouviu, isso testifica; e ninguém recebe o seu testemunho."

Depois de dizer algo grande e sublime sobre Cristo, João novamente rebaixa seu discurso a um tom mais humilde. Pois a expressão “o que viu e ouviu” se adequa mais a um simples homem. O que Cristo sabe, não o sabe por ter aprendido através da visão ou da audição, mas inclui tudo isso em Sua própria natureza, tendo saído perfeito do seio do Pai, e não necessitando que ninguém Lhe ensine. Pois Ele diz: “Assim como o Pai Me conhece, assim também Eu conheço o Pai.” (Jo 10,15)

O que então quer dizer “Ele fala o que ouviu e testifica o que viu”? Já que é pelos sentidos que adquirimos conhecimento verdadeiro de tudo, e somos considerados dignos de crédito quando ensinamos sobre aquilo que nossos olhos viram e nossos ouvidos ouviram — por não estarmos inventando ou mentindo nesses casos — João, querendo estabelecer precisamente esse ponto, disse: “O que Ele viu e ouviu, isso testifica.” Isto é: nada do que procede d’Ele é falso, tudo é verdadeiro.

Assim também nós, quando investigamos algo, frequentemente perguntamos: "Viste isso? Ouviste isso?" E, se isso é provado, o testemunho é tido como indiscutível. Do mesmo modo, quando Cristo diz: "Como ouço, assim julgo" (Jo 5,30), e "O que ouvi de meu Pai, isso digo" (Jo 15,15), e "Falamos o que sabemos, e testificamos o que vimos" (Jo 3,11), e quaisquer outras expressões semelhantes que Ele use, não devem ser interpretadas como se Ele tivesse sido ensinado por alguém — pois seria extrema loucura pensar isso — mas para que Suas palavras não fossem suspeitas pelos judeus obstinados.

Pois, como eles ainda não possuíam uma opinião correta a Seu respeito, Cristo recorre continuamente ao Pai, e assim faz com que Suas palavras sejam dignas de confiança.

[2.] E por que te admiras se Ele Se dirige ao Pai, quando frequentemente recorre aos Profetas e às Escrituras? Como quando diz: "Elas são as que testificam de Mim" (Jo 5,39). Diremos então que Ele é inferior aos Profetas, porque tira testemunhos deles? Longe de nós tal pensamento. É por causa da fraqueza de Seus ouvintes que Ele ordena assim o Seu discurso, e diz que falou o que falou tendo ouvido do Pai — não porque necessitasse de um mestre, mas para que eles acreditassem que nada do que Ele dizia era falso. O sentido de João é deste tipo: "Desejo ouvir o que Ele diz, pois Ele vem do alto, trazendo de lá aquelas novas que só a vida conhece corretamente; pois 'o que viu e ouviu' é a expressão de quem anuncia isso."

"E ninguém recebe o Seu testemunho." No entanto, Ele tinha discípulos, e muitos além destes prestavam atenção às Suas palavras. Como então diz João: "Ninguém"? Ele diz "ninguém" em vez de "poucos", pois, se tivesse querido dizer "nenhum homem em absoluto", como poderia ter acrescentado:

Vers. 33. "Quem recebeu o Seu testemunho, confirmou que Deus é verdadeiro."

Aqui ele se refere aos seus próprios discípulos, como não sendo, por enquanto, firmes crentes. E que eles nem mesmo depois disso creram n'Ele,

é claro pelo que se diz depois; pois João, mesmo estando na prisão, enviou-os de lá a Cristo, para que se ligassem mais firmemente a Ele. No entanto, mesmo então, creram com dificuldade, como aludiu Cristo ao dizer: "E bem-aventurado aquele que não se escandalizar de Mim." (Mt 11,6). E por isso agora ele diz: "E ninguém recebe o Seu testemunho", para firmar seus próprios discípulos, como que dizendo: "Não penseis que Suas palavras são falsas porque, por algum tempo, poucos crerão n'Ele; pois 'Ele fala o que viu'." Além disso, ele diz isso também para tocar na insensibilidade dos judeus. Acusação que o evangelista já havia feito no início, ao dizer: "Veio para o que era Seu, e os Seus não O receberam." (Jo 1,11). Pois isso não é reprovação contra Ele, mas acusação contra os que não O receberam.

"Quem recebeu o Seu testemunho confirmou que Deus é verdadeiro." Aqui ele os aterroriza também, mostrando que quem não crê n'Ele não desacredita só d'Ele, mas também do Pai; por isso acrescenta:

Vers. 34. "Porque aquele que Deus enviou fala as palavras de Deus."

Uma vez que Ele fala Suas palavras, tanto o que crê como o que não crê, crê ou não crê em Deus. "Confirmou que Deus é verdadeiro", isto é, "declarou". Então, para aumentar o temor deles, ele diz: "que Deus é verdadeiro"; assim mostrando que ninguém poderia deixar de crer em Cristo sem tornar Deus, que O enviou, culpado de falsidade. Pois, como Ele nada diz senão o que é do Pai, mas tudo o que diz é do Pai, quem não O ouve, não ouve Aquele que O enviou. Vês como ele novamente os fere com temor? Até então pensavam que não era nada de grave não ouvir Cristo; e por isso ele colocou tão grande perigo sobre os incrédulos, para que aprendessem que não ouvir a Cristo era não ouvir o próprio Deus. Então ele prossegue o discurso, descendo à medida da fraqueza deles, e dizendo:

"Porque Deus não dá o Espírito por medida."

De novo, como disse, ele adapta seu discurso ao nível mais baixo, variando-o e tornando-o apropriado para ser aceito por aqueles que o ouviam então; de outra forma, não poderia tê-los elevado nem aumentado seu temor. Pois, se

tivesse dito algo grandioso e sublime sobre o próprio Jesus, eles não teriam acreditado, talvez até O tivessem desprezado. Por isso, ele conduz tudo ao Pai, falando por um tempo de Cristo como de um homem. Mas o que significa "Deus não dá o Espírito por medida"? Ele quer mostrar que todos nós recebemos a operação do Espírito com medida (pois aqui ele quer dizer por "Espírito" a operação do Espírito, pois é isso que é dividido), mas que Cristo tem toda a Sua operação sem medida e por inteiro. Ora, se Suas operações são sem medida, muito mais Sua Essência. Vês também que o Espírito é Infinito? Como então pode Aquele que recebeu toda a operação do Espírito, que conhece as coisas de Deus, que diz: "Falamos o que ouvimos e testificamos o que vimos" (Jo 3,11), ser suspeito de algo errado? Ele não diz nada que não seja "de Deus" ou "do Espírito". E por um tempo ele não diz nada a respeito de Deus Verbo, mas torna toda sua doutrina credível pela referência ao Pai e ao Espírito. Pois que há um Deus eles sabiam, e que há um Espírito também sabiam (mesmo que não tivessem uma opinião correta a respeito d'Ele), mas que há um Filho, não sabiam. É por isso que ele sempre recorre ao Pai e ao Espírito, confirmando por eles suas palavras. Pois, se alguém não considerar esta razão e examinar a linguagem isoladamente, ela ficaria muito aquém da dignidade de Cristo. Cristo, portanto, não era digno de fé porque tinha a operação do Espírito (pois não precisava de ajuda vinda daí), mas é Ele mesmo autossuficiente; apenas por um tempo o Batista fala de modo a ser compreendido pelos mais simples, desejando elevá-los pouco a pouco a partir de suas concepções inferiores.

E digo isso para que não passemos descuidadamente pelas Escrituras, mas consideremos plenamente o objetivo do orador, e a fraqueza dos ouvintes, e muitos outros pontos nelas. Pois os mestres não dizem tudo como desejariam, mas geralmente conforme o estado dos fracos requer. Por isso Paulo diz: "Não vos pude falar como espirituais, mas como carnais; com leite vos criei, e não com alimento sólido." (1 Cor 3,1-2). Ele quer dizer: "Desejei, de fato, falar-vos como espirituais, mas não pude"; não porque ele fosse incapaz, mas porque eles não eram capazes de ouvir assim. Assim também João desejava ensinar coisas grandes aos discípulos, mas eles ainda não podiam suportar recebê-las, e por isso ele insiste naquilo que é mais baixo.

Devemos, portanto, explorar tudo cuidadosamente. Pois as palavras das Escrituras são nossas armas espirituais; mas se não soubermos como ajustá-las e armar corretamente nossos alunos, elas manterão de fato sua força própria, mas não poderão ajudar os que as recebem. Pois suponhamos que haja uma couraça forte, um elmo, um escudo e uma lança; e que alguém tome essa armadura e coloque a couraça nos pés, o elmo sobre os olhos em vez de sobre a cabeça, que não ponha o escudo diante do peito, mas o amarre perversamente nas pernas: poderá ele tirar algum proveito da armadura? Não sofrerá antes dano? É evidente para qualquer um que sim. Mas não por causa da fraqueza das armas, e sim pela imperícia do homem que não sabe como usá-las bem. Assim também com as Escrituras: se confundirmos sua ordem, ainda que mantenham sua força, não nos farão bem. Embora eu esteja sempre dizendo isso em particular e em público, nada consigo, mas vejo-vos todo o tempo presos às coisas desta vida, e nem sequer sonhando com as espirituais. Por isso nossas vidas são descuidadas, e nós, que lutamos pela verdade, temos pouco poder e nos tornamos motivo de riso para gregos, judeus e hereges. Se fôsseis descuidados em outros assuntos, e exibísseis aqui a mesma indiferença que em outros lugares, nem mesmo assim vossas ações poderiam ser defendidas; mas agora, nos assuntos desta vida, cada um de vós, seja artesão ou político, é mais afiado que uma espada, enquanto nas coisas necessárias e espirituais somos mais embotados que todos, tratando os negócios como se fossem o essencial, e não considerando aquilo que deveríamos ter como o mais urgente como sequer algo secundário. Não sabeis que as Escrituras foram escritas não só para os primeiros homens, mas também para nós? Não ouvis Paulo dizer que "elas foram escritas para nossa advertência, para os quais os fins dos séculos são chegados; para que, pela paciência e consolação das Escrituras, tenhamos esperança"? (1 Cor 10,11; Rom 15,4). Sei que falo em vão, e ainda assim não deixarei de falar, pois assim me limparei diante de Deus, mesmo que ninguém me ouça. Aquele que fala a quem o escuta tem pelo menos isso para alegrar sua fala: a persuasão dos ouvintes; mas aquele que fala continuamente e não é escutado, e ainda assim não cessa de falar, pode ser digno de maior honra que o outro, porque cumpre a vontade de Deus, ainda que ninguém lhe dê ouvidos, segundo o melhor de sua capacidade. Ainda assim, embora nossa recompensa possa ser maior devido à vossa desobediência, preferimos que ela seja diminuída,

contanto que vossa salvação avance, considerando vossa aprovação como uma grande recompensa. E dizemos isso agora não para tornar nosso discurso penoso ou pesado para vós, mas para mostrar-vos a dor que sentimos por causa de vossa indiferença. Que Deus conceda que todos sejamos libertos disso, que nos apeguemos ao zelo espiritual e alcancemos as bênçãos do céu, pela graça e benignidade de nosso Senhor Jesus Cristo, a quem, com o Pai e o Espírito Santo, seja a glória, pelos séculos dos séculos. Amém.

Sermão XXXI
João 3,35-36 — "O Pai ama o Filho e entregou todas as coisas em Sua mão. Aquele que crê no Filho tem a vida eterna; mas o que não crê no Filho não verá a vida, mas a ira de Deus permanece sobre ele."

[1] Grande é, em todas as coisas, o proveito da humildade. Foi por ela que aperfeiçoamos as artes, não aprendendo tudo de uma só vez com os mestres, mas sendo conduzidos passo a passo. Foi por ela que edificamos cidades, juntando-as aos poucos, pouco a pouco. É por ela que mantemos a nossa vida. E não te maravilhes se essa virtude tem tanto poder nas coisas desta vida, pois nas coisas espirituais ainda mais se verifica quão grande é a força dessa sabedoria. Assim foi que os judeus se libertaram da idolatria, sendo guiados com doçura e pouco a pouco, e ouvindo desde o princípio nada de sublime, nem quanto à doutrina, nem quanto à vida. Do mesmo modo, após a vinda de Cristo, quando era já tempo para doutrinas mais elevadas, os Apóstolos atraíram todos os homens, sem desde logo proferirem ensinamentos sublimes. E assim também Cristo, no início, falava à maioria das pessoas, e assim também agora João fala d'Ele como de um homem maravilhoso, e insinua com obscuridade os mistérios mais elevados.

Por exemplo, ao começar, ele disse: "O homem não pode receber coisa alguma de si mesmo" (Jo 3,27); depois, acrescentando uma expressão elevada — "Aquele que vem do céu está acima de todos" — ele novamente rebaixa seu discurso a algo mais humilde, e, além de muitas outras coisas, diz isto: "Deus não dá o Espírito por medida." E então prossegue: "O Pai ama o Filho e entregou todas as coisas em Sua mão." E depois disso, sabendo quão grande é

a força da ameaça de castigo, e que muitos não são tanto movidos pela promessa dos bens quanto pelo temor dos males, ele conclui seu discurso com estas palavras: "Aquele que crê no Filho tem a vida eterna; mas o que não crê no Filho não verá a vida, mas a ira de Deus permanece sobre ele." Aqui, mais uma vez, ele atribui a punição ao Pai, pois não diz "a ira do Filho" — embora seja Ele o Juiz — mas aponta para o Pai, querendo com isso infundir maior temor.

"Então basta", dirá alguém, "crer no Filho para ter a vida eterna?" De modo algum. Ouve o próprio Cristo declarar isso, dizendo: "Nem todo o que Me diz: 'Senhor, Senhor', entrará no Reino dos céus" (Mt 7,21); e a blasfêmia contra o Espírito é, por si só, suficiente para lançar o homem no inferno. Mas por que falo apenas de uma parte da doutrina? Ainda que um homem creia corretamente no Pai, no Filho e no Espírito Santo, se não levar uma vida reta, sua fé de nada lhe servirá para a salvação. Portanto, quando Ele diz: "Esta é a vida eterna: que Te conheçam, a Ti, o único Deus verdadeiro" (Jo 17,3), não pensemos que o conhecimento mencionado seja suficiente para a salvação; é necessário, além disso, uma vida e conduta cuidadosamente justas. Pois embora ele diga aqui: "Aquele que crê no Filho tem a vida eterna", e mesmo algo mais forte — pois entrelaça seu discurso não apenas com bênçãos, mas também com castigos — dizendo: "O que não crê no Filho não verá a vida, mas a ira de Deus permanece sobre ele", nem mesmo assim devemos afirmar que a fé por si só basta para a salvação. E as muitas exortações à vida reta nos Evangelhos demonstram isso. Portanto, ele não disse: "Somente isto é a vida eterna", nem, "aquele que apenas crê no Filho tem a vida eterna", mas por ambas as expressões declara que a fé contém em si a vida, sim, mas que, se não seguir uma vida reta, sobrevém um castigo pesado. E não disse: "espera por ele [o castigo]", mas "permanece sobre ele", isto é, "jamais se afastará dele". Para que não penses que o "não verá a vida" se refere a uma morte temporária, ele acrescentou esta expressão para mostrar que o castigo repousa sobre ele continuamente. E com essas palavras ele os força, de algum modo, a se voltarem para Cristo. Por isso, ele não fez uma exortação dirigida a eles em particular, mas falou de maneira universal — a forma que mais poderia atraí-los. Pois não disse: "Se vós credes", ou "se vós não credes", mas fez o discurso geral, para que suas palavras ficassem livres de suspeita. E isso

ele o fez ainda mais fortemente que o próprio Cristo. Pois Cristo disse: "O que não crê já está condenado", mas João diz: "não verá a vida, mas a ira de Deus permanece sobre ele." E com razão; pois é diferente quando alguém fala de si mesmo e quando outro fala dele. Eles poderiam pensar que Cristo falava muitas vezes assim por vanglória, e que era um soberbo; mas João estava livre de toda suspeita. E, se em um momento posterior Cristo também usou expressões mais fortes, foi quando eles já haviam começado a formar uma opinião elevada a Seu respeito.

Capítulo 4, versículos 1-3.
"Quando, pois, Jesus soube que os fariseus tinham ouvido dizer que Ele fazia e batizava mais discípulos que João (ainda que Jesus mesmo não batizava, mas os Seus discípulos), deixou a Judeia e foi outra vez para a Galileia."

Jesus mesmo, de fato, não batizava, mas os que espalharam a notícia, querendo incitar os ouvintes à inveja, assim o relataram. "Mas então por que partiu?" Não por medo, mas para remover a malícia deles e abrandar-lhes a inveja. Ele poderia, sim, tê-los refreado ao se aproximarem, mas não quis fazê-lo continuamente, para que a realidade da Encarnação não fosse desacreditada. Pois se tivesse sido frequentemente preso e escapado, muitos suspeitariam da veracidade da Encarnação; por isso, na maior parte das vezes, Ele ordenava as coisas segundo o modo humano. Pois, assim como desejava que se cresse que era Deus, também desejava que se cresse que, sendo Deus, havia assumido carne. Por isso, mesmo após a Ressurreição, Ele disse ao discípulo: "Tocai-Me e vede, pois um espírito não tem carne e ossos como vedes que Eu tenho" (Lc 24,39); e por isso também repreendeu Pedro, quando este disse: "Senhor, tem compaixão de Ti; isso de modo algum Te acontecerá" (Mt 16,22). Tamanha era a importância dessa questão para Ele.

[2.] Pois isto não é uma parte pequena das doutrinas da Igreja; é o ponto principal da salvação operada por nós; por meio do qual tudo foi realizado e teve êxito, pois foi assim que os laços da morte foram desfeitos, o pecado removido e a maldição abolida, e dez mil bênçãos foram introduzidas em nossa vida. E por isso Ele especialmente desejava que a Economia (isto é, a

Encarnação) fosse crida, como tendo sido a raiz e a fonte de inumeráveis bens para nós.

No entanto, agindo assim em relação à Sua humanidade, Ele não permitiu que Sua divindade fosse obscurecida. E assim, após Sua partida, Ele novamente empregou a mesma linguagem de antes. Pois Ele não foi embora para a Galileia simplesmente, mas a fim de realizar certos assuntos importantes, os que envolviam os samaritanos; nem dispôs essas coisas de modo simples, mas com a sabedoria que Lhe era própria, e de maneira a não deixar aos judeus sequer a desculpa de um pretexto descarado para si mesmos. E o evangelista indica isso quando diz:

Vers. 4. "Era-lhe necessário passar por Samaria."

Mostrando que Ele fez disso um trabalho secundário da viagem. O mesmo fizeram os Apóstolos; pois assim como eles, quando perseguidos pelos judeus, se dirigiram aos gentios, também Cristo, quando os judeus O expulsaram, voltou-Se aos samaritanos, como também fez no caso da mulher siro-fenícia. E isso foi feito para que toda defesa fosse removida dos judeus, e para que não pudessem dizer: "Ele nos deixou e foi para os incircuncisos." E por isso os discípulos, desculpando-se, disseram: "Era necessário que a palavra de Deus fosse primeiramente falada a vós; mas, visto que a rejeitais e vos julgais indignos da vida eterna, eis que nos voltamos aos gentios." (At 13,46). E Ele mesmo diz novamente: "Não fui enviado senão às ovelhas perdidas da casa de Israel" (Mt 15,24); e de novo: "Não é bom tomar o pão dos filhos e lançá-lo aos cachorrinhos." Mas quando O expulsaram, abriram uma porta para os gentios. No entanto, nem assim Ele veio aos gentios expressamente, mas "de passagem". De passagem, então:

Vers. 5-6. "Ele chegou a uma cidade da Samaria chamada Sicar, perto do campo que Jacó dera a seu filho José. Ora, ali estava o poço de Jacó."

Por que o evangelista é tão exato quanto ao lugar? Para que, quando ouvires a mulher dizer: "Nosso pai Jacó nos deu este poço", não o consideres estranho. Pois este foi o lugar onde Levi e Simeão, enfurecidos por causa de Diná,

realizaram aquele massacre cruel. E pode valer a pena relatar de que fontes os samaritanos foram formados; já que toda esta região era chamada Samaria. De onde, então, eles receberam esse nome? O monte foi chamado "Samar" por causa de seu dono (cf. 1Rs 16,24); como também Isaías diz: "E a cabeça de Efraim é Samaria" (Is 7,9 LXX). Mas os habitantes eram chamados não "samaritanos", mas "israelitas". Mas, com o passar do tempo, ofenderam a Deus e, no reinado de Facéia, Teglat-Falasar subiu, tomou muitas cidades, e atacou Elá; e tendo-o matado, entregou o reino a Oseias (2Rs 15,29). Contra este veio Salmanasar, tomou outras cidades e as submeteu, impondo tributos (2Rs 17,3). No início, ele cedeu, mas depois se revoltou contra o domínio assírio e aliou-se aos etíopes. Os assírios souberam disso, guerrearam contra eles, destruíram suas cidades, e já não permitiram que a nação permanecesse ali, por suspeitarem que se revoltariam novamente (2Rs 17,4). Mas os levaram para a Babilônia e para os medos, e trazendo de lá povos de diversos lugares, plantaram-nos em Samaria, para que seu domínio fosse mais seguro, ocupando o lugar com seu próprio povo. Depois disso, Deus, querendo mostrar que não havia abandonado os judeus por fraqueza, mas por causa dos pecados daqueles que foram entregues, enviou leões contra os estrangeiros, que devastaram toda a nação. Esses fatos foram relatados ao rei, e ele enviou um sacerdote para lhes transmitir as leis de Deus. Ainda assim, nem mesmo assim desistiram completamente de sua impiedade, mas apenas em parte. Mas com o tempo, eles por sua vez abandonaram os ídolos e passaram a adorar a Deus. E quando as coisas estavam assim, os judeus, tendo retornado, sempre nutriram um sentimento de ciúme para com eles, como estranhos e inimigos, e os chamavam, pelo nome da montanha, de "samaritanos". Por essa razão também havia não pouca rivalidade entre eles. Os samaritanos não usavam todas as Escrituras, mas recebiam apenas os escritos de Moisés, e davam pouca atenção aos dos Profetas. No entanto, eram zelosos em se insinuar no nobre povo judeu e se orgulhavam de Abraão, chamando-o de seu antepassado, como sendo ele da Caldeia; e também chamavam Jacó de seu pai, por descenderem dele. Mas os judeus os abominavam, como também a todas as demais nações. Por isso reprocharam Cristo com isso, dizendo: "És samaritano, e tens um demônio" (Jo 8,48). E por essa razão, na parábola do homem que descia de Jerusalém para Jericó, Cristo faz o homem que mostrou compaixão ser "um samaritano" (Lc 10,33),

alguém que era tido por vil, desprezível e abominável por eles. E no caso dos dez leprosos, Ele chama um de "estrangeiro" por isso — pois "ele era samaritano" —, e deu aos discípulos esta ordem: "Não ireis pelo caminho dos gentios, nem entreis em cidade de samaritanos." (Mt 10,5).

[3.] O evangelista não lembrou Jacó apenas para descrever o lugar, mas para mostrar que a rejeição dos judeus já havia ocorrido há muito tempo. Pois, no tempo de seus antepassados, os judeus possuíam a terra, e não os samaritanos; e as posses que, não sendo deles, seus antepassados haviam adquirido, eles, sendo os herdeiros legítimos, perderam por sua negligência e transgressões. Tão pouco valor têm os ancestrais excelentes, se os descendentes não forem semelhantes a eles. Ademais, os estrangeiros, apenas ao serem provados pelos leões, logo retornaram ao culto verdadeiro dos judeus, enquanto estes, mesmo depois de sofrerem tantos castigos, não foram trazidos à razão.

Foi a este lugar que Cristo veio agora, sempre rejeitando uma vida sedentária e cômoda, e apresentando uma vida laboriosa e ativa. Ele não usava animal algum para transportá-lo, mas caminhava tanto e de modo tão contínuo, que até se cansava em suas jornadas. E sempre ensinava isto: que o homem deve trabalhar por si mesmo, viver sem supérfluos e não ter muitas necessidades. Na verdade, tão desejoso era de que fôssemos alheios ao supérfluo, que restringia muitos até mesmo dos bens necessários. Por isso disse: "As raposas têm covis, e as aves do céu, ninhos, mas o Filho do Homem não tem onde reclinar a cabeça." (Mt 8,20). Assim, passava a maior parte do tempo nas montanhas e desertos, não apenas de dia, mas também de noite. E isso Davi declarou quando disse: "Beberá do riacho no caminho" (Sl 110,7), mostrando com isso sua vida frugal. O evangelista também mostra isso aqui:

Versículos 6-8. "Jesus, pois, cansado da viagem, sentou-se assim junto do poço; era por volta da hora sexta. Veio uma mulher de Samaria tirar água. Disse-lhe Jesus: Dá-me de beber. Pois os seus discípulos tinham ido à cidade comprar alimentos."

Daqui aprendemos sobre sua atividade no caminho, seu desinteresse pela comida, e como Ele tratava isso como algo de menor importância. Assim também ensinava os discípulos a adotarem a mesma disposição; pois não levavam consigo provisões para o caminho. E outro evangelista declara isso, dizendo que, quando Ele lhes falou acerca do "fermento dos fariseus" (Mt 16,6), eles pensaram que fosse porque não tinham pão; e quando os apresenta arrancando espigas e comendo (Mt 12,1), e quando afirma que Jesus se aproximou da figueira por estar com fome (Mt 21,18), tudo isso é apenas para nos ensinar a desprezar o ventre, e a não considerar seu serviço como algo que se deva atender com ansiedade. Observa-os, por exemplo, aqui: nem trazem consigo algo, nem se importam com isso logo no começo do dia, mas só compram comida na hora em que todos os outros já estavam fazendo suas refeições. Diferentemente de nós, que ao nos levantarmos da cama nos ocupamos disso antes de tudo, chamando cozinheiros e mordomos, e dando ordens com todo empenho, para depois nos aplicarmos a outras coisas — preferindo as coisas temporais às espirituais, e considerando como necessárias aquelas que deveríamos considerar de menor importância. Por isso tudo está em desordem. Ao contrário, deveríamos valorizar grandemente as coisas espirituais, e só depois de realizá-las, nos ocuparmos com as outras.

E neste trecho, não só sua vida laboriosa é mostrada, mas também sua humildade; não apenas por estar cansado, nem por estar sentado à beira do caminho, mas por ter sido deixado sozinho, seus discípulos tendo-se afastado dele. E, no entanto, se quisesse, poderia não ter enviado todos, ou então, após sua partida, poderia ter outros servos. Mas não quis; pois assim acostumava seus discípulos a pisar toda soberba.

"E que admiração há," dirá alguém, "se eles eram comedidos em seus desejos, uma vez que eram pescadores e fabricantes de tendas?" Sim! Eram pescadores e fabricantes de tendas; mas num instante elevaram-se até os céus, tornando-se mais honrados que todos os reis da terra, sendo considerados dignos de se tornarem companheiros do Senhor do mundo, e de seguir Aquele que todos contemplavam com reverência. E vós bem sabeis que justamente aqueles de origem humilde, quando alcançam distinção, são

os que mais facilmente se ensoberbecem, pois ignoram como portar-se com honra repentina. Por isso, refreando-os em sua presente humildade, Ele os ensinava sempre a serem moderados e a jamais exigir que outros os servissem.

“Ele, portanto,” diz o evangelista, “cansado da viagem, sentou-se assim junto ao poço.”

Vês que se sentou por cansaço? por causa do calor? por esperar os discípulos? Ele sabia, sim, o que se daria entre os samaritanos, mas não foi para isso que viera principalmente; ainda assim, embora não tivesse vindo com esse propósito, não era conveniente rejeitar a mulher que se aproximava dele, manifestando tão grande desejo de aprender. Os judeus, mesmo quando Ele ia até eles, o rejeitavam; os gentios, mesmo quando Ele passava por outro caminho, o atraíam a si. Aqueles invejavam, estes criam nele. Aqueles se indignavam, estes o reverenciavam e adoravam. Que fazer então? Deveria Ele negligenciar a salvação de tantos, afastar um zelo tão nobre? Isso seria indigno de sua benignidade. Por isso, Ele ordenou tudo com a Sabedoria que lhe convinha. Sentou-se, descansando o corpo e refrescando-o junto à fonte; pois era meio-dia, como o evangelista declara ao dizer:

“Era por volta da hora sexta.”

Sentou-se “assim”. O que significa “assim”? Não sobre um trono, nem sobre uma almofada, mas simplesmente, como estava, no chão.

Versículo 7. “Veio uma mulher de Samaria tirar água.”

[4.] Observa como o Evangelista declara que a mulher veio por outro propósito, refutando de todos os modos o descarado contraditório dos judeus, para que ninguém dissesse que Ele agiu em oposição ao seu próprio mandamento — aquele em que ordenara aos discípulos que não entrassem em cidade dos samaritanos (cf. Mt 10,5) —, já que agora conversava com uma samaritana. E por isso o Evangelista colocou:

Vers. 8. "Pois os seus discípulos tinham ido à cidade comprar alimento."

Assim ele traz muitas razões para a conversa d'Ele com ela. O que faz a mulher? Ao ouvir "Dá-me de beber" (Jo 4,7), com muita sabedoria, ela transforma as palavras de Cristo em oportunidade para uma pergunta, e diz:

Vers. 9. "Como tu, sendo judeu, pedes de beber a mim, que sou uma mulher samaritana? Pois os judeus não se comunicam com os samaritanos."

E como supôs ela que Ele fosse judeu? Talvez pelo modo de vestir ou pelo modo de falar. Observa, peço-te, quão prudente era a mulher. Se havia necessidade de cautela, esta cabia a Jesus, e não a ela. Pois ela não diz: "Os samaritanos não se comunicam com os judeus", mas: "Os judeus não se comunicam com os samaritanos." E mesmo estando ela isenta de culpa, ao pensar que o outro cometia alguma transgressão, nem por isso se calou, mas corrigiu, como pensava, aquilo que era feito de modo ilícito. Talvez alguém pergunte como foi que Jesus pediu de beber, se a Lei não o permitia. Se se responder que foi porque Ele já sabia de antemão que ela não daria, então justamente por isso Ele não deveria ter pedido. Que diremos então? Que rejeitar tais observâncias já era para Ele coisa de pouca importância; pois Aquele que induzia outros a abandoná-las, muito mais Ele próprio as desprezaria. "O que entra pela boca não torna o homem impuro, mas o que sai da boca, isso sim torna o homem impuro" (Mt 15,11). E essa conversa com a mulher seria uma grande acusação contra os judeus. Pois muitas vezes Ele os atraiu a Si, tanto por palavras quanto por ações, mas eles não quiseram ouvir; enquanto ela é cativada por um simples pedido. Com efeito, Ele ainda não havia começado a falar de modo mais profundo, nem havia iniciado o caminho do ensinamento, mas se alguém vinha até Ele, Ele não o rejeitava. E também aos discípulos Ele dissera: "Não entreis em cidade dos samaritanos." (Mt 10,5) Não disse: "E se vierem a vós, rejeitai-os." Isso sim seria indigno de Sua bondade. Por isso Ele respondeu à mulher, e disse:

Vers. 10. "Se conhecesses o dom de Deus, e quem é que te diz: 'Dá-me de beber', tu Lhe terias pedido, e Ele te teria dado água viva."

Primeiro, mostra que ela é digna de escutá-Lo e não de ser ignorada, e depois Se revela a ela. Pois ela, assim que soube quem Ele era, imediatamente deu ouvidos e prestou atenção a Ele — o que não se pode dizer dos judeus, pois estes, ao saberem quem Ele era, nada Lhe pediram nem quiseram aprender coisa proveitosa alguma, mas O insultaram e O expulsaram. Mas, ao ouvir estas palavras, observa como a mulher responde com mansidão:

Vers. 11. "Senhor, não tens com que tirar água, e o poço é fundo; de onde, pois, tens essa água viva?"

Já Ele a havia elevado de sua visão rasteira sobre Ele, e ela já não O considerava mais um homem comum. Pois não sem razão O chama aqui de "Senhor", prestando-Lhe grande honra. Que essas palavras foram ditas em tom de reverência se vê pelo que é dito depois, pois ela não zombou nem escarneceu, mas ficou em dúvida por um tempo. E não te espantes que ela não tenha compreendido tudo de imediato, pois nem mesmo Nicodemos compreendeu. O que disse ele? "Como pode ser isso?" e de novo: "Como pode um homem nascer sendo velho?" e: "Pode ele entrar pela segunda vez no ventre de sua mãe e nascer?" Mas essa mulher respondeu com mais reverência: "Senhor, não tens com que tirar água, e o poço é fundo; de onde, pois, tens essa água viva?" Cristo disse uma coisa, e ela entendeu outra, sem captar senão as palavras literais, ainda incapaz de formar pensamentos mais elevados. Ainda assim, se tivesse falado com precipitação, poderia ter dito: "Se tivesses essa água viva, não me pediras, mas terias saciado a ti mesmo. És só um fanfarrão." Mas ela nada disso diz; responde com muita doçura, tanto no início quanto depois. Pois, primeiro, ela diz: "Como tu, sendo judeu, pedes de beber a mim?" — não diz isso como quem fala a um estrangeiro e inimigo: "Longe de mim dar-te algo, que és adversário e estranho à nossa gente." E depois, quando ouviu d'Ele palavras grandiosas — coisa que mais facilmente irrita os inimigos —, ela não zombou nem escarneceu. Mas o que diz?

Vers. 12. "És tu maior do que nosso pai Jacó, que nos deu este poço, do qual ele mesmo bebeu, e também seus filhos e seus rebanhos?"

Observa como ela se inclui na linhagem nobre dos judeus. O que ela quer dizer é mais ou menos isto: "Jacó usou desta água e não tinha nada melhor para nos dar." E isso ela diz mostrando que, desde a primeira resposta de Cristo, ela já formara uma ideia elevada e sublime; pois ao dizer "ele bebeu dela, e também seus filhos e seus rebanhos", ela não quer dizer outra coisa senão que tinha uma ideia de uma Água melhor, mas que nunca a encontrara nem a conhecia claramente. Para explicar mais claramente o que ela quer dizer, o sentido de suas palavras é este: "Não podes dizer que Jacó nos deu este poço, mas ele mesmo usava outro, pois ele e seus filhos beberam deste aqui — e não o teriam feito se tivessem outro e melhor. Ora, desta água aqui tu não podes me dar, e tampouco podes ter outra melhor, a não ser que confesses que és maior que Jacó. De onde, pois, tens essa água que prometes dar-nos?" Os judeus não falavam com Ele assim mansamente, e Ele lhes falava do mesmo tema, mencionando a mesma água, mas nada aproveitaram; e quando Ele mencionava Abraão, tentavam até apedrejá-Lo. Esta mulher, ao contrário, O aborda com muita doçura, e em pleno calor do meio-dia, com grande paciência, fala e escuta tudo, sem sequer pensar o que os judeus provavelmente diriam: "Esse homem está louco, fora de si; prendeu-me aqui nesse poço com palavras altissonantes, mas não me dá nada." Nada disso; ela suporta e persevera até encontrar o que procura.

[5.] Se agora uma mulher de Samaria se mostra tão zelosa em aprender algo proveitoso, se ela permanece com Cristo mesmo sem ainda conhecê-lo, que desculpa poderemos nós apresentar — nós, que já o conhecemos, e que não estamos junto a um poço, nem num deserto, nem ao meio-dia, nem debaixo de raios de sol escaldantes — mas sim em plena manhã, debaixo de um teto como este, desfrutando de sombra e conforto — e, no entanto, não conseguimos suportar ouvir o que se diz, mas logo nos cansamos com isso?

Não era assim aquela mulher; tão atenta estava às palavras de Jesus, que chegou até a chamar outros para ouvi-lo. Os judeus, pelo contrário, não só não chamavam ninguém, como ainda impediam e atrapalhavam aqueles que desejavam aproximar-se d'Ele, dizendo: "Vede, porventura algum dos chefes creu nele? Mas este povo, que não conhece a Lei, é maldito." (Jo 7,48-49)

Imitemos, pois, essa mulher samaritana; conversemos com Cristo. Pois ainda agora Ele está entre nós, falando-nos por meio dos Profetas e dos Apóstolos. Ouçamo-lo e obedeçamos.

Até quando viveremos inutilmente e em vão? Porque não fazer aquilo que é agradável a Deus é viver de modo inútil — ou melhor, não apenas inútil, mas prejudicial para nós mesmos; pois, tendo gasto o tempo que nos foi dado sem proveito algum, deixaremos esta vida para sofrer o mais severo castigo por essa dissipação imprópria.

De fato, não é possível que um homem, tendo recebido dinheiro para negociar, e depois o tenha desperdiçado, não seja chamado a prestar contas por aquele que lho confiou; e que aquele que viveu essa vida nossa sem nenhum propósito, escape ao castigo.

Não foi para isso que Deus nos introduziu nesta vida presente e nos soprou uma alma, para que usássemos apenas do tempo atual, mas para que fizéssemos todas as nossas obras com vistas à vida futura. Os seres irracionais só são úteis para esta vida presente; mas nós temos uma alma imortal, para que usemos de todos os meios para nos prepararmos para a outra vida.

Pois se alguém perguntar qual é a utilidade dos cavalos, jumentos, bois e outros animais semelhantes, responderemos que não têm outra função senão servir à vida presente; mas isso não pode ser dito de nós. A nossa melhor condição é aquela que se segue à nossa partida deste mundo; e devemos fazer tudo o que for possível para resplandecer lá, a fim de unirmo-nos ao coro dos Anjos e permanecermos diante do Rei continuamente por todos os séculos.

E por isso a alma é imortal, e o corpo também o será, para que possamos desfrutar de bens eternos. Mas, se quando te são oferecidas coisas celestes, permaneces preso à terra, considera que grande injúria estás fazendo ao teu Benfeitor, quando Ele te estende os bens do alto e tu, não lhes dando maior valor, preferes a terra. Por isso mesmo, como sendo desprezado por ti, Ele te

ameaçou com o inferno, para que compreendas, por esse castigo, a grandeza dos bens dos quais estás te privando.

Que Deus conceda que ninguém venha a experimentar esse castigo, mas que, tendo agradado a Cristo, possamos alcançar os bens eternos, pela graça e bondade de nosso Senhor Jesus Cristo, a quem, com o Pai e o Espírito Santo, seja dada glória, agora e sempre, e pelos séculos dos séculos. Amém.

Sermão XXXII
João 4,13-14 — "Jesus respondeu e disse-lhe: Todo aquele que beber desta água tornará a ter sede; mas aquele que beber da água que Eu lhe der nunca mais terá sede; ao contrário, a água que Eu lhe der será nele uma fonte de água a jorrar para a vida eterna."

[1.] A Escritura chama a graça do Espírito ora de "Fogo", ora de "Água", mostrando que esses nomes não descrevem sua essência, mas sua operação; pois o Espírito, sendo invisível e simples, não pode ser composto de diferentes substâncias. João o declara de um modo, dizendo: "Ele vos batizará com o Espírito Santo e com fogo" (Mt 3,11); Cristo, de outro modo: "Do seu interior correrão rios de água viva" (Jo 7,38). E João acrescenta: "Isto Ele disse a respeito do Espírito que haviam de receber." Assim também, conversando com a mulher, Ele chama o Espírito de água: "Todo aquele que beber da água que Eu lhe der, jamais terá sede." Ele chama o Espírito de "fogo" por alusão à sua propriedade de despertar, aquecer e destruir os pecados; e de "água" para indicar a purificação realizada por Ele e o grande alívio que proporciona às mentes que O recebem. E com razão: pois Ele faz a alma disposta tornar-se como um jardim espesso, cheio de toda sorte de árvores frutíferas e sempre viçosas, impedindo-a de cair no desânimo ou de sucumbir às ciladas de Satanás, extinguindo todos os dardos inflamados do maligno.

Observa, peço-te, a sabedoria de Cristo, como Ele conduz gentilmente a mulher. Pois Ele não disse logo: "Se soubesses quem é que te pede de beber", mas, após ter dado ocasião a que ela O chamasse de "judeu", e tê-la feito incorrer na acusação de tê-Lo julgado mal, repelindo essa acusação, Ele então diz: "Se soubesses quem é que te diz: 'Dá-me de beber', tu é que Lhe

pedirias água.” E, compelindo-a com Suas grandes promessas a mencionar o Patriarca, Ele permite que a mulher vislumbre algo mais. E, quando ela Lhe objeta: “És Tu maior do que o nosso pai Jacó?”, Ele não responde: “Sim, sou maior” (pois pareceria jactância, já que a prova ainda não era evidente), mas pelas Suas palavras Ele o demonstra. Pois Ele não diz simplesmente: “Eu te darei água”, mas, tendo antes posto de lado a água dada por Jacó, exalta a água que Ele mesmo oferece, querendo mostrar, pela natureza das coisas dadas, a grande distância entre os doadores e Sua própria superioridade ao Patriarca. “Se tu admiras Jacó porque te deu esta água, que dirás se Eu te der uma água muito melhor que esta? Foste tu mesma que disseste que Eu sou maior que Jacó, ao argumentares comigo e perguntares: ‘És Tu maior que Jacó, já que prometes dar-me água melhor?’ Ora, se receberes essa Água, certamente reconhecerás que Eu sou maior.” Vês o juízo reto da mulher, que decide pelos fatos tanto a respeito do Patriarca quanto de Cristo? Os judeus não agiram assim: mesmo vendo-O expulsar demônios, não apenas não O consideraram maior que o Patriarca, mas chegaram a dizer que Ele tinha um demônio. Já a mulher, ela forma sua opinião como Cristo desejava, a partir da demonstração das Suas obras. Pois por essas obras Ele Se justifica, dizendo: “Se Eu não faço as obras de Meu Pai, não Me creiais; mas se as faço, ainda que não creiais em Mim, crede nas obras” (Jo 10,37-38). E assim a mulher é conduzida à fé.

Por isso, tendo ouvido: “És Tu maior que nosso pai Jacó?”, Ele deixa de lado Jacó e fala sobre a água: “Todo aquele que beber desta água tornará a ter sede”; e faz Sua comparação não depreciando uma, mas mostrando a excelência da outra. Pois Ele não diz que “esta água não presta” ou que é “inferior e desprezível”, mas diz o que até a natureza mesma atesta: “Todo aquele que beber desta água tornará a ter sede; mas aquele que beber da água que Eu lhe der, nunca mais terá sede.” A mulher já ouvira falar de “água viva” (v. 10), mas não entendia seu significado. Como “água viva” é chamada aquela que é perene e jorra continuamente de fontes ininterruptas, ela pensava que era essa a água mencionada. Por isso Ele esclarece mais, dizendo isso e estabelecendo por meio de uma comparação a superioridade da água que Ele dá. O que então Ele diz? “Quem beber da água que Eu lhe der, nunca mais terá sede.” Isto, e o que se segue, mostram de maneira

especial sua excelência, pois a água material não possui tais qualidades. E o que se segue? “Ela se tornará nele uma fonte de água que jorra para a vida eterna.” Pois assim como quem tem dentro de si uma fonte jamais sente sede, assim também quem possui essa Água.

A mulher acreditou imediatamente, mostrando-se muito mais sábia que Nicodemos, e não apenas mais sábia, mas mais corajosa. Pois ele, mesmo tendo ouvido mil coisas semelhantes, nem convidou outros a ouvirem, nem falou abertamente; mas ela, agiu como uma Apóstola, pregando o Evangelho a todos, chamando-os a Jesus e trazendo uma cidade inteira até Ele. Nicodemos, tendo ouvido, disse: “Como pode ser isso?” E quando Cristo lhe apresentou uma ilustração clara — a do “vento” — nem assim recebeu a Palavra. Já a mulher não agiu assim; a princípio duvidou, mas depois, acolhendo a Palavra, não por meio de demonstração, mas como afirmação, logo se apressou a abraçá-la. Pois quando Cristo disse: “Ela será nele uma fonte de água a jorrar para a vida eterna”, imediatamente a mulher disse:

Verso 15. “Senhor, dá-me dessa água, para que eu não mais tenha sede, nem precise vir aqui tirar água.”

Vês como, pouco a pouco, ela é conduzida às doutrinas mais elevadas? Primeiro, julgava-O apenas um judeu transgressor da Lei; depois, quando Ele a desmentiu (pois era necessário que quem a ensinaria essas coisas não fosse suspeito), tendo ouvido sobre “água viva”, pensou que se falava de água material; depois, ao entender que as palavras eram espirituais, acreditou que essa água podia remover a necessidade causada pela sede, mas ainda não sabia exatamente o que isso significava; continuava incerta, supondo tratar-se de algo superior às coisas materiais, mas sem compreender inteiramente. Aqui, tendo alcançado maior clareza, mas ainda sem perceber tudo (pois diz: “dá-me dessa água, para que eu não mais tenha sede, nem precise vir aqui tirar água”), ela, por ora, prefere-O a Jacó. Pois diz ela: “Não preciso mais deste poço se receber de Ti essa água.” Vês como ela antepõe Cristo ao Patriarca? Isto é o sinal de uma alma de juízo reto. Tinha ela mostrado grande estima por Jacó; viu Alguém melhor e não se deixou prender pelo preconceito. Assim, essa mulher não era de ânimo leviano

(como poderia sê-lo, tendo inquirido com tanta precisão?), nem desobediente, nem contenciosa, como demonstrou com sua súplica. E ainda: a certo momento, Jesus disse aos judeus: “Quem comer a Minha carne jamais terá fome, e quem crer em Mim jamais terá sede” (Jo 6,35); mas eles não apenas não creram, como até se escandalizaram. A mulher não teve tal reação: permanece e pede. Aos judeus, Ele disse: “Quem crer em Mim jamais terá sede”; à mulher, porém, fala mais grosseiramente: “Quem beber desta água jamais terá sede.” Pois a promessa dizia respeito a coisas espirituais e invisíveis. Por isso, ao elevar sua mente com promessas, Ele ainda se detém em expressões sensíveis, pois ela não podia ainda compreender a linguagem espiritual com precisão. Se Ele dissesse: “Se creres em Mim, não terás sede”, ela não entenderia, pois não sabia quem era o que lhe falava, nem de que tipo de sede Ele falava. Por que, então, não fez isso com os judeus? Porque eles já tinham visto muitos sinais, ao passo que ela não vira nenhum, ouvindo estas palavras pela primeira vez. Por isso, mais tarde, Ele revela Seu poder pela profecia, e não censura diretamente, mas diz:

Versos 16–19. “Vai, chama teu marido e volta aqui. A mulher respondeu: Não tenho marido. Disse-lhe Jesus: Disseste bem: ‘Não tenho marido’, pois tiveste cinco maridos, e o que agora tens não é teu marido. Disseste isso com verdade. A mulher disse-Lhe: Senhor, vejo que és profeta.”

[2.] Oh, quão grande é a sabedoria desta mulher! Com quanta mansidão ela recebe a repreensão! — “E como não a receberia?”, dirá alguém. Ora, dize-me, por que a receberia? Acaso Cristo não repreendeu também muitas vezes os judeus? E com repreensões até mais duras do que esta? Pois não é o mesmo revelar os pensamentos ocultos do coração e tornar manifesta uma ação realizada em segredo. Os primeiros são conhecidos apenas por Deus, e ninguém mais os conhece senão aquele que os guarda no coração; já as segundas são sabidas por todos os que delas participaram. Ainda assim, os judeus, quando repreendidos, não suportavam com paciência. Quando Ele lhes disse: “Por que procurais matar-me?” (Jo 7,19), eles não apenas deixaram de admirar como esta mulher fez, mas até zombaram d’Ele e o insultaram, dizendo: “Tens um demônio; quem é que procura matar-te?” (Jo 7,20). Mas

ela, ao contrário, não apenas não o insultou, mas o admirou e ficou maravilhada, supondo tratar-se de um profeta.

E, na verdade, essa repreensão atingia muito mais diretamente a mulher do que as palavras dirigidas aos judeus os atingiam; pois a falta dela era pessoal e concreta, enquanto a deles era geral. E não nos doem tanto as acusações genéricas quanto as particulares. Além disso, os judeus julgavam estar buscando um grande bem ao tentar matar Cristo, enquanto o que a mulher havia feito era considerado por todos como condenável. Mesmo assim, ela não se indigna, mas se admira e se espanta.

Cristo procedeu do mesmo modo no caso de Natanael. Não introduziu desde o início a profecia, dizendo: "Eu te vi debaixo da figueira", mas esperou que Natanael dissesse: "Donde me conheces?" — e então lhe revelou aquilo. Pois Cristo queria que os começos de seus sinais e profecias viessem das próprias pessoas que se aproximavam d'Ele, para que assim se apegassem mais firmemente ao que Ele dizia, e também para escapar da suspeita de vanglória. Isso mesmo Ele faz aqui: não acusa logo de início dizendo "não tens marido", o que pareceria pesado e desnecessário; ao contrário, toma ocasião das palavras da própria mulher, e então corrige cada ponto com mansidão e tato, suavizando assim o ânimo da ouvinte.

E dirá alguém: "Mas que conexão há nesta frase 'Vai, chama teu marido'?" Ora, o discurso era acerca de um dom e de uma graça que excedia a natureza humana; a mulher se mostrava ansiosa por recebê-lo. Cristo então diz: "Chama teu marido", indicando que ele também devia participar desses bens. Mas ela, desejosa de obter o dom, e querendo ocultar a vergonha de sua situação, e supondo ainda estar conversando com um mero homem, responde: "Não tenho marido." Ao ouvir isso, Cristo aproveita a ocasião para introduzir a repreensão de modo oportuno, mencionando com exatidão ambos os aspectos: enumera todos os seus maridos anteriores, e também a reprova por aquele que agora tinha e que ela tentava esconder.

E o que fez então a mulher? Não se irritou, nem o deixou para ir embora, nem julgou aquilo uma ofensa; antes, o admirou ainda mais e perseverou na

conversa. “Senhor, vejo que és profeta.” Repara em sua prudência: ela não corre precipitadamente ao seu encontro, mas continua ponderando e se maravilhando. Pois “vejo” aqui quer dizer: “pareces-me ser um profeta”. E, logo que suspeita disso, não lhe pergunta nada sobre esta vida: não lhe fala de saúde corporal, nem de posses ou riquezas, mas de imediato o interroga acerca da doutrina. Pois o que diz ela?

Versículo 20. “Nossos pais adoraram neste monte” — referindo-se a Abraão e à sua família, pois afirmam que foi ali que ele subiu com seu filho — “e vós dizeis que é em Jerusalém o lugar onde se deve adorar.”

[3.] Vês quão mais elevada em espírito ela se tornou? Aquela que antes estava ansiosa para não sofrer sede, agora interroga acerca das doutrinas. Que faz então Cristo? Ele não responde diretamente à questão — pois responder simplesmente às palavras dos homens não era sua preocupação, porque não era necessário —, mas eleva a mulher a um plano mais alto e não conversa com ela sobre esses assuntos até que ela tenha confessado que Ele é um Profeta, para que depois pudesse ouvir Sua palavra com fé abundante; pois, convencida disso, não poderia mais duvidar do que deveria ser-lhe dito.

Tenhamos vergonha e coremos, pois uma mulher que teve cinco maridos, e que era samaritana, se mostra tão ávida por doutrina, que nem a hora do dia, nem o fato de ela ter vindo por outro motivo, nem qualquer outra coisa a desviou de perguntar sobre tais assuntos; mas nós não só não perguntamos sobre doutrinas, como somos indiferentes e descuidados com elas. Por isso tudo é negligenciado. Qual de vós, estando em casa, pega algum livro cristão e lê seu conteúdo, procurando nas Escrituras? Ninguém pode dizer que o faz, pois com a maioria encontramos dados e dados, mas livros não, salvo entre uns poucos. E mesmo esses poucos têm o mesmo comportamento que a maioria; eles guardam seus livros fechados e os mantêm sempre guardados em caixas, e todo o cuidado está na beleza do pergaminho e na formosura das letras, não na leitura. Pois não os compraram para obter proveito e benefício, mas cuidam desses detalhes para mostrar sua riqueza e orgulho. Tal é o excesso da vanglória. Não ouço ninguém se orgulhar de conhecer o conteúdo, mas sim de ter um livro escrito com letras de ouro. E que proveito, dize-me,

é esse? As Escrituras não nos foram dadas apenas para que as tivéssemos em livros, mas para que as gravássemos em nossos corações. Pois essa posse, guardar os mandamentos apenas na letra, pertence à ambição judaica; mas para nós a Lei não foi dada dessa forma, e sim em tábuas carnais de nossos corações. E digo isso não para impedir que possais adquirir Bíblias; pelo contrário, exorto e peço que o façais, mas desejo que desses livros levem as letras e o sentido ao entendimento, para que ele seja purificado ao receber o significado da escrita. Pois se o diabo não ousa aproximar-se de uma casa onde está um Evangelho, quanto menos qualquer espírito maligno, ou qualquer natureza pecaminosa, tocará ou entrará numa alma que carrega consigo tais sentimentos como os contidos nele.

Santifica, pois, tua alma, santifica teu corpo, tendo estes sempre em teu coração e em tua língua. Pois se a fala vil contamina e convida os demônios, é claro que a leitura espiritual santifica e atrai a graça do Espírito. As Escrituras são encantamentos divinos; apliquemos, pois, a nós mesmos e às paixões de nossas almas os remédios que delas derivam. Pois se entendermos o que lemos, o ouviremos com grande prontidão. Sempre digo isso, e não cessarei de dizê-lo.

Não é estranho que aqueles que estão no mercado saibam os nomes, famílias e cidades dos aurigas e dos dançarinos, e conheçam os poderes que cada um possui, e possam dar conta exata das qualidades boas ou más dos próprios cavalos; mas que aqueles que vêm aqui nada saibam do que aqui se faz, e ignorem até mesmo o número dos livros sagrados? Se buscas prazer nessas coisas mundanas, mostrarei que aqui há um prazer maior. Qual é mais doce, dize-me, qual mais maravilhoso: ver um homem lutar contra outro homem, ou um homem pelejando contra um demônio, um corpo enfrentando um poder incorpóreo, e aquele que é da tua raça saindo vitorioso? Essas lutas devemos contemplar, as quais é próprio e proveitoso imitar, e, imitando-as, podemos ser coroados; mas não aquelas em que a emulação traz vergonha ao imitador. Se contemplas o primeiro tipo de combate, vês a luta com demônios; no outro, com Anjos, Arcanjos e o Senhor dos Arcanjos. Dize agora: se te fosse permitido sentar-te junto a governadores e reis para ver e desfrutar do espetáculo, não julgarias isso uma grande honra? E aqui,

quando és espectador na companhia do Rei dos Anjos, quando vês o diabo agarrado pelo meio das costas, esforçando-se muito para vencer, mas impotente, não corres e buscas contemplar tal visão?

"E como isso pode ser?", diz alguém. Se mantiveres a Bíblia em tuas mãos, pois nela verás as arenas, as corridas longas, as agarradas e a habilidade do justo. Pois ao contemplar essas coisas, aprenderás também a lutar tu mesmo e escaparás dos demônios; as performances dos pagãos são assembleias de demônios, não teatros de homens.

Por isso vos exorto a afastar-vos dessas assembleias satânicas; pois se não é lícito entrar na casa de um ídolo, muito menos no festival de Satanás. Não cessarei de dizer essas coisas e de vos cansar até ver alguma mudança; pois dizer isso, como diz Paulo, "para mim não é penoso, mas para vós é seguro" (Filipenses 3,1). Portanto, não vos ofendais com minha exortação. Se alguém devesse se ofender, sou eu, que falo muitas vezes e não sou ouvido, não vós, que sempre ouvis e sempre desobedeces. Que Deus conceda que não sejais sempre passíveis dessa acusação, mas que, libertos dessa vergonha, sejais considerados dignos de desfrutar do espetáculo espiritual e da glória futura, pela graça e bondade de nosso Senhor Jesus Cristo, a quem seja glória, com o Pai e o Espírito Santo, para todo o sempre. Amém.

Sermão XXXIII
João 4,21-22 – "Disse-lhe Jesus: Mulher, crê-me, que a hora vem, em que nem neste monte nem em Jerusalém adorareis o Pai. Vós adorais o que não sabeis; nós adoramos o que sabemos, porque a salvação vem dos judeus."

[1.] Em toda parte, amados, precisamos da fé, fé que é mãe das bênçãos, remédio da salvação; e sem ela é impossível possuir qualquer das grandes doutrinas. Sem fé, os homens são como os que tentam atravessar o mar aberto sem um navio, que por um tempo se sustentam nadando, usando mãos e pés, mas quando avançam mais, são logo afogados pelas ondas; assim também aqueles que usam seus próprios raciocínios, antes de aprenderem algo, naufragam; como também Paulo diz: "Os quais no tocante à fé fizeram naufrágio." (1 Timóteo 1,19.) Para que isso não nos aconteça, agarremo-nos à

âncora sagrada com que Cristo agora conduz a mulher samaritana. Pois quando ela disse: "Como dizeis vós que Jerusalém é o lugar onde se deve adorar?", Cristo respondeu: "Crê-me, mulher, que a hora vem, quando nem em Jerusalém, nem neste monte adorareis o Pai." Revelou-lhe uma doutrina muito grande, e que não mencionou nem a Nicodemos nem a Natanael. Ela queria provar que seus próprios privilégios eram mais honrosos que os dos judeus; e isto arguia com sutileza a partir dos Patriarcas, mas Cristo não lhe respondeu. Porque naquele momento seria distração falar sobre o assunto e explicar por que os Patriarcas adoravam no monte, e por que os judeus em Jerusalém. Por isso, nesse ponto ficou em silêncio, e, retirando dos dois lugares a prioridade em dignidade, despertou sua alma mostrando que nem judeus nem samaritanos possuíam algo grande em comparação com o que viria; e então introduziu a diferença. Contudo, ainda assim declarou que os judeus eram mais honrosos, não por preferirem um lugar a outro, mas por lhes dar precedência devido à sua intenção. Como quem dissesse: "Quanto ao 'lugar' de adoração, não precisais mais discutir, mas no 'modo' os judeus têm vantagem sobre vós samaritanos, porque 'vós', Ele diz, 'adorais o que não sabeis; nós sabemos o que adoramos.'"

Como, então, os samaritanos "não sabiam" o que adoravam? Porque pensavam que Deus era local e parcial; assim pelo menos O serviam, e por isso enviaram aos persas o relato de que "o Deus deste lugar está irado contra nós" (2 Reis 26), não tendo deles opinião maior que a de seus ídolos. Por isso continuavam a servir tanto a Ele quanto aos demônios, juntando coisas que não deviam ser unidas. Os judeus, ao contrário, estavam livres dessa suposição, ao menos a maior parte deles, e sabiam que Ele era Deus do mundo. Por isso Ele diz: "Vós adorais o que não sabeis; nós sabemos o que adoramos." Não te surpreendas que Ele se conte entre os judeus, pois fala segundo a opinião daquela mulher, como se fosse um profeta judeu, e por isso disse "nós adoramos." Porque está claro que Ele é objeto de adoração, pois adorar cabe à criatura, mas ser adorado ao Senhor da criatura. Mas por um tempo Ele fala como judeu; e a expressão "nós" aqui significa "nós judeus." Elevando então o que era judaico, depois torna-se crível, e persuade a mulher a ouvir com mais atenção Suas palavras, mostrando que não exalta o que lhes pertence por causa do parentesco com Sua própria tribo. Pois é

claro que quem fez tais declarações sobre o lugar do maior orgulho dos judeus, e tirou-lhes esses grandes direitos, não falaria depois para agradar a alguém, mas com verdade e poder profético. Assim, depois de afastá-la por algum tempo dessas discussões, dizendo: "Mulher, crê-me," e o que segue, acrescenta: "porque a salvação vem dos judeus." O que Ele diz é deste tipo: nem que as bênçãos para o mundo vieram deles (pois conhecer a Deus e condenar ídolos começou com eles, e convosco o próprio ato de adoração, embora o façais incorretamente, teve sua origem neles), ou então fala de Sua própria vinda. Ou melhor, não erraria quem chamasse de "salvação" ambas as coisas, como Ele disse que era "dos judeus"; o que Paulo insinua ao dizer: "De quem é Cristo segundo a carne, o qual é Deus sobre todas as coisas." (Romanos 9,5.) Vês como Ele louva a antiga Aliança, e mostra que ela é a raiz das bênçãos, e que não é de modo algum contrário à Lei, pois faz que a base de todas as coisas boas venha dos judeus?

Verso 23. "Mas a hora vem, e agora é, em que os verdadeiros adoradores adorarão o Pai."

"Nós, mulher," Ele diz, "superamos-vos no modo de nossa adoração, mas isto também terá fim daqui em diante. Não só os lugares, mas também o modo de servir a Deus será mudado. E essa mudança está às vossas portas. 'Pois a hora vem, e agora é.'"

[2.] Pois, já que os Profetas disseram o que disseram muito antes do acontecimento, para mostrar que aqui não é assim, Ele diz: "E agora é." Não penseis, diz Ele, que esta seja uma profecia daquele tipo que se cumprirá depois de muito tempo; o cumprimento já está próximo, à porta de vocês, "quando os verdadeiros adoradores adorarão o Pai em espírito e em verdade." Ao dizer "verdadeiros," Ele exclui tanto judeus quanto samaritanos; pois, embora os judeus sejam melhores que os samaritanos, ainda assim são muito inferiores àqueles que virão, tão inferiores quanto a figura é à realidade. Mas Ele fala da Igreja, que é a "verdadeira" adoração, e a que convém a Deus.

"Porque o Pai busca a tais que O adorem."

Se, pois, Ele no passado buscava tais pessoas, permitia aos outros o seu modo de adorar, não de boa vontade, mas por condescendência, e por esta razão, para que também os pudesse atrair. Quem são, então, os "verdadeiros adoradores"? Aqueles que não limitam seu serviço a um lugar, e que servem a Deus em espírito; como Paulo diz: "A quem sirvo no meu espírito no evangelho de Seu Filho"; e ainda, "Rogo-vos que apresenteis os vossos corpos como sacrifício vivo, santo, agradável a Deus, que é o vosso culto racional." (Romanos 1,9 e 12,1.) Mas quando Ele diz,

Verso 24. "Deus é Espírito." Ele declara nada mais que Sua natureza incorpórea. Ora, o serviço àquele que é incorpóreo precisa ser da mesma natureza, e deve ser oferecido pelo que em nós é incorpóreo, isto é, a alma e a pureza do espírito. Por isso Ele diz: "Os que O adoram, devem adorá-Lo em espírito e em verdade." Porque tanto samaritanos quanto judeus descuidavam da alma, mas cuidavam muito do corpo, limpando-o de vários modos; não é, diz Ele, pela pureza do corpo, mas pelo que em nós é incorpóreo, a saber, o espírito, que se serve ao incorpóreo. Não ofereças, pois, sacrifícios de ovelhas e bezerros, mas dedica a ti mesmo ao Senhor; faz de ti um holocausto, isto é, oferece um sacrifício vivo. Deveis adorar "em verdade"; pois as coisas antigas eram tipos, como a circuncisão, os holocaustos, as vítimas e o incenso, que agora já não existem, mas tudo é "verdade." Pois agora o homem deve circuncidar não a carne, mas seus maus pensamentos, crucificar-se e remover e matar seus desejos irracionais. A mulher ficou tonta com esse discurso e desmaiou diante da sublimidade do que Ele disse; e, perturbada, ouvi o que ela diz:

Versos 25-26. "Eu sei que vem o Messias, chamado Cristo; quando Ele vier, nos anunciará tudo." Jesus lhe disse: "Eu o sou, que te falo."

E de onde vieram os samaritanos a esperar a vinda do Cristo, visto que só receberam Moisés? Dos próprios escritos de Moisés. Pois desde o início Ele revelou o Filho. "Façamos o homem à Nossa imagem, conforme a Nossa semelhança" (Gênesis 1,26), foi dito ao Filho. Foi Ele quem falou com Abraão na tenda (Gênesis 18). E Jacó, profetizando a respeito dele, disse: "Não faltará

chefe da tribo de Judá, nem líder entre seus descendentes, até que venha aquele a quem é reservado, e Ele é a esperança das nações." (Gênesis 49,10.) E o próprio Moisés disse: "O Senhor teu Deus levantará dentre teus irmãos um profeta como eu; a Ele ouvireis." (Deuteronômio 18,15.) E as circunstâncias que envolvem a serpente, o cajado de Moisés, Isaque, o carneiro e muitas outras coisas, aqueles que escolheram poderiam interpretar como anunciando Sua vinda.

"E por que," dirá alguém, "Cristo não conduziu a mulher por esses meios? Por que mencionou a serpente a Nicodemos, e profecia a Natanael, mas nada disso à mulher? Por que motivo?"

Porque eles eram homens e versados nessas coisas; ela era uma mulher pobre, ignorante, sem prática das Escrituras. Por isso Ele não fala a ela por meio delas, mas a atrai com a "água" e pela profecia, e a faz mencionar Cristo para então revelar-se a ela; se Ele tivesse logo dito à mulher, sem que ela perguntasse, teria parecido brincadeira e conversa ociosa; mas trazendo-a aos poucos a mencionar a Ele, no momento oportuno Ele se revelou. Aos judeus, que diziam continuamente: "Até quando nos farás duvidar? Diz-nos se és o Cristo" (João 10,24), Ele não deu resposta clara; mas a esta mulher disse claramente que ELE É. Pois a mulher era mais de boa-fé que os judeus; estes não perguntavam para aprender, mas para zombar; se desejassem aprender, o ensino pelas palavras, pelas Escrituras e pelos milagres seria suficiente. A mulher, ao contrário, disse o que disse com julgamento imparcial e mente simples, como se vê no que fez depois; pois ela ouviu, creu e atraiu outros, e em todas as circunstâncias podemos observar o zelo e a fé da mulher.

Verso 27. "E nesse momento chegaram Seus discípulos" (chegaram bem a tempo, quando a instrução terminou), "e se admiraram de que Ele falasse com a mulher; mas ninguém disse: Que buscas? ou, Por que falas com ela?"

[3.] Com o que eles se maravilharam? Com a falta de orgulho dEle e a extrema humildade, pois, sendo quem Ele era, suportou com tão grande mansidão no coração falar com uma mulher pobre e samaritana. Ainda assim, na sua

admiração, eles não lhe perguntaram o motivo, tão bem foram ensinados a manter a postura de discípulos, tanto o temiam e reverenciavam. Pois, embora ainda não tivessem a opinião correta sobre Ele, ainda assim O escutavam como alguém maravilhoso e lhe prestavam grande respeito. Contudo, frequentemente agiam com confiança, como quando João repousava sobre Seu peito, quando vieram a Ele e disseram: "Quem é o maior no Reino dos Céus?" (Mt 18,1), ou quando os filhos de Zebedeu lhe pediram para pôr um deles à Sua direita e o outro à esquerda. Por que então não O questionaram aqui? Porque, como todos esses casos se referiam a eles mesmos, tinham necessidade de perguntar; mas o que aconteceu aqui não lhes parecia tão importante. E, de fato, João fez isso muito tempo depois, já quase no fim, quando tinha maior confiança e ousava pelo amor de Cristo; pois ele era, diz-se, "aquele a quem Jesus amava". Que coisa poderia ser maior do que essa bem-aventurança?

Mas, amados, não nos detenhamos só aqui, chamando o Apóstolo de bem-aventurado, mas façamos tudo para que também nós sejamos bem-aventurados; imitemos o Evangelista e vejamos o que causou tão grande amor. O que foi, então? Ele deixou seu pai, seu barco e sua rede e seguiu Jesus. Isso, contudo, fez em comum com seu irmão, Pedro, André e os demais Apóstolos. Qual foi, então, a coisa especial que causou esse grande amor? Vamos descobri-la? Ele nada diz sobre isso a seu respeito, apenas que foi amado; quanto às ações justas pelas quais foi amado, permaneceu modestamente em silêncio. Que Jesus o amava com amor especial era claro para todos; porém João não aparece conversando ou questionando Jesus em particular, como Pedro fazia frequentemente, nem Filipe, Judas e Tomé, exceto quando queria mostrar gentileza e concordância com seu companheiro Apóstolo; pois, quando o chefe dos Apóstolos o chamou com um gesto, então ele perguntou. Esses dois tinham grande amor um pelo outro. Por exemplo, vê-se que subiam juntos ao Templo e falavam em comum com o povo. Contudo, Pedro em muitos lugares é mais movido e fala mais calorosamente que João. E no fim ouve Cristo dizer: "Pedro, amas-me mais do que estes?" (Jo 21,15). Agora é claro que aquele que amava "mais do que estes" também era amado. Mas, no caso dele, isso se mostrava por amar Jesus; no outro, por ser amado por Jesus.

O que foi, então, que causou esse amor especial? A meu ver, foi que o homem demonstrava grande mansidão e humildade, razão pela qual não aparece em muitos lugares falando abertamente. E quão grande é isso, fica claro também no caso de Moisés. Foi isso que o tornou tão grande como era. Nada se iguala à humildade de espírito. Por isso Jesus começou as Bem-Aventuranças com ela, e, ao lançar como que o fundamento e base de um edifício poderoso, colocou primeiro a humildade de espírito. Sem isso, ninguém pode ser salvo; ainda que jejue, ainda que ore, ainda que dê esmolas, se o fizer com espírito orgulhoso, essas coisas são abomináveis, se a humildade não estiver presente; enquanto que, se houver humildade, todas essas coisas são amáveis e feitas com segurança. Sejamos, pois, modestos, amados, sejamos modestos; o sucesso é fácil se formos sóbrios de espírito. Pois, afinal, o que é, ó homem, que te exalta ao orgulho? Não vês a pobreza da tua natureza? A instabilidade da tua vontade? Considera teu fim, considera a multidão dos teus pecados. Mas talvez, por fazeres muitas ações justas, te envaideças. Justamente por esse orgulho perderás todas elas. Por isso, é mais necessário a quem pratica a justiça do que ao pecador que se esforce para ser humilde. Por quê? Porque o pecador é constrangido pela consciência, enquanto o justo, salvo seja muito sóbrio, logo é levado, como por um sopro de vento, para cima e desaparece como o fariseu. Dás aos pobres? O que dás não é teu, mas do teu Senhor, comum a ti e aos teus companheiros servos. Por isso deves especialmente ser humilde, pois ao prever as calamidades daqueles que são teus semelhantes, conheces a tua própria natureza neles. Talvez nós mesmos sejamos descendentes desses ancestrais; e se a riqueza veio até ti, é provável que te abandone de novo. E afinal, o que é a riqueza? Uma sombra vã, fumaça que se dissipa, uma flor do campo, ou melhor, algo mais vil que uma flor. Por que te envaideces então por causa da erva? A riqueza não cai nas mãos de ladrões, efeminados, prostitutas e profanadores de túmulos? Isso te enche de orgulho, porque tens tais pessoas que partilham contigo a posse? Ou desejas honra? Para obter honra, nada é mais útil do que dar esmolas. Pois as honras que vêm da riqueza e do poder são forçadas e acompanhadas de ódio; mas essas outras são de livre vontade e sentimento real dos que honram; por isso, os que as pagam não podem dar tais honras. Se os homens mostram tal reverência aos misericordiosos e invocam bênçãos sobre eles, considera que

recompensa receberão do Deus misericordioso. Busquemos, pois, essa riqueza que dura para sempre e jamais nos abandona, para que, sendo grandes aqui e gloriosos ali, obtenhamos bênçãos eternas, pela graça e misericórdia de nosso Senhor Jesus Cristo, a quem, com o Pai e o Espírito Santo, seja glória agora, sempre e pelos séculos dos séculos. Amém.

Sermão XXXIV
João 4, 28-29 — "Então a mulher deixou seu cântaro, foi para a cidade e disse aos homens: Vinde, vede um Homem que me disse tudo quanto tenho feito; porventura não é este o Cristo?"

[1.] Necessitamos de muito fervor e zelo despertado, pois sem estes é impossível alcançar as bênçãos que nos são prometidas. E para mostrar isso, Cristo em um momento diz: "Se alguém não tomar a sua cruz e seguir-Me, não é digno de Mim" (Mateus 10,38); em outro: "Eu vim trazer fogo à terra, e que quero Eu, se já estiver aceso?" (Lucas 12,49); desejando, por ambos, nos representar um discípulo cheio de ardor e fogo, preparado para todo perigo. Essa foi aquela mulher. Pois tão inflamada pelas suas palavras, ela deixou o cântaro e a razão pela qual fora ali, correu para a cidade e atraiu todo o povo a Jesus. "Vinde," diz ela, "vede um Homem que me disse tudo o que já fiz."

Observe seu zelo e sabedoria. Ela veio tirar água, e quando encontrou o verdadeiro Poço, desprezou o material; ensinando-nos, mesmo por este pequeno exemplo, que quando escutamos coisas espirituais devemos desprezar as coisas terrenas e não lhes dar valor. Pois o que os Apóstolos fizeram, essa mulher também o fez dentro de sua capacidade. Eles, quando chamados, deixaram as redes; ela, espontaneamente, sem ordem de ninguém, deixou seu cântaro e, impulsionada pela alegria, desempenhou o papel de Evangelista. E ela não chama um ou dois, como André e Filipe, mas despertou uma cidade inteira e a levou a Ele.

Observe também quão prudentemente ela fala; não disse, "Vinde ver o Cristo," mas com a mesma humildade com que Cristo a conquistou, atrai os homens a Ele: "Vinde," diz ela, "vede um Homem que me disse tudo o que fiz." Não teve vergonha de dizer que Ele "me disse tudo o que fiz." Poderia ter dito:

"Vinde ver aquele que profetiza"; mas quando a alma é inflamado pelo fogo santo, ela não olha para nada terreno, nem para a glória nem para a vergonha, mas só para a chama que a ocupa.

"Porventura não é este o Cristo?" Veja novamente a grande sabedoria da mulher; ela não declarou o fato claramente, nem ficou em silêncio, pois não queria convencer por sua palavra, mas fazê-los participar da opinião por ouvirem Ele; o que tornou suas palavras mais aceitáveis para eles. Ele não lhe contou toda sua vida, só com o que Ele disse ela percebeu que Ele sabia do resto. Nem disse: "Vinde, crede," mas "Vinde, vede," uma expressão mais suave e atraente. Vês a sabedoria da mulher? Sabia certamente que, tendo provado daquele Poço, eles ficariam afetados como ela. Qualquer pessoa comum teria ocultado a repreensão que Jesus dera; mas ela expõe sua vida diante de todos, para atrair e capturar a todos.

Vers. 31. "Enquanto isso, Seus discípulos Lhe perguntavam, dizendo: Mestre, come." "Perguntaram," aqui significa "suplicaram," em sua língua nativa; pois, vendo-o cansado da viagem e do calor opressivo, rogaram-Lhe; pois seu pedido por alimento não vinha da pressa, mas do afeto amoroso ao Mestre. O que então disse Cristo?

Vers. 32-33. "Tenho para comer um alimento que vós não conheceis." Por isso (diz o Evangelista) os discípulos um ao outro disseram: "Porventura alguém Lhe trouxe comida?"

Por que agora te admiras que a mulher, ao ouvir falar de "água," ainda pensasse em água comum, quando até os discípulos estavam no mesmo caso e não compreendiam o espiritual, apenas perplexos? Embora ainda mostrassem modéstia e reverência ao Mestre, conversando entre si, mas sem ousar perguntar-Lhe. O que disse Cristo?

Vers. 34. "A minha comida é fazer a vontade daquele que Me enviou e consumar a sua obra."

Aqui Ele chama a salvação dos homens de "alimento," mostrando o grande desejo que tem de nos prover; pois assim como ansiamos por comida, Ele deseja que sejamos salvos. E observa como em todos os lugares Ele não revela tudo de imediato, mas primeiro lança o ouvinte na perplexidade, para que, começando a buscar o significado do que foi dito, e estando confuso, receba com mais facilidade e atenção quando a verdade se revelar. Pois por que não disse logo: "Minha comida é fazer a vontade do Meu Pai"? (mesmo isso não seria claro, mas mais claro que o anterior). Mas o que disse? "Tenho para comer um alimento que vós não conheceis," pois Ele quer, como disse, primeiro despertar a atenção pelo mistério, e pelo modo enigmático acostumar a ouvir suas palavras. Mas qual é a "vontade do Pai"? Ele logo fala sobre isso e explica.

Vers. 35. "Não dizeis vós: Ainda faltam quatro meses para a ceifa? Eis que vos digo: Levantai os olhos, e vede os campos, que já estão brancos para a ceifa."

[2.] Eis que Ele novamente, por palavras familiares, os conduz à consideração de coisas maiores; pois quando falou de "alimento", significava nada mais do que a salvação dos homens que deveriam vir a Ele; e novamente, o "campo" e a "ceifa" significam exatamente a mesma coisa, a multidão de almas preparadas para receber a pregação; e os "olhos" de que Ele fala são tanto os da mente quanto os do corpo (pois agora eles viam a multidão de samaritanos se aproximando); e a prontidão da vontade Ele chama de "campos já brancos". Pois assim como as espigas de milho, quando ficam brancas e prontas para a colheita, assim estes, Ele diz, estão preparados e aptos para a salvação.

E por que, em vez de chamá-los de "campos" e "ceifa", Ele não disse claramente que "eles então estavam prestes a crer e prontos para receber a Palavra, tendo sido instruídos pelos Profetas, e agora dando fruto"? O que significam essas figuras que Ele usa? Pois Ele não faz isso aqui somente, mas por todo o Evangelho; e os Profetas também usam o mesmo método, dizendo muitas coisas de modo metafórico. Qual será a razão disso? Pois a graça do Espírito não ordenou que fosse assim sem motivo, mas por quê? Por dois motivos: um, para que o discurso seja mais vívido e apresente o que é dito de

forma mais clara diante dos nossos olhos. Pois a mente, ao agarrar-se a uma imagem familiar do que está em questão, é mais despertada e, contemplando-as como numa pintura, fica mais ocupada por elas. Esta é uma razão; a outra é que a mensagem seja mais doce e que a memória do que foi dito dure mais. Pois a afirmação não domina e conquista o ouvinte comum tanto quanto a narração por objetos e a representação da experiência. Isso pode ser visto sabiamente realizado pela parábola.

Vers. 36. "E quem ceifa recebe recompensa e ajunta fruto para a vida eterna."

Pois o fruto de uma ceifa terrena não é útil para a vida eterna, mas para esta que é passageira; mas o fruto espiritual é para aquilo que não tem idade nem morte. Vês que as expressões são sensíveis, mas os pensamentos são espirituais, e que pelas próprias palavras Ele divide o que é terreno do que é celestial? Pois quando, falando da água, Ele fez dessa a propriedade peculiar da Água celestial que "quem a beber nunca terá sede", assim também aqui quando diz que "este fruto é ajuntado para a vida eterna."

"Para que tanto o que semeia quanto o que ceifa se alegrem juntos."

Quem é "o que semeia"? Quem é "o que ceifa"? Os Profetas são os que semearam, mas não ceifaram, e os Apóstolos ceifam. "Mas não por isso lhes falta o prazer e a recompensa do seu trabalho, antes se alegram e se regozijam conosco, embora não ceifem conosco. Pois a ceifa não é como o semear. Eu, portanto, vos guardei para aquilo em que o trabalho é menor e o prazer maior, e não para o semear, porque nele há muito sofrimento e fadiga. Na ceifa o retorno é grande, o trabalho não é tão intenso; antes, há muita facilidade." Com esses argumentos Ele deseja provar que "o desejo dos Profetas era que todos os homens viessem a Mim." A Lei também se empenhava nisso; e por isso eles semearam, para que pudessem produzir esse fruto. Além disso, Ele mostra que também os enviou, e que havia uma íntima conexão entre a Nova Aliança e a Antiga, e tudo isso realiza ao mesmo tempo por meio desta parábola. Ele também menciona um provérbio amplamente conhecido.

Vers. 37. "Nisso é verdadeira a palavra: Um semeia, e outro ceifa."

Estas palavras eram usadas por muitos quando uma parte trabalhava e outra colhia os frutos; e Ele diz que o provérbio é especialmente verdadeiro neste caso, pois os Profetas trabalharam, e vós colheis os frutos de seus trabalhos. Ele não disse "as recompensas" (pois seu grande trabalho não ficou sem recompensa), mas "os frutos." Daniel também falou assim, pois ele também menciona um provérbio: "Do mal procede o mal"; e Davi, em seu lamento, cita um provérbio semelhante. Por isso Ele disse antecipadamente que "tanto o que semeia quanto o que ceifa se alegrem juntos." Pois como Ele estava para declarar que "um semeou e outro ceifou", para que ninguém pensasse que os Profetas foram privados de sua recompensa, Ele afirma algo estranho e paradoxal, que nunca acontece nas coisas sensíveis, mas é próprio do espiritual. Pois nas coisas sensíveis, se acontece que um semeia e outro ceifa, não "se alegram juntos", mas os que semearam ficam tristes por terem trabalhado para outros, e só os ceifadores se alegram. Mas aqui não é assim; aqueles que não colheram o que semearam se alegram igualmente com os que colhem; daí é claro que eles também compartilham a recompensa.

Vers. 38. "Eu vos enviei a ceifar aquilo em que não tendes trabalhado; outros trabalharam, e vós entrastes no trabalho deles."

Com isso Ele os anima mais; pois quando parecia algo muito difícil ir por todo o mundo e pregar o Evangelho, Ele lhes mostra que é muito fácil. O trabalho difícil foi outro, que exigiu muito esforço, o de plantar a semente, e introduzir a alma não iniciada no conhecimento de Deus. Mas por que Ele diz essas palavras? Para que, ao enviá-los a pregar, não se sintam confusos, como se enviados para uma tarefa difícil. "Porque o dos Profetas," Ele diz, "foi mais difícil, e o fato testemunha a Minha palavra, que vós chegastes ao que é fácil; pois, como na época da colheita os frutos são colhidos com facilidade, e em um momento o celeiro se enche de feixes, que não esperam as voltas das estações, nem o inverno, nem a primavera, nem a chuva, assim é agora." Enquanto Ele dizia essas coisas, os samaritanos vieram, e o fruto foi colhido imediatamente. Por isso Ele disse: "Levantai os olhos e vede os campos que já

estão brancos." Assim falou, e o fato ficou claro, e as palavras, verdadeiras, confirmadas pelo acontecimento. Pois diz São João:

Vers. 39. "Muitos dos samaritanos daquela cidade creram n'Ele pela palavra da mulher que testificou: Ele me disse tudo o que eu fiz."

Eles perceberam que a mulher não teria admirado alguém que a repreendeu por favor, nem, para agradar outro, teria exposto sua própria vida.

[3.] Imitemo-nos, pois, também desta mulher, e no caso dos nossos próprios pecados não tenhamos vergonha dos homens, mas temamos, como convém, a Deus, que agora contempla o que é feito, e que depois castiga aqueles que agora não se arrependem. Presentemente, fazemos o contrário disso, pois não tememos Aquele que nos julgará, mas trememos diante daqueles que nada nos prejudicam, e nos envergonhamos do que deles venha. Por isso, justamente naquilo que tememos, nisso incorrermos em punição. Pois aquele que agora se importa somente com o desprezo dos homens, mas quando Deus vê não tem vergonha de fazer algo indecente, e que não se arrepende nem se converte, naquele dia será feito exemplo, não apenas diante de um ou dois, mas diante de todo o mundo. Para que saibas que há uma grande assembleia sentada para contemplar as ações justas e as que não o são, deixa que a parábola das ovelhas e dos bodes te ensine, assim como o bem-aventurado Paulo quando diz: "Porque todos devemos comparecer perante o tribunal de Cristo, para que cada um receba segundo o que fez, seja bem ou mal" (2 Coríntios 5:10), e ainda: "que há de trazer à luz as coisas ocultas das trevas" (1 Coríntios 4:5). Fizeste ou imaginaste alguma coisa má, e escondes dos homens? Contudo, não a escondes de Deus. Mas para isso não te importas; o que temes são os olhos dos homens. Pensa então que naquele dia não escaparás ao olhar nem dos homens; pois todas as coisas, como numa imagem, serão então postas diante dos nossos olhos, para que cada um se condene a si mesmo. Isto fica claro até pelo exemplo de Dives, pois o pobre que ele negligenciara, isto é, Lázaro, viu diante de seus olhos, e o dedo que ele tantas vezes desprezara, ele então suplica que lhe seja conforto. Por isso vos exorto que, embora ninguém veja o que fazemos, cada um entre em sua própria consciência, tome a razão por juiz, traga à tona suas transgressões e,

se não quiser que elas sejam expostas naquele dia temível, que agora cure suas feridas, que lhes aplique os remédios do arrependimento. Pois está ao alcance, sim, está ao alcance daquele cheio de dez mil feridas sair daqui são. Pois "se perdoardes," Ele diz, "serão perdoados os vossos pecados" (Mateus 6:14, não citado textualmente). Pois assim como os pecados enterrados no Batismo não mais aparecem, assim também estes desaparecerão, se quisermos arrepender-nos. E arrependimento é não fazer de novo o mesmo; porque quem volta a pôr a mão no mesmo, é como o cão que volta ao próprio vômito, e como aquele da parábola que carda a lã no fogo, e tira água de um cesto cheio de buracos. Convém, portanto, afastar-se tanto em ação quanto em pensamento daquilo que ousamos fazer, e, tendo nos afastado, aplicar às feridas os remédios que são o contrário dos nossos pecados. Por exemplo: foste ganancioso e avarento? Abstém-te da rapina, e aplica a esmola à ferida. Foste fornicator? Abstém-te da fornicação, e aplica a castidade à ferida. Falaste mal do teu irmão e o prejudicaste? Cessa de acusar, e aplica a bondade. Procedamos assim em relação a cada ponto em que ofendemos, e não passemos descuidadamente pelos nossos pecados, porque nos espera depois um tempo de prestação de contas. Por isso também Paulo disse: "O Senhor está próximo; nada estejais ansiosos" (Filipenses 4:5-6). Mas talvez devamos acrescentar o contrário: "O Senhor está próximo, sede cuidadosos." Pois poderiam bem ouvir "nada estejais ansiosos" vivendo em aflições, trabalhos e provações; mas aqueles que vivem de rapina ou em luxo, e terão um severo juízo, com razão ouviriam não isso, mas aquilo: "O Senhor está próximo, sede cuidadosos." Pois não resta muito tempo até a consumação, mas o mundo corre para seu fim; as guerras o declaram, as aflições, os terremotos, o amor que esfriou. Pois assim como o corpo, quando no último suspiro e perto da morte, atrai sobre si dez mil sofrimentos; e como uma casa prestes a cair deixa antes cair muitas partes do telhado e das paredes; assim está próximo e à porta o fim do mundo, e por isso dez mil males estão espalhados por toda parte. Se então o Senhor estava "próximo," muito mais agora Ele está "próximo." Se trezentos anos atrás, quando aquelas palavras foram usadas, Paulo chamou esse tempo de "plenitude dos tempos," muito mais chamaria o presente assim. Mas talvez por isso alguns descrêem; contudo, por isso deveriam crer ainda mais. Pois de onde sabes, ó homem, que o fim não está "próximo," e que as palavras não hão de se cumprir logo?

Pois assim como falamos do fim do ano não como do último dia, mas também do último mês, embora tenha trinta dias; assim se eu chamar de fim até quatrocentos anos, não estarei errado; e assim Paulo falava do fim antecipadamente. Por isso, arregacemos as mangas, alegremo-nos no temor de Deus; porque se vivermos aqui sem temor d'Ele, Sua vinda nos surpreenderá de repente, quando nem formos cuidadosos nem O esperarmos. Como Cristo declarou ao dizer: "Como nos dias de Noé, assim será a vinda do Filho do Homem" (Mateus 24:37, não citado textualmente). Isso também Paulo declarou quando disse: "Quando disserem: Paz e segurança, então sobre eles virá repentina destruição, como as dores da mulher grávida" (1 Tessalonicenses 5:3). Que significa "como as dores da mulher grávida"? Muitas vezes as grávidas, brincando, ou nas refeições, no banho ou no mercado, sem prever nada do que está por vir, foram de repente tomadas pelas dores. Agora, como o nosso caso é como o delas, estejamos sempre preparados, pois nem sempre ouviremos essas coisas, nem sempre teremos poder para fazê-las. "No sepulcro," diz Davi, "quem Te dará graças?" (Salmo 6:5). Arrependei-vos, pois, aqui, para que no dia que vir há possamos achar Deus misericordioso, e possamos desfrutar do abundante perdão; o que todos obtenhamos pela graça e misericórdia de nosso Senhor Jesus Cristo, a quem seja glória e domínio, agora e sempre, pelos séculos dos séculos. Amém.

Sermão XXXV.
João 4, 40-43 — "Quando, pois, os samaritanos chegaram até Ele, rogaram-Lhe que ficasse com eles; e Ele ficou ali dois dias. Muitos mais creram por causa da Sua palavra; e disseram à mulher: Agora cremos, não por causa do teu dizer, pois nós mesmos O ouvimos, e sabemos que verdadeiramente este é o Cristo, o Salvador do mundo. Depois de dois dias, Ele partiu dali e foi para a Galileia."

Nada é pior do que a inveja e a malícia, nada mais pernicioso do que a vaidade; estas costumam corromper milhares de coisas boas. Assim, os judeus, que eram superiores aos samaritanos em conhecimento e estavam sempre familiarizados com os Profetas, mostraram-se inferiores a eles por essa razão. Pois estes creram até mesmo pelo testemunho da mulher, e sem

ter visto nenhum sinal, vieram suplicar a Cristo que permanecesse com eles; já os judeus, tendo visto Suas maravilhas, não só não O retiveram entre si, mas até O expulsaram, usando todos os meios para lançá-Lo fora de sua terra, embora Sua vinda tivesse sido por causa deles.

Os judeus O expulsaram, mas estes Lhe suplicaram que ficasse com eles. Não seria então mais adequado, dize-me, que Ele aceitasse aqueles que O pediam e suplicavam, do que que esperasse por aqueles que conspiravam contra Ele e O rejeitavam, enquanto àqueles que O amavam e desejavam retê-Lo Ele não se dava? Certamente isso não seria digno de Seu zelo; por isso, Ele tanto os aceitou, como ficou com eles dois dias.

Eles desejavam mantê-Lo continuamente entre si (isto o Evangelista mostra ao dizer que "O suplicaram que ficasse com eles"), mas Ele não suportou isso, e ficou apenas dois dias; e nesses muitos mais creram Nele. Contudo, não parecia provável que eles cressem, pois não tinham visto sinal algum e eram hostis aos judeus; porém, na medida em que sinceramente aceitaram o julgamento sobre Suas palavras, isso não lhes foi obstáculo, antes receberam um conceito que superou esses impedimentos, disputando entre si para Lhe render maior reverência.

Pois, diz o Evangelista, "disseram à mulher: Agora cremos, não por causa do teu dizer, pois nós mesmos O ouvimos e sabemos que verdadeiramente este é o Cristo, o Salvador do mundo." Os discípulos superaram sua mestra. Com razão podem condenar os judeus, tanto por terem acreditado quanto por terem acolhido a Cristo. Os judeus, por quem Ele preparou todo o plano, estavam sempre prontos a apedrejá-Lo; mas estes, quando Ele nem mesmo pretendia ir a eles, O atraíram para perto.

E aqueles, mesmo com sinais, permanecem não corrigidos; estes, sem sinais, manifestaram grande fé, e se gloriam justamente por isso, que creem sem eles; enquanto os outros não cessam de pedir sinais e de pô-Lo à prova.

Tal necessidade há em todo lugar de uma alma sincera; e se a verdade a encontra, facilmente a domina; ou, se não a domina, não é por fraqueza da

verdade, mas por falta de sinceridade na própria alma. Pois o sol, quando encontra olhos límpidos, facilmente os ilumina; se não os ilumina, é culpa da fraqueza deles, não da fraqueza do sol.

Ouça então o que dizem: “Sabemos que este é verdadeiramente o Cristo, o Salvador do mundo.” Vês como eles imediatamente entenderam que Ele devia atrair o mundo a Si, que Ele veio para ordenar nossa salvação comum, e que não queria limitar Seu cuidado aos judeus, mas semear Sua palavra por toda parte? Os judeus não fizeram isso, mas querendo estabelecer sua própria justiça, não se submeteram à justiça de Deus; enquanto estes confessam que todos merecem punição, declarando com o Apóstolo que “todos pecaram e carecem da glória de Deus; sendo justificados gratuitamente pela Sua graça.” (Rom. 3,23-24.)

Ao dizer que Ele era “o Salvador do mundo”, mostraram que era um mundo perdido, e que Ele não era apenas um salvador, mas o mais poderoso. Pois muitos vieram para “salvar”, tanto profetas quanto anjos; mas este, diz um, é o Verdadeiro Salvador, que oferece a verdadeira salvação, não aquela passageira.

Isso procedeu de pura fé. E são admiráveis de ambos os modos: porque creram, e porque assim fizeram sem sinais (a quem Cristo também chama de “bem-aventurados”, dizendo: “Bem-aventurados os que não viram e creram” [João 20,29]), e porque o fizeram sinceramente.

Embora tivessem ouvido a mulher dizer com dúvida “Não será este o Cristo?”, não disseram também “nós também duvidamos” ou “achamos que sim”, mas disseram “sabemos”, e não somente “sabemos”, mas “sabemos que este é verdadeiramente o Salvador do mundo.” Reconheceram Cristo não como um entre muitos, mas como o Salvador, de fato. Mas a quem eles tinham visto salvo? Apenas ouviram Suas palavras, e mesmo assim falaram como se tivessem visto muitos e grandes prodígios. E por que os Evangelistas não nos relatam essas palavras, nem como Ele discursou admiravelmente? Para que aprendas que eles omitem muitos detalhes importantes, mas nos revelam o

essencial pelo acontecimento. Pois Ele convenceu todo um povo e uma cidade inteira apenas com Suas palavras.

Quando os ouvintes não são persuadidos, os escritores precisam relatar o que foi dito, para que ninguém, pela insensibilidade dos ouvintes, dê um julgamento contra Aquele que lhes falou.

"Depois de dois dias, Ele partiu dali e foi para a Galileia."

Vers. 44. "Pois Jesus mesmo testemunhou que um profeta não é honrado em sua própria terra."

Por que isso foi acrescentado? Porque Ele não foi para Cafarnaum, mas para a Galileia, e de lá para Caná. Para que não perguntes por que Ele não ficou com Seu povo, mas com os samaritanos, o Evangelista explica a causa, dizendo que eles não O atenderam; por isso Ele não foi até eles, para que sua condenação não fosse maior.

Creio que aqui Ele chama Cafarnaum de "Sua terra". Para mostrar que ali Ele não recebeu honra, ouve-O dizer: "E tu, Cafarnaum, que és exaltada até o céu, serás abatida até o inferno." (Mt 11,23.) Ele chama-a "Sua terra", porque ali Ele anunciou a Palavra da Nova Aliança e especialmente se demorou nela.

"Então, alguém pode dizer: 'Não vemos muitos admirados entre seus parentes?'" Primeiramente, tais julgamentos não devem ser formados a partir de casos raros; e além disso, se alguns foram honrados entre os seus, seriam muito mais honrados em terra estrangeira, pois a familiaridade costuma fazer com que as pessoas sejam facilmente desprezadas.

Vers. 45. "Quando chegou à Galileia, os galileus O receberam, tendo visto tudo o que Ele fizera em Jerusalém na festa, pois também eles haviam ido à festa."

Vês tu que esses homens tão mal falados são os que mais vêm a Ele? Pois um disse: "Pode alguma coisa boa sair de Nazaré?" (João 1,46), e outro: "Investiga e vê, porque da Galileia não se levanta profeta algum." (João 7,52). Essas coisas

disseram, insultando-O, porque muitos supunham que Ele era de Nazaré, e também o censuravam por ser Samaritano; "Tu és samaritano," disse um, "e tens demônio." (João 8,48). No entanto, eis que tanto samaritanos quanto galileus creem, para vergonha dos judeus, e os samaritanos mostram-se melhores que os galileus, pois os primeiros O receberam pelas palavras da mulher, e os segundos, quando viram os milagres que Ele fez.

Verso 46. "Então Jesus voltou a Caná da Galileia, onde fizera a água vinho."

O evangelista lembra o ouvinte do milagre para exaltar o louvor dos samaritanos. Os homens de Caná O receberam por causa dos milagres que Ele havia feito em Jerusalém e naquele lugar; mas não assim os samaritanos, que O receberam somente por Seu ensino.

Que Ele veio então "a Caná", o evangelista disse, mas não acrescentou a causa por que veio. Veio à Galileia por causa da inveja dos judeus; mas por que a Caná? A princípio, Ele veio convidado para um casamento; mas agora, por quê? Penso que para confirmar pela Sua presença a fé que fora implantada pelo milagre, e para atraí-los mais para Si mesmo, vindo espontaneamente a eles, deixando Sua própria terra e preferindo-os.

"E havia um certo oficial cujo filho estava doente em Cafarnaum."

Verso 47. "Quando ouviu que Jesus havia chegado da Judeia à Galileia, foi ter com Ele e rogou-Lhe que descesse e curasse seu filho."

Esta pessoa certamente era de linhagem real ou possuía alguma dignidade por seu cargo, à qual se atribui o título de "oficial". Alguns pensam que este seja o homem mencionado por Mateus (Mateus 8,5), mas mostra-se ser uma pessoa diferente, não apenas pela dignidade, mas também pela fé. Aquele, mesmo quando Cristo queria ir a ele, pede que fique; este, sem que Ele tenha oferecido tal coisa, O atrai para sua casa. Um diz: "Não sou digno que entres debaixo do meu teto"; mas o outro insiste, dizendo: "Desce, antes que meu filho morra." Naquele caso, Ele desceu do monte e entrou em Cafarnaum; aqui, como vinha da Samaria e não foi para Cafarnaum, mas para Caná, esta

pessoa O encontrou. O servo do outro estava paralítico, o filho deste estava com febre.

“E veio e rogou-Lhe que curasse seu filho, pois ele estava para morrer.” O que disse Cristo?

Verso 48. “Se não virdes sinais e prodígios, não crereis.”

No entanto, o próprio fato de vir e rogar-Lhe já era sinal de fé. Além disso, o evangelista atesta que, quando Jesus disse: “Vai, teu filho vive”, ele creu na palavra de Jesus e partiu. O que então significa o que Ele disse aqui? Ou usa essas palavras para elogiar os samaritanos porque creram sem sinais; ou para censurar Cafarnaum, que era considerada Sua própria cidade, da qual aquele homem era natural. Ademais, outro homem em Lucas, que disse: “Senhor, eu creio”, também disse: “Ajuda a minha incredulidade.” E assim, se este oficial também creu, não creu inteiramente ou plenamente, como mostra o fato de ele perguntar “a que hora a febre o deixou”, querendo saber se fora por vontade própria ou por ordem de Cristo. Quando soube que fora “ontem, à sétima hora”, então “ele creu e toda sua casa.” Vês que ele creu quando seus servos creíram, e não quando Cristo falou? Por isso Cristo censura o estado de espírito com que ele veio e falou (assim o conduz ainda mais à fé), pois antes do milagre ele não tinha fé firme. Que ele veio e rogou não é estranho, pois os pais, pelo grande amor, procuram não só médicos em quem confiam, mas também falam com quem não confiam, querendo não deixar nada de fora. O fato de ele ter vindo sem firme propósito aparece no fato de que, quando Cristo entrou na Galileia, ele O viu, ao passo que, se tivesse crido firmemente, não teria hesitado, com o filho à morte, em ir à Judeia. Ou se teve medo, isso também é censurável. Observa como as próprias palavras mostram a fraqueza do homem; quando deveria, depois da repreensão de Cristo, ter imaginado algo grande a respeito d’Ele, mesmo que não antes, veja como se arrasta.

Verso 49. “Senhor,” disse ele, “desce antes que meu filho morra.”

Como se Cristo não pudesse ressuscitá-lo depois da morte, como se não soubesse o estado em que a criança estava. Por isso Cristo o repreende e toca sua consciência, para mostrar que Seus milagres são feitos principalmente para o bem da alma. Aqui Ele cura o pai, doente na mente, tanto quanto o filho, para nos persuadir a atendê-Lo não pelos milagres, mas pelo ensino. Pois os milagres não são para os fiéis, mas para os incrédulos e mais rudes.

[3.] Naquele momento, devido à sua emoção, o oficial não deu muita atenção às palavras, ou somente àquelas que se referiam ao seu filho, porém depois se lembraria do que fora dito e tiraria dali o maior proveito. De fato, foi o que aconteceu.

Mas qual pode ser a razão por que, no caso do centurião, Ele, por livre oferta, se prontificou a ir, enquanto aqui, embora convidado, Ele não vai? Porque no primeiro caso a fé estava perfeita, e por isso Ele se dispôs a ir, para que aprendêssemos a retidão daquele homem; mas aqui o oficial era imperfeito. Assim, quando ele continuamente o instava, dizendo: "Desce", e ainda não sabia claramente que mesmo estando ausente Ele podia curar, Jesus mostra que até isso para Ele era possível, para que aquele homem pudesse obter de Jesus, não indo, o conhecimento que o centurião tinha de si mesmo. Portanto, quando Ele diz: "Se não virdes sinais e prodígios, não crereis", quer dizer: "Vocês ainda não têm a fé correta, mas ainda me tratam como a um profeta." Por isso, para se revelar e mostrar que ele deveria ter crido mesmo sem milagres, Ele disse o que disse também a Filipe: "Crês tu que Eu estou no Pai e o Pai em Mim? Ou, se não crês, creia por causa das obras." (João 14,10-11)

Versos 51-53. "E, quando ele descia, os seus servos vieram ao seu encontro, e disseram-lhe: Teu filho vive. Então perguntou-lhes a que hora começara a melhorar. Disseram-lhe: Ontem, à sétima hora, a febre o deixou. Assim o pai soube que fora naquela mesma hora em que Jesus lhe dissera: Teu filho vive; e ele creu, e toda a sua casa."

Vês quão evidente foi o milagre? Não simplesmente, nem de modo comum, a criança foi libertada do perigo, mas de uma vez só, de forma que se percebeu

que o que aconteceu não foi obra da natureza, mas o agir de Cristo. Pois, quando ele havia chegado às portas da morte, como seu pai mostrou ao dizer: "Desce, antes que meu filho morra", foi de repente libertado da doença. Um fato que também animou os servos, pois talvez eles viessem ao encontro do seu senhor, não só para lhe dar a boa notícia, mas também pensando que a vinda de Jesus era agora supérflua (pois sabiam que seu senhor já havia ido até lá), e assim O encontraram no caminho. O homem, liberado do medo, então escapou para a fé, desejoso de mostrar que o que fora feito era fruto da sua jornada, e dali em diante se esforçou para não parecer que fora inútil; por isso averiguou tudo com exatidão, e "ele creu e toda a sua casa." Pois a prova era, depois disso, inquestionável. Porque aqueles que não estiveram presentes, nem ouviram Jesus falar, nem sabiam a hora, quando ouviram do seu senhor que tal hora fora, tiveram demonstração incontestável do poder d'Ele. Por isso também creram.

O que agora aprendemos com essas coisas? A não esperar milagres, nem buscar garantias do poder de Deus. Vejo muitas pessoas ainda hoje ficarem mais piedosas quando, durante o sofrimento de um filho ou doença de uma esposa, recebem algum conforto, mas deveriam, mesmo que não o recebam, persistir da mesma forma em dar graças, em glorificar a Deus. Porque é a parte dos servos retos, e daqueles que têm o afeto e amor que devem ter por seu Senhor, não só quando perdoados, mas também quando açoitados, correrem a Ele. Pois estes também são efeitos do cuidado terno de Deus; "a quem o Senhor ama, ele castiga e açoita," diz, "todo filho a quem recebe." (Hebreus 12,6) Portanto, quando alguém O serve só no tempo da facilidade, não prova grande amor, e não ama Cristo puramente. E por que falo de saúde, ou riquezas abundantes, ou pobreza, ou doença? Se ouvires sobre o fogo do inferno ou qualquer outra coisa terrível, nem por isso deves cessar de falar bem do teu Senhor, mas sofrer e fazer tudo por amor a Ele. Pois esta é a parte dos servos retos e da alma firme; e quem tem essa disposição suportará facilmente o presente, e obterá bens futuros, e gozará de grande confiança na presença de Deus; o que todos nós possamos alcançar, pela graça e bondade do nosso Senhor Jesus Cristo, a quem com o Pai e o Espírito Santo seja glória, agora e sempre, pelos séculos dos séculos. Amém.

Sermão XXXVI.
João 4,54; 5,1 – "Este é novamente o segundo milagre que Jesus fez, quando havia saído da Judéia e ido para a Galileia. Depois disso houve uma festa dos judeus; e Jesus subiu a Jerusalém."

[1.] Assim como nas minas de ouro um hábil no assunto não suportaria ignorar até mesmo a menor veia que produzisse grande riqueza, assim nas Sagradas Escrituras é impossível, sem perda, passar por cima de um só iota ou um só traço; devemos investigar tudo. Pois todas as palavras são pronunciadas pelo Espírito Santo, e nada inútil está escrito nelas.

Considera, por exemplo, o que o Evangelista diz aqui: "Este é novamente o segundo milagre que Jesus fez, quando havia saído da Judéia e ido para a Galileia." Até a palavra "segundo" ele acrescentou não sem razão, mas para exaltar ainda mais o louvor aos samaritanos, mostrando que mesmo depois do segundo milagre realizado, os que o viram ainda não haviam alcançado tanto quanto aqueles que não viram nenhum.

"Depois disso houve uma festa dos judeus." Que "festa"? Penso que a de Pentecostes. "E Jesus subiu a Jerusalém." Continuamente nas festas Ele frequenta a cidade, em parte para parecer estar festejando com eles, em parte para atrair a multidão que era simples e sem dolo; pois nesses dias especialmente, os mais simples se reuniam em maior número do que em outras épocas.

Versos 2 e 3. "Ora, em Jerusalém há um tanque de ovelhas, chamado em hebraico Betesda, que tem cinco alpendres. Neles jazia uma grande multidão de doentes: paralíticos, cegos, secos, esperando o movimento da água."

Que tipo de cura é esta? Que mistério nos significa? Pois estas coisas não estão escritas por acaso ou sem propósito, mas como figura e tipo mostram em contorno coisas futuras, para que o que foi muito estranho não prejudicasse a fé do povo ao chegar inesperadamente. O que então elas indicam em contorno? Estava para ser dado um Batismo, possuidor de muito poder e do maior dos dons, um Batismo que purifica todos os pecados e faz o

homem vivo em vez de morto. Essas coisas, portanto, são prenunciadas como numa imagem pelo tanque e por muitos outros detalhes. Primeiro é dado um água que purifica as manchas do corpo e aquelas contaminações que não são, mas parecem ser, como as causadas pelo toque em cadáveres, pela lepra e outras causas semelhantes; sob a antiga aliança muitas coisas eram feitas com água por esse motivo. No entanto, prossigamos agora para o assunto principal.

Primeiro, como disse antes, Ele faz que as contaminações do corpo sejam removidas pela água, e depois as enfermidades de vários tipos. Porque Deus, desejando aproximar-nos da fé no batismo, já não cura somente as contaminações, mas também as doenças. Pois aquelas figuras que se aproximavam mais da realidade, tanto no que dizia respeito ao Batismo, quanto à Paixão e outras coisas, eram mais claras do que as mais antigas; e assim como os guardas que estão mais próximos do príncipe são mais esplêndidos que os que estão antes, assim era com os tipos. E "um anjo descia e agitava a água," e dava-lhe poder curativo, para que os judeus soubessem que muito mais podia o Senhor dos Anjos curar as doenças da alma. Mas, assim como aqui não era simplesmente a natureza da água que curava (pois então isso sempre aconteceria), mas a água combinada com a ação do anjo, assim em nosso caso não é só a água que atua, mas quando ela recebe a graça do Espírito, então ela remove todos os nossos pecados. Ao redor deste tanque "jazia uma grande multidão de enfermos: cegos, paralíticos, secos, esperando o movimento da água"; mas então a enfermidade era impedimento para quem queria ser curado, agora cada um pode aproximar-se, pois já não é um anjo que agita, é o Senhor dos Anjos quem realiza tudo. O enfermo não pode agora dizer: "Não tenho quem me ajude"; não pode dizer: "Enquanto vou, outro desce antes de mim"; ainda que o mundo inteiro viesse, a graça não se esgotaria, o poder não se acabaria, mas permaneceria igualmente grande como antes. Assim como os raios do sol dão luz todos os dias, mas não se esgotam nem sua luz diminui por darem tanta claridade; assim, muito mais, o poder do Espírito não é diminuído pelo número dos que o usufruem. E este milagre foi feito para que os homens, aprendendo que a água pode curar doenças do corpo, e sendo exercitados

nisso por longo tempo, possam crer mais facilmente que ela também pode curar as doenças da alma.

Mas por que Jesus, deixando os outros, veio a um que estava doente há trinta e oito anos? E por que lhe perguntou: “Queres ser curado?” Não que precisasse aprender algo, pois isso era desnecessário; mas para mostrar a perseverança do homem, e para que soubéssemos que foi por isso que deixou os outros e veio a ele. O que ele respondeu? “Sim, Senhor,” disse, “mas não tenho quem me ponha na piscina quando a água é agitada, e enquanto vou, outro desce antes de mim.”

Foi para que aprendêssemos essas circunstâncias que Jesus perguntou: “Queres ser curado?” e não disse: “Queres que Eu te cure?” (pois ainda o homem não tinha uma ideia elevada acerca Dele), mas: “Queres ser curado?” A perseverança do paralítico era assombrosa, pois ele estava enfermo havia trinta e oito anos, e a cada ano, esperando ser libertado da doença, continuava ali e não desistia. Se ele não fosse muito perseverante, o futuro, senão o passado, não teria sido suficiente para fazê-lo sair daquele lugar? Considera, peço-te, quão vigilantes deveriam ser os outros doentes ali, visto que o momento em que a água se agitava era incerto. Os coxos e paralíticos podiam perceber, mas como os cegos faziam isso? Talvez ouviam o barulho que se levantava.

[2.] Envergonhemo-nos, pois, amados, envergonhemo-nos e gemamos por nossa preguiça excessiva. Aquele homem esteve esperando por trinta e oito anos sem conseguir o que desejava, e não desistiu. E não falhou por descuido próprio, mas por ser oprimido e violentado por outros, e nem assim enfraqueceu; enquanto nós, se persistimos por dez dias a pedir algo em oração e não o conseguimos, depois somos muito preguiçosos para empregar o mesmo zelo. E por homens esperamos por tanto tempo, guerreando, suportando dificuldades e cumprindo serviços penosos, e muitas vezes ao fim fracassamos em nossa expectativa; mas de nosso Mestre, de quem temos certeza de obter recompensa maior que nossos trabalhos (pois, diz o Apóstolo, "a esperança não traz confusão" – Rm 5,5), a Ele não suportamos esperar com a diligência devida. Que castigo merece isso! Pois ainda que

nada pudéssemos receber d'Ele, não deveríamos considerar a própria convivência contínua com Ele causa de milhares de bênçãos?

"Mas a oração contínua é coisa penosa." E o que pertence à virtude não é penoso? "Na verdade," diz alguém, "este ponto é de grande dificuldade, pois o prazer está ligado ao vício, e o trabalho à virtude." E muitos, penso, questionam isso. Qual seria então a razão? Deus nos deu no princípio uma vida livre de cuidados e isenta de trabalho. Não soubemos usar bem o dom, mas fomos corrompidos pela ociosidade e banidos do Paraíso. Por isso, tornou nossa vida doravante trabalhosa, como que dando-nos razão, dizendo: "Eu vos permiti no princípio levar uma vida de prazer, mas vos tornastes piores pela liberdade; por isso ordenei que de agora em diante o trabalho e o suor fossem sobre vós." E quando até esse trabalho não nos conteve, deu-nos a Lei com muitos mandamentos, imposta como freios e rédeas para domar o cavalo indomado, como fazem os domadores. Por isso a vida é trabalhosa, porque a ociosidade costuma ser nossa ruína. Nossa natureza não suporta ficar sem fazer nada, e facilmente se desvia para o mal.

Suponhamos que o homem temperante, e quem pratica bem as outras virtudes, não precise de trabalho, e que façam tudo em seu sono; mesmo assim, como teríamos usado nosso descanso? Não teria sido para orgulho e vanglória? "Mas por que," diz alguém, "o prazer está ligado ao vício, e o trabalho à virtude?" Pois, que louvores terias, e que recompensa receberias, se não fosse difícil? Já te posso mostrar muitos que naturalmente odeiam o contato com mulheres, e evitam conversas com elas como impuras; chamaremos esses castos? Coroaremos, diremos, e proclamaremos vitoriosos? De modo algum. Castidade é domínio próprio, é dominar os prazeres que combatem; assim como em guerra os troféus são mais honrosos quando a luta é violenta, e não quando ninguém nos ataca. Muitos são naturalmente impassíveis; chamaremos esses de temperados? De jeito nenhum. Assim, o Senhor, após nomear três modos de ser eunuco, deixa dois sem coroa, e admite um no Reino dos Céus. (Mt 19,12)

"Mas que necessidade havia do mal?" digo isso também. "O que então fez surgir o mal?" O que senão nossa negligência voluntária? "Mas," diz alguém,

“deveria haver só homens bons.” Pois bem, o que é próprio do homem bom? Vigiar e ser sóbrio, ou dormir e roncar? “E por que,” diz alguém, “não parecia bom que o homem agisse direito sem labor?” Tu dizes palavras próprias de animais ou glutões, que fazem da barriga seu deus. Para provar que essas são palavras de tolice, responde-me: Suponhamos que haja um rei e um general, e enquanto o rei dorme ou está bêbado, o general sofre privações e ergue um troféu; de quem contarás a vitória? Quem gozará o prazer do feito? Vês que a alma se apega especialmente às coisas pelas quais trabalhou? Por isso Deus uniu trabalhos à virtude, querendo que nos apegássemos a ela. Por isso admiramos a virtude mesmo quando não agimos bem, e condenamos o vício mesmo quando é agradável. E se disseres: “Por que admiramos mais os que são bons por escolha do que os que o são por natureza?”, respondemos: Porque é justo preferir quem trabalha a quem não trabalha. Por que trabalhamos? Porque não suportaste moderadamente a ociosidade.

Além disso, se observarmos bem, a preguiça nos destrói de outras formas, e nos causa muitos males. Suponhamos, se quiseres, que prendamos um homem, só o alimentando e mimando, sem deixá-lo andar ou trabalhar, e que ele viva sempre no luxo; que vida mais miserável do que essa haveria? “Mas,” diz alguém, “trabalhar é uma coisa, laborar é outra.” Sim, mas então era possível trabalhar sem labor. “É possível?” Sim, Deus até desejou isso, mas tu não suportaste. Por isso te colocou para trabalhar no jardim, indicando um ofício, mas sem labor. Pois se o homem tivesse laborado no princípio, Deus não teria imposto o labor como castigo. É possível trabalhar sem se cansar, como os anjos. Para provar que eles trabalham, ouve o que diz Davi: “Vós que excedeis em força, vós que fazeis a Sua palavra.” (Sl 103,20 LXX). A falta de força causa muito labor agora, mas não era assim antes. “Aquele que entrou no seu repouso cessou dos seus trabalhos, como Deus dos seus.” (Hb 4,10) – não significando ociosidade, mas cessar do labor. Deus trabalha ainda, como Cristo diz: “Meu Pai trabalha até agora, e Eu trabalho.” (Jo 5,17)

Por isso vos exorto: deixai toda negligência e sedejoso vos empenhai na virtude. O prazer do vício é curto, mas a dor dura; o da virtude cresce e nunca envelhece, e o labor dura só um tempo. A virtude, mesmo antes das

coroas, anima seu trabalhador e o alimenta com esperanças; o vício, mesmo antes da vingança, castiga quem trabalha para ele, apertando e aterrorizando a consciência, levando-a a imaginar todos os males. Não são essas coisas piores que todo labor? E se não fossem assim, se houvesse prazer, que prazer haveria mais inútil? Pois assim que aparece, foge, se esvai antes de ser agarrado, seja o prazer da beleza, do luxo ou da riqueza, pois todos decaem dia a dia. Mas quando há castigo e vingança para esse prazer, que pode ser mais miserável que aqueles que o buscam?

Sabendo isso, suportemos tudo pela virtude, para que desfrutemos o verdadeiro prazer, pela graça e bondade de nosso Senhor Jesus Cristo, a quem sejam glória com o Pai e o Espírito Santo, agora e sempre, pelos séculos dos séculos. Amém.

Sermão XXXVII.
João 5, 6-7 — "Jesus lhe disse: Queres ficar são? Respondeu-lhe o enfermo: Senhor, não tenho ninguém que, quando a água se agita, me ponha na piscina."

[1.] Grande é o proveito das divinas Escrituras, e toda-suficiente é a ajuda que delas provém. Paulo o declarou ao dizer: "Tudo o que dantes foi escrito, para nossa aprendizagem foi escrito, para que pela paciência e consolação das Escrituras tenhamos esperança." (Rom. 15,4; 1 Cor. 10,11.) Pois os oráculos divinos são um tesouro de toda sorte de remédios, de modo que, seja para domar o orgulho, adormecer o desejo, pisar o amor ao dinheiro, desprezar a dor, incutir confiança ou obter paciência, deles se pode encontrar abundante socorro. Pois que homem, dentre os que sofrem longamente a pobreza ou que estão acorrentados por uma doença grave, não receberá grande conforto ao ler esta passagem? Porque este homem, que esteve paralítico por trinta e oito anos, e via cada ano outros sendo curados, enquanto ele permanecia preso pela sua enfermidade, não por isso retrocedeu nem desesperou; embora, na verdade, não só o desalento pelo passado, mas também a desesperança pelo futuro fosse suficiente para oprimir sua alma. Ouve agora o que ele diz e aprende a grandeza de seus sofrimentos. Pois quando Cristo perguntou: "Queres ficar são?", ele responde: "Sim, Senhor, mas não tenho

ninguém que, quando a água se agita, me ponha na piscina.” Que palavras mais comoventes! Que situação mais triste! Vês um coração esmagado pela longa enfermidade? Vês toda violência vencida? Ele não proferiu palavra blasfema, nem aquela que tantos dizem em suas adversidades; não amaldiçoou seu dia, não se irritou com a pergunta, nem disse: “Vieste para zombar de nós, perguntando se quero ficar são?” — mas respondeu com suavidade e grande mansidão: “Sim, Senhor”; embora não soubesse quem era aquele que lhe perguntava, nem que ele o curaria, ele ainda assim contou docilmente tudo, como se falasse a um médico, desejando apenas relatar sua história de sofrimento. Talvez esperasse que Cristo lhe fosse útil ao ponto de colocá-lo na água, e o quisesse atrair com essas palavras. Que então disse Jesus?

Vers. 8: “Levanta-te, toma o teu leito e anda.”

Alguns supõem que este é o homem mencionado em Mateus, que estava “deitado numa cama” (Mt 9,2); mas não é assim, como se vê por vários motivos. Primeiro, porque ele pedia pessoas que o ajudassem; aquele outro tinha muitos que o amparavam e carregavam, este não tinha ninguém, daí ele dizer “não tenho ninguém”. Segundo, pelo modo de responder; o outro não disse palavra alguma, este contou todo seu caso. Terceiro, pelo tempo e ocasião; este homem foi curado numa festa, e no sábado, o outro num dia diferente. Também os lugares são distintos; um foi curado em casa, o outro junto à piscina. O modo da cura também difere; naquele caso, Cristo disse: “Os teus pecados te são perdoados,” aqui ele fortaleceu primeiro o corpo e depois cuidou da alma. Naquele houve remissão dos pecados, (pois disse: “Os teus pecados te são perdoados”) aqui advertência e ameaças para fortalecer o homem no futuro: “Não peques mais, para que não te suceda coisa pior.” (vers. 14.) As acusações dos judeus também são diferentes; aqui eles censuram Jesus por agir no sábado, lá por blasfêmia.

Considerai agora, vos peço, a imensa sabedoria de Deus. Ele não levantou o homem imediatamente, mas primeiro o fez familiar, interrogando-o para preparar o caminho à fé que viria; e não só o levantou, mas mandou que ele “tomasse o seu leito”, para confirmar o milagre realizado, para que ninguém

pensasse que o feito era ilusão ou encenação. Pois ele não poderia carregar o leito, se seus membros não estivessem firmes e bem consolidados. E isso Cristo faz muitas vezes, silenciando eficazmente os que querem ser insolentes. Assim, no caso dos pães, para que ninguém dissesse que os homens tinham apenas ficado satisfeitos e que o feito era ilusão, Ele fez com que sobrassem muitos pedaços dos pães. Ao leproso purificado disse: "Vai mostrar-te ao sacerdote" (Mt 8,4), provando com isso de modo seguro a limpeza e calando as bocas dos que acusavam-no de legislar contra Deus. Assim também no caso do vinho; Ele não apenas mostrou o vinho, mas mandou levá-lo ao governador da festa, para que alguém que nada soubesse do ocorrido desse testemunho imparcial; por isso o Evangelista diz que o mestre da festa "não sabia de onde era", mostrando a imparcialidade do testemunho. E em outro lugar, quando ressuscitou um morto, disse: "Dai-lhe de comer" — dando prova da ressurreição verdadeira e, assim, convencendo até os tolos de que Ele não era enganador, nem manipulador de ilusões, mas que veio para a salvação da natureza comum da humanidade.

[2.] Mas por que Jesus não exigiu fé deste homem, como fez com outros, perguntando: "Crês tu que posso fazer isto?" Foi porque o homem ainda não sabia claramente quem Ele era; e não é antes, mas depois da realização dos milagres que Ele se revela assim. Pois aos que tinham visto o poder Dele agir em outros, cabia que isso lhes fosse dito, enquanto aos que ainda não sabiam quem Ele era, mas que o conheceriam depois por sinais, a fé é requerida após os milagres. Por isso Mateus não apresenta Cristo dizendo isso no começo de seus milagres, mas apenas quando já tinha curado muitos, e só aos dois cegos.

Observa porém a fé do paralítico. Quando ouviu: "Toma o teu leito e anda," não zombou, nem disse: "Que quer isto dizer? Desce um Anjo e agita a água, curando apenas um; e tu, homem, por uma simples palavra e ordem esperas poder fazer coisa maior que Anjos? Isso é vaidade, vanglória, zombaria." Ele nem disse nem pensou coisa parecida, mas logo ouviu, levantou-se e, tornando-se são, não foi desobediente a quem lhe deu a ordem; pois imediatamente foi curado, "tomou o seu leito e andou." O que veio depois foi ainda mais admirável. Que ele tenha crido à primeira, quando ninguém o

importunava, não é tão maravilhoso; mas que depois, quando os judeus, cheios de fúria, o pressionavam por todos os lados, acusando-o e o cercando, dizendo: “Não te é lícito levar o teu leito,” e ele nada se importou com a loucura deles, mas, com grande ousadia, no meio da assembléia proclamou seu Benefactor e calou suas bocas desavergonhadas, isso sim foi um ato de grande coragem. Pois quando os judeus se levantaram contra ele e disseram-lhe com desprezo e insolência:

Vers. 10. “É dia de sábado, não te é lícito levar o teu leito;” ouve o que ele responde:

Vers. 11. “Aquele que me fez são, esse mesmo me disse: Toma o teu leito e anda.”

Querendo dizer: “Sede loucos e insensatos vós que me mandais não tomar por meu Mestre aquele que me libertou de uma enfermidade longa e grave, e não obedecer a tudo o que Ele ordenar.” Se ele quisesse agir com astúcia, poderia ter dito outra coisa, como: “Não faço isso por minha vontade, mas por ordem de outro; se houver culpa, culpa quem mandou, e eu pousarei o leito.” E poderia ter ocultado a cura, pois bem sabia que eles estavam mais incomodados não pelo descanso quebrado no sábado, mas pela cura da sua enfermidade. Contudo, ele nem escondeu nem disse isso, nem pediu perdão, mas com voz alta confessou e proclamou o benefício. Assim procedeu o paralítico; mas considerai como agiram injustamente. Pois não perguntaram: “Quem é aquele que te curou?” nisso ficaram em silêncio, mas só insistiam na aparente transgressão.

Vers. 12, 13. “Quem é o homem que te disse: Toma o teu leito e anda? E o que fora curado não sabia quem era, pois Jesus se retirara, por haver muita gente naquele lugar.”

E por que Jesus se ocultou? Primeiro, para que, enquanto Ele estivesse ausente, o testemunho do homem fosse isento de suspeita, pois aquele que agora se sentia são era testemunha confiável do benefício. E depois, para não acender ainda mais a ira dos judeus, pois a simples vista de alguém que eles

invejavam costuma acender grande fogo na alma dos maliciosos. Por isso Ele se retirou e deixou o feito falar por si, para que não falasse pessoalmente sobre si mesmo, mas que o fizessem os curados e também os acusadores. Até estes últimos, por um tempo, testemunharam o milagre, pois não disseram: "Por que mandaste fazer estas coisas no sábado?" mas sim: "Por que fazes estas coisas no sábado?", não por desagrado com a transgressão, mas por inveja da cura do paralítico. Porém, quanto ao trabalho humano, o que fez o paralítico foi algo mais próximo do trabalho, pois o outro foi apenas uma palavra e um dizer. Aqui Ele manda outro quebrar o sábado, mas em outro lugar Ele mesmo o faz, misturando barro e ungindo os olhos de um homem (cap. 9); porém Ele faz isso sem transgredir, mas ultrapassando a Lei. E disso falaremos adiante. Pois Ele não se defende sempre da mesma forma quando os judeus O acusam sobre o sábado, e disso devemos observar atentamente.

[3.] Mas consideremos por um momento quão grande mal é a inveja, como ela cega os olhos da alma e põe em perigo a salvação daquele que dela está possuído. Pois assim como os loucos frequentemente cravam suas espadas contra seus próprios corpos, assim também as pessoas maliciosas, que só pensam numa coisa — causar dano àquele de quem têm inveja — não se importam com sua própria salvação. Homens assim são piores do que feras selvagens; estas, quando estão com fome ou provocadas por nós, armam-se contra nós; mas esses homens, ao receberem bondade, frequentemente retribuem seus benfeitores como se fossem ofendidos por eles. São piores que feras selvagens, como demônios, ou talvez até piores; pois os demônios têm constante inimizade contra nós, mas não conspiram contra os da sua própria natureza (e foi por isso que Jesus calou os judeus quando disseram que Ele expulsava demônios por Belzebu); já esses homens não respeitam sua natureza comum, nem se poupam a si mesmos. Pois antes de perturbarem aqueles de quem têm inveja, perturbam suas próprias almas, enchendo-as de toda sorte de angústias e desespero, inutilmente e em vão. Por que te entristeces, ó homem, pela prosperidade do teu próximo? Devemos nos entristecer pelos males que sofremos, não porque vemos outros em boa fama. Por isso este pecado está desprovido de qualquer desculpa. O adúltero pode alegar sua luxúria, o ladrão sua pobreza, o homicida sua paixão — desculpas frágeis e irrazoáveis, mas ainda assim possuem alguma alegação.

Mas qual razão, diga-me, podes apresentar? Nenhuma outra senão a maldade intensa. Se somos mandados amar nossos inimigos, que punição sofreremos se odiarmos até mesmo nossos amigos? E se aquele que ama somente os que o amam está em nada melhor que os pagãos, que desculpa ou atenuante terá aquele que prejudica os que não lhe fizeram mal algum? Ouve Paulo, o que diz: "Ainda que eu distribua todos os meus bens para alimentar os pobres, e ainda que entregue o meu corpo para ser queimado, se não tiver amor, nada disso me aproveita" (1 Cor. 13,3). Está claro para todos que onde há inveja e malícia, ali não há caridade. Este sentimento é pior que fornicação e adultério, pois estes atingem somente quem os pratica, mas a tirania da inveja já derrubou Igrejas inteiras e destruiu o mundo todo. A inveja é mãe do assassinato. Por ela Caim matou Abel, por ela Esaú quis matar Jacó e seus irmãos, por ela o diabo domina toda a humanidade. Tu agora não matas, mas fazes coisas muito piores que o assassinato, desejando que teu irmão aja mal, armando-lhe ciladas por todos os lados, paralisando seus esforços pela virtude, entristecendo-te porque ele agrada ao Senhor do mundo. Contudo, não combates com teu irmão, mas com Aquele a quem ele serve; a Ele insultas, preferindo tua glória à d'Ele. E o que é, em verdade, pior de tudo, é que este pecado parece ser insignificante, enquanto na realidade é mais grave que qualquer outro; pois embora mostres misericórdia, vigies e jejues, serás mais maldito que todos se invejares teu irmão. Isso também fica claro por esta circunstância: um homem dos coríntios cometeu adultério, mas foi acusado e logo restabelecido na justiça; Caim invejou Abel, mas não foi curado, e embora Deus continuamente amenizasse sua ferida, ele ficou mais atormentado e agitado, e acabou levado ao assassinato. Assim essa paixão é pior que aquela, e não se deixa curar facilmente, a menos que a tratemos com cuidado. Rasguemos, pois, essa raiz pela raiz, considerando que, assim como ofendemos a Deus quando nos consumimos de inveja pelas bênçãos dos outros, também lhe agradamos quando nos alegramos com eles, tornando-nos participantes das boas coisas reservadas para os justos. Por isso Paulo nos exorta a "Alegrai-vos com os que se alegram, e chorai com os que choram" (Rom. 12,15), para que de ambos os lados possamos colher grande proveito.

Considerando, pois, que mesmo quando não trabalhamos, ao nos alegrarmos com quem trabalha nos tornamos partícipes da sua coroa, deixemos de lado toda inveja e implantemos a caridade em nossas almas, para que, aplaudindo os irmãos que são agradáveis a Deus, obtenhamos bens presentes e futuros, pela graça e misericórdia de nosso Senhor Jesus Cristo, por quem e com quem, ao Pai e ao Espírito Santo, seja glória agora e sempre, pelos séculos dos séculos. Amém.

Sermão XXXVIII
João 5,14 — "Depois Jesus o encontrou no templo e lhe disse: Eis que estás são; não peques mais, para que não te suceda coisa pior."

[1.] O pecado é coisa temível, terrível, causa da ruína da alma, e o mal que provoca muitas vezes transborda e atinge também o corpo dos homens. Pois, em geral, quando a alma está doente, não sentimos dor, mas se o corpo sofre mesmo um pequeno dano, fazemos todo esforço para livrá-lo da enfermidade, porque percebemos a fraqueza corporal; por isso Deus muitas vezes castiga o corpo pelas transgressões da alma, para que, por meio da disciplina da parte inferior, também a parte superior seja curada. Assim também entre os coríntios Paulo restaurou o adúltero, combatendo a doença da alma com a punição do corpo, e aplicando o castigo físico para reprimir o mal (1 Cor. 5,5); como um excelente médico que usa o cautério externo para tratar hidropisia ou problema no baço, quando os remédios internos não funcionam. Cristo também procedeu assim no caso do paralítico; o que Ele mostrou ao dizer: "Eis que estás são; não peques mais, para que não te suceda coisa pior."

O que aprendemos com isso? Primeiro, que a doença daquele homem tinha sido causada pelos seus pecados; segundo, que devemos crer nos relatos do fogo do inferno; terceiro, que o castigo é longo, ou melhor, eterno. Onde estão agora aqueles que dizem: "Eu matei num instante, cometi adultério num momento, e serei castigado eternamente?" Pois veja: aquele homem não pecou por tantos anos quanto durou seu sofrimento, pois passou uma vida inteira no castigo; e os pecados não são julgados pelo tempo, mas pela gravidade das transgressões. Além disso, podemos observar outra coisa: que,

mesmo sofrendo severamente pelos pecados passados, se depois caímos nos mesmos, sofreremos castigos ainda mais severos. E com razão; pois aquele que não melhora mesmo com o castigo, é depois levado, insensível e desprezador, a castigos ainda mais amargos. O erro por si só já deveria ser suficiente para conter e tornar mais prudente aquele que já escorregou uma vez, mas se nem mesmo o castigo o corrige, ele naturalmente precisa de tormentos mais duros. Agora, se até neste mundo, quando depois de castigo voltamos a pecar, somos castigados mais severamente do que antes, não deveríamos estar muitíssimo temerosos e tremer, se depois de pecar não fomos punidos ainda, pois estamos prestes a sofrer algo irreparável? "E por que," dirá alguém, "nem todos são assim castigados? Vemos muitos homens maus com boa saúde, vigorosos e prosperando." Mas não sejamos confiantes, antes, por isso, mais devemos chorar por eles, pois o fato de não terem sofrido nada aqui, os encaminha a uma vingança muito mais severa na outra vida. Como Paulo declara: "Mas somos disciplinados pelo Senhor, para que não sejamos condenados com o mundo" (1 Cor. 11,32); pois os castigos aqui são para aviso, ali para vingança.

"Então," diz alguém, "todas as doenças vêm do pecado?" Nem todas, mas a maioria; e algumas vêm de outros modos de vida desregrada, pois a gula, a embriaguez e a preguiça produzem sofrimentos semelhantes. Mas a regra que devemos observar é aceitar toda chaga com gratidão; pois elas são enviadas por causa dos nossos pecados, como vemos no rei atacado por gota (1 Reis 15,23); também são enviadas para nos provar, como o Senhor disse a Jó: "Pensaste que eu te falasse sem causa, ou que te fizeste justo diante de mim?" (Jó 40,8 LXX).

Mas por que Cristo, no caso destes paralíticos, fala dos pecados deles? Pois Ele disse também ao paralítico em Mateus que estava na cama: "Filho, tem bom ânimo, teus pecados te são perdoados" (Mt 9,2); e a este homem, "Eis que estás são, não peques mais." Sei que alguns difamam este paralítico, afirmando que ele era acusador de Cristo, e que por isso essa palavra lhe foi dirigida; mas o que diremos do outro em Mateus, que ouviu palavras quase idênticas? Pois Cristo também disse a ele: "Teus pecados te são perdoados." Está claro que nenhum deles foi tratado assim por causa do que alegam. Isso

fica mais claro no que segue; pois diz o Evangelista: “Depois Jesus o encontrou no templo,” o que indica sua grande piedade; pois ele não foi aos mercados e passeios, nem se entregou ao luxo e ao descanso, mas permaneceu no templo, ainda que estivesse prestes a sofrer grave ataque e ser perseguido por todos lá. Nenhuma dessas coisas o fez afastar-se do templo. Além disso, Cristo, ao encontrá-lo, mesmo depois de conversar com os judeus, não o repreendeu. Pois se tivesse desejado acusá-lo, teria dito: “Porventura tentas outra vez os mesmos pecados de antes? Não foste melhorado pela cura?” Mas Ele nada disse disso, apenas o preveniu para o futuro.

[2.] Por que então, quando curou os aleijados e mutilados, Ele não fez menção de algo semelhante? Parece-me que as doenças desses (os paralíticos) surgiram por atos de pecado, enquanto as dos outros provêm de enfermidades naturais. Ou, se não for assim, então, por meio desses homens e das palavras dirigidas a eles, Ele falou também para os demais. Pois, como essa doença é mais grave do que qualquer outra, pelo maior Ele corrige também o menor. E assim como, quando curou outro homem, ordenou que desse glória a Deus, dirigindo essa exortação não só a ele, mas através dele a todos, assim Ele se dirige a esses, e por meio deles a toda a humanidade, com aquela exortação e conselho dados a eles oralmente. Além disso, podemos dizer que Jesus percebeu grande resistência em sua alma e dirigiu-lhe a exortação como a alguém capaz de receber Sua ordem, preservando-o na saúde tanto pelo benefício quanto pelo temor dos males futuros.

E observe a ausência de vanglória. Ele não disse: "Eis que eu te curei", mas sim: "Tu estás curado; não peques mais." E, novamente, não disse: "para que eu te castigue", mas sim: "para que não te aconteça coisa pior"; colocando ambas as expressões de modo impessoal, mostrando que a cura foi mais por graça do que por mérito. Pois Ele não declarou a ele que fora libertado depois de sofrer a punição merecida, mas que, por misericórdia, fora curado. Se não fosse assim, Ele teria dito: "Eis que já sofrestes a punição suficiente por teus pecados, sê firme daqui em diante." Mas agora Ele não falou assim, mas como? "Eis que estás curado; não peques mais." Repitamos constantemente estas palavras para nós mesmos, e se depois de termos sido castigados fomos

libertados, que cada um diga a si mesmo: "Eis que estás curado; não peques mais." Mas, se continuarmos no mesmo caminho sem sofrer castigo, usemos como encantamento a palavra do Apóstolo: "A bondade de Deus nos leva ao arrependimento; mas, pela dureza e coração impenitente, acumulamos para nós mesmos ira." (Rom. 2,4-5)

E não só fortalecendo o corpo do doente, mas também de outra forma, Ele lhe deu forte prova de Sua Divindade; pois ao dizer "Não peques mais", Ele mostrou que conhecia todas as transgressões que ele havia cometido antes; e assim ganhou a sua fé para o futuro.

Verso 15. "E o homem foi, e disse aos judeus que era Jesus quem o havia curado."

Observe novamente que ele continua com o mesmo sentimento correto. Ele não diz: "Este é aquele que me disse, levanta-te e anda," mas quando os judeus continuamente insistem nessa acusação aparente, ele repete a defesa, sempre declarando seu curador e procurando atrair e vincular outros a Ele. Pois ele não era tão insensível para, depois de tal benefício e advertência, trair seu Benefactor e falar com má intenção. Se fosse uma besta selvagem, uma coisa sem alma ou uma pedra, o benefício e o temor seriam suficientes para contê-lo, pois, tendo a ameaça interiorizada, ele temeria sofrer "algo pior", tendo já recebido as maiores garantias do poder do seu Médico. Além disso, se quisesse difamá-Lo, não mencionaria sua cura, mas usaria contra Ele a transgressão do sábado. Mas isso não acontece, certamente não; as palavras são de grande coragem e sinceridade; ele proclama seu Benefactor tanto quanto o cego fez. Pois o que disse este? "Fez barro, ungiu meus olhos" (cap. 9,6); e assim este homem de quem falamos agora, disse: "Foi Jesus quem me curou."

Verso 16. "Por isso os judeus perseguiram Jesus e procuraram matá-Lo, porque fazia essas coisas no sábado."

E o que Cristo responde?

Verso 17. "Meu Pai trabalha até agora, e eu trabalho."

Quando era preciso justificar os discípulos, Ele citou Davi, seu companheiro, dizendo: "Não lestes o que Davi fez quando teve fome?" (Mateus 12,2). Mas quando era para justificar a Si mesmo, Ele se voltou para o Pai, mostrando de duas maneiras Sua Igualdade: chamando Deus especialmente de Pai, e fazendo as mesmas obras que Ele fazia. "E por que não mencionou o que aconteceu em Jericó?" Porque Ele quis elevá-los da terra, para que não mais O considerassem um homem, mas Deus, e alguém que deve legislar; pois se não fosse o Próprio Filho e da mesma Essência, essa defesa seria pior do que a acusação. Pois se um vice-rei que mudasse uma lei real, ao ser acusado, se desculpasse dizendo: "Sim, porque o rei também anulou leis", não escaparia da acusação, mas apenas a agravaria. Mas aqui, como a dignidade é igual, a defesa é perfeita e segura. "Das acusações das quais absolveis Deus, absolvei também a mim." Por isso Ele disse primeiro: "Meu Pai," para persuadi-los, mesmo contra a vontade deles, a lhe conceder o mesmo, pela reverência à Sua clara filiação.

Se alguém disser: "E como trabalha o Pai, que cessou toda obra no sétimo dia?" que aprenda qual é o modo como Ele "trabalha". Qual é, então, a maneira de Seu trabalho? Ele cuida, Ele sustenta tudo o que foi criado. Portanto, quando vês o sol nascer e a lua correr em seu caminho, os lagos, as fontes, os rios, a chuva, o curso da natureza nas sementes, em nossos corpos e nos dos animais irracionais, e tudo mais que compõe este universo, aprende aí o trabalho incessante do Pai. "Porque Ele faz o sol nascer sobre maus e bons, e enviar chuva sobre justos e injustos." (Mateus 5,45). E novamente: "Se Deus assim veste a erva do campo, que hoje existe e amanhã é lançada ao fogo" (Mateus 6,30); e falando dos pássaros disse: "Vosso Pai celestial os alimenta."

[3.] Naquele lugar, então, Ele fez tudo no dia de sábado somente com palavras, e nada mais acrescentou, mas refutou as acusações deles pelo que foi feito no Templo e pela própria prática deles. Mas aqui, onde Ele ordenou que se fizesse uma obra, o levantar de uma cama (coisa de pouca importância quanto ao milagre, embora por isso mostrasse um ponto, uma violação manifesta do sábado), Ele conduz seu discurso a algo maior, desejando mais

amedrontá-los pela referência à dignidade do Pai, e conduzi-los a um pensamento mais elevado. Portanto, quando Seu discurso é sobre o sábado, Ele não se defende somente como homem, nem somente como Deus, mas às vezes de uma forma, às vezes de outra; porque desejava persuadi-los tanto da condescendência da Dispensa quanto da Dignidade de Sua Divindade. Por isso, agora Ele se defende como Deus, pois se Ele sempre tivesse falado com eles meramente como homem, eles continuariam na mesma condição baixa. Por isso, para que isso não acontecesse, Ele apresenta o Pai. Contudo, a criação mesma "trabalha" no sábado (pois o sol corre, os rios correm, as fontes borbulham, as mulheres dão à luz); mas para que aprendas que Ele não é da criação, Ele não disse: "Sim, Eu trabalho, porque a criação trabalha", mas, "Sim, Eu trabalho, porque Meu Pai trabalha."

Verso 18. "Por isso os judeus quiseram ainda mais matá-lo, porque não só quebrara o sábado, mas também disse que Deus era Seu Pai, fazendo-se igual a Deus."

E isso Ele não afirmou somente com palavras, mas também com ações; pois não somente com palavras, mas muitas vezes com atos declarou isso. Por quê? Porque poderiam objetar às Suas palavras e acusá-lo de arrogância, mas quando viram a verdade de Suas ações comprovadas pelos resultados, e Seu poder proclamado pelas obras, depois disso nada podiam dizer contra Ele.

Mas aqueles que não recebem estas palavras com entendimento correto afirmam que "Cristo não se fez igual a Deus, mas que os judeus suspeitaram disso." Pois bem, vamos rever o que foi dito desde o começo. Dize-me, os judeus o perseguiram, ou não? Está claro para todos que sim. Perseguiram-no por isso, ou por outra coisa? Está novamente claro que foi por isso. Ele então quebrou o sábado, ou não? Contra o fato de que o fez, ninguém pode dizer algo. Ele chamou Deus de Seu Pai, ou não? Isso também é verdade. Então o resto também segue pela mesma consequência; pois chamar Deus de Pai, quebrar o sábado, e ser perseguido pelos judeus pela primeira e especialmente pela segunda razão, não foi uma falsa imaginação, mas um fato real; assim, fazer-se igual a Deus foi uma declaração de mesmo significado.

E isso pode ser visto mais claramente pelo que Ele disse antes, pois "Meu Pai trabalha, e Eu trabalho" é a expressão de Quem se declara igual a Deus. Pois nessas palavras Ele não marca diferença. Ele não disse, "Ele trabalha, e Eu ministro," mas "Como Ele trabalha, assim trabalho Eu"; e declarou igualdade absoluta. Mas se Ele não quisesse estabelecer isso, e os judeus tivessem suposto sem razão, Ele não teria permitido que suas mentes fossem enganadas, mas teria corrigido isso. Além disso, o Evangelista não teria silenciado sobre o assunto, mas teria dito claramente que os judeus supunham isso, mas que Jesus não se fez igual a Deus. Como em outro lugar ele faz exatamente isso, quando percebe que algo foi dito de um jeito e entendido de outro; como, "Destruí este templo," disse Cristo, "e em três dias o levantarei" (cap. 2, v. 19), falando de Seu Corpo. Mas os judeus, não entendendo isso, e supondo que as palavras eram do templo judaico, disseram: "Quarenta e seis anos foi este templo em construção, e tu o levantarás em três dias?" Pois, Ele disse uma coisa, e eles imaginaram outra (pois falava do Seu Corpo, e eles pensaram que falava do templo deles); o Evangelista, notando isso, ou antes corrigindo essa imaginação, continua dizendo, "Mas Ele falava do templo do Seu corpo." Assim, aqui também, se Cristo não tivesse se feito igual a Deus, não tivesse desejado estabelecer isso, e ainda assim os judeus tivessem imaginado que o fez, o escritor também teria corrigido essa suposição e teria dito: "Os judeus pensaram que Ele se fez igual a Deus, mas Ele de fato não falou de igualdade." E isso não acontece só aqui, nem só por este Evangelista, mas também em outro lugar outro Evangelista faz o mesmo. Pois quando Cristo advertiu seus discípulos dizendo: "Guardai-vos do fermento dos fariseus e dos saduceus" (Mateus 16:6), e eles raciocinavam entre si dizendo, "É porque não trouxemos pão," e Ele falava de uma coisa, chamando a doutrina deles de "fermento", mas os discípulos imaginavam outra, supondo que as palavras eram sobre pão; não é o Evangelista quem os corrige, mas o próprio Cristo, falando assim: "Por que não entendeis que não falei convosco a respeito do pão?" Mas aqui não há nada disso.

"Mas," diz alguém, "para afastar este pensamento Cristo acrescentou,

Verso 19. 'O Filho nada pode fazer de si mesmo.'"

Homem! Ele faz justamente o contrário. Ele diz isso não para retirar, mas para confirmar Sua igualdade. Mas presta atenção, pois esta não é uma questão comum. A expressão "de si mesmo" é encontrada em muitos lugares das Escrituras, referindo-se tanto a Cristo quanto ao Espírito Santo, e devemos aprender o significado da expressão para não cairmos nos maiores erros; pois, se a tomarmos separadamente do modo óbvio, considere quão grande absurdo resultaria. Ele não disse que podia fazer algumas coisas de si mesmo e outras não, mas universalmente.

[4.] "O Filho nada pode fazer de si mesmo." Pergunto então ao meu adversário: "Pode o Filho nada fazer de si mesmo, diga-me?" Se ele responder, "que Ele nada pode fazer," diremos que Ele fez por si mesmo o maior de todos os bens. Como Paulo clama, dizendo: "O qual, subsistindo em forma de Deus, não considerou o ser igual a Deus algo a que se devia apegar, mas esvaziou-se a si mesmo, tomando a forma de servo." (Filipenses 2, 6-7.) E novamente, o próprio Cristo em outro lugar diz: "Tenho poder para derramar a minha vida, e tenho poder para tomá-la de novo"; e, "Ninguém a tira de mim, mas eu a derramo de mim mesmo." (João 10, 18.) Vês que Ele tem poder sobre a vida e a morte, e que Ele realizou por si mesmo uma dispensa tão grandiosa? E por que falo de Cristo, se mesmo nós, que nada podemos ser mais humildes, fazemos muitas coisas por nós mesmos? Por nós mesmos escolhemos o vício, por nós mesmos buscamos a virtude, e se não o fizermos por nós mesmos, e sem ter poder, não sofreremos o inferno se fizermos o mal, nem gozaremos do Reino se fizermos o bem.

O que então significa, "não pode fazer nada de si mesmo"? Que Ele não pode fazer nada em oposição ao Pai, nada alheio, nada estranho a Ele, o que é especialmente a afirmação daquele que declara uma igualdade e plena concordância.

Mas por que Ele não disse, "não faz nada contra," em vez de "não pode fazer"? Foi para que, a partir disso, pudesse mostrar a invariabilidade e a exatidão da igualdade, pois a expressão não lhe atribui fraqueza, mas até mesmo revela

seu grande poder; já que em outro lugar Paulo diz do Pai: "Por duas coisas imutáveis, nas quais é impossível que Deus minta" (Hebreus 6, 18); e ainda: "Se nós negarmos, Ele permanece fiel, pois não pode negar a si mesmo." (2 Timóteo 2, 12-13.) E, na verdade, essa expressão, "impossível," não declara fraqueza, mas poder, poder indescritível. Pois o que Ele diz é desse tipo: que "essa essência não admite tais coisas." Pois assim como quando também dizemos, "é impossível a Deus fazer o mal," não lhe atribuímos fraqueza, mas confessamos nele um poder inefável; assim quando Ele também diz, "não posso fazer nada de mim mesmo" (v. 30), seu sentido é que "é impossível, a natureza não admite, que eu faça algo contrário ao Pai." E para que entendas que é isso que realmente está dito, vejamos, passando pelo que segue, se Cristo concorda com o que dissemos ou com o que dizes. Tu dizes que a expressão elimina o Seu poder e Sua própria autoridade, e mostra que Seu poder é fraco; mas eu digo que isso prova Sua igualdade, Sua semelhança inabalável (ao Pai), e o fato de que tudo é feito como se por uma só vontade e poder e força. Perguntemos então ao próprio Cristo e vejamos pelo que Ele diz a seguir se interpreta essas palavras conforme tua suposição ou conforme a nossa. O que Ele diz então?

"Porque tudo o que o Pai faz, também o Filho o faz igualmente."

Vês como Ele derrubou tua afirmação pela raiz e confirmou o que dissemos? Pois, se Cristo não faz nada de si mesmo, tampouco o Pai fará alguma coisa de si mesmo, já que Cristo faz todas as coisas da mesma maneira que Ele. Se não for assim, outra conclusão estranha virá. Pois Ele não disse, "tudo o que viu o Pai fazer, Ele fez," mas "a não ser que veja o Pai fazendo algo, não o faz," estendendo suas palavras a todo o tempo; agora Ele, segundo você, estaria continuamente aprendendo as mesmas coisas. Vês quão elevada é a ideia, e que a humildade da expressão obriga até os mais desavergonhados e relutantes a evitarem pensamentos mesquinhos, inadequados à Sua dignidade? Pois quem seria tão miserável e infeliz a ponto de afirmar que o Filho aprende dia após dia o que deve fazer? E como pode ser verdade que "Tu és o mesmo, e os teus anos jamais acabarão" (Salmo 102, 27), ou aquele outro, "Todas as coisas foram feitas por Ele, e sem Ele nada foi feito" (João 1, 3); se o Pai faz certas coisas, e o Filho as vê e imita? Vês que do que foi

afirmado acima e do que foi dito depois se prova o Seu poder independente? E se Ele apresenta algumas expressões de maneira humilde, não te espantes, pois já que o perseguiram quando ouviram suas afirmações elevadas e o consideraram inimigo de Deus, descendo um pouco só na expressão, Ele volta seu discurso para doutrinas mais sublimes, depois para as inferiores, variando seu ensino para que fosse mais fácil a aceitação até mesmo dos indispostos. Observa, depois de dizer, "Meu Pai trabalha, e Eu trabalho"; e depois de se declarar igual a Deus, Ele acrescenta: "O Filho nada pode fazer de si mesmo, senão o que vê o Pai fazer." Depois, em tom mais elevado, "Tudo o que o Pai faz, o Filho também faz igualmente." Depois, em tom mais baixo,

Verso 20: "O Pai ama o Filho e mostra a Ele todas as coisas que faz; e Ele mostrará coisas maiores do que estas."

Vês quão grande é essa humildade? E com razão; pois aquilo que disse antes, o que não cessarei de dizer, repito agora, que quando Ele profere algo humilde ou modesto, Ele exagera na modéstia, para que a pobreza da expressão persuada até os indispostos a receberem a mensagem com entendimento piedoso. Pois se não for assim, veja quão absurda é a afirmação, a partir das próprias palavras. Pois quando diz: "E mostrará coisas maiores do que estas," será que Ele ainda não aprendeu muitas coisas, o que nem mesmo pode ser dito dos Apóstolos? Pois eles, quando receberam a graça do Espírito, num instante souberam e puderam fazer todas as coisas que precisavam saber e fazer, enquanto Cristo ainda seria encontrado como não tendo aprendido muitas coisas que precisaria saber. E que pode ser mais absurdo que isso?

Qual então é o Seu significado? Foi porque Ele fortaleceu o paralítico e estava para ressuscitar os mortos que falou assim, quase dizendo, "Maravilhai-vos por eu ter fortalecido o paralítico? Vereis coisas maiores do que estas." Mas Ele não falou assim, e sim seguiu em tom mais humilde, para acalmar a loucura deles. E para que entendas que "mostrar" não é usado de modo absoluto, ouve o que segue.

Verso 21: "Pois assim como o Pai ressuscita os mortos e lhes dá vida, assim também o Filho dá vida a quem Ele quer."

Mas "nada pode fazer de si mesmo" contrasta com "a quem Ele quer": pois se Ele dá vida "a quem Ele quer," Ele pode fazer algo "por si mesmo," (pois querer implica poder,) mas se "não pode fazer nada de si mesmo," então não pode "dar vida a quem Ele quer." Pois a expressão, "como o Pai ressuscita," mostra semelhança inabalável no poder, e "a quem Ele quer," igualdade de autoridade. Vês portanto que "não pode fazer nada de si mesmo" é expressão daquele que não anula sua autoridade, mas declara a semelhança inalterável de seu poder e vontade (à do Pai)? Neste sentido também compreende as palavras, "mostrar a Ele"; pois em outro lugar Ele diz: "Eu o ressuscitarei no último dia." (João 6, 40.) E novamente, para mostrar que não o faz recebendo poder de fora, Ele diz: "Eu sou a ressurreição e a vida." (João 11, 25.) Para que não digas que Ele ressuscita os mortos que quer e dá vida a eles, mas que não faz outras coisas desse modo, Ele antecipa e previne toda objeção dizendo, "Tudo o que Ele faz, o Filho o faz igualmente," assim declarando que Ele faz tudo que o Pai faz, e da mesma maneira que o Pai o faz; seja falar da ressurreição dos mortos, seja da formação dos corpos, do perdão dos pecados, ou de qualquer outra coisa, Ele age como aquele que o gerou.

[5.] Mas os homens descuidados com a sua salvação não prestam atenção a nenhuma dessas coisas; tão grande mal é estar apaixonado pela precedência. Esta tem sido a mãe das heresias, esta confirmou a impiedade dos pagãos. Pois Deus desejou que as suas coisas invisíveis fossem compreendidas pela criação deste mundo (Rom. 1:20), mas eles, deixando de lado essas coisas e recusando-se a vir por esse modo de ensino, escolheram outro caminho para si mesmos, e assim foram afastados da verdade. E os judeus não creram porque buscavam honra uns dos outros, e não buscavam a honra que vem de Deus. Mas nós, amados, evitemos essa doença com todo o zelo; pois, ainda que tenhamos dez mil qualidades boas, esta praga da vaidade é suficiente para aniquilá-las todas (cap. 5, v. 44). Portanto, se desejamos louvor, busquemos o louvor que vem de Deus, pois o louvor dos homens, seja de que tipo for, assim que aparece já se acaba, ou, se não acabar, não nos traz nenhum proveito, e muitas vezes procede de um juízo corrompido. E que há

de admirar na honra que vem dos homens? Que desfrutam jovens dançarinos, mulheres desregradas, homens avarentos e rapaces? Mas aquele que é aprovado por Deus não é aprovado por estes, mas por aqueles homens santos, os Profetas e Apóstolos, que manifestaram uma vida angelical. Se sentimos algum desejo de conduzir multidões conosco ou de ser observados por elas, consideremos isso à parte, e veremos que é coisa totalmente sem valor. Enfim, se és afeito às multidões, atrai para ti o exército dos anjos, e torna-te temível aos demônios; então nada te importará das coisas mortais, e pisarás tudo o que é esplêndido como lama e barro; e verás claramente que nada envergonha tanto a alma quanto a paixão pela glória; pois não pode, não pode ser que o homem que deseja isso viva a vida crucificada, assim como não é possível que aquele que pisou isso sob seus pés não vença a maioria das outras paixões; pois aquele que domina esta vencerá a inveja e a avareza, e todas as graves doenças. "E como," diz alguém, "venceremos isso?" Se olharmos para a outra glória, que vem do céu, e da qual este tipo (de glória) procura nos expulsar. Pois essa glória celestial tanto nos faz honrados aqui, quanto passa conosco para a vida que há de vir, e nos livra de toda a escravidão carnal que agora servimos miseravelmente, entregando-nos inteiramente à terra e às coisas da terra. Pois se fores ao fórum, se entrares numa casa, nas ruas, nos quartéis dos soldados, nas hospedarias, tabernas, navios, ilhas, palácios, tribunais, câmaras de conselho, encontrarás em todo lugar a ansiedade pelas coisas presentes e pertencentes a esta vida, e cada homem trabalhando por essas coisas, quer partindo ou chegando, viajando ou ficando em casa, navegando, cultivando terras, nos campos, nas cidades, em suma, todos. Que esperança, então, de salvação temos, quando habitando a terra de Deus não nos importamos com as coisas de Deus, quando chamados a ser estrangeiros das coisas terrestres somos estrangeiros do céu e cidadãos da terra? Que pode ser pior que essa insensibilidade, quando ouvimos todos os dias do Juízo e do Reino, e imitamos os homens dos dias de Noé e os de Sodoma, esperando aprender tudo pela experiência prática? Contudo, para este propósito todas essas coisas foram escritas, para que, se alguém não crer no que há de vir, possa, do que já aconteceu, obter prova certa do que será. Considerando, portanto, essas coisas, tanto o passado quanto o futuro, ao menos tomemos um pouco de fôlego desta dura escravidão, e façamos alguma conta também de nossas almas, para que

possamos obter bênçãos presentes e futuras; pela graça e misericórdia de nosso Senhor Jesus Cristo, a quem, com o Pai e o Espírito Santo, seja glória agora e sempre, pelos séculos dos séculos. Amém.

Sermão XXXIX
João 5,23-24 — "Porque o Pai a ninguém julga, mas entregou todo o julgamento ao Filho; para que todos honrem o Filho, como honram o Pai."

[1.] Amados, precisamos de grande diligência em todas as coisas, pois prestaremos contas e seremos rigorosamente examinados tanto por palavras quanto por obras. Nossos interesses não param no que agora é, mas uma certa outra condição de vida nos espera depois desta, e seremos trazidos perante um tribunal temível. "Pois todos devemos comparecer perante o tribunal de Cristo, para que cada um receba segundo o que fez, seja bom ou mau, estando no corpo." (2 Cor 5,10.) Tenhamos sempre presente esse tribunal, para que possamos assim estar em virtude continuamente; pois aquele que expulsa de sua alma o temor desse dia corre, como um cavalo que rompe as rédeas, para os precipícios (pois "seus caminhos são sempre profanados" — Salmo 10,5), e então, justificando o motivo, o salmista acrescenta: "Ele afasta de seus olhos os teus juízos." Portanto, quem conserva sempre esse temor, andará com sobriedade. "Lembra-te dos teus últimos dias, e jamais pecarás." (Eclo 7,40.) Pois Aquele que agora remitiu nossos pecados, então julgará os pecadores; Aquele que morreu por nós aparecerá novamente para julgar toda a humanidade. "Aos que o esperam, Ele aparecerá segunda vez, sem pecado, para salvação." (Hebreus 9,28.) Por isso também aqui Ele diz: "Meu Pai a ninguém julga, mas todo o julgamento deu ao Filho; para que todos honrem o Filho, como honram o Pai."

"Então, diremos," diz alguém, "que Ele é também Pai?" Que isso jamais aconteça. Ele usa a palavra "Filho" para que o honremos permanecendo Filho, assim como honramos o Pai; mas quem O chama de "Pai" não honra o Filho como ao Pai, e confunde tudo. Além disso, como os homens não são movidos tanto pelos benefícios quanto pelo temor da punição, Ele falou assim de modo tão terrível para que o medo os atraia a honrá-Lo. E quando Ele diz "todos", quer dizer que tem poder tanto para punir quanto para honrar, e faz

conforme Sua vontade. A expressão “deu” é usada para que não suponhas que Ele não foi gerado, pensando haver dois Pais. Pois tudo o que o Pai é, o Filho também é: gerado e permanecendo Filho. Para que aprendas que “deu” é o mesmo que “gerou”, ouve isso declarado em outro lugar: “Como o Pai tem vida em Si mesmo, assim deu ao Filho ter vida em Si mesmo.” (João 5,26.) “Então, Ele primeiro gerou e depois deu vida? Pois quem dá, dá a algo que já existe. Foi gerado, então, sem vida?” Nem mesmo os demônios poderiam imaginar isso, pois é uma tolice e impiedade extremas. Assim, “deu vida” é “gerou aquele que é a Vida”; e “deu juízo” é “gerou aquele que será Juiz.”

Para que não imagines que, ao dizer que Ele tem o Pai como causa, há diferença de essência ou inferioridade de honra, Ele vem para julgar, provando assim Sua igualdade. Pois aquele que tem autoridade para punir e honrar a quem quer, tem o mesmo poder do Pai. Se assim não fosse, se tendo sido gerado Ele depois recebeu a honra, como poderia Ele, tendo sido gerado, alcançar essa dignidade? Não vos envergonhais de aplicar àquela Natureza pura, que não admite acréscimos, tais imaginações carnais e mesquinhas?

“Por que então,” diz alguém, “Cristo fala assim?” Para que Suas palavras sejam facilmente aceitas, e para abrir caminho para ensinamentos elevados; por isso Ele mistura essas coisas com outras, e aquelas com estas. E observa como Ele faz isso, pois é bom vê-lo desde o começo. Ele disse: “Meu Pai trabalha, e eu trabalho” (João 5,17), declarando assim Sua igualdade e honra igual. Mas eles “tentaram matá-Lo.” O que Ele faz então? Rebaixa sua linguagem, e diz que “O Filho nada pode fazer por si mesmo.” Depois Ele eleva o discurso, dizendo: “Tudo o que o Pai faz, o Filho também faz igualmente.” Então retorna ao mais humilde: “Porque o Pai ama o Filho e mostra-lhe todas as coisas que Ele mesmo faz; e Ele lhe mostrará coisas maiores que estas.” Depois Ele sobe novamente: “Pois, assim como o Pai ressuscita os mortos e os vivifica, assim o Filho vivifica aqueles que quer.” Depois disso, une o alto e o baixo, dizendo: “Pois nem o Pai julga a ninguém, mas deu todo o julgamento ao Filho;” e então eleva novamente: “Para que todos honrem o Filho como honram o Pai.” Vês como Ele varia o discurso, tecendo palavras e expressões elevadas e humildes, para que fosse aceitável aos homens daquele tempo, e que os que viessem depois não fossem

prejudicados, recebendo dos termos superiores uma correta compreensão dos demais? Pois, se não fosse assim, se essas palavras não fossem proferidas por condescendência, por que termos elevados seriam acrescentados? Porque quem pode dizer coisas grandes sobre si mesmo, ao falar humildemente tem uma razão plausível: o faz por prudência; mas se alguém que deveria falar humildemente diz coisas grandiosas, com que justificativa fala palavras que ultrapassam sua natureza? Isso não tem propósito algum, mas é um ato de impiedade extrema.

[2.] Portanto, podemos atribuir uma razão para as expressões humildes, uma razão suficiente e digna de Deus, a saber: Sua condescendência, Seu ensino para que sejamos moderados, e a salvação que assim é realizada para nós. Para declarar isso, Ele mesmo disse em outro lugar: "Estas coisas vos digo para que sejais salvos." Pois, quando Ele deixou Seu próprio testemunho de lado e recorreu ao de João (algo indigno de Sua grandeza), Ele expôs a razão dessa linguagem humilde, dizendo: "Estas coisas vos digo para que sejais salvos." E vós que afirmais que Ele não tem a mesma autoridade e poder daquele que O gerou, o que podeis dizer ao ouvi-Lo proferir palavras pelas quais declara Sua Autoridade, Poder e Glória iguais aos do Pai? Por isso, se Ele é, como afirmais, muito inferior, reclamará a mesma honra? E nem mesmo para por aí, mas continua dizendo:

"Aquele que não honra o Filho não honra o Pai que O enviou." Vês como a honra do Filho está ligada à do Pai? "E daí?" dirá alguém. "Vemos o mesmo com os Apóstolos; 'Quem vos recebe, a Mim recebe', diz Cristo." (Mateus 10,40.) Mas ali Ele fala assim porque torna os interesses de Seus servos Seus próprios; aqui, porque a Essência e a Glória são Uma (com a do Pai). Por isso, não é dito dos Apóstolos que "eles sejam honrados", mas com razão Ele diz: "Quem não honra o Filho não honra o Pai." Pois onde há dois reis, se um é insultado, o outro também é insultado, especialmente quando quem é insultado é filho. Ele é insultado mesmo quando um de seus soldados é maltratado; não da mesma maneira, mas como se fosse na pessoa de outro, enquanto aqui é como se fosse em si próprio. Por isso Ele já disse antes: "Que honrem o Filho assim como honram o Pai", para que, quando dissesse "Quem não honra o Filho não honra o Pai", possas entender que a honra é a mesma.

Pois Ele não diz simplesmente "quem não honra o Filho", mas "quem não o honra assim como Eu disse, não honra o Pai."

"E como," dirá alguém, "quem envia e quem é enviado podem ser da mesma essência?" De novo, tu baixas o argumento a coisas carnais, e não percebes que tudo isso foi dito para que conheçamos que Ele é a Causa, e não caíamos no erro de Sabélio, e que assim a fraqueza dos judeus fosse curada, para que Ele não fosse considerado inimigo de Deus; pois diziam: "Este homem não é de Deus" (João 9,16), "Este homem não veio de Deus." Agora, para afastar essa suspeita, as palavras humildes contribuíram mais do que as elevadas, e por isso Ele disse continuamente e por toda parte que fora "enviado"; não para que se suponha que essa expressão diminua Sua grandeza, mas para calar-lhes a boca. E por essa razão Ele sempre se refere ao Pai, mencionando também Sua própria origem elevada. Pois, se tivesse falado tudo conforme Sua dignidade, os judeus não teriam aceitado Suas palavras, pois por causa de poucas expressões assim o perseguiram e frequentemente apedrejaram; e se tivesse usado apenas expressões humildes, muitos, depois, poderiam ter sido prejudicados. Por isso Ele mistura e combina Seus ensinamentos, parando, como disse, a boca dos judeus com essas palavras humildes, e também, com expressões condizentes com Sua dignidade, afastando de pessoas sensatas qualquer ideia baixa do que Ele disse, e provando que tal ideia não se aplicava a Ele de modo algum.

A expressão "ter sido enviado" indica mudança de lugar — mas Deus está presente em toda parte. Por que, então, Ele diz que foi "enviado"? Fala de maneira terrena, declarando Sua unanimidade com o Pai. Pelo menos Ele modela Suas palavras seguintes com o propósito de fazer isso.

Verso 24. "Em verdade, em verdade vos digo: quem ouve a Minha palavra e crê naquele que Me enviou tem a vida eterna."

Vês como Ele continuamente repete a mesma coisa para curar essa sensação de suspeita, tanto aqui como no que segue, removendo pelo medo e pela promessa de bênçãos o ciúme deles por Ele, e depois novamente se tornando muito humilde nas palavras? Pois Ele não disse: "quem ouve Minhas palavras

e crê em Mim", porque certamente teriam considerado isso orgulho, e um excesso de palavras; porque, depois de tanto tempo e de milhares de milagres, suspeitavam disso quando Ele falava assim, quanto mais fariam naquela época? Por isso, naquele período posterior, disseram a Ele: "Abraão morreu, e os profetas morreram, como dizes: 'Se alguém guardar Minha palavra, jamais verá a morte'?" (João 8,52.) Para que não se enfurecessem também aqui, veja o que Ele diz: "Quem ouve a Minha palavra e crê naquele que Me enviou tem a vida eterna." Isso teve grande efeito para tornar Seu discurso aceitável, quando entenderam que aqueles que O escutam crêem também no Pai; pois, depois de receberem isso com facilidade, receberiam mais facilmente o resto. Assim, a própria fala humilde contribuiu e preparou o caminho para coisas mais elevadas; porque depois de dizer "tem a vida eterna", Ele acrescenta:

"E não entra em juízo, mas passou da morte para a vida."

Com essas duas coisas Ele torna Seu discurso aceitável: primeiro, porque crêem no Pai; e segundo, porque o crente desfruta de muitas bênçãos. E o "não entra em juízo" significa "não é punido", pois Ele não fala aqui da morte "natural", mas da morte eterna, assim como da outra "vida", que é imortal.

Verso 25. "Em verdade, em verdade vos digo que vem a hora, e já chegou, em que os mortos ouvirão a voz do Filho de Deus; e os que a ouvirem viverão."

Depois dessas palavras, Ele fala também da prova por feitos. Pois, quando disse: "Como o Pai ressuscita os mortos e os vivifica, assim também o Filho vivifica aqueles que quer," para que isso não parecesse vanglória e orgulho, Ele oferece prova pelas obras, dizendo: "Vem a hora," e, para que não pareça que o tempo é longo, acrescenta: "e já chegou, em que os mortos ouvirão a voz do Filho de Deus, e os que ouvirem viverão." Vês aqui Sua autoridade absoluta e indescritível? Pois assim como será na Ressurreição, Ele diz que será "agora." Também quando ouvimos Sua voz nos ordenando, somos ressuscitados; pois, diz o Apóstolo, "pelo comando de Deus os mortos ressuscitarão." "E de onde," alguém poderá perguntar, "sabemos que essas palavras não são mera vanglória?" Pelo que Ele acrescenta, "e já chegou";

porque se Suas promessas se referissem apenas a um tempo futuro, Seu discurso teria sido suspeito para eles, mas agora Ele os ampara com uma prova: "Enquanto Eu estiver entre vós, isto acontecerá"; e não teria prometido isso se não tivesse poder, para não cair em maior ridículo. Então Ele acrescenta um argumento demonstrativo de Suas afirmações, dizendo:

Verso 26. "Pois, assim como o Pai tem a vida em Si mesmo, assim também deu ao Filho para ter a vida em Si mesmo."

[3.] Vês que isto declara uma semelhança perfeita, exceto em um ponto, que é o fato de um ser Pai, e o Outro Filho? Pois a expressão "lhe deu" apenas introduz essa distinção, mas declara que todo o resto é igual e exatamente semelhante. De onde fica claro que o Filho faz todas as coisas com tanta autoridade e poder quanto o Pai, e que Ele não é capacitado por alguma outra fonte, pois Ele "tem vida" assim como o Pai tem. E por isso, o que vem a seguir é imediatamente acrescentado, para que possamos entender também o outro. Qual é este? É,

Verso 27. "E deu-lhe autoridade para também executar o juízo."

E por que Ele continuamente insiste em "ressurreição" e "juízo"? Pois Ele diz: "Assim como o Pai ressuscita os mortos e os vivifica, assim também o Filho vivifica aqueles que quer"; e ainda, "O Pai não julga ninguém, mas todo o juízo deu ao Filho"; e novamente, "Assim como o Pai tem vida em si mesmo, assim também deu ao Filho para ter vida em si mesmo"; e ainda, "Os que ouviram [a voz do Filho de Deus] viverão"; e aqui novamente, "Deu-lhe autoridade para executar o juízo." Por que Ele insiste continuamente nesses temas? Quero dizer, em "juízo", "vida" e "ressurreição"? É porque esses assuntos são os que mais conseguem atrair até o ouvinte obstinado. Pois o homem que está convencido de que ressuscitará e dará contas a Cristo de suas transgressões, mesmo que não tenha visto outro sinal, admitindo isso, certamente correrá para Ele para aplacar seu Juiz.

"Que Ele seja o Filho do Homem (v. 28), não te maravilhes disso."

Paulo de Samosata não interpreta assim; mas como? "Deu-lhe autoridade para executar o juízo, porque Ele é o Filho do Homem." Agora, essa passagem lida assim é incongruente, pois Ele não recebeu o juízo "porque" era homem (já que, se assim fosse, o que impediria todos os homens de serem juízes?), mas porque Ele é Filho daquela Essência Inefável, por isso é Juiz. Portanto, devemos ler: "Que Ele seja o Filho do Homem, não te maravilhes disso." Pois quando o que Ele dizia parecia aos ouvintes inconsistente, e eles O consideravam nada mais que um mero homem, enquanto Suas palavras eram maiores do que convinha a homem algum, ou mesmo a anjo, e eram próprias somente de Deus, para resolver essa objeção Ele acrescenta,

Versos 28, 29. "Não vos maravilheis [de que Ele seja o Filho do Homem], porque está chegando a hora em que aqueles que estão nos túmulos ouvirão Sua voz e sairão, os que fizeram o bem para a ressurreição da vida, e os que fizeram o mal para a ressurreição do juízo."

E por que Ele não disse, "Não vos maravilheis de que Ele seja o Filho do Homem, pois Ele é também o Filho de Deus," mas antes mencionou a "ressurreição"? De fato, Ele havia já dito isso antes, ao afirmar: "Eles ouvirão a voz do Filho de Deus." E se aqui Ele se cala sobre o assunto, não te surpreendas; pois depois de mencionar uma obra que era própria de Deus, Ele permitiu que os ouvintes deduzissem por ela que Ele era Deus, o Filho de Deus. Pois se isso tivesse sido afirmado continuamente por Ele mesmo, na época teria lhes desagradado, mas quando provado pelo argumento dos milagres, tornou Sua doutrina menos pesada. Assim, aqueles que montam silogismos, quando tendo posto as premissas provaram justamente o ponto em questão, frequentemente não tiram a conclusão eles mesmos, mas para tornar os ouvintes mais favoráveis e fazer sua vitória mais evidente, fazem o adversário mesmo dar o veredicto, para que os presentes concordem mais facilmente quando os adversários decidem a seu favor. Quando, portanto, Ele mencionou a ressurreição de Lázaro, não falou do Juízo (pois não foi para isso que Lázaro ressuscitou); mas, quando falou em geral, também acrescentou que "os que fizeram o bem sairão para a ressurreição da vida, e os que fizeram o mal para a ressurreição do juízo." Assim também João conduziu seus ouvintes falando do Juízo, e que "quem não crê no Filho não verá a vida,

mas a ira de Deus permanece sobre ele" (cap. iii. 36): assim também Ele mesmo conduziu Nicodemos: "Quem crê no Filho," disse a ele, "não é julgado; mas quem não crê já está julgado" (cap. iii. 18); e aqui Ele menciona a cadeira do juízo e a punição que se seguirá aos atos maus. Pois porque Ele dissera acima: "Quem ouve minhas palavras e crê naquele que me enviou," "não é julgado," para que ninguém imaginasse que apenas isso bastasse para a salvação, Ele acrescenta também o resultado da vida do homem, declarando que "os que fizeram o bem sairão para a ressurreição da vida, e os que fizeram o mal para a ressurreição do juízo." Uma vez que Ele dissera que todo o mundo deve prestar contas a Ele, e que todos à Sua voz ressuscitarão, coisa nova, estranha e até hoje desacreditada por muitos que parecem crer, para não falar dos judeus daquela época, ouve como Ele prova isso, novamente condescendendo à fraqueza de seus ouvintes.

Verso 30. "De mim mesmo nada posso fazer; como ouço, assim julgo, e o meu juízo é justo, porque não busco a minha vontade, mas a vontade daquele que me enviou."

Embora Ele pouco antes houvesse dado prova nada desprezível da ressurreição ao curar o paralítico; por isso também não falou da ressurreição antes de ter feito algo que pouco faltou para ser ressurreição. E o juízo Ele insinuou depois de ter curado o corpo, dizendo: "Eis que foste curado, não peques mais, para que não te suceda coisa pior"; ainda assim proclamou antecipadamente a ressurreição de Lázaro e do mundo. E quando falou dessas duas, aquela de Lázaro que deveria acontecer quase imediatamente, e aquela do mundo habitado que seria muito depois, confirmou a primeira pelo paralítico e pela proximidade do tempo, dizendo: "Está chegando a hora e já é agora"; a outra pela ressurreição de Lázaro, trazendo à vista o que ainda não havia acontecido. E podemos observar isso sempre n'Ele, lançando duas ou três predições, e sempre confirmando o futuro pelo passado.

[4.] Contudo, depois de dizer e fazer tantas coisas, visto que eles ainda eram muito fracos, Ele não se contenta, mas por outras expressões acalma o temperamento contencioso deles, dizendo: "Eu de Mim mesmo nada posso fazer; como ouço, assim julgo, e Meu juízo é justo, porque não busco a Minha

vontade, mas a vontade daquele que Me enviou." Pois, uma vez que Ele parecia fazer algumas afirmações estranhas e diferentes daquelas dos Profetas — (pois eles disseram que é Deus quem julga toda a terra, isto é, a raça humana; e essa verdade Davi proclamou em alta voz em toda parte: "Ele julgará o povo com justiça" e "Deus é um justo Juiz, forte e paciente" (Salmo 96:10, e Salmo 7:11 na LXX); assim como todos os Profetas e Moisés — mas Cristo disse: "O Pai não julga ninguém, mas entregou todo o julgamento ao Filho" — uma expressão suficiente para confundir um judeu que a ouvisse, levando-o a suspeitar que Cristo fosse inimigo de Deus) — aqui Ele se mostra muito condescendente em sua fala, e conforme a fragilidade deles exigia, para arrancar pela raiz essa perniciosa opinião, e diz: "Eu nada posso fazer de Mim mesmo"; isto é, "nada estranho, ou diferente, ou que o Pai não queira, vereis feito ou ouvireis dizer por Mim." E tendo antes declarado que Ele era "o Filho do Homem," e porque eles supunham que Ele era apenas um homem naquele tempo, assim também Ele adapta suas expressões aqui. Assim como, quando disse acima: "Nós falamos o que ouvimos e testemunhamos o que vimos"; e quando João disse: "O que Ele viu, Ele testifica, e ninguém aceita seu testemunho" (cap. 3, v. 32), ambas as expressões são usadas com respeito ao conhecimento exato, e não meramente sobre ouvir e ver; assim, neste lugar, quando Ele fala de "ouvir," Ele declara nada mais do que ser impossível desejar coisa alguma, senão o que o Pai deseja.

Ainda assim, Ele não disse isso de forma tão clara (pois eles não teriam aceitado imediatamente ao ouvirem assim), e como? De modo muito condescendente e próprio de um mero homem, "Como ouço, assim julgo." De novo Ele usa essas palavras aqui, não com referência a "instrução" (pois não disse "como me ensinam," mas "como ouço"); nem como se precisasse escutar (pois não só não necessitava ser ensinado, como nem sequer precisava ouvir); mas foi para declarar a Unidade e Identidade da decisão [d'Ele e do Pai], como se dissesse: "Assim eu julgo, como se fosse o próprio Pai a julgar." Depois acrescenta: "E sei que Meu juízo é justo, porque não busco a Minha vontade, mas a vontade daquele que Me enviou."

Que dizes? Tens vontade diferente da do Pai? Contudo, em outro lugar Ele diz: "Assim como Eu e Tu somos Um" (falando da vontade e da unanimidade),

"concede também a estes que sejam um em Nós" (cap. 17, v. 21; não citado literalmente); isto é, "unidos na fé sobre Nós." Vês que as palavras que parecem mais humildes são as que escondem um significado elevado? Pois o que Ele implica é isto: não que a vontade do Pai seja uma, e a Sua outra; mas que, "como uma só vontade em uma só mente, assim é a Minha vontade e a do Pai."

E não te admires que Ele tenha afirmado tão estreita conjunção; pois a respeito do Espírito, Paulo usou essa ilustração: "Quem conhece as coisas de um homem, senão o espírito do homem que nele está? Assim ninguém conhece as coisas de Deus, senão o Espírito de Deus." Assim, o sentido de Cristo é este: "Eu não tenho vontade diversa e separada da do Pai, mas se Ele deseja algo, Eu também; e se Eu desejo, Ele também. Portanto, assim como ninguém poderia objetar contra o juízo do Pai, assim também ninguém deve objetar contra o Meu, pois o veredito de ambos provém da mesma Mente."

E se Ele pronuncia essas palavras como um homem, não te admira, pois eles ainda o consideravam mero homem. Por isso, em passagens como estas é necessário não apenas investigar o sentido das palavras, mas também levar em conta a suspeita dos ouvintes, e ouvir o que é dito dirigindo-se a essa suspeita. Caso contrário, surgirão muitas dificuldades.

Considera, por exemplo, que Ele diz: "Eu não busco a Minha vontade"; logo, segundo isso, Sua vontade é diferente (da do Pai), é imperfeita, não, não apenas imperfeita, mas até inútil. "Pois se é salvadora, se concorda com a do Pai, por que não a buscas?" Mortalmente, poderiam dizer com razão, porque têm muitas vontades contrárias ao que parece bom ao Pai; mas Tu, por que dizes isso, que és em tudo semelhante ao Pai? Pois ninguém diria que essa é a linguagem mesmo de um "homem" perfeito e crucificado.

Pois, se Paulo se uniu tanto à vontade de Deus que disse: "Eu vivo, mas já não sou eu; Cristo vive em mim" (Gálatas 2:20), como diz o Senhor de tudo: "Eu não busco a Minha vontade, mas a vontade daquele que Me enviou", como se essa vontade fosse diferente?

Qual é, então, o Seu sentido? Ele aplica Sua fala como se fosse o caso de um mero homem, adequando a linguagem à suspeita de seus ouvintes. Pois, quando Ele já dera provas do que dissera, falando em parte como Deus, em parte como mero homem, Ele novamente, como homem, procura estabelecer o mesmo, e diz: "Meu juízo é justo." E de onde isso se vê? "Porque não busco a Minha vontade, mas a vontade daquele que Me enviou."

"Pois, assim como, entre os homens, aquele que é livre de egoísmo não pode ser justamente acusado de ter dado um veredito injusto, assim tampouco deveis acusar-Me agora. Aquele que deseja firmar o próprio interesse pode talvez ser suspeito por muitos de corromper a justiça com esse intento; mas aquele que não olha para si mesmo, qual razão teria para não decidir justamente? Aplicai agora este raciocínio ao Meu caso. Se Eu dissesse que não fui enviado pelo Pai, se não atribuísse a Ele a glória do que foi feito, alguns de vós poderiam suspeitar que, querendo ganhar honra para Mim mesmo, eu dissesse o que não é; mas se atribuo e refiro o que foi feito a outro, de onde e por quê tereis motivo para suspeitar das Minhas palavras?"

Vês como Ele confirma seu discurso, e afirma que "Seu juízo é justo" por um argumento que qualquer homem comum poderia usar para se defender? Vês como aquilo que tenho dito muitas vezes está bem visível? O que é isso? É que a extrema humildade das expressões mais convence os homens de bom senso a não receberem as palavras superficialmente, e assim caírem em pensamentos inferiores, mas antes a esforçarem-se para que alcancem a altura do seu significado; essa humildade, por sua vez, levanta com facilidade aqueles que antes estavam prostrados no chão.

Tendo tudo isso em mente, não deixemos, eu vos exorto, passar levianamente pelas palavras de Cristo, mas examinemo-las atentamente, sempre considerando a razão do que foi dito; e não presumamos que a ignorância e a simplicidade serão suficientes para nos desculpar, pois Ele nos ordenou não apenas a ser "inocentes", mas também "prudentes" (Mateus 10,16). Portanto, pratiquemos a sabedoria com simplicidade, tanto nas doutrinas quanto nas ações corretas de nossas vidas; julguemo-nos aqui, para que não sejamos condenados com o mundo no futuro; ajamos para com nossos semelhantes

como desejamos que nosso Mestre aja para conosco: pois (dizemos), “Perdoa-nos as nossas dívidas, assim como nós perdoamos aos nossos devedores” (Mateus 6,12). Sei que a alma ferida não suporta com mansidão, mas se considerarmos que, ao fazê-lo, fazemos um favor não a quem nos ofendeu, mas a nós mesmos, logo deixaremos ir o veneno da nossa ira; pois quem não perdoou a dívida de cem moedas ao seu devedor, não prejudicou seu semelhante, mas a si mesmo, tornando-se responsável pelos dez mil talentos que antes lhe haviam sido perdoados (Mateus 18,30-34). Quando, pois, não perdoamos aos outros, não perdoamos a nós mesmos.

Assim, não digamos apenas a Deus: “não nos lembres das nossas ofensas”, mas que cada um também diga a si mesmo: “não nos lembremos das ofensas feitas pelos nossos semelhantes contra nós”. Pois tu és o primeiro a julgar os teus próprios pecados, e Deus julga depois; tu propões a lei referente ao perdão e à punição, tu declaram tua decisão sobre estes assuntos, e portanto se Deus há de lembrar-se ou não, depende de ti. Por isso Paulo nos manda “perdoar, se alguém tem queixa contra outro” (Colossenses 3,13), e não simplesmente perdoar, mas de modo que não fique nem resquício. Cristo não só não divulgou nossas transgressões, como não nos lembrou delas, nem disse: “em tal e tal coisa pecaste”, mas perdoou e apagou a dívida, não levando em conta nossos pecados, como Paulo também declarou (Colossenses 2,14). Façamos nós o mesmo: limpemos todas as ofensas da nossa mente; e se alguém que nos ofendeu nos fez algum bem, que isso seja o que consideremos; mas se foi algo penoso e difícil de suportar, rejeitemos e apaguemos, para que nem mesmo vestígio reste. E se nenhum bem nos foi feito, tanto maior será nossa recompensa e mérito se perdoarmos.

Outros purificam seus pecados por vigílias, por dormir sobre a terra, por dez mil sofrimentos; tu, por um caminho mais fácil, isto é, por não lembrares as ofensas, podes fazer desaparecer todas as tuas faltas. Por que, então, cravas a espada contra ti mesmo, como fazem os loucos e os insanos, e te afastas da vida futura, quando deverias usar todos os meios para alcançá-la? Pois se esta vida presente é tão desejável, o que se dirá daquela outra da qual a dor, a tristeza e o pranto fugiram? Ali não há medo da morte, nem fim para aquelas coisas boas. Bem-aventurados, três vezes bem-aventurados, e muitas vezes

mais, são os que desfrutam desse repouso bendito, enquanto miseráveis, três vezes miseráveis, e dez mil vezes miseráveis, são os que se lançaram fora dessa bem-aventurança.

"E o que", diz alguém, "nos faz gozar dessa vida?" Ouve o próprio Juiz conversando com certo jovem a respeito disso. Quando o jovem perguntou: "Que farei para herdar a vida eterna?" (Mateus 19,16), Cristo, depois de lhe repetir os demais mandamentos, terminou com o amor ao próximo. Talvez, como aquele rico, alguns dos meus ouvintes digam: "Também temos guardado tudo isso, pois não roubamos, nem matamos, nem cometemos adultério"; porém certamente não poderás dizer que amaste teu próximo como deverias tê-lo amado. Pois se alguém invejou ou falou mal de outro, se não o ajudou quando ferido, ou não compartilhou seus bens, então também não o amou.

Agora Cristo ordenou não só isso, mas algo mais. O que é? "Vende tudo o que tens, e dá aos pobres; e vem, segue-Me" (Mateus 19,21), chamando de "seguir" a imitação Dele em nossas ações. Que aprendemos daí? Primeiro, que quem não tem tudo isso não pode alcançar os primeiros lugares naquele repouso. Pois depois que o jovem disse: "Tudo isso tenho guardado", Cristo, como se algo grande faltasse para que fosse aprovado perfeitamente, respondeu: "Se queres ser perfeito, vende tudo o que tens, dá aos pobres e vem, segue-Me." Assim, primeiro aprendemos isso; em segundo lugar, que Cristo repreendeu o homem por seu orgulho vã; pois quem vivia em tanta fartura e não considerava os outros vivendo na pobreza, como poderia amar seu próximo? Assim, nem nisso falava a verdade.

Façamos, pois, ambas as coisas: sejamos solícitos em esvaziar nossos bens e adquirir o céu. Pois se, por honra mundana, muitos gastaram toda sua fortuna — uma honra que ficaria aqui embaixo, e mesmo aqui não permaneceria muito tempo (pois muitos foram despojados do poder antes mesmo de morrer, e outros perderam a vida por isso, e mesmo assim, sabendo disso, gastam tudo por essa honra) — se por essa honra fazem tanto, que vergonha não será para nós, se por causa da honra que permanece e não nos será tirada não quisermos renunciar nem a pouco, nem dar aos outros o

que em pouco tempo deixaremos aqui? Que loucura é essa, quando está em nosso poder dar voluntariamente aos outros, e assim levar conosco aquilo do qual seremos privados mesmo contra nossa vontade, recusar-se a fazê-lo?

Mas se um homem fosse levado à morte e lhe fosse proposto entregar todos os seus bens para ser liberto, pensaríamos que lhe faziam um favor; e nós, que caminhamos para o abismo, preferiremos ser punidos e inutilmente reter o que nem sequer é nosso, perdendo o que é nosso? Que desculpa teremos, que pedido de perdão, quando um caminho tão fácil foi aberto para a vida, mas nós corremos precipícios e seguimos caminho inútil, privando-nos de tudo, aqui e no além, quando poderíamos desfrutar de ambos com segurança?

Se antes não fizemos assim, pelo menos parem agora; e, voltando a nós mesmos, disponhamos corretamente as coisas presentes, para que possamos receber facilmente as que virão, pela graça e misericórdia de nosso Senhor Jesus Cristo, a quem seja a glória com o Pai e o Espírito Santo, para todo o sempre. Amém.

SermãoXL
João 5,31-32 – "Se Eu testifico acerca de Mim mesmo, Meu testemunho não é verdadeiro; há outro que dá testemunho de Mim, e sei que o testemunho que Ele dá de Mim é verdadeiro."

[1.] Se alguém, inexperiente na arte, tenta trabalhar uma mina, não encontrará ouro; antes, confundindo tudo sem ordem, sofrerá um trabalho inútil e prejudicial. Assim também acontece com aqueles que não entendem o método das Escrituras Sagradas, nem procuram suas particularidades e leis, mas passam por todos os seus pontos de modo descuidado e uniforme: misturam o ouro com a terra e nunca descobrem o tesouro que nela está guardado. Digo isso porque o trecho que temos diante contém muito ouro, embora não manifesto à vista, mas encoberto por muita obscuridade; por isso, devemos cavar e purificar para alcançar o sentido legítimo. Pois quem não se perturbaria imediatamente ao ouvir Cristo dizer: "Se Eu testifico acerca de Mim mesmo, Meu testemunho não é verdadeiro", sendo que Ele

frequentemente parece ter testemunhado de Si mesmo? Por exemplo, ao falar com a mulher samaritana, disse: "Eu Sou aquele que fala contigo"; e de modo semelhante ao cego, "É Ele quem fala contigo" (cap. IX, 37); e repreendendo os judeus: "Vós dizeis que blasfemo, porque disse: Eu Sou Filho de Deus" (cap. X, 36). E faz isso em muitos outros lugares. Se agora todas essas afirmações fossem falsas, que esperança de salvação teríamos? E onde encontraríamos a verdade, quando a própria Verdade declara: "Meu testemunho não é verdadeiro"? E essa não é a única contradição; há outra não menos grave. Ele diz ainda: "Embora Eu testemunhe de Mim mesmo, Meu testemunho é verdadeiro" (cap. VIII, 14). Então, diga-me, qual devo aceitar, e qual considerar falsa? Se as tirarmos assim [do contexto] simplesmente, como foram ditas, sem considerar cuidadosamente a quem são dirigidas, nem o motivo por que foram ditas, nem quaisquer outras circunstâncias, ambas serão falsidades. Pois, se Seu testemunho "não é verdadeiro", então essa afirmação também não é verdadeira — não somente a segunda, mas também a primeira. Qual então o sentido? Precisamos de grande vigilância, ou melhor, da graça de Deus, para não nos contentarmos com as palavras; pois assim erram os hereges, porque não investigam o objeto do discurso nem a disposição dos ouvintes. Se não acrescentarmos estes e outros pontos, como o tempo, o lugar e as opiniões dos ouvintes, seguirão muitas consequências absurdas.

Qual então o sentido? Os judeus estavam prestes a objeção-Lhe: "Se tu testificas de ti mesmo, teu testemunho não é verdadeiro" (cap. VIII, 13). Por isso Ele disse essas palavras antecipadamente; como que dizendo: "Vós certamente Me direis que não creis, pois ninguém que testemunha de si mesmo é prontamente considerado digno de confiança pelos homens." De modo que o "não é verdadeiro" não deve ser entendido de forma absoluta, mas com referência às suas suspeitas; como se dissesse: "Para vós não é verdadeiro". Por isso proferiu as palavras não olhando para Sua própria dignidade, mas para seus pensamentos secretos. Quando Ele diz "Meu testemunho não é verdadeiro", repreende a opinião deles sobre Ele e a objeção que estavam prestes a levantar contra Ele; mas quando diz: "Embora Eu testemunhe de Mim mesmo, Meu testemunho é verdadeiro" (cap. VIII, 14), declara a própria natureza da coisa, isto é, que, como Deus, eles deveriam

considerá-Lo digno de confiança mesmo quando fala de Si mesmo. Pois, como Ele havia falado da ressurreição dos mortos, do julgamento, e que quem crê n'Ele não é julgado, mas tem a vida eterna, e que Ele se assentará para prestar contas de todos os homens, e que tem a mesma autoridade e poder do Pai; e como estava prestes a provar isso por outros meios, primeiro apresentou a objeção deles. "Eu vos disse", Ele disse, "que 'assim como o Pai ressuscita os mortos e lhes dá vida, assim o Filho dá vida a quem quer'"; disse que "o Pai não julga ninguém, mas todo julgamento entregou ao Filho"; disse que "devem honrar o Filho como honram o Pai"; disse que "quem não honra o Filho não honra o Pai"; disse que "quem ouve Minhas palavras e crê n'Elas não verá a morte, mas passou da morte para a vida" (v. 24; não exatamente citado); que Sua voz ressuscitará os mortos, alguns agora, outros depois; que Ele demandará conta de todos os homens por suas transgressões, que julgará com justiça e recompensará os que andaram retamente. Como tudo isso eram afirmações importantes, e nenhuma prova clara ainda havia sido dada aos judeus além de uma bastante obscura, Ele colocou a objeção deles primeiro, quando ia estabelecer suas afirmações, dizendo algo assim, senão exatamente essas palavras: "Talvez digais: tu afirmas tudo isso, mas não és testemunha credível, porque testemunhas de ti mesmo." Primeiro, portanto, refreou seu espírito argumentativo apresentando o que diriam, mostrando que conhecia seus corações secretos e dando esta primeira prova de Seu poder; depois de apresentar a objeção, trouxe outras provas claras e indiscutíveis, produzindo três testemunhas: as obras realizadas por Ele, o testemunho do Pai e a pregação de João. E colocou primeiro o testemunho menos importante de João. Pois, após dizer: "Há outro que dá testemunho de Mim, e sei que o testemunho dele é verdadeiro", acrescentou:

Verso 33. "Vós enviasteis a João, e ele deu testemunho da verdade."

Mas se Teu testemunho não é verdadeiro, como dizes: "Sei que o testemunho de João é verdadeiro, e que ele deu testemunho da verdade"? E vês (ó homem) quão claro fica, portanto, que a expressão "Meu testemunho não é verdadeiro" se dirigia aos seus pensamentos secretos?

[2.] "Que diremos então," alguém pergunta, "se João testemunhou parcialmente?"
Para que os judeus não pudessem alegar isso, veja como Ele remove essa suspeita. Pois Ele não disse: "João testemunhou sobre Mim", mas sim: "Vós enviastes primeiro a João, e não o teríeis enviado se não o tivésseis considerado digno de crédito." Além disso, eles não enviaram para perguntar sobre Cristo, mas sobre João mesmo; e aquele homem, que eles consideravam digno de crédito em relação a si mesmo, eles certamente considerariam ainda mais digno de crédito em relação a outro. Pois é, por assim dizer, da natureza humana não dar tanta credibilidade àquele que fala de si mesmo como àquele que fala de outro; contudo, a João eles davam tanta credibilidade que nem precisavam de outro testemunho sobre ele mesmo. Porque os enviados não perguntaram: "O que dizes sobre Cristo?", mas sim: "Quem és tu? O que dizes de ti mesmo?" Tão grande era a admiração por esse homem. E a tudo isso Cristo alude dizendo: "Vós enviastes a João." Por isso, o Evangelista não relata apenas que enviaram, mas especifica quem foram os enviados — sacerdotes e fariseus, não pessoas comuns ou indignas, nem facilmente corrompíveis ou enganáveis, mas homens capazes de entender claramente o que ele dizia.

Verso 34. "Mas eu não recebo testemunho de homem."
"Então por que mencionaste o testemunho de João?" O testemunho dele não era um "testemunho de homem", pois, como ele mesmo disse: "Aquele que me enviou para batizar com água, esse me disse" (João 1:33). Ou seja, o testemunho de João era, na verdade, o testemunho de Deus; porque tendo aprendido de Deus, ele proclamava o que disse. Para que ninguém perguntasse "De onde sabemos que ele aprendeu de Deus?" e se detivesse aí, Cristo os silencia amplamente, dirigindo-se novamente aos seus pensamentos. Pois não era provável que muitos conhecessem tais coisas; até então eles tinham ouvido João como alguém que falava por si mesmo, e por isso Cristo diz: "Eu não recebo testemunho de homem." E para que os judeus não perguntassem: "Se não recebes testemunho de homem, por que apresentaste o testemunho desse homem?", veja como Ele corrige a contradição acrescentando o que segue. Pois, depois de dizer: "Eu não recebo testemunho de homem", acrescenta:

"Mas digo isto para que vos salveis."

O que Ele quer dizer é algo assim: "Eu, sendo Deus, não precisava do testemunho de João, que é testemunho humano, mas visto que vós prestastes mais atenção a ele, o considerastes mais digno de crédito que qualquer outro, acudistes a ele como a um profeta (pois toda a cidade se dirigia ao Jordão), e não crestes em Mim mesmo quando fazia milagres, portanto vos recordo esse testemunho dele."

Verso 35. "Ele era uma lâmpada que ardia e brilhava, e vós estivestes dispostos por um tempo a alegrar-vos na sua luz."
Para que não respondessem: "E se ele falava, mas nós não o aceitamos," Ele mostra que eles aceitaram as palavras de João: pois não enviaram pessoas comuns, mas sacerdotes e fariseus, e por um tempo quiseram alegrar-se; tanta era a admiração que tinham pelo homem, e ao mesmo tempo não tinham o que dizer contra suas palavras. Mas a expressão "por um tempo" denota a sua leveza e o fato de que logo se afastaram dele.

Verso 36. "Mas eu tenho testemunho maior do que o de João."
"Pois, se quisesseis crer segundo a consequência natural dos fatos, eu vos convenceria pelas Minhas obras mais do que ele pelas suas palavras. Mas, visto que não o fazeis, trago-vos João não porque precise do seu testemunho, mas porque faço tudo para que vos salveis."
"Eu tenho testemunho maior do que o de João, que é o das Minhas obras; contudo, não me preocupo apenas em ser aceitável para vós por provas credíveis, mas também em usar o testemunho de pessoas conhecidas e admiradas por vós." Então, olhando para eles e dizendo que eles se alegraram por um tempo na luz de João, Ele indicou que o zelo deles era temporário e incerto.

Ele chamou João de tocha, significando que ele não tinha luz por si mesmo, mas pela graça do Espírito; a distinção absoluta entre Ele e João — que Ele é o Sol da justiça — ainda não foi mencionada, apenas insinuada. Com isso, Ele os tocou duramente, mostrando que, pelo mesmo motivo que desprezaram

João, não creriam em Cristo. Já que a admiração que tiveram até mesmo por João foi apenas por um tempo, e se tivessem sido constantes, João teria facilmente os conduzido até Jesus. Depois de provar que eles eram indignos de perdão, Ele continuou dizendo: "Tenho testemunho maior do que o de João." "Qual é esse?" É o das Suas obras.

"Pois as obras," diz Ele, "que o Pai Me deu para realizar, as mesmas obras que faço dão testemunho de Mim que o Pai Me enviou."

Com isso Ele lhes recordou a cura do paralítico e muitas outras coisas. Talvez algum deles pudesse alegar que isso era mero orgulho ou amizade com João (apesar de não poderem dizer nem isso de João, um homem exemplar na prática da sabedoria e por isso admirado por eles), mas as obras não poderiam jamais ser objeto dessa suspeita mesmo entre os mais insanos deles; por isso Ele acrescenta este segundo testemunho dizendo: "As obras que o Pai Me deu para realizar, as mesmas obras que faço dão testemunho de Mim que o Pai Me enviou."

[3.] Neste trecho, Ele também responde à acusação relativa à violação do sábado. Pois, como aqueles homens argumentavam: "Como pode Ele ser de Deus, se não guarda o sábado?" (cap. 9,16), por isso Ele diz: "Que Meu Pai Me deu". Contudo, na verdade, Ele agia com pleno poder, mas para mostrar abundantemente que nada fazia contra o Pai, colocou uma expressão que parece menor. Pois por que não disse: "As obras que o Pai Me deu testificam que sou igual ao Pai"? Porque dessas obras deveriam se extrair ambas as verdades: que Ele nada fazia contra o Pai e que era igual àquele que O gerou; ponto que Ele está provando em outro lugar, quando diz: "Se não crês em Mim, crê nas obras; para que saibas e creias que Eu estou no Pai e o Pai em Mim" (cap. 10,38). Assim, em ambos os aspectos, as obras testificavam que Ele era igual ao Pai e que nada fazia contra Ele. Então, por que não disse isso, em vez de omitir a parte maior e destacar esta? Porque estabelecer isto era seu primeiro objetivo. Pois, embora fosse muito menos para crerem que Ele vinha de Deus do que crerem que Deus era igual a Ele (pois isso também os profetas acreditavam, mas não isso), Ele esforça-se na menor questão, pois sabendo que, admitida esta, a outra seria facilmente aceita depois. Assim,

sem mencionar a parte mais importante do testemunho, Ele destaca a menor função, para que por meio dela eles aceitem também a maior. Tendo feito isso, acrescenta:

Ver. 37. "E o próprio Pai que Me enviou deu testemunho de Mim."

Onde Ele "deu testemunho"? No Jordão: "Este é Meu Filho amado, em quem Me comprazo" (Mateus 3,16); ouçam-no. Mas até isso precisava de prova. O testemunho de João era claro, pois eles mesmos o tinham enviado e não podiam negá-lo. O testemunho dos milagres também era claro, pois tinham visto as obras, ouvido dos que foram curados e acreditado; daí também veio a acusação contra Ele. Restava, então, provar o testemunho do Pai. Para isso, acrescentou:

"Vós nunca ouvistes a Sua voz em qualquer tempo":

Como, então, diz Moisés: "O Senhor falou, e Moisés respondeu"? (Êxodo 19,19); e Davi: "Ele ouviu uma língua que não conhecia" (Salmo 81,5); e Moisés novamente: "Há algum povo que tenha ouvido a voz de Deus?" (Deuteronômio 4,33). "Nem vistes a Sua forma."

Mas Isaías, Jeremias e Ezequiel, e muitos outros, dizem que O viram. O que, então, quer dizer Cristo agora? Ele os guia por um ensinamento filosófico, mostrando que Deus não tem voz nem forma, mas é superior a tais sons e imagens. Pois quando Ele diz "Vós não ouvistes Sua voz", não quer dizer que Deus emite uma voz inaudível; e quando diz "Nem vistes Sua forma", não quer dizer que Deus tenha uma forma invisível, mas que nenhuma dessas coisas pertence a Deus. E para que não digam: "Tu és um vanglorioso, Deus falou somente com Moisés" (pelo menos isso eles diziam: "Sabemos que Deus falou com Moisés; quanto a este, não sabemos de onde é" — cap. 9,29), Ele falou assim para mostrar que com Deus não há nem voz nem forma. "Mas por que menciono essas coisas?" diz Ele, "Não só não ouvistes Sua voz nem vistes Sua forma, mas não tendes nem sequer o poder de afirmar aquilo de que mais vos vangloriais e do que estais plenamente certos, ou seja, que recebestes e guardais os Seus mandamentos." Por isso acrescenta:

Ver. 38. "E não tendes a Sua palavra permanecendo em vós."

Ou seja, as ordenanças, os mandamentos, a Lei e os Profetas. Pois mesmo que Deus os tenha dado, ainda assim não estão convosco, porque não credes em Mim. Pois se as Escrituras em todo lugar dizem que é necessário atender a Mim, e vós não credes, está claro que a palavra d'Ele está longe de vós. Por isso ainda acrescenta:

"Porque aquele a quem Ele enviou, vós não credes."

Para que não argumentem: "Se não ouvimos Sua voz, como Ele testificou a Ti?", Ele diz:

Ver. 39. "Examinai as Escrituras, porque delas vós cuidais ter a vida eterna, e elas são as que de Mim testificam."

Pois por meio delas o Pai deu Seu testemunho. Ele o deu também no Jordão e no monte, mas Cristo não apresenta aquelas vozes; talvez, ao fazê-lo, não seriam cridos; pois uma delas, no monte, eles não ouviram, e a outra ouviram, mas não atenderam. Por isso Ele os remete às Escrituras, mostrando que delas vem o testemunho do Pai, tendo antes afastado as razões antigas de vanglória deles, tanto as de terem visto Deus quanto as de terem ouvido Sua voz. Como era provável que não acreditassem em Sua voz e imaginassem o que ocorreu no Sinai, depois de corrigir essas suspeitas, Ele os remete ao testemunho das Escrituras.

[4.] E também dessas coisas nos devemos armar e fortalecer, quando guerrearmos contra os hereges. Pois "toda a Escritura é inspirada por Deus e útil para ensinar, para repreender, para corrigir, para instruir na justiça, para que o homem de Deus seja perfeito, e perfeitamente preparado para toda boa obra" (2 Timóteo 3,16-17); não para que tenha umas coisas e não outras, pois tal homem não é "perfeito". Dizei-me, de que aproveita, se um homem ora continuamente, mas não dá esmolas generosas? Ou se dá esmolas generosas, mas é avarento ou violento? Ou se não é avarento nem violento, mas é

generoso para se mostrar diante dos homens e ganhar seus louvores? Ou se dá esmolas com exatidão e segundo a vontade de Deus, mas se exalta por isso e se envaidece? Ou se é humilde e constante no jejum, mas é avarento, ganancioso, preso à terra, e aquele que introduz em sua alma a mãe de todos os males? Pois "o amor ao dinheiro é a raiz de todos os males". Então, tremamos diante dessa ação, fujamos do pecado; este fez do mundo um deserto, trouxe toda sorte de confusão, e nos desvia do serviço mais abençoado de Cristo. "Não é possível", diz Ele, "servir a Deus e a Mamom." Pois Mamom dá ordens contrárias às de Cristo. Um diz: "Dai aos necessitados"; o outro: "Roube os bens dos pobres." Cristo diz: "Perdoai aos que vos fazem mal"; o outro: "Arme ciladas contra os que não vos ofendem." Cristo diz: "Sei misericordioso e bondoso"; Mamom diz: "Seja cruel e feroz, e considere as lágrimas dos pobres como nada"; para que, nesse dia, nos torne o Juiz severo. Pois então todas as nossas ações estarão diante dos nossos olhos, e aqueles que foram prejudicados e roubados por nós não nos deixarão nenhuma desculpa. Se Lázaro, que não sofreu mal de Dives, mas apenas não desfrutou de suas riquezas, se apresentou naquela hora como acusador implacável e não lhe permitiu perdão, que desculpa, dizei-me, terão aqueles que além de não darem esmolas da sua própria riqueza, tomam a dos outros e destroem as casas dos órfãos? Se os que não alimentaram Cristo na sua fome atraíram sobre si tal fogo, que consolo terão os que saqueiam o que não lhes pertence, que movem milhares de processos judiciais, que injustamente tomam a propriedade alheia? Rejeitemos, pois, esse desejo; e o rejeitaremos se pensarmos naqueles que nos precederam e agiram injustamente, que foram avarentos e já se foram. Não outros desfrutam suas riquezas e trabalhos enquanto estão na punição, na vingança e nas dores intoleráveis? E como isso não seria extrema loucura, cansar-se e atormentar-se para, vivendo, trabalhar em excesso, e ao partir deste mundo sofrer punitivas vinganças intoleráveis, quando poderíamos nos divertir aqui? Pois nada causa tanto prazer quanto a consciência da esmola dada, e ao partir para aquele lugar poderíamos ser libertados de todas as nossas dores e obter milhares de bênçãos! Pois assim como a maldade costuma punir aqueles que a seguem, mesmo antes de chegarem ao abismo, assim também a virtude, mesmo antes do Reino, proporciona delícias aos que a praticam aqui, fazendo-os viver com boas esperanças e prazer contínuo. Portanto, para

obter isso, aqui e na vida futura, apeguemo-nos às boas obras, e assim ganharemos a coroa futura; à qual todos possamos chegar pela graça e bondade amorosa de nosso Senhor Jesus Cristo, por quem e com quem, ao Pai e ao Espírito Santo, seja glória agora e para sempre, e pelos séculos dos séculos. Amém.

Sermão XLI
João 5,39-40 — "Examinai as Escrituras, porque julgais ter nelas a vida eterna; e são elas que de mim testificam. Mas não quereis vir a mim para terdes vida."

[1.] Amados, consideremos com grande seriedade as coisas espirituais, e não pensemos que é suficiente para nossa salvação buscá-las de qualquer jeito. Pois, se nas coisas desta vida um homem não pode obter grande proveito se as conduzir de modo indiferente e casual, quanto mais será assim nas coisas espirituais, que exigem ainda maior atenção. Por isso, quando Cristo encaminhou os judeus às Escrituras, não lhes mandou apenas a uma mera leitura, mas a uma busca cuidadosa e ponderada; porque Ele não disse: "Leiam as Escrituras," mas: "Examinai as Escrituras." Como os dizeres relativos a Ele exigiam grande atenção — pois estavam ocultos desde o princípio para a vantagem dos homens daquele tempo — Ele agora lhes ordena cavar profundamente para que pudessem descobrir o que estava escondido nas profundezas. Esses dizeres não estavam na superfície, nem expostos abertamente, mas jaziam como um tesouro muito bem guardado. Ora, quem busca coisas escondidas, se não o fizer com cuidado e esforço, jamais encontrará o que procura. Por isso Ele disse: "Examinai as Escrituras, porque julgais ter nelas a vida eterna." Ele não disse: "vós tendes," mas "julgais," mostrando que eles não obtinham delas algo grande ou elevado, esperando ser salvos pela mera leitura, sem o acréscimo da fé. Portanto, o que Ele diz é algo do tipo: "Não admirais as Escrituras? Não pensais que elas são causa de toda vida? Por meio delas confirmo agora o que afirmo, pois são elas que testificam de mim, mas não quereis vir a mim para terdes vida eterna." Foi com justa razão que disse "julgais," porque eles não queriam obedecer, mas apenas se orgulhavam da simples leitura. Para que, por sua ternura, Ele não parecesse vaidoso, e porque queria ser crido por eles, não

fosse reputado como alguém que busca seu próprio interesse (pois lhes recordava as palavras de João, o testemunho de Deus, suas próprias obras, e dizia tudo o que podia para atraí-los e lhes prometia “vida”); e como era provável que muitos suspeitassem que Ele falava isso por desejo de glória, ouçam o que Ele diz:

Verso 41. “Eu não recebo honra dos homens.”

Isto é, “Não preciso dela”: “Minha natureza,” diz Ele, “não é tal que necessite da honra dos homens, pois se o sol não pode receber acréscimo algum da luz de uma vela, muito menos Eu preciso da honra dos homens.” “Então, por que dizes essas coisas, se não precisas delas?” “Para que sejais salvos.” Isso Ele afirmou positivamente acima, e também implica aqui, dizendo “para que tenhais vida.” Além disso, Ele dá outra razão:

Verso 42. “Mas eu conheço-vos que não tendes em vós o amor de Deus.”

Porque, sob a pretensa justificativa de amar a Deus, eles O perseguiam por Ele se igualar a Deus, e Ele sabia que não creriam Nele; para que ninguém perguntasse: “Por que dizes essas palavras?” “Eu as digo,” diz Ele, “para vos convencer de que não é por amor a Deus que me perseguis, já que Ele testemunha de mim tanto pelas obras quanto pelas Escrituras. Pois, antes disso, quando me consideráveis inimigo de Deus, me expulsastes; agora, depois que disse essas coisas, deveríeis ter corrido a mim, se verdadeiramente amásseis a Deus. Mas não o amais. Por isso falei estas palavras, para mostrar que estais dominados por excesso de orgulho, que vós vangloriais em vão e disfarçais a vossa inveja.” E isso Ele prova não apenas com essas palavras, mas também com os acontecimentos futuros.

Verso 43. “Eu vim em nome de meu Pai, e não me recebeis; se outro vier em seu próprio nome, a ele recebereis.”

[2.] Vês que Ele declara em toda parte que foi “enviado,” que o juízo lhe foi confiado pelo Pai, que nada pode fazer por si mesmo, para eliminar toda desculpa diante de sua injustiça? Mas quem é aquele que Ele aqui diz que virá

“em seu próprio nome”? Ele alude aqui ao Anticristo, e apresenta uma prova incontestável da injustiça deles. “Pois se, amando a Deus, vocês me perseguem, muito mais isso deveria ter acontecido no caso do Anticristo. Pois ele não dirá que foi enviado pelo Pai, nem que vem segundo a vontade do Pai, mas em tudo será o contrário, tomando à força, como um tirano, o que não lhe pertence, e afirmando ser ele próprio o Deus supremo, como Paulo diz: ‘Exaltando-se acima de tudo o que se chama Deus, ou se adora, mostrando-se que ele mesmo é Deus.’ (2 Tessalonicenses 2,4) Isso é ‘vir em seu próprio nome.’ Eu não faço assim, mas vim em nome de Meu Pai.” Que eles não receberam aquele que disse ter sido enviado por Deus já era prova suficiente de que não amavam a Deus; mas agora, pelo contrário, por estarem prestes a receber o Anticristo, Ele revela a sua descarada audácia. Pois, quando não receberam aquele que afirmou ter sido enviado por Deus, e estão prestes a adorar alguém que não conhece a Deus e que diz ser Deus sobre todos, fica claro que sua perseguição procedia da maldade e do ódio a Deus. Por isso Ele apresenta duas razões para Suas palavras; e a primeira, a mais suave, é “Para que sejais salvos” e “Para que tenhais vida”; e, quando eles quisessem zombar dele, Ele apresenta a outra, mais contundente, mostrando que, mesmo que seus ouvintes não creiam, Deus sempre fará suas próprias obras. Ora, Paulo falando profeticamente sobre o Anticristo disse que “Deus lhes enviará um forte engano, para que creiam na mentira, para que sejam condenados todos os que não creram na verdade e tiveram prazer na injustiça.” (2 Tessalonicenses 2,11-12) Cristo não disse “Ele virá”, mas “se Ele vier”, por compaixão para com seus ouvintes, e porque toda a sua obstinação ainda não estava completa. Ele se calou quanto ao motivo da vinda dele; mas Paulo, para os que podem entender, fez clara alusão a isso. Pois ele é quem tira toda desculpa deles.

Cristo então expõe também a causa da incredulidade deles, dizendo:

Verso 44: “Como podeis crer, vós que recebestes glória uns dos outros e não buscais a glória que vem do único Deus?”

Com isso Ele mostra novamente que eles não se voltavam para as coisas de Deus, mas sob essa aparência desejavam satisfazer sentimentos particulares,

e estavam tão longe de agir por Sua glória que preferiam a honra dos homens àquela que vem Dele. Como, então, poderiam nutrir tanta hostilidade contra Ele por uma honra que desprezavam tanto, a ponto de preferir à honra que vem de Deus aquela que vem dos homens?

Depois de lhes dizer que não tinham amor a Deus, e provar isso pelo que acontecia em Seu caso, e pelo que deveria acontecer no caso do Anticristo, e de demonstrar que estavam privados de toda desculpa, Ele ainda convoca Moisés para ser seu acusador, dizendo:

Versos 45-47: "Não penseis que Eu vos acusarei diante do Pai; há quem vos acuse, Moisés, em quem tendes a esperança. Se realmente acreditásseis em Moisés, também acreditareis em Mim, pois ele escreveu a meu respeito. Mas se não credes nos seus escritos, como credereis nas minhas palavras?"

O que Ele quer dizer é algo como: "É Moisés quem foi insultado mais do que Eu por vossa conduta para comigo, porque vós não acreditastes nele, mas em mim." Vê como de toda forma Ele os desarma de toda desculpa. "Dizeis que amais a Deus quando Me perseguis; Eu vos mostrei que o fazeis por ódio a Ele; dizeis que Eu quebro o sábado e anulo a Lei; livrei-me também dessa calúnia; afirmais que acreditais em Moisés pelo que ousais fazer contra Mim; Eu, pelo contrário, mostro que isso é justamente não acreditar em Moisés; pois tão longe estou de opor-me à Lei, que quem vos acusa é ninguém menos que o homem que vos deu a Lei." Assim como disse das Escrituras, nas quais "julgais ter vida eterna," também de Moisés Ele diz "em quem tendes a esperança," vencendo-os por suas próprias armas.

"E de onde," dirá alguém, "se prova que Moisés nos acusará, e que tu não és um presunçoso? Que tens tu com Moisés? Tu quebraste o sábado que ele ordenou que guardássemos; como, pois, ele nos acusará? E como se demonstra que acreditaremos em outro que venha em seu próprio nome? Todas essas afirmações tu fazes sem provas." Ora, na verdade, todos esses pontos foram provados acima. Pois (Cristo responderia): "Sendo reconhecido que Eu vim de Deus, tanto pelas obras, quanto pela voz de João, e pelo testemunho do Pai, é evidente que Moisés acusará os judeus." Pois que diz

ele? “Se vier um homem fazendo milagres e conduzindo-vos a Deus, e verdadeiramente predizendo coisas futuras, deveis ouvi-lo com toda diligência.” Ora, Cristo havia feito tudo isso. Ele realizou milagres verdadeiros, atraiu todos os homens a Deus e fez com que o cumprimento seguisse Suas profecias.

“Mas de onde se demonstra que eles crerão em outro?” Pelo fato de odiarem a Cristo; pois aqueles que se afastam d’Aquele que vem segundo a vontade de Deus, é claro que receberão o inimigo de Deus. E não te admires de que agora Ele traga Moisés à tona, embora tenha dito: “Eu não recebo testemunho de homem”, pois Ele não os remete propriamente a Moisés, mas às Escrituras de Deus. Contudo, como as Escrituras os aterravam menos, Ele reconduz o discurso à própria pessoa de Moisés, colocando contra eles seu legislador como acusador, tornando assim o temor mais impressionante; e Ele refuta cada uma de suas afirmações. Observa: eles diziam que O perseguiam por amor a Deus — Ele mostra que o faziam por ódio a Deus; diziam que guardavam Moisés — Ele mostra que agiam assim porque não criam em Moisés. Pois se fossem zelosos da Lei, deveriam ter acolhido Aquele que a cumpria; se amassem a Deus, deveriam ter crido n’Aquele que os levava a Ele; se cressem em Moisés, deveriam ter prestado homenagem Àquele de quem Moisés profetizou. “Mas” (diz Cristo) “se Moisés é desacreditado antes mesmo de Minha vinda, não é de modo algum improvável que Eu, anunciado por ele, seja por vós rejeitado.” Assim como mostrara, pelo comportamento deles para com Ele próprio, que os que admiravam João na verdade o desprezavam, assim agora mostra que os que pensavam crer em Moisés, na verdade não criam, e volta contra eles tudo o que pretendiam usar em sua própria defesa. “Tão longe estou de vos afastar da Lei, que chamo o próprio legislador de vós como vosso acusador.”

Que as Escrituras testificavam d’Ele, Ele declarou, mas onde testificavam, não acrescentou; querendo incutir-lhes maior reverência, levá-los a buscar, e forçá-los à necessidade de interrogar. Pois, se Ele lhes dissesse abertamente e sem que perguntassem, rejeitariam o testemunho; mas agora, se prestassem alguma atenção a Suas palavras, teriam antes de tudo de perguntar e aprender d’Ele qual era esse testemunho. Por isso Ele se estende

mais em afirmações e ameaças, não apenas em provas, para assim persuadi-los pelo temor do que diz; mas ainda assim permaneceram em silêncio. Tal é a malícia: seja o que for que se diga ou faça, ela não se comove, mas permanece conservando seu veneno peculiar.

Portanto, devemos expulsar de nossas almas toda maldade, e nunca mais urdir qualquer engano; pois, diz alguém, "Aos perversos Deus envia caminhos tortuosos" (Prov. 21,8 LXX); e, "O Espírito Santo de disciplina fugirá do engano, e se afastará dos pensamentos sem entendimento." (Sab. 1,5) Pois nada torna os homens tão insensatos quanto a maldade; pois, quando um homem é traiçoeiro, injusto, ingrato — essas são diferentes formas de malícia —, quando sem ter sido ofendido causa dor a outro, quando tece enganos, como não há de manifestar extrema loucura? Por outro lado, nada torna os homens tão sábios quanto a virtude; ela os torna agradecidos e justos, misericordiosos, mansos, gentis e sinceros; costuma ser mãe de todas as outras bênçãos. E que há mais sensato do que alguém assim disposto? Pois a virtude é a fonte e raiz da prudência, assim como toda maldade tem seu princípio na insensatez. Pois o insolente e o iracundo tornam-se presa de suas respectivas paixões por falta de sabedoria; por isso disse o profeta: "Não há saúde na minha carne; minhas feridas cheiram mal e apodrecem por causa da minha insensatez." (Salmo 37[38], 4 LXX) Mostrando que todo pecado tem seu princípio na loucura. E assim o homem virtuoso que teme a Deus é o mais sensato de todos; por isso disse um sábio: "O temor do Senhor é o princípio da sabedoria." (Prov. 1,7) Se, então, temer a Deus é ter sabedoria, e o ímpio não tem esse temor, está privado daquilo que é verdadeiramente sabedoria; e, privado da verdadeira sabedoria, é mais tolo do que qualquer outro.

E, no entanto, muitos admiram os maus por serem capazes de cometer injustiça e maldade, não sabendo que deveriam considerá-los os mais miseráveis de todos os homens, pois, pensando ferir os outros, fincam a espada em si mesmos — um ato de extrema loucura, que alguém fira a si mesmo e nem sequer saiba disso, mas pense que está ferindo a outrem quando, na verdade, está se matando. Por isso Paulo, sabendo que nos matamos ao ferir outros, diz: "Por que não preferis antes sofrer a injustiça?

Por que não preferis antes ser defraudados?” (1 Cor. 6,7) Pois o não sofrer injustiça consiste em não praticá-la, assim como não ser maltratado consiste em não maltratar; embora tal afirmação pareça um enigma para muitos e para os que se recusam a aprender a verdadeira sabedoria.

Sabendo isso, não lamentemos nem chamemos de miseráveis os que sofrem injustiça ou insulto, mas sim os que os infligem; estes são os verdadeiramente lesados, que fizeram de Deus seu adversário e abriram a boca de dezenas de milhares de acusadores, adquirindo má reputação nesta vida presente e atraindo sobre si severa punição na vida futura. Enquanto aqueles que foram injustiçados por eles e suportaram tudo nobremente, têm Deus por favorável, e todos os homens por cúmplices, admiradores e acolhedores. Estes, nesta vida, gozarão de grandíssimo louvor, como dando o mais forte exemplo de verdadeira sabedoria, e na vida futura participarão dos bens eternos; aos quais possamos todos alcançar pela graça e bondade de nosso Senhor Jesus Cristo, a quem, com o Pai e o Espírito Santo, seja glória, agora e sempre, e pelos séculos dos séculos. Amém.

Sermão XLII – João 6,1.4

"Depois destas coisas, Jesus passou para o outro lado do mar da Galileia, que é o de Tiberíades. E seguia-o grande multidão, porque viam os milagres que fazia nos enfermos. E Jesus subiu ao monte, e ali se sentou com os seus discípulos. E a Páscoa, a festa dos judeus, estava próxima."

[1.] Amados, não contendamos com os homens violentos, mas aprendamos — quando isso não traz prejuízo à nossa virtude — a ceder lugar aos seus conselhos perversos; pois assim toda a audácia deles é contida. Assim como os dardos, quando lançados contra algo firme, duro e resistente, rebatem com grande força contra quem os lançou, mas quando encontram resistência alguma, rapidamente perdem a força e cessam — o mesmo se dá com os insolentes: quando contendemos com eles, tornam-se ainda mais ferozes; mas quando cedemos, facilmente enfraquecemos toda a sua loucura. Por isso, o Senhor, quando soube que os fariseus ouviram dizer que Jesus "fazia e batizava mais discípulos que João", foi para a Galileia, para extinguir a inveja deles e suavizar, com sua retirada, a ira que poderia surgir por tais relatos.

E, ao retirar-se pela segunda vez à Galileia, não vai aos mesmos lugares de antes; pois não vai a Caná, mas para "o outro lado do mar", e grandes multidões o seguiam, vendo os milagres que fazia. Que milagres? Por que o evangelista não os menciona especificamente? Porque este evangelista, mais do que todos os outros, desejava empregar a maior parte de sua obra nas palavras e sermões de Cristo. Observa, por exemplo, como, durante um ano inteiro — ou melhor, mesmo agora, por ocasião da Páscoa — ele não nos deu mais informações sobre milagres, exceto que curou o paralítico e o filho do oficial. Isso porque não se preocupava em enumerar todos (isso seria impossível), mas, entre muitos e grandes milagres, registrar apenas alguns.

Vers. 2: "E uma grande multidão o seguia, vendo os milagres que fazia."
O que aqui se relata não indica um espírito muito sábio; pois, mesmo tendo ouvido tantos ensinamentos, ainda se deixavam atrair mais pelos milagres, o que é sinal de grosseria de alma. Pois, como está dito: "Os milagres não são para os crentes, mas para os incrédulos." O povo descrito por Mateus não agiu assim, mas de que maneira? Diz ele: "Todos estavam maravilhados com sua doutrina, pois os ensinava como quem tem autoridade." (Mt 7,28–29)

"E por que agora Ele ocupa o monte e ali se senta com os discípulos?"
Por causa do milagre que estava para acontecer. E o fato de apenas os discípulos terem subido com Ele representa uma censura à multidão, que não o acompanhou. Mas não foi apenas por isso que Ele subiu ao monte, e sim para nos ensinar a sempre buscar intervalos de descanso em meio aos tumultos e agitações da vida comum. Pois a solidão é própria para o estudo da sabedoria. E muitas vezes Ele sobe sozinho ao monte e ali passa a noite em oração, para nos ensinar que aquele que deseja estar mais próximo de Deus deve estar livre de toda perturbação e buscar tempos e lugares tranquilos.

Vers. 4: "E a Páscoa, festa dos judeus, estava próxima."
"Como então" — pergunta alguém — "Ele não sobe à festa, mas, quando todos se apressam a ir para Jerusalém, Ele mesmo vai para a Galileia, e não vai sozinho, mas leva consigo os discípulos e depois segue para Cafarnaum?"

Porque, a partir deste ponto, Ele começa silenciosamente a revogar a Lei, tomando como ocasião a malícia dos judeus.

Vers. 5: "E, levantando os olhos, viu uma grande multidão."
Isso mostra que Ele não estava sentado ocioso com os discípulos, mas talvez estivesse conversando atentamente com eles, fazendo com que prestassem atenção e se voltassem para Ele — o que mostra, de modo particular, o cuidado e a humildade do seu trato com eles. Pois estavam sentados com Ele, talvez olhando uns para os outros; então, levantando os olhos, viu a multidão que se aproximava.

Ora, os outros evangelistas dizem que os discípulos se aproximaram e pediram que não os mandasse embora com fome, enquanto São João afirma que Cristo dirigiu a pergunta a Filipe. A mim parece que ambos os relatos são verdadeiros, mas não se referem ao mesmo momento — o primeiro relato ocorreu antes do segundo, sendo, pois, acontecimentos distintos.

Por que então pergunta a Filipe?
Porque sabia qual dos discípulos mais precisava de instrução; pois é ele quem, mais tarde, dirá: "Mostra-nos o Pai, e isso nos basta" (Jo 14,8). Por isso, Jesus antecipadamente o prepara para um estado espiritual melhor. Pois se o milagre tivesse sido feito diretamente, a maravilha não pareceria tão grande; mas agora Ele o força a confessar a necessidade presente, para que, conhecendo a realidade da situação, ele compreenda com mais clareza a grandeza do milagre que se daria.

Por isso, diz:

"De onde compraremos pão, para que estes comam?"

Do mesmo modo Ele falou a Moisés no Antigo Testamento: pois não realizou o sinal até perguntar-lhe: "O que tens na mão?" Porque as coisas que acontecem de modo repentino e inesperado costumam nos fazer esquecer o que veio antes, Ele primeiro o faz confessar a realidade presente, para que, quando viesse o assombro, não pudesse esquecer-se do que havia admitido, e

assim compreendesse por comparação a magnitude do milagre — o que de fato acontece aqui. Pois, tendo sido perguntado, Filipe responde:

Vers. 7,6: "Duzentos denários de pão não bastariam para que cada um recebesse um pedaço."
E isto Ele disse para prová-lo, pois Ele mesmo sabia o que iria fazer.

[2.] O que significa "para prová-lo"? Por acaso Ele não sabia o que Filipe iria dizer? Não se pode afirmar isso. Qual é então o sentido da expressão? Podemos compreendê-la a partir do Antigo Testamento. Pois ali também se diz: "E aconteceu, depois destas coisas, que Deus tentou a Abraão, e disse-lhe: Toma teu filho amado, a quem amas..." (Gênesis 22,1-2). No entanto, tampouco ali parece que, ao dizer isso, Ele esperava ver o resultado da prova, se Abraão obedeceria ou não (como poderia, Aquele que conhece todas as coisas antes de virem à existência?). Mas as palavras, em ambos os casos, são ditas à maneira dos homens. Pois, como quando (o salmista) diz que Ele "sonda os corações dos homens", não quer dizer que sonda por ignorância, mas por ciência exata, assim também, quando o evangelista diz que Ele provou (Filipe), quer dizer apenas que sabia exatamente.

E talvez se possa dizer ainda outra coisa: que, como outrora tornou Abraão mais aprovado, assim também a este homem, levando-o, por meio dessa pergunta, a um conhecimento mais claro do milagre. O evangelista, portanto, para que não fiques preso à fraqueza da expressão e formes uma opinião inadequada do que foi dito, acrescenta: "porque Ele mesmo sabia o que havia de fazer".

Devemos notar também que, quando há qualquer suspeita errônea, o escritor imediatamente a corrige com muito cuidado. Assim, neste lugar, para que os ouvintes não formassem tal suspeita, acrescenta a correção, dizendo: "Porque Ele mesmo sabia o que havia de fazer". Do mesmo modo, naquele outro lugar, quando diz que "os judeus O perseguiam porque não só quebrava o sábado, mas também dizia que Deus era Seu Pai, fazendo-Se igual a Deus", se ali não houvesse a afirmação do próprio Cristo confirmada por Suas obras, teria também ali acrescentado essa correção. Pois, se mesmo nas palavras que o

próprio Cristo profere o evangelista é cuidadoso para que ninguém suspeite de modo errado, com muito mais razão ele o faria quando outros falam d'Ele, caso percebesse que uma opinião incorreta estava prevalecendo a Seu respeito. Mas ele não o fez, porque sabia que isso era a intenção de Cristo, e um decreto imutável.

Filipe, então, tendo sido interrogado,

Versículos 8-9 – "Disse-Lhe um dos Seus discípulos, André, irmão de Simão Pedro: Está aqui um rapaz que tem cinco pães de cevada e dois peixinhos; mas que é isso para tantos?"

André tem um pensamento mais elevado que Filipe, mas ainda assim não havia alcançado tudo. Contudo, não creio que tenha falado sem razão, mas como quem havia ouvido falar dos milagres dos profetas, e como Eliseu operou um sinal com pães (2 Reis 4,43); por isso ele subiu a certo grau de fé, mas não conseguiu atingir o cume.

Aprendamos, pois, nós que nos entregamos ao luxo, qual era o alimento daqueles homens grandes e admiráveis; e tanto na qualidade quanto na quantidade, vejamos e imitemos a parcimônia de sua mesa.

O que se segue também exprime grande fraqueza. Pois, depois de dizer "tem cinco pães de cevada", acrescenta: "mas que é isso para tantos?" Supôs que o Autor do milagre faria menos a partir de menos, e mais a partir de mais. Mas não era assim, pois era igualmente fácil para Ele fazer brotar pão de mais ou de menos, visto que não necessitava de matéria-prima. Mas, para que a criação não parecesse estranha à Sua Sabedoria, como depois disseram os caluniadores e os infectados com a doença de Marcião, Ele usava a própria criação como base de Seus prodígios.

Quando ambos os discípulos reconheceram sua impotência, então Ele realizou o milagre; pois assim tiravam mais proveito, tendo antes confessado a dificuldade da situação, para que, quando isso se realizasse, compreendessem o poder de Deus. E porque estava para operar um milagre

que já havia sido realizado pelos profetas, embora não com a mesma grandeza, e porque o faria após dar graças, para que não surgisse nenhuma suspeita de fraqueza de Sua parte, observa como, pelo próprio modo de agir, Ele eleva completamente seus pensamentos e lhes mostra a diferença (entre Ele e os outros).

Pois, antes mesmo de os pães aparecerem — para que aprendas que, para Ele, as coisas que não existem são como se existissem (como Paulo diz: "que chama as coisas que não são como se já fossem" — Romanos 4,17) — Ele ordenou como se a mesa já estivesse preparada, prontamente, que se sentassem, despertando com isso a mente dos discípulos. E porque haviam tirado proveito da interrogação, obedeceram imediatamente, e não se confundiram, nem disseram: "Como é isso? Por que nos mandas sentar, se nada há diante de nós?" Os mesmos homens que, a princípio, duvidaram a ponto de dizer: "Onde compraremos pão?", passaram a crer de tal forma, mesmo antes de verem o milagre, que prontamente fizeram com que as multidões se sentassem.

[3.] Mas por que, quando estava prestes a curar o paralítico, Ele não orou, nem quando ressuscitou os mortos ou acalmou o mar, enquanto aqui o faz sobre os pães? Foi para mostrar que, quando começamos nossas refeições, devemos dar graças a Deus. Além disso, Ele o faz especialmente em um assunto menor, para que aprendas que não o faz por necessidade; pois, se assim fosse, muito mais o teria feito em coisas maiores. Mas, como realizava estas por Sua própria autoridade, é claro que foi por condescendência que Ele agiu assim no caso desta menor. Ademais, havia grande multidão presente, e era necessário persuadi-los de que Ele viera segundo a vontade de Deus. Por isso, quando realiza milagres na ausência de testemunhas, não exibe nada desse tipo; mas, quando os realiza na presença de muitos, a fim de persuadi-los de que não é inimigo de Deus, nem adversário d'Aquele que O gerou, Ele remove a suspeita dando graças.

"E deu aos que estavam assentados, e se fartaram." (Jo 6,11)

Vês quão grande é a diferença entre os servos e o Mestre? Aqueles, tendo a graça por medida, realizavam seus milagres de acordo; mas Deus, que age com poder livre, fez tudo com abundância.

Vers. 12: "E disse aos seus discípulos: Recolhei os pedaços que sobraram"; e os recolheram, e encheram doze cestos.

Isso não foi uma exibição supérflua, mas para que o ocorrido não fosse considerado mera ilusão; e por esta razão Ele cria a partir de matéria já existente. "Mas por que não deu o pão à multidão para carregar, mas apenas aos discípulos?" Porque Ele desejava muito instruir aqueles que seriam os mestres do mundo. A multidão ainda não colheria muito fruto dos milagres (de fato, logo se esqueceram deste e pediram outro), ao passo que estes [os discípulos] obteriam grande proveito. E o que ocorreu foi também uma notável condenação de Judas, que carregava um cesto. E que essas coisas foram feitas para instruí-los fica claro pelo que se diz depois, quando Ele os recorda, dizendo: "Ainda não compreendeis... quantos cestos recolhestes?" (Mt 16,9). E pela mesma razão os cestos de pedaços foram iguais em número ao dos discípulos; depois, quando já estavam instruídos, não recolheram tantos, mas apenas "sete cestos" (Mt 15,37). E não admiro apenas a quantidade de pães criados, mas também a exatidão da sobra — que Ele fez com que a superabundância não fosse nem mais nem menos do que desejava, prevendo quanto eles consumiriam —, o que mostra um poder inefável. Os pedaços confirmaram o ocorrido, mostrando ambos os pontos: que o que se passara não era ilusão e que estes provinham dos pães com que o povo fora alimentado. Quanto aos peixes, desta vez foram produzidos a partir de matéria já existente; mas mais tarde, após a Ressurreição, não foram feitos de matéria pré-existente. "Por quê?" Para que entendas que mesmo agora Ele usava matéria, não por necessidade, nem por precisar de algum "suporte" para operar, mas para calar a boca dos hereges.

"E as multidões diziam: Este é verdadeiramente o Profeta." (Jo 6,14)

Oh, excesso de gula! Ele havia feito dez mil coisas mais admiráveis que esta, mas nunca antes haviam feito tal confissão, senão agora, quando estavam

saciados. Ainda assim, percebe-se que esperavam algum profeta notável, pois aqueles outros haviam perguntado a João: “És tu o Profeta?” (Jo 1,21), enquanto estes dizem: “Este é o Profeta.”

Vers. 15: “Sabendo, pois, Jesus que viriam arrebatá-lo para fazê-lo rei, retirou-se novamente para o monte.”

Maravilhoso! Quão grande é a tirania da gula, quão grande a inconstância da mente humana! Já não defendem a Lei, já não se importam com a violação do sábado, já não são zelosos por Deus; todas essas considerações são deixadas de lado quando seus ventres estão cheios. Ele lhes parece um profeta e estão prestes a fazê-lo rei. Mas Cristo foge. “Por quê?” Para nos ensinar a desprezar as dignidades mundanas e mostrar-nos que nada precisava na terra. Pois Aquele que escolheu todas as coisas humildes — mãe, casa, cidade, educação e vestes — não seria depois engrandecido pelas coisas terrenas. As coisas que tinha do céu eram gloriosas e grandiosas: anjos, uma estrela, Seu Pai falando em alta voz, o Espírito testemunhando, e os Profetas O proclamando de longe; as da terra eram todas humildes, para que Seu poder se mostrasse mais claramente. Ele veio também para ensinar-nos a desprezar as coisas do mundo e a não nos maravilhar ou nos deslumbrar com os esplendores desta vida, mas a rir de tudo isso e desejar as coisas que hão de vir. Pois quem admira as coisas daqui não admirará as do céu. Por isso Ele também diz a Pilatos: “Meu Reino não é deste mundo” (Jo 18,36), para que depois não parecesse ter usado apenas terror ou domínio humano como meio de persuasão. Por que então diz o Profeta: “Eis que teu Rei vem a ti, manso e montado num jumentinho” (Zc 9,9)? Ele falava daquele Reino que está nos céus, e não deste na terra. E é por isso que Cristo diz: “Eu não recebo glória dos homens” (Jo 5,41).

Aprendamos então, amados, a desprezar e a não desejar a glória que vem dos homens, pois já fomos honrados com a maior de todas as honras — honra essa que torna aquela outra verdadeiramente um insulto, uma zombaria, uma irrisão. Assim como as riquezas deste mundo, comparadas às do céu, são pobreza; como esta vida, separada da outra, é morte (pois “deixa que os mortos sepultem seus mortos” — Mt 8,28); assim também, a glória deste

mundo, comparada à do céu, é vergonha e escárnio. Portanto, não a busquemos. Se aqueles que a conferem valem menos que uma sombra ou um sonho, muito mais a glória que eles oferecem. “A glória do homem é como a flor da erva” (1Pd 1,24); e o que há de mais vil que a flor da erva?

E ainda que esta glória fosse duradoura, em que poderia ela beneficiar a alma? Em nada. Pelo contrário, ela muito nos prejudica, fazendo-nos escravos — escravos piores que os comprados por dinheiro —, pois não servimos a um só senhor, mas a dois, três, dez mil, todos mandando coisas diferentes. Quão melhor é ser livre do que ser escravo! Ser livre da escravidão dos homens e submisso somente ao domínio de Deus!

Em resumo, se queres desejar a glória, deseja-a, sim, mas que seja a glória imortal. Pois esta se manifesta num palco mais glorioso e traz um lucro muito maior. Porque os homens, aqui, mandam que te sacrifiques para agradá-los, mas Cristo, ao contrário, te dá cem vezes mais do que lhe dás — e ainda por cima a vida eterna.

Qual dos dois, então, é melhor: ser admirado na terra ou no céu? Pelos homens ou por Deus? Para tua perda ou para teu ganho? Usar uma coroa por um único dia ou por séculos sem fim?

Dá a quem tem necessidade, mas não dês a um dançarino, para que não percas teu dinheiro e ainda arruínes a alma dele. Pois tu és a causa de sua perdição por tua generosidade fora de tempo. Se os que sobem ao palco soubessem que sua arte não lhes traria proveito, há muito teriam deixado de praticá-la; mas, ao verem teu aplauso, tua corrida atrás deles, teu gastar e desperdiçar em favor deles, ainda que não desejassem continuar, são mantidos nisso pela ganância do lucro.

Se soubessem que ninguém mais admiraria o que fazem, logo cessariam seu esforço, por ser infrutífero. Mas, quando veem que sua ação é admirada por muitos, o louvor alheio se torna para eles como isca. Cessemos, pois, essa despesa inútil. Aprendamos em quem e quando devemos gastar. Não

provoquemos, suplico-vos, a Deus por dois caminhos: ajuntando de onde não devemos e espalhando onde não devemos.

Pois que ira tua conduta não merece, quando passas pelo pobre e dás a uma prostituta? Não seria já condenável pagar o salário do pecado e dar honra onde se deveria aplicar o castigo, mesmo que pagasses com bens adquiridos honestamente? Mas quando alimentas tua impureza às custas de espoliar órfãos e injustiçar viúvas, considera quão grande fogo está preparado para os que ousam tais coisas.

Ouve o que diz Paulo: "os quais não só fazem tais coisas, mas também consentem aos que as fazem" (Rm 1,32).

Talvez tenhamos falado de modo severo, mas, se não vos tocarmos agora, há punições reais à espera daqueles que pecam sem se corrigir. De que serve então agradar com palavras os que serão castigados com realidades? Alegras-te ao ver um dançarino? Louvas e admiras sua arte? Então és pior do que ele. A pobreza dele lhe serve de desculpa — ainda que não razoável —, mas tu estás desprovido até mesmo dessa defesa.

Se eu lhe perguntasse: "Por que deixaste outras profissões e vieste a esta arte maldita e impura?", ele me responderia: "Porque com pouco esforço ganho muito". Mas se eu te perguntar por que admiras alguém que vive na impureza e causa a ruína de muitos, não poderás dar a mesma resposta, mas baixarás o rosto, te envergonharás e corarás.

Ora, se agora, apenas chamados por nós a prestar contas, nada terias a responder, quando vier aquele terrível e inexorável Juízo, no qual prestaremos conta de pensamentos, ações e de tudo, como nos apresentaremos? Com que olhos veremos nosso Juiz? O que diremos? Que defesa faremos? Que desculpa razoável ou irrazoável poderemos apresentar? Alegaremos a despesa? O prazer? A perdição dos outros a quem arruinamos por meio daquela arte? Nada poderemos dizer, senão seremos punidos com um castigo sem fim e sem medida.

Para que isso não aconteça, vigiemos desde agora em todas as coisas, para que, partindo com boa esperança, alcancemos as bênçãos eternas. A elas possamos todos chegar pela graça e bondade de nosso Senhor Jesus Cristo, por quem e com quem ao Pai e ao Espírito Santo seja dada glória, agora e sempre, pelos séculos dos séculos. Amém.

Sermão XLIII
João 6,16-18 — "E, sendo já tarde, os seus discípulos desceram ao mar. E, entrando no barco, atravessaram o mar em direção a Cafarnaum. E já estava escuro, e Jesus ainda não viera a eles. E o mar se levantava, porque um grande vento soprava."

[1.] Cristo provê para o bem de seus discípulos não apenas quando está presente em corpo, mas também quando está longe; pois, possuindo abundância de meios e de sabedoria, Ele realiza um mesmo fim por ações contrárias. Observa, por exemplo, o que Ele fez aqui. Ele deixa os discípulos e sobe a um monte; e eles, ao cair da tarde, descem ao mar. Esperaram por Ele até o anoitecer, esperando que Ele viesse até eles; mas, quando a noite caiu, não puderam mais suportar a ausência do Mestre — tamanha era a afeição que os dominava. Não disseram: "Já é noite, e a escuridão nos envolveu; para onde iremos? o lugar é perigoso, a hora não é segura"; mas, impelidos pelo desejo ardente, entraram no barco. Pois não sem razão o Evangelista menciona também a hora, mas justamente para mostrar o fervor do amor deles.

Por que então Cristo os deixa partir e não Se manifesta? E ainda, por que aparece caminhando sozinho sobre o mar? Com o primeiro gesto, ensina-lhes quão grande mal é ser privado de Sua presença, e faz crescer seu desejo; com o segundo, manifesta Seu poder. Pois, assim como em Seus ensinamentos não revelava tudo à multidão, mas algo de especial aos discípulos, assim também com os milagres — nem todos eram testemunhados por todos, já que era necessário que aqueles que estavam prestes a assumir a direção do mundo tivessem algo mais que os demais. "E que tipo de milagres," alguém dirá, "testemunharam eles sozinhos?" A Transfiguração no monte; este episódio sobre o mar; e aqueles após a

Ressurreição, que são muitos e importantes. E por esses, deduzo que houve outros também. Chegaram a Cafarnaum sem informação certa, mas esperando encontrá-Lo lá, ou mesmo durante a travessia; isso o Evangelista dá a entender ao dizer que "já estava escuro, e Jesus ainda não viera até eles".

"E o mar se levantava, porque um grande vento soprava."
Que fizeram eles? Ficaram perturbados, pois havia muitas e diversas causas para isso: o tempo — era escuro; a tempestade — o mar se revoltara; o local — não estavam perto da terra. Mas,

Verso 19. "Tinham remado cerca de vinte e cinco ou trinta estádios,"

e por fim, foram tomados de assombro diante do fato extraordinário:

"Viram Jesus caminhando sobre o mar." E quando estavam grandemente perturbados,

Verso 20. "Ele lhes disse: 'Sou Eu, não temais.'"

Por que então Ele aparece? Para mostrar que era Ele quem faria cessar a tempestade. Pois é isso que o Evangelista mostra ao dizer,

Verso 21. "Então eles quiseram recebê-lo no barco, e logo o barco chegou à terra para onde iam."

Não apenas lhes deu uma travessia segura, mas também uma travessia rápida, com vento favorável.

À multidão Ele não Se mostra caminhando sobre o mar, pois o milagre era grande demais para sua fragilidade. Mesmo aos discípulos, Ele não foi visto por muito tempo assim, mas apenas apareceu e logo se retirou. Agora, este milagre me parece diferente daquele relatado em Mateus 14; e que é diferente, vê-se por muitas razões. Pois Ele realiza muitas vezes os mesmos milagres, a fim de que os que os presenciam não apenas os tenham por maravilhosos, mas também os acolham com fé mais firme.

"Sou Eu, não temais."
No instante em que falou, expulsou o medo de suas almas. Mas em outra ocasião, não foi assim; por isso Pedro disse: "Senhor, se és Tu, manda-me ir até Ti." (Mt 14,28) Por que, então, naquela vez eles não O reconheceram imediatamente, mas agora se convenceram? Porque então a tempestade ainda agitava o barco, mas agora, ao som de Sua voz, a calma já havia vindo. Ou, se essa não for a razão, é aquela que mencionei antes: realizando os mesmos milagres repetidas vezes, Ele tornava o segundo mais prontamente crível por meio do primeiro. Mas por que não entrou no barco? Porque queria tornar o prodígio ainda maior, revelar mais abertamente Sua divindade, e mostrar-lhes que, quando antes deu graças, não o fez por necessidade de ajuda, mas por condescendência. Permitiu que a tempestade surgisse, para que sempre O buscassem; acalmou a tempestade, para manifestar Seu poder; não entrou no barco, para tornar o milagre mais estupendo.

Verso 22. "E no dia seguinte, a multidão que estava do outro lado do mar viu que não havia ali outro barco, senão aquele em que os discípulos haviam entrado, e que Jesus não entrara com eles no barco."

E por que João é tão preciso? Por que não disse simplesmente que, "no dia seguinte, as multidões também atravessaram"? Ele deseja ensinar outra coisa, a saber, que Jesus permitiu à multidão, se não de modo aberto, ao menos de maneira velada, suspeitar do que havia acontecido. Pois diz: "Viram que não havia ali outro barco, senão aquele em que os discípulos entraram, e que Jesus não entrara com eles."

Verso 24. "E, entrando em barcos de Tiberíades, vieram a Cafarnaum à procura de Jesus."

O que mais poderiam suspeitar, senão que Ele havia atravessado o mar caminhando sobre as águas? Pois não era possível dizer que havia cruzado em outro barco. Porque "havia apenas um", diz o Evangelista, "no qual entraram os discípulos." E mesmo depois de tão grande prodígio, quando

chegaram até Ele, não perguntaram como Ele havia atravessado, como chegara ali, nem buscaram compreender tamanho sinal. Mas o que disseram?

Verso 25. "Mestre, quando chegaste aqui?"

[2.] A não ser que alguém afirme que o "quando" é usado aqui por eles no sentido de "como". Mas vale a pena também notar aqui a inconstância de seus impulsos. Pois aqueles que disseram: "Este é verdadeiramente o Profeta"; aqueles que estavam ansiosos por "pegá-lo e fazê-lo rei", agora, quando O encontram, não tomam nenhuma dessas decisões, mas, tendo deixado de lado o espanto, já não O admiram por Suas obras anteriores. Procuraram-no desejando novamente desfrutar de uma refeição como a primeira.

Os judeus, sob a liderança de Moisés, atravessaram o Mar Vermelho, mas esse caso é bastante diferente deste. Aquele realizou tudo com oração e como servo, mas Cristo, com autoridade absoluta. Lá, quando soprou o vento sul, as águas cederam para que eles passassem a pé enxuto; mas aqui, o milagre foi maior (cf. Êxodo 14,21). Pois o mar, conservando sua natureza própria, sustentou o seu Senhor sobre sua superfície, dando assim testemunho da Escritura que diz: "Ele que caminha sobre o mar como sobre um pavimento" (Jó 9,8).

E com razão, quando estava prestes a entrar na teimosa e desobediente Cafarnaum, realizou Ele o milagre dos pães, desejando, não apenas pelo que se realizou dentro da cidade, mas também pelos milagres feitos fora dela, abrandar sua desobediência. Pois não seria suficiente para amolecer até mesmo uma pedra o fato de que tais multidões viessem com grande zelo até aquela cidade? No entanto, não tiveram tal sentimento, mas novamente desejaram alimento para o corpo, pelo que também são repreendidos por Jesus.

Aprendamos então, amados, conhecendo estas coisas, a dar graças a Deus pelas coisas sensíveis, mas muito mais pelas espirituais; pois tal é Sua vontade, e é por causa destas últimas que Ele concede aquelas primeiras,

conduzindo, por assim dizer, os mais imperfeitos por meio destas, e dando-lhes ensinamentos prévios, porque ainda estão seduzidos pelo mundo. Mas quando tais pessoas, tendo recebido estas coisas mundanas, nelas se detêm, então são censuradas e repreendidas. Pois no caso do paralítico, Cristo desejou primeiro dar o que era espiritual, mas os que estavam presentes não o suportaram; pois quando Ele disse: "Teus pecados estão perdoados", eles exclamaram: "Este homem blasfema" (Mateus 9,2-3). Não sejamos nós assim, suplico-vos, mas consideremos de maior valor essas coisas espirituais. Por quê? Porque, quando as coisas espirituais estão conosco, nenhum dano provém da ausência das carnais; mas quando aquelas faltam, que esperança, que consolo nos restará? Por isso, é por essas que devemos sempre clamar a Deus e suplicá-Lo. E por essas é que Cristo também nos ensinou a orar; pois se abrirmos essa oração (o Pai-Nosso), veremos que nela não há nada carnal, mas tudo espiritual — e que até mesmo a pequena parte que parece se referir ao sentido corporal, torna-se espiritual pela forma como é colocada. Pois pedir nada mais do que o pão "cotidiano" (isto é, "para o dia que vem") é próprio de uma mente espiritual e verdadeiramente sábia. E considerai o que vem antes disso: "Santificado seja o teu nome, venha o teu Reino, seja feita a tua vontade, assim na terra como no céu"; depois de mencionar essa necessidade temporal, Ele rapidamente a deixa de lado e nos conduz novamente à doutrina espiritual, dizendo: "Perdoa-nos as nossas dívidas, assim como nós perdoamos aos nossos devedores." Em nenhum lugar Ele inseriu na Oração a riqueza, a glória ou o domínio, mas todas as coisas que contribuem para o bem da alma; nada de terreno, mas tudo celeste.

Se, então, somos exortados a nos abster das coisas desta vida presente, como poderíamos deixar de ser miseráveis e dignos de pena ao pedirmos a Deus coisas que, mesmo quando as possuímos, Ele nos ordena lançar fora, a fim de nos livrar da preocupação com elas, e pelas quais nos manda não nos afadigar? Isso é o "usar de vãs repetições"; e é por isso que nada conseguimos com nossas orações.

"Como então" — dirá alguém — "os ímpios enriquecem? Como os injustos e impuros, os saqueadores e gananciosos prosperam?" Não é por dádiva de

Deus — longe de tal pensamento! — mas por saque e por tomarem mais do que lhes é devido. "E por que Deus permite isso?" Como permitiu ao homem rico, reservando-o para um castigo maior (cf. Lucas 16,25). Ouvi o que (Abraão) lhe diz: "Filho, lembra-te de que recebeste os teus bens em vida, e Lázaro, igualmente, os males; agora, porém, ele é consolado e tu és atormentado." Portanto, para que nós também não venhamos a ouvir essa sentença, vivendo comodamente e com preguiça, e ajuntando para nós muitos pecados, escolhamos as verdadeiras riquezas e a verdadeira sabedoria, para que possamos alcançar os bens prometidos. Que todos nós cheguemos a eles, pela graça e benignidade de nosso Senhor Jesus Cristo, por quem e com quem seja a glória ao Pai e ao Espírito Santo, agora e sempre, e pelos séculos dos séculos. Amém.

Sermão XLIV

João 6, 26-27 — "Jesus respondeu-lhes e disse: Em verdade, em verdade vos digo: vós Me buscais, não porque vistes os milagres, mas porque comestes dos pães e vos saciastes. Trabalhai, não pela comida que perece, mas pela comida que permanece para a vida eterna."

[1.] A doçura e mansidão nem sempre são úteis; há momentos em que o mestre precisa empregar uma linguagem mais dura. Pois, se o discípulo é apático e obtuso, então, para comover sua insensibilidade, é necessário despertá-lo com um aguilhão. E isso o Filho de Deus faz aqui, como já o fez em muitas outras ocasiões. Pois, quando as multidões O encontraram e O bajulavam, dizendo: "Mestre, quando chegaste aqui?", para mostrar que Ele não busca honra dos homens, mas deseja apenas a salvação deles, responde-lhes com firmeza, querendo corrigi-los não apenas por palavras, mas também revelando e expondo seus pensamentos. O que Ele diz? "Em verdade, em verdade vos digo" — falando com autoridade e ênfase — "vós Me buscais, não porque vistes milagres, mas porque comestes dos pães e vos saciastes." Com essas palavras Ele os repreende, mas não de modo abrupto ou violento, e sim com parcimônia. Pois não diz: "Ó glutões e escravos do ventre, realizei tantos prodígios, e vós nunca Me seguistes ou admirastes Minhas obras"; mas suavemente, de modo brando, fala assim: "Vós Me buscais, não porque vistes milagres, mas porque comestes dos pães e vos

saciastes"; referindo-se não apenas ao passado, mas também ao milagre presente. Ou seja, Ele diz: "Não foi o milagre dos pães que vos causou admiração, mas o fato de terem sido saciados."

E que Ele não disse isso por conjectura, eles logo o demonstram, pois voltaram pela segunda vez justamente para desfrutar do mesmo alimento. Por isso dizem: "Nossos pais comeram o maná no deserto." Mais uma vez os vemos arrastando a conversa para o alimento carnal — o que é a principal acusação contra eles. Mas Cristo não se limita à repreensão: Ele também ensina, dizendo: "Trabalhai, não pela comida que perece, mas pela comida que permanece para a vida eterna."

"A qual o Filho do Homem vos dará; porque a este o Pai, Deus, selou."

O que Ele quer dizer é o seguinte: "Não considereis como valiosa essa comida terrena, mas a espiritual." Mas, como alguns que querem viver na ociosidade abusaram dessa expressão, interpretando-a como se Cristo quisesse abolir o trabalho por completo, convém que digamos algo sobre isso. Pois essas pessoas difamam, por assim dizer, todo o Cristianismo, e o tornam objeto de escárnio por causa da preguiça. Antes, porém, mencionemos a palavra de Paulo. O que ele diz? "Lembrai-vos do Senhor, que disse: Mais bem-aventurado é dar do que receber." (At 20, 35.) Ora, como pode alguém dar se não tem nada? Como então Jesus disse a Marta: "Andas inquieta e preocupada com muitas coisas, mas uma só é necessária, e Maria escolheu a melhor parte"? (Lc 10, 41-42); e também: "Não vos preocupeis com o dia de amanhã." (Mt 6, 34.)

É necessário resolver essas questões, não apenas para refutar os que querem viver na ociosidade, mas também para que os oráculos de Deus não pareçam contraditórios entre si.

Ora, Paulo diz também: "Rogamo-vos, irmãos, que aumenteis cada vez mais, que procureis viver tranquilamente, cuidar dos vossos próprios negócios e trabalhar com vossas próprias mãos, para que andeis dignamente para com os de fora." (1Ts 4,10-12); e ainda: "Aquele que furtava, não furte mais; antes,

trabalhe, fazendo com as mãos o que é bom, para que tenha o que repartir com o que tem necessidade.” (Ef 4,28.) Aqui, o Apóstolo não manda apenas trabalhar, mas trabalhar com vigor e diligência, de modo a ter algo para dar aos outros. E em outro lugar ele diz: “Estas mãos serviram às minhas necessidades e às dos que estavam comigo.” (At 20,34.) E escrevendo aos coríntios: “Qual é o meu galardão? Que, evangelizando, proponha gratuitamente o Evangelho de Cristo.” (1Cor 9,18.) E enquanto estava naquela cidade, habitava com Áquila e Priscila, “e trabalhava, pois eram da mesma profissão: fazedores de tendas.” (At 18,3.)

Essas passagens parecem se opor diretamente à letra do Evangelho. Devemos então apresentar a solução. Qual é, então, a nossa resposta? Que “não vos preocupeis” não significa “não trabalheis”, mas “não vos apegueis às coisas desta vida”; ou seja, não vos preocupeis com o conforto do dia seguinte, considerando isso supérfluo. Pois um homem pode estar ocioso e ainda assim juntar tesouros para o futuro; e outro pode trabalhar e, mesmo assim, não se preocupar com nada. Pois o trabalho e a ansiedade não são a mesma coisa: não é por confiar em sua obra que o homem trabalha, mas “para repartir com aquele que tem necessidade”.

E aquilo que se disse a Marta não se refere ao trabalhar ou não, mas a reconhecer o tempo oportuno, e não ocupar-se com coisas terrenas quando é o momento de ouvir. Assim, Cristo não a repreende para incitá-la à ociosidade — longe disso! como poderia ser? — mas para fixá-la na escuta. “Vim”, diz Ele, “para vos ensinar o que é necessário, mas tu andas inquieta com a refeição. Queres acolher-Me e preparar-Me uma mesa farta? Proporciona-Me outro tipo de alimento: uma escuta atenta e o desejo de aprender, como faz tua irmã.” Ele não diz isso para condenar a hospitalidade — de modo algum — mas para mostrar que não se deve perder o tempo oportuno da instrução com preocupações mundanas.

Dizer “trabalhai, não pela comida que perece” não é uma defesa da ociosidade — na verdade, a ociosidade é o alimento que mais perece, pois ela conduz a todo tipo de maldade. Devemos sim trabalhar, e repartir. Este é o

alimento que não perece jamais. Mas se alguém é preguiçoso e glutão, e vive buscando os prazeres, então sim, trabalha pela comida que perece.

Se, ao contrário, um homem por seu trabalho alimenta a Cristo, dá-Lhe de beber, e O veste — quem seria tão insensato ou depravado a ponto de dizer que esse homem busca comida perecível, quando para tal conduta se promete o Reino dos Céus e os bens eternos? Esse é o alimento que permanece para sempre.

Mas naquele tempo, como as multidões não davam importância à verdade, nem buscavam saber quem era Aquele que fazia tais coisas e com que poder, mas queriam apenas encher o estômago sem esforço, Cristo, com razão, chamou tal comida de "alimento que perece". "Alimentei vossos corpos", diz Ele, "para que, depois disso, buscásseis o alimento que permanece, que nutre a alma; mas vós correis de novo atrás do que é terreno. Por isso, não compreendeis que não vos conduzo a este alimento imperfeito, mas àquele que dá não a vida temporária, mas a eterna, e que alimenta não o corpo, mas a alma."

Então, depois de dizer tais coisas grandiosas sobre Si mesmo, e afirmar que daria esse alimento, para que Sua declaração não os escandalizasse e tornasse Seu ensinamento inverossímil, atribui a dádiva ao Pai. Pois, depois de dizer: "que o Filho do Homem vos dará", Ele acrescenta: "porque a este o Pai, Deus, selou"; isto é, "O enviou para este fim, para que vos desse o alimento." Essa expressão também admite outra interpretação. Pois, em outro lugar, Cristo diz: "Aquele que ouve as Minhas palavras, este confirmou que Deus é verdadeiro" (Jo 3,33), isto é, "manifestou de modo incontestável." E é isso que esta expressão parece sugerir aqui também: "O Pai selou" equivale a dizer "testemunhou", "revelou com Sua autoridade." O próprio Cristo também Se declarou, mas como estava falando a judeus, recorreu ao testemunho do Pai.

[2.] Aprendamos, pois, amados, a pedir a Deus aquilo que é conveniente pedirmos a Ele.

Pois aquelas outras coisas — refiro-me às que pertencem a esta vida — de qualquer modo que sucedam, não podem nos causar dano; porque, se formos ricos, é somente aqui que desfrutaremos do luxo; e se cairmos na pobreza, nada terrível sofreremos. Com efeito, nem os esplendores nem as dores da vida presente têm grande poder para causar desânimo ou prazer; são desprezíveis e passam muito rapidamente. Por isso são com razão chamadas de "caminho", porque passam, e por sua própria natureza não duram muito; ao contrário, as coisas que hão de vir duram eternamente — tanto as do castigo quanto as do Reino.

Empenhemo-nos, então, com grande diligência em evitar as primeiras e escolher as últimas. Pois que vantagem há no luxo deste mundo? Hoje ele existe, amanhã já não; hoje é uma flor brilhante, amanhã é pó espalhado; hoje é um fogo ardente, amanhã é cinza fumegante. Mas as coisas espirituais não são assim: permanecem sempre resplandecentes e florescentes, e se tornam mais luminosas a cada dia.

Aquela riqueza [celeste] jamais perece, jamais parte, jamais cessa, jamais traz consigo preocupação, inveja ou culpa; não destrói o corpo, não corrompe a alma, não é acompanhada de má vontade, nem acumula malícia — todas essas coisas pertencem ao outro tipo de riqueza [terrena]. Aquela honra não leva os homens à loucura, não os enche de orgulho, nunca cessa nem se obscurece. Igualmente, o descanso e a alegria do céu duram continuamente, sendo sempre imutáveis e imortais; não se pode encontrar seu fim ou limite.

Essa vida, pois, é que devemos desejar. Pois, se assim fizermos, não daremos valor às coisas presentes, mas as desprezaremos e zombaremos delas todas. Ainda que alguém nos convidasse a entrar nos salões dos reis, não o desejaríamos enquanto tivermos essa esperança [eterna]; e, no entanto, nada neste mundo parece estar mais próximo da felicidade do que tal permissão. Mas para os que são tomados pelo amor do céu, mesmo isso parece pequeno e vil, indigno de consideração. Nada que chega ao fim deve ser muito desejado; tudo aquilo que cessa — o que hoje é e amanhã não é mais —, ainda que seja grandioso, parece pequeno e desprezível.

Não nos apeguemos, então, às coisas passageiras que escorrem e se vão, mas sim àquelas que são duradouras e imutáveis. A elas possamos todos alcançar, pela graça e benignidade de nosso Senhor Jesus Cristo, por quem e com quem, ao Pai e ao Espírito Santo, seja dada glória, agora e sempre, pelos séculos dos séculos. Amém.

SermãoXLV.
João 6, 28-30 — "Disseram-lhe, pois: Que faremos para praticarmos as obras de Deus? Jesus respondeu e disse-lhes: A obra de Deus é esta: que creiais naquele que Ele enviou. Disseram-lhe, pois: Que sinal fazes tu, para que o vejamos e creiamos em ti? Que operas tu?"

[1.] Não há nada pior, nada mais vergonhoso do que a gula; ela torna a mente grosseira e a alma carnal; cega e não permite ver claramente. Observa, por exemplo, como isso se verifica com os judeus: pois, estando eles voltados para a gula, inteiramente ocupados com as coisas do mundo e sem pensamentos espirituais, mesmo quando Cristo os conduz com dez mil palavras — severas e, ao mesmo tempo, cheias de paciência —, ainda assim eles não se elevam, mas continuam rastejando em baixo.

Considera: Ele lhes disse: "Vós me buscais, não porque vistes os milagres, mas porque comestes do pão e vos saciastes"; Ele os tocou pela repreensão, mostrou-lhes qual alimento deviam buscar, dizendo: "Trabalhai, não pela comida que perece"; propôs-lhes o prêmio, dizendo: "mas pela que permanece para a vida eterna"; e então removeu uma possível objeção, declarando que fora enviado pelo Pai.

O que fizeram eles então? Como se nada tivessem ouvido, disseram: "Que faremos para praticarmos as obras de Deus?" — Não diziam isso com o intuito de aprender e fazer (como se vê pelo que segue), mas para induzi-Lo de novo a lhes dar alimento, desejando persuadi-Lo a saciá-los. Que diz então Cristo? "A obra de Deus é esta: que creiais naquele que Ele enviou." Com isso, perguntaram: "Que sinal fazes tu, para que o vejamos e creiamos em ti?"

Verso 31: "Nossos pais comeram o maná no deserto."

Nada mais insensato, nada mais irracional do que esses homens! Estando ainda o milagre em suas mãos,2 falavam como se nenhum tivesse sido feito, dizendo: "Que sinal mostras tu?" — e, tendo dito isso, nem sequer permitem a Cristo escolher o sinal, mas procuram forçá-Lo a realizar um que fosse semelhante ao dos dias de seus pais; por isso dizem: "Nossos pais comeram o maná no deserto", pensando provocá-Lo a fazer um milagre que lhes proporcionasse alimento carnal. Pois por que mencionaram apenas esse milagre antigo, sendo que muitos outros aconteceram — no Egito, no mar, no deserto — e não mencionaram nenhum outro, senão o do maná? Não foi porque ansiavam grandemente por ele, dominados pela tirania do ventre?

Vós que, ao ver o milagre, o chamastes de Profeta e procurastes fazê-Lo rei, como agora, como se nenhum milagre tivesse ocorrido, vos tornastes ingratos e mal-intencionados, pedindo um sinal e proferindo palavras próprias de aduladores ou cães famintos? Agora vos parece admirável o maná? Vossa alma já não está seca3?

Repara também em sua hipocrisia. Não disseram: "Moisés fez este sinal, e tu que fazes?" — pois pensavam que isso o ofenderia; mas por um tempo dirigem-se a Ele com grande reverência, esperando receber alimento. Assim, não disseram: "Deus fez isto, e tu que fazes?" para não parecer que O igualavam a Deus; nem mencionaram Moisés, para não parecer que O rebaixavam. Em vez disso, colocam a questão de forma intermediária: "Nossos pais comeram o maná no deserto."

Cristo poderia ter respondido: "Eu agora mesmo realizei maravilhas maiores que Moisés, sem precisar de vara, sem necessidade de oração, mas tudo fazendo por Mim mesmo; e, se recordais o maná, vede: Eu vos dei pão." Mas este não era o momento para tais palavras; Seu único desejo era conduzi-los ao alimento espiritual. E observa Sua infinita sabedoria e modo de responder:

Verso 32: "Moisés não vos deu o pão do céu; mas meu Pai vos dá o verdadeiro pão do céu."

Por que Ele não disse: "Não foi Moisés quem vos deu, mas Eu dou", e sim colocou Deus no lugar de Moisés, e a Si mesmo no lugar do maná? Porque a fraqueza de Seus ouvintes era grande — como se vê pelo que segue. Pois nem mesmo depois disso prestaram atenção, embora Ele dissesse antes: "Vós me buscais, não porque vistes o milagre, mas porque comestes dos pães e vos saciastes." (v. 26). E porque eles buscavam essas coisas (carnais), quis corrigi-los com Suas palavras seguintes — mas nem assim desistiram.

Quando prometeu à mulher samaritana que lhe daria a água, não mencionou o Pai. O que disse? "Se conhecesses o dom de Deus e quem é o que te diz: Dá-me de beber, tu lhe pedirias, e ele te daria água viva" (Jo 4,10); e outra vez: "A água que eu lhe der" — não a remete ao Pai. Mas aqui menciona o Pai, para que compreendas quão grande era a fé da samaritana, e quão grande a fraqueza dos judeus.

Mas o maná não era do céu? Como então é dito que veio do céu? Do mesmo modo como a Escritura fala dos "pássaros do céu" (Sl 8,8) e novamente: "O Senhor trovejou desde os céus" (Sl 18,13). E Ele chama aquele outro de "o verdadeiro pão", não porque o milagre do maná fosse falso, mas porque era figura, tipo, e não a própria realidade. Mas, ao mencionar Moisés, Ele não se compara a ele — pois os judeus ainda não O consideravam superior a Moisés, a quem tinham em mais alta conta. Por isso, depois de dizer "Moisés não vos deu", Ele não acrescenta "mas Eu dou", mas diz que é o Pai, e não Moisés, quem dá.

Ao ouvirem isso, disseram: "Senhor, dá-nos sempre desse pão" — pois ainda pensavam que era algo material, ainda esperavam satisfazer seus apetites, e por isso correram rapidamente a Ele.

Que faz Cristo? Conduzindo-os pouco a pouco, diz:

Verso 33: "O pão de Deus é aquele que desce do céu e dá vida ao mundo."

Não, diz Ele, apenas aos judeus, mas a todo o mundo; não apenas alimento, mas vida — uma vida diferente e transformada. Ele o chama de vida, porque todos estavam mortos em seus pecados. Mesmo assim, ainda se mantinham presos às coisas terrenas, dizendo:

Verso 34: "Senhor, dá-nos sempre desse pão."

Então Ele, para repreendê-los — porque corriam a Ele quando supunham que o alimento era material, mas não o faziam quando souberam que era espiritual — disse:

Versos 35-36: "Eu sou o pão da vida; aquele que vem a mim jamais terá fome, e o que crê em mim jamais terá sede. Mas Eu vos disse que, embora me tenhais visto, não credes em mim."

[2.] Assim também João clamava, dizendo anteriormente: “Ele fala do que sabe e testifica do que viu, e ninguém recebe o seu testemunho” (Jo 3,32); e ainda o próprio Cristo: “Falamos do que sabemos e damos testemunho do que vimos” (Jo 3,11), “e vós não credes”. Ele diz isso para preveni-los, e para mostrar que tal coisa não o incomoda, que Ele não deseja honra, que não é ignorante dos segredos das suas mentes, nem das coisas presentes, nem das futuras.

“Eu sou o pão da vida.” Agora Ele começa a confiar-lhes os mistérios. E, primeiro, fala da Sua divindade, dizendo: “Eu sou o pão da vida”. Pois isso não se refere ao Seu Corpo (quanto a isso, Ele dirá mais adiante: “E o pão que Eu darei é a minha carne”), mas neste momento refere-se à Sua divindade. Pois ela, por meio do Verbo de Deus, é pão, assim como este pão também, por meio da descida do Espírito, é feito Pão Celeste.

Aqui Ele não usa testemunhas, como em seu discurso anterior, pois já tinha o milagre dos pães como testemunho a Seu favor, e os próprios judeus, que por um tempo fingiam crer Nele; no caso anterior, eles resistiram e o acusaram. Essa é a razão pela qual agora Ele declara de Si mesmo. Mas eles, como esperavam desfrutar de um banquete carnal, não se perturbavam — até

perderem essa esperança. No entanto, mesmo assim, Cristo não se cala, mas profere muitas palavras de repreensão.

Pois aqueles que, enquanto comiam, o chamavam de Profeta, agora se escandalizavam e o chamavam de filho do carpinteiro. Enquanto comiam os pães, diziam: "Este é verdadeiramente o Profeta", e quiseram fazê-lo rei. Agora pareciam indignados com Ele afirmar que "desceu do céu", mas na verdade não era isso o que os escandalizava, mas sim a ideia de que não poderiam desfrutar de uma mesa material. Se estivessem realmente indignados, deveriam ter perguntado e investigado como Ele era o "pão da vida", como tinha "descido do céu"; mas, em vez disso, murmuram.

E que não era isso que os ofendia se vê por outro detalhe: quando Ele disse: "Meu Pai vos dá o pão", eles não exclamaram: "Rogai a Ele que o dê", mas disseram: "Dá-nos sempre desse pão"; e Ele nem mesmo dissera: "Eu dou", mas, "meu Pai dá"; contudo, eles, por desejo da comida, o consideravam digno de confiança para provê-la.

Ora, como poderiam eles, que o consideravam digno de confiança para dar, depois se escandalizar quando ouviram que "o Pai dá"? Qual é a razão? É que, ao ouvirem que não iriam comer, voltaram a descrer e alegaram, como desculpa para sua incredulidade, que "era um discurso difícil". Por isso Ele diz: "Vós me vistes, e contudo não credes" (Jo 5,39); aludindo em parte a Seus milagres, em parte ao testemunho das Escrituras: "Porque elas são as que testificam de mim" (Jo 5,43–44); e: "Eu vim em nome de meu Pai, e vós não me recebeis"; e: "Como podeis crer, vós que recebeis glória uns dos outros?"

Vers. 37. "Todo aquele que o Pai me dá virá a mim; e o que vem a mim de maneira nenhuma o lançarei fora."

Vê como Ele faz todas as coisas visando a salvação dos que crêem? Por isso acrescentou isso, para que não parecesse que falava estas coisas em vão ou por brincadeira. Mas o que significa dizer: "Todo aquele que o Pai me dá virá a mim" (v. 37), e "eu o ressuscitarei no último dia"? (v. 40)

Por que Ele fala da ressurreição comum, na qual até os ímpios têm parte, como se fosse um dom particular dos que creem Nele? Porque Ele não fala simplesmente de ressurreição, mas de um tipo especial de ressurreição. Pois, depois de dizer: “Não o lançarei fora”, e “não o perderei”, Ele então fala da ressurreição. Pois na ressurreição, alguns são lançados fora (“Lançai-o nas trevas exteriores” — Mt 22,13), e alguns são destruídos (“Temei antes aquele que pode destruir a alma e o corpo no inferno” — Mt 10,28). E a expressão “eu lhes dou a vida eterna” (Jo 10,28) declara isso, pois “os que praticaram o mal sairão para a ressurreição da condenação, e os que praticaram o bem, para a ressurreição da vida” (Jo 5,29). Esta, portanto — a ressurreição para as coisas boas — é a que Ele aqui designa.

Mas o que significa dizer: “Todo aquele que o Pai me dá, virá a mim”? Ele toca na incredulidade deles, mostrando que todo aquele que não crê Nele transgride a vontade do Pai. E, assim, Ele não o diz abertamente, mas de maneira velada — e faz isso por toda parte — querendo mostrar que os incrédulos estão em conflito com o Pai, e não apenas com Ele.

Pois se esta é a vontade do Pai, e se foi para isso que Ele veio — para salvar o homem — então os que não crêem transgridem essa vontade. “Quando, portanto”, diz Ele, “o Pai conduz alguém, nada o impede de vir a mim”; e em outro lugar: “Ninguém pode vir a mim, se o Pai, que me enviou, não o atrair.” (v. 44) E Paulo diz que Ele os entrega ao Pai: “Quando tiver entregado o Reino a Deus Pai” (1 Cor 15,24). Ora, assim como o Pai, quando dá, não o faz privando-se de algo, assim também o Filho, ao entregar, não o faz excluindo-se. Diz-se que Ele nos entrega, porque por meio dEle temos acesso ao Pai.

[3.] E o “por quem” também é aplicado ao Pai, como quando o Apóstolo diz: “Por quem fostes chamados à comunhão de Seu Filho” (1 Cor 1,9); e: “Pela vontade do Pai”. E ainda: “Bem-aventurado és tu, Simão Barjonas, porque não foi a carne nem o sangue que to revelaram” (Mt 16,17). O que Ele aqui dá a entender é algo do seguinte tipo: que “a fé em Mim não é coisa comum, mas requer um impulso do alto”; e isso Ele confirma ao longo de todo o discurso, mostrando que tal fé exige uma alma nobre e movida por Deus.

Mas talvez alguém diga: "Se todos aqueles que o Pai dá, e todos os que Ele atrai, vêm a Ti; se ninguém pode vir a Ti a não ser que lhe seja concedido do alto, então os que o Pai não dá estão livres de culpa ou acusação." Isso são apenas palavras e pretextos. Pois é necessário também o nosso livre arbítrio, visto que aceitar o ensinamento depende da nossa vontade, assim como crer também é questão de escolha. E neste ponto, ao dizer "aqueles que o Pai Me dá", Ele não declara senão que "crer em Mim não é coisa comum, nem que venha de raciocínios humanos, mas que requer uma revelação do alto e uma alma bem disposta para recebê-la". E o que Ele diz: "Aquele que vem a Mim será salvo", significa que será grandemente cuidado. "Pois por causa destes," Ele diz, "vim, tomei a carne sobre Mim e assumi a forma de servo." E então acrescenta:

Vers. 38. "Porque desci do céu, não para fazer a Minha vontade, mas a vontade d'Aquele que Me enviou."

Que dizes? Acaso a Tua vontade é uma, e a d'Ele, outra? Para que ninguém suspeite disso, Ele explica logo a seguir, dizendo:

Vers. 40. "E esta é a vontade d'Aquele que Me enviou: que todo aquele que vê o Filho e crê n'Ele tenha a vida eterna."

Não é então essa também a Tua vontade? E como dizes: "Vim lançar fogo sobre a terra, e o que quero senão que já esteja aceso?" (Lc 12,49). Pois se Tu também o queres, é muito claro que Tua vontade e a do Pai são uma só. Noutro lugar também Ele diz: "Pois assim como o Pai ressuscita os mortos e dá vida, assim também o Filho dá vida a quem quer." (Jo 5,21). Mas qual é a vontade do Pai? Não é que nem mesmo um deles se perca? Isso também Tu queres. (cf. Mt 18,14). De modo que a vontade de Um não difere da vontade do Outro. Assim, em outro lugar Ele se mostra estabelecendo ainda mais firmemente Sua igualdade com o Pai, dizendo: "Eu e o Pai viremos e faremos nEle a Nossa morada." (Jo 14,23). O que Ele então diz é isto: "Não vim para fazer algo diferente do que o Pai quer; não tenho uma vontade própria distinta da do Pai, pois tudo o que é do Pai é Meu, e tudo o que é Meu é do

Pai." Ora, se as coisas do Pai e do Filho são comuns, com razão Ele diz: "Não para fazer a Minha vontade." Mas aqui Ele não o diz dessa forma explícita, mas guarda isso para o fim. Pois, como eu disse, Ele esconde e vela por um tempo as questões elevadas, e quer mostrar que, se tivesse dito: "Esta é a Minha vontade", eles O teriam desprezado. Portanto, Ele diz que "coopera com essa Vontade", querendo assim impressioná-los mais; como se dissesse: "Que pensais? Que Me irritais com vossa incredulidade? Não, provocais é a Meu Pai." "Pois esta é a vontade d'Aquele que Me enviou: que de tudo o que Ele Me deu, Eu nada perca." (v. 39). Aqui Ele mostra que não precisa do serviço deles, que não veio por vantagem própria, mas para a salvação deles; e não para obter honra da parte deles. O que de fato já dissera num discurso anterior: "Não recebo glória dos homens" (Jo 5,41); e de novo: "Estas coisas digo para que sejais salvos." (Jo 5,34). Pois em toda parte Ele se esforça por persuadi-los de que veio para a salvação deles. E Ele diz que obtém glória para o Pai, a fim de que não seja suspeito por eles. E que é por isso que Ele fala dessa maneira, Ele revela mais claramente com o que vem a seguir. Pois diz: "Aquele que busca a sua própria vontade, busca a sua própria glória; mas o que busca a glória d'Aquele que O enviou é verdadeiro, e n'Ele não há injustiça." (Jo 7,18). "E esta é a vontade do Pai: que todo aquele que vê o Filho e crê n'Ele tenha a vida eterna." (v. 40).

"E Eu o ressuscitarei no último dia."
Por que Ele insiste continuamente na ressurreição? É para que os homens não julguem a providência de Deus apenas pelas coisas presentes; para que, se não desfrutam dos frutos aqui, não se desesperem por isso, mas esperem pelas coisas futuras; e para que não desprezem a Deus pelo fato de seus pecados não serem punidos de imediato, mas considerem que há outra vida.

Aqueles homens nada lucraram com isso, mas façamos nós o esforço de lucrar, ao ouvirmos constantemente a ressurreição ecoar em nossos ouvidos. E se quisermos ser gananciosos, ou roubar, ou cometer qualquer maldade, que imediatamente tenhamos em mente aquele Dia; pintemos diante dos olhos o tribunal do Juízo — pois tais reflexões reprimem o impulso do mal mais eficazmente do que qualquer freio. Digamos continuamente a nós

mesmos e aos outros: “Há uma ressurreição, e um terrível tribunal nos espera.”
Se virmos alguém insolente e cheio de orgulho pelos bens deste mundo, digamos-lhe o mesmo, e mostremos que todas essas coisas ficam aqui. Se virmos outro sofrendo e impaciente, repitamos-lhe a mesma verdade, mostrando que suas dores terão fim. Se virmos alguém descuidado e dissoluto, repitamos-lhe o mesmo “encantamento”, mostrando que de sua negligência deverá prestar contas.
Essa verdade é mais eficaz do que qualquer outro remédio para curar nossas almas. Porque há uma Ressurreição, e ela está às portas — não distante, não longínqua. “Pois ainda um poucochinho de tempo, e Aquele que há de vir, virá, e não tardará.” (Hb 10,37)
E novamente: “Todos devemos comparecer diante do tribunal de Cristo.” (2Cor 5,10)
Isto é, tanto os maus quanto os bons: uns para serem envergonhados à vista de todos, outros para serem glorificados diante de todos. Pois assim como os juízes neste mundo castigam publicamente os maus e honram os bons, assim também será ali — para que os primeiros tenham maior vergonha, e os últimos, mais esplendorosa glória.
Representemos essas coisas diante de nós todos os dias. Se estivermos sempre refletindo sobre elas, nenhum cuidado pelas coisas presentes poderá nos ferir. “Porque as coisas visíveis são temporais, mas as invisíveis são eternas.” (2Cor 4,18)

Digamos continuamente a nós mesmos e aos outros: “Há uma Ressurreição, e um Juízo, e um exame de nossas obras.”
E quantos acreditam que existe algo como o “destino”, que repitam isto, e logo se livrarão da podridão de sua enfermidade. Pois se há uma Ressurreição e um Juízo, então não há destino — ainda que tragam dez mil argumentos e se asfixiem tentando prová-lo.
Mas me envergonho de estar ensinando cristãos sobre a Ressurreição. Porque aquele que precisa aprender que há uma Ressurreição, e que não se convenceu firmemente de que as coisas deste mundo não ocorrem por acaso, nem sem providência, esse não pode ser chamado de cristão.

Por isso vos exorto e suplico que nos purifiquemos de toda maldade, e façamos todo o possível para obter o perdão e uma justificativa naquele Dia.

Talvez alguém diga: “Quando será o fim? Quando será a Ressurreição? Vê quanto tempo já passou, e nada aconteceu!”
Mas ela virá, certamente. Pois os homens antes do dilúvio falavam desse modo e zombavam de Noé — mas o dilúvio veio e levou todos os incrédulos, salvando apenas aquele que creu.
E os homens do tempo de Ló também não esperavam o golpe de Deus, até que vieram os relâmpagos e trovões e os destruíram por completo. Nem entre esses homens nem entre os que viveram nos dias de Noé houve qualquer aviso prévio do que estava por vir.
Estavam vivendo com prazeres, comendo e bebendo, embriagados de vinho — então vieram essas calamidades insuportáveis. Assim também será a Ressurreição: não terá preâmbulos, mas virá no meio dos “bons tempos”. Por isso Paulo diz:

“Quando disserem: Paz e segurança — então a destruição repentina virá sobre eles, como as dores de parto sobre a mulher grávida — e não escaparão.” (1Ts 5,3)

Deus assim ordenou para que estejamos sempre vigilantes, e não confiantes, mesmo em tempos de segurança.
Que dizes? Não esperas que haverá Ressurreição e Juízo? Os próprios demônios confessam essas coisas — e tu és tão desavergonhado?
“Vieste para nos atormentar antes do tempo?” (Mt 8,29), dizem eles.
Ora, quem fala em “tormento” está ciente do Juízo, da prestação de contas e da vingança.
Não provoquemos, pois, a Deus, além de praticarmos o mal, negando também a palavra da Ressurreição.
Pois como em todas as coisas Cristo foi o princípio, assim também foi nisto; por isso Ele é chamado “o primogênito dentre os mortos.” (Cl 1,18)
Se não houvesse Ressurreição, como Ele poderia ser o “primogênito”, se nenhum outro dos mortos haveria de seguir?

Se não houvesse Ressurreição, onde estaria a justiça de Deus, quando tantos ímpios prosperam e tantos justos padecem e morrem em sua aflição? Onde cada um receberia o que merece, se não houver Ressurreição?

Nenhum daqueles que viveram retamente nega a Ressurreição, mas todos os dias eles rezam e repetem aquela sentença sagrada: "Venha o Teu Reino."
Quem são, então, os que negam a Ressurreição? Aqueles que levam uma vida ímpia e impura.
Como diz o profeta:

"Seus caminhos estão sempre corrompidos; os Teus juízos estão longe dos seus olhos." (Sl 10,5)

Pois é impossível viver uma vida pura sem crer na Ressurreição. Os que não têm consciência de iniquidade falam dela, desejam-na e nela creem, para receber sua recompensa.

Não provoquemos, pois, a Deus. Ouçamos quando Ele diz:

"Temei aquele que pode lançar no inferno tanto o corpo quanto a alma." (Mt 10,28)

Que esse temor nos torne melhores, e, sendo assim livrados da perdição, sejamos dignos do Reino dos Céus. O qual possamos todos alcançar, pela graça e benignidade de nosso Senhor Jesus Cristo, por quem e com quem seja dada glória ao Pai e ao Espírito Santo, agora e sempre, e pelos séculos dos séculos. Amém.

Sermão XLVI

João 6,41-42 — "Murmuravam, pois, dele os judeus, porque dissera: Eu sou o pão que desceu do céu; e diziam: Não é este Jesus, o filho de José, cujo pai e mãe nós conhecemos? Como, pois, diz ele: Desci do céu?"

[1.] “O deus deles é o ventre, e a glória deles está na sua vergonha” (Fil 3,19), disse Paulo a respeito de certas pessoas ao escrever aos filipenses. Ora, que os judeus eram desse tipo de gente está claro tanto pelo que se disse antes como pelo que agora vieram dizer a Cristo. Com efeito, quando Ele lhes deu pão e encheu seus ventres, disseram que Ele era um profeta e procuraram fazê-Lo rei; mas quando lhes ensinou sobre alimento espiritual, sobre a vida eterna, quando os afastou dos objetos sensíveis e lhes falou da ressurreição, elevando seus pensamentos a coisas mais sublimes — precisamente quando mais deveriam admirá-Lo — murmuraram e se afastaram. E no entanto, se de fato Ele era aquele Profeta, como eles mesmos tinham dito antes, afirmando que era aquele de quem Moisés dissera: “Um profeta, como eu, o Senhor vosso Deus vos suscitará dentre vossos irmãos; a ele ouvireis” (Dt 18,15), então deveriam tê-Lo escutado quando disse: “Desci do céu”; mas não O escutaram e sim murmuraram.

Ainda O reverenciavam, porque o milagre dos pães era recente, e por isso não O contradiziam abertamente, mas expressavam sua insatisfação murmurando por Ele não lhes dar a refeição que desejavam. E murmurando diziam: “Não é este o filho de José?” Donde é claro que ainda não sabiam de sua geração maravilhosa e extraordinária. Por isso ainda dizem que Ele é filho de José, e não são repreendidos; e Ele não lhes diz: “Não sou filho de José”; não porque de fato o fosse, mas porque ainda não estavam aptos para ouvir sobre aquele nascimento maravilhoso. E se não suportavam ouvir claramente sobre o nascimento segundo a carne, muito menos poderiam ouvir sobre aquele inefável nascimento que é do alto. Se não lhes revelou o que era inferior, quanto menos lhes confiaria o superior.

Embora lhes fosse motivo de escândalo que Ele tivesse nascido de um pai humilde e comum, mesmo assim não lhes revelou a verdade, para que, ao remover uma causa de escândalo, não criasse outra. Que disse, então, quando murmuraram?

Verso 44: “Ninguém pode vir a mim, se o Pai, que me enviou, não o atrair.”

Os maniqueus lançam-se sobre essas palavras dizendo que "nada depende de nossa vontade"; mas a expressão mostra que somos senhores de nosso arbítrio. "Pois se alguém vem a Ele", diria alguém, "que necessidade há de atrair?" Mas as palavras não eliminam o livre-arbítrio, e sim mostram que necessitamos grandemente de auxílio. E Ele não dá a entender que alguém vem contra a vontade, mas que vem com muito auxílio.

Então Ele também mostra de que modo o Pai atrai, para que os homens não imaginem nada material em relação a Deus. E acrescenta:

Verso 46: "Não que alguém tenha visto o Pai, senão aquele que é de Deus; esse viu o Pai."

"Como então", diria alguém, "o Pai atrai?" O profeta já havia explicado isso quando anunciou de antemão e disse:

Verso 45: "Todos serão ensinados por Deus." (Is 54,13)

Vês a dignidade da fé? Não será por meio de homens, nem por homem, mas pelo próprio Deus que eles aprenderão. E para tornar essa afirmação crível, Ele os remete aos seus profetas. "Se, pois, todos serão ensinados por Deus, por que alguns não crerão?" Porque as palavras se referem à maioria. Além disso, a profecia não quer dizer todos em sentido absoluto, mas todos os que tiverem vontade. Pois o mestre está sempre pronto para ensinar a todos, derramando sua instrução sobre todos.

Verso 44: "E eu o ressuscitarei no último dia."

Não é pouca a autoridade do Filho aqui, já que, se o Pai atrai, é o Filho quem ressuscita. Ele não distingue sua obra da do Pai — como poderia? — mas mostra igualdade de poder. Assim como, em outro lugar, depois de dizer: "O Pai que me enviou dá testemunho de mim", Ele remeteu-os às Escrituras para que não fossem demasiadamente curiosos a respeito de Suas palavras, assim também aqui, para que não tenham suspeitas semelhantes, remete-os

aos Profetas, a quem continuamente e por toda parte cita, para mostrar que não é contrário ao Pai.

“Mas e os que vieram antes de Seu tempo?”, dirá alguém, “por acaso não foram ensinados por Deus? Por que, então, a aplicação especial dessas palavras aqui?” Porque antes aprenderam as coisas de Deus por meio de homens, mas agora, por meio do Filho Unigênito de Deus e pelo Espírito Santo.

Em seguida Ele acrescenta: “Não que alguém tenha visto o Pai, senão aquele que é de Deus” — usando essa expressão aqui não quanto à causa, mas ao modo de ser. Pois, se Ele falasse no sentido da causa, então todos somos “de Deus”. E onde estaria, então, a natureza especial e distinta do Filho? “Mas por que”, dirá alguém, “Ele não o expressou mais claramente?” Por causa da fraqueza deles. Pois, se ao dizer “Desci do céu” já se escandalizaram tanto, que sentiriam se acrescentasse isto?

Ele chama a si mesmo (verso 48) “o pão da vida”, porque sustenta tanto a vida presente quanto a futura, e diz: “Quem comer deste pão viverá eternamente.” Por “pão”, Ele quer dizer aqui ou Suas doutrinas salvíficas e a fé n’Ele, ou Seu próprio Corpo — pois ambos fortificam a alma. Em outro lugar, Ele disse: “Se alguém guardar a minha palavra, jamais verá a morte.” (Jo 8,51) E ficaram escandalizados; aqui, talvez, ainda não o sentiram, porque ainda O respeitavam por causa dos pães multiplicados.

[2.] E observa como Ele distingue entre o Seu pão e o maná, fazendo-os perceber o resultado de cada tipo de alimento. Pois, para mostrar que o maná não lhes trouxe nenhuma vantagem extraordinária, Ele acrescentou:

Verso 49: “Vossos pais comeram o maná no deserto, e morreram.”

Ele então estabelece algo muito eficaz para convencê-los: que eles agora são considerados dignos de coisas maiores do que seus pais — referindo-se àqueles homens maravilhosos que viveram no tempo de Moisés. E assim, depois de dizer que morreram os que comeram o maná, Ele acrescenta:

Verso 51: “Aquele que comer deste pão viverá para sempre.”

E não disse “no deserto” sem motivo, mas para mostrar que o fornecimento de maná não durou muito, nem os acompanhou até entrarem na terra prometida. Mas este “pão” não era da mesma espécie.

“E o pão que Eu darei é a Minha carne, que Eu darei pela vida do mundo.”

Aqui alguém poderia perguntar com razão como essas palavras foram ditas num momento adequado, já que não edificaram nem aproveitaram, mas antes prejudicaram os que já estavam edificados; pois “desde então”, diz o Evangelista, “muitos dos Seus discípulos voltaram atrás”, dizendo: “Duro é este discurso; quem o pode ouvir?” (verso 60). Já que essas coisas poderiam ter sido confiadas apenas aos discípulos, como nos conta Mateus, que Ele lhes falava separadamente. (Marcos 4,34; ver Mateus 13,36.) O que diremos então? Qual o proveito dessas palavras? Grande é o proveito e a necessidade delas. Porque eles insistiam com Ele pedindo alimento corporal, recordando o alimento providenciado nos dias dos antepassados, e exaltando o maná como algo grandioso. Para lhes mostrar que todas aquelas coisas eram apenas tipos e sombras, mas que a própria realidade agora estava presente, Ele fala do alimento espiritual.

“Mas,” dirá alguém, “Ele deveria ter dito: ‘Vossos pais comeram o maná no deserto, mas Eu vos dei pão.’” No entanto, o intervalo entre os dois milagres era grande, e este último pareceria inferior ao primeiro, porque o maná desceu do céu, mas este, o milagre dos pães, foi realizado na terra. Quando, portanto, eles buscaram um alimento “descido do céu”, Ele continuamente lhes dizia: “Eu desci do céu.” E se alguém perguntar por que Ele introduziu o discurso sobre os Mistérios (Sacramentos), responderemos que este era um momento muito adequado para tais discursos; pois a obscuridade do que é dito sempre estimula o ouvinte e o torna mais atento. Eles não deveriam, portanto, ter se escandalizado, mas antes ter perguntado e investigado. Mas ao contrário, voltaram atrás. Se criam que Ele era um Profeta, deveriam ter crido em Suas palavras; de modo que o escândalo foi causado por sua própria

tolice, não por alguma dificuldade nas palavras. E observa como, pouco a pouco, Ele os conduz a Si mesmo. Aqui Ele diz que Ele mesmo dá, e não o Pai:

"O pão que Eu darei é a Minha carne, que Eu darei pela vida do mundo."

"Mas," dirá alguém, "essa doutrina era estranha para eles e incomum." No entanto, João já aludira a isso anteriormente ao chamá-Lo de "Cordeiro" (João 1,29). "Mas mesmo assim, eles não entenderam." Eu sei que não; aliás, nem os discípulos entenderam. Pois se ainda não tinham um conhecimento claro da Ressurreição, e assim não sabiam o que queria dizer "Destruí este Templo, e em três dias Eu o levantarei" (João 2,19), muito mais ignorariam o que é dito aqui. Pois estas palavras são ainda menos claras do que aquelas. Que os profetas haviam ressuscitado mortos, eles sabiam — mesmo que as Escrituras não falassem disso tão claramente —, mas nenhum deles jamais afirmou que algum homem tivesse comido carne. Ainda assim, eles obedeceram, seguiram-No e confessaram que Ele tinha as palavras da vida eterna. Pois esse é o papel do discípulo: não ser demasiadamente curioso a respeito das afirmações de seu mestre, mas ouvi-lo e obedecer, e esperar o momento apropriado para a solução das dificuldades.

"Como então," dirá alguém, "foi que o contrário aconteceu, e esses homens 'voltaram atrás'?" Foi por causa de sua tolice. Pois quando entra em cena o questionamento sobre o "como", vem junto com ele a incredulidade. Assim também Nicodemos ficou perplexo, dizendo: "Como pode um homem entrar no ventre de sua mãe?" Assim também estes ficam confusos, dizendo:

Verso 52: "Como pode este homem dar-nos a sua carne a comer?"

Se querias saber o "como", por que não perguntaste isso no caso dos pães — como Ele multiplicou cinco pães para tantos? Porque então só pensavam em se saciar, não em compreender o milagre. "Mas," dirá alguém, "a experiência então os ensinou." Pois então, justamente por essa experiência, essas palavras deveriam ter sido aceitas prontamente. Porque Ele operou antes aquele estranho milagre justamente para que, ensinados por ele, não mais descressem do que viesse a ser dito por Ele depois.

[3.] Aqueles homens, naquele tempo, não colheram fruto do que foi dito, mas nós temos desfrutado do benefício nas próprias realidades. Por isso é necessário compreender o prodígio dos Mistérios, o que eles são, por que foram dados e qual é o proveito da ação. Tornamo-nos um só Corpo, e "membros da Sua carne e dos Seus ossos" (Efésios 5,30). Que os iniciados sigam o que digo. Para que, então, nos tornemos isso não só pelo amor, mas na própria realidade, sejamos incorporados naquela carne. Isso se efetiva pelo alimento que Ele nos deu gratuitamente, querendo mostrar o amor que tem por nós. Por esta razão, Ele se misturou conosco; Ele amassou Seu corpo com o nosso, para que pudéssemos ser uma certa Unidade, como um corpo unido a uma cabeça. Pois isso pertence aos que amam intensamente; isso, por exemplo, Jó insinuou, falando de seus servos, por quem era amado tão profundamente, que desejavam se apegar à sua carne. Pois disseram, para mostrar o forte amor que sentiam: "Quem nos dera fartar-nos da sua carne?" (Jó 31,31). Por isso Cristo também fez isso, para nos levar a uma amizade mais íntima e para mostrar Seu amor por nós; Ele deu aos que O desejam não só ver, mas até tocar, comer, cravar os dentes em Sua carne, abraçá-Lo e satisfazer todo o seu amor. Retornemos, então, daquela mesa como leões que soltam fogo, tornando-nos terríveis para o diabo; pensando em nossa Cabeça e no amor que Ele nos mostrou. Pais frequentemente confiavam seus filhos a outros para alimentar; "mas Eu," Ele diz, "não faço assim, Eu vos alimento com Minha própria carne, desejando que todos nasçais nobres, e oferecendo a vocês boas esperanças para o futuro. Pois Aquele que se entrega a vocês aqui, fará ainda mais no futuro. Eu quis tornar-Me vosso Irmão, por amor a vós participei de carne e sangue, e agora vos dou a carne e o sangue pelos quais me tornei vosso parente." Este sangue mantém fresca a imagem do nosso Rei dentro de nós, produz uma beleza indescritível, não permite que a nobreza de nossa alma se desgaste, regando-a continuamente e nutrindo-a. O sangue derivado do nosso alimento não se torna imediatamente sangue, mas outra coisa; enquanto este (o sangue do Mistério) não é assim, mas logo rega nossas almas e opera nelas um poder imenso. Este sangue, se tomado devidamente, afasta os demônios e os mantém longe de nós, enquanto chama a nós os Anjos e o Senhor dos Anjos. Pois onde quer que vejam o sangue do Senhor, os demônios fogem e os Anjos se reúnem. Este sangue derramado

purificou todo o mundo; muitas palavras sábias disse o bem-aventurado Paulo sobre ele na Epístola aos Hebreus. Este sangue purificou o lugar secreto, e o Santo dos Santos. E se seu tipo tinha tanto poder no templo dos hebreus e no meio do Egito, quando era aplicado nos umbrais das portas, muito mais a realidade. Este sangue santificou o altar de ouro; sem ele o sumo sacerdote não ousava entrar no lugar secreto. Este sangue consagrou os sacerdotes, e, em tipos, purificou os pecados. Mas se tinha tanto poder nos tipos, se a morte tremia com a sombra, diga-me como não teria temido a própria realidade? Este sangue é a salvação de nossas almas, por ele a alma é lavada, por ele é embelezada, por ele se inflama; ele faz nosso entendimento mais brilhante que o fogo e nossa alma mais resplandecente que o ouro; este sangue foi derramado e tornou o céu acessível.

[4.] Verdadeiramente terríveis são os Mistérios da Igreja, verdadeiramente terrível é o Altar. Uma fonte brotou do Paraíso enviando rios materiais; desta mesa brota uma fonte que envia rios espirituais. Ao lado desta fonte não estão plantados salgueiros sem frutos, mas árvores que alcançam até o céu, dando frutos sempre oportunos e que não murcham. Se alguém estiver abrasado pelo calor, que se aproxime desta fonte para refrescar seu ardor. Pois ela apaga a sede e conforta todas as coisas queimadas, não pelo sol, mas pelas setas inflamadas. Porque ela tem seu princípio lá do alto, e sua fonte está naquele lugar, de onde também corre sua água. Muitos são os riachos dessa fonte que o Consolador envia, e o Filho é o Mediador, não segurando uma enxada para abrir caminho, mas abrindo nossas mentes. Esta fonte é fonte de luz, jorrando raios de verdade. Por ela estão os Poderes do alto, contemplando a beleza de seus rios, porque percebem mais claramente o poder das coisas reveladas e os relâmpagos inatingíveis. Pois, assim como quando o ouro está sendo fundido, se alguém (se fosse possível) mergulhasse nele a mão ou a língua, imediatamente as tornaria douradas; assim, mas em muito maior grau, o que aqui é manifestado opera na alma. Mais feroz que o fogo, o rio ferve, mas não queima, apenas batiza aquilo que toca. Este sangue sempre foi simbolizado antigamente nos altares e sacrifícios dos homens justos. Este é o preço do mundo, por Ele Cristo comprou para Si a Igreja, por Ele a adornou toda. Pois assim como um homem que compra servos dá ouro por eles, e novamente, quando deseja orná-los, também o faz com ouro;

assim Cristo nos comprou com Seu sangue e nos adornou com Seu sangue. Aqueles que compartilham deste sangue estão junto aos Anjos, Arcanjos e aos Poderes celestes, vestidos com a própria veste real de Cristo, e tendo a armadura do Espírito. Não, ainda não disse nada grandioso: eles estão vestidos com o próprio Rei.

Ora, assim como isto é algo grande e maravilhoso, se te aproximas com pureza, aproximas-te para a salvação; mas se com consciência má, para castigo e vingança. "Pois," diz, "aquele que comer e beber indignamente do Senhor come e bebe juízo para si mesmo" (1 Coríntios 11,29); pois se aqueles que profanam a púrpura real são punidos igualmente com os que a rasgam, não é irrazoável que os que recebem o Corpo com pensamentos impuros sofram o mesmo castigo que os que o traspassaram com pregos. Observa ao menos quão terrível castigo Paulo declara quando diz: "Aquele que desprezou a lei de Moisés morre sem misericórdia sob duas ou três testemunhas; de quanto pior castigo pensais vós que será tido por digno aquele que pisoteou o Filho de Deus e considerou como coisa profana o sangue da aliança, pelo qual foi santificado?" (Hebreus 10,28-29). Tomemos, pois, cuidado conosco, amados, nós que gozamos de tão grandes bênçãos; e se desejarmos pronunciar alguma palavra vergonhosa, ou nos percebermos levados pela ira ou por paixão semelhante, consideremos de que coisas fomos julgados dignos, de quão grande Espírito participamos, e esta consideração irá moderar nossas paixões irrazoáveis. Por quanto tempo ainda estaremos pregados às coisas presentes? Por quanto tempo demoraremos a despertar? Por quanto tempo negligenciaremos nossa própria salvação? Lembremo-nos de que coisas Cristo nos considerou dignos, demos graças, glorifiquemo-Lo, não só pela nossa fé, mas também pelas nossas obras, para que possamos obter as coisas boas que hão de vir, pela graça e misericórdia do nosso Senhor Jesus Cristo, por quem e com quem, ao Pai e ao Espírito Santo seja glória, agora e sempre e pelos séculos dos séculos. Amém.

Sermão XLVII.
João 6, 53-54 — "Disse-lhes, pois, Jesus: Em verdade, em verdade vos digo que, se não comerdes a carne do Filho do Homem, e não beberdes o seu

sangue, não tereis vida eterna em vós. Quem comer a minha carne e beber o meu sangue tem a vida eterna em si."

[1.] Quando falamos de coisas espirituais, não deve haver nada de secular em nossas almas, nada de terreno; que todos esses pensamentos se retirem e sejam banidos, e que nos entreguemos inteiramente à escuta dos oráculos divinos somente. Pois, se na chegada de um rei toda confusão é afastada, quanto mais, quando o Espírito fala conosco, precisamos de grande silêncio e grande reverência. E digno de reverência é o que hoje é dito. Como isso é assim, ouça: "Em verdade vos digo, se alguém não comer a minha carne e não beber o meu sangue, não terá vida eterna em si." Como os judeus antes haviam afirmado que isso era impossível, Ele não só mostra que não é impossível, mas que é absolutamente necessário. Por isso acrescenta: "Quem comer a minha carne e beber o meu sangue, tem a vida eterna."

"E eu o ressuscitarei no último dia." Pois, como Ele havia dito, "Quem comer deste pão não morrerá jamais" (v. 50, não citado literalmente), e era provável que isso lhes impedisse de entender (assim como antes diziam: "Abraão morreu, e os profetas morreram; e tu dizes: Se alguém guardar a sua vida, não provará a morte?" — cap. 8, 52, não citado literalmente), Ele apresenta a Ressurreição para resolver a questão e mostrar que (quem comer) não morrerá no último dia. Ele trata continuamente do tema dos Mistérios, mostrando a necessidade dessa ação, e que deve ser feita a todo custo.

Versículo 55. "Porque a minha carne é verdadeira comida, e o meu sangue é verdadeira bebida."

O que Ele quer dizer? Ele deseja declarar que esta é a verdadeira comida que salva a alma, ou assegurar-lhes o que foi dito, para que não supusessem que as palavras eram mero enigma ou parábola, mas que saibam que é necessário de fato comer o Corpo. Então Ele diz:

Versículo 56. "Quem come a minha carne habita em mim."

Ele disse isso para mostrar que tal pessoa está unida a Ele. Agora, o que segue parece desconexo, a menos que se investigue o sentido; pois, alguém poderia dizer, depois de dizer "Quem come a minha carne habita em mim", que consequência é essa de acrescentar:

Versículo 57. "Como o Pai, que vive, me enviou, e eu vivo pelo Pai"?

No entanto, as palavras harmonizam perfeitamente. Pois, já que Ele falava continuamente da "vida eterna", para provar esse ponto Ele introduz a expressão "habita em mim"; pois "se ele habita em mim, e eu vivo, é evidente que também ele viverá". Depois diz: "Como o Pai vivo me enviou." Esta é uma expressão de comparação e semelhança, e seu sentido é algo assim: "Eu vivo da mesma maneira que o Pai vive." E para que não se pense que Ele é não-gerado, acrescenta imediatamente: "pelo Pai", não para mostrar que Ele precise, para viver, de algum poder atuando nEle — pois Ele disse antes, para afastar tal suspeita: "Como o Pai tem vida em si mesmo, assim também deu ao Filho ter vida em si mesmo"; agora, se Ele precisasse da ação de outro, então ou o Pai não lhe dera isso, e a afirmação seria falsa, ou se lha dera, Ele não precisaria de mais ninguém para sustentá-lo. Então, o que quer dizer "pelo Pai"? Ele aqui apenas indica a causa, e o que diz é algo assim: "Assim como o Pai vive, assim eu vivo, e quem me come viverá por mim." E a "vida" de que fala não é vida comum, mas a vida excelente; pois Ele não falou simplesmente de vida, mas daquela vida gloriosa e ineffável, como fica claro pelo seguinte: pois todos os homens "vivem", até os incrédulos e os não iniciados, que não comem dessa carne. Vês que as palavras não se referem a esta vida, mas à outra? E o que Ele diz é algo como: "Quem come a minha carne, quando morrer, não perecerá nem sofrerá castigo." Ele não falou da ressurreição geral (pois todos ressuscitam igualmente), mas da ressurreição especial, gloriosa, aquela que tem recompensa.

Versículo 58. "Este é o pão que desceu do céu; não como o vosso pai comeram o maná e morreram; quem comer deste pão viverá para sempre."

Ele trata continuamente do mesmo ponto, para gravá-lo no entendimento dos ouvintes (pois esse ensinamento sobre esses pontos era uma espécie de

ensino final), e para confirmar a doutrina da Ressurreição e da vida eterna. Por isso Ele menciona a Ressurreição ao prometer a vida eterna, mostrando que essa vida não é agora, mas após a Ressurreição. "E de onde", alguém poderia perguntar, "isso é claro?" Das Escrituras; para elas Ele sempre remete os judeus, ordenando-lhes que aprendam nelas essas coisas. E dizendo "que dá vida ao mundo", Ele incita-os à inveja, para que, por se aborrecimento por outros gozarem o dom, não fiquem sem ele. E Ele continuamente lhes lembra do maná, mostrando a diferença (entre ele e Seu pão) e guiando-os à fé; pois se Ele foi capaz de sustentar a vida deles por quarenta anos sem colheita, nem grão, nem outras coisas naturais, muito mais agora o poderá fazer, tendo vindo para fins maiores. Além disso, se aquelas coisas eram apenas tipos, e mesmo assim os homens recolhiam o que descia sem suor nem trabalho, muito mais será assim com este pão, onde a diferença é grande tanto na imortalidade quanto no gozo da verdadeira vida. E com razão falou tantas vezes da "vida", pois isso é desejado pelos homens, e nada é tão agradável a eles quanto não morrer. Pois até sob a antiga Aliança essa era a promessa: vida longa e muitos dias; mas agora não é apenas comprimento, mas vida sem fim. Ele deseja também mostrar que agora revoga o castigo causado pelo pecado, anulando a sentença que condena à morte e trazendo não apenas vida, mas vida eterna, ao contrário do que era antes.

Versículo 59. "Estas coisas disse Ele na sinagoga, enquanto ensinava em Cafarnaum."

[2.] O lugar onde a maioria dos Seus milagres tinha sido realizada, de modo que Ele deveria especialmente ali ser ouvido. Mas por que ensinava Ele na sinagoga e no templo? Tanto porque desejava alcançar o maior número possível deles, quanto porque queria mostrar que não estava em oposição ao Pai.

Verso 60. “Mas muitos dos seus discípulos, ouvindo isto, disseram: Esta palavra é dura.”

O que quer dizer “dura”? Significa áspera, penosa, difícil, trabalhosa. No entanto, Ele não disse nada desse tipo, pois não falou de um modo de vida,

mas de doutrinas, tratando continuamente da fé que está Nele. Então, o que quer dizer “é dura a palavra”? Será porque promete vida e ressurreição? Será porque Ele disse que desceu do céu? Ou porque é impossível ser salvo sem comer a Sua carne? Diga-me, essas coisas são “duras”? Quem pode afirmar isso? Então, o que quer dizer “dura”? Significa “difícil de aceitar”, “ultrapassa sua fraqueza”, “causa grande temor”. Pois eles pensaram que Ele proferia palavras que ultrapassavam Sua verdadeira condição, palavras que estavam acima d’Ele mesmo. Por isso disseram:

“Quem pode ouvir isto?”

Talvez para se desculpar, pois estavam prestes a afastar-se.

Versos 61, 62. “Jesus, sabendo em Si mesmo que seus discípulos murmuravam disto, disse-lhes: Isso vos escandaliza? Que fareis, se virdes o Filho do Homem subir onde estava antes?”

Ele também fez isso com Natanael, dizendo: “Porque te disse: Eu te vi debaixo da figueira, crestes? Verás coisas maiores do que estas” (cap. 1, v. 50). E a Nicodemos: “Ninguém subiu ao céu, senão o Filho do Homem que desceu do céu” (cap. 3, v. 13). Então, estaria Ele acrescentando dificuldades a dificuldades? Não, isso esteja longe d’Ele, mas pela grandeza das doutrinas e sua quantidade, Ele deseja conquistá-los. Pois se alguém tivesse dito apenas “Eu desci do céu”, e nada mais, teria mais facilidade de escandalizá-los; mas Aquele que disse “Meu corpo é a vida do mundo”; Aquele que disse “Assim como o Pai vivo Me enviou, e Eu vivo pelo Pai”; e que disse “Eu desci do céu”, resolve a dificuldade. Pois aquele que profere uma coisa grande sobre si mesmo pode ser suspeito de fingimento, mas quem conecta tantas verdades uma após outra remove toda suspeita. Tudo o que Ele faz e diz visa afastar deles o pensamento de que José fosse Seu pai. E não foi para fortalecer, mas para eliminar esse escândalo que Ele falou assim. Pois quem pensasse que Ele era filho de José não poderia aceitar Seus ensinamentos, enquanto aquele que estivesse convencido de que Ele tinha descido do céu e subiria para lá poderia ouvir Suas palavras mais facilmente. Ao mesmo tempo, Ele traz outra explicação, dizendo:

Verso 63. “O espírito é o que vivifica; a carne para nada aproveita.”

Ele quer dizer: “Deveis ouvir espiritualmente o que a Mim se refere, pois quem ouve carnalmente não se aproveita, nem tira vantagem alguma.” Era carnal perguntar como Ele desceu do céu, considerar que era filho de José, perguntar “Como pode Ele dar-nos a Sua carne para comer?” Tudo isso era carnal, quando deveriam entender a questão de modo místico e espiritual. “Mas,” dirá alguém, “como poderiam compreender o que significava ‘comer a carne’?” Então deveriam ter esperado o tempo próprio e investigado, e não tê-Lo abandonado.

“As palavras que Eu vos tenho falado são espírito e vida.”

Ou seja, são divinas e espirituais, nada de carnal possuem, não estão sujeitas às leis das consequências físicas, mas são livres de qualquer necessidade desse tipo, estão até acima das leis deste mundo, e têm também outro significado, diferente. Ora, assim como aqui Ele disse “espírito” em vez de “espiritual”, também quando fala de “carne”, não quis dizer “coisas carnais”, mas “a audição carnal”, aludindo ao mesmo tempo a eles, porque sempre desejavam coisas carnais quando deveriam desejar o espiritual. Pois se alguém as recebe carnalmente, não se aproveita. “Então, não é carne a Sua carne?” Certamente é. “Como, então, Ele diz que a carne para nada aproveita?” Ele não fala da Sua própria carne (Deus nos livre!), mas daqueles que recebem Suas palavras de modo carnal. E o que é “entender carnalmente”? É olhar apenas para o que está diante dos olhos, sem imaginar nada além disso. Isso é entendimento carnal. Mas não devemos julgar assim pela vista, mas ver todos os mistérios com os olhos interiores. Isso é ver espiritualmente. Quem não come a Sua carne, nem bebe o Seu sangue, não tem vida em si. Como, então, “a carne para nada aproveita”, se sem ela não podemos viver? Vês que as palavras “a carne para nada aproveita” são ditas não da Sua carne, mas da audição carnal?

Verso 64. “Mas há alguns de vós que não creem.”

De novo, conforme seu costume, Ele reforça Suas palavras, prevendo o que viria a acontecer, e mostrando que falava não por desejo de honra deles, mas por amor. E quando disse "alguns", excluiu os discípulos. Pois no começo Ele disse: "Vistes e não credes" (v. 36); mas aqui: "Há alguns de vós que não creem."

Pois Ele "sabia desde o princípio quem não creia, e quem o havia de entregar."

Verso 65. "E por isso vos disse que ninguém pode vir a Mim, se não lhe for dado do Pai."

[3.] Aqui o Evangelista nos indica o caráter voluntário da Dispensação, e a Sua resistência ao mal. Nem o "desde o princípio" está colocado sem motivo, para que saibas que Ele tinha presciência desde o início, e que antes das palavras serem ditas, e não depois que os homens murmuraram ou ficaram ofendidos, Ele já sabia quem era o traidor — o que é um atributo da divindade. Depois acrescentou: "A menos que seja dado a ele do alto, por Meu Pai"; persuadindo-os assim a crer que Deus é Seu Pai, não José, e mostrando que não é coisa comum crer Nele. Como se dissesse: "Incrédulos, não Me perturbem; não Me inquietem, não Me espantem. Eu sei de antemão, antes que fossem criados, sei a quem o Pai deu a graça de crer;" e tu, ao ouvires que "Ele deu", não imagines apenas uma distribuição arbitrária, mas que aquele que se tornou digno de receber o dom, recebeu-o.

Ver. 66. "Desde então, muitos de Seus discípulos voltaram atrás e já não andavam com Ele."

O Evangelista disse corretamente, não que "partiram", mas que "voltaram atrás", mostrando que se cortaram de qualquer progresso na virtude, e que, separando-se, perderam a fé que antes tinham. Mas isso não aconteceu com os Doze; por isso Ele lhes disse:

Ver. 67. "Também vós quereis ir embora?"

Mostrando novamente que Ele não precisava do ministério e serviço deles, e provando-lhes que não os levou consigo por causa disso. Pois como poderia Ele dizer tais coisas até mesmo a eles? Mas por que não os elogiou? Por que não os aprovou? Porque Ele preservava a dignidade que convém a um mestre, e também para mostrar-lhes que deveriam ser atraídos por esse modo de agir. Pois, se os tivesse elogiado, eles poderiam, supondo que Lhe fizessem um favor, ter algum sentimento humano; mas mostrando que não precisava da presença deles, os mantinha mais perto de Si. E observa com que prudência falou. Ele não disse "Ide embora" (isso teria sido expulsá-los), mas perguntou: "Também vós quereis ir embora?" — expressão de quem retira toda força ou compulsão, e não deseja que fiquem por vergonha, mas por benevolência. Não acusando abertamente, mas insinuando suavemente, Ele mostra qual é a conduta verdadeiramente sábia nessas circunstâncias. Mas nós sentimos diferente, com razão, pois fazemos tudo com base no nosso próprio orgulho e pensamos que nosso estado se rebaixa pela partida dos que nos acompanham. Mas Ele nem lisonjeou nem rejeitou, perguntou. Isso não foi ato de desprezo, mas de quem quer que não sejam retidos pela força; pois permanecer por força é o mesmo que partir. O que então disse Pedro?

Ver. 68, 69. "A quem iremos nós? Tu tens as palavras da vida eterna. E nós cremos e sabemos que Tu és o Cristo, o Filho do Deus vivo."

Vês que não foram as palavras que causaram ofensa, mas a falta de atenção, a preguiça e o entendimento errado dos ouvintes? Pois mesmo que Ele não tivesse falado, teriam se escandalizado, e não cessariam de estar preocupados com o alimento corporal, sempre ligados à terra. Além disso, os discípulos ouviram junto com os outros, mas expressaram opinião contrária, dizendo: "A quem iremos nós?" Expressão que indica muito amor, pois mostra que seu Mestre era mais precioso para eles do que tudo, mais do que pai, mãe ou qualquer posse, e que se se afastassem dEle, não teriam para onde fugir. Para que não parecesse que disse "a quem iremos nós?" porque ninguém os receberia, logo acrescentou: "Tu tens as palavras da vida eterna." Pois os judeus ouviam de forma carnal e com raciocínios humanos, mas os discípulos espiritualmente e entregando tudo à fé. Por isso Cristo disse: "As palavras que vos falei são espírito"; isto é, "não suponhas que o ensino de

Minhas palavras esteja sujeito às regras das consequências materiais ou às necessidades das coisas criadas. As coisas espirituais não são assim, nem se submetem às leis da terra.” Paulo também declara isso, dizendo: “Não digas no teu coração: Quem subirá ao céu? (isto é, para fazer descer Cristo;) ou: Quem descerá ao abismo? (isto é, para fazer subir Cristo dos mortos).” (Rom. 10, 6-7)

“Tu tens as palavras da vida eterna.” Esses homens já admitiam a Ressurreição e toda a partilha que nela haverá. E observa como o homem, irmão e afetuoso, responde por todo o grupo. Pois ele não disse “Eu sei”, mas “Nós sabemos.” Ou melhor, observa como ele vai às próprias palavras do Mestre, não falando como os judeus. Eles diziam: “Este é filho de José”; mas ele disse: “Tu és o Cristo, o Filho do Deus vivo”; e “Tu tens as palavras da vida eterna,” talvez por ter ouvido Ele dizer: “Quem crê em Mim tem a vida eterna, e Eu o ressuscitarei no último dia.” Pois mostrou que guardava tudo que fora dito, recordando as palavras exatas. O que fez então Cristo? Ele nem elogiou nem admirou Pedro, embora noutro lugar tenha feito isso; mas o que disse?

Ver. 70. “Não vos escolhi eu os doze? E um de vós é diabo.”

Pois, como Pedro disse “Nós cremos,” Jesus exclui Judas do grupo. Noutro momento Pedro não mencionou os discípulos; mas quando Cristo perguntou “Quem dizeis que Eu sou?” ele respondeu: “Tu és o Cristo, o Filho do Deus vivo” (Mt 16,15); mas aqui, como disse “Nós cremos,” Cristo com razão não admite Judas nesse grupo. E isso fez de longe e muito antes da hora, para conter a maldade do traidor, sabendo que não adiantaria, mas fazendo a Sua parte.

[4.] E repara em Sua sabedoria. Ele não denunciou imediatamente o traidor, mas também não permitiu que ele ficasse escondido; para que, por um lado, ele não perdesse toda a vergonha e se tornasse mais contencioso; e por outro lado, para que ele não, pensando estar despercebido, praticasse sua maldade sem temor. Por isso, aos poucos, Ele lhe dirige repreensões mais claras. Primeiro, contou-o entre os outros, quando disse: "Há alguns de vós que não

creem" (pois o Evangelista declarou que Ele contou o traidor, dizendo: "Porque desde o princípio Ele sabia quem não criam e quem O trairia"); mas quando ele ainda permaneceu assim, trouxe contra ele uma repreensão mais severa, "Um dentre vós é um diabo", e contudo fez o temor comum a todos, desejando ocultá-lo. E aqui vale a pena perguntar por que os discípulos naquele momento nada disseram, mas depois ficaram com medo e duvidaram, olhando uns para os outros e perguntando: "Senhor, sou eu?" (Mateus 26,22), quando Pedro acenou para João para descobrir quem era o traidor, indagando ao Mestre quem seria. Qual é a razão? Pedro ainda não havia ouvido: "Vai-te atrás de mim, Satanás", por isso não tinha medo algum; mas quando foi repreendido, e embora falasse por forte afeição, em vez de ser aprovado, foi até chamado de "Satanás", depois com razão temeu quando ouviu: "Um de vós há de Me trair". Além disso, Ele nem agora disse: "Um de vós há de Me trair", mas sim: "Um de vós é um diabo"; por isso não entenderam o que foi dito, pensando que Ele apenas se referia à maldade deles.

Mas por que disse Ele: "Escolhi-vos doze, e um de vós é um diabo"? Foi para mostrar que seu ensino estava inteiramente livre de bajulação. Para que não pensassem que Ele os lisonjearia, porque, quando todos O abandonaram, eles ficaram, e por Pedro confessaram que Ele era o Cristo, Ele os afasta dessa suspeita. E o que Ele quer dizer é algo assim: "Nada Me envergonha em repreender os maus; não penseis que porque ficastes, escolherei lisonjeá-los, ou que porque Me seguiste, não repreenderei o ímpio. Pois outra circunstância, muito mais poderosa, que envergonha um mestre, não Me impede. Pois aquele que fica prova seu afeto, enquanto aquele que foi escolhido por um mestre, mas rejeitado, fica marcado como tolo aos olhos dos insensatos. Ainda assim, isso não Me faz deixar de repreender." Isso, ao menos agora, os pagãos friamente e insensatamente censuram contra Cristo. Pois Deus não costuma tornar os homens bons por meio de compulsão ou força, nem Sua eleição e escolha são obrigatórias para os chamados, mas persuasivas. E para que saibas que o chamado não obriga, considera quantos dos chamados se perderam, ficando claro que também está em nossa própria vontade ser salvos ou perecer.

[5.] Ouvindo, pois, essas coisas, aprendamos sempre a estar sóbrios e vigilantes. Pois se aquele que era contado entre o santo grupo, que possuía tão grande dom, que operava milagres (pois também ele estava com os outros enviados para ressuscitar mortos e curar leprosos), se quando foi dominado pela terrível doença da avareza e traiu seu Mestre, nem os favores, nem os dons, nem o convívio com Cristo, nem o serviço a Ele, nem o lavar dos pés, nem o compartilhar da mesa, nem o carregar da bolsa lhe valeram, se essas coisas serviram apenas para acelerar sua punição, temamos também que pela avareza imitemos Judas. Tu não traís a Cristo. Mas quando negligencias o pobre que se consome de fome, ou morre de frio, esse homem atrai sobre ti a mesma condenação. Quando participamos indignamente dos Mistérios, perecemos como os que mataram Cristo. Quando saqueamos, quando oprimimos os mais fracos que nós, atrairemos a punição mais severa. E com razão; pois até quando deixaremos que o amor pelas coisas presentes nos ocupe, coisas supérfluas e inúteis? Já que a riqueza consiste em superfluidades, nas quais não há vantagem alguma. Até quando ficaremos presos às vaidades? Até quando não olharemos para além, para o céu, não estaremos sóbrios, não nos fartaremos dessas coisas passageiras da terra, não aprenderemos pela experiência seu nada valer? Pensemos naqueles que foram ricos antes de nós; não são todas essas coisas um sonho? Não são sombra, flor? Não são um rio que passa? Uma história e um conto? Tal homem foi rico, e onde está agora sua riqueza? Foi embora, pereceu, mas os pecados cometidos por causa dela permanecem com ele, assim como a punição devido aos pecados. Sim, certamente, se não houvesse punição, se nenhum reino fosse posto diante de nós, seria dever mostrar respeito aos de mesma origem e família, respeitar os que têm sentimentos semelhantes aos nossos. Mas agora alimentamos cães, e muitos de nós, jumentos selvagens, ursos e várias feras, enquanto não cuidamos do homem que perece de fome; e algo estranho a nós é mais valorizado do que aquilo que é de nossa parentela, e nossa própria família é menos honrada que criaturas que não são parentes nem relacionadas conosco.

É uma boa coisa construir para si casas magníficas, ter muitos servos, deitar e contemplar um teto dourado? Pois então, certamente, é supérfluo e inútil. Pois existem outros edifícios, muito mais brilhantes e majestosos do que

estes; nos quais devemos alegrar nossos olhos, pois ninguém nos impede. Queres ver o teto mais belo? Ao anoitecer, olha para o céu estrelado. "Mas," dirá alguém, "este teto não é meu." Porém, na verdade, este é mais teu do que aquele outro. Pois ele foi feito para ti, e é comum a ti e a teus irmãos; o outro não é teu, mas deles que depois da tua morte o herdarão. O primeiro pode te fazer o maior serviço, guiando-te, por sua beleza, ao Criador; o outro o maior mal, tornando-se teu maior acusador no Dia do Juízo, por ser coberto de ouro, enquanto Cristo não tem sequer vestes necessárias. Não sejamos, eu vos imploro, sujeitos a tal loucura; não busquemos coisas que fogem, e fujamos daquelas que permanecem; não traiamos nossa própria salvação, mas apeguemo-nos à esperança do que virá; os idosos, sabendo certamente que pouco tempo de vida lhes resta; os jovens, também convictos de que o que lhes resta não é muito. Pois aquele dia virá como um ladrão na noite. Sabendo disso, que as esposas exortem seus maridos, e os maridos advirtam suas esposas; que ensinemos os jovens e as virgens, e todos nos instruamos mutuamente, para não nos importarmos com as coisas presentes, mas desejarmos as que virão, para que também as possamos obter; pela graça e bondade amorosa de nosso Senhor Jesus Cristo, por quem e com quem, ao Pai e ao Espírito Santo, seja glória agora e sempre, pelos séculos dos séculos. Amém.

Sermão XLVIII.
João 7,1-2 – "Depois destas coisas, Jesus andava pela Galileia; pois não queria andar pela Judeia, porque os judeus procuravam matá-lo. Ora, a festa dos tabernáculos dos judeus estava próxima."

[1.] Nada há pior do que a inveja e a malícia; por meio delas entrou a morte no mundo. Pois, quando o diabo viu o homem honrado, não suportou sua prosperidade, mas usou todos os meios para destruí-lo (Sabedoria 2,24). E dessa mesma raiz pode-se ver por toda parte o mesmo fruto produzido. Assim Abel foi morto; assim Davi, com muitos outros homens justos, quase o foi; e também por isso os judeus se tornaram matadores de Cristo. Declarando isso, o Evangelista disse: "Depois destas coisas, Jesus andava pela Galileia, pois não tinha poder para andar pela Judeia, porque os judeus procuravam matá-lo." Que dizes, ó bem-aventurado João? Não tinha "poder"

aquele que podia fazer tudo o que queria? Aquele que disse: "Quem buscais?" (João 18,6) e os fez recuar? Aquele que estava presente, mas não era visto (João 21,4), não tinha "poder"? Como então depois entrou no meio deles no templo, no meio da festa, quando havia assembleia, estando presentes os que ansiavam por assassiná-lo, e proferiu aquelas palavras que os enfureceram ainda mais? De fato, isso maravilhava as pessoas, dizendo: "Não é este aquele que procuram matar? E eis que fala livremente, e ninguém lhe diz nada." (João 7,25-26). Que significam esses enigmas? Rejeitemos essa palavra! O Evangelista não falou para que se supusesse que ele falava em enigmas, mas para tornar claro que Ele mostrava provas tanto de sua divindade quanto de sua humanidade. Pois quando ele diz que "não tinha poder", fala d'Ele como homem, agindo muitas coisas segundo o modo dos homens; mas quando diz que Ele estava no meio deles e não foi preso, mostra-nos o poder da divindade (como homem fugia, como Deus se manifestava), e em ambos os casos fala a verdade. Estar no meio daqueles que tramavam contra Ele e não ser preso por eles mostrou sua natureza insuperável e irresistível; ceder fortaleceu e autenticou a Economia, para que nem Paulo de Samosata, nem Marcião, nem os afetados por suas heresias pudessem dizer algo contra. Assim ele cala todas as suas bocas.

"Depois destas coisas era a festa dos tabernáculos dos judeus." As palavras "depois destas coisas" significam apenas que o escritor foi conciso aqui, e passou por um longo intervalo de tempo, como se vê pelo seguinte. Quando Cristo estava no monte, dizia-se que era a festa da Páscoa; aqui o escritor menciona a "festa dos tabernáculos" e durante cinco meses não nos contou ou ensinou mais nada, exceto o milagre dos pães e o sermão feito àqueles que comeram. Contudo, Ele não cessou de fazer milagres e de conversar, tanto de dia, quanto à noite, e muitas vezes até de madrugada; ao menos foi assim que Ele conduziu seus discípulos, como todos os Evangelistas nos dizem. Por que então omitiram esse intervalo? Porque era impossível narrar tudo completamente, e além disso, porque desejavam mencionar os pontos que foram seguidos de qualquer objeção ou contestação dos judeus. Houve muitas circunstâncias como essas que aqui são omitidas; pois que Ele ressuscitou mortos, curou enfermos e foi admirado, frequentemente registraram; mas quando tinham algo incomum a relatar, alguma acusação

aparentemente feita contra Ele, essas coisas registraram, como agora, que "Seus irmãos não criam n’Ele." Pois uma circunstância assim traz consigo uma suspeita considerável, e vale a pena admirar sua disposição amante da verdade, como não têm vergonha de relatar coisas que parecem trazer desonra ao seu Mestre, mas estão ainda mais ansiosos para relatar isso do que outras coisas. Por exemplo, o escritor, tendo passado por muitos sinais, prodígios e sermões, saltou logo para isto.

Versículos 3-5. Pois, diz ele, "Seus irmãos disseram-Lhe: 'Vai daqui, e vai para a Judeia, para que também os teus discípulos vejam as obras que fazes; pois ninguém faz coisa alguma em segredo, buscando ser conhecido publicamente. Mostra-te ao mundo.' Pois nem mesmo Seus irmãos criam n’Ele."

[2.] Que incredulidade, dirá alguém, há aqui? Eles o exortam a operar milagres. É um feito grande; pois de incredulidade vêm suas palavras, e sua insolência, e sua liberdade de falar fora de hora. Pois pensavam que, por causa da relação familiar, lhes era lícito dirigir-se a Ele com ousadia. E seu pedido parece ser o de amigos, mas as palavras foram de grande malícia. Pois aqui O repreendem de covardia e vaidade: já que dizer “ninguém faz coisa alguma em segredo” é expressão de quem O acusa de covardia, e suspeita que as coisas feitas por Ele não foram realmente feitas; e acrescentar que “Ele busca ser conhecido” era acusá-lo de vaidade. Mas observemos, peço-vos, o poder de Cristo. Dentre os que disseram essas coisas, um tornou-se o primeiro bispo de Jerusalém, o bem-aventurado Tiago, de quem Paulo disse: “Dos outros apóstolos não vi nenhum, senão Tiago, irmão do Senhor” (Gálatas 1,19); e Judas também foi dito ser um homem admirável. E ainda assim essas pessoas estiveram presentes em Caná, quando o vinho foi feito, mas até então não tinham aproveitado nada. De onde então tanta incredulidade? De sua má mente e da inveja; pois a superioridade entre os parentes costuma ser invejada por aqueles que não são igualmente exaltados. Mas quem são os que aqui chamam discípulos? A multidão que O seguia, não os doze. O que então diz Cristo? Observa quão brandamente Ele respondeu; não disse: “Quem sois vós que assim Me aconselhais e instruís?” mas,

Versículo 6. “Ainda não é chegada a minha hora.”

Aqui parece-me que Ele insinua algo além do que expressa; talvez na inveja deles estivesse o desejo de entregá-lo aos judeus; e, apontando isso, Ele diz: “Ainda não é chegada a minha hora”, isto é, “a hora da Cruz e da Morte; por que apressais para Me matar antes do tempo?”

“Mas o vosso tempo está sempre pronto.”

Como se dissesse: “Embora estejais sempre com os judeus, eles não vos matarão, vós que desejais o mesmo que eles; mas a Mim logo desejarão matar. Por isso, é sempre vosso tempo estar com eles sem perigo, mas o Meu tempo é quando se aproxima a hora da Cruz, quando devo morrer.” Pois isso era o que Ele queria dizer, o que demonstrou pelo que disse depois.

Versículo 7. “O mundo não pode odiar-vos” (como odiaria quem deseja e corre pelas mesmas coisas?) “mas a Mim odeia, porque testifico contra ele que as suas obras são más.”

“Isto é, porque Eu o repreendo e castigo, por isso sou odiado.” Com isso aprendamos a dominar nossa ira e a não ceder a paixões indignas, ainda que nos aconselhem pessoas inferiores. Pois se Cristo suportou com mansidão os descrentes que O aconselhavam, mesmo quando o conselho deles era impróprio e sem boa intenção, que perdão teremos nós, que somos pó e cinza, mas nos irritamos com aqueles que nos aconselham, e julgamos ser tratados injustamente, embora tais pessoas sejam um pouco mais humildes do que nós? Observa como Ele repele a acusação com toda brandura; pois quando dizem: “Mostra-Te ao mundo,” Ele responde: “O mundo não pode odiar-vos, mas a Mim odeia,” afastando a acusação. “Estou tão longe de buscar honra dos homens, que não paro de repreendê-los, mesmo sabendo que assim crio ódio contra Mim e preparo a morte.” “E onde,” pergunta alguém, “Ele repreendeu os homens?” Quando Ele deixou de fazê-lo? Não disse Ele: “Não penseis que Eu acusarei ao Pai; há quem vos acuse, Moisés mesmo” (João 5,45)? E ainda: “Eu sei que não tendes amor de Deus em vós” e “Como podeis crer, que recebeis honra dos homens e não buscais a honra

que vem só de Deus?" Vês como Ele mostrou em todo lugar que foi a repreensão aberta, e não a violação do sábado, que causou o ódio contra Ele?

E por que Ele os manda à festa, dizendo,

Versículo 8. "Subi à festa; Eu ainda não subo"?

Para mostrar que Ele dizia isso não por precisar deles ou desejar ser bajulado por eles, mas permitindo que fizessem o que pertencia aos judeus. "Mas como," dirá alguém, "subiu Ele depois de dizer: 'Eu não subo'?" Ele não disse de vez em toda a parte "Eu não subo," mas "ainda não," isto é, "não subo com vocês."

"Porque ainda não chegou a minha hora."

E ainda assim Ele estava para ser crucificado na Páscoa que se aproximava. "Então por que não subiu?" Pois se não subiu porque a hora não chegara, não deveria subir nunca. Mas Ele não subiu para sofrer, mas para instruí-los. "Mas por que às escondidas? Já que subindo abertamente poderia estar entre eles e conter suas más intenções, como fazia muitas vezes." Foi porque Ele não queria fazer isso continuamente. Se tivesse subido abertamente e novamente cegado-os, teria feito sua divindade brilhar em maior grau, o que naquele momento não convinha, mas Ele a ocultava. E como pensavam que sua permanência era por covardia, Ele mostra-lhes o contrário, que era por confiança e uma economia divina, e que, sabendo de antemão quando deveria sofrer, desejaria muito subir a Jerusalém quando a hora chegasse. E penso que dizendo "Subi vós," quis dizer "Não penseis que vos obrigo a ficar comigo contra a vossa vontade," e essa adição "Minha hora ainda não chegou" expressa que milagres deveriam ser feitos e sermões dados, para que mais pessoas cressem e os discípulos se fortalecessem vendo a coragem e o sofrimento do Mestre.

[3.] Aprendamos, pois, do que foi dito, a Sua bondade e mansidão; "Aprendei de Mim, que sou manso e humilde de coração" (Mateus 11,29); e lancemos fora toda amargura. Se alguém se exaltar contra nós, sejamos humildes; se

alguém for ousado, esperemos por ele; se alguém nos morder e devorar com zombarias e gracejos, não nos deixemos vencer; para que, ao nos defender, não nos destruamos. Pois a ira é uma fera selvagem, uma fera feroz e irada. Repetamos a nós mesmos encantamentos suavizadores extraídos das Sagradas Escrituras, e digamos: "Tu és pó e cinza." "Por que se orgulha o pó e a cinza?" (Eclesiástico 10,9), e "O domínio da sua ira será a sua ruína" (Eclesiástico 1,22); e "O homem iracundo não é belo" (Provérbios 11,25 LXX); pois nada há mais vergonhoso, nada mais feio que um rosto inflamado de ira. Assim como quando se mexe a lama exala mau cheiro, assim quando a alma é perturbada pela paixão há grande indecência e desagradabilidade. "Mas," diz alguém, "não suporto insultos dos meus inimigos." Por quê? Dize-me. Se a acusação for verdadeira, então deves, antes mesmo da afronta, já estar tocado no coração, e agradecer ao teu inimigo pelas suas repreensões; se for falsa, despreza-a. Ele te chamou pobre? Ri dele; chamou-te bastardo e tolo? Então compadece-te dele; pois "Quem disser a seu irmão: Raca, será réu do tribunal; e quem disser: Tolo, será réu do fogo do inferno" (Mateus 5,22). Sempre que alguém te insultar, considera a punição que ele sofre; assim não só não te irarás, como até chorará por ele. Pois ninguém se ira com quem está em febre ou inflamação, mas compadece-se e chora por tais; e assim é a alma que está irada. Ainda que queiras vingar-te, cala-te, e terás dado um golpe mortal ao teu inimigo; enquanto se acrescentares injúria a injúria, terás acendido um fogo. "Mas," diz alguém, "os espectadores nos acusam de fraqueza se calarmos." Não, eles não condenarão tua fraqueza, mas admirarão tua sabedoria. Ademais, se fores picado pela insolência, tornar-te-ás insolente; e sendo picado, obrigas os outros a pensar que o que disseram sobre ti é verdade. Por isso, dize-me, um homem rico ri quando o chamam pobre? Não é porque sabe que não é pobre? Se, pois, rirmos dos insultos, daremos a prova mais forte de que não nos reconhecemos nas faltas que nos imputam. Além disso, por quanto tempo devemos temer as opiniões dos homens? Por quanto tempo desprezaremos nosso comum Senhor, e ficaremos presos à carne? "Porque, havendo entre vós contendas e invejas e divisões, porventura não sois carnais?" (1 Coríntios 3,3). Tornemo-nos, pois, espirituais, e contenhamos essa fera terrível. A ira não difere da loucura; é um demônio temporário, ou melhor, é pior do que ter um demônio; pois aquele que tem um demônio pode ser desculpado, mas o homem irado

merece dez mil punições, lançando-se voluntariamente no poço da perdição, e antes do inferno que virá, já sofre castigo por isso, trazendo à sua alma uma certa inquietação contínua e tempestade nunca silenciada de fúria, por toda a noite e todo o dia. Livremo-nos, portanto, dessa paixão para escapar ao castigo aqui e à vingança futura, e manifestemos toda mansidão e gentileza, para encontrarmos descanso para nossas almas tanto aqui como no Reino dos Céus. Que a todos nós seja concedido, pela graça e misericórdia do nosso Senhor Jesus Cristo, por quem e com quem, ao Pai e ao Espírito Santo seja glória, agora e sempre, e pelos séculos dos séculos. Amém.

Sermão XLIX
João 7,9-10 – "Tendo dito estas coisas, ficou ainda na Galileia; mas, depois que seus irmãos subiram, também Ele subiu à festa, não publicamente, mas como quem está escondido."

[1.] As coisas que Cristo fez à maneira humana não o foram somente para firmar a Encarnação, mas também para nos educar para a virtude. Pois se Ele fizesse tudo como Deus, como poderíamos nós saber, ao nos depararmos com situações desagradáveis, o que devemos fazer? Por exemplo, quando estava naquele mesmo lugar e os judeus queriam matá-Lo, Ele entrou no meio deles e assim acalmou o tumulto. Se Ele fizesse isso sempre, como nós, não podendo agir assim, e caindo em situação semelhante, poderíamos saber como agir: se morrer logo ou usar algum artifício para que a palavra fosse propagada? Portanto, como nós, sem poder, não poderíamos entender o que fazer diante dos inimigos, Ele nos ensina isso. Pois diz o Evangelista: Jesus "tendo dito estas coisas, ficou na Galileia; mas, depois que seus irmãos subiram, também Ele subiu à festa, não publicamente, mas como quem está escondido." A expressão "depois que seus irmãos subiram" mostra que Ele escolheu não ir com eles, ficando onde estava e não se manifestando, embora de certa forma eles O pressionassem a fazê-lo. Mas por que Ele, que sempre falava abertamente, agora agiu "como quem está escondido"? O autor não diz "secretamente", mas "como quem está escondido", como se estivesse nos ensinando a manejar essas situações. Além disso, não era o mesmo ir ao meio deles quando estavam exaltados e rebeldes, do que fazer isso depois que a festa acabou.

Verso 11: “Então os judeus O procuravam e diziam: Onde está Ele?”

Ó quão notáveis as ações deles durante as festas! Estão ávidos por assassiná-Lo e querem prendê-Lo mesmo durante a festa! Em outro lugar dizem: “Acaso pensais que Ele não virá à festa?” (João 11,56); e aqui dizem: “Onde está Ele?” Pelo ódio e inimizade extrema, nem sequer O chamam pelo nome. Grande é o respeito deles pela festa, grande a sua cautela. Usando a própria festa, queriam prendê-Lo!

Verso 12: “E havia muito murmúrio entre o povo a respeito d’Ele.”

Creio que estavam irritados pelo lugar onde o milagre fora feito, e estavam furiosos e temerosos, não tanto por raiva do que havia acontecido, mas por medo de que Ele fizesse outro milagre semelhante. Porém tudo aconteceu contra o que desejavam, e contra a vontade deles, fizeram-No notório.

“Uns diziam: Ele é bom; outros diziam: Não, Ele engana o povo.”

Parece-me que a primeira opinião era da maioria, e a outra dos governantes e sacerdotes, pois difamar combinava com sua malícia. Diziam: “Ele engana o povo.” Como? Por parecer fazer milagres e não realmente fazê-los? Mas a experiência testemunha o contrário.

Verso 13: “No entanto ninguém falava abertamente a respeito d’Ele por medo dos judeus.”

Vês aí a corrupção dos governantes, e o povo, embora são no julgamento, não tem a coragem que uma multidão geralmente não tem.

Verso 14: “Já pela metade da festa, Jesus subiu e ensinava.”

Com esse atraso, Ele os tornou mais atentos; pois aqueles que O procuravam nos primeiros dias e perguntavam “Onde está Ele?”, ao vê-Lo repentinamente presente, chegaram-se para ouvi-Lo, tanto os que diziam que Ele era bom,

quanto os que diziam o contrário; os primeiros para se beneficiar e admirá-Lo, os segundos para agarrá-Lo. Um grupo dizia: “Ele engana o povo” por causa dos ensinamentos, não entendendo Seu sentido; o outro dizia “Ele é bom” pelos milagres. Ele veio quando a ira deles havia amainado, para que pudessem ouvir calmamente Suas palavras, sem a paixão que bloqueava os ouvidos. O Evangelista não diz o que Ele ensinou; só afirma que foi maravilhoso, e que Ele os conquistou e trouxe para Si. Tal era o poder de Sua palavra. Aqueles que diziam “Ele engana o povo” mudaram de opinião e ficaram maravilhados. Por isso disseram:

Verso 15: “Como sabe este homem ler, sem ter estudado?”

Observa como o Evangelista mostra que a admiração deles continha malícia? Ele não diz que admiraram o ensino ou acolheram as palavras, mas que ficaram admirados, isto é, atônitos e duvidando, perguntando: “De onde vem este homem tais coisas?” quando, por essa dúvida, deveriam ter reconhecido que não havia nada apenas humano n’Ele. Mas, por não quererem confessar isso, ficaram só na dúvida; ouve o que Ele responde:

Verso 16: “O meu ensino não é meu.”

Ele responde aos pensamentos secretos deles, remetendo-os ao Pai, querendo calar-lhes a boca.

Verso 17: “Se alguém quiser fazer a vontade d’Ele, conhecerá se o ensino é de Deus, ou se falo por mim mesmo.”

Quer dizer: “Rejeitai de vós a malícia, a ira, a inveja e o ódio que foram concebidos contra Mim sem causa, e então nada impedirá que saibais que Minhas palavras são de Deus. Pois agora essas coisas vos obscurecem e destroem o juízo correto, mas se as removerdes, não será mais assim.” Ele não disse isso abertamente, para não os confundir demais, mas indicou tudo ao dizer: “Quem faz a vontade d’Ele conhecerá se o ensino é de Deus ou se falo por Mim mesmo,” ou seja, “se falo algo diferente, estranho ou contrário a

Deus.” Pois “por Mim mesmo” sempre significa “não digo nada além do que parece bom a Ele, mas faço tudo o que o Pai quer.”

“Se alguém fizer a vontade d’Ele, conhecerá o ensino.”

“Que quer dizer ‘Se alguém fizer a vontade d’Ele?’” — “Se alguém amar a vida virtuosa, conhecerá o poder dessas palavras.” “Se alguém der atenção às profecias para ver se falo conforme elas ou não.”

[2.] Mas como a doutrina é dele e não dele? Pois Ele não disse: “Esta doutrina não é minha”; mas, tendo primeiro dito “é minha” e reivindicado como Sua, depois acrescentou: “não é minha.” Como então pode a mesma coisa ser “dele” e “não dele”? É “dele”, porque Ele a pronunciou não como alguém que aprendeu de outro; e é “não dele”, porque era a doutrina do Pai. Como então Ele diz: “Tudo o que é do Pai é meu, e o que é meu é do Pai”? (João 17,10) “Pois se porque a doutrina é do Pai, não é tua, essa outra afirmação é falsa, pois deveria ser tua.” Mas o “não é minha” é uma forte prova de que a doutrina dEle e do Pai são uma só; como se dissesse: “Não há nada diferente, como se fosse de outro.” Pois embora Minha Pessoa seja diferente, assim falo e ajo para que não se suponha que falo ou ajo algo contrário ao Pai, mas exatamente as mesmas coisas que o Pai diz e faz.” Depois acrescenta outro argumento incontestável, trazendo algo meramente humano e ensinando-lhes por meio do que lhes era familiar. E o que é isso?

Verso 18. “Quem fala de si mesmo busca a sua própria glória.”

Isto é, “Quem deseja estabelecer alguma doutrina própria, deseja fazê-lo apenas para que ele mesmo possa gozar da glória. Ora, se eu não desejo gozar da glória, por que haveria de desejar estabelecer alguma doutrina minha? Quem fala de si mesmo, isto é, que fala algo próprio ou diferente dos outros, fala justamente para estabelecer sua própria glória; mas eu busco a glória daquele que me enviou, por que então haveria de escolher ensinar coisas diferentes?” Vês que havia motivo para Ele também dizer que “não fazia nada de si mesmo”? (João 5,19 e 8,28.) Qual era esse motivo? Que acreditassem que Ele não buscava a honra dos muitos. Portanto, quando Suas

palavras são humildes — “Eu busco”, Ele diz, “a glória do Pai” — deseja persuadi-los de que Ele mesmo não ama a glória. Há muitas razões para Ele usar palavras humildes, como para que não O julgassem inengendrado ou contrário a Deus, por estar revestido da carne, pela fraqueza de Seus ouvintes, para ensinar os homens a serem modestos e não falarem grande coisa de si mesmos; já para falar palavras altas, só haveria uma razão: a grandeza de Sua Natureza. E se quando disse “Antes que Abraão existisse, Eu Sou” (João 8,58) eles se escandalizaram, qual teria sido sua reação se Ele falasse continuamente palavras altas?

Verso 19. “Moisés não vos deu a lei? E nenhum de vós cumpre a lei? Por que quereis matar-me?”

“E qual é a conexão,” diz alguém, “ou o que isso tem a ver com o que foi dito antes?” Os judeus apresentaram contra Ele duas acusações: uma, que Ele violava o sábado; outra, que Ele chamava Deus de Seu Pai, igualando-se a Deus. E que isso não era imaginação deles, mas um julgamento declarado dEle mesmo, e que Ele falava não como os muitos, mas em sentido especial e peculiar, fica claro por este fato. Muitos chamavam Deus de Pai, como em “Não temos todos um só Pai? Não nos criou um só Deus?” (Malaquias 2,10), mas não por isso o povo era igual a Deus, por isso os ouvintes não se escandalizavam. Assim, quando os judeus disseram “Este homem não é de Deus”, Ele muitas vezes os curou e defendeu a violação do sábado; então, se o sentido que eles atribuíram às Suas palavras fosse conforme a imaginação deles, e não conforme Sua intenção, Ele os teria corrigido dizendo: “Por que pensais que Eu me igualo a Deus? Não sou igual”; porém não disse nada disso, ao contrário, declarou depois, por seus atos, que Ele é igual. Pois “Como o Pai ressuscita os mortos e lhes dá vida, assim também o Filho dá vida a quem quer” (João 5,21); e “Para que todos honrem o Filho como honram o Pai”; e “As obras que Ele faz, o Filho também as faz igualmente”; tudo isso prova Sua igualdade. Além disso, a respeito da Lei Ele disse: “Não penseis que vim destruir a Lei ou os Profetas” (Mateus 5,17). Assim Ele sabe remover as más suspeitas em suas mentes; mas aqui, não só não as remove, como até confirma a suspeita de Sua igualdade. Por isso, quando disseram em outro lugar “Tu te fazes Deus”, Ele não as removeu, mas as confirmou,

dizendo “Para que saibais que o Filho do Homem tem poder na terra para perdoar pecados”, ao mandar ao paralítico: “Levanta-te, toma o teu leito e anda” (Mateus 9,6). Esse foi o primeiro ponto a que Ele visou: igualar-Se a Deus, mostrando que não era inimigo de Deus, mas que dizia e ensinava o mesmo que Ele. Depois, trata da violação do sábado, dizendo: “Moisés não vos deu a Lei, e nenhum de vós a cumpre?” Como se dissesse: “A Lei diz: Não matarás; porém vós matais, e me acusais de violar a Lei.” Mas por que diz “nenhum de vós”? Porque todos queriam matá-lo. “E se,” Ele diz, “eu até transgredi a Lei para salvar um homem, vós a transgredis para o mal. E mesmo se minha ação foi transgressão, foi para salvar, e eu não devo ser julgado por vós que transgredis em coisas maiores. Pois vossa conduta é uma subversão da Lei toda.” Depois, Ele insiste mais, embora já tivesse dito muito antes; mas antes falava de modo mais elevado e digno, e agora fala com mais humildade. Por quê? Porque não queria irritá-los sempre. A ira deles estava intensa e iam tentar matá-lo. Por isso Ele os repreende de duas formas: censurando a audácia deles, dizendo “Por que quereis matar-me?”, e chamando-Se humildemente “um homem que disse a verdade” (João 8,40), mostrando que assassinos de coração não são dignos de julgar os outros. E observa tanto a humildade da pergunta de Cristo como a insolência da resposta deles.

Verso 20. “Tu tens um demônio; quem quer matar-te?”

[3.] A expressão (“Tens um demônio”) é de ira e indignação, e provém de uma alma tornada desavergonhada por uma repreensão inesperada, ficando confusa antes do tempo — como pensavam. Pois, assim como certos ladrões, ao tramarem seus delitos em segredo, quando querem enganar aquele contra quem conspiram, o fazem mantendo silêncio, do mesmo modo procederam estes. Mas Ele, omitindo repreendê-los por isso — para não os tornar ainda mais desavergonhados — volta novamente à defesa quanto ao sábado, argumentando com eles a partir da Lei. E observa com que prudência: “Não é de se admirar,” diz Ele, “que não me obedeçais, quando desobedeceis à própria Lei que julgais obedecer, e que vós considerais ter sido dada por Moisés. Não é, portanto, coisa nova o fato de não prestardes atenção às Minhas palavras.” Pois, como diziam: “A Moisés falou Deus; mas quanto a

este, não sabemos de onde é" (Jo 9,29), Ele mostra que insultavam a Moisés assim como a Si mesmo, pois Moisés lhes deu a Lei, e eles não a obedeceram.

Verso 21. "Fiz uma só obra, e todos vós vos maravilhais."

Observa como Ele argumenta, quando é necessário defender-Se, transformando Sua defesa em acusação contra eles. Pois, a respeito daquilo que realizara, não introduz a Pessoa do Pai, mas fala de Si próprio: "Fiz uma só obra." Ele quer mostrar que não tê-la feito teria sido violar a Lei, e que há muitas coisas mais autoritativas que a Lei, e que Moisés suportou receber um mandamento contra a Lei, mais elevado do que a própria Lei. Pois a circuncisão é mais autoritativa que o sábado — e, no entanto, a circuncisão não é da Lei, mas dos patriarcas. "Mas Eu," diz Ele, "fiz algo mais autoritativo e melhor do que a circuncisão." Então Ele não menciona o mandamento da Lei — como já dissera antes que os sacerdotes profanam o sábado (cf. Mt 12,5) — mas fala de modo mais amplo. O significado de "maravilhais" é "ficais confusos", "perturbados". Pois, se a Lei fosse permanente, a circuncisão não teria mais autoridade que ela. E Ele não diz: "fiz algo maior que a circuncisão", mas refuta abundantemente os acusadores ao declarar:

Verso 23. "Se um homem recebe a circuncisão no sábado..."

Vês como a Lei é mais bem confirmada quando é quebrada? Vês como a quebra do sábado é o cumprimento da Lei? Que, se o sábado não fosse violado, a Lei teria de ser violada? De modo que Eu também estabeleci a Lei. Ele não disse: "estais indignados comigo porque realizei algo maior que a circuncisão", mas apenas mencionando o que havia sido feito, deixa a eles o julgamento — se a saúde completa de um homem não seria mais necessária que a circuncisão. "A Lei," diz Ele, "é quebrada para que um homem receba um sinal que não contribui em nada para sua saúde; e vos irais e vos indignais por ela ser quebrada, para que alguém seja libertado de tão grave enfermidade?"

Verso 24. "Não julgueis segundo a aparência."

O que significa “segundo a aparência”? “Não julgueis segundo a aparência das pessoas; não julgueis porque Moisés tem entre vós grande honra, mas julgai segundo a verdade dos fatos — pois isso é julgar retamente. Por que ninguém dentre vós repreende Moisés? Por que ninguém o desobedece quando ordena que o sábado seja violado por um mandamento vindo de fora da Lei? Ele permite que um mandamento seja mais autoritativo que a própria Lei — um mandamento não introduzido pela Lei, mas de fora — o que é especialmente admirável; enquanto vós, que não sois legisladores, mostrais zelo desmedido pela Lei e a defendeis. No entanto, Moisés, que ordena que a Lei seja violada por causa de um preceito que não provém da própria Lei, é tido por mais digno de confiança que vós.”

Ao dizer então que curou “um homem inteiro”, Ele mostra que a circuncisão também era uma saúde parcial. E que saúde era essa que a circuncisão proporcionava? A Escritura diz: “Toda alma que não for circuncidada será exterminada” (Gn 17,14). “Mas Eu levantei um homem que não estava apenas parcialmente doente, mas totalmente arruinado.” “Não julgueis,” portanto, “segundo a aparência.”

Sejamos convencidos de que isso foi dito não apenas para os homens daquele tempo, mas também para nós — que em nada pervertamos a justiça, mas façamos tudo em favor dela; que, seja o homem pobre ou rico, não atendamos à aparência das pessoas, mas investiguemos os fatos. “Não terás compaixão do pobre em julgamento” (Ex 23,3). O que isso quer dizer? “Não te deixes abater ou dobrar,” diz a Escritura, “se quem pratica a injustiça é um homem pobre.” Ora, se não te é permitido favorecer o pobre, muito menos o rico.

E isto não digo apenas a vós que sois juízes, mas a todos os homens: que em nenhum lugar pervertam a justiça, mas a conservem sempre pura. “O Senhor ama a justiça,” e, “aquele que ama a iniquidade odeia a sua própria alma” (Sl 10,7 e 10,6 LXX). Não odiemos, rogo-vos, a nossa própria alma, nem amemos a injustiça. Pois seu proveito neste mundo é pouco ou nenhum, e no mundo futuro traz grande condenação. Ou melhor, diria que nem mesmo aqui

podemos aproveitá-la: pois, ainda que vivamos em conforto, se o fizermos com má consciência, não será isso uma vingança e um castigo?

Amemos, pois, a justiça, e jamais nos desviemos dessa lei. Pois que fruto obteremos da vida presente, se partirmos dela sem alcançar a virtude? O que nos ajudará então? A amizade? Os parentes? O favor deste ou daquele homem? O que estou dizendo? O favor de alguém? Ainda que tivéssemos Noé, Jó ou Daniel por pai, isso de nada adiantaria, se fôssemos condenados por nossas próprias obras. Uma só coisa é necessária: a excelência da alma. Ela será capaz de conduzir-te com segurança e livrar-te do fogo eterno; ela te acompanhará até o Reino dos Céus. Ao qual possamos todos chegar, pela graça e benignidade de nosso Senhor Jesus Cristo, por quem e com quem, ao Pai e ao Espírito Santo, seja glória, agora e sempre, e pelos séculos dos séculos. Amém.

Sermão L
João 7, 25–27 — "Então alguns dos de Jerusalém diziam: 'Não é este aquele a quem procuram matar? E, vejam, ele fala abertamente, e nada lhe dizem. Será que, de fato, os governantes reconheceram que este é verdadeiramente o Cristo? No entanto, nós sabemos de onde ele é.'"

[1.] Nada há nas Sagradas Escrituras que esteja colocado sem razão, pois foram pronunciadas pelo Espírito Santo; portanto, examinemos cuidadosamente cada ponto. Com efeito, é possível, a partir de uma única expressão, descobrir todo o significado de um trecho, como no caso presente. "Muitos dos de Jerusalém diziam: 'Não é este aquele a quem procuram matar? E, vejam, ele fala abertamente, e nada lhe dizem.'" Ora, por que o Evangelista acrescenta "os de Jerusalém"? Ele o faz para mostrar que aqueles que mais haviam se beneficiado dos Seus poderosos milagres eram os mais dignos de compaixão; pois, tendo contemplado as maiores provas de Sua divindade, ainda assim entregaram tudo ao juízo de seus governantes corruptos.

Pois, não era uma grande prova de Sua divindade o fato de que homens furiosos e sedentos de sangue, que andavam buscando ocasião para matá-lo,

de repente ficassem calados quando o tinham em suas mãos? Quem poderia ter realizado tal coisa? Quem poderia ter apagado tamanha fúria? E, ainda assim, mesmo após tais provas, observa-se a insensatez e loucura daqueles homens: "Não é este aquele a quem procuram matar?" Vê como eles mesmos se acusam: "a quem", diz, "procuram matar, e, no entanto, nada lhe dizem". E não apenas nada lhe dizem, mas o deixam em paz mesmo quando "fala abertamente". Ora, quem fala abertamente e com plena liberdade naturalmente provocaria mais ainda a cólera deles; mas não fizeram nada. "Será que os governantes reconheceram que este é verdadeiramente o Cristo?" "Que pensais? Que opinião tendes?" — O contrário, diz. Por isso disseram: "Sabemos de onde ele é." Que malícia, que contradição! Eles nem sequer seguem a opinião de seus governantes, mas inventam outra, perversa e digna de sua própria loucura: "Sabemos de onde ele é."

"Mas, quando o Cristo vier, ninguém saberá de onde ele é." (cf. Mt 2,4)

"Contudo, os vossos governantes, quando foram consultados, responderam que Ele deveria nascer em Belém." E outros ainda disseram: "Deus falou a Moisés, mas, quanto a este, não sabemos de onde ele vem." (Jo 9,29) "Sabemos de onde ele é" e "não sabemos de onde ele é": observa as palavras de homens embriagados. E ainda: "Acaso o Cristo virá da Galileia?" (Jo 7,41) "Não é ele da cidade de Belém?" Vês que suas decisões são as de homens insensatos? "Sabemos" e "não sabemos"; "o Cristo vem de Belém"; "quando o Cristo vier, ninguém saberá de onde ele é." Que pode ser mais claro do que essa contradição? Pois eles olhavam apenas para uma coisa: não crer. Qual é, então, a resposta de Cristo?

Verso 28. "Vós Me conheceis, e sabeis de onde sou; mas Eu não vim de Mim mesmo; aquele que Me enviou é verdadeiro, e vós não O conheceis."

[2.] E novamente: "Se vós me conhecêsseis, também conheceríeis a meu Pai" (Jo 8,19). Como então Ele diz que eles tanto "O conhecem" quanto "sabem de onde Ele é", e depois afirma que "nem a Ele conhecem, nem ao Pai"? Ele não se contradiz (longe de nós tal pensamento), mas é completamente coerente consigo mesmo. Pois Ele fala de um tipo diferente de conhecimento quando

diz: “vós não conheceis”; como quando se diz: “Os filhos de Eli eram ímpios, e não conheciam o Senhor” (1Sm 2,12); e novamente: “Israel não me conhece” (Is 1,3). Assim também Paulo diz: “Confessam que conhecem a Deus, mas negam-no com os fatos” (Tt 1,16). Portanto, é possível “conhecer” e mesmo assim “não conhecer”. Isso é o que Ele quer dizer: “Se vós me conheceis, sabeis que sou o Filho de Deus”. Pois o “de onde sou” aqui não significa lugar. Como fica claro pelo que se segue: “Eu não vim de mim mesmo, mas Aquele que me enviou é verdadeiro, e vós não O conheceis” — referindo-se aqui à ignorância demonstrada por suas ações. [Como Paulo diz: “Confessam que conhecem a Deus, mas negam-no com os fatos.”] Pois sua culpa não provinha apenas da ignorância, mas da maldade e da vontade perversa; porque mesmo sabendo, escolheram permanecer na ignorância.

Mas que tipo de conexão há aqui? Como é que Ele, ao repreendê-los, usa suas próprias palavras? Pois quando dizem: “Sabemos de onde ele é”, Ele acrescenta: “Vós me conheceis”. Era essa a expressão deles — “Não o conhecemos”? Não, eles disseram: “Nós o conhecemos”. Mas (observe) ao dizerem “sabemos de onde ele é”, eles nada mais afirmavam senão que Ele era “da terra” e “filho do carpinteiro”; mas Ele os eleva até o Céu, dizendo: “Vós sabeis de onde sou”, isto é, “não daquele lugar que pensais, mas do lugar de onde veio Aquele que me enviou”. Pois ao dizer “Eu não vim de mim mesmo”, Ele lhes dá a entender que sabiam que Ele fora enviado pelo Pai, embora não o declarassem abertamente. Assim, Ele os repreende de duas maneiras: primeiro, tornando públicas as palavras que diziam em segredo, para envergonhá-los; depois, revelando também o que se passava em seus corações. Como se dissesse: “Eu não sou um qualquer, nem um que vem por vaidade, mas Aquele que me enviou é verdadeiro, e vós não o conheceis.”

O que significa “Aquele que me enviou é verdadeiro”? “Se Ele é verdadeiro, então me enviou para a verdade; se Ele é verdadeiro, é provável que também seja verdadeiro Aquele que Ele enviou.” Isto Ele também prova de outro modo, vencendo-os com suas próprias palavras. Pois, como haviam dito: “Quando o Cristo vier, ninguém saberá de onde Ele é”, Ele prova por isso que Ele mesmo é o Cristo. Eles usavam a expressão “ninguém saberá” no sentido de que não se conheceria um local definido; mas Ele, com as mesmas

palavras, mostra que é o Cristo, porque veio do Pai. E em toda parte Ele testifica que só Ele tem o conhecimento do Pai, dizendo: "Ninguém viu o Pai, senão Aquele que é de junto do Pai" (Jo 6,46). E Suas palavras os exasperaram; pois dizer-lhes: "Vós não o conheceis", e repreendê-los por fingirem ignorância mesmo conhecendo, foi o bastante para os ferir e irritar.

Verso 30. "Procuravam, pois, prendê-lo, mas ninguém lhe lançou a mão, porque ainda não era chegada a sua hora."

Vês como são invisivelmente detidos, e sua raiva freada? Mas por que não se diz que foi Ele quem os conteve invisivelmente, mas sim: "porque ainda não era chegada a sua hora"? O evangelista preferiu falar de forma mais humana e simples, para que Cristo fosse tido também como homem. Pois como Cristo sempre falava de coisas sublimes, ele [o evangelista] intercala expressões dessa espécie. E quando Cristo diz: "Eu sou d'Ele", não fala como um profeta que aprende, mas como quem vê e está com Ele.

Verso 29. "Eu o conheço", diz Ele, "porque sou d'Ele, e Ele me enviou."

Vês como Ele continuamente insiste em provar: "Eu não vim de mim mesmo", e "Aquele que me enviou é verdadeiro", esforçando-se por não ser considerado inimigo de Deus? E observa o grande fruto da humildade de Suas palavras, pois — diz o texto — depois disso muitos disseram:

Verso 31. "Quando o Cristo vier, fará Ele mais milagres do que os que este fez?"

Quantos foram os milagres? Na verdade, foram três: o do vinho, o do paralítico e o do filho do oficial do rei; e o evangelista não narrou mais do que esses. Daí fica claro, como já disse muitas vezes, que os escritores omitiram a maioria, e nos narraram apenas aqueles que causaram a perseguição dos chefes. "Então procuraram prendê-lo", e matá-lo. Quem "procurou"? Não foi a multidão, que não tinha desejo de poder, nem podia ser escravizada pela malícia, mas os sacerdotes. Pois os da multidão diziam: "Quando o Cristo vier, fará mais milagres?" No entanto, nem isso era fé sólida, mas apenas uma

opinião superficial de um povo indistinto; pois dizer “quando o Cristo vier” não era expressão de quem estivesse firmemente persuadido de que Ele era o Cristo. Podemos entender essas palavras assim, ou então que foram ditas pelas multidões reunidas. “Já que nossos chefes se esforçam para provar que este homem não é o Cristo, admitamos então que não seja: será que o Cristo será melhor que ele?” Pois, como repito sempre, o povo mais rude é guiado não pela doutrina, nem pela pregação, mas pelos milagres.

Verso 32. “Os fariseus ouviram a multidão murmurando essas coisas a respeito d’Ele, e enviaram servos para prendê-lo.”

Vês que a transgressão do sábado era apenas um pretexto? O que mais os feriu foi essa murmuração. Pois aqui, embora não pudessem acusá-lo de qualquer palavra ou ação, desejavam prendê-lo por causa da multidão. Não ousavam fazê-lo pessoalmente, temendo perigo, mas enviaram seus criados contratados. Ai de sua tirania e loucura, ou melhor, de sua insensatez! Depois de tantas tentativas frustradas, entregam o assunto aos criados, apenas para satisfazer sua raiva. No entanto, Ele havia falado muito junto à piscina (Jo 5), e eles não haviam feito nada semelhante; buscavam ocasião, mas não ousaram agir. Agora, porém, não suportam mais, ao verem que a multidão se volta para Ele. Que diz então Cristo?

Verso 33. “Ainda por um pouco de tempo estou convosco.” Tendo poder para subjugar e aterrorizar seus ouvintes, Ele pronuncia palavras cheias de humildade. Como se dissesse: “Por que estais ansiosos por me perseguir e matar? Esperai um pouco, e mesmo que queirais me deter, não podereis.” Para que ninguém, como fizeram, pensasse que esse “ainda por um pouco de tempo estou convosco” se referia à morte comum, ou que Ele nada faria após a morte, Ele acrescentou:

Verso 34. “E para onde eu vou, vós não podeis ir.”

Ora, se Ele fosse permanecer na morte, eles poderiam ir até Ele, pois todos nós vamos para esse lugar. Suas palavras, portanto, dobraram os mais simples da multidão, aterrorizaram os mais audazes e despertaram o desejo

dos mais inteligentes em ouvi-lo, já que pouco tempo restava, e não era possível sempre desfrutar desse ensinamento. E Ele não disse apenas "estou aqui", mas "estou convosco"; isto é, "embora me persigais, embora me expulseis, por um pouco de tempo ainda não cessarei de vos beneficiar, dizendo e recomendando o que se refere à vossa salvação."

Verso 33. "E vou para Aquele que me enviou." Isto bastava para atemorizá-los e lançá-los em agonia. Pois, como Ele demonstra, eles precisavam d'Ele.

Verso 34. "Vós me buscareis" — Ele diz (não apenas "não me esquecereis", mas "me buscareis") — "e não me encontrareis."

[3.] E quando foi que os judeus "O buscaram"? Diz Lucas que as mulheres choravam por Ele, e é provável que muitos outros, tanto naquele tempo como quando a cidade foi tomada, se lembrassem de Cristo e de Seus milagres, e desejassem a Sua presença (Lc 23,49). Tudo isso Ele acrescentou com o desígnio de atraí-los a Si. Pois o fato de que restava pouco tempo, de que, após Sua partida, haveriam de desejá-Lo com saudades, e de que então não mais O poderiam encontrar, eram todos motivos suficientes para persuadi-los a virem a Ele. Porque, se não fosse que Sua presença haveria de ser desejada com pesar, não pareceria a eles que Ele dizia algo de grande; se, por outro lado, ela houvesse de ser desejada, mas possível de ser encontrada, tampouco se teriam perturbado. E ainda, se Ele fosse permanecer com eles por muito tempo, do mesmo modo se mostrariam negligentes. Mas agora Ele, por todos os modos, os constrange e os atemoriza. E o dizer: "Eu vou para Aquele que Me enviou", é expressão de quem declara que nenhum mal Lhe sobrevirá por causa das tramas deles, e que Sua Paixão é voluntária. Por isso agora Ele profere duas predições: que, em pouco tempo, partirá, e que eles não poderão ir aonde Ele vai; coisa que excedia a inteligência humana: o predizer Sua própria morte. Ouve, por exemplo, o que diz Davi: "Senhor, dá-me a conhecer o meu fim, e o número dos meus dias, para que eu saiba quão breve é a minha vida" (Sl 38[39],5). Não há homem algum que saiba disso; e por um fato o outro é confirmado. E penso que Ele diz isto veladamente aos servos, dirigindo a eles Suas palavras, para assim especialmente atraí-los,

mostrando que conhecia a causa de sua vinda. Como se dissesse: “Esperai um pouco, e Eu partirei.”

Vers. 35. “Disseram então os judeus entre si: Para onde irá este?”

Ora, aqueles que desejavam livrar-se d’Ele, que faziam tudo para não vê-Lo, não deviam ter feito essa pergunta, mas deviam antes dizer: “É para nossa alegria; quando se dará essa partida?” Mas estavam de certo modo tocados por Suas palavras, e, com suspeita tola, perguntam entre si: “Para onde irá este?”

“Irá, porventura, para junto da dispersão entre os gentios?”

Que significa “a dispersão entre os gentios”? Os judeus davam este nome aos outros povos, por estarem estes por toda parte dispersos e misturados entre si sem temor. E este opróbrio eles mesmos depois sofreram, pois também se tornaram uma “dispersão”. Porque antigamente toda a sua nação estava reunida num só lugar, e não se podia encontrar judeu algum, senão unicamente na Palestina; por isso chamavam os gentios de “dispersão”, censurando-os, e gloriando-se de si mesmos. Que quer dizer então: “Para onde Eu vou, vós não podeis ir”? Pois todas as nações naquela época tinham trato com eles, e havia judeus em toda parte. Não teria Ele, portanto, se quisesse dizer que ia aos gentios, dito: “Para onde vós não podeis ir.” E depois de dizerem: “Irá Ele para a dispersão entre os gentios?”, não acrescentam “para se perder”, mas: “e ensinará os gentios?” De tal modo já haviam atenuado sua ira e crido em Suas palavras; pois, se não houvessem crido, não teriam indagado entre si qual seria o significado de Sua palavra.

Estas palavras foram dirigidas, de fato, aos judeus, mas há receio de que também a nós se apliquem: que “onde Ele está”, nós “não possamos ir”, por causa de nossa vida estar cheia de pecados. Pois acerca dos discípulos Ele diz: “Pai, quero que onde Eu estiver, estejam também comigo aqueles que Me deste” (Jo 17,24); mas quanto a nós, temo que nos seja dito o contrário: “Para onde Eu vou, vós não podeis ir.” Porque, se agimos contra os mandamentos, como poderemos ir para aquele lugar? Mesmo nesta vida presente, se algum

soldado se comporta indignamente para com seu rei, não poderá ver o rei, mas será privado de sua dignidade e sofrerá o mais severo castigo. Se, pois, furtamos ou cobiçamos, se fazemos injustiça ou ferimos os outros, se não praticamos obras de misericórdia, não poderemos ir para lá, mas sofreremos o que sucedeu às virgens néscias: pois onde Ele estava, elas não puderam entrar, mas ficaram de fora, tendo suas lâmpadas se apagado, isto é, a graça as tendo deixado. Pois podemos, se quisermos, aumentar o fulgor daquela chama que recebemos desde logo pela graça do Espírito; mas, se não o quisermos, perdê-la-emos, e, uma vez apagada, nada haverá em nossas almas senão trevas; pois, assim como, enquanto arde a lâmpada, é forte a luz, assim também, uma vez apagada, não resta senão escuridão. Por isso o Apóstolo diz: "Não extingais o Espírito" (1Ts 5,19). E Ele se extingue quando não tem azeite, quando sopra sobre Ele algum vento violento, quando está comprimido e sufocado (pois também assim se apaga o fogo); e Ele se comprime pelos cuidados do mundo, e se extingue pelos desejos maus. Além das causas mencionadas, nada mais apaga tanto o Espírito como a inumanidade, a crueldade e o roubo. Pois, quando além de não termos azeite, ainda lançamos sobre a chama água fria — pois a cobiça é isso, que esfria com a desesperança as almas dos que lesamos —, donde se reacenderá ela de novo? Partiremos, pois, levando conosco pó e cinza, com muita fumaça a acusar-nos de termos tido lâmpadas e de as termos apagado; pois onde há fumaça, é sinal de que houve fogo e este foi apagado. Que jamais nos suceda ouvir aquela palavra: "Não vos conheço" (Mt 25,12). E de onde a ouviremos, senão disto: se algum dia virmos um pobre e agirmos como se não o víssemos? Se não quisermos reconhecer Cristo quando tem fome, Ele também não nos reconhecerá quando suplicarmos Sua misericórdia. E com justiça; pois como quererá receber daquilo que não é seu aquele que se nega a dar do que é seu? Por isso vos suplico: façamos e providenciemos tudo de modo que o azeite não nos falte, mas que possamos aprontar nossas lâmpadas e entrar com o Esposo na câmara nupcial. À qual possamos todos nós chegar, pela graça e benignidade de nosso Senhor Jesus Cristo, por quem e com quem seja dada glória ao Pai e ao Espírito Santo, agora e sempre, e pelos séculos dos séculos. Amém.

Sermão LI

João 7, 37-38 — "No último dia, o grande dia da festa, Jesus pôs-se de pé e clamou, dizendo: Se alguém tem sede, venha a Mim e beba. Quem crê em Mim, como diz a Escritura, rios de água viva correrão do seu ventre."

[1.] Aqueles que se aproximam da pregação divina e prestam atenção à fé devem manifestar o desejo que os sedentos têm pela água, e acender em si mesmos um anseio semelhante; assim também conseguirão conservar com muito cuidado o que é dito. Pois, assim como os sedentos, quando recebem uma taça, a esvaziam avidamente e só então cessam, assim também os que ouvem os oráculos divinos, se os receberem com sede, jamais se cansarão até que os tenham absorvido por completo. Para mostrar que os homens devem sempre ter sede e fome, diz a Escritura: "Bem-aventurados os que têm fome e sede de justiça" (Mt 5,6); e aqui Cristo diz: "Se alguém tem sede, venha a Mim e beba." O que Ele quer dizer é o seguinte: "Eu não atraio ninguém a Mim por necessidade ou coação; mas se alguém tem grande zelo, se está inflamado de desejo, é a esse que Eu chamo."

Mas por que o evangelista observou que era "no último dia, o grande dia"? Pois tanto o primeiro quanto o último dia eram "grandes", enquanto os dias intermediários eram passados mais em prazer. Por que então ele diz "no último dia"? Porque nesse dia todos estavam reunidos. No primeiro dia, Ele não veio e explicou a razão a seus irmãos; nem no segundo ou terceiro dia diz algo desse tipo, para que Suas palavras não fossem em vão, já que os ouvintes logo cairiam na indulgência. Mas no último dia, quando estavam prestes a voltar para casa, Ele lhes dá provisões para a salvação, e clama em alta voz — em parte para mostrar Sua ousadia, e em parte pela grandeza da multidão.

E para mostrar que não falava de bebida material, Ele acrescenta: "Quem crê em Mim, como diz a Escritura, rios de água viva correrão do seu ventre." Por "ventre" Ele quer dizer o coração, como em outro lugar está escrito: "E a Tua Lei no meio do meu ventre." (Sl 40,10 — segundo Teodócio). Mas onde a Escritura disse que "rios de água viva correrão do seu ventre"? Em lugar algum. O que então quer dizer "Quem crê em Mim, como diz a Escritura"? Aqui devemos colocar uma pausa, de modo que "rios correrão do seu ventre" seja uma afirmação de Cristo. Pois como muitos diziam: "Este é o Cristo"; e

"Quando o Cristo vier, fará mais milagres do que este?", Ele mostra que é necessário ter um conhecimento correto, e ser convencido não tanto pelos milagres, mas pelas Escrituras. Muitos, de fato, que viram milagres, não O receberam como Cristo, e estavam prontos para dizer: "Acaso a Escritura não diz que o Cristo vem da descendência de Davi?", e nisso insistiam continuamente. Ele, então, desejando mostrar que não evitava a prova das Escrituras, novamente os remete a elas. Já havia dito antes: "Examinai as Escrituras" (Jo 5,39); e ainda: "Está escrito nos Profetas: Serão todos ensinados por Deus" (Jo 6,45); e: "Moisés vos acusa" (Jo 5,45); e agora: "Como diz a Escritura, rios correrão do seu ventre" — aludindo à grandeza e abundância da graça. Como em outro lugar Ele diz: "Uma fonte de água que jorra para a vida eterna" (Jo 4,14), isto é, "ele possuirá muita graça"; e em outro ponto chama isso de "vida eterna", mas aqui, "água viva". Ele chama de "viva" aquilo que está sempre atuando; pois a graça do Espírito, quando entra na mente e se estabelece nela, jorra mais que qualquer fonte, não falha, não se esgota, não para. Para significar, portanto, tanto a sua fonte infindável quanto a sua operação ilimitada, Ele a chama de "fonte" e "rios" — não um só rio, mas muitos; e no primeiro caso, Ele representou sua abundância pela expressão "jorrando".

E pode-se perceber claramente o que se quer dizer, se se considerar a sabedoria de Estêvão, a eloquência de Pedro, o ímpeto de Paulo — como nada os conteve, nada os resistiu: nem a fúria das multidões, nem os levantes dos tiranos, nem as tramas dos demônios, nem a morte diária. Mas como rios levados por grande correnteza, assim seguiram o seu caminho, arrastando tudo com eles.

Vers. 39. "Mas isso Ele disse a respeito do Espírito, que os que cressem n'Ele haviam de receber; pois o Espírito Santo ainda não havia sido dado."

[2.] Como então os Profetas profetizavam e operavam aqueles dez mil prodígios? Pois os Apóstolos não expulsavam demônios pelo Espírito, mas por um poder recebido d'Ele; como Ele mesmo diz: "Se Eu expulso os demônios por Beelzebu, por quem os expulsam vossos filhos?" (Mt 12,27). E isso Ele disse significando que, antes da Crucificação, nem todos expulsavam

os demônios pelo Espírito, mas que alguns o faziam pelo poder recebido d'Ele. Assim, quando estava para enviá-los, disse: "Recebei o Espírito Santo" (Jo 20,22); e novamente: "O Espírito Santo veio sobre eles" (At 19,6), e então operavam milagres. Mas quando os enviou, a Escritura não disse que "lhes deu o Espírito Santo", mas que lhes deu "poder", dizendo: "Curai os leprosos, expulsai os demônios, ressuscitai os mortos; de graça recebestes, de graça dai" (Mt 10,1.8). Mas no caso dos Profetas, todos reconhecem que o Dom era o do Espírito Santo. Todavia, essa graça foi limitada, e partiu e cessou sobre a terra, desde o dia em que foi dito: "Eis que vossa casa será deixada deserta" (Mt 23,38); e mesmo antes desse dia já se iniciara sua escassez, pois já não havia entre eles nenhum profeta, nem a graça visitava seus lugares santos.

Pois bem, já que o Espírito Santo tinha sido retido, mas no futuro seria derramado em abundância — e esse início de derramamento dar-se-ia após a Crucificação, não apenas quanto à abundância, mas também quanto à grandeza aumentada dos dons (pois o Dom era mais admirável, como quando se diz: "Vós não sabeis de que espírito sois" [Lc 9,55]; e novamente: "Vós não recebestes um espírito de escravidão, mas o Espírito de adoção" [Rm 8,15]); e os antigos possuíam o Espírito para si mesmos, mas não o comunicavam a outros, enquanto os Apóstolos enchiam dezenas de milhares com Ele — já que, digo, eles receberiam esse Dom, mas Ele ainda não tinha sido dado, por isso o evangelista acrescenta: "O Espírito Santo ainda não [fora dado]", isto é, "ainda não havia sido derramado".

"Porque Jesus ainda não tinha sido glorificado."

Chamando a Cruz de "glória". Pois, como éramos inimigos, e havíamos pecado, e caído fora do dom de Deus, e éramos inimigos de Deus — e como a graça é sinal da reconciliação, e o dom não é dado a quem é odiado, mas a amigos e bem-aprazíveis —, era necessário que primeiro o Sacrifício fosse oferecido por nós, para que a inimizade (contra Deus) que havia em nossa carne fosse desfeita, e nos tornássemos amigos de Deus, e assim recebêssemos o Dom. Pois, se isso aconteceu com relação à promessa feita a Abraão, com muito mais razão com relação à graça. E isso Paulo declarou, dizendo: "Se os da Lei são os herdeiros, a fé é anulada — porque a Lei produz

ira." (Rm 4,14-15). O que ele quer dizer é isto: Deus prometeu que daria a terra a Abraão e à sua descendência; mas os seus descendentes foram indignos da promessa, e por suas próprias obras não puderam agradar a Deus. Por isso veio a fé, uma ação fácil, para atrair a graça e para que a promessa não falhasse. E diz:

"Por isso é pela fé, para que seja segundo a graça, a fim de que a promessa seja firme" (Rm 4,16). Por isso é pela graça, já que pelas próprias obras eles não prevaleceram.

Mas por que, depois de dizer "segundo as Escrituras"[10], Ele não acrescentou a citação? Porque a mente deles era corrupta; pois,

João 7,40-42: "Alguns diziam: Este é o Profeta. Outros diziam: Ele engana o povo[12]; outros diziam: O Cristo não vem da Galileia, mas da aldeia de Belém."

Outros diziam: "Quando o Cristo vier, ninguém saberá de onde Ele é" (v. 27); e havia diferença de opinião, como se esperaria de uma multidão confusa[13]; pois eles não escutavam atentamente Suas palavras, nem com o fim de aprender. Por isso Ele nada lhes responde; e, ainda assim, diziam: "O Cristo vem da Galileia?" E Ele havia louvado, como sendo "um verdadeiro israelita", Natanael, que dissera de maneira mais forte e marcante: "Pode vir algo bom de Nazaré?" (Jo 1,46). Mas então esses homens, e os que disseram a Nicodemos: "Examina e vê, pois da Galileia não se levanta profeta algum" (v. 52), não o diziam com intenção de aprender, mas apenas para derrubar a opinião acerca de Cristo. Natanael dissera isso por amor à verdade e conhecendo exatamente todas as histórias antigas; mas eles só buscavam uma coisa: remover a ideia de que Ele era o Cristo; por isso, Ele nada lhes revela. Pois aqueles que até se contradiziam — e diziam, numa hora: "Ninguém sabe de onde Ele vem", e noutra: "De Belém" —, evidentemente, mesmo que tivessem sido informados, teriam se oposto a Ele.

Pois, mesmo que não soubessem o lugar do nascimento, que Ele era de Belém, por causa de Sua habitação[14] em Nazaré (embora isso não possa ser admitido, pois Ele não nasceu lá), por acaso ignoravam também Sua

linhagem, que Ele era "da casa e família de Davi"? Como então diziam: "O Cristo não vem da descendência de Davi?" (v. 42). Porque queriam esconder mesmo esse fato com tal pergunta, dizendo tudo com malícia. Por que não vieram até Ele e disseram: "Já que te admiramos em outros aspectos, e tu nos ordenas a crer em ti segundo as Escrituras, diz-nos como é que as Escrituras afirmam que o Cristo deve vir de Belém, quando tu vens da Galileia?" Mas nada disseram disso, tudo foi por malícia. E para mostrar que não falavam para aprender, nem desejando saber, o Evangelista logo acrescentou:

Verso 44: "Alguns deles queriam prendê-lo, mas ninguém pôs as mãos sobre Ele."

Isso, se nada mais, já bastaria para causar-lhes compunção, mas eles não a sentiram, como diz o Profeta: "Foram rasgados, mas não se compungiram no coração." (Sl 35,15 na LXX).

[3.] Tal é a malícia! Não cede a nada; fixa-se apenas em um objetivo: destruir aquele contra quem trama. Mas que diz a Escritura? "Quem cava uma cova para o seu próximo cairá nela." (Provérbios 26, 27.) E assim aconteceu então. Pois desejavam matá-Lo, pensando com isso cessar Sua pregação; mas o efeito foi o oposto. Porque a pregação floresce pela graça de Cristo, enquanto tudo o que era deles foi extinto e pereceu: perderam a pátria, a liberdade, a segurança, o culto; foram privados de toda prosperidade, tornaram-se escravos e cativos.

Sabendo disso, jamais tramemos contra os outros, cientes de que, ao agir assim, afiamos a espada contra nós mesmos e infligimos ferida ainda mais profunda a nós próprios. Alguém te ofendeu e queres vingar-te dele? Não te vingues, e assim poderás ser verdadeiramente vingado; mas, se te vingares, não serás vingado. Não penses que isto é um enigma, mas uma verdade.

"Como assim?" dirás tu. Porque, se tu não te vingas dele, fazes de Deus o inimigo dele; mas se tu próprio te vingas, Deus já não o será. "A mim pertence a vingança, eu retribuirei, diz o Senhor." (Romanos 12, 19.) Pois se temos servos, e eles, tendo discutido entre si, não nos deixam julgar e punir,

mas tomam sobre si a vingança, mesmo que venham a nós dez mil vezes, não apenas não os vingaremos, mas até nos iraremos com eles, dizendo: “Tu, fugitivo! Tu, poste de açoite! Devias ter deixado tudo em nossas mãos; mas já que tomaste para ti a vingança, não nos importunes mais”; quanto mais Deus, que nos ordenou entregar tudo a Ele, não dirá o mesmo?

Como não será absurdo, quando exigimos dos nossos servos tamanha sabedoria e obediência, recusarmo-nos nós mesmos a obedecer ao nosso Senhor nas mesmas coisas que pedimos a nossos criados? Digo isto por causa da vossa prontidão em punir uns aos outros. O homem verdadeiramente sábio nem mesmo isso deveria fazer, mas perdoar e esquecer as ofensas, ainda que não houvesse aquela grande recompensa prometida — a de receber em troca o perdão.

Pois, diz-me: se condenas aquele que pecou, por que pecas tu também e cais na mesma falta? Ele te insultou? Não o insultes de volta, ou tu mesmo estarás te insultando. Ele te feriu? Não o firas também, pois então não haverá diferença entre vós. Ele te irritou? Não o irrites de novo, pois disso nada se aproveita, e tu te tornarás igual àquele que te fez mal. Mas se suportares com mansidão e doçura, então serás capaz de corrigir teu inimigo, envergonhá-lo, e cansá-lo de estar irado contigo.

Ninguém cura o mal com o mal, mas o mal com o bem.

Essas regras de sabedoria são dadas até mesmo por alguns pagãos. Ora, se há tal sabedoria entre os insensatos gentios, envergonhemo-nos nós de nos mostrarmos inferiores a eles. Muitos deles foram injuriados e suportaram; muitos foram falsamente acusados e não se defenderam; foram alvo de conspirações e retribuíram com benefícios. E há não pouco perigo de que alguns deles se revelem em suas vidas mais virtuosos do que nós, e por isso agravem nosso castigo.

Pois quando nós, que participamos do Espírito, que esperamos o Reino, que seguimos a sabedoria por causa das coisas celestiais, que tememos o inferno, que somos chamados a tornar-nos anjos, que desfrutamos dos Mistérios —

quando nós não alcançamos a virtude à qual eles chegaram, que desculpa teremos?

Se devemos superar os judeus (pois “Se a vossa justiça não exceder a dos escribas e fariseus, de modo algum entrareis no Reino dos Céus” — Mateus 5, 20), quanto mais os gentios? Se os fariseus, quanto mais os incrédulos?

Assim, expulsemos toda amargura, e ira, e cólera.

“Dizer as mesmas coisas”, para mim “não é penoso, mas para vós é segurança” (Filipenses 3, 1). Também os médicos usam muitas vezes o mesmo remédio, e nós não cessaremos de repetir-vos sempre as mesmas coisas, lembrando, ensinando, exortando, pois grande é o tumulto das coisas do mundo, que gera em nós o esquecimento, e temos necessidade de ensinamento contínuo.

Portanto, para que não nos reunamos aqui em vão e inutilmente, apresentemos a prova por meio das obras, para assim alcançarmos os bens futuros, pela graça e benignidade de nosso Senhor Jesus Cristo, por quem e com quem, ao Pai e ao Espírito Santo seja a glória, agora e sempre e pelos séculos dos séculos. Amém.

Sermão LII
João 7,45-46 – "Então os oficiais foram até os principais sacerdotes e fariseus, e estes lhes disseram: Por que não o trouxestes? Os oficiais responderam: Nunca homem algum falou como este homem."

[1.] Nada há mais claro, nada mais simples do que a verdade, se dela não nos aproximarmos com perversidade; assim como, ao contrário, se formos perversos, nada se torna mais difícil. Pois veja: os escribas e fariseus, que pareciam ser mais sábios do que os outros homens, estando sempre com Cristo a fim de conspirar contra Ele, contemplando Seus milagres e lendo as Escrituras, nada aproveitaram disso — pelo contrário, foram até prejudicados —, enquanto os oficiais, que não gozavam de nenhum desses privilégios,

foram vencidos por apenas um sermão, e aqueles que haviam saído para prenderem a Cristo voltaram, eles mesmos, presos de admiração.

Não devemos apenas admirar a compreensão deles — pois não precisaram de sinais, foram cativados apenas pelo ensino (pois não disseram: "Jamais homem realizou tais milagres", mas sim: "Jamais homem falou assim") —, não devemos, repito, apenas nos maravilhar com sua compreensão, mas também com a sua ousadia, pois falaram assim àqueles que os haviam enviado, aos fariseus, aos inimigos de Cristo, homens que faziam tudo visando alimentar sua inimizade.

"Ora," diz o evangelista, "os oficiais voltaram, e os fariseus lhes disseram: Por que não o trouxestes?"
Voltar foi um feito muito maior do que se tivessem simplesmente permanecido onde estavam, pois neste último caso estariam livres do incômodo daqueles homens; mas agora tornam-se arautos da sabedoria de Cristo, e manifestam ainda mais a sua ousadia. E não dizem: "Não pudemos levá-lo por causa da multidão, pois O consideravam um profeta"; mas o quê? "Jamais homem falou como este homem." Eles poderiam ter alegado aquilo, mas demonstram retidão de espírito. Pois o que disseram não foi só o reconhecimento de quem O admirava, mas também uma censura aos seus superiores, por terem enviado a prender Aquele que antes se devia ouvir.

E, no entanto, não tinham escutado um sermão inteiro, mas só um breve discurso; pois, quando a alma está livre de preconceitos, não são necessárias longas argumentações. Tal é o poder da verdade.

Que dizem então os fariseus? Quando deveriam sentir compunção no coração, fazem o contrário: lançam uma acusação contra os oficiais, dizendo:

Verso 47: "Também vós fostes enganados?"

Ainda os tratam com certa suavidade, não falam asperamente, temendo que os oficiais se separassem deles de vez; mesmo assim, demonstram sinais de raiva e falam com reserva. Pois, em vez de perguntarem o que Ele havia dito,

e se maravilharem com as palavras, não o fazem (sabendo que poderiam se deixar cativar), mas argumentam com base numa razão tola:

Verso 48: "Acaso algum dos chefes acreditou nele?"

E tu, dize-me, fazes disso uma acusação contra Cristo, e não contra os incrédulos?

Verso 49: "Mas essa multidão que não conhece a Lei é maldita."

Então, maior é a culpa vossa, pois o povo creu e vós não crestes. Eles agiram como quem conhece a Lei; como podem, então, ser malditos? Malditos sois vós, que não guardais a Lei, não eles, que a obedecem. E não era justo, com base no testemunho de incrédulos, caluniar alguém em quem eles não criam — pois isso é modo injusto de proceder. Vós também não crestes em Deus, como diz Paulo: "E se alguns não creram? Acaso a sua incredulidade anulará a fidelidade de Deus? De modo nenhum." (Rm 3,3-4)

Pois os profetas sempre os repreenderam, dizendo: "Ouvi, príncipes de Sodoma" e "Teus chefes são desobedientes" (Is 1,10.23), e ainda: "Não é a vós que cabe conhecer o juízo?" (Mq 3,1). Em toda parte os acusam veementemente. Que diremos então? Devemos culpar a Deus por isso? Longe de nós tal pensamento. A culpa é deles. E que outra prova mais clara de que não conhecem a Lei do que o fato de não a obedecerem?

Pois, depois de terem dito: "Algum dos chefes creu nele?" e: "Essa gente que não conhece a Lei é maldita", Nicodemos, com razão, os repreende, dizendo:

Verso 51: "Acaso a nossa Lei julga um homem antes de ouvi-lo?"

Ele demonstra que eles não conhecem nem obedecem à Lei; pois, se essa Lei ordena que ninguém seja morto antes de ser ouvido, e eles, sem ouvir, estavam ávidos por essa execução, então eram transgressores da Lei. E como haviam dito: "Algum dos chefes creu nele?" (v. 50), o evangelista nos informa que Nicodemos era "um deles", para mostrar que até mesmo entre os chefes

havia quem cresse n'Ele — ainda que ainda não com a ousadia devida, já estavam se apegando a Cristo.

Vê como ele os repreende com cautela; não diz: "Vós quereis matá-lo e condenais o homem como enganador sem provas", mas fala de maneira mais branda, freando sua violência extrema e disposição homicida impensada. Por isso, volta-se à Lei, dizendo: "Exceto se primeiro o ouvirem cuidadosamente e souberem o que ele faz." Ou seja, não basta uma simples "audição", é preciso uma "audição cuidadosa". O sentido de "saber o que ele faz" é: "o que ele pretende", "com que intenção", "com que fim", "se é para subverter a ordem das coisas e agir como inimigo".

Ficando perplexos, por haverem dito: "Nenhum dos chefes creu nele", voltam-se então para Nicodemos, mas nem com grande fúria nem com brandura. Pois dize-me: depois que ele declarou: "A Lei não julga ninguém", como é que respondem:

Verso 52: "Também tu és da Galileia?"

[2.] Quando deviam demonstrar que não haviam enviado prender Cristo sem julgamento prévio, ou que não era conveniente permitir-Lhe falar, eles responderam de modo áspero e irado:

"Examina e vê: da Galileia não surgiu profeta algum."

Ora, que dissera o homem? Que Cristo era profeta? Não; dissera que não convinha condená-lo sem ser ouvido. Mas eles replicaram com insolência, como a alguém ignorante das Escrituras — como se dissessem: "Vai aprender", pois este é o sentido de "Examina e vê".

O que fez então Cristo? Visto que eles estavam sempre insistindo em "Galileia" e "o Profeta", para livrar todos dessa suposição errônea e mostrar que Ele não era apenas um dos profetas, mas o Senhor do mundo, disse:

João 8,12: "Eu sou a luz do mundo."

Não da Galileia, nem da Palestina, nem da Judeia, mas do mundo. Que dizem então os judeus?

Verso 13: "Tu dás testemunho de ti mesmo; o teu testemunho não é verdadeiro."

Que tolice! Ele sempre os remetia às Escrituras, e agora dizem: "Tu testificas de ti mesmo". Qual foi o testemunho que Ele deu? "Eu sou a luz do mundo." Uma afirmação grandiosa, sim, mas não os escandalizou muito porque Ele ainda não Se declarava igual ao Pai, nem dizia ser Seu Filho ou Deus. Por ora, Se denomina "luz".

Eles, porém, desejavam refutar até isso — o que é bem mais extraordinário do que dizer:

"Quem Me segue não andará nas trevas."

Usando os termos "luz" e "trevas" em sentido espiritual, Ele quer dizer: "não permanecerá no erro". Aqui, Ele traz à memória Nicodemos, mostrando que ele falou com coragem, e também elogia os servos que se portaram da mesma forma. Pois clamar em alta voz é coisa de quem deseja que outros também ouçam. Ao mesmo tempo, Ele faz alusão aos que secretamente tramavam traições — os quais estavam em trevas e erro —, e declara que eles não prevaleceriam contra a luz.

E recorda Nicodemos das palavras que outrora dissera:

"Todo aquele que pratica o mal odeia a luz e não se aproxima da luz, para que suas obras não sejam reprovadas." (Jo 3,20)

Como haviam dito que nenhum dos chefes acreditava n'Ele, Jesus afirma que "quem faz o mal não se aproxima da luz" — indicando que a culpa por não crerem não era da luz (isto é, d'Ele), mas da malícia de suas vontades.

“Responderam e disseram-Lhe: Tu testificas de Ti mesmo?”

Que diz então Ele?

Verso 14: “Ainda que Eu dê testemunho de Mim mesmo, o Meu testemunho é verdadeiro, porque sei de onde vim e para onde vou; mas vós não sabeis de onde venho nem para onde vou.”

O que Ele dissera antes, eles agora usam como se tivesse sido declarado de forma absoluta. Que faz então Cristo? Para refutar isso, e mostrar que usara aquelas expressões de modo condescendente, segundo as suspeitas deles — que O consideravam mero homem —, diz: “Ainda que Eu dê testemunho de Mim mesmo, o Meu testemunho é verdadeiro, porque sei de onde vim.”

O que significa isto? “Sou de Deus, sou Deus, Filho de Deus — e o próprio Deus é testemunha fiel de Si mesmo. Mas vós não O conheceis; vós errais voluntariamente. Fingis não saber, mas tudo o que dizeis é baseado em imaginação humana, escolhendo não compreender nada além do que é visível.”

Verso 15: “Vós julgais segundo a carne.”

Assim como viver segundo a carne é viver mal, julgar segundo a carne é julgar injustamente.

“Mas Eu a ninguém julgo.”

Verso 16: “E se Eu julgo, o Meu juízo é verdadeiro.”

O que Ele diz é o seguinte: “Vós julgais injustamente.” — “E se julgamos injustamente,” alguém poderia objetar, “por que não nos repreendes? Por que não nos castigas? Por que não nos condenas?” — “Porque,” diz Ele, “não vim para isso.” Esse é o sentido de “Eu a ninguém julgo; e, se julgo, o Meu juízo é verdadeiro.”

"Pois, se Eu julgasse, vós estaríeis entre os condenados. E Eu digo isso não julgando, mas tampouco quero que penseis que deixo de julgar por não poder condenar-vos, pois se Eu julgasse, sem dúvida vos condenaria com justiça. Mas agora ainda não é tempo de julgamento." Ele também alude ao juízo futuro ao dizer:

"Eu não estou só, mas Eu e o Pai que Me enviou."

Com isso, indica que não é apenas Ele que os condena, mas o Pai também. Depois, suaviza essa afirmação ao voltar a tratar do Seu próprio testemunho:

Verso 17: "Está escrito na vossa Lei que o testemunho de dois homens é verdadeiro."

[3.] O que diriam os hereges aqui? (Eles diriam:) "Como Ele é melhor do que um homem, se tomarmos o que Ele disse de modo simples? Pois essa regra foi estabelecida no caso dos homens, porque nenhum homem, por si só, é digno de confiança. Mas no caso de Deus, como se pode suportar tal modo de falar? Então, por que se usa a palavra dois? É porque são dois, ou porque, sendo homens, por isso são dois? Se é porque são dois, por que Ele não recorreu a João, e disse: 'Eu dou testemunho de mim mesmo, e João dá testemunho de mim'? Por que não aos anjos? Por que não aos profetas? Pois Ele poderia ter encontrado milhares de outras testemunhas." Mas Ele deseja mostrar não só isso — que são dois — mas também que são da mesma substância.

Versículo 19. "Então lhe disseram: Quem é teu pai? Jesus respondeu: Nem a mim me conheceis, nem a meu Pai."

Porque, embora soubessem, falavam como se não soubessem, e como se estivessem pondo-O à prova, Ele nem sequer os considera dignos de uma resposta. Por isso, a partir de então, Ele fala tudo com mais clareza e ousadia; tira Seu testemunho dos sinais e do ensinamento dado àqueles que O seguiam, e também da Cruz que se aproximava. Pois Ele diz: "Eu sei de onde vim." Isto não os impressionaria muito, mas o acréscimo "e para onde vou" os

atemorizaria mais, visto que Ele não permaneceria na morte. Mas por que Ele não disse: "Eu sei que sou Deus", em vez de: "Sei de onde vim"? Ele sempre mistura palavras humildes com palavras sublimes, e mesmo estas Ele as vela. Pois, depois de dizer: "Eu dou testemunho de mim mesmo", e provar isso, Ele desce a um tom mais humilde. Como se dissesse: "Eu sei de quem fui enviado, e para quem retorno." Assim, eles não teriam nada a dizer contra isso, quando ouvissem que Ele foi enviado por Deus e a Ele retornaria. "Não poderia ter dito mentira alguma," Ele diz, "eu, que vim de lá, e para lá retorno, ao Deus verdadeiro. Mas vós não conheceis a Deus, e por isso julgais segundo a carne." Pois, se ouvindo tantos sinais certos e provas ainda dizeis: "Teu testemunho não é verdadeiro"; se considerais Moisés digno de crédito, tanto no que fala dos outros quanto no que fala de si mesmo, mas não fazeis o mesmo com Cristo, isso é julgar segundo a carne. "Mas eu não julgo ninguém." Ele também diz que "o Pai não julga ninguém" (Jo 5, 22). Como então Ele declara aqui: "Se eu julgo, o meu juízo é justo, pois não estou sozinho"? Ele fala novamente em resposta aos pensamentos deles: "O juízo que é meu é o juízo do Pai. O Pai, ao julgar, não julgaria de modo diferente do que eu; e eu não julgaria de modo diferente do que o Pai." Por que então Ele menciona o Pai? Porque eles não considerariam que o Filho deveria ser crido a não ser que recebesse testemunho do Pai. Além disso, o dito nem mesmo se sustenta: pois, no caso dos homens, quando dois testemunham em relação a outro, então o testemunho é verdadeiro (isso é que é dois testemunharem); mas se alguém testemunha de si mesmo, então já não são dois. Vês então que Ele disse isso com o único propósito de mostrar que era da mesma substância — que não necessitava de outro testemunho e não era em nada inferior ao Pai? Observa ao menos Sua independência:

Versículo 18. "Eu sou um que dá testemunho de mim mesmo; e o Pai, que me enviou, dá testemunho de mim."

Se Ele fosse de substância inferior, não teria dito isso. Mas agora, para que não penses que o Pai é incluído apenas para fazer número (de dois), observa que o poder d'Ele não difere do do Pai. Um homem dá testemunho quando é digno de confiança por si mesmo, não quando ele mesmo necessita de testemunho — e isso em relação a outro; mas, quando se trata de um assunto

próprio, se ele precisa do testemunho de outro, já não é digno de confiança. Mas neste caso tudo é o contrário. Pois Ele, embora dê testemunho de algo próprio, e diga que outro dá testemunho d'Ele, afirma que é digno de confiança — mostrando de todos os modos Sua independência. Pois por que, tendo dito: "Não estou sozinho, mas eu e o Pai que me enviou", e "o testemunho de dois homens é verdadeiro", Ele não se calou, em vez de acrescentar: "Eu sou um que dá testemunho de mim mesmo"? Evidentemente, para mostrar Sua independência. E Ele coloca a Si mesmo em primeiro lugar: "Eu sou um que dá testemunho de mim mesmo." Aqui Ele mostra Sua igualdade de honra, e que eles nada lucravam ao dizer que conheciam a Deus Pai se não O conheciam a Ele. E Ele diz que a causa dessa ignorância é que eles não queriam conhecê-Lo. Por isso, Ele lhes diz que não era possível conhecer o Pai sem conhecê-Lo, para que assim os atraísse ao conhecimento d'Ele. Pois, já que ao rejeitarem a Ele buscavam o conhecimento do Pai, Ele diz: "Vós não podeis conhecer o Pai sem mim" (vers. 19). De modo que aqueles que blasfemam contra o Filho, blasfemam não só contra o Filho, mas também contra Aquele que O gerou.

[4.] Evitemos, pois, isto, e glorifiquemos o Filho. Se Ele não fosse da mesma natureza (que o Pai), não teria falado assim. Pois, se apenas ensinasse, mas fosse de substância diferente, um homem poderia não conhecê-Lo, e ainda assim conhecer o Pai; e, por outro lado, não seria verdade que aquele que conhece a Ele conhecesse completamente o Pai — pois também não é verdade que quem conhece um homem conheça um anjo.
"Sim," responde alguém, "aquele que conhece a criação, conhece a Deus."
De modo algum. Muitos, ou melhor, eu diria que todos os homens conhecem a criação (pois a veem), mas não conhecem a Deus.

Glorifiquemos, então, o Filho de Deus, não apenas com esta glória (de palavras), mas também com aquela que vem pelas obras. Pois a primeira, sem a segunda, nada vale. "Vê," diz São Paulo, "tu que te chamas judeu, e te apoias na Lei, e te glorias em Deus — tu, pois, que ensinas a outrem, não te ensinas a ti mesmo? Tu, que te glorias na Lei, pela transgressão da Lei desonras a Deus?" (Romanos 2:17, 21, 23).

Cuidado para que também nós, que nos gloriamos da retidão da nossa fé, não desonremos a Deus por não manifestarmos uma vida conforme à fé, fazendo com que Ele seja blasfemado. Pois Deus quer que o cristão seja o mestre do mundo, seu fermento, seu sal, sua luz. E o que é essa luz? É uma vida que brilha e não tem nada de obscuro. A luz não é útil para si mesma, nem o fermento, nem o sal, mas demonstram sua utilidade em relação aos outros — e assim nós devemos fazer o bem, não apenas para nós mesmos, mas também para os outros. Pois o sal, se não salga, não é sal.

Além disso, outra coisa é evidente: se formos justos, certamente outros também o serão; mas enquanto não formos justos, não poderemos ajudar os outros. Que não haja entre nós nada de tolo ou leviano; tais são as coisas mundanas, tais são as preocupações desta vida. Por isso as virgens foram chamadas de tolas, porque estavam ocupadas com assuntos tolos, mundanos, ajuntando coisas aqui, mas não acumulando tesouros onde deveriam.

Temamos que este seja também o nosso caso, temamos que também nós partamos deste mundo vestidos com roupas imundas, para aquele lugar onde todos as têm resplandecentes e brilhantes. Pois nada é mais sujo, nada é mais impuro do que o pecado. Por isso o Profeta, ao declarar a natureza do pecado, clamou: "Minhas feridas cheiram mal e estão corruptas." (Salmo 38:5). E se queres aprender plenamente o quão repugnante é o pecado, considera-o depois que tenha sido cometido: quando já estás livre do desejo, quando o fogo não mais te perturba — então verás o que é o pecado. Considera a ira, quando estás calmo; considera a avareza, quando não a sentes. Nada é mais vergonhoso, nada é mais maldito do que o roubo e a avareza.

Dizemos isto constantemente, não para vos aborrecer, mas para alcançar algum grande e maravilhoso proveito. Pois aquele que não agiu corretamente ao ouvir uma vez, talvez o faça ao ouvir pela segunda; e aquele que deixou passar a segunda vez, talvez se corrija após a terceira.

Que Deus conceda que, sendo libertos de todas as coisas más, tenhamos o suave perfume de Cristo; pois a Ele, com o Pai e o Espírito Santo, seja a

glória, agora e sempre, e pelos séculos dos séculos. Amém.

Sermão LIII.
João 8:20 — "Estas palavras disse Jesus no tesouro, enquanto ensinava no Templo; e ninguém lançou mão dele, porque ainda não era chegada a sua hora."

[1.] Oh, a loucura dos judeus! Procurando-O como fizeram antes da Páscoa, e depois de encontrá-Lo no meio deles, e tendo várias vezes tentado prendê-Lo com as próprias mãos ou com as mãos de outros, sem conseguir; e não obstante isso, não se deixaram intimidar por Seu poder, mas continuaram na sua maldade, e não desistiram. Pois está escrito que continuamente tentavam: "Estas palavras disse Ele no tesouro, ensinando no Templo; e ninguém lançou mão dele." Ele falava no Templo, na condição de mestre, o que mais os excitava, e disse aquelas coisas que os feriam, porque o acusavam de se fazer igual ao Pai. Pois "a testemunha de duas pessoas é verdadeira", o que prova isso. E ainda assim "Ele disse essas palavras." Está dito: "no Templo", na condição de mestre, "e ninguém lançou mão dele, porque ainda não era chegada a sua hora" — isto é, ainda não era o tempo conveniente para que Ele fosse crucificado. Assim, até mesmo então o ato não estava em poder deles, mas em Sua dispensa, pois já desejavam isso há muito tempo, mas não podiam; e mesmo naquele momento não poderiam, se Ele não consentisse.

Versículo 21. "Então Jesus lhes disse: Eu vou, e vós me buscareis."

Por que Ele diz isso continuamente? Para envergonhar e amedrontar suas almas; pois observemos o medo que essa palavra causou neles. Embora desejassem matá-Lo para se livrarem d'Ele, ainda perguntavam "para onde Ele iria", tamanhas coisas imaginavam sobre o assunto. Ele também queria mostrar-lhes outra coisa: que o feito não se daria pela força deles; mas mostrou-lhes isso em figura antecipadamente, e já anunciou a Ressurreição com essas palavras.

Versículo 22. “Então disseram os judeus: Porventura Ele se matará a si mesmo?”

O que Cristo faz então? Para afastar essa suspeita, e mostrar que tal ato é pecado, Ele diz:

Versículo 23. “Vós sois do diabo.”

O que Ele quer dizer é algo assim: “Não é de se admirar que imagineis tais coisas, vós, homens carnais, que não tendes pensamentos espirituais; mas eu não farei nada disso, pois,

‘Eu sou do alto; vós sois do mundo.’”

Aqui Ele fala novamente de suas imaginações mundanas e carnais, de onde fica claro que “não sou deste mundo” não significa que Ele não tenha assumido a carne, mas que estava muito distante da maldade deles. Pois até mesmo Ele diz que seus discípulos “não são do mundo” (João 15:19), e mesmo assim tinham carne. Assim como Paulo, quando diz “vós não estais na carne” (Romanos 8:9), não quer dizer que sejam incorpóreos, assim Cristo, ao dizer que seus discípulos não são do mundo, quer dizer apenas que eles têm sabedoria celestial.

Versículo 24. “Por isso eu vos disse que morrereis nos vossos pecados, se não crerdes que Eu Sou.”

Pois se Ele veio para tirar o pecado do mundo, e é impossível que os homens o removam de outra forma senão pela lavagem (batismo), é necessário que aquele que não crê saia daqui mantendo o “velho homem”; pois aquele que não quer, pela fé, matar e sepultar esse velho homem morrerá nele, e partirá para aquele lugar para sofrer o castigo dos seus pecados anteriores. Por isso Ele disse: “quem não crê já está julgado” (João 3:18); não somente pelo fato de não crer, mas porque parte daqui com seus pecados anteriores sobre si.

Versículo 25. “Então lhe disseram: Quem és tu?”

Oh loucura! Depois de tanto tempo, tantos sinais e ensinamentos, eles perguntam: “Quem és tu?” O que então Cristo responde?

“Eu sou aquele que vos tenho dito desde o princípio.”

Ele quer dizer algo assim: “Vós não sois dignos de ouvir minhas palavras, muito menos de saber quem Eu sou, pois vós dizais tudo o que fazeis, tentando-Me e não dando atenção a nenhuma das minhas palavras. E tudo isso Eu poderia agora provar contra vós.” Pois esse é o sentido de:

Versículo 26. “Tenho muitas coisas a dizer e a julgar de vós.”

“Eu não apenas poderia provar que sois culpados, mas também punir-vos; mas aquele que Me enviou, isto é, o Pai, não quer isso. Pois Eu vim não para julgar o mundo, mas para salvar o mundo, porque Deus não enviou Seu Filho para julgar o mundo, mas para salvá-lo.” (João 3:17) Se Ele Me enviou para isso, e é verdadeiro, com razão Eu não julgo ninguém agora. Mas falo essas coisas para a vossa salvação, não para a vossa condenação.” Ele fala assim para que não pensem que é por fraqueza que, ao ouvir tantas coisas deles, não age com rigor, ou que desconhece seus pensamentos secretos e zombarias.

Versículo 27. “Eles não entenderam que Ele falava do Pai.”

Oh loucura! Ele não cessava de falar sobre Ele, e eles não o conheciam. Então, depois de realizar muitos sinais e ensiná-los, e não conseguir atraí-los para Si, Ele a seguir lhes fala sobre a Cruz, dizendo:

Versículos 28 e 29. “Quando levantardes o Filho do Homem, então sabereis que Eu Sou, e que nada falo de Mim mesmo, mas que o Pai, que Me enviou, está comigo. E o Pai não Me deixou sozinho.”

[2.] Ele mostra que tinha razão ao dizer: “o mesmo que vos disse desde o princípio.” Quão pouco deram atenção às Suas palavras! “Quando levantardes

o Filho do Homem." "Não esperais que então certamente vos livreis de Mim, e Me mateis? Mas Eu vos digo que então mais sabererereis que Eu Sou, por causa dos milagres, da ressurreição e da destruição (de Jerusalém)." Pois todas essas coisas seriam suficientes para manifestar Seu poder. Ele não disse: "Então sabereis quem Eu sou"; mas, "quando virdes," Ele diz, "que Eu nada sofro da morte, então sabereis que Eu Sou, isto é, o Cristo, o Filho de Deus, que governa todas as coisas, e não estou em oposição a Ele." Por isso Ele acrescenta, "e de Mim mesmo não falo coisa alguma." Pois conhecereis tanto o Meu poder quanto a Minha unidade com o Pai. Porque o "de Mim mesmo não falo coisa alguma" mostra que Sua Substância não difere (da do Pai), e que Ele não diz nada senão o que está na mente do Pai. "Porque, quando fordes expulsos do vosso lugar de culto, e não vos for permitido servir-Lhe como até então, então sabereis que Ele faz isso para Me vingar, e porque está irado com aqueles que não quiseram ouvir-Me." Como se dissesse: "Se Eu fosse inimigo e estranho a Deus, Ele não teria despertado tamanha ira contra vós." Isso também Isaías declara: "Ele dará os ímpios como sepultura" (Is 53,9 LXX); e Davi: "Então falará contra eles com sua ira" (Sl 2,5); e o próprio Cristo: "Eis que a vossa casa vos é deixada deserta" (Mt 23,38). E Suas parábolas declaram o mesmo quando Ele diz: "Que fará o senhor daquela vinha aos vinhateiros? Ele destruirá miseravelmente aqueles homens maus" (Mt 21,40-41). Vês que Ele fala assim em toda parte, porque ainda não creem? Mas se Ele vai destruí-los, como fará, ("Trazei aqui," diz, "aqueles que não quiseram que Eu reinasse sobre eles, e Matá-los-ei"), por que então diz que o feito não é Seu, mas do Pai? Ele fala à fraqueza deles, e ao mesmo tempo honra Aquele que O gerou. Por isso Ele não disse, "Eu deixo a vossa casa deserta," mas, "é deixada"; Ele colocou isso na voz passiva. Mas dizendo "Quantas vezes quis juntar os vossos filhos — e não quisestes," e depois acrescentando "é deixada," Ele mostra que Ele mesmo realizou a desolação. "Pois, diz Ele, quando fostes beneficiados e curados das vossas enfermidades, não quisestes Me conhecer; então conhecereis, por meio do castigo, quem Eu Sou."

"E o Pai está comigo." Para que não pensem que o "que Me enviou" é sinal de inferioridade, Ele diz "está comigo"; o primeiro pertence à Dispensação, o segundo à Divindade.

“E Ele não Me deixou só,” pois Eu faço sempre as coisas que Lhe agradam.

De novo, Ele baixa o tom do discurso, contrapondo-se continuamente ao que diziam, de que Ele não era de Deus e que não guardava o sábado. A isso Ele responde: “Eu faço sempre as coisas que Lhe agradam,” mostrando que até mesmo que o sábado fosse quebrado, isso Lhe agradava. Por exemplo, pouco antes da Crucificação Ele disse: “Não pensais que posso pedir ao Meu Pai?” (Mt 26,53). E ainda, apenas dizendo “Quem buscais?” (Jo 18,4-6) Ele os fez recuar. Por que então não diz “Não pensais que posso destruir-vos,” quando provou isso com ações? Ele se acomoda à fraqueza deles. Pois empenhou-se muito em mostrar que não fazia nada contra o Pai. Assim fala mais como um homem; e assim como “Ele não Me deixou só” foi dito, assim também “Eu faço sempre as coisas que Lhe agradam.”

Verso 30. “Enquanto Ele dizia estas coisas, muitos criam n’Ele.”

Quando Ele abaixou o tom do discurso, muitos creram n’Ele. Ainda perguntas por que Ele fala humildemente? O próprio Evangelista deixa claro isso quando disse: “Enquanto Ele dizia estas coisas, muitos criam n’Ele.” Com isso ele quase proclama em voz alta para nós: “Ó ouvinte, não te espantes se ouvires palavras humildes, porque aqueles que após um ensino tão elevado não estavam ainda convencidos de que Ele era do Pai, com razão ouviram palavras mais humildes, para que pudessem crer.” E esta é uma desculpa para as coisas que serão ditas de modo humilde. Eles creram então, mas não como deveriam, e sim distraidamente, como que por acaso, agradados e revigorados pela humildade das palavras. Pois que não tinham fé perfeita, o Evangelista mostra pelas palavras que dizem depois, nas quais O insultam novamente. E que essas são as mesmas pessoas, ele declara dizendo:

Verso 31. “Então Jesus disse àqueles judeus que criam n’Ele: Se permanecerdes na Minha palavra,”

Mostrando que ainda não haviam recebido Sua doutrina, mas apenas davam atenção às Suas palavras. Por isso Ele fala mais duramente. Antes apenas

dizia: “Vós Me procurareis” (Jo 7,34), mas agora acrescenta: “Morrereis nos vossos pecados” (Jo 8,21). E mostra como: “porque, quando chegardes a esse lugar, não podereis suplicar-Me.”

“Estas coisas que vos digo ao mundo.” Com estas palavras mostrou que estava agora se dirigindo aos gentios. Mas, como ainda não sabiam que Ele falava a eles do Pai, voltou a falar d’Ele, e o Evangelista explicou a razão da humildade das expressões.

[3.] Se agora buscarmos assim as Escrituras, com exatidão e não descuidadamente, poderemos alcançar a salvação; se nelas continuamente meditarmos, aprenderemos a doutrina correta e uma vida perfeita. Pois, embora um homem seja muito duro, teimoso e orgulhoso, e às vezes não prove nada, ainda assim ao menos colherá fruto a partir deste momento e receberá benefício, mesmo que não tão grande a ponto de se dar conta disso, ainda assim o receberá. Pois se um homem que passa por uma loja de perfumaria, ou nela se assenta, é impregnado pelo perfume mesmo contra sua vontade, muito mais acontece isso com aquele que vem à igreja. Pois assim como a ociosidade nasce da ociosidade, assim também do trabalho nasce uma mente pronta. Embora estejas cheio de mil pecados, embora sejas impuro, não evites a permanência aqui. “Por que então,” pode-se dizer, “não faço ao ouvir?” Não é pouco proveito considerar-se miserável; este temor não é inútil, este receio não é inoportuno. Se ao menos suspirares porque “ao ouvir não faço,” certamente chegarás ao fazer em algum tempo. Pois não é possível que quem fala com Deus, e ouve Deus falar, não prove proveito. Imediatamente nos compomos e lavamos as mãos quando desejamos tomar a Bíblia em nossas mãos. Vês quanta reverência há já antes da leitura? E se prosseguirmos com exatidão, colheremos grande proveito. Pois não lavaríamos as mãos, a menos que isso servisse para colocar a alma em reverência; e uma mulher, se estiver com o rosto descoberto, logo põe o véu, dando prova de reverência interna, e um homem, se estiver coberto, descobre a cabeça. Vês como o comportamento exterior proclama a reverência interior? Além disso, aquele que se senta para ouvir muitas vezes suspira e condena sua vida presente.

Portanto, amados, demos atenção às Escrituras, e se nenhuma outra parte for assim, que ao menos os Evangelhos sejam objeto de nosso cuidado sério, guardemo-los em nossas mãos. Pois logo que abrires o Livro, verás o nome de Cristo lá, e ouvirás alguém dizer: "O nascimento de Jesus Cristo foi assim. Quando Sua mãe Maria foi desposada com José, foi achada grávida do Espírito Santo." (Mt 1,18.) Quem ouvir isto desejará imediatamente a virgindade, maravilhar-se-á com o Nascimento, será libertado das coisas terrenas. Não é pouca coisa ver a Virgem considerada digna do Espírito, e um Anjo conversando com ela. E isso está na superfície; mas se perseverares até o fim, desprezarás tudo o que pertence a esta vida, zombarás de todas as coisas mundanas. Se és rico, nada pensarás da riqueza quando ouvires que aquela que era esposa de um carpinteiro, e de família humilde, tornou-se mãe do teu Senhor. Se és pobre, não te envergonharás da tua pobreza ao ouvir que o Criador do mundo não se envergonhou da habitação mais modesta. Considerando isso, não roubarás, não cobiçarás, não tomarás os bens alheios, mas antes amarás a pobreza e desprezarás a riqueza. E se assim for, banirás todo o mal. Além disso, quando O vires deitado na manjedoura, não te inquietarás por vestir teu filho com roupas de ouro, nem por adornar o leito de tua esposa com prata. E se não te importares com essas coisas, também não praticarás os atos de cobiça e rapina que delas nascem. Muitas outras coisas poderás ganhar, que não posso enumerar separadamente, mas saberão aqueles que fizerem a experiência. Por isso exorto-vos a obter Bíblias, e a conservar juntamente com as Bíblias os sentimentos que elas exprimem, e a escrevê-los em vossas mentes. Os judeus, porque não davam atenção, foram mandados suspender seus livros das mãos; mas nós não os colocamos nem mesmo nas mãos, mas em casa, quando deveríamos gravá-los no coração. Assim, purificando nossa vida presente, alcançaremos as coisas boas que hão de vir, às quais possamos todos chegar, pela graça e benignidade de nosso Senhor Jesus Cristo, por quem e com quem, ao Pai e ao Espírito Santo, seja glória agora e sempre, pelos séculos dos séculos. Amém.

Sermão LIV.
João 8,31-32 — "Disse, pois, Jesus àqueles judeus que haviam crido nele: Se permanecerdes na minha palavra, verdadeiramente sois meus discípulos. E conhecereis a verdade, e a verdade vos libertará."

[1.] Amados, nossa condição exige muita paciência; e a paciência nasce quando as doutrinas estão profundamente enraizadas. Pois, assim como nenhum vento consegue arrancar o carvalho que lança suas raízes às partes profundas da terra e está firmemente preso ali, assim também a alma que está fixada pelo temor de Deus ninguém poderá derrubar. Pois estar fixado é mais do que estar enraizado. Assim ora o Profeta, dizendo: "Fixa minha carne pelo teu temor" (Salmo 119,120); "faze que eu seja firme e unido como um prego cravado em mim." Pois assim como pessoas deste tipo são difíceis de capturar, o contrário são presas fáceis e são facilmente derrubadas. Como aconteceu com os judeus naquela época: depois de ouvir e crer, desviaram-se do caminho. Portanto Cristo, querendo aprofundar a fé deles para que não fosse superficial, penetra em suas almas com palavras mais fortes. Pois era parte dos crentes suportar até mesmo as repreensões, mas eles logo se iraram. Como Ele faz isso? Primeiro lhes diz: "Se permanecerdes na minha palavra, verdadeiramente sois meus discípulos; e a verdade vos libertará." Quase como se dissesse: "Vou fazer um corte profundo, mas não vos abaleis"; ou melhor, com essas palavras Ele aplacava o orgulho de sua imaginação. "Libertará": de quê, dizei-me? Dos vossos pecados. O que então dizem aqueles presunçosos?

Verso 33: "Somos descendentes de Abraão e nunca fomos escravos de ninguém."

Imediatamente sua imaginação vacilou, e isso ocorreu porque estavam distraídos com coisas mundanas. "Se permanecerdes na minha palavra" foi a expressão daquele que revela o que estava em seu coração, sabendo que eles tinham de fato crido, mas não permanecido. E Ele promete algo grande: que seriam seus discípulos. Pois, já que alguns tinham ido embora antes, referindo-se a eles Ele diz: "Se permanecerdes", porque eles também tinham ouvido e crido, mas partiram porque não puderam continuar. "Muitos dos seus discípulos voltaram atrás e não andaram mais abertamente com Ele" (João 6,66).

“Conhecereis a verdade”, isto é, “me conhecereis, pois Eu sou a verdade. Todas as coisas judaicas eram tipos, mas vós conhecereis a verdade em Mim, e ela vos libertará dos vossos pecados.” Aos outros disse: “Morrerás em teus pecados”; a estes diz: “vos libertará.” Ele não disse “vos libertarei da escravidão”, mas permitiu que eles conjecturassem isso. O que então disseram?

“Somos descendentes de Abraão e nunca fomos escravos de ninguém.” E, contudo, se eles deviam ficar irritados, esperava-se que fosse pela primeira parte do discurso, quando Ele disse: “Conhecereis a verdade”; e responderiam: “Como? Não conhecemos agora a verdade? Então a Lei e nosso conhecimento são mentiras?” Mas não ligaram para isso; estavam preocupados com coisas mundanas, e essa era sua ideia de escravidão. E certamente ainda hoje há muitos que se envergonham de coisas indiferentes e deste tipo de escravidão, mas que não sentem vergonha da escravidão do pecado, e que prefeririam ser chamados escravos desta última dez mil vezes, do que uma vez da primeira. Tais eram esses homens, que nem sequer conheciam outra escravidão, e dizem: “Chamas de escravos os que são da raça de Abraão, da nobre descendência, que por isso não deveriam ser chamados escravos? Pois, dizem, nunca fomos escravos de ninguém.” Tais são as jactâncias dos judeus: “Somos semente de Abraão”, “somos israelitas.” Eles jamais mencionam suas próprias obras justas. Por isso João lhes clamou, dizendo: “Não presumais dizer que temos Abraão por pai” (Mateus 3,9). E por que Cristo não os contradisse quanto a isso, já que foram escravos dos egípcios, babilônios e muitos outros? Porque Suas palavras não buscavam glória para Si, mas a salvação deles, para o benefício deles, e esse era o objetivo ao qual Ele se dirigia. Pois Ele poderia ter falado dos quatrocentos anos, dos setenta, dos anos de escravidão durante o tempo dos Juízes (uma vez vinte, outra vez dois, outra vez sete); poderia ter dito que nunca deixaram de ser escravos. Mas não queria mostrar que eram escravos dos homens, mas que eram escravos do pecado, que é a mais grave escravidão, da qual só Deus pode libertar; pois perdoar os pecados não cabe a outro. E isso eles admitiam. Pois como então confessavam que isso era obra de Deus, Ele os leva a esse ponto e diz:

Verso 34: “Quem comete pecado é escravo do pecado.”

Mostrando que essa é a liberdade de que Ele fala, a liberdade desse serviço.

Verso 35: “O escravo não fica para sempre na casa, mas o Filho fica para sempre.”

Também suavemente Ele derruba as coisas da Lei, referindo-se a tempos anteriores. Para que não voltem a elas e digam: “Temos os sacrifícios que Moisés ordenou; eles podem nos salvar”, acrescenta essas palavras, pois, do contrário, que sentido teria isso? Pois “todos pecaram e carecem da glória de Deus, sendo justificados gratuitamente pela Sua graça” (Romanos 3,23-24), até os próprios sacerdotes. Por isso Paulo também diz do sacerdote que “para o povo, assim como para si mesmo, deve oferecer sacrifícios pelos pecados, porque também está cercado de fraquezas” (Hebreus 5,2-3). E isso é simbolizado quando Ele diz: “O escravo não fica na casa.” Aqui também Ele mostra Sua igualdade de honra com o Pai e a diferença entre servo e livre. Pois a parábola tem esse significado: “o servo não tem poder”, é o significado de “não fica.”

[2.] Mas por que, ao falar dos pecados, Ele menciona uma “casa”? É para mostrar que, assim como o mestre tem poder sobre sua casa, assim Ele tem sobre tudo. E o “não permanece” significa “não tem poder para conceder favores, pois não é mestre da casa”; mas o Filho é o mestre da casa. Pois este é o “permanece para sempre”, por uma metáfora tirada das coisas humanas. Para que eles não digam: “Quem és tu?” “Tudo é Meu” (diz Ele), “porque Eu sou o Filho e habito na casa de Meu Pai”, chamando pelo nome de “casa” o Seu poder. Como em outro lugar Ele chama o Reino de casa de Seu Pai: “Na casa de Meu Pai há muitas moradas.” (Jo 14,2) Porque, como a fala era sobre liberdade e escravidão, usou com razão esta metáfora, dizendo-lhes que eles não tinham poder para se libertar.

Vers. 36. “Se, pois, o Filho vos libertar,...”

Vês a consubstancialidade do Filho com o Pai, e como Ele declara que tem o mesmo poder do Pai? “Se o Filho vos libertar, verdadeiramente sereis livres.” Pois “Deus é quem justifica, quem é que condenará?” (Rom 8,33-34) Aqui Ele mostra que Ele mesmo é puro do pecado e alude àquela liberdade que até então era só de nome; esta até os homens concedem, mas a verdadeira só Deus. E assim Ele os convenceu a não se envergonharem desta escravidão, mas sim da escravidão do pecado. E desejando mostrar que não eram escravos, exceto por repudiar essa liberdade, Ele os mostra ainda mais escravos dizendo:

“Serereis verdadeiramente livres.”

Esta é a expressão daquele que declara que a liberdade deles não era real. Então, para que não dissessem “não temos pecado” (pois era provável que dissessem isso), veja como Ele os coloca sob essa acusação. Pois, omitindo condenar toda a vida deles, Ele usa o que eles tinham em mãos e ainda desejavam fazer, e diz:

Vers. 37. “Eu sei que sois descendentes de Abraão, mas procurais matar-Me.”

Com brandura e aos poucos Ele os afasta daquela relação, ensinando-os a não se exaltarem por isso. Pois assim como a liberdade e a escravidão dependem das ações dos homens, assim também a relação. Ele não disse diretamente “vós não sois descendentes de Abraão, vós assassinos do justo”, mas por um tempo Ele até concorda com eles e diz: “Eu sei que sois descendentes de Abraão.” Contudo, essa não é a questão em jogo, e durante o resto deste discurso Ele usa maior veemência. Pois podemos observar em geral que, quando Ele está para fazer algo grande, depois de feito usa maior ousadia nas palavras, como se o testemunho das obras calasse as pessoas. “Mas procurais matar-Me.” “E daí”, diz alguém, “se procurassem fazer isso justamente?” Mas não era assim; por isso Ele explica a razão:

“Porque a Minha palavra não tem lugar em vós.”

“Então, como foi”, diz alguém, “que eles creram n’Ele?” Como já disse, eles mudaram novamente. Por isso Ele os toca duramente. “Se vangloriais a relação com Abraão, deveis também viver como ele.” E Ele não disse “vós não aceitais as Minhas palavras”, mas “A Minha palavra não tem lugar em vós”, mostrando a sublimidade dos Seus ensinamentos. Contudo, não deveriam ter matado por isso, mas honrá-Lo e esperar d’Ele para aprender. “Mas e se falas de ti mesmo?” Por isso Ele acrescentou:

Vers. 38. “Eu falo o que tenho visto junto do Pai, e vós fazeis o que ouvistes de vosso pai.”

“Assim como Eu, por minhas palavras e pela verdade, declaro o Pai, assim vós também, por vossas ações, (declarais o vosso). Pois não só tenho a mesma Substância, mas também a mesma Verdade com o Pai.”

Vers. 39, 40. “Disseram-Lhe: Abraão é nosso pai. Jesus lhes disse: Se fôsseis filhos de Abraão, faríeis as obras de Abraão; mas agora procurais matar-Me.”

Aqui Ele insiste repetidamente na intenção homicida deles e menciona Abraão. E faz isso querendo desviar a atenção deles daquela relação, e retirar o seu excesso de vanglória, e também para persuadi-los a não mais colocar sua esperança de salvação em Abraão, nem naquela relação segundo a natureza, mas naquela segundo a vontade. Pois o que os impedia de vir a Cristo era justamente isso: acharem que essa relação bastava para a salvação. Mas qual é a “verdade” de que Ele fala? Que Ele é igual ao Pai. Pois foi por isso que os judeus procuraram matá-Lo; e Ele diz:

“Procurais matar-Me porque vos disse a verdade, a qual ouvi de Meu Pai.”

Para mostrar que essas coisas não são contrárias ao Pai, Ele novamente se refere a Ele. Eles Lhe disseram:

Vers. 41. “Nós não somos filhos da fornicação, temos um só Pai, que é Deus.”

[3.]

“Que dizeis vós? Tendes a Deus por vosso Pai e, no entanto, censurais Cristo por afirmar isso?” Vês que Ele disse que Deus era Seu Pai de modo especial? Quando, portanto, Ele os expulsou da relação com Abraão, sem que eles tivessem nada a responder, ousaram algo maior ainda e apelaram para Deus. Mas também deste honor Ele os expulsa, dizendo:

Versículos 42-44.
“Se Deus fosse vosso Pai, amaríeis a Mim; porque eu procedi e vim de Deus; nem de Mim mesmo vim, mas Ele Me enviou. Por que não compreendeis a Minha palavra? É justamente porque não podeis ouvir a Minha palavra. Vós sois do vosso pai, o diabo, e quereis satisfazer os desejos do vosso pai; ele foi homicida desde o princípio e não se firmou na verdade; quando fala mentira, fala do que é seu próprio.”

Ele os havia afastado da relação com Abraão, e quando eles ousaram ainda mais, Ele os golpeia dizendo que eles não são apenas filhos de Abraão, mas filhos do diabo, ferindo-os de modo a equilibrar a sua audácia; e não deixa isso sem provas, mas o estabelece firmemente. “Pois,” Ele diz, “o homicídio pertence à maldade do diabo.” E Ele não disse apenas “vós fazeis as suas obras,” mas “vós fazeis os seus desejos,” mostrando que tanto ele quanto eles se apegam ao homicídio, e que a inveja foi a causa disso. Pois o diabo destruiu Adão, não porque tivesse alguma acusação contra ele, mas apenas por inveja. A isto também Ele alude aqui.

“E não se firmou na verdade.” Ou seja, na vida reta. Pois, como eles sempre O acusavam de não vir de Deus, Ele lhes diz que isto também procede dali. Porque o diabo foi o pai da mentira, quando disse: “No dia em que comerdes dela, se abrirão os vossos olhos” (Gn 3,5), e ele foi o primeiro a usá-la. Pois os homens usam a mentira não como algo próprio, mas alheio à sua natureza; mas ele, sim, como algo próprio.

Versículo 45.
“E porque vos digo a verdade, não credes em Mim.”

Que consequência é essa? "Não tendo nenhuma acusação contra Mim, quereis Me matar. Porque sois inimigos da verdade, por isso Me perseguis. Se não fosse por isso, apresentáveis a vossa acusação." Por isso Ele acrescentou:

Versículo 46.
"Qual de vós Me convence de pecado?"

Então disseram: "Não somos nascidos da fornicação." Contudo, muitos deles de fato nasceram da fornicação, pois praticavam uniões impróprias. Ainda assim Ele não os acusa disso, mas fixa-se no outro ponto. Pois, tendo provado que eles não são de Deus, mas do diabo, por todos esses sinais (pois cometer homicídio é do diabo, e mentir é do diabo, ambos os quais vós fazeis), Ele então mostra que amar é sinal de ser de Deus. "Por que não compreendeis a Minha palavra?" Como eles estavam sempre duvidando, dizendo: "O que é que Ele diz: 'Para onde Eu vou, vós não podeis ir'?" Ele então lhes diz: "Não compreendeis a Minha palavra porque não tendes a palavra de Deus." E isso lhes acontece porque "vosso entendimento é terreno, e o que é Meu é demasiado sublime para vós." Mas e se eles não pudessem entender? Aqui "não poder" significa não querer; porque "vos tendes treinado para ser mesquinhos, a imaginar nada grandioso." Como eles diziam que O perseguiam por serem zelosos de Deus, Ele em toda parte se esforça para mostrar que persegui-Lo é o ato dos que odeiam a Deus, e que, pelo contrário, amá-Lo é ato dos que conhecem a Deus.

"Temos um só Pai, que é Deus." É com base nisso que se orgulham, não por suas obras justas, mas por sua honra. "Portanto, o vosso não crer não é prova de que Eu seja inimigo de Deus, mas a vossa incredulidade é sinal de que não conheceis a Deus. E a razão disso é que quereis mentir e fazer as obras do diabo. Mas isso é efeito da mesquinhez da alma; (como diz o Apóstolo: 'Porque, havendo inveja e contenda entre vós, não sois carnais?') (1 Cor 3,3). E por que não podeis? Porque quereis fazer os desejos de vosso pai, sois zelosos, sois ambiciosos para isso." Vês que "não podeis" expressa falta de vontade? Pois "isso Abraão não fez." "Quais são as suas obras? Gentileza, mansidão, obediência. Mas vós vos colocais na contramão, sendo duros e cruéis."

Mas como lhes ocorreu recorrer a Deus? Ele já os havia mostrado indignos de Abraão; desejando, pois, escapar dessa acusação, foram mais longe. Pois quando Ele os repreendeu pelo homicídio, disseram isso, fazendo disso, como que, uma espécie de desculpa para si mesmos, dizendo que vingavam a Deus. Portanto, Ele mostra que isso é ato dos que se opõem a Deus. E o "Eu vim" mostra que Ele veio de lá. Ele diz "Eu vim," aludindo à Sua chegada entre nós. Mas, como provavelmente eles diriam: "Falais coisas estranhas e novas," Ele lhes diz que veio de Deus. "E por isso é justo que vós não as ouçais, porque sois do diabo. Por que razão quereis Me matar? Que acusação tendes contra Mim? Se não tendes nenhuma, por que não credes em Mim?" Assim, provando-os filhos do diabo por suas mentiras e homicídios, Ele mostra que são estranhos a Abraão e a Deus, porque odiaram Aquele que não fez mal algum, e porque não quiseram ouvir Sua palavra; e em todos os aspectos prova que Ele não se opôs a Deus, e que não é por isso que eles recusaram acreditar, mas porque são estranhos a Deus. Pois quando Aquele que não pecou, que disse vir de Deus e ter sido enviado por Deus, que disse a verdade — e disse-a de modo a desafiar a todos à prova — não foi crido, é claro que isso aconteceu por sua condição carnal. Pois os pecados de fato, sim, servem para rebaixar a alma. Por isso está escrito: "Vendo que vos tornastes tardios para ouvir" (Heb 5,11). Pois, se o homem não consegue desprezar as coisas terrenas, como será sábio para as celestiais?

[4.]

Por isso, exorto-vos: usemos todos os meios para que nossa vida seja justa, para que nossas mentes sejam purificadas, para que nenhuma imundície nos impeça; acendei para vós mesmos a luz do conhecimento e não semeieis entre espinhos. Pois como poderá aquele que não sabe que a cobiça é mal, conhecer o bem maior? Como poderá aquele que não se abstém dessas coisas terrenas, conservar firme as celestiais? É bom conquistar com violência, não as coisas que perecem, mas o Reino dos céus. "Os violentos," diz, "tomam-no à força." (Mt 11,12.) Portanto, não é possível alcançá-lo pela preguiça, mas pelo zelo. Mas o que quer dizer "os violentos"? É necessário muita violência, (pois estreito é o caminho,) é preciso uma alma jovem e nobre. Os assaltantes desejam ultrapassar todos os outros, não olham para nada, nem para

convicção, nem para acusação, nem para punição, entregam-se a uma só coisa: apoderar-se do que querem tomar, e correm à frente de todos os que estão no caminho. Apoderemo-nos então do Reino dos céus, pois aqui apoderar-se não é defeito, mas louvor, e o defeito é não apoderar-se. Aqui nossa riqueza não vem da perda alheia. Apressemo-nos, pois, a tomá-lo. Se a paixão nos inquietar, se o desejo nos inquietar, façamos violência à nossa natureza, tornemo-nos mais dóceis, esforcemo-nos um pouco, para que possamos descansar para sempre. Não tomes ouro, mas toma aquela riqueza que mostra o ouro como lama. Pois dize-me, se chumbo e ouro te fossem postos diante, qual escolherias? Não é claro que escolherias o ouro? Preferes então, onde quem se apodera é punido, o que é mais valioso, mas onde quem se apodera é honrado, renuncias ao que é mais valioso? Se houvesse punição em ambos os casos, não preferirias certamente o último? Mas aqui não há nada parecido com punição, mas sim bênção. E alguém diz: "Como poderá alguém tomá-lo?" Larga as coisas que já tens nas mãos; porque enquanto as segurar, não poderás tomar as outras. Pois considera, peço-te, um homem com as mãos cheias de prata, será que, enquanto as conservar, poderá apoderar-se do ouro, a não ser que primeiro largue a prata e fique livre? Porque aquele que se apodera de algo deve estar bem preparado para não ser detido. E mesmo agora há poderes adversos que correm contra nós para nos roubar, mas fujamos deles, fujamos deles, sem arrastar atrás de nós nada que lhes dê suporte; cortemos as cordas, despamo-nos das coisas da terra. Para que servem vestes de seda? Até quando estaremos desenrolando essa zombaria? Até quando estaremos enterrando ouro? Quis cessar de sempre dizer essas coisas, mas vós não me permitis, continuamente me dando ocasiões e argumentos. Mas agora ao menos cessemos, para que, tendo instruído os outros com nossas vidas, possamos alcançar as coisas boas prometidas, pela graça e misericórdia de nosso Senhor Jesus Cristo, por quem e com quem ao Pai e ao Espírito Santo seja glória, agora e sempre, pelos séculos dos séculos. Amém.

Sermão LV.
João 8,48-54 — "Responderam-lhe os judeus: Não dizemos nós bem que tu és samaritano e tens demônio? Jesus respondeu: Não tenho demônio, mas honro meu Pai."

[1.] Uma coisa sem vergonha e atrevida é a maldade, e quando deveria se esconder, torna-se ainda mais feroz — como aconteceu com os judeus. Pois quando deveriam ser tocados pelo que foi dito, admirando a coragem e a força das palavras, insultam-No, chamando-O de samaritano e dizendo que tem demônio, e perguntam: "Não dizemos nós bem que tu és samaritano e tens demônio?" Porque quando Ele profere algo sublime, isso entre os insensatos é considerado loucura. Contudo, antes disso, o Evangelista nunca disse que O chamavam "samaritano"; mas desta expressão se infere que isso já havia sido dito muitas vezes por eles.

"Tu tens demônio," diz alguém. Quem é que tem demônio? Quem honra a Deus, ou quem insulta aquele que O honra? O que diz Cristo, que é a própria mansidão e gentileza? "Não tenho demônio, mas honro Aquele que me enviou." Quando foi necessário instruí-los, para refrear a insolência deles, para ensiná-los a não se orgulharem por serem filhos de Abraão, Ele foi veemente; mas quando era preciso suportar insultos, agiu com muita mansidão. Quando disseram: "Temos por Pai a Deus e a Abraão," Ele os repreendeu com firmeza; mas quando O chamaram de endemoniado, Ele respondeu submissamente, ensinando-nos assim a vingar os insultos feitos a Deus, mas a perdoar os feitos a nós mesmos.

Verso 50. "Não busco a minha glória."

"Estas coisas," Ele diz, "falei para mostrar que não vos convém, sendo assassinos, chamar Deus de vosso Pai; por isso as falei por causa da honra d'Ele, e por causa d'Ele aceito essas injúrias, e por causa d'Ele sois vós que me desonrais. Mas a mim não importa essa insolência; a Ele, por quem eu ouço essas coisas, deveis prestar contas pelas vossas palavras. Pois 'não busco a minha glória.' Por isso deixo de vos castigar e me volto para a exortação, aconselhando-vos a agir de modo que não só escapeis ao castigo, mas também alcanceis a vida eterna."

Verso 51. "Em verdade, em verdade vos digo: quem guardar a minha palavra nunca verá a morte."

Aqui Ele não fala apenas da fé, mas de uma vida pura. Acima Ele disse: "terá a vida eterna," mas aqui, "não verá a morte" (cf. cap. 6,40). Ao mesmo tempo, indica que nada poderiam fazer contra Ele, pois se aquele que guarda a Sua palavra não morrerá, muito menos Ele próprio morrerá. Pelo menos assim eles entenderam, e disseram-lhe:

Verso 52. "Agora sabemos que tens demônio; Abraão morreu, e os profetas também."

Ou seja, "os que ouviram a palavra de Deus morreram, e os que ouvem a tua palavra não morrerão?"

Verso 53. "És tu maior que o nosso pai Abraão?"

Ai da vaidade deles! Mais uma vez recorrem à sua ascendência. Porém, seria adequado perguntarem: "És tu maior que Deus? Ou os que ouvem a tua palavra são maiores que Abraão?" Mas não dizem isso, porque pensavam que Ele era menor que Abraão. Por isso, primeiro Ele mostrou que eram assassinos, afastando-os dessa relação; mas, como insistiram, tratou o assunto de outra forma, mostrando que seu esforço era inútil. E sobre a "morte" não disse nada, nem revelou que tipo de morte queria dizer, mas queria que acreditassem que Ele é maior que Abraão, para assim envergonhá-los. "Certamente," disse Ele, "se eu fosse um homem comum, não deveria morrer, pois não cometi mal algum; mas, quando falo a verdade, não tenho pecado, fui enviado por Deus, e sou maior que Abraão, não estais loucos? Não trabalhais em vão quando tentais matar-me?" Qual a resposta deles? "Agora sabemos que tens demônio." A mulher samaritana não falou assim. Ela não O chamou de "demônio," apenas perguntou: "És tu maior que nosso pai Jacó?" (cf. 4,12). Aqueles homens eram insolentes e amaldiçoados, ela queria aprender; por isso duvidou, respondeu com moderação e chamou-O "Senhor." Para quem prometia coisas maiores e era digno de crédito, não se deveria insultar, mas admirar; contudo, eles disseram que Ele tinha demônio. As palavras da samaritana eram de dúvida; as deles, de descrença e perversidade. "És tu maior que nosso pai Abraão?" — esta

pergunta torna-o maior que Abraão. “Quando, portanto, o virdes exaltado, confessareis que Ele é maior” (cf. v. 28). Observe a sabedoria d’Ele. Tendo primeiro afastado-os da descendência de Abraão, mostra que é maior que Abraão, para que se veja que é muito maior até que os profetas. De fato, como O chamavam de profeta, disse: “Minha palavra não tem lugar em vós” (v. 37). Em outro lugar, Ele declarou que ressuscita os mortos, mas aqui diz: “Quem crê nunca verá a morte,” que é muito maior do que não permitir que os crentes sejam dominados pela morte. Por isso os judeus ficaram ainda mais enfurecidos. E o que dizem?

“Quem te fazes?”

Também com insulto. “Estás tomando para ti algo,” disse um deles. A isso Cristo respondeu:

Verso 54. “Se eu me glorifico, a minha glória não é nada.”

[2.] Que dizem os hereges aqui? Que Ele ouviu a pergunta: "És tu maior do que nosso pai Abraão?" e não ousou responder-lhes, "Sim, eu sou maior," mas o fez de modo encoberto. Pois bem? A Sua honra seria “nada”? Para eles, sim, é nada. E como Ele disse, "Minha testemunha não é verdadeira" (cap. 5, v. 31), com referência à opinião que eles formariam a respeito, assim também fala aqui.

"Há alguém que Me honra."

E por que não disse "O Pai que Me enviou," como disse antes, mas,

"A quem dizeis que é vosso Deus."

Vers. 55. "Todavia, não o conheceis." Porque Ele quis mostrar que eles não só não conheciam Seu Pai, mas que não conheciam a Deus.

"Mas Eu o conheço."

"Assim, dizer ‘Eu o conheço’ não é vanglória, enquanto dizer ‘Eu não o conheço’ seria falsidade; mas vós, quando dizeis que O conheceis, mentis; assim como vós, quando dizeis que O conheceis, mentis, eu também mentiria, se dissesse que não O conheço."

"Se Eu Me glorifico a Mim mesmo." Visto que eles disseram, "A quem te fazes?" Ele responde: "Se Eu fizer (de Mim mesmo algo), Minha glória é nada. Assim como Eu O conheço exatamente, vós não O conheceis." E assim como no caso de Abraão Ele não anulou toda a sua afirmação, mas disse, "Sei que sois descendentes de Abraão," para tornar a acusação contra eles mais grave; assim aqui Ele não nega tudo, mas o quê? "A quem vós dizeis." Concedendo-lhes seu vanglório discurso, aumenta a força da acusação contra eles. Como então vós "não O conheceis"? "Porque insultais Aquele que diz e faz tudo para ser glorificado, mesmo quando Aquele é enviado por Ele." Esta afirmação não é sustentada por testemunho, mas o que segue serve para estabelecê-la.

"E Eu guardo a Sua palavra."

Aqui eles poderiam, se tivessem algo a dizer, refutá-lo, pois esta era a prova mais forte de que Ele fora enviado por Deus.

Vers. 56. "Vosso pai Abraão se alegrou de ver o Meu dia; viu-o e ficou contente."

Novamente Ele mostra que eles eram estranhos à descendência de Abraão, pois se entristeceram com o que ele se alegrou. "Meu dia," parece-me significar o dia da Crucificação, que Abraão antecipou simbolicamente pela oferta do carneiro e de Isaque. O que eles respondem?

Vers. 57. "Ainda não tens quarenta anos, e viste Abraão?"

Assim concluímos que Cristo tinha quase quarenta anos.

Vers. 58, 59. "Disse-lhes Jesus: Em verdade, em verdade vos digo: antes que Abraão existisse, Eu Sou. Então pegaram pedras para atirar-Lhe."

Vês como Ele provou ser maior que Abraão? Pois o homem que se alegrou por ver o Seu dia, e o desejou fervorosamente, o fez claramente porque era um dia para benefício, e que pertencia a alguém maior que ele mesmo. Porque eles disseram, "O filho do carpinteiro" (Mateus 13, 55), e nada mais imaginaram a respeito Dele, Ele os conduz gradualmente a uma noção exaltada Dele. Portanto, quando ouviram as palavras, "Vós não conheceis Deus," não se entristeceram; mas quando ouviram, "antes que Abraão fosse, Eu Sou," como se a nobreza de sua descendência fosse rebaixada, se enfureceram, e quiseram apedrejá-Lo.

"Viu o Meu dia e se alegrou." Ele mostra que não veio para a Paixão contra a sua vontade, pois louva aquele que se alegrou com a Cruz. Pois esta foi a salvação do mundo. Mas eles lhe lançaram pedras; tão prontos para o assassinato estavam, e o fizeram por iniciativa própria, sem questionamento.

Mas por que Ele não disse, "Antes que Abraão fosse, Eu era," em vez de "Eu Sou"? Como o Pai usa esta expressão, "Eu Sou," assim também Cristo; pois significa Ser contínuo, independentemente do tempo. Por isso a expressão pareceu-lhes blasfema. Agora, se eles não suportavam a comparação com Abraão, embora fosse uma comparação pequena, se Ele continuamente tivesse feito-se igual ao Pai, eles alguma vez teriam cessado de lançar pedras contra Ele?

Depois disso, novamente Ele foge como homem, e se oculta, tendo dado a eles instrução suficiente; e, cumprindo Sua obra, saiu do Templo e partiu para curar os cegos, provando por Suas ações que está antes de Abraão. Mas talvez alguém diga, "Por que Ele não paralisou sua força? Assim eles teriam crido." Ele curou o paralítico, mas não creram; não, fez dez mil maravilhas; na própria Paixão Ele os derrubou, e lhes escureceu os olhos, mas não creram; e como creriam se Ele tivesse paralisado sua força? Nada há pior do que uma alma endurecida na desesperança; embora veja sinais e maravilhas, persiste em conservar a mesma audácia. Assim foi o Faraó, que recebeu dez

mil golpes, e só se apaziguava enquanto punido, e manteve esse caráter até o último dia de sua vida, perseguindo os que deixava ir. Por isso Paulo diz continuamente: "Para que nenhum de vós seja endurecido pelo engano do pecado." (Hebreus 3, 13.) Pois assim como as calosidades do corpo, quando formadas, tornam-se mortas e sem sensação; assim a alma, quando ocupada por muitas paixões, torna-se morta para a virtude; e apliques o que quiseres, não tem percepção da coisa, mas seja ameaçada de punição ou o que for, permanece insensível.

[3.] Por isso vos suplico, enquanto temos esperança de salvação, enquanto podemos nos converter, que usemos todos os meios para isso. Pois os homens que se tornam insensíveis estão depois em um estado cego, como pilotos desesperados, que entregam seu navio ao vento e não contribuem com nenhum auxílio. Assim o invejoso olha para uma única coisa, que é satisfazer seu desejo, e embora possa ser punido ou mesmo morto, ainda assim é possuído apenas por essa paixão; e da mesma forma o intemperante e o avarento. Mas se o domínio das paixões é tão grande, muito maior é o da virtude; se por elas desprezamos a morte, muito mais por isto; se eles (pecadores) não se importam com suas próprias vidas, menos ainda devemos nos importar nós pela causa da nossa salvação. Pois o que teremos a dizer, se quando os que se perdem são tão ativos em sua própria perdição, nós para nossa salvação não mostramos nem mesmo uma atividade igual, mas continuamos sempre desperdiçando com inveja? Nada é pior que a inveja; para destruir outro, ela destrói a si mesma também. O olho do invejoso se consome na tristeza, ele vive numa morte contínua, considera todos os homens, mesmo aqueles que nunca o ofenderam, seus inimigos. Ele se entristece que Deus seja honrado, e se alegra no que o diabo se alegra. Há alguém honrado entre os homens? Isso não é honra, não o inveje. Mas é ele honrado por Deus? Esforce-se e seja como ele. Não queres? Por que então te destróis também? Por que desprezas o que tens? Não podes ser como ele, nem obter coisa alguma boa? Por que, além disso, tomas para ti o mal, quando deverias alegrar-te com ele, para que, mesmo que não possas compartilhar suas fadigas, possas beneficiar-te alegrando-te com Ele? Pois frequentemente até a vontade pode realizar grande bem. Ao menos Ezequiel diz que os moabitas foram punidos porque se alegraram sobre os israelitas, e

que certos outros foram salvos porque choraram sobre as desgraças dos seus vizinhos. (Ezequiel 25:8.) Agora, se há algum consolo para os que choram pelas desgraças dos outros, muito mais para os que se alegram com as honras dos outros. Ele acusou os moabitas de terem exultado sobre os israelitas, mas foi Deus quem os puniu; porém, nem mesmo quando Ele pune quer que nos alegremos sobre os que são punidos. Pois não é Sua vontade puni-los. Agora, se devemos consolar os que são punidos, muito mais devemos evitar invejar os que são honrados. Assim, por exemplo, Corá e Datan pereceram com sua companhia, tornando mais brilhantes aqueles que invejavam, e se entregando ao castigo. Pois a inveja é uma besta venenosa, uma fera impura, um vício deliberado que não admite perdão, uma maldade sem desculpa, causa e mãe de todos os males. Por isso, arranquemo-la pela raiz, para que sejamos libertos do mal aqui, e possamos obter bênçãos além; pela graça e misericórdia de nosso Senhor Jesus Cristo, por quem e com quem, ao Pai e ao Espírito Santo, seja glória agora e sempre, pelos séculos dos séculos. Amém.

Sermão LVI
João 9, 1-2 — "E, passando Jesus, viu um homem cego de nascença. E seus discípulos lhe perguntaram, dizendo: Mestre, quem pecou, este homem ou seus pais, para que nascesse cego?"

[1.] "E, passando Jesus, viu um homem cego de nascença." Cheio de amor pelo homem, cuidando da nossa salvação e desejando calar a boca dos insensatos, Ele não omite nada da sua parte, embora ninguém preste atenção. E o Profeta, sabendo disso, diz: "Para que sejas justificado nas tuas palavras e venças quando te acusarem." (Salmo 51,4) Por isso, aqui, quando não quiseram aceitar suas palavras elevadas, mas disseram que Ele tinha um demônio e tentaram matá-lo, Ele saiu do Templo e curou o cego, mitigando a ira deles pela sua ausência e, com o milagre, suavizando a dureza e crueldade deles e confirmando suas afirmações. E fez um milagre incomum, o primeiro desse tipo. "Desde o princípio do mundo," disse aquele que foi curado, "não se ouviu que alguém abrisse os olhos de um cego de nascença." (v. 32) Talvez alguns tenham aberto os olhos de cegos, mas de um cego de nascença, nunca. E o fato de que, saindo do Templo, Ele foi propositalmente fazer essa obra é claro

pelo seguinte: foi Ele quem viu o cego, não o cego quem foi até Ele; e tão intensamente o olhou que até os discípulos perceberam. Foi disso que eles passaram a interrogá-Lo; pois, vendo-o fixo no homem, lhe perguntaram: "Quem pecou, este homem ou seus pais?" Pergunta errada, pois como poderia ele pecar antes de nascer? E se os pais pecaram, por que ele seria punido? De onde então tiraram essa pergunta? Antes, quando curou o paralítico, Ele disse: "Levanta-te, não peques mais." (João 5,14) Por isso, tendo entendido que aquele era paralítico por causa do pecado, disseram: "Bem, aquele era paralítico por seus pecados; mas quanto a este homem, o que dirás? Ele pecou? Não é possível, pois é cego de nascença. Seus pais pecaram? Também não se pode dizer, pois a criança não sofre o castigo do pai." Assim, quando vemos uma criança maltratada, exclamamos: "O que podemos dizer disso? O que a criança fez?" — não perguntando, mas espantados. Do mesmo modo falaram os discípulos, não tanto perguntando para saber, mas por perplexidade. Então, o que diz Cristo?

v. 3 "Nem ele pecou, nem seus pais."

Ele não diz isso para absolvê-los do pecado, pois não disse simplesmente "Nem ele pecou, nem seus pais", mas acrescenta: "para que ele nascesse cego, mas para que o Filho de Deus fosse glorificado nele." Pois tanto este homem quanto seus pais pecaram, mas sua cegueira não procede disso. E isso Ele disse, não querendo dizer que, embora este homem não tenha sido punido assim, outros foram cegos por causa dos pecados dos pais, porque não pode ser que alguém seja punido pelo pecado de outro. Pois, se admitirmos isso, teremos que admitir que se pecou antes de nascer. Assim como, ao dizer "nem ele pecou", Ele não quis dizer que é possível pecar desde o nascimento e ser punido por isso, assim, ao dizer "nem seus pais", não quis dizer que alguém possa ser punido pelos pecados dos pais. Essa suposição Ele elimina pela boca de Ezequiel: "Por minha vida, diz o Senhor, este provérbio não será usado mais: 'Os pais comeram uvas verdes, e os dentes dos filhos ficaram embotados'." (Ezequiel 18,2-3) E Moisés diz: "O pai não morrerá pelo filho, nem o filho morrerá pelo pai." (Deuteronômio 24,16) E da parte de certo rei a Escritura diz que por essa mesma razão ele não fez algo, observando a lei de Moisés. Mas se alguém argumentar: "Como então se diz: 'Visito a iniquidade

dos pais nos filhos, até a terceira e quarta geração'?" (Deuteronômio 5,9), responderemos que essa afirmação não é universal, mas foi dita a respeito de certos que saíram do Egito. E o sentido é este: "Como estes que saíram do Egito, depois de sinais e prodígios, se tornaram piores que seus antepassados que nada viram, sofrerão a mesma pena que eles sofreram, pois cometeram os mesmos crimes." Quem prestar atenção ao texto entenderá que se referia àqueles homens. Então, por que ele nasceu cego?

"Para que a glória de Deus se manifestasse," Ele diz.

Vê, aqui surge outra dificuldade: se sem o castigo deste homem não seria possível mostrar a glória de Deus. Certamente não se diz que fosse impossível, pois era possível, mas que a glória se manifestasse "ainda neste homem." Alguém poderia dizer: "Ele sofreu injustamente para a glória de Deus? Que injustiça, diga-me? E se Deus nunca tivesse querido criá-lo?" Mas eu afirmo que ele até recebeu benefício de sua cegueira, pois recuperou a visão dos olhos interiores. O que lucraram os judeus com seus olhos? Eles receberam castigo maior, pois foram cegos mesmo vendo. E que dano teve este homem pela cegueira? Pois por ela recuperou a visão. Assim, como os males da vida presente não são verdadeiros males, também as coisas boas não são verdadeiramente boas; só o pecado é mal, mas a cegueira não é mal. E aquele que trouxe este homem do nada ao ser, tinha também o poder de deixá-lo como estava.

[2.] Mas alguns dizem que esta conjunção não expressa causa, mas refere-se à consequência do milagre; assim como quando Ele diz: "Para juízo vim a este mundo, para que os que não veem vejam, e os que veem se tornem cegos" (v. 39); e, no entanto, não foi para isso que Ele veio, para que os que viam se tornassem cegos. E ainda Paulo, "Porque o que de Deus se pode conhecer é manifesto entre eles, porque Deus lho manifestou" (Rom. 1:19-20); no entanto, Ele não lhes mostrou isso para que ficassem sem desculpa, mas para que obtivessem desculpa. E novamente em outro lugar: "A Lei entrou para que a ofensa abundasse" (Rom. 5:20); contudo, não foi para isso que ela entrou, mas para que o pecado fosse reprimido. Vês que em todos os casos a conjunção se

relaciona à consequência? Pois assim como um excelente arquiteto pode construir parte de uma casa e deixar o resto inacabado, para que aqueles que não creem possam provar, através da parte restante, que ele é autor de toda a obra; assim também Deus junta e completa nosso corpo, como se fosse uma casa arruinada, curando a mão ressequida, fortalecendo membros paralisados, endireitando coxos, purificando leprosos, levantando os enfermos, sarando os aleijados, trazendo os mortos à vida, abrindo olhos fechados ou acrescentando olhos onde antes não havia; todas essas coisas, sendo defeitos causados pela fraqueza da nossa natureza, Ele corrige para mostrar seu poder.

Mas quando Ele disse: "Para que a glória de Deus seja manifestada," falou de Si mesmo, não do Pai; a glória do Pai já estava manifesta. Pois, visto que ouviam que Deus criou o homem, tomando o pó da terra, assim também Cristo fez argila. Ter dito "Eu sou aquele que tomou o pó da terra e fez o homem" teria parecido difícil aos seus ouvintes; mas quando mostrou isso por meio da obra, isso já não os impediu. Assim, ao tomar terra e misturá-la com saliva, Ele manifestou sua glória oculta; pois não era pequena glória ser tido como o Arquiteto da criação.

E depois disso, o resto também seguiu; pela parte, o todo foi provado, visto que a crença na coisa maior confirmava a menor. Porque o homem é mais honroso do que qualquer criatura, e de nossos membros o mais honroso é o olho. Esta é a razão pela qual Ele formou os olhos, não de maneira comum, mas do modo como fez. Pois, embora esse membro seja pequeno em tamanho, é mais necessário que qualquer parte do corpo. E isso Paulo mostrou quando disse: "Se o ouvido disser: Porque não sou o olho, não sou do corpo, por isso não será do corpo?" (1 Cor. 12:16). Pois tudo o que há em nós é manifestação da sabedoria de Deus, mas muito mais o olho; é ele quem guia o corpo inteiro, quem dá beleza a tudo, quem adorna o rosto, quem é a luz de todos os membros. O que o sol é no mundo, o olho é no corpo; apague o sol, e destrói e confunde tudo; apague os olhos, e pés, mãos, alma ficam inúteis. Quando eles estão incapacitados, até o conhecimento desaparece, porque é por meio deles que conhecemos Deus. "Pois as coisas invisíveis d'Ele, desde a criação do mundo, são claramente vistas, sendo compreendidas pelas coisas

feitas" (Rom. 1:20). Portanto, o olho não é apenas luz para o corpo, mas além do corpo para a alma também. Por isso está estabelecido como em uma fortaleza real, obtendo a condição superior e presidindo os outros sentidos. Este então Cristo forma.

E para que não julgues que Ele precisa da matéria quando trabalha, e para que aprendas que Ele não precisou da argila (pois Aquele que trouxe ao ser os grandes seres quando ainda não existiam, muito mais teria feito isto sem matéria), digo que Ele não o fez por necessidade, mas para mostrar que Ele é o Criador desde o princípio, quando espalhou a argila disse: "Vai, lava-te", "para que saibas que não preciso de argila para criar olhos, mas para que minha glória seja manifestada por isso." Pois, para mostrar que falava de Si mesmo quando disse: "Para que a glória de Deus seja manifestada," Ele acrescentou,

v. 4 "Eu devo realizar as obras daquele que me enviou."

Ou seja: "Devo manifestar-Me e fazer as coisas que mostram que faço as mesmas coisas que o Pai"; não coisas “semelhantes,” mas "as mesmas," expressão que indica maior identidade, usada para quem não difere nem um pouco. Quem então, depois disso, O enfrentará, ao ver que Ele tem o mesmo poder do Pai? Pois não apenas formou ou abriu os olhos, mas também deu o dom da visão, que prova que Ele também soprou na alma. Pois, se isso não acontecesse, o olho, mesmo aperfeiçoado, nunca poderia ver nada; assim, Ele deu tanto a energia que vem da alma, quanto deu o membro, que possui tudo — artérias, nervos, veias e tudo do corpo.

"Devo trabalhar enquanto é dia."

O que significam essas palavras? A que conclusão levam? A uma importante. Pois o que Ele diz é algo assim: "Enquanto é dia, enquanto os homens podem crer em Mim, enquanto durar esta vida, devo trabalhar."

"A noite vem," isto é, o futuro, "quando ninguém pode trabalhar."

Ele não disse "quando Eu não puder trabalhar," mas "quando ninguém puder trabalhar": isto é, quando não houver mais fé, nem trabalhos, nem arrependimento. Pois para mostrar que Ele chama fé de “trabalho,” quando Lhe dizem: "Que faremos para fazer as obras de Deus?" (João 6:28), Ele responde: "Esta é a obra de Deus: que creiais naquele que Ele enviou." Como, então, ninguém poderá realizar essa obra no mundo futuro? Porque lá não há fé, mas todos, voluntária ou involuntariamente, se submeterão. Para que ninguém diga que Ele agiu assim por desejo de honra, Ele mostra que fez tudo para poupar os que tinham poder para crer “aqui” somente, mas que “lá” não poderiam ganhar coisa alguma. Por isso, embora o cego não viesse a Ele, Ele fez o que fez: porque o homem era digno de ser curado, pois, se visse, creria e viria a Cristo; se ouvisse de alguém que Ele estava presente, não teria sido negligente, como fica claro pelo que segue, pelo seu ânimo, pela própria fé. Pois era provável que ele pensasse consigo mesmo e dissesse: "O que é isto? Ele fez argila, ungiu meus olhos e disse-me: ‘Vai, lava-te’; poderia não ter me curado antes e me enviado a Siloé? Muitas vezes lavei lá com muitos outros e não tive benefício; se Ele tivesse poder, teria me curado estando presente." Assim como Naamã falou a respeito de Eliseu; pois ele também, mandado ir lavar no Jordão, não acreditou, mesmo havendo fama de Eliseu. (2 Reis 5:11.) Mas o cego não duvidou, não contradisse, não pensou: "O que é isto? Deveria Ele ter usado argila? Isto é mais para cegar alguém: quem já recuperou a vista assim?" Mas ele não fez tais raciocínios. Vês sua fé firme e seu zelo?

"A noite vem." Em seguida Ele mostra que, mesmo após a crucificação, cuidaria dos ímpios e traria muitos a Si mesmo. Pois "ainda é dia." Mas depois disso, Ele os cortará totalmente, e dizendo isso, Ele declara:

v. 5 "Enquanto estou no mundo, sou a luz do mundo."

[3.] Como também disse a outros: "Crede enquanto tendes luz." (João 12:36) Por que, então, Paulo chamou esta vida de "noite" e aquela outra de "dia"? Não para opor-se a Cristo, mas dizendo a mesma coisa, senão em palavras, ao menos no sentido; pois ele também diz: "A noite já avançou, e o dia está perto." (Rom. 13:12) Ele chama o tempo presente de "noite" por causa daqueles

que estão sentados nas trevas, ou porque o compara com aquele dia que há de vir. Cristo chama o futuro de "noite", porque ali o pecado não tem poder para agir; mas Paulo chama esta vida presente de noite, porque estão nas trevas os que continuam na maldade e na incredulidade. Dirigindo-se então aos fiéis, ele disse: "A noite já avançou, e o dia está perto," pois eles devem usufruir daquela luz; e chama a velha vida de noite. "Rejeitemos," diz ele, "as obras das trevas." Vês que ele lhes diz que é "noite"? Por isso diz: "Andemos honestamente, como em pleno dia," para que possamos usufruir daquela luz. Pois se esta luz é tão boa, considera o que será aquela; assim como a luz do sol é mais brilhante que a chama de uma vela, assim aquela luz é muito melhor do que esta. E indicando isso, Cristo diz que "o sol se escurecerá." Por causa do excesso daquela claridade, nem mesmo o sol será visto.

Se agora, para termos aqui casas bem iluminadas e arejadas, gastamos imensas somas, construindo e nos esforçando, considera como devemos gastar até mesmo nossos próprios corpos, para que sejam construídas para nós moradas gloriosas nos céus, onde está aquela Luz inefável. Aqui há contendas e discussões sobre limites e muros, mas lá não haverá nada disso, nenhuma inveja, nenhuma malícia, ninguém discutirá conosco sobre a demarcação de terras. Esta morada também certamente teremos que deixar, mas aquela permanece conosco para sempre; esta deve decair com o tempo e estar sujeita a incontáveis danos, mas aquela permanecerá eternamente sem envelhecer; esta um pobre não pode construir, mas aquela outra pode ser construída até com dois míseros centavos, como fez a viúva. Por isso me aflijo profundamente, pois quando tantas bênçãos nos são oferecidas, somos preguiçosos e as desprezamos; usamos todo esforço para ter casas esplêndidas aqui, mas para ganhar no céu ao menos um pequeno lugar de descanso, não nos importamos, nem pensamos nisso. Pois diga-me, onde desejas morar aqui? No deserto, ou numa das cidades menores? Não creio; mas numa das cidades mais reais e grandiosas, onde o comércio é maior, onde o esplendor é maior. Mas eu te levarei a tal Cidade, cujo Construtor e Criador é Deus; lá te exorto a fundar e construir, com menos custo e esforço. Aquela casa é construída pelas mãos dos pobres, e é verdadeiramente uma "construção", assim como as estruturas feitas aqui são obra de extrema loucura. Pois se alguém te levasse à terra da Pérsia, para ver o que há lá e

depois te mandasse construir casas, não o condenarias por loucura excessiva, por pedir que gastasses fora de hora? Como, então, fazes o mesmo na terra que em breve deixarás? "Mas eu deixarei isso para meus filhos," diz alguém. Contudo, eles também a deixarão logo depois de ti; muitas vezes até antes de ti; e seus sucessores o mesmo. E mesmo aqui te entristece o fato de não veres teus herdeiros manterem suas posses, mas lá não precisarás temer coisa alguma; a posse permanece imóvel, para ti, para teus filhos e para seus descendentes, se imitarem a mesma bondade. Aquela construção Cristo toma para si; quem a constrói não precisa de zeladores, nem de preocupações ou ansiedades; pois quando Deus assume a obra, que necessidade há de cuidado? Ele reúne todas as coisas e levanta a casa. E não é só isso maravilhoso, mas que Ele a constrói de modo a agradar-te, ou antes, além do que agrada, além do que desejas; pois Ele é o Artista mais excelente, e cuida muito do teu benefício. Se és pobre e desejas construir essa casa, ela não te traz inveja, não gera malícia contra ti, pois nenhum dos que sabem invejar a vêem, mas os Anjos, que sabem alegrar-se com as tuas bênçãos; ninguém poderá invadi-la, pois nenhum dos que são vizinhos dela tem paixões doentias. Pois vizinhos tens ali os santos, Pedro e Paulo com seus companheiros, todos os Profetas, os Mártires, a multidão dos Anjos e Arcanjos. Por amor de todas essas coisas, esvaziemos nossa riqueza em favor dos pobres, para que possamos obter aqueles tabernáculos; que todos nós possamos obter, pela graça e misericórdia de nosso Senhor Jesus Cristo, por quem e com quem, ao Pai e ao Espírito Santo, seja glória, agora e sempre, pelos séculos dos séculos. Amém.

Sermão LVII

João 9, 6-7 — "E, dizendo isso, cuspiu no chão e fez lodo com a saliva, e ungiu com o lodo os olhos do cego, e lhe disse: Vai, lava-te no tanque de Siloé."

[1.] Aqueles que querem tirar algum proveito do que leem não devem deixar passar nem mesmo uma pequena parte das palavras; por isso nos é mandado "buscar" as Escrituras, porque a maioria das palavras, embora à primeira vista pareçam fáceis, mostram em sua profundidade um significado oculto. Observa o caso presente. "Diz que, tendo dito essas palavras, cuspiu no chão." Que palavras? "Que a glória de Deus se manifestasse," e que "devo cumprir as obras daquele que me enviou." Pois não foi sem motivo que o Evangelista nos relatou Suas palavras e acrescentou que "cuspiu," para mostrar que Ele confirmou Suas palavras com ações. E por que Ele não usou água em vez de saliva para fazer o barro? Estava para enviar o homem a Siloé; para que nada fosse atribuído à fonte, mas para que aprendas que o poder que procede de Sua boca foi o mesmo que formou e abriu os olhos do homem, Ele "cuspiu no chão"; ao menos isso quis dizer o Evangelista quando afirmou que Ele "fez barro com a saliva." Depois, para que o resultado bem-sucedido não parecesse ser da terra, mandou que o homem se lavasse. Mas por que não fez isso imediatamente, em vez de enviá-lo a Siloé? Para que aprendesses a fé do cego e para que a obstinação dos judeus fosse silenciada; porque era provável que todos o vissem partir com o barro sobre os olhos, e, pela estranheza da coisa, ele atraísse a atenção de todos, tanto dos que o conheciam quanto dos que não o conheciam, e que o observassem com atenção. E porque não é fácil reconhecer um cego que recuperou a visão, Ele primeiro faz com que, pelo percurso até lá, muitos sejam testemunhas, e pela estranheza do espetáculo, observadores rigorosos, para que, atentos, não possam mais dizer: "É ele? Não é ele?" Além disso, ao enviá-lo a Siloé, quer provar que Ele não está afastado da Lei e do Antigo Testamento, nem se poderia temer depois que Siloé receberia a glória, pois muitos que ali haviam lavado os olhos não receberam tal benefício; pois também ali foi o poder de Cristo que operou tudo. Por isso o Evangelista acrescenta para nós a explicação do nome; pois, tendo dito "em Siloé," acrescenta:
"Que quer dizer, Enviado."

Para que aprendas que ali também foi Cristo quem o curou. Como Paulo diz: "Todos beberam daquela pedra espiritual que os seguia, e essa pedra era Cristo." (1 Cor. 10, 4) Assim como Cristo era a pedra espiritual, também era o Siloé espiritual. Para mim também a súbita vinda da água parece indicar um

mistério inefável. Qual é ele? A inesperada natureza de Sua manifestação, além de toda expectativa.

Mas observa a mente do cego, obediente em tudo. Ele não disse: "Se é realmente o barro ou a saliva que me dá visão, para que Siloé? Ou se é preciso Siloé, para que o barro? Por que Ele me ungiu? Por que mandou que eu me lavasse?" Mas não teve tais pensamentos, apenas se preparou para uma coisa só: obedecer em tudo Aquele que deu a ordem, e nada do que foi feito lhe desagradou. Se alguém perguntar: "Como ele recuperou a vista, se tirou o barro?" ouvirá de nós só uma resposta: não sabemos como. E que maravilha se não sabemos, pois nem o Evangelista sabia, nem o próprio curado? Ele sabia o que fora feito, mas não compreendia o modo como. Por isso, quando perguntado, disse: "Ele pôs barro em meus olhos, e eu lavei, e vejo"; mas como isso aconteceu não sabe explicar, ainda que lhe perguntem dez mil vezes.

Versículos 8, 9 — "Os vizinhos, e os que o tinham visto antes, que ele era um mendigo, diziam: Não é este o mesmo que se sentava e pedia esmolas? Uns diziam: Sim, é ele."

A estranheza do que acontecera os levou até a incredulidade, embora se tivesse feito tanto para que não duvidassem. Diziam: "Não é este o mesmo que se sentava e pedia esmolas?" Oh, a bondade de Deus! Aonde Ele desceu, quando com grande bondade curou até mendigos, e assim calou os judeus, porque não considerou ilustres, nem os distintos, nem os poderosos, mas homens sem valor para serem objeto da mesma Providência. Pois Ele veio para a salvação de todos.

E o que aconteceu ao paralítico, aconteceu também com este homem: nem um nem outro sabia quem os curou. Isso foi causado pela discrição de Cristo, pois Jesus, quando curava, sempre se retirava, para que não houvesse suspeita sobre os milagres. Como poderiam, se não sabiam quem Ele era, lisonjeá-Lo, ou conspirar para realizar o que havia sido feito? Nem este homem andava por aí, mas se sentava às portas do Templo. E quando todos duvidavam dele, o que ele disse?

"Eu sou ele."

Não teve vergonha de sua cegueira anterior, nem temeu a ira do povo, nem recusou mostrar-se para proclamar seu Benfeitor.

Versículos 10, 11 — "Perguntaram-lhe: Como se abriram teus olhos? Respondeu ele: O homem que se chama Jesus."

O que dizes? Um "homem" realiza tais feitos? Ele ainda nada sabia de grande a respeito d'Ele.

"Um homem que se chama Jesus fez barro, ungiu meus olhos..."
[2.] Observa quão verdadeiro ele é. Ele não diz de onde Ele fez o barro, pois fala apenas daquilo que sabe; não viu que Jesus cuspiu no chão, mas sabia pelo tato e pelo sentido que Ele espalhou aquilo sobre seus olhos.

"E disse-me: Vai, lava-te na piscina de Siloé."

Isto também foi testemunhado pela sua audição. Mas como reconheceu a voz? Pela convivência com os discípulos. E dizendo tudo isto, e tendo recebido a prova pelas obras, ele não sabe explicar o modo (da cura). Agora, se é necessária fé nas coisas que se podem tocar e sentir, quanto mais nas invisíveis.

Verso 12: "Disseram-lhe: Onde está ele? E ele disse: Não sei."

Perguntaram: "Onde está ele?", já com intenções assassinas contra Jesus. Mas observa a modéstia de Cristo, como Ele não permaneceu junto dos curados; pois não queria nem glória, nem multidão, nem fazer espetáculo de Si mesmo. Observa também como o cego responde com toda sinceridade. Os judeus queriam encontrar Jesus para levá-Lo aos sacerdotes, mas não O acharam e levaram o cego aos fariseus para que o interrogassem com rigor. Por isso o Evangelista ressalta que era sábado (v. 14), para mostrar a maldade de suas intenções e o motivo de procurarem Jesus, como se tivessem

encontrado algo para desacreditar o milagre, alegando suposta transgressão da Lei. Isso fica claro logo pela pergunta deles ao ver o cego: "Como te foram abertos os olhos?" Observa ainda a forma de falar deles; não perguntam "Como recebeste a vista?", mas "Como Ele abriu teus olhos?", dando assim margem para caluniar Jesus, por ter realizado o milagre. Mas o cego responde breve, como a quem já ouviu falar; sem mencionar o nome de Jesus, nem dizer "Ele me mandou ir lavar", ele logo afirma:

Verso 15: "Ele pôs barro sobre meus olhos, lavei-me e agora vejo."

A calúnia já era grande, e os judeus diziam: "Vede que obra faz Jesus no sábado, pois unge com barro!" Mas observai, peço-vos, como o cego não se perturba. Falando na presença de outros, sem perigo, não era tão difícil dizer a verdade; mas o admirável é que agora, diante de maior temor, ele nem nega nem contradiz o que dissera antes. O que fizeram então os fariseus, ou melhor, os outros também? Tinham-no levado para que negasse, mas aconteceu o contrário e eles ficaram mais certos do fato. E isto ocorre sempre com milagres; mostraremos melhor isso a seguir. O que disseram os fariseus?

Verso 16: “Alguns disseram (não todos, mas os mais ousados): Este homem não é de Deus, porque não guarda o sábado; outros disseram: Como pode um pecador fazer tais milagres?”

Vês que os milagres os levaram a crer? Pois ouve o que dizem agora, depois de terem mandado buscá-Lo. E, embora nem todos acreditassem (pois os dirigentes, por vaidade, duvidavam), muitos dos principais creram, mas não O confessavam. O povo era facilmente ignorado, mas os principais, mais notórios, tinham mais dificuldade de falar abertamente; uns por amor ao poder, outros por medo, outros pela multidão. Por isso Ele disse: "Como crereis vós, que recebeis honra uns dos outros?" (João 5,44) Estes que buscavam matá-Lo diziam que eram de Deus, mas negavam que Jesus fosse, pois Ele não guardava o sábado; os outros diziam que um pecador não poderia fazer milagres. Os primeiros, maliciosamente, silenciaram sobre o milagre, apontando apenas a suposta transgressão; não disseram "Ele cura no

sábado", mas "Ele não guarda o sábado". Os segundos responderam fraco, pois deveriam provar que o sábado não foi quebrado, mas confiaram apenas nos milagres; e com razão, pois ainda pensavam que Jesus era só um homem. Se soubessem que Ele era o Senhor do sábado que Ele mesmo instituiu, poderiam ter usado essa defesa, mas ainda não pensavam assim. Nenhum deles teve coragem de afirmar abertamente o que desejava; alguns por falta de ousadia, outros por apego ao poder.

"Houve, pois, entre eles divisão." Essa divisão começou entre o povo e depois entre os dirigentes, alguns diziam: "Ele é um homem bom"; outros: "Não, ele engana o povo" (João 7,12). Vês que os dirigentes foram menos sensatos que o povo, pois se dividiram depois dele? E mesmo assim, não tiveram nobreza de espírito ao serem pressionados pelos fariseus. Se tivessem se separado totalmente deles, logo conheceriam a verdade. Pois é possível fazer bem separando-se. Por isso Ele disse: "Não vim trazer paz à terra, mas espada" (Mateus 10,34). Pois há uma má concórdia e uma boa separação. Assim os que construíram a torre (Gênesis 11,4) concordaram para seu próprio mal; e esses mesmos foram separados para o bem, embora contra vontade. Assim Corá e seus companheiros concordaram para o mal, e foram separados para o bem; Judas concordou com os judeus para o mal. Portanto, divisão pode ser boa, e concordância pode ser má. Por isso diz: "Se teu olho te escandalizar, lança-o fora; se teu pé te escandalizar, corta-o" (Mateus 5,29; 18,8). Se devemos afastar um membro ruim do corpo, quanto mais devemos afastar amigos unidos a nós para o mal? Assim, a concordância nem sempre é boa, e a divisão nem sempre é má.

[3.] Digo estas coisas para que evitemos os homens maus e sigamos os bons; pois, se cortamos um membro do corpo que está podre e incurável, temendo que o resto do corpo contraia a mesma doença, e fazemos isso não por desprezar essa parte, mas para preservar o restante, quanto mais devemos fazer isso em relação àqueles que se unem a nós para o mal? Se pudermos corrigi-los sem nos prejudicarmos, devemos usar todos os meios para isso; mas se forem incorregíveis e puderem nos causar dano, é necessário cortá-los e lançá-los fora. Pois muitas vezes assim eles terão ganho, e não perda. Por isso Paulo exortou, dizendo: "E removei de entre vós o perverso" e

"aquele que cometeu tal feito seja removido de entre vós" (1 Coríntios 5, 13-2). Coisa terrível, verdadeiramente terrível, é a companhia dos maus; não tão rapidamente a peste ou a sarna contagiam aqueles que entram em contato com os doentes como a maldade dos homens maus. Pois "más conversações corrompem os bons costumes" (1 Coríntios 15, 33). E ainda o Profeta diz: "Sai do meio deles, e separa-vos" (Isaías 52, 11). Que ninguém tenha, pois, o homem perverso por amigo. Porque se, quando temos filhos maus, os repudiamos publicamente, sem nos importar com a natureza ou suas leis, ou as obrigações que nos impõe, muito mais devemos fugir dos nossos companheiros e conhecidos quando são maus. Pois mesmo que não soframos dano deles, não escaparemos da má fama, porque os estranhos não examinam nossas vidas, mas nos julgam pelos nossos companheiros. Este conselho dirijo a jovens e donzelas. Diz a Escritura: "Providenciando coisas honestas," não só diante do Senhor, mas também "diante de todos os homens" (Romanos 12, 17). Portanto, usemos todos os meios para que nosso próximo não seja escandalizado. Pois uma vida, por mais reta que seja, se escandaliza os outros, perdeu tudo. Mas como é possível que uma vida reta escandalize? Quando a companhia dos que não são retos a envolve com má fama; pois, confiando em nós mesmos, convivendo com homens maus, ainda que não sejamos prejudicados, escandalizamos outros. Digo estas coisas a homens, mulheres e donzelas, deixando à sua consciência ver quantos males advêm dessa fonte. Talvez eu, nem mesmo os mais perfeitos, suspeitem algum mal; mas o irmão mais simples é prejudicado pela ocasião da tua perfeição; e deves também cuidar de sua fraqueza. E mesmo que ele não sofra dano, o pagão sofre. Paulo nos manda estar "sem escândalo, tanto para judeus como para gregos, e para a Igreja de Deus" (1 Coríntios 10, 32). (Não penso mal da virgem, pois amo a virgindade, e "o amor não pensa mal" (1 Coríntios 13, 5); admiro muito esse estado de vida e não tenho nem mesmo um pensamento indecente sobre ele.) Como persuadir aqueles que estão fora? Pois devemos também cuidar deles. Portanto, ordenemos a nossa vida de modo que nenhum incrédulo possa encontrar um motivo justo para nos acusar. Pois assim como os que vivem corretamente glorificam a Deus, os que fazem o contrário causam que Ele seja blasfemado. Que ninguém assim esteja entre nós; mas que nossas obras brilhem de tal maneira que nosso Pai, que está nos céus, seja glorificado e que possamos gozar da honra que vem d'Ele. A

qual honra todos possamos alcançar, pela graça e misericórdia de nosso Senhor Jesus Cristo, por quem e com quem, ao Pai e ao Espírito Santo, seja glória para sempre. Amém.

Sermão LVIII.
João 9:17-18 – "E disseram novamente ao cego: Que dizes tu dele, que te abriu os olhos? Ele respondeu: É um profeta. Então os judeus não creram."

[1.] Devemos passar pelas Escrituras não de forma casual ou descuidada, mas com toda exatidão, para que não nos enredemos. Pois mesmo aqui, neste lugar, alguém poderia questionar com aparente razão: como, depois de terem afirmado "Este homem não é de Deus, porque não guarda o sábado", agora dizem ao homem: "Que dizes tu dele, que te abriu os olhos?" e não: "Que dizes tu dele, que violou o sábado?", colocando agora como fundamento a defesa, e não a acusação? O que responderemos? Que estes (que falam) não são os mesmos que disseram "Este homem não é de Deus", mas os que se separaram deles, que também disseram "Um homem pecador não pode fazer tais milagres." Para tentar silenciar seus opositores, de modo que não pareçam partidários de Cristo, apresentam o homem que recebeu a prova do Seu poder e o interrogam. Observe agora a sabedoria do pobre homem, que fala mais sabiamente do que todos eles. Primeiro diz: "Ele é um profeta", e não recua diante do juízo dos judeus perversos que falavam contra Ele e diziam: "Como pode este homem ser de Deus, se não guarda o sábado?" mas responde-lhes: "Ele é um profeta."

"E eles não creram que ele fora cego e recebeu a vista, até que chamaram seus pais."

Observe de quantas maneiras tentam obscurecer e negar o milagre. Mas essa é a natureza da verdade: pelos mesmos meios pelos quais parece ser atacada pelos homens, por esses ela se fortalece, brilha por meio do que a obscurece. Pois, se essas coisas não tivessem acontecido, muitos poderiam duvidar do milagre; mas agora, como querendo expor a verdade, usam todos os meios, e não agiriam de outra forma, supondo que tudo fizeram contra Cristo. Pois primeiro tentaram derrubá-Lo por causa desse modo (de cura), dizendo:

“Como abriu teus olhos?” isto é, “foi por algum feitiço?” Em outro lugar, também quando não tinham acusação contra Ele, procuraram insultar o modo da cura, dizendo: “Ele expulsa demônios pelo poder de Belzebu” (Mateus 12:24). E aqui novamente, quando nada têm a dizer, recorrem ao tempo da cura, dizendo: “Ele quebra o sábado” e ainda, “Ele é um pecador.” Porém Ele vos perguntou, vós que quereis matá-Lo e que estais prontos para prender Suas ações, claramente dizendo: “Qual dentre vós Me convence de pecado?” (João 8:46); e ninguém falou, nem disse: “Tu blasfemas porque te fazes sem pecado.” Mas, se tivessem podido dizer isso, não teriam ficado em silêncio. Pois aqueles que, ao ouvirem que Ele existia antes de Abraão, queriam apedrejá-Lo e disseram que Ele não era de Deus, e que se vangloriavam de que eles, assassinos como eram, eram de Deus, mas que diziam que Aquele que fazia tais prodígios, depois de ter operado a cura, não era de Deus porque não guardava o sábado, se tivessem tido ao menos uma sombra de acusação contra Ele, jamais teriam deixado passar. E se O chamam de pecador porque parece violar o sábado, essa acusação também é mostrada como insustentável, quando aqueles que estão entre eles condenam sua grande dureza e pequenez de espírito. Estando, portanto, encurralados de todos os lados, eles recorrem depois a algo mais sem vergonha e insolente. Que é isso? Diz-se que “não creram que ele fora cego e recebeu a vista.” Como, então, O acusaram de não guardar o sábado? Claramente, porque O acreditaram. Mas por que não prestastes atenção à multidão? Aos vizinhos que o conheciam? Como disse, a falsidade se derrota por si mesma pelos meios pelos quais parece incomodar a verdade, e faz a verdade aparecer mais brilhante. Isso foi o que aconteceu agora. Para que ninguém dissesse que seus vizinhos e aqueles que o viram não falavam com precisão, mas supunham por semelhança, apresentaram seus pais, pelos quais conseguiram, contra sua vontade, provar que o que aconteceu era verdadeiro, já que os pais conheciam melhor que ninguém seu próprio filho. Quando não puderam intimidar o homem, que, com toda ousadia, proclamava seu Beneficiário, tentaram ferir o milagre por meio de seus pais. Observe a malícia de suas perguntas. Pois o que diz? Colocando-os no meio, para lançá-los em aflição, aplicam a interrogação com grande severidade e ira.

Verso 19: “É este vosso filho?” (e não disseram “aquele que fora cego”, mas) “de quem dizeis que nasceu cego?”

Como se agissem com dolo e tramassem contra Cristo. Ó malditos, completamente malditos! Que pai escolheria inventar tais falsidades contra seu próprio filho? Pois quase dizem: “Aquele que fizestes cego e espalhastes essa notícia por toda parte. Como então ele vê agora?”

[2.] Oh, tolice! Diz alguém: "O truque e a artimanha são vossos." Pois por esses dois meios tentam levar os pais à negação; usando as palavras "de quem dizeis" e "Como é que agora ele vê?" Ora, quando foram feitas três perguntas — se ele era seu filho, se fora cego, e como recebera a vista — os pais só reconheceram as duas primeiras, mas não acrescentaram a terceira. Isso aconteceu por causa da verdade, para que ninguém além do homem curado, que também era digno de crédito, confirmasse o fato. E como os pais haveriam de favorecer a Cristo, se até mesmo sobre o que sabiam guardaram silêncio por medo dos judeus? O que disseram?

Vers. 20, 21. "Sabemos que este é nosso filho, e que nasceu cego; mas como agora vê, não sabemos, ou quem abriu seus olhos, não sabemos; ele já é de idade, que ele mesmo fale por si."

Fazendo-o digno de crédito, eles se isentaram: "Ele não é criança, dizem, nem incapaz, mas capaz de testemunhar por si mesmo."

Vers. 22. "Essas palavras disseram eles porque temiam os judeus."

Repare como o Evangelista volta a mencionar a opinião e o pensamento deles. Digo isso por causa daquela fala anterior deles, quando disseram: "Ele se faz igual a Deus" (cap. 5,18). Pois se isso fosse só opinião dos judeus, mas não juízo de Cristo, ele teria acrescentado que "era opinião judaica". Quando, portanto, os pais os encaminharam para o próprio curado, eles o chamaram outra vez, e não disseram abertamente e descaradamente: "Negue que Cristo te curou," mas tentaram fazer isso sob pretexto de piedade.

Vers. 24. "Dai glória a Deus," disse um.

Porque ter dito aos pais: "Negai que ele é vosso filho e que nasceu cego," teria parecido muito ridículo. E também dizer isso a ele mesmo seria manifesta ousadia. Por isso não disseram assim, mas manejaram a questão de outro modo, dizendo: "Dai glória a Deus," isto é, "confessai que este homem nada fez."

"Sabemos que este homem é pecador."

"Então por que não o acusastes quando disse: 'Quem dentre vós Me acusa de pecado?' (cap. 8,46) De onde sabeis que ele é pecador?" Depois que disseram "Dai glória a Deus," e o homem nada respondeu, Cristo o encontrou e o elogiou, sem repreendê-lo nem dizer: "Por que não deste glória a Deus?" Mas o que disse? "Crês no Filho de Deus?" (vers. 35), para que saibas que isso é "dar glória a Deus". Se Ele não fosse igual ao Pai em honra, isso não seria dar glória; mas como quem honra o Filho honra também o Pai, o cego não foi repreendido.

Agora, enquanto esperavam que os pais contradissessem e negassem o milagre, os fariseus nada disseram ao homem, mas, vendo que isso não adiantava, voltaram a ele e disseram: "Este homem é pecador."

Vers. 25. "Ele respondeu e disse: Se é pecador ou não, não sei; uma coisa sei, que eu era cego e agora vejo."

Certamente o cego não estava assustado? Que isso esteja longe dele! Então por que aquele que disse: "Ele é um profeta" (vers. 17), agora diz: "Se é pecador, não sei"? Ele disse assim não por estar confuso nem convencido disso, mas para livrá-lo das acusações pelo testemunho do fato, e não pela sua declaração pessoal, e para tornar a defesa crível, pois o testemunho da boa obra feita deveria decidir contra eles. Porque, depois de muitas palavras, quando o cego disse: "Se não fosse um homem justo, ele não poderia fazer tais milagres" (vers. 33), eles ficaram tão furiosos que responderam: "Tu

nasceste totalmente no pecado, e queres nos ensinar?" O que não teriam dito, que não teriam feito, se ele tivesse falado assim desde o início?

"Se é pecador ou não, não sei," como se dissesse: "Não afirmo nada a favor deste homem, não faço declaração agora, mas isto sei e afirmo: se ele fosse pecador, não poderia fazer tais coisas." Assim se manteve livre de suspeitas, e seu testemunho puro, pois não falava por parcialidade, mas testificava conforme o fato.

Quando não puderam abalar nem destruir o que fora feito, retornaram ao plano anterior, fazendo perguntas insignificantes sobre o modo da cura, como homens que procuram por toda parte uma presa que está diante deles, mas não pode ser ferida, correndo de um lado para outro, e voltam às afirmações do homem para tentar enfraquecê-las com perguntas constantes, dizendo:

Vers. 26. "O que ele te fez? Como abriu teus olhos?"

Qual foi a resposta? Vencendo-os e derrotando-os, ele não lhes responde mais submissamente. Enquanto a questão precisava de investigação e argumentos, ele falava com cautela, dando provas; mas, tendo conquistado e obtido uma vitória esplêndida, então se atreve, e pisa neles. O que diz?

Vers. 27. "Já vos disse uma vez, e não ouvistes; por que quereis ouvir de novo?"

Vês a ousadia de um mendigo diante de escribas e fariseus? Tão forte é a verdade, tão fraca é a falsidade. A verdade, mesmo quando toma posse de homens comuns, os faz parecer gloriosos; a outra, mesmo com os poderosos, os mostra fracos.

O que ele diz é algo como: "Não dão atenção às minhas palavras; portanto, não falarei mais nem responderei continuamente a quem me questiona sem propósito e não quer ouvir para aprender, mas para zombar das minhas palavras."

"Vós também quereis ser seus discípulos?"

[3.] Agora ele se colocou entre o grupo dos discípulos, pois o “vós também?” é a expressão de quem se declara discípulo. Então ele zombou e os irritou abundantemente. Pois, sabendo que isso os atingia profundamente, ele disse isso querendo repreendê-los com extrema severidade; ato de uma alma corajosa, que voa alto e despreza sua loucura, apontando para a grandeza dessa dignidade, na qual ele estava muito confiante, mostrando que eles insultavam aquele que era digno de admiração, mas que ele não tomava o insulto para si, antes tomava como honra aquilo que eles ofereciam como reprovação.

Vers. 28. “Tu és discípulo dele, mas nós somos discípulos de Moisés.”

“Mas isso não pode ser. Vós não sois discípulos nem de Moisés nem desse Homem; pois se fossseis de Moisés, seríeis também discípulos desse Homem.” Por isso Cristo lhes disse antes, por estarem sempre se apoiando nessas falas, “Se vós crestes em Moisés, creríeis também em Mim, pois ele escreveu a meu respeito.” (cap. 5, v. 46.)

Vers. 29. “Sabemos que Deus falou a Moisés.”

Por cuja palavra, por qual testemunho? “Da parte de nossos pais,” diz alguém. Não é então Ele mais digno de fé do que vossos pais, pois Ele confirma por milagres que veio de Deus, e que fala coisas do alto? Eles não disseram, “Ouvimos que Deus falou a Moisés,” mas “Sabemos.” Ó judeus, afirmais o que tendes por ouvido como se soubésseis, e julgais o que vedes menos certo que o que ouvis? Porém o que ouvistes não viste, e o que viste não ouvistes. Então, o que diz o cego?

Vers. 30. “Aqui há algo maravilhoso: que vós não sabeis de onde Ele é, e Ele faz tais milagres.”

“Que um Homem, que não é dos ilustres ou nobres entre vós, pode fazer tais coisas; de modo que fica claro em tudo que Ele é Deus, sem precisar de auxílio humano.”

Vers. 31. “Sabemos que Deus não ouve os pecadores.”

Pois eles foram os primeiros a dizer, “Como pode um homem pecador fazer tais milagres?” (v. 16), ele agora repete o julgamento deles, lembrando-os de suas próprias palavras. “Essa opinião,” diz ele, “é comum a mim e a vós. Firmai-vos nela.” Observa, por favor, a sua sabedoria. Ele volta o milagre de todas as maneiras, pois não podiam anulá-lo, e dele tira suas conclusões. Vês que no início ele disse “Se é pecador ou não, não sei”? Não duvidando (Deus me livre!), mas sabendo que Ele não era pecador. Ao menos agora, tendo oportunidade, vê como o defendeu. “Sabemos que Deus não ouve pecadores:”

“Mas se alguém é adorador de Deus e faz a Sua vontade.”

Aqui ele não só o livra do pecado, mas declara que Ele é muito agradável a Deus e faz toda a Sua vontade. Pois, como eles se diziam adoradores de Deus, ele acrescenta, “e faz a Sua vontade”; “pois,” diz ele, “não basta conhecer a Deus: é preciso também fazer a Sua vontade.” Depois, ele exalta o que foi feito, dizendo:

Vers. 32. “Desde que o mundo existe, nunca se ouviu que alguém tenha aberto os olhos de um nascido cego.”

“Se agora reconheceis que Deus não ouve pecadores, e esta Pessoa fez um milagre, e um milagre como nenhum homem jamais fez, está claro que Ele superou todas as coisas em virtude, e que seu poder é maior do que o próprio homem.”

Então, o que eles dizem?

Vers. 34. “Tu nasceste totalmente em pecados, e nos ensinas?”

Enquanto esperavam que ele negasse Cristo, julgavam-no confiável, chamando-o uma vez e outra para responder. Se o julgavam não confiável, por que o chamavam e interrogavam de novo? Mas quando ele falou a verdade, destemido, então, quando deveriam admirar, o condenaram. Mas o que quer dizer "Tu nasceste totalmente em pecados"? Aqui o censuram implacavelmente por sua cegueira, como se dissessem, "Tu estás em pecado desde o nascimento," insinuando que por isso nasceu cego; o que contraria a razão. Nisso pelo menos Cristo o consola, dizendo, "Para julgamento vim ao mundo, para que os que não veem possam ver, e os que veem sejam cegos." (cap. 9, v. 39.)

"Tu nasceste totalmente em pecados, e nos ensinas?" O que havia dito o homem? Expressou opinião própria? Não declarou um juízo comum, dizendo "Sabemos que Deus não ouve pecadores"? Não apresentou as próprias palavras deles?

"E o expulsaram."

Vês o arauto da verdade, como a pobreza não foi obstáculo à sua verdadeira sabedoria? Vês que reprovações, que sofrimentos suportou desde o começo, e como por palavras e por atos testemunhou?

[4.] Estas coisas são registradas para que nós também possamos imitá-las. Pois se o homem cego, o mendigo, que sequer O tinha visto, logo mostrou tamanha ousadia mesmo antes de ser encorajado por Cristo, enfrentando todo um povo, assassino, possesso e furioso, que desejava condenar Cristo por meio da sua voz, se ele não cedeu nem se calou, mas com grande coragem fez cessar suas bocas, escolhendo ser expulso antes de trair a verdade; quanto mais nós, que vivemos há tanto tempo na fé, que vimos dez mil maravilhas realizadas pela fé, que recebemos benefícios maiores que ele, que recuperamos a visão dos olhos interiores, que contemplamos os Mistérios inefáveis, e fomos chamados a tal honra, como devemos eu digo, mostrar toda ousadia na fala perante aqueles que tentam acusar e dizem qualquer coisa contra os cristãos, e fechar-lhes a boca, e não ceder sem luta? E poderemos fazer isso, se formos ousados, e dermos atenção às Escrituras, e

não as ouvirmos com descuido. Pois se alguém viesse aqui regularmente, mesmo que não lesse em casa, se prestar atenção ao que é dito aqui, um ano seria suficiente para que ele se tornasse conhecedor delas; porque não lemos hoje um tipo de Escritura e amanhã outro, mas sempre e continuamente o mesmo. Contudo, tal é a condição miserável de muitos, que, após tanta leitura, nem sequer sabem o nome dos Livros, e não se envergonham nem tremem ao entrar tão descuidadamente em um lugar onde podem ouvir a palavra de Deus. Porém se um harpista, ou dançarino, ou ator de teatro chamar a cidade, todos correm ansiosos, sentem-se obrigados por seu chamado, e passam metade de um dia inteiro só para assisti-lo; mas quando Deus nos fala pelos Profetas e Apóstolos, bocejamos, coçamo-nos, ficamos sonolentos. E no verão, o calor parece excessivo, e vamos para a praça do mercado; e no inverno, a chuva e a lama são um obstáculo, e ficamos em casa; porém nas corridas de cavalos, embora não haja teto para proteger da chuva, a maioria, mesmo sob chuvas fortes e vento batendo água no rosto, ficam como loucos, sem se importar com frio, molhado, lama ou distância, e nada os impede de ir até lá. Mas aqui, onde há teto e o calor é agradável, eles se contêm em vez de correr juntos; e isso quando o ganho é de suas próprias almas. Como isso é tolerável, diga-me? Assim acontece que, embora sejamos mais instruídos do que qualquer um nesses assuntos, nas coisas necessárias somos mais ignorantes que crianças. Se alguém te chama de cocheiro ou dançarino, dizes que foste insultado e usas todos os meios para limpar a ofensa; mas se te convidam para assistir a uma dessas artes, não te afastas, e a arte cujo nome evitaste quase sempre persegues. Mas onde deverias ter ação e nome, ser e ser chamado cristão, nem sequer sabes o que é essa ação. O que pode ser pior que essa loucura? Estas coisas tenho desejado continuamente dizer a vocês, mas temo ganhar ódio em vão e inutilmente. Pois percebo que não são só os jovens que estão loucos, mas também os velhos; dos quais me envergonho especialmente quando vejo um homem venerável por seus cabelos brancos, envergonhando esses cabelos brancos, e puxando uma criança atrás de si. O que é pior que essa zombaria? O que mais vergonhoso que esse comportamento? A criança é ensinada pelo pai a agir indevidamente.

[5.] As palavras incomodam? É isso que eu desejo, que vocês sofram a dor

causada pelas palavras, para que sejam libertos da vergonha causada pelas ações. Pois há alguns muito mais frios do que esses, que nem sequer se envergonham do que foi dito, antes, até elaboram um longo argumento em defesa da ação. Se lhes perguntarem quem foi Amós ou Obadias, ou qual o número dos Profetas ou Apóstolos, nem sequer conseguem abrir a boca; mas para cavalos e cocheiros, compõem desculpas mais habilidosas do que sofistas ou retóricos, e depois de tudo isso dizem: "Qual o mal? Qual o prejuízo?" É por isso que eu gemerei, porque vocês nem sequer sabem que a ação é uma perda, nem têm noção dos seus males. Deus vos deu um tempo determinado de vida para servi-Lo, e enquanto o gastam em vão, ao acaso, e em nada útil, ainda perguntam: "Qual o prejuízo?" Se gastastes um pouco de dinheiro inutilmente, chamas isso de perda; quando gastas dias inteiros nas exibições do diabo, achas que não fazes mal algum? Deverias passar toda tua vida em súplicas e orações, mas desperdiças tua vida e bens descuidadamente, para teu próprio dano, em gritos, tumultos, palavras vergonhosas, brigas, prazeres indevidos, ações feitas com truques, e depois de tudo isso perguntas: "Qual o prejuízo?", sem saber que devias ser generoso com tudo, menos com o tempo. Ouro, se gastares, podes recuperar; mas se perderes tempo, dificilmente o recuperarás. Pouco nos é concedido nesta vida presente; se, portanto, não o empregarmos como devemos, o que diremos quando partirmos "lá"? Pois diga-me, se mandasses a um dos teus filhos aprender alguma arte, e ele ficasse sempre em casa, ou passasse seu tempo em outro lugar, não o rejeitaria o mestre? Ele não te diria: "Fizeste um acordo comigo, e marcaste um tempo; se agora teu filho não passar esse tempo comigo, mas em outros lugares, como o apresentarei a ti como aluno?" Assim também devemos falar. Pois Deus nos dirá: "Eu vos dei tempo para aprenderdes esta arte da piedade, por que o desperdiçastes tola e inutilmente? Por que não fostes sempre ao mestre, nem deste atenção às suas palavras?" Para mostrar que a piedade é uma arte, ouve o que diz o Profeta: "Vinde, filhos, ouvi-me; eu vos ensinarei o temor do Senhor." (Salmo 34, 11) E ainda: "Bem-aventurado o homem a quem Tu, Senhor, ensinaste a tua lei." (Salmo 94, 12) Quando, portanto, gastares esse tempo em vão, que desculpa terás? "E por que," diz alguém, "Ele nos deu tão pouco tempo?" Oh insensatez e ingratidão! Daquilo por que mais deves agradecer-Lhe, porque

encurtou teus trabalhos e reduziu teus sofrimentos, e tornou longo e eterno o descanso, por isso te queixas e te indignas?

Mas não sei como chegamos a este ponto do discurso, e o tornamos tão longo; devemos, portanto, agora encurtá-lo. Pois também esta é uma parte da nossa miséria, que aqui, se o discurso é longo, todos nos tornamos descuidados, enquanto lá eles começam ao meio-dia e se recolhem com tochas e lamparinas. No entanto, para não estarmos sempre repreendendo, agora suplicamos e pedimos a vocês que nos concedam este favor a nós e a vocês mesmos; e, libertando-se de todas as outras coisas, fixemo-nos nestas. Assim ganharemos de vocês alegria e júbilo, honra por vossa causa, e recompensa por estes trabalhos; enquanto vocês colherão toda a recompensa, porque, tendo antes estado tão loucamente presos ao teatro, romperam seus laços, por temor de Deus e por nossas exortações, e correram para Deus. E não será só "lá" que recebereis vossa recompensa, mas "aqui" também desfrutareis de puro prazer. Isso é virtude; além de nos dar coroas no céu, até aqui ela torna a vida agradável para nós. Sejamos, pois, persuadidos pelo que foi dito, para obtermos bênçãos aqui e além, pela graça e misericórdia de nosso Senhor Jesus Cristo, por quem e com quem, ao Pai e ao Espírito Santo seja glória, agora e sempre, pelos séculos dos séculos. Amém.

Sermão LIX
João 9,34-36 – "E expulsaram-no. Jesus ouviu que o haviam expulsado e, encontrando-o, disse-lhe: Crês tu no Filho de Deus? Ele respondeu e disse: Quem é ele, Senhor, para que eu creia nele?" E o restante.

[1.] Aqueles que, por causa da verdade e da confissão de Cristo, sofrem qualquer mal terrível e são insultados, esses são especialmente honrados. Pois assim como quem perde seus bens por causa d'Ele, é exatamente esse quem mais os encontra; e quem odeia sua própria vida, é esse quem mais a ama; assim também, quem é insultado, é exatamente quem é mais honrado. Como aconteceu com o cego de nascimento. Os judeus o expulsaram do Templo, e o Senhor do Templo o encontrou; foi separado daquela companhia pestilenta, e encontrou a Fonte da salvação; foi desonrado por aqueles que

desonravam a Cristo, e foi honrado pelo Senhor dos Anjos. Tais são os prêmios da verdade. E assim também nós: se deixarmos nossos bens neste mundo, encontraremos confiança no próximo; se aqui socorremos os aflitos, teremos descanso no céu; se somos insultados por causa de Deus, somos honrados tanto aqui quanto lá.

Quando o expulsaram do Templo, Jesus o encontrou. O Evangelista mostra que Ele veio com o propósito de encontrá-lo. E observa como o recompensa com aquilo que é a maior das bênçãos. Pois deu-Se a conhecer a ele que antes não O conhecia, e o inscreveu na companhia de Seus discípulos. Observa também como o Evangelista descreve com exatidão as circunstâncias: pois quando Cristo disse: "Crês tu no Filho de Deus?" o homem respondeu: "Senhor, quem é Ele?" Pois ainda não O conhecia, embora tivesse sido curado; porque era cego antes de encontrar seu Benfeitor, e, após a cura, estava sendo perseguido por aqueles cães. Por isso, como algum juiz nos jogos, Ele recebe o campeão que muito se esforçou e ganhou a coroa. E que diz Ele? "Crês tu no Filho de Deus?" Que é isto? Após tanta argumentação contra os judeus, depois de tantas palavras, pergunta-lhe: "Crês?" Não o disse por ignorância, mas desejando manifestar-Se, e mostrando que valorizava com ternura a fé daquele homem. "Essa grande multidão Me insultou, mas dela não faço caso algum; uma coisa Me importa: que tu creias. Pois melhor é um que faz a vontade de Deus, que dez mil transgressores." "Crês tu no Filho de Deus?" Como quem estivera presente e aprovava o que o homem dissera, Ele faz esta pergunta; e primeiro, Ele o conduz ao desejo por Si. Pois não disse diretamente: "Crê," mas por meio de uma indagação.

Que então respondeu o homem? "Senhor, quem é Ele, para que eu creia n'Ele?" A expressão é de uma alma desejosa e indagadora. Ele não sabe quem é Aquele em cuja defesa tanto falou, para que tu aprendas o amor que tinha pela verdade. Pois ainda não O tinha visto.

Verso 37. "Disse-lhe Jesus: Tu já O viste, e é Ele quem fala contigo."
Ele não disse: "Sou Eu," mas de modo ainda intermediário e reservado: "Tu já O viste." Isso ainda era incerto; por isso acrescenta mais claramente: "É Ele quem fala contigo."

Verso 38. “Ele disse: Senhor, eu creio; e O adorou imediatamente.”
Não disse: “Sou Eu quem te curou, quem te disse: Vai, lava-te no Siloé,” mas calando-se sobre todos esses pontos, disse: “Crês tu no Filho de Deus?” e então o homem, mostrando seu grande fervor, imediatamente O adorou; o que poucos dos curados haviam feito — por exemplo, os leprosos, e alguns outros. Por esse ato declarou o poder divino de Cristo. Pois para que ninguém julgasse que o que dissera era mera formalidade, acrescentou também o gesto. Tendo adorado, Cristo disse:

Verso 39. “Eu vim a este mundo para juízo, a fim de que os que não veem vejam, e os que veem se tornem cegos.”
Assim também diz Paulo: “Que diremos, pois? Que os gentios, que não buscavam a justiça, alcançaram justiça, a saber, a justiça que vem da fé; mas Israel, que buscava a lei da justiça, não chegou à lei da justiça.” (Rm 9,30-31) Ao dizer: “Para juízo vim a este mundo,” Ele tanto fortalece o homem na fé, como desperta os que O seguiam — pois os fariseus O seguiam. E o “para juízo” Ele o disse com referência a um castigo maior; mostrando que aqueles que haviam dado sentença contra Ele, receberam sentença contra si mesmos; que os que O condenaram como pecador, eram eles mesmos os condenados. Aqui Ele fala de duas curas da vista, e de duas cegueiras: uma sensível, outra espiritual.

Verso 40. “Alguns dos fariseus que estavam com Ele ouviram isso e disseram-Lhe: Acaso nós também somos cegos?”
Assim como noutra ocasião disseram: “Jamais fomos escravos de ninguém,” e “Não nascemos de fornicação” (Jo 8,33.41), agora também se prendem apenas a coisas materiais, e se envergonham deste tipo de cegueira. Então, para mostrar que era melhor para eles serem cegos do que verem, Ele diz:

Verso 41. “Se fôsseis cegos, não teríeis pecado.”
Como eles consideravam a calamidade uma vergonha, Ele volta isso contra eles mesmos, dizendo que “isso mesmo tornaria o castigo de vocês mais tolerável”; cortando por todos os lados os pensamentos humanos e conduzindo-os a uma compreensão elevada e maravilhosa.

“Mas agora dizeis: Vemos.”
Assim como disse noutro lugar: “Do qual dizeis que é vosso Deus” (Jo 8,54), assim também aqui: “Agora dizeis que vedes, mas não vedes.” Ele mostra que aquilo que consideravam motivo de grande glória lhes trazia castigo. Ele também consolou o cego de nascença quanto à sua antiga deficiência, e então fala da cegueira deles. Pois toda a sua fala visa este fim: que não digam: “Não viemos a Ti por causa de nossa cegueira,” mas sim: “Afastamo-nos de Ti e Te evitamos como um enganador.”

[2.] E não sem motivo o Evangelista mencionou que alguns dos fariseus que estavam com Ele ouviram essas coisas e disseram: “Também nós somos cegos?” — mas para te lembrar de que esses eram os homens que primeiro se afastaram e depois O apedrejaram, pois eram pessoas que O seguiam superficialmente, e que facilmente mudavam de opinião. Como, então, Ele prova que não é um enganador, mas um Pastor? Apresentando os sinais distintivos tanto do pastor quanto do enganador e ladrão, e por esses sinais oferecendo-lhes a oportunidade de investigar a verdade do assunto. E primeiro Ele mostra quem é o enganador e ladrão, chamando-o assim com base nas Escrituras, e dizendo:

Capítulo 10, versículo 1. “Em verdade, em verdade vos digo: Aquele que não entra pela porta no aprisco das ovelhas, mas sobe por outro caminho, esse é ladrão e salteador.”

Observa os sinais de um ladrão: primeiro, que ele não entra abertamente; segundo, que não entra conforme as Escrituras — pois isso é o “não pela porta”. Aqui também Ele faz alusão àqueles que vieram antes e àqueles que viriam depois d'Ele: o Anticristo, os falsos Cristos, Judas, Teudas e todos os outros da mesma espécie. E com razão Ele chama as Escrituras de “porta”, pois elas nos conduzem a Deus e nos abrem o conhecimento de Deus; elas geram as ovelhas, as guardam, e não permitem que os lobos entrem entre elas. Pois a Escritura, como uma porta segura, barra a passagem contra os hereges, colocando-nos em segurança quanto a tudo o que desejamos, e não permitindo que nos desviemos; e se não a desmontarmos, dificilmente

seremos vencidos por nossos inimigos. Por meio dela podemos conhecer todos, tanto os que são pastores quanto os que não são. Mas o que significa "no aprisco"? Refere-se às ovelhas e ao cuidado com elas. Pois aquele que não usa as Escrituras, mas "sobe por outro caminho", isto é, inventa para si um caminho novo e estranho, "esse é ladrão". Vês, por isso também, que Cristo concorda com o Pai, pois invoca as Escrituras? Por isso também Ele disse aos judeus: "Examinai as Escrituras" (Jo 5,39); e apresentou Moisés, e chamou a ele e a todos os Profetas como testemunhas, pois "todos", diz Ele, "os que ouvem os Profetas virão a Mim"; e, "Se crêsseis em Moisés, creríeis também em Mim." Mas aqui Ele expressou a mesma coisa de forma metafórica. E ao dizer "sobe por outro caminho", Ele aludia aos escribas, porque ensinavam doutrinas humanas como preceitos, e transgrediam a Lei (cf. Mt 15,9); com isso Ele os repreendeu, dizendo: "Nenhum de vós cumpre a Lei" (Jo 7,19). Bem fez Ele ao dizer "sobe" e não "entra", pois subir é o ato de um ladrão que pretende escalar o muro, e faz tudo com perigo. Viste como Ele esboçou o ladrão? Agora observa o caráter do pastor. Qual é então?

Versículos 2-4. "Aquele, porém, que entra pela porta é o pastor das ovelhas. A este o porteiro abre, e as ovelhas ouvem a sua voz, e ele chama suas ovelhas pelo nome. E, depois de conduzi-las para fora, vai adiante delas."

[3.] Ele expôs os sinais do pastor e do malfeitor; vejamos agora como Ele aplica a eles o que segue. "A este o porteiro abre"; Ele continua na metáfora para tornar o discurso mais enfático. Mas, se quiseres examinar a parábola palavra por palavra, nada impede que suponhas Moisés como o porteiro, pois a ele foram confiados os oráculos de Deus. "Cuja voz as ovelhas ouvem, e ele chama as suas próprias pelo nome." Porque eles por toda parte diziam que Ele era um enganador, e confirmavam isso pela sua incredulidade, dizendo: "Qual dos chefes acreditou nele?" (Jo 7,48). Ele mostra que não se deveria, por causa da incredulidade dessas pessoas, chamá-Lo de impostor e enganador; mas que eles, por não lhe darem ouvidos, foram consequentemente excluídos da condição de ovelhas. Pois, se é próprio do pastor entrar pela porta costumeira, e se Ele entrou por ela, todos os que O seguiram poderiam ser ovelhas; mas os que se afastaram, não prejudicaram a reputação do Pastor, mas lançaram-se fora do convívio das ovelhas. E, se mais adiante Ele disser

que é "a porta", não devemos nos perturbar com isso, pois Ele também se chama "Pastor" e "Cordeiro", e de diferentes modos proclama as suas dispensações. Assim, quando nos conduz ao Pai, chama-se "Porta"; quando cuida de nós, "Pastor"; e é para que não penses que conduzir-nos ao Pai é sua única função, que Ele também se chama Pastor. "E as ovelhas ouvem a sua voz, e Ele chama as suas próprias ovelhas e as conduz para fora, e vai adiante delas." Os pastores, de fato, fazem o contrário, pois seguem atrás das ovelhas; mas Ele, para mostrar que conduzirá todos os homens à verdade, age de forma diferente; como também quando enviou as ovelhas, não as mandou fora do alcance dos lobos, mas "no meio de lobos" (Mt 10,16). Pois muito mais admirável é esse modo de guardar ovelhas do que o nosso. Parece-me também que Ele alude ao cego (de Jo 9), pois a ele também, tendo-o "chamado", "conduziu para fora" do meio dos judeus, e o homem ouviu "a sua voz" e a "reconheceu".

Vers. 5. "Mas ao estranho não seguirão, antes fugirão dele, porque não conhecem a voz dos estranhos."

Certamente aqui Ele fala de Teudas e Judas (cf. At 5,36s), pois "todos os que creram neles foram dispersos", diz a Escritura, ou dos falsos cristos que, depois daquele tempo, haveriam de enganar. Para que ninguém dissesse que Ele era um deles, Ele de muitos modos se separa desses. E a primeira diferença que aponta é o ensino conforme as Escrituras; pois Ele, por meio delas, conduziu os homens a Si, mas os outros não atraíram ninguém a partir delas. A segunda é a obediência das ovelhas; pois n'Ele todos creram, não só enquanto viveu, mas também depois de morto; aos outros, deixaram-nos logo. Com essas, pode-se acrescentar uma terceira diferença, nada pequena. Eles agiram todos como rebeldes e instigadores de revoltas; mas Ele afastou-Se totalmente de tal suspeita, a ponto de, quando quiseram fazê-Lo rei, fugir; e, quando Lhe perguntaram: "É lícito pagar tributo a César?", mandou que o pagassem, e Ele mesmo deu o estáter (Mt 17,27). Além disso, Ele de fato veio para salvar as ovelhas — "para que tenham vida, e a tenham em abundância" (v.10) —, mas os outros as privaram até mesmo desta vida presente. Eles traíram os que lhes foram confiados e fugiram; mas Ele resistiu tão nobremente que até entregou a própria vida. Eles sofreram o que

sofreram contra a vontade, por coação e querendo escapar; mas Ele sofreu tudo de livre vontade e por escolha.

Vers. 6. “Jesus propôs-lhes essa parábola, mas eles não entenderam o que lhes dizia.”

E por que falou de forma obscura? Para fazê-los mais atentos; quando o conseguiu, então remove a obscuridade, dizendo:

Vers. 9. “Eu sou a porta; se alguém entrar por mim, será salvo; entrará e sairá, e encontrará pastagem.”

Como se dissesse: “estará em segurança e proteção”; (mas por “pastagem” aqui Ele entende o sustento e alimento das ovelhas, e Seu poder e domínio), ou seja, “permanecerá dentro, e ninguém o lançará para fora”. O que se realizou no caso dos Apóstolos, que entravam e saíam com segurança, como senhores de todo o mundo, e ninguém pôde expulsá-los.

Vers. 8. “Todos quantos vieram antes de mim são ladrões e salteadores, mas as ovelhas não os ouviram.”

Aqui Ele não fala dos Profetas (como os hereges afirmam), pois todos os que creram em Cristo também ouviram os Profetas e foram persuadidos por eles; mas sim de Teudas, Judas e outros agitadores de sedições. Além disso, Ele diz: “as ovelhas não os ouviram”, em tom de elogio; e em parte alguma Ele é visto louvando os que não escutaram os Profetas, mas, ao contrário, censurando-os severamente; de onde se evidencia que o “não ouviram” se refere àqueles líderes de sedição.

Vers. 10. “O ladrão não vem senão para roubar, matar e destruir.”

O que de fato aconteceu quando todos os seus seguidores foram mortos e pereceram.

“Eu vim para que tenham vida e a tenham com abundância.”

E o que é “mais” do que a vida, dize-me? O Reino dos Céus. Mas Ele ainda não diz isso abertamente, e insiste no nome de “vida”, que era mais familiar a eles.

Vers. 11. “Eu sou o bom Pastor.”

Agora Ele passa a falar da Paixão, mostrando que isso se daria para a salvação do mundo, e que Ele a enfrentava de boa vontade. Em seguida, volta a mencionar a figura do pastor e do mercenário:

“Pois o pastor dá a sua vida pelas ovelhas.”

Vers. 12. “Mas o mercenário, que não é pastor, de quem não são as ovelhas, vê vir o lobo, abandona as ovelhas e foge, e o lobo arrebata-as e dispersa-as.”

Aqui Ele declara ser Ele mesmo o Senhor, assim como o Pai, se de fato é o Pastor e as ovelhas Lhe pertencem. Vês como Ele fala de modo mais elevado nas parábolas, onde o sentido está oculto, e não dá aos ouvintes ocasião de acusação direta? O que então faz o mercenário? “Vê o lobo vindo, abandona as ovelhas, e o lobo vem e as dispersa.” Isso foi o que fizeram os falsos mestres, mas Ele fez o contrário. Pois, quando foi preso, disse: “Deixai estes irem, para que se cumprisse a palavra” (Jo 18,8-9), de que nenhum deles se perdeu. Aqui também podemos entender um lobo espiritual; pois Cristo não permitiu que ele viesse e apanhasse as ovelhas. Mas ele não é só lobo, é também leão. “Porque o nosso adversário, o diabo”, diz a Escritura, “anda em derredor como um leão que ruge” (1Pe 5,8). É também serpente, e dragão: “Eis que vos dei poder para pisar serpentes e escorpiões” (Lc 10,19).

[4.] Por isso, vos suplico: permaneçamos pastando sob este Pastor; e permaneceremos, se Lhe obedecermos, se ouvirmos Sua voz, se não seguirmos a um estranho. E qual é a Sua voz? "Bem-aventurados os pobres de espírito, bem-aventurados os puros de coração, bem-aventurados os misericordiosos." (Mt 5,3.8.7) Se agirmos assim, permaneceremos sob o Pastor, e o lobo não poderá entrar; ou, se vier contra nós, será para seu

próprio prejuízo. Pois temos um Pastor que tanto nos ama, que até deu Sua vida por nós. Sendo Ele, portanto, tanto poderoso quanto amoroso, o que poderia impedir nossa salvação? Nada, a não ser que nós mesmos nos rebelemos contra Ele. E como podemos nos rebelar? Ouve-O dizendo: "Não podeis servir a dois senhores, a Deus e a Mamom." (Mt 6,24) Se, pois, servirmos a Deus, não nos sujeitaremos à tirania de Mamom.

Na verdade, mais amarga do que qualquer tirania é o desejo de riquezas; pois ele não traz prazer, mas sim preocupações, invejas, conspirações, ódios, falsas acusações e dez mil impedimentos à virtude: indolência, luxúria, avareza, embriaguez — que fazem até homens livres tornarem-se escravos, pior ainda, piores que escravos comprados com dinheiro: escravos, não de homens, mas das mais graves paixões e doenças da alma. Tal pessoa ousa muitas coisas que desagradam a Deus e aos homens, temendo que alguém lhe tire esse domínio. Ó escravidão amarga, tirania diabólica! Pois o mais grave de tudo é que, estando enredados nesses males, nos sentimos satisfeitos e acariciamos nossas correntes, e, habitando numa prisão cheia de trevas, recusamos sair para a luz, mas antes reforçamos nossos próprios males e nos alegramos em nossa enfermidade. Por isso, não podemos ser libertos, e estamos em pior estado do que os que trabalham nas minas, pois suportamos fadigas e aflições sem desfrutar de fruto algum. E o que é, de fato, ainda pior, se alguém quiser nos libertar dessa amarga escravidão, nós não o permitimos, mas nos irritamos e nos desagradamos, estando, nesse ponto, em nada melhor do que loucos, ou, na verdade, em estado muito mais miserável que o deles, pois nem sequer desejamos ser libertos de nossa loucura.

Para isso foste tu criado, ó homem? Para isso vieste ao mundo? Para trabalhar nessas minas e ajuntar ouro? Não foi para isso que Deus te criou à Sua imagem, mas para que O agradasses, para que alcançasses os bens futuros, para que te unisses ao coro dos Anjos. Por que, então, te afastas dessa dignidade e te lanças à extrema baixeza e vileza?

Aquele que nasceu contigo pelas mesmas dores de parto — refiro-me às dores de parto espirituais — perece de fome, enquanto tu estás repleto em

excesso; teu irmão anda nu, mas tu provees até mesmo vestes para tuas vestes, acumulando roupas que acabarão sendo alimento para os vermes. Quão melhor teria sido vesti-las nos corpos dos pobres! Assim, elas teriam permanecido sem se destruir, teriam te libertado de toda preocupação e te conquistado a vida futura. Se não queres que elas sejam comidas pela traça, dá-as aos pobres; são eles que sabem bem como sacudir essas vestes. O Corpo de Cristo é mais precioso e mais seguro que o cofre, pois não só guarda as vestes a salvo, não só as preserva incólumes, como até as torna mais brilhantes. Muitas vezes o cofre, sendo levado com as vestes, te causa grande prejuízo; mas esse lugar de segurança nem mesmo a morte pode atingir. Com Ele, não precisamos de portas nem trancas, nem de servos vigilantes, nem de qualquer outro tipo de segurança, pois nossos bens estão livres de todo ataque traiçoeiro, e são guardados, como podemos supor, da maneira como as coisas são guardadas no céu; pois a todo mal aquele lugar é inacessível.

Essas coisas não cessamos de vos dizer continuamente, e vós, ouvindo-as, não vos deixais persuadir. A razão disso é que temos uma alma baixa, presa à terra, arrastando-se pelo chão. Ou melhor — Deus me livre de condenar todos vós como maus, como se todos estivessem irremediavelmente doentes! Pois, mesmo que os que estão embriagados pelas riquezas tapem os ouvidos às minhas palavras, os que vivem na pobreza poderão compreendê-las bem.

"Mas", dirá alguém, "o que isso tem a ver com os pobres? Pois eles não têm ouro nem roupas." Não, mas têm pão e água fria; têm dois óbolos; têm pés para visitar os doentes; têm língua e fala para consolar os acamados; têm casa e abrigo para acolher o estrangeiro. Não exigimos dos pobres este ou aquele número de talentos de ouro; isso pedimos aos ricos. Mas se um homem é pobre e bate às portas dos outros, nosso Senhor não se envergonha de aceitar até mesmo um óbolo, mas dirá que recebeu mais daquele que o deu do que dos que ofertaram grandes somas.

Quantos dos que aqui estão agora desejariam ter nascido naquele tempo em que Cristo andava pela terra em carne, para ter conversado e ceado com Ele? Pois bem, isso pode ser feito agora! Podemos convidá-Lo mais do que então

para uma refeição e cear com Ele — e com muito mais proveito. Pois daqueles que então ceavam com Ele, muitos pereceram, como Judas e outros semelhantes; mas todos os que agora O convidam a suas casas, e com Ele partilham mesa e teto, receberão grande bênção. "Vinde, benditos de meu Pai, tomai posse do Reino que vos está preparado desde a fundação do mundo. Porque tive fome, e Me destes de comer; tive sede, e Me destes de beber; era forasteiro, e Me acolhestes; estava enfermo, e Me visitastes; preso, e viestes a Mim." (Mt 25,34-36)

Para que possamos ouvir essas palavras, revistamos os nus, acolhamos o estrangeiro, alimentemos os famintos, demos de beber aos sedentos, visitemos os doentes e assistamos o que está preso, para que tenhamos confiança, obtenhamos o perdão dos nossos pecados e participemos daqueles bens que excedem toda palavra e pensamento. Que todos nós os alcancemos, pela graça e benignidade de nosso Senhor Jesus Cristo, a quem seja a glória e o poder pelos séculos dos séculos. Amém.

Sermão LX
João 10, 14-15 — "Eu sou o bom pastor, e conheço as minhas ovelhas, e das minhas sou conhecido. Assim como o Pai me conhece, também eu conheço o Pai; e dou a minha vida pelas ovelhas."

[1.] Grande coisa, amados, grande coisa é presidir a uma Igreja: é algo que requer sabedoria e coragem tão grandes quanto aquilo de que Cristo fala, que o homem deve dar a sua vida pelas ovelhas e jamais deixá-las desamparadas ou expostas; que deve enfrentar com nobreza o lobo. Pois é nisto que o pastor se distingue do mercenário: aquele sempre cuida de sua própria segurança, sem se importar com as ovelhas; este busca sempre o bem das ovelhas, negligenciando o próprio bem. Tendo, portanto, mencionado os sinais do verdadeiro pastor, Cristo apresenta dois tipos de destruidores: um, o ladrão que mata e rouba; o outro, aquele que não pratica esses atos, mas que, quando eles ocorrem, não se importa nem tenta impedi-los. Pelo primeiro, Ele se refere a Teudas e a outros semelhantes; pelo segundo, denuncia os mestres dos judeus, que nem cuidavam nem se importavam com as ovelhas que lhes haviam sido confiadas. Por essa razão,

Ezequiel os repreendeu antigamente, dizendo: "Ai dos pastores de Israel! Acaso os pastores não devem apascentar as ovelhas?" (Ez 34,2 LXX). Mas eles faziam exatamente o contrário — o que é a pior espécie de maldade e a causa de todos os demais males. Por isso se diz: "Não reconduziram a que se desviou, não buscaram a que se perdera, não enfaixaram a quebrada, nem curaram a doente, porque apascentavam a si mesmos e não as ovelhas." (Ez 34,4). Como também Paulo declara em outro lugar, dizendo: "Todos buscam os seus próprios interesses, e não os de Jesus Cristo" (Fl 2,21); e ainda: "Ninguém busque o seu próprio interesse, mas cada um o do outro." (1Cor 10,24).

Desses dois tipos Cristo Se distingue: dos que vieram para destruir, ao dizer: "Eu vim para que tenham vida, e a tenham em abundância" (Jo 10,10); e dos que não se importavam com as ovelhas levadas pelos lobos, por jamais abandoná-las, mas ao contrário, dar até a própria vida por elas, para que não perecessem. Pois, quando quiseram matá-Lo, Ele não mudou Seu ensinamento, nem traiu os que criam n'Ele, mas manteve-Se firme e escolheu morrer. Por isso Ele repetidamente dizia: "Eu sou o bom Pastor."

Então, porque Suas palavras pareciam carecer de provas (pois embora o "dou a minha vida" fosse logo comprovado, o "para que tenham vida e a tenham em abundância" deveria realizar-se após esta vida, na vida futura), o que faz Ele? Prova uma coisa pela outra: ao dar a vida mortal, Ele prova que dá a vida imortal. Como Paulo também diz: "Se, quando éramos inimigos, fomos reconciliados com Deus pela morte de Seu Filho, muito mais, sendo já reconciliados, seremos salvos pela Sua vida." (Rm 5,10). E novamente: "Aquele que nem mesmo a Seu próprio Filho poupou, antes o entregou por todos nós, como não nos dará também com Ele todas as coisas?" (Rm 8,32).

Mas por que agora não Lhe lançam mais em rosto a acusação de antes, quando disseram: "Tu dás testemunho de Ti mesmo, Teu testemunho não é verdadeiro"? (Jo 8,13). Porque Ele já havia silenciado suas bocas muitas vezes, e porque Sua ousadia diante deles havia sido fortalecida pelos milagres que realizara.

Então, porque dissera anteriormente: "As ovelhas ouvem a sua voz, e o seguem", para que ninguém dissesse: "E que acontece com aqueles que não crêem?", ouve o que Ele acrescenta: "Eu conheço as minhas ovelhas, e das minhas sou conhecido." Como Paulo declara quando diz: "Deus não rejeitou o Seu povo, que dantes conheceu" (Rm 11,2); e Moisés: "O Senhor conhece os que são Seus." (2Tm 2,19; cf. Nm 16,5); — ou seja, "aqueles que Ele conheceu de antemão".

E para que não julgues que o grau de conhecimento é o mesmo dos dois lados, ouve como Ele corrige a questão acrescentando: "Eu conheço as minhas ovelhas, e das minhas sou conhecido." Mas o conhecimento não é igual. Onde é igual? No caso do Pai e do Filho, pois ali Ele diz: "Assim como o Pai Me conhece, também Eu conheço o Pai." Se não quisesse provar isso, por que teria acrescentado tal expressão? Porque muitas vezes Ele Se colocou entre os homens, portanto, para que ninguém pensasse que Ele conhecia como um homem conhece, Ele acrescentou: "Como o Pai Me conhece, assim também Eu conheço o Pai." Isto é: "Eu O conheço exatamente como Ele Me conhece."

Por isso disse: "Ninguém conhece o Filho senão o Pai, nem o Pai senão o Filho" (Lc 10,22), falando de um conhecimento distinto, e de tal tipo que nenhum outro pode possuir.

[2.] "Dou a minha vida." Ele diz isso continuamente, para mostrar que não é enganador. Assim também o Apóstolo, quando queria mostrar que era um verdadeiro mestre e argumentava contra os falsos apóstolos, estabelecia sua autoridade pelos perigos e mortes que enfrentava, dizendo: "em trabalhos excessivos, em mortes muitas vezes" (2Cor 11,23). Pois dizer: "Eu sou a luz" e "Eu sou a vida" parecia, para os tolos, algo soberbo; mas dizer: "Estou disposto a morrer" não admitia nenhuma malícia nem inveja. Por isso eles não Lhe dizem: "Tu dás testemunho de ti mesmo, teu testemunho não é verdadeiro", pois essa fala demonstrava um cuidado muito terno para com eles — se, de fato, Ele estava disposto a entregar-Se por aqueles que queriam apedrejá-Lo. Por isso também Ele oportunamente introduz a menção dos gentios:

Versículo 16. “Ainda tenho outras ovelhas que não são deste redil; a essas também devo conduzir.”

Repara de novo: a palavra “devo” aqui não expressa uma necessidade forçada, mas declara algo que certamente acontecerá. Como se dissesse: “Por que vos espantais se estas Me seguem e ouvem a Minha voz? Quando virdes também outros Me seguindo e ouvindo a Minha voz, então vos espantareis ainda mais.” E não te confundas ao ouvir dizer: “que não são deste redil”, pois a diferença refere-se apenas à Lei, como também Paulo afirma: “Nem a circuncisão é coisa alguma, nem a incircuncisão” (Gl 5,6).

“A essas também devo conduzir.” Ele mostra que tanto estas (os judeus) quanto aquelas (os gentios) estavam dispersas, misturadas e sem pastores, porque o bom Pastor ainda não tinha vindo. Depois, Ele anuncia antecipadamente a futura união:

“E haverá um só rebanho.”

Essa mesma coisa Paulo também declarou, dizendo: “para, em Si mesmo, criar dos dois um só homem novo” (Ef 2,15).

Versículo 17. “Por isso o Pai Me ama: porque dou a Minha vida para retomá-la.”

Que dizer mais cheio de humanidade do que esta frase? Se for por nossa causa que o Senhor é amado, porque morre por nós, então o que dizer? Acaso Ele não era amado antes disso? O Pai começou agora a amá-Lo, e fomos nós a causa desse amor? Vês como Ele usa de condescendência? Mas o que Ele deseja provar aqui? Como diziam que Ele era estranho ao Pai, e um enganador, e que viera para perder e destruir, Ele lhes diz: “Isto, se nada mais, seria suficiente para Me mover a amar-vos: o fato de serdes tão amados pelo Pai, que Eu também sou por Ele amado porque morro por vós.” Além disso, Ele quer também provar outro ponto: que não veio a esta ação de modo forçado (pois se fosse forçado, como poderia o que foi feito gerar amor?) e

que o Pai conhece especialmente essa disposição. E se Ele fala como homem, não te admires — já explicamos muitas vezes a razão disso, e repetir sempre as mesmas coisas é supérfluo e desagradável.

"Dou a Minha vida para retomá-la."

Versículo 18. "Ninguém a tira de Mim, mas Eu a dou por Mim mesmo. Tenho poder para dá-la, e tenho poder para retomá-la."

Porque muitas vezes tramaram matá-Lo, Ele lhes diz: "A menos que Eu o queira, vossa tentativa é vã." E pelo primeiro ponto (dar a vida), Ele prova o segundo (retomá-la): pela morte, a ressurreição. Pois isso é o admirável e estranho. Ambas ocorreram de modo novo e fora do comum. Mas prestemos atenção ao que Ele diz: "Tenho poder para dar a Minha vida." E quem não tem poder para isso? Já que qualquer um, se quiser, pode matar-se. Mas Ele não diz isso nesse sentido, mas como? "Tenho tal poder de dá-la, que ninguém pode fazê-lo contra a Minha vontade." E esse é um poder que não pertence aos homens; pois nós não temos poder de entregar a vida senão matando-nos. E se caímos nas mãos dos que tramam contra nós e têm o poder de matar, não somos mais livres para entregar ou não a vida: mesmo contra nossa vontade, eles a tomam de nós. Mas com Cristo não foi assim: mesmo quando tramaram contra Ele, tinha poder de não entregá-la. Tendo então dito: "Ninguém a tira de Mim", acrescenta: "Tenho poder para dá-la" — isto é, "somente Eu posso decidir entregá-la" — coisa que não depende de nós, pois muitos podem também tirá-la de nós. Ora, Ele não disse isso de início (pois não pareceria crível), mas quando já tivera o testemunho dos fatos, e quando, tendo muitas vezes tramado contra Ele, não puderam prendê-Lo (pois escapou das mãos deles inúmeras vezes), então Ele diz: "Ninguém a tira de Mim." Mas se isso é verdade, o ponto seguinte também o é: que Ele foi à morte voluntariamente. E, se isso é verdade, o que vem depois também é certo: que Ele pode retomá-la quando quiser. Pois, se morrer foi algo que ultrapassou o poder humano, não duvides do outro ponto. Já que o fato de só Ele poder entregar Sua vida mostra que também tinha o poder de retomá-la. Vês como Ele prova o segundo a partir do primeiro, e mostra que Sua ressurreição é indiscutível com base na Sua morte?

“Este mandamento recebi de Meu Pai.”

Que mandamento foi esse? O de morrer pelo mundo. Então Ele esperou primeiro ouvir, e depois escolheu, e precisou aprender isso? Quem, tendo juízo, diria tal coisa? Mas antes, quando disse: “Por isso o Pai Me ama”, Ele mostrou que o primeiro movimento era voluntário, e afastou qualquer suspeita de oposição ao Pai. Assim também aqui, ao dizer que recebeu um mandamento do Pai, não quer dizer outra coisa senão que “isto que faço é agradável a Ele”, para que, quando O matassem, não pensassem tê-Lo matado como a um homem abandonado e entregue pelo Pai, nem O afrontassem com palavras como aquelas: “Salvou os outros, não pode salvar a si mesmo”; e: “Se és Filho de Deus, desce da cruz” (Mt 27,42.40); mas a própria razão de Ele não descer era que era, de fato, o Filho de Deus.

[3.] Para que tu não julgues, ao ouvir “Recebi um mandamento do Pai”, que o feito não pertence a Ele mesmo, Cristo já havia prevenido tal pensamento ao dizer: “O bom Pastor dá a sua vida pelas ovelhas”; mostrando com isso que as ovelhas eram Suas, que tudo quanto aconteceu foi obra Sua, e que Ele não necessitava de mandamento algum. Pois, se necessitasse de um mandamento, como poderia ter dito: “Eu a dou de Mim mesmo”? Pois aquele que a dá de si mesmo não necessita de mandamento. Ele também apresenta a razão pela qual faz isso. E qual é essa razão? O fato de ser Ele o Pastor, e o bom Pastor. Ora, o bom Pastor não precisa que ninguém o incite ao seu dever; e se isso é verdade com um homem, quanto mais com Deus. Por isso Paulo disse que “Ele se humilhou a Si mesmo” (Filipenses 2,7). Portanto, o “mandamento” aqui significa nada mais do que a manifestação de Sua unidade de vontade com o Pai; e, se Ele fala de modo tão humilde e humano, a causa é a fraqueza de Seus ouvintes.

Versículo 19. “Houve então uma divisão entre os judeus.” E alguns diziam: “Ele tem um demônio (e está louco).” Outros diziam: “Estas palavras não são de quem tem um demônio; pode um demônio abrir os olhos aos cegos?”

Porque Suas palavras eram mais sublimes do que convinha a um homem, e não comuns, diziam que Ele estava possuído, chamando-O assim pela quarta vez. Pois já antes haviam dito: “Tens um demônio; quem procura matar-te?” (João 7,20); e ainda: “Não dizemos bem que és samaritano e tens um demônio?” (João 8,48); e aqui: “Tem um demônio e está louco; por que o escutais?” Ou melhor, devemos dizer que Ele ouviu isso não pela quarta vez, mas frequentemente. Pois, ao perguntarem: “Não dissemos bem que tens um demônio?”, mostram que já o haviam dito não duas ou três vezes, mas muitas vezes.

“Outros diziam: Estas palavras não são de quem tem um demônio; pode um demônio abrir os olhos aos cegos?” Pois como não podiam refutar os opositores por palavras, agora apresentam prova pelas obras: “Certamente as palavras não são as de quem tem um demônio, mas, se não estais convencidos pelas palavras, envergonhai-vos pelas obras. Pois se elas não são obras de quem tem um demônio, e são maiores do que convém a um homem, é claro que procedem de algum poder divino.” Vês o argumento? Que elas eram maiores do que convinha a um homem, vê-se pelas palavras dos judeus: “Tem um demônio”; e que Ele não tinha um demônio, demonstrou-o com as obras que realizou.

Que fez então Cristo? Nada respondeu a essas coisas. Antes, já havia replicado: “Não tenho um demônio”; mas agora não o faz; pois, tendo já oferecido prova por Suas ações, agora guardava silêncio. Pois não eram dignos de resposta aqueles que diziam que Ele tinha um demônio por causa de ações pelas quais deveriam admirá-Lo e reconhecê-Lo como Deus. E como seriam necessárias mais refutações vindas d’Ele, se os próprios inimigos se refutavam mutuamente? Por isso Ele calava-se e suportava tudo com mansidão. E não apenas por essa razão, mas também para ensinar a todos nós a mansidão e a longanimidade.

[4.] Imitemo-Lo, pois. Pois não somente agora Ele se calou, mas ainda voltou a estar entre eles, e, sendo interrogado, respondeu e mostrou coisas relativas à Sua presciência. E, mesmo sendo chamado de “endemoniado” e de “louco” por homens que d’Ele haviam recebido dez mil benefícios — e não apenas

uma ou duas vezes, mas muitas vezes —, não apenas se absteve de vingar-se, mas nem sequer cessou de lhes fazer o bem. Digo "fazer o bem"? Ele deu a vida por eles, e enquanto era crucificado, falava ao Pai em favor deles.

Isto, pois, imitemos também nós, pois ser discípulo de Cristo é ser manso e benigno. Mas de onde poderá vir a nós esta mansidão? Se constantemente recordarmos nossos pecados, se chorarmos, se nos lamentarmos; pois a alma que habita na companhia de tamanha tristeza não suporta ser provocada ou encolerizar-se. Onde há luto, é impossível haver ira; onde há dor, toda cólera desaparece; onde há um espírito contrito, não há espaço para provocação. Pois a mente, quando açoitada pela tristeza, não tem tempo para se enfurecer, mas geme amargamente, e chora ainda mais amargamente.

Sei que muitos riem ao ouvir estas coisas, mas não deixarei de lamentar-me pelos que riem. Pois o tempo presente é tempo de pranto, de gemidos e de lamentações, visto que cometemos muitos pecados tanto por palavras quanto por ações; e o inferno espera os que praticam tais transgressões — e o rio que ferve com correnteza de fogo, e o banimento do Reino, que é o mais doloroso de todos. Quando, pois, estas coisas são ameaçadas, dize-me: tu ris e te portas com orgulho? E quando teu Senhor está irado e ameaça, permaneces despreocupado e não temes que, por esse descuido, acendas para ti mesmo a fornalha em chamas?

Não ouves o que Ele clama todos os dias? "Tive fome e não Me destes de comer; tive sede, e não Me destes de beber; afastai-vos de Mim para o fogo preparado para o diabo e seus anjos." (Mt 25) E essas coisas Ele ameaça todos os dias. "Mas", diz alguém, "eu Lhe dei de comer." Quando? E por quantos dias? Dez ou vinte? Mas Ele não deseja isso apenas por esse pouco de tempo, mas por todo o tempo que passares na terra. Pois as virgens também tinham azeite, mas não o bastante para sua salvação; também acenderam suas lâmpadas, mas foram excluídas do tálamo nupcial. E com razão: pois as lâmpadas se apagaram antes da vinda do Esposo. Por isso precisamos de muito azeite e abundante misericórdia.

Ouve ao menos o que diz o Profeta: “Tem piedade de mim, ó Deus, segundo a tua grande misericórdia.” (Sl 50,1 LXX). Devemos, pois, ter compaixão do nosso próximo segundo a grande misericórdia que Ele teve conosco. Pois como formos com nossos conservo, assim encontraremos nosso Senhor para conosco.

E que tipo de “misericórdia” é “grande”? Quando damos não da nossa abundância, mas da nossa carência. Mas se nem mesmo da abundância damos, que esperança haverá para nós? De onde virá a libertação desses males? Para onde poderemos fugir e encontrar salvação? Pois se as virgens, após tantos e tão grandes esforços, não encontraram consolo em parte alguma, quem se levantará por nós, quando ouvirmos aquelas terríveis palavras do próprio Juiz, repreendendo-nos: “Tive fome, e não Me destes de comer; pois em verdade vos digo: em não o fazerdes a um dos mais pequeninos, a Mim o deixastes de fazer”?

E Ele diz isso não somente de Seus discípulos, nem apenas daqueles que abraçaram a vida ascética, mas de todo fiel. Pois tal homem, ainda que seja escravo, ou um daqueles que mendigam nas praças, se crê em Deus, tem direito de gozar de todo o nosso beneplácito. E se negligenciarmos um desses, quando nu ou faminto, ouviremos essas palavras. E com razão. Pois que coisa difícil ou penosa Ele nos exigiu? Que coisa que não seja das mais leves e fáceis? Ele não disse: “Eu estava doente, e não Me curastes”, mas: “e não Me visitastes”. Não disse: “Eu estava na prisão, e não Me libertastes”, mas: “e não viestes a Mim”.

Portanto, na medida em que os mandamentos são fáceis, tanto mais severo será o castigo para os que os desprezarem. Pois que há de mais fácil, dize-me, do que sair e entrar numa prisão? E que há de mais proveitoso? Pois quando vires uns acorrentados, outros cobertos de imundície, outros com os cabelos crescidos e vestidos em farrapos, outros morrendo de fome e correndo como cães aos teus pés, outros com os flancos cavados, outros voltando em cadeias do mercado, que mendigaram o dia todo sem recolher nem o necessário sustento — e ainda assim, à noite, são obrigados por seus superiores a prestar aquele serviço cruel e selvagem —, ainda que sejas como

uma pedra, certamente te tornarás mais compassivo; ainda que leves uma vida mole e dissoluta, certamente te tornarás mais sábio, quando observares a natureza das coisas humanas nas desgraças alheias.

Pois seguramente te virá ao espírito a lembrança daquele terrível dia, e de suas múltiplas punições. Meditando e refletindo sobre essas coisas, certamente expulsarás tanto a ira quanto os prazeres e o amor pelas coisas mundanas, e tornarás tua alma mais tranquila que o mais calmo dos portos; e pensarás naquele Tribunal, considerando que se entre os homens há tanta providência, ordem, temor e ameaças, muito mais haverá com Deus. "Pois não há poder senão por Deus." (Rm 13,1) Aquele, portanto, que permite aos governantes ordenar tais coisas, com muito mais razão as ordenará Ele mesmo.

[5.] E certamente, se não houvesse este temor, tudo estaria perdido, já que, mesmo com tais castigos pairando sobre eles, há muitos que se entregam à maldade. Se considerares estas coisas com sabedoria, estarás mais disposto à esmola e colherás muito mais prazer do que os que descem do teatro. Pois aqueles, ao saírem de lá, inflamam-se e ardem de desejo. Tendo visto aquelas mulheres flutuando no palco, e recebido delas dez mil feridas, estarão em condição pior do que um mar revolto, quando a imagem dos rostos, os gestos, as palavras, o andar e tudo o mais se mantêm diante de seus olhos e sitiam sua alma. Mas os que saem de uma prisão não sofrerão nada disso, mas gozarão de grande paz e tranquilidade. Pois a compunção causada pela visão dos prisioneiros apaga todo aquele fogo. E, se uma mulher meretriz e devassa se encontrar com um homem que tenha saído do meio dos prisioneiros, ela não lhe causará dano algum. Pois ele se torna, por assim dizer, incapaz de ser moldado, e assim não será apanhado nas redes do rosto dela, porque, em lugar daquele rosto lascivo, estará então diante de seus olhos o temor do Juízo.

Por isso, aquele que conheceu todo tipo de luxo disse: "É melhor ir à casa do luto do que à casa da alegria." (Ecl. 7, 2). E assim, "aqui" manifestarás grande sabedoria, e "lá" ouvirás aquelas palavras que valem mais do que dez mil bênçãos. Não negligenciemos, pois, tal prática e ocupação. Pois, ainda que

não possamos levar-lhes comida, nem ajudá-los com dinheiro, ainda assim poderemos consolá-los com nossas palavras, reanimar o espírito abatido e ajudá-los de muitas outras maneiras, conversando com aqueles que os lançaram na prisão e abrandando os seus guardas; certamente faremos algum bem, pequeno ou grande.

Mas se disseres que os homens ali não são de boa posição, nem bons, nem gentis, mas homicidas, profanadores de sepulcros, ladrões, adúlteros, intemperantes e cheios de toda sorte de maldades, nisto mesmo me mostras um motivo ainda mais premente para passar tempo ali. Pois não somos ordenados a ter piedade apenas dos bons e castigar os maus, mas a manifestar essa bondade a todos os homens. "Sede vós, pois, semelhantes a vosso Pai que está nos céus, porque Ele faz nascer o Seu sol sobre maus e bons, e chover sobre justos e injustos." (Mt 5, 45).

Não acuses, então, amargamente as faltas dos outros, nem sejas juiz severo, mas doce e misericordioso. Pois também nós, se não fomos adúlteros, nem profanadores de túmulos, nem ladrões, ainda assim temos outros pecados que merecem castigo infinito. Porventura não chamamos nosso irmão de "tolo", o que nos prepara a geena? Não olhamos com olhos impuros para uma mulher, o que já constitui adultério pleno? E o que é ainda mais grave que tudo: não participamos indignamente dos Mistérios, tornando-nos culpados do Corpo e do Sangue de Cristo?

Não sejamos, pois, escrutadores amargos da conduta alheia, mas consideremos o nosso próprio estado — e assim cessaremos de ser inumanos e cruéis. Além disso, pode-se dizer que ali encontraremos muitos homens bons, e muitas vezes, homens que valem tanto quanto toda a cidade. Pois mesmo aquela prisão onde se encontrava José continha muitos homens maus, e, contudo, aquele justo cuidava de todos eles, estando oculto entre os demais quanto à sua verdadeira natureza; pois ele valia tanto quanto toda a terra do Egito, e ainda assim habitava na prisão, e nenhum dos que estavam ali o conhecia.

Assim também agora é provável que haja muitos homens bons e virtuosos, ainda que não visíveis a todos, e o cuidado que tiveres com tais homens te trará recompensa por teus esforços em favor de todos. Ou, se não houver sequer um, ainda assim tua recompensa será grande; pois o Senhor não conversava apenas com os justos, evitando os impuros, mas acolhia com bondade tanto a mulher cananeia quanto a samaritana, ambas abomináveis e impuras; e também outra, que era meretriz, por quem os judeus O censuravam — Ele não só a acolheu e curou, como permitiu que Lhe lavasse os pés com lágrimas, ensinando-nos a condescender com os que estão no pecado, pois isto é, acima de tudo, verdadeira bondade.

Que dizes? Habitam na prisão ladrões e profanadores de sepulcros? E, dize-me, todos os que habitam na cidade são homens justos? Não haverá muitos ainda piores do que esses, roubando com maior descaramento? Pois aqueles, se não têm outra desculpa, ao menos põem diante de si o véu da solidão e das trevas, fazendo tais coisas às escondidas; mas os outros lançam fora a máscara e correm atrás de suas maldades de cabeça descoberta, sendo violentos, gananciosos e avarentos. Difícil é encontrar um homem puro de injustiça.

[6.] Se não tomamos à força ouro ou tal quantidade de terras, ainda assim conseguimos o mesmo fim por meio de engano e roubo em assuntos menores, e sempre que nos é possível fazê-lo. Pois, quando ao firmarmos contratos, ou ao comprar ou vender qualquer coisa, discutimos e nos esforçamos para pagar menos do que o valor justo, e empregamos todo o nosso empenho nisso, não é essa ação um roubo? Não é furto e cobiça? Não me digas que não arrancaste casas ou escravos, pois a injustiça não é julgada pela medida das coisas tiradas, mas pela intenção dos que cometem o roubo. Visto que "justo" e "injusto" têm o mesmo peso nas coisas grandes e nas pequenas; e chamo de ladrão tanto o homem que corta uma bolsa e leva o ouro, quanto aquele que, ao comprar de qualquer comerciante, reduz algo do preço justo; nem é apenas arrombador aquele que rompe uma parede e rouba o que há dentro, mas também o que corrompe a justiça e tira algo de seu próximo.

Não deixemos então de considerar nossas próprias faltas para nos tornarmos juízes das dos outros; nem, quando é tempo de exercer misericórdia, fiquemos procurando as maldades alheias; mas, considerando qual era outrora o nosso estado, sejamos agora gentis e bondosos. Qual era então o nosso estado? Ouve o que diz Paulo: "Porque também nós éramos noutro tempo insensatos, desobedientes, extraviados, servindo a várias concupiscências e deleites, vivendo em malícia e inveja, odiosos, e odiando-nos uns aos outros" (Tito 3,3); e novamente: "Éramos por natureza filhos da ira" (Ef 2,3). Mas Deus, vendo-nos como que encerrados numa prisão e acorrentados com grilhões bem mais pesados que os de ferro, não se envergonhou de nós, mas veio e entrou na prisão, e, embora merecêssemos dez mil castigos, nos tirou dali e nos levou a um reino, tornando-nos mais gloriosos que os céus, para que também nós façamos o mesmo segundo nossa capacidade. Pois quando Ele diz aos seus discípulos: "Se eu, vosso Senhor e Mestre, vos lavei os pés, vós também deveis lavar os pés uns dos outros; pois eu vos dei o exemplo, para que façais assim como eu vos fiz" (Jo 13,14), Ele escreveu essa lei não apenas para a lavagem dos pés, mas também para todos os demais atos que Ele manifestou para conosco.

É um homicida que habita a prisão? Ainda assim, não nos cansemos de fazer-lhe o bem. É um violador de sepulturas ou um adúltero? Tenhamos piedade, não de sua maldade, mas de sua desgraça. Mas, frequentemente, como eu disse antes, ali se encontrará alguém que vale por dez mil; e, se fores continuamente aos prisioneiros, não deixarás de alcançar tão grande prêmio. Pois, assim como Abraão, ao acolher hóspedes comuns, encontrou-se certa vez com anjos, também nós encontraremos grandes homens, se fizermos desta ação uma ocupação constante. E, se me é permitido afirmar algo estranho, aquele que acolhe um grande homem não é tão digno de louvor quanto o que acolhe o miserável e desprezado. Pois o primeiro tem, por sua própria vida, não poucas razões para ser bem tratado, mas o segundo, rejeitado e abandonado por todos, possui um único refúgio: a piedade de seu benfeitor; de modo que esta é, mais do que qualquer outra, a verdadeira bondade. Além disso, o que mostra atenção a um homem admirado e ilustre muitas vezes o faz por ostentação diante dos homens, mas o que cuida do abjeto e desesperado, fá-lo unicamente por causa do

mandamento de Deus. Por isso, se fazemos um banquete, somos exortados a receber os coxos e aleijados, e, se realizamos obras de misericórdia, devemos fazê-las aos menores e mais humildes. Pois, como está escrito: "Em verdade vos digo, todas as vezes que fizestes isso a um destes meus irmãos mais pequeninos, a mim o fizestes." (Mt 25,45).

Conhecendo, pois, o tesouro que está guardado naquele lugar, entremos continuamente ali, façamos disso nossa tarefa, e voltemos para lá os desejos que antes tínhamos pelos teatros. Se não tens nada para oferecer, oferece o conforto de tuas palavras. Pois Deus recompensa não apenas aquele que alimenta, mas também aquele que entra. Quando tu entras e despertas a alma trêmula e temerosa, exortando-a, socorrendo-a, prometendo auxílio, ensinando-lhe a verdadeira sabedoria, daí colherás não pequena recompensa. Pois, se falares assim fora da prisão, muitos até rirão, dissipados que estão por sua excessiva luxúria; mas os que se acham na adversidade, com a mente humilhada, escutarão com mansidão tuas palavras, e as louvarão, e se tornarão homens melhores. Pois mesmo quando Paulo pregava, os judeus muitas vezes zombavam dele, mas os prisioneiros escutavam com grande silêncio. Pois nada torna a alma tão apta para a sabedoria celeste quanto a calamidade, a tentação e a pressão da aflição. Considerando, pois, todas essas coisas, e quanto bem faremos tanto aos que estão na prisão quanto a nós mesmos, ao nos envolvermos continuamente com eles, passemos ali o tempo que antes gastávamos na praça e em ocupações vãs, para que possamos tanto ganhá-los quanto alegrar a nós mesmos, e, fazendo com que Deus seja glorificado, obtenhamos as bênçãos eternas, pela graça e benignidade de nosso Senhor Jesus Cristo, por quem e com quem, ao Pai e ao Espírito Santo, seja dada glória pelos séculos dos séculos. Amém.

Sermão LXI
João 10, 22-24 — "E em Jerusalém celebrava-se a festa da Dedicação, e era inverno. E Jesus andava passeando no templo, no pórtico de Salomão.

Rodearam-no, pois, os judeus, e disseram-lhe: Até quando nos manterás em suspense?"

[1.] Toda virtude é coisa boa, mas nenhuma mais do que a mansidão e a brandura. É isso que nos mostra verdadeiramente humanos; é isso que nos distingue dos animais selvagens; é isso que nos torna aptos a rivalizar com os Anjos. Por isso, Cristo continuamente insiste longamente sobre essa virtude, exortando-nos a ser mansos e brandos. E não apenas com palavras nos instrui, mas também com ações: por vezes é esbofeteado e o suporta, por vezes é insultado e tramam contra Ele; e, mesmo assim, vai ao encontro dos que Lhe tramam ciladas.

Com efeito, aqueles homens que O chamaram de endemoninhado, samaritano, e que muitas vezes quiseram matá-Lo e Lhe atiraram pedras, são os mesmos que agora O rodeiam e perguntam: "És tu o Cristo?" — E, mesmo nesse caso, depois de tantas e tão grandes conspirações contra Ele, não os repele, mas lhes responde com imensa brandura.

Mas é necessário antes examinar toda a passagem desde o início:

"Ora," diz o texto, "celebrava-se em Jerusalém a festa da Dedicação, e era inverno."
Esta era uma festa nacional importante, pois celebrava-se com grande fervor o dia em que o Templo fora restaurado após o longo cativeiro na Pérsia. A essa festa também Cristo compareceu, pois a partir de então permaneceu sempre na Judeia, já que a Paixão estava próxima.

"Rodearam-no, pois, os judeus, e disseram-lhe: Até quando nos manterás em suspense? Se tu és o Cristo, dize-no-lo claramente."

Ele não lhes respondeu: "Por que Me interrogais? Muitas vezes Me chamastes de endemoninhado, de louco, de samaritano, julgastes-Me inimigo de Deus e enganador; ainda há pouco dissestes: 'Tu dás testemunho de ti mesmo; teu testemunho não é verdadeiro'. Como, então, agora desejais saber de Mim,

cujo testemunho rejeitais?" — Mas não disse nada disso, embora soubesse que a intenção com que Lhe perguntavam era má.

Com efeito, o cercá-Lo e dizer "Até quando nos manterás em suspense?" parecia demonstrar um certo desejo sincero de aprender; no entanto, a intenção deles era corrupta e enganosa. Pois, como Suas obras não admitiam calúnias nem injúrias, e como não podiam refutá-las, eles procuravam argumentos em Suas palavras, atribuindo-lhes sentidos diversos dos que realmente tinham, para assim terem com que O acusar. E, como não encontravam falhas em Suas obras, buscavam ocasião em Suas palavras.

Por isso disseram: "Dize-nos". Mas Ele já o dissera muitas vezes. Dissera-o à samaritana: "Sou Eu, que falo contigo" (Jo 4,26); dissera-o ao cego: "Tu já o viste; é aquele que fala contigo" (Jo 9,37). E ainda que não o tivesse dito nessas palavras exatas, tinha-o mostrado em outras formas. E, de fato, se eles fossem sábios e desejassem realmente aprender, bastava-lhes confessá-Lo pelas obras, já que por palavras Ele já o havia provado várias vezes.

Mas observa agora o seu espírito perverso e contencioso: quando Ele os instrui com palavras, dizem: "Que sinal fazes tu para que o vejamos e creiamos em ti?" (Jo 6,30); mas quando lhes dá provas por obras, dizem: "És tu o Cristo? Dize-no-lo claramente." Quando as obras falam alto, eles buscam palavras; quando as palavras ensinam, refugiam-se nas obras — sempre buscando o contrário.

E o fim mostrou claramente que não perguntavam para aprender. Pois Aquele a quem julgavam tão digno de crédito, que valia a pena ouvir Seu próprio testemunho, mal disse algumas palavras, e logo O apedrejaram. De modo que esse cercá-Lo e pressioná-Lo já era feito com má intenção.

E o modo de perguntar era cheio de ódio: "És tu o Cristo? Dize-no-lo claramente." Ora, Ele dizia todas as coisas abertamente, sempre presente nas festas deles, e nada dizia em segredo. Mas eles vinham com palavras falsas: "Até quando nos manterás em suspense?", querendo apenas provocá-Lo, para então encontrar ocasião contra Ele. Pois em todos os casos é evidente que O

interrogavam não com desejo de aprender, mas com intenção maliciosa. Quando perguntaram: "É lícito pagar tributo a César ou não?" (Mt 22,17); quando perguntaram sobre o divórcio (Mt 19,3); quando interrogaram acerca da mulher que tivera sete maridos (Mt 22,23), foi sempre com a mesma má intenção.

E ali Ele os repreendeu dizendo: "Por que Me tentais, hipócritas?", mostrando que conhecia os pensamentos secretos deles. Aqui, porém, não diz coisa semelhante, ensinando-nos que nem sempre se deve repreender os que tramam contra nós, mas sim suportar muitas coisas com mansidão e brandura.

Assim, sendo sinal de insensatez buscar palavras como prova quando as obras falavam por si, ouve como Ele lhes responde, ao mesmo tempo mostrando que a pergunta era inútil, feita não por desejo de aprender, e ainda dando um testemunho mais claro do que o das palavras: o das obras.

Versículo 25. "Já vos disse", diz Ele, "e não credes. As obras que Eu faço em nome de meu Pai, estas dão testemunho de Mim."

[2.] Uma observação que os mais tolerantes dentre eles frequentemente faziam entre si: "Um homem que é pecador não pode fazer tais milagres." E novamente: "Um demônio não pode abrir os olhos dos cegos"; e: "Ninguém pode fazer tais milagres, a menos que Deus esteja com ele." (Jo 3,2). E, ao contemplarem os milagres que Ele realizava, diziam: "Não será este o Cristo?" Outros diziam: "Quando o Cristo vier, fará Ele mais milagres do que este homem tem feito?" (Jo 7,31). E essas mesmas pessoas, tantas quantas então desejavam crer n'Ele, diziam: "Que sinal fazes, para que vejamos e creiamos em ti?" (Jo 6,30). Quando, portanto, os que não haviam sido persuadidos por tão grandes obras fingem que seriam persuadidos por uma simples palavra, Ele repreende a malícia deles, dizendo: "Se não credes nas Minhas obras, como crereis nas Minhas palavras? Assim, o vosso questionamento é supérfluo."

Vers. 26. “Mas”, Ele diz, “Eu já vos disse, e vós não credes, porque não sois das Minhas ovelhas.”

“Pois da Minha parte, Eu cumpri tudo o que convinha a um pastor fazer, e, se vós não Me seguis, não é porque Eu não seja Pastor, mas porque vós não sois Minhas ovelhas.”

Vers. 27-30. “As Minhas ovelhas ouvem a Minha voz e Me seguem; e Eu lhes dou a vida eterna, e ninguém as arrebatará da Minha mão. O Pai, que Mas deu, é maior do que todos, e ninguém pode arrebatá-las da mão de Meu Pai. Eu e o Pai somos um.”

Repara como, ao rejeitá-los, Ele os incita a segui-Lo. “Vós não Me ouvis”, diz Ele, “porque não sois ovelhas, mas os que Me seguem, esses são do rebanho.” Isso Ele disse para que se esforçassem por tornar-se ovelhas. Em seguida, ao mencionar o que obteriam, Ele desperta neles ciúmes, para incentivá-los e levá-los a desejar tais coisas.

Que diremos, então? É por causa do poder do Pai que ninguém as arrebata, e Tu não tens força, mas és fraco para guardá-las? De modo nenhum. E, para que compreendas que a expressão “o Pai, que Mas deu” é usada por consideração para com eles, para que não O chamassem de inimigo de Deus, por isso, depois de afirmar: “Ninguém as arrebata da Minha mão”, Ele prossegue para mostrar que a Sua mão e a do Pai são uma só. Pois, se não fosse assim, seria natural que dissesse: “O Pai, que Mas deu, é maior do que todos, e ninguém pode arrebatar da Minha mão.” Mas não foi isso que Ele disse, e sim: “da mão de Meu Pai.” Depois, para que não suponhas que Ele é fraco, mas que as ovelhas estão seguras por causa do poder do Pai, Ele acrescenta: “Eu e o Pai somos um.” Como se dissesse: “Não afirmei que ninguém as arrebata por causa do Pai, como se Eu fosse fraco para guardar as ovelhas. Pois Eu e o Pai somos um.” Falando aqui em relação ao poder, pois era disso que tratava todo o Seu discurso; e se o poder é o mesmo, é evidente que a essência também o é. E, quando os judeus, com mil artifícios, tramando e expulsando homens de suas sinagogas, Ele lhes diz que todas as suas maquinações são inúteis e vãs: “Pois as ovelhas estão na mão do Meu Pai”,

como o profeta diz: “Nas Minhas mãos gravei tuas muralhas.” (Is 49,16). Depois, para mostrar que a mão é uma só, ora diz que é Sua, ora que é do Pai. Mas, quando ouvires a palavra “mão”, não entendas algo material, mas sim o poder, a autoridade. Novamente, se fosse por essa razão que ninguém podia arrebatar as ovelhas — porque o Pai Lhe dera poder — seria supérfluo dizer o que segue: “Eu e o Pai somos um.” Pois, se Ele fosse inferior ao Pai, isso seria uma afirmação muito audaciosa, pois não significa outra coisa senão igualdade de poder; e os judeus o entenderam assim, e tomaram pedras para apedrejá-Lo (v. 31). E mesmo assim, Ele não corrigiu essa opinião e suspeita deles; pois, se fosse falsa, Ele deveria tê-los corrigido e dito: “Por que fazeis isso? Não falei assim para atestar que Meu poder é igual ao do Pai”; mas agora Ele faz exatamente o contrário, confirma e reforça essa suspeita deles, e o faz mesmo quando eles estavam irados. Pois Ele não desculpa o que foi dito, como se fosse uma má formulação, mas os repreende por não terem uma opinião correta a Seu respeito. Pois quando eles disseram:

Vers. 33-36. “Por uma boa obra não te apedrejamos, mas por blasfêmia, porque sendo homem te fazes Deus”; ouve a resposta d’Ele: “Se a Escritura chama deuses àqueles a quem foi dirigida a palavra de Deus, como dizeis vós que Eu blasfemo, por ter dito: Eu sou Filho de Deus?”

O que Ele quer dizer é isto: “Se aqueles que receberam essa honra por graça não são censurados por se chamarem deuses, como pode ser reprovado Aquele que a possui por natureza?” No entanto, Ele não falou assim diretamente, mas provou-o mais adiante, tendo antes suavizado e moderado um pouco o discurso, dizendo: “Aquele que o Pai santificou e enviou.” E, quando já havia aplacado a ira deles, então trouxe à tona a afirmação clara. Por um tempo, para que Suas palavras fossem aceitas, Ele falou de modo mais humilde, mas depois elevou o discurso, dizendo:

Vers. 37-38. “Se não faço as obras de Meu Pai, não creiais em Mim; mas se as faço, ainda que não creiais em Mim, crede nas obras.”

Vês como Ele comprova o que Eu disse, que Ele não é de modo algum inferior ao Pai, mas em tudo igual a Ele? Pois, sendo impossível ver a Sua essência,

Ele oferece, pela igualdade e semelhança das obras, uma prova da identidade no poder. E o que, dize-me, devemos crer?

[3.] "Que Eu estou no Pai, e o Pai em Mim."

"Pois Eu não sou outra coisa senão o que o Pai é — ainda que seja o Filho; e Ele não é outra coisa senão o que Eu sou — ainda que seja o Pai. E se alguém Me conhece, conhece também o Pai; e se conhece o Pai, conheceu também o Filho." Ora, se o poder fosse inferior, então também o que se refere ao conhecimento seria falso, pois não é possível conhecer uma substância ou poder por meio de outra diferente.

Versículos 39-41. "Procuraram, pois, prendê-lo outra vez, mas Ele escapou-se das mãos deles, e retirou-se novamente para além do Jordão, para o lugar onde João primeiro batizava. E muitos vinham ter com Ele, e diziam: João não fez milagre algum, mas tudo quanto João disse deste homem era verdade."

Sempre que Ele pronunciava algo grandioso e sublime, logo se retirava, cedendo à ira deles, para que a paixão diminuísse e cessasse com Sua ausência. E foi isso que Ele fez naquele momento. Mas por que o evangelista menciona o lugar? Para que tu compreendas que Ele foi até lá para lembrar-lhes das coisas ali feitas e ditas por João, e de seu testemunho; e, ao chegarem ao local, logo se recordaram de João. Por isso também disseram: "João não fez milagre algum." Pois como se explicaria que acrescentassem isso, se o lugar não lhes tivesse trazido à memória o Batista e feito lembrar de seu testemunho? E nota como eles raciocinam com argumentos irrefutáveis: "João não fez milagre algum", "mas este homem faz", diz alguém; "logo, a superioridade d'Ele está demonstrada. Portanto, se creram naquele que não fez milagres, muito mais devem crer neste homem." Depois, como foi João quem deu o testemunho, para que sua ausência de milagres não parecesse torná-lo indigno de ser testemunha, acrescentam: "Mesmo que não tenha feito milagre, ainda assim tudo quanto disse deste homem era verdade" — já não provando Cristo por meio de João, mas João por meio do que Cristo havia feito.

Versículo 42. “E muitos creram n’Ele.”
Muitas coisas os atraíam. Recordavam-se das palavras de João, chamando Cristo de “mais poderoso que ele”, de “luz”, “vida”, “verdade” e de todas as demais; lembravam-se da Voz que desceu do céu, e do Espírito que apareceu em forma de pomba, indicando-O a todos; e, juntamente com isso, lembravam-se também da demonstração oferecida pelos milagres, e, apoiados nisso, estavam firmemente estabelecidos. “Pois”, diria alguém, “se era justo crermos em João, quanto mais neste homem; se naquele sem milagres, quanto mais neste, que além do testemunho de João tem também a prova dos milagres.” Vês quanto proveito houve em permanecer naquele lugar, livre da presença dos maus? Por isso Jesus constantemente os conduz e afasta da companhia daqueles homens — como também parece ter feito sob a Antiga Aliança, formando e educando os judeus em tudo no deserto, longe dos egípcios.

E isso Ele agora nos aconselha também: evitando os lugares públicos, as agitações e os tumultos, para que possamos orar em paz, no interior da câmara. Pois o vaso livre de confusão navega com vento favorável, e a alma que se separa das coisas do mundo repousa num porto seguro. Por isso, as mulheres devem ter sabedoria ainda mais verdadeira que os homens, pois em geral são mais dadas ao recolhimento do lar. Assim, por exemplo, Jacó era um homem simples e íntegro porque habitava em casa, livre das agitações da vida pública; e não sem razão a Escritura diz isso quando afirma que ele “habitava em tendas” (Gênesis 25,27).

“Mas”, diz alguma mulher, “até mesmo em casa há grande confusão.” Sim, quando tu mesma o queres, e atrais para ti uma multidão de preocupações. Pois o homem que passa seu tempo nas praças e nos tribunais é como se fosse envolvido por ondas de aflições externas; mas a mulher que permanece em casa, como numa escola de verdadeira sabedoria, e recolhe seus pensamentos dentro de si mesma, será capaz de dedicar-se à oração, à leitura e à sabedoria celestial. E como os que vivem no deserto não têm quem os perturbe, também ela, estando continuamente em casa, pode gozar de calma permanente. Nem mesmo quando por necessidade tem de sair há motivo de perturbação. Pois as ocasiões em que uma mulher precisa sair de

casa são, ou para vir à igreja, ou para a limpeza do corpo no banho; mas, em geral, permanece em casa, podendo tanto ser verdadeiramente sábia como também, ao receber o marido agitado, acalmá-lo e pacificá-lo, suavizar seus pensamentos excessivos e ardentes, e assim enviá-lo de volta ao mundo, tendo deixado para trás todos os males colhidos no tumulto da vida pública, e levando consigo todo o bem aprendido em casa.

Pois nada, nada é mais poderoso que uma mulher piedosa e sensata para levar um homem à ordem, moldar-lhe a alma como quiser. Pois ele não suportará amigos, nem mestres, nem governantes, como suportará sua companheira aconselhando e instruindo, já que o conselho traz até certo prazer, pois quem o dá é alguém profundamente amado. Eu poderia contar muitos casos de homens duros e desobedientes que foram amolecidos dessa maneira. Pois aquela que partilha de sua mesa, de seu leito, de seus carinhos, de suas palavras e segredos, de suas idas e vindas, e de muitas outras coisas — aquela que lhe está completamente entregue e unida, como o corpo à cabeça — se for sensata e bem formada, superará a todos os outros na arte de conduzir e governar o marido.

[4.] Por isso exorto as mulheres a fazerem deste seu ofício, e a darem conselhos oportunos. Pois assim como elas têm grande poder para o bem, também o têm para o mal. Uma mulher destruiu Absalão, uma mulher destruiu Amnon, uma mulher quase destruiu Jó, uma mulher salvou Nabal da matança. Mulheres preservaram nações inteiras; pois Débora e Judite realizaram feitos dignos de homens; assim também inúmeras outras mulheres. Por isso Paulo diz: “Pois como sabes, ó mulher, se salvarás teu marido?” (1 Cor 7,16). E vemos também, naqueles tempos, Pérsis, Maria e Priscila participarem dos trabalhos dos Apóstolos (cf. Rm 16); as quais também nós devemos imitar, e não apenas com palavras, mas também com ações, levar à ordem aquele que convive conosco. Mas como instruí-lo por nossas ações?

Quando ele vir que tu não és mal-intencionada, nem amante de gastos ou ornamentos, nem exigente com riquezas, mas contente com o que tens — então ele suportará teus conselhos. Mas se és sábia nas palavras e em tuas

ações ages de modo contrário, ele te condenará como tola. Mas quando, junto com as palavras, lhe dás também o exemplo com tuas obras, então ele te escutará e te obedecerá com mais prontidão; como, por exemplo, quando não desejas ouro, nem pérolas, nem roupas custosas, mas, em vez disso, modéstia, sobriedade e bondade; quando mostras essas virtudes em ti mesma e também as exiges dele. Pois se é necessário fazer algo para agradar o marido, deves adornar tua alma, e não o corpo — que, assim adornado, se corrompe.

O ouro que colocas sobre ti não te tornará tão encantadora e desejável aos olhos dele quanto a modéstia e a bondade para com ele, e uma disposição de morrer pelo teu companheiro. Essas coisas dominam os homens. De fato, esse brilho das vestes até o desagrada, pois oprime suas finanças e lhe causa muitos gastos e preocupações; mas aquelas virtudes que eu mencionei o ligam ainda mais à esposa, pois a bondade, a amizade e o amor não geram preocupações, nem causam despesas — ao contrário. O adorno exterior se torna enfadonho com o tempo, mas o da alma floresce a cada dia e acende uma chama ainda mais forte.

Assim, se queres agradar teu marido, adorna tua alma com modéstia, piedade e boa administração da casa. Essas coisas não só o dominam mais fortemente, como também jamais se acabam. A velhice não destrói esse adorno, a doença não o consome. O adorno corporal o tempo desfaz, a doença o gasta, e muitas outras coisas o arruínam; mas o que é da alma está acima de tudo isso. O adorno exterior gera inveja e acende ciúmes, mas o da alma é puro de todo mal e livre de vaidade. Assim, a vida doméstica será mais leve, e vossa renda será bem usada, quando o ouro não estiver posto sobre teu corpo ou rodeando teus braços, mas se destinar aos usos necessários — como o sustento dos servos, o cuidado com os filhos e outras necessidades úteis.

Mas se não for assim — se o rosto da mulher estiver coberto de ornamentos enquanto o coração do marido está oprimido pela angústia — que proveito ou vantagem haverá? Aquele que está angustiado nem mesmo consegue contemplar a beleza da outra. Pois sabeis, sabeis que, ainda que um homem

veja a mulher mais bela de todas, ele não poderá sentir prazer ao vê-la se sua alma estiver aflita, porque para que o homem se alegre, ele precisa estar primeiro em paz e feliz. E quando todo o ouro é reunido apenas para enfeitar o corpo da mulher, enquanto há angústia em sua casa, o companheiro não pode experimentar prazer algum.

Portanto, se queremos agradar aos nossos maridos, devemos lhes dar prazer — e lhes daremos prazer se deixarmos de lado os ornamentos e enfeites. Pois todas essas coisas, no tempo das bodas, parecem oferecer algum deleite, mas depois perdem seu encanto com o tempo. Já que, se até mesmo o céu, tão belo, e o sol, cujo brilho não tem igual, admiramos menos por vê-los sempre, quanto menos admiraremos um corpo enfeitado com bugigangas?

Digo tudo isso desejando que sejais adornadas com aquele adorno saudável que Paulo recomendou: “Não com ouro, nem com pérolas, nem com vestes custosas, mas com boas obras, como convém a mulheres que professam a piedade” (1Tm 2,9–10).

Mas desejas agradar aos estranhos e ser louvada por eles? Pois então certamente este não é o desejo de uma mulher modesta. Porém, se ainda assim desejas, procedendo como eu disse, terás também os estranhos a amar-te muito e a louvar tua modéstia. Pois a mulher que adorna o corpo, nenhuma pessoa virtuosa e sóbria a louvará, mas apenas os intemperantes e lascivos; ou melhor, nem mesmo estes a louvarão, mas falarão mal dela, tendo os olhos inflamados pela luxúria provocada pelos adornos dela. Mas a outra — a que é modesta — todos louvarão, tanto os justos quanto os injustos, porque dela não recebem nenhum dano, mas até lições de sabedoria celestial.

E grande será seu louvor entre os homens, e grande será sua recompensa diante de Deus. Que, portanto, por tal adorno nós nos esforcemos, para que vivamos aqui sem medo, e alcancemos os bens que hão de vir — os quais todos nós possamos alcançar, pela graça e pela benignidade de nosso Senhor Jesus Cristo, a quem seja dada glória pelos séculos dos séculos. Amém.

Sermão LXII.

João 11,1-2: "Estava então enfermo um certo homem, Lázaro, de Betânia, da aldeia de Maria e de sua irmã Marta. Era aquela Maria que ungiu o Senhor com unguento."

[1.] Muitos, ao verem que certos homens agradáveis a Deus sofrem males terríveis — como por exemplo, quedam-se em enfermidades, pobreza ou outras aflições semelhantes — escandalizam-se, não compreendendo que justamente aos muito amados por Deus pertence suportar tais coisas. Pois Lázaro também era um dos amigos de Cristo, e estava enfermo. Disseram-no, com efeito, os que foram enviados: "Eis que aquele a quem amas está enfermo."

Consideremos, pois, o trecho desde o princípio: "Estava então enfermo um certo homem, Lázaro de Betânia." Não sem motivo, nem ao acaso, o evangelista mencionou de onde era Lázaro, mas por uma razão que mais adiante há de explicar. Por ora, mantenhamo-nos no que está diante de nós. Ele também, para nosso proveito, informa-nos quem eram as irmãs de Lázaro; e ainda, o que Maria tinha de mais (do que Marta), acrescentando: "Era aquela Maria que ungiu o Senhor com unguento."

Aqui, alguns, vacilando, dizem: "Como pôde o Senhor permitir que uma mulher fizesse isso?" Primeiramente, é necessário entender que não se trata da meretriz mencionada em Mateus (Mt 26,7), nem daquela de Lucas (Lc 7,37), mas de pessoa diferente; aquelas eram pecadoras, cheias de muitos vícios, mas esta era grave e zelosa, pois manifestou seu zelo no serviço prestado a Cristo. O Evangelista também quer mostrar que as irmãs amavam o Senhor, embora Ele tenha permitido a morte de Lázaro.

Mas por que não foram elas mesmas, como o centurião ou o nobre, a ir ter com Cristo, em vez de apenas enviarem mensageiros? Porque tinham grande confiança n'Ele e um afeto familiar muito forte; além disso, eram mulheres fracas e oprimidas pela dor. Que não agiram assim por desprezo ao Senhor, mostraram-no mais tarde. Torna-se claro, portanto, que esta Maria não era a meretriz.

“Mas por que,” dirá alguém, “Cristo recebeu aquela meretriz?” Para apagar-lhe os pecados, para mostrar a sua misericórdia, para que tu aprendas que não há mal que prevaleça sobre a sua bondade. Não consideres apenas que Ele a recebeu, mas também como a transformou.

Mas, retornando: por que o Evangelista nos relata essa história? Ou antes, o que pretende mostrar quando diz:

Verso 5: “Ora, Jesus amava Marta, e sua irmã, e Lázaro”?

Que jamais devemos nos perturbar ou escandalizar se alguma doença sobrevém aos bons, aos que são caros a Deus.

Verso 3: “Senhor, eis que aquele a quem amas está enfermo.”

Queriam movê-lo à compaixão, pois ainda O consideravam como simples homem. Isso é claro no que dizem: “Se estivesses aqui, ele não teria morrido”, e por dizerem, não “Eis que Lázaro está enfermo”, mas “aquele a quem amas”. Que diz então Cristo?

Verso 4: “Esta enfermidade não é para a morte, mas para a glória de Deus, para que o Filho de Deus seja glorificado por ela.”

Vê como Ele mais uma vez afirma que sua glória é a mesma do Pai; pois, após dizer “de Deus”, acrescenta: “para que o Filho de Deus seja glorificado”.

“Esta enfermidade não é para a morte.” Como Ele tencionava demorar-se ainda dois dias onde estava, por ora despede os mensageiros com esta resposta. Devemos admirar as irmãs de Lázaro, pois, mesmo tendo ouvido que a enfermidade não era para a morte, ao vê-lo morto, não se escandalizaram, embora o que sucedeu parecesse contrariar o que haviam ouvido. Ainda assim, vieram a Ele, e não julgaram que mentisse.

A expressão "para que" neste versículo não indica causa, mas consequência: a enfermidade sucedeu por outras causas, mas Ele a utilizou para a glória de Deus.

Verso 6: "Depois de ouvir isto, permaneceu ainda dois dias no lugar onde estava."

Por que permaneceu? Para que Lázaro viesse a expirar e fosse sepultado, e ninguém pudesse dizer que fora restabelecido quando ainda não estava verdadeiramente morto — como se fora apenas um desmaio, uma síncope ou um ataque. Por isso esperou tanto, até que a corrupção começasse, e disseram: "Já cheira mal."

Verso 7: "Depois disse aos discípulos: Vamos de novo à Judeia."

Por que aqui, ao contrário de outras ocasiões, lhes diz antecipadamente para onde ia? Porque estavam grandemente aterrorizados; e sendo tal a disposição deles, Ele os adverte de antemão, para que não se perturbassem com a surpresa. Que dizem então os discípulos?

Verso 8: "Mestre, ainda agora os judeus procuravam apedrejar-te, e voltas para lá?"

Temiam, pois, também por Ele, mas principalmente por si mesmos, pois ainda não estavam perfeitos. Por isso Tomé, tremendo de medo, disse: "Vamos também nós, para morrermos com Ele" (v.16), pois Tomé era mais fraco e incrédulo que os outros. Mas vê como Jesus os anima com o que diz:

Verso 9: "Não são doze as horas do dia?"

Ou isto significa que "quem não tem má consciência nada tem a temer; só quem faz o mal sofrerá"; e, portanto, "não devemos temer, pois nada fizemos digno de morte"; ou então quer dizer que "quem vê a luz deste mundo está em segurança; e se quem vê a luz do mundo está seguro, quanto mais aquele que está comigo, se não se separar de mim." E tendo-os encorajado,

acrescenta a urgência do motivo da ida, e mostra que iam não para Jerusalém, mas para Betânia.

Versos 11-12: “Nosso amigo Lázaro dorme, mas vou despertá-lo.”

Isto é: “Não vou lá, como das outras vezes, para disputar com os judeus, mas para despertar nosso amigo.”

Verso 12: “Senhor, se dorme, está salvo.”

Não o disseram sem motivo, mas querendo dissuadir a ida. “Dizes que dorme? Então não há urgência em ir.” Foi para isso que Ele dissera “nosso amigo”, indicando a necessidade de ir. Como, porém, ainda hesitavam, acrescentou:

Verso 14: “Lázaro morreu.”

Antes dissera “dorme”, para evitar vanglória; mas como não entenderam, disse claramente: “morreu.”

Verso 15: “E alegro-me, por vossa causa.”

Por que, “por vossa causa”? “Porque vos preveni acerca da morte, sem estar presente, e porque, ao ressuscitá-lo, não haverá suspeita de fraude.” Vês como os discípulos ainda eram imperfeitos e não conheciam o poder de Cristo como convinha? Isso se devia aos temores que lhes perturbavam a alma. Quando disse “dorme”, acrescentou “vou despertá-lo”; mas quando disse “morreu”, não acrescentou “vou ressuscitá-lo”, para não prometer sem necessidade o que demonstraria com as obras. E em outra ocasião, como com o centurião, Ele dissera: “Irei curá-lo” (Mt 8,7), para mostrar a fé do centurião.

Se alguém perguntar: “Como imaginaram os discípulos que Ele falava de sono? Como não entenderam que se tratava da morte, se disse: ‘vou

despertá-lo'?" Respondemos que julgavam ser uma daquelas expressões figuradas que Ele costumava usar com eles.

Todos temiam os ataques dos judeus, mas Tomé mais que os demais; por isso disse:

Verso 16: "Vamos também nós, para morrermos com Ele."

Alguns dizem que queria morrer, por zelo; mas não é assim — antes, era expressão de temor. Contudo, não foi repreendido, pois Cristo ainda sustentava sua fraqueza; depois, porém, tornou-se mais forte que todos e invencível. Eis o maravilhoso: aquele que antes da crucifixão era tão fraco, depois dela, e tendo crido na ressurreição, tornou-se mais fervoroso que todos. Tão grande é o poder de Cristo! Aquele que não ousara acompanhar Cristo até Betânia, esse mesmo, sem sequer vê-lo, correu quase por todo o mundo habitado, e viveu entre nações assassinas, desejosas de matá-lo.

Mas, se Betânia distava quinze estádios — cerca de dois quilômetros — como estava Lázaro já há quatro dias morto? Jesus demorou-se dois dias; no dia anterior àqueles dois, o mensageiro veio com a notícia (e nesse mesmo dia Lázaro morreu); então, no curso do quarto dia, Jesus chegou. Ele esperou ser chamado, e não veio sem convite, para que ninguém suspeitasse do milagre; nem foram as mulheres — suas amigas — pessoalmente, mas enviaram outros.

Verso 18: "Ora, Betânia distava de Jerusalém cerca de quinze estádios."

Não sem motivo o evangelista menciona isso, mas para mostrar que era perto, e que por isso muitos ali estariam. E para evidenciar isso, acrescenta:

Verso 19: "Muitos dos judeus tinham vindo a Marta e Maria, para as consolar acerca de seu irmão."

Mas como poderiam consolar mulheres amigas de Cristo, se haviam decidido expulsar da sinagoga quem confessasse a Cristo? Talvez por causa da dor tão

pungente, ou por serem elas de família ilustre, ou então porque os que vieram não eram dos perversos; e de fato, muitos dentre eles creram. O evangelista relata esses detalhes para confirmar que Lázaro estava realmente morto.

[3.] Mas por que razão [Marta], quando foi ao encontro de Cristo, não levou consigo sua irmã? Ela desejava encontrar-se com Ele em particular, para lhe contar o que havia acontecido. Mas, quando Ele a fez ter boas esperanças, ela foi chamar Maria, que O encontrou enquanto seu sofrimento ainda estava no auge. Vês como ardente era seu amor? Esta é a Maria de quem Ele disse: "Maria escolheu a boa parte." (Lc 10,42.) "Como então," diz alguém, "Marta parece mais zelosa?" Ela não era mais zelosa; era porque a outra ainda não tinha sido informada, já que Marta era a mais fraca. Pois, mesmo tendo ouvido tais coisas de Cristo, ela ainda fala de modo resignado: "Já cheira mal, porque está morto há quatro dias." (v. 39.) Mas Maria, embora não tivesse ouvido nada, não disse nada disso, mas imediatamente, acreditando, diz:

Vers. 21. "Senhor, se tu estivesses aqui, meu irmão não teria morrido."

Vê quão grande é a sabedoria celestial das mulheres, embora seu entendimento seja fraco. Pois, quando viram Cristo, não se entregaram ao pranto e ao lamentar alto, como fazemos quando vemos alguém conhecido entrando em nossa dor; mas imediatamente reverenciaram seu Mestre. Portanto, ambas as irmãs acreditavam em Cristo, mas de modo imperfeito; pois ainda não sabiam com certeza se Ele era Deus, nem que fazia essas coisas por seu próprio poder e autoridade — pontos que Ele lhes ensinaria. Pois mostraram ignorar o primeiro ao dizer: "Se tu estivesses aqui, nosso irmão não teria morrido"; e o segundo, dizendo,

Vers. 22. "Tudo o que pedires a Deus, Ele te concederá."

Como se falassem de algum mortal virtuoso e aprovado. Mas vê o que Cristo diz:

Vers. 23. "Teu irmão ressuscitará."

Até aqui Ele refuta o que foi dito antes: "Tudo o que pedires"; pois Ele não disse "Eu peço", mas sim: "Teu irmão ressuscitará." Dizer: "Mulher, ainda olhas para as coisas terrenas; não preciso da ajuda de outrem, pois faço tudo por mim mesmo," teria sido duro e escandaloso para ela; mas dizer: "Ele ressuscitará," foi escolher uma maneira branda de falar. E pelo que segue, Ele alude aos pontos que mencionei; pois quando Marta diz:

Vers. 24. "Eu sei que ele ressuscitará na ressurreição, no último dia,"

para provar claramente Sua autoridade, Ele responde:

Vers. 25. "Eu sou a ressurreição e a vida."

Mostrando que não precisa de outro para ajudá-lo, pois Ele mesmo é a Vida; já que, se precisasse de outro, como poderia Ele ser "a ressurreição e a vida"? Mas Ele não afirmou isso diretamente, apenas insinuou. E quando ela diz novamente: "Tudo o que pedires," Ele responde:

"Aquele que crê em Mim, ainda que morra, viverá."

Mostrando que Ele é o Doador das coisas boas, e que devemos pedir a Ele.

Vers. 26. "E todo aquele que vive e crê em Mim jamais morrerá."

Repara como Ele eleva a mente dela; pois não se buscava apenas levantar Lázaro, mas era necessário que ela e os que estavam com ela aprendessem sobre a ressurreição. Por isso, antes de ressuscitar o morto, Ele ensina sabedoria celestial por palavras. Mas se Ele é "a ressurreição" e "a vida," não está limitado a um lugar, mas presente em toda parte, sabe curar. Se tivessem dito, como o centurião: "Dize apenas a palavra, e meu servo será curado" (Mt 8,8), Ele o teria feito; mas como o chamaram e pediram que viesse, Ele se compadece para elevá-los da opinião humilde que tinham Dele e vem ao local. Ainda assim, mesmo se fazendo presente, Ele mostra que podia curar à distância. Por isso também tardou, pois a misericórdia não

teria sido tão evidente se não houvesse primeiro o mal cheiro (do corpo). Mas como a mulher sabia que haveria uma ressurreição? Eles tinham ouvido Cristo falar muitas vezes da ressurreição, mas ainda assim ela queria vê-Lo. E repara como ela ainda hesita; pois, depois de ouvir "Eu sou a ressurreição e a vida," ainda não diz: "Ressuscita-o," mas:

Vers. 27. "Eu creio que Tu és o Cristo, o Filho de Deus."

Qual é a resposta de Cristo? "Quem crê em Mim, ainda que morra, viverá" (falando aqui da morte comum a todos), "e quem vive e crê em Mim nunca morrerá" (v. 26), significando a outra morte. "Pois Eu sou a ressurreição e a vida; não te turbes, ainda que teu irmão esteja morto, crê somente, pois isso não é morte." Por um tempo Ele a consola quanto ao ocorrido e lhe dá lampejos de esperança, dizendo: "Ele ressuscitará," e "Eu sou a ressurreição"; e que, tendo ressuscitado, ainda que morra de novo, não sofrerá dano algum, e por isso não precisa temer esta morte. O que Ele quer dizer é: "Nem este homem está morto, nem vós morrereis." "Crês nisso?" Ela responde: "Creio que Tu és o Cristo, o Filho de Deus,

que devia vir ao mundo."

Parece-me que a mulher não compreende totalmente o que disse; ela percebe que é algo grande, mas não entende o sentido completo, respondendo a uma coisa com outra. Ainda assim, ao menos por um momento, ela conseguiu moderar sua dor; tal era o poder das palavras de Cristo. Por isso Marta saiu primeiro, e Maria a seguiu. Pois o afeto que tinham por seu Mestre não lhes permitia sentir intensamente a dor presente; de modo que a mente dessas mulheres era verdadeiramente sábia e amorosa.

[4.] Mas nos nossos dias, entre outras maldades, há uma enfermidade muito comum entre as nossas mulheres; elas fazem grande alarde em suas lamentações e prantos, descobrindo os braços, arrancando os cabelos, fazendo sulcos em suas faces. E isso fazem algumas por tristeza, outras por ostentação e competição, outras por libertinagem; e descobrem os braços, e isso ainda diante dos homens. Por que fazes isso, mulher? Despistes-te de

modo indecoroso, diz-me, tu que és membro de Cristo, em meio à praça pública, onde há homens? Arrancas teu cabelo, rasgas tuas vestes, lamentas alto, danças, manténs uma aparência semelhante às mulheres bacanais, e não pensas que estás ofendendo a Deus? Que loucura é essa? Os pagãos não rirão? Não considerarão nossas doutrinas fábulas? Dirão: "Não há ressurreição — as doutrinas dos cristãos são zombarias, artifícios e invenções. Pois suas mulheres lamentam como se não houvesse nada além deste mundo; não dão atenção às palavras gravadas em seus livros; todas essas palavras são ficção, e essas mulheres mostram que o são. Se tivessem crido que aquele que morreu não está morto, mas passou para uma vida melhor, não o teriam lamentado como se deixasse de existir, não teriam se batido assim, nem dito tais palavras cheias de incredulidade, 'Nunca mais te verei, nunca mais te terei de volta'; toda a sua religião é uma fábula, e se nem mesmo o principal bem é crido por elas, quanto menos as outras coisas reverenciadas por elas." Os pagãos não são tão femininos; entre eles muitos praticam sabedoria celestial; e uma mulher, ao saber que seu filho tinha caído em batalha, imediatamente perguntou: "E como vão os assuntos da cidade?" Outra, verdadeiramente sábia, ao ser coroada, ouviu que seu filho morrera pela pátria, tirou a coroa e perguntou qual dos dois; ao saber qual era, pôs novamente a coroa. Muitos também entregaram seus filhos e filhas para a morte em honra a seus deuses malignos; e as mulheres espartanas exortam seus filhos a voltarem da guerra com o escudo ou sobre ele, mortos. Por isso, envergonho-me que os pagãos mostrem verdadeira sabedoria nessas coisas, e nós ajoemos indecorosamente. Aqueles que nada sabem sobre a ressurreição fingem que sabem; e os que sabem, fingem que não sabem. Muitas vezes, por vergonha diante dos homens, fazem coisas que não fazem por amor a Deus. Pois as mulheres da alta classe nem rasgam seus cabelos nem descobrem os braços; e isso é contra elas uma acusação muito grave, não porque não se descubram, mas porque agem assim não por piedade, mas para não parecerem desonradas. Será que a vergonha é maior que a dor, e o temor a Deus não é maior? Isso não merece a mais severa censura? O que as mulheres ricas fazem por causa da riqueza, as pobres deveriam fazer por temor a Deus; mas, atualmente, acontece o contrário; as ricas agem sabiamente por vaidade, as pobres agem indecorosamente por alma pequena. O que é pior que essa anomalia? Fazemos tudo para os

homens, tudo para as coisas da terra. E essas pessoas proferem palavras cheias de loucura e muito ridículo. O Senhor de fato disse: "Bem-aventurados os que choram" (Mt 5,4), falando daqueles que choram pelos seus pecados; e ninguém chora esse tipo de pranto, nem se importa com uma alma perdida; mas esse outro não fomos chamados a praticar, e o praticamos. "Então," diz alguém, "é possível não chorar sendo homem?" Não, nem eu proíbo o choro, mas proíbo que se batam, que chorem desmedidamente. Não sou bruto nem cruel. Sei que nossa natureza pede e busca seus amigos e companheiros diários; não pode deixar de se entristecer. Como também Cristo mostrou, pois Ele chorou por Lázaro. Assim faça também tu; chore, mas com moderação, com decoro, com temor a Deus. Se choras assim, não o fazes como quem não crê na ressurreição, mas como quem não suporta a separação. Pois até mesmo por aqueles que nos deixam e partem para terras distantes, choramos, mas não o fazemos como desesperados.

[5.] E assim chore tu, como se estivesses enviando alguém para outra terra. Estas coisas digo, não como uma regra de ação, mas como uma concessão (à fraqueza humana). Pois, se o falecido foi pecador e em muitas coisas ofendeu a Deus, convém chorar (ou melhor, não apenas chorar, pois isso não lhe serve de nada, mas fazer o que se pode para lhe proporcionar algum consolo por meio de esmolas e oferendas); mas também convém alegrar-se pelo fato de que sua maldade foi interrompida. Se foi justo, convém alegrar-se por aquilo que lhe pertence estar agora em segurança, livre da incerteza do futuro; se jovem, por ter sido rapidamente libertado dos males comuns da vida; se velho, por ter partido depois de alcançar em plenitude aquilo que é desejável. Mas tu, deixando de considerar essas coisas, incitas tuas servas a se comportarem como enlutadas, como se, de fato, estivesses honrando o morto, quando na verdade isso é um ato de extrema desonra. Pois honra ao morto não é pranto e lamentações, mas hinos, salmos e uma vida exemplar. O homem bom, quando parte, partirá com os anjos, ainda que ninguém esteja perto de seus restos; mas o corrupto, mesmo que tenha uma cidade para assistir ao seu funeral, nada ganhará com isso. Queres honrar quem se foi? Honra-o de outra forma, com obras de caridade, atos de benevolência e serviço público. De que servem tantas lamentações? E ouvi também outra coisa grave, que muitas mulheres atraem amantes com seus lamentos tristes,

adquirindo, pela intensidade de seus prantos, reputação de afeição aos seus maridos. Oh propósito diabólico! Oh invenção satânica! Por quanto tempo seremos apenas pó e cinzas, por quanto tempo apenas sangue e carne? Olhemos para o céu, pensemos nas coisas espirituais. Como poderemos repreender os pagãos, como exortá-los, quando fazemos tais coisas? Como discutiremos com eles sobre a Ressurreição? E quanto ao resto da sabedoria celestial? Como viveremos sem temor? Não sabes que da tristeza vem a morte? Pois a tristeza que escurece a parte da alma que vê não só impede que ela perceba o que deve, mas também lhe causa grande mal. De uma forma, então, ofendemos a Deus e não beneficiamos nem a nós mesmos nem ao que se foi; de outra, agradamos a Deus e ganhamos honra entre os homens. Se não desanimarmos, Ele logo removerá os vestígios do nosso desalento; se estivermos descontentes, Ele nos permite ser entregues à tristeza. Se formos agradecidos, não desanimaremos. "Mas como," diz alguém, "é possível não se entristecer quando se perdeu um filho, uma filha ou uma esposa?" Eu não digo "não chorar", mas "não fazê-lo imoderadamente". Pois, se considerarmos que Deus tomou, e que o marido ou filho que tínhamos era mortal, logo encontraremos consolo. Estar descontente é ato daqueles que procuram algo além da sua natureza. Tu nasceste homem, e mortal; por que então te entristeces porque o que é natural aconteceu? Entristeces-te porque te alimentas comendo? Queres viver sem isso? Age assim também em relação à morte, e sendo mortal, não procures ainda a imortalidade. Uma vez por todas, isso foi determinado. Portanto, não chores, nem finjas ser enlutado, mas sujeita-te às leis que valem para todos igualmente. Lamenta-te por teus pecados; esse é o pranto verdadeiro, essa é a mais alta sabedoria. Portanto, lamentemos continuamente por essa causa, para que possamos obter a alegria que está lá, pela graça e misericórdia de nosso Senhor Jesus Cristo, a quem seja glória para sempre. Amém.

Sermão LXIII.

João 11, 30-31 — "Ora, Jesus ainda não tinha entrado na aldeia, mas estava naquele lugar onde Marta O encontrou. Então os judeus que estavam com ela..." e o que segue.

[1.] A filosofia é um grande bem; falo da filosofia que está conosco. Pois o que os pagãos possuem são apenas palavras e fábulas; e essas fábulas não contêm nada verdadeiramente sábio, já que entre aqueles homens tudo é feito por causa da reputação. Portanto, a verdadeira sabedoria é um grande bem, e mesmo aqui nos traz uma recompensa. Pois quem despreza as riquezas já colhe vantagem, libertando-se das preocupações supérfluas e inúteis; e quem despreza a glória recebe de imediato sua recompensa, sendo escravo de ninguém, mas livre com a verdadeira liberdade; e quem deseja as coisas celestiais recebe sua recompensa, considerando as coisas presentes como nada e facilmente superior a toda tristeza. Vejamos, por exemplo, como esta mulher, praticando a verdadeira sabedoria, recebeu sua recompensa mesmo aqui. Pois, quando todos estavam sentados junto dela, enquanto ela chorava e lamentava, ela não esperou que o Mestre viesse até ela, nem manteve a postura que poderia parecer seu direito, nem foi dominada pela tristeza (pois, além de outras desgraças, as mulheres enlutadas costumam desejar ser muito consideradas por causa de seu caso); mas ela não se deixou afetar assim; assim que ouviu, correu rapidamente até Ele. "Jesus ainda não tinha entrado na aldeia." Ele andava um pouco devagar, para que não parecesse lançar-se apressadamente no milagre, mas para ser suplicado por eles. Ou então, é com essa intenção que o Evangelista disse que ela "se levantou depressa", ou para mostrar que ela correu para antecipar a chegada de Cristo. Ela não veio sozinha, mas arrastando consigo os judeus que estavam na casa. Muito sabiamente sua irmã a chamou secretamente, para não perturbar os que tinham se reunido, nem mencionar a causa; pois certamente muitos teriam voltado, mas agora, como se fosse para chorar, todos a seguiram. Por isso se prova novamente que Lázaro estava morto.

Ver. 32. "E ela caiu aos seus pés."

Ela é mais ardente que sua irmã. Não considerou a multidão, nem a suspeita que tinham contra Ele, pois havia muitos de seus inimigos, que diziam: "Não

poderia este homem, que abriu os olhos do cego, ter feito para que este homem não morresse?" (v. 37); mas expulsou todas as coisas mortais diante de seu Mestre e se entregou a uma única coisa: a honra daquele Mestre. E o que ela disse?

"Senhor, se tu estivesses aqui, meu irmão não teria morrido."

O que faz Cristo? Por enquanto não conversa com ela, nem diz o que disse à irmã dela (pois havia grande multidão e aquele não era momento para tais palavras); Ele age com moderação e se compadece; e para provar sua natureza humana, chora em silêncio e adia o milagre por ora. Pois como aquele milagre era grande e raro, e muitos iriam crer por meio dele, para que não fosse feito sem testemunhas (o que poderia ser obstáculo para a multidão e eles nada ganhariam com sua grandeza), para não perder a oportunidade, Ele atrai muitas testemunhas pela sua condescendência e prova sua natureza humana. Ele chora e fica perturbado; porque o sofrimento geralmente desperta os sentimentos. Depois, dominando esses sentimentos (pois "ele gemeu no espírito" significa que ele "continha sua angústia"), perguntou:

Ver. 34. "Onde o tendes posto?"

Para que a pergunta não fosse acompanhada de lamentação. Mas por que Ele pergunta? Porque não deseja lançar-se no milagre, mas aprender tudo por eles, fazer tudo a seu pedido, para livrar o milagre de qualquer suspeita.

Eles lhe disseram: "Vinde e vede."

Ver. 35. "Jesus chorou."

Vês que Ele ainda não tinha mostrado nenhum sinal da ressurreição e que não ia como para ressuscitar Lázaro, mas como para chorar? Pois os judeus mostram que Ele parecia estar indo para lamentar, não para ressuscitar; pelo menos disseram:

Vers. 36, 37. "Vede como o amava! E alguns deles disseram: Não poderia este homem, que abriu os olhos do cego, ter feito para que este homem não morresse?"

Nem mesmo em calamidades eles deixaram de mostrar sua maldade. Porém, o que Ele estava para fazer era coisa muito mais maravilhosa; pois afastar a morte depois que ela chegou e venceu é muito mais que detê-la quando ainda vem chegando. Portanto, o caluniam justamente pelo que deveriam admirar em Seu poder. Eles consideram o tempo em que Ele abriu os olhos do cego, e quando deveriam admirá-lo por aquele milagre, por causa deste último o desmerecem, como se aquele nem tivesse acontecido. E não só por isso se mostra que eram completamente corrompidos, mas porque, antes que Ele chegasse ou fizesse qualquer ação, eles o atacam com acusações, sem esperar o desfecho da situação. Vês como corrupto era seu juízo?

[2.] Então Ele chega ao túmulo e novamente repreende os Seus sentimentos. Por que o Evangelista cuidadosamente menciona em vários lugares que "Ele chorou" e que "Ele gemeu"? Para que você aprenda que Ele verdadeiramente assumiu a nossa natureza. Pois, quando este Evangelista é notável por relatar grandes coisas a respeito de Cristo mais do que os outros, em questões relativas ao corpo, aqui ele também fala muito mais humildemente do que eles. Por exemplo, sobre Sua morte, ele não disse nada do tipo; os outros Evangelistas declaram que Ele estava profundamente triste, que estava em agonia; mas João, ao contrário, diz que Ele até afastou os oficiais para trás. Assim, ele compensa aqui o que foi omitido ali, mencionando Sua tristeza. Ao falar sobre Sua morte, Cristo diz "Tenho poder para dar a minha vida" (cap. 10, 18), e então não pronuncia nenhuma palavra humilde; portanto, na Paixão, atribuem-Lhe muito do que é humano, para mostrar a realidade da Encarnação. E Mateus prova isso pela Agonia, o sofrimento, o tremor e o suor; mas João, pela Sua tristeza. Pois, se Ele não tivesse a nossa natureza, não teria sido vencido repetidas vezes pela tristeza. O que fez Jesus? Ele não se defendeu quanto às acusações deles; pois por que deveria silenciar com palavras aqueles que logo seriam silenciados pelos fatos? um meio menos irritante e mais apto a envergonhá-los.

Vers. 39. "Ele disse: Tirai a pedra."

Por que Ele não chamou Lázaro à distância, e o colocou diante dos olhos deles? Ou melhor, por que não o fez ressuscitar enquanto a pedra ainda estava sobre o túmulo? Pois Aquele que podia, com Sua voz, mover um cadáver e mostrar-lhe novamente a vida, muito mais com essa mesma voz poderia mover uma pedra; Aquele que deu poder pela Sua voz a alguém preso e enrolado nas faixas do túmulo para andar, muito mais poderia mover uma pedra; por que, então, não o fez? Para torná-los testemunhas do milagre; para que não dissessem, como fizeram no caso do cego, "É ele", "Não é ele." Pois suas mãos e a ida ao túmulo testemunharam que realmente era ele. Se não tivessem ido, poderiam ter pensado que viram uma visão, ou um homem no lugar de outro. Mas agora a vinda ao lugar, o levantamento da pedra, a ordem dada a eles para que desamarrassem o homem morto, envolto nas faixas funerárias; o fato de que os amigos que o carregaram do túmulo reconheceram pelas faixas que era ele; que suas irmãs não ficaram para trás; que uma delas disse: "Já cheira mal, porque está morto há quatro dias"; todas essas coisas, eu digo, foram suficientes para calar os maldispostos, pois eles se tornaram testemunhas do milagre. Por isso Ele lhes manda tirar a pedra do túmulo, para mostrar que é Ele quem ressuscita o homem. Por isso também pergunta: "Onde o tendes posto?", para que aqueles que disseram "Vinde e vede" e o guiaram não pudessem dizer que Ele havia ressuscitado outra pessoa; para que sua voz e suas mãos fossem testemunhas (a voz dizendo "Vinde e vede", as mãos levantando a pedra e desamarrando as faixas), assim como seus olhos e ouvidos (os olhos vendo Lázaro sair, os ouvidos ouvindo Sua voz), e também seu olfato, percebendo o mau cheiro, pois Marta disse: "Já cheira mal, porque está morto há quatro dias."

Por isso eu disse com razão que a mulher não compreendia de modo algum as palavras de Cristo: "Ainda que esteja morto, viverá." Observe ao menos que ela fala como se fosse impossível por causa do tempo que havia passado. Pois, de fato, era algo estranho ressuscitar um cadáver que estava morto há quatro dias e já em decomposição. Aos discípulos Jesus disse: "Para que o Filho do Homem seja glorificado", referindo-se a Si mesmo; mas à mulher: "Verás a

glória de Deus", falando do Pai. Vês que a fraqueza dos ouvintes é a causa da diferença das palavras? Por isso Ele a lembra do que havia falado, quase a repreendendo por ter esquecido. Contudo, não quis confundir os espectadores naquele momento, por isso Ele diz:

Vers. 40. "Não te disse que, se creres, verás a glória de Deus?"

[3.] Verdadeiramente grande é a bênção da fé, grande e que torna grandes aqueles que a possuem corretamente, com boa vida. Por meio dela, os homens podem realizar as obras de Deus em Seu nome. E muito bem disse Cristo: “Se tiverdes fé, direis a este monte: Move-te daqui para acolá, e ele se moverá” (Mateus 17,20); e ainda, “Quem crê em Mim, fará também as obras que Eu faço, e fará maiores do que estas” (João 14,12). O que Ele quer dizer por “maiores”? São aquelas que depois se viu os discípulos realizarem. Pois até a sombra de Pedro ressuscitou um morto; assim, o poder de Cristo foi proclamado ainda mais. Pois não era tão maravilhoso que Ele, enquanto vivo, fizesse milagres, como o fato de que, depois de morto, outros fossem capacitados a realizar em Seu nome milagres maiores do que Ele fez. Esta foi uma prova indiscutível da Ressurreição; e mesmo que todos a tivessem visto, talvez não acreditassem da mesma forma. Pois poderiam dizer que foi uma aparência; mas quem visse que, em Seu nome apenas, se realizavam milagres maiores do que quando Ele estava entre os homens, não poderia descrer, a menos que fosse muito insensato.

Grande é, pois, a bênção da fé quando ela nasce de sentimentos ardentes, de grande amor e de uma alma fervorosa; ela nos torna verdadeiramente sábios, esconde nossa pequenez humana, e, deixando de lado os raciocínios inferiores, filosofa sobre as coisas do céu; ou melhor, o que a sabedoria humana não pode descobrir, ela compreende abundantemente e consegue alcançar. Apeguemo-nos, pois, a esta fé, e não deixemos nossos assuntos ao arbítrio dos raciocínios. Dize-me, por que os gregos não conseguiram descobrir nada? Não conheciam toda a sabedoria dos pagãos? Por que, então, não prevaleceram contra pescadores, fabricantes de tendas e pessoas sem estudo? Não foi porque estes últimos entregaram tudo à fé, enquanto aqueles confiavam apenas em argumentos? E assim esses últimos venceram Platão e

Pitágoras, em resumo, todos os que se desviaram; e eles superam aqueles cujas vidas foram gastas em astrologia, geometria, matemática e aritmética, que foram instruídos em todos os tipos de conhecimento e são tão superiores a eles quanto filósofos verdadeiros e reais são superiores aos naturalmente tolos e insanos.

Pois observa: esses homens afirmavam que a alma era imortal, ou melhor, não apenas afirmavam, mas persuadiam os outros disso. Os gregos, pelo contrário, inicialmente não sabiam o que era a alma; e quando descobriram e a distinguiram do corpo, ficaram em outra dúvida: uns diziam que era incorpórea, outros que era corpórea e se dissolvia com o corpo. Quanto ao céu, uns diziam que tinha vida e era deus, mas os pescadores ensinavam e persuadiam que era obra e desígnio de Deus. Agora, que os gregos usassem raciocínios não é estranho; mas que aqueles que parecem crentes sejam encontrados carnais, isso é motivo de lamento.

Por isso eles se desviaram, alguns dizendo que conhecem Deus como Ele mesmo se conhece — coisa que nem os gregos ousaram afirmar; outros, que Deus não pode gerar sem paixão, negando-lhe qualquer superioridade sobre os homens; e outros, que uma vida justa e uma conduta correta não valem nada. Mas não é hora de refutar tais coisas agora.

[4.] Entretanto, tanto Cristo como Paulo afirmam que a fé correta não adianta nada se a vida for corrupta, dando maior importância a esta segunda parte. Cristo, quando ensina, diz: "Nem todo o que me diz: Senhor, Senhor, entrará no reino dos céus" (Mateus 7,21); e ainda: "Muitos me dirão naquele dia: Senhor, não profetizamos em teu nome? E então lhes direi: Nunca vos conheci; apartai-vos de mim, vós que praticais a iniquidade" (Mateus 7,23). Pois aqueles que não cuidam de si mesmos facilmente caem na maldade, ainda que tenham fé verdadeira. Paulo, em sua carta aos Hebreus, assim exorta: "Segui a paz com todos e a santificação, sem a qual ninguém verá o Senhor" (Hebreus 12,14). Por "santificação" entende-se a castidade, de modo que cada um deve estar contente com sua própria esposa, sem se envolver com outra mulher; pois é impossível que alguém que não esteja satisfeito

com sua esposa seja salvo; certamente perecerá mesmo que pratique muitas ações justas, pois com a fornicação não se entra no reino dos céus.

Ou melhor, isso não é mais fornicação, mas adultério; pois como uma mulher casada que se une a outro homem comete adultério, assim também quem é casado e tem outra mulher comete adultério. Tal pessoa não herdará o reino dos céus, mas cairá no abismo. Ouve o que Cristo diz a respeito: "O seu verme não morrerá, e o fogo nunca se apagará" (Marcos 9,44). Pois não há perdão para quem, tendo esposa e o conforto dela, age com vergonha para com outra mulher; pois isso é libertinagem.

Se muitos se abstêm até de suas esposas em tempo de jejum ou oração, quão grande fogo acumula para si quem não se contenta com sua esposa, mas se mistura com outra! Se não é permitido a quem repudiou a própria esposa tomar outra (pois isso é adultério), quão maior mal comete quem, tendo esposa em casa, traz outra! Ninguém permita que essa doença habite em sua alma; arranque-a pela raiz. Não é tanto um mal à esposa, mas a si mesmo. Pois tão grave e imperdoável é essa ofensa que, se uma mulher se separa de marido idólatra sem consentimento, Deus a castiga; mas se se separa de um adúltero, não. Vês quão grande mal é? "Se alguma mulher fiel tem marido infiel, e ele consente em viver com ela, não o abandone" (1 Coríntios 7,13). Não assim com a prostituta; pois "quem repudiar a esposa, salvo por causa de fornicação, faz com que ela cometa adultério" (Mateus 5,32). Pois, já que a união faz um só corpo, quem se une à prostituta torna-se um só corpo com ela. Como, então, poderá a mulher virtuosa, membro de Cristo, receber tal pessoa, ou unir-se a membro de prostituta?

Observe o excesso de um mal (fornicação) sobre o outro (idolatria). A mulher que vive com um descrente não está impura — pois "o marido descrente é santificado pela esposa" (1 Coríntios 7,15) — mas com a prostituta a santificação se perde. Fornicação é coisa terrível e caminho para o castigo eterno; já neste mundo traz milhares de males. O homem culpado vive ansioso, penando; nada é melhor do que para os punidos, que entram em casa alheia com medo e tremor, suspeitando de todos, escravos ou livres.

Por isso, exorto-vos a libertar-vos dessa doença; e se não obedecerdes, não piseis no sagrado altar. Ovelhas com sarna e doenças não devem pastar com as saudáveis; devemos expulsá-las até que se curem. Somos membros de Cristo; não sejamos membros de uma prostituta. Este lugar não é bordel, mas igreja; se tens membros de prostituta, não fiques na igreja, para não insultar o lugar.

Se não houvesse inferno, se não houvesse castigo, ainda assim, depois do matrimônio, das tochas nupciais, da cama lícita, da procriação, como puderes unir-te a outra? Por que não te envergonhas? Não sabes que os que, após a morte da esposa, trazem outra são criticados, ainda que essa ação não tenha pena? Mas tu trazes outra enquanto a esposa vive. Que luxúria é essa! Ouve o que se diz deles: "O seu verme não morrerá, e o fogo não se apagará" (Marcos 9,44). Estremece com a ameaça, teme a vingança. O prazer aqui não é tão grande quanto o castigo ali; e que não aconteça a ninguém isso, mas que, exercendo a santidade, possa ver Cristo e obter as boas coisas prometidas, que todos possamos gozar pela graça e misericórdia de nosso Senhor Jesus Cristo, a quem, com o Pai e o Espírito Santo, seja glória para sempre. Amém.

Sermão LXIV
João 11, 41-42 — "Jesus levantou os olhos ao alto e disse: 'Pai, dou-Te graças por Me teres ouvido. Eu sabia que sempre Me ouves; mas falei por causa da multidão que está ao redor, para que creiam que Tu Me enviaste.'" — E o que se segue.

[1.] O que muitas vezes tenho dito, torno a dizê-lo agora: Cristo não busca tanto a Sua própria glória quanto a nossa salvação; não Lhe interessa proferir palavras sublimes, mas dizer algo que nos atraia a Ele. Por isso mesmo, Suas palavras sublimes e poderosas são poucas e também ocultas, ao passo que as humildes e modestas são muitas e abundam em Seus discursos. Pois, como por estas palavras os homens eram mais facilmente atraídos, nestas Ele persevera. Não profere sempre palavras elevadas, para que os homens vindouros não venham a se escandalizar; tampouco as omite inteiramente, para que os de então não se ofendam.

Com efeito, aqueles que progrediram da baixeza de espírito à perfeição são capazes de, por uma única doutrina elevada, compreender o todo; mas os que sempre foram rudes de espírito, se não ouvissem repetidas vezes essas palavras humildes, de forma alguma viriam a Ele. E de fato, mesmo depois de tantas palavras assim, não perseveram na fé, mas O apedrejam, perseguem, procuram matá-Lo e chamam-No de blasfemo. Quando Ele Se faz igual a Deus, dizem: "Este homem blasfema" (Mt 9,3); e quando diz: "Teus pecados te são perdoados" (Jo 10,20), vão além, chamando-O de possesso. Assim também, quando afirma que quem ouve Suas palavras é mais forte que a morte, ou "Eu estou no Pai e o Pai em Mim" (Jo 8,51), afastam-se Dele; escandalizam-se ainda quando declara ter descido do céu (Jo 6,33.60).

Ora, se não podiam suportar essas afirmações, ainda que raramente ditas, quão menos teriam dado ouvidos a Ele se todo o Seu discurso fosse sempre elevado e dessa natureza? Quando, pois, diz: "Como o Pai Me ordenou, assim falo" (Jo 14,31), e: "Não vim de Mim mesmo" (Jo 7,28), então creem. E que assim creem fica claro, pois o Evangelista observa: "Enquanto dizia essas coisas, muitos creram n'Ele" (Jo 5,30).

Se, pois, o falar humildemente levava os homens à fé, e o falar alto os afastava, não é insensatez extrema não perceber de imediato que o único motivo dessas palavras humildes era o bem dos ouvintes? Pois, noutro lugar, quando desejava dizer algo elevado, absteve-Se, dando esta razão: "Para que não os escandalizemos, lança um anzol ao mar" (Mt 17,27). O mesmo faz aqui: após dizer "Eu sei que sempre Me ouves", acrescenta: "mas por causa da multidão que está ao redor Eu o disse, para que creiam". São estas palavras nossas? É isto uma conjectura humana?

Ora, se alguém não se deixa persuadir pelo que está escrito — que eles se escandalizavam com coisas sublimes — como poderá, ao ouvir Cristo dizer que falava de modo humilde para que não se escandalizassem, ainda suspeitar que tais palavras modestas derivam de Sua natureza, e não de Sua condescendência? Da mesma forma, quando uma voz desce do céu, Ele diz: "Essa voz não veio por Minha causa, mas por causa de vós" (Jo 12,30).

Aquele que é elevado pode falar humildemente de Si mesmo; mas não é lícito ao humilde dizer de si algo grande ou sublime. Pois o primeiro fala por condescendência, por causa da fraqueza dos ouvintes — ou antes, para conduzi-los à humildade de espírito. E também por estar revestido de carne, por ensinar aos ouvintes a não dizerem coisas grandiosas sobre si próprios, por ser tido como inimigo de Deus, por não ser acreditado como vindo de Deus, por ser suspeito de quebrar a Lei, e pelo fato de os ouvintes O olharem com olhos maus, mal-intencionados, por ter dito que era igual a Deus.

Mas que um homem humilde diga de si mesmo alguma grandeza — isto não tem causa, nem razoável nem irrazoável; só pode ser insensatez, arrogância e audácia imperdoável. Por que, então, Cristo fala de modo humilde, sendo d'Aquela Substância inefável e excelsa? Pelas razões já ditas, e para que não fosse tido por inengendrado. Pois Paulo parece temer algo semelhante, e por isso diz: "Exceto Aquele que Lhe sujeitou todas as coisas" (1Cor 15,27). Tal coisa é ímpia até de se pensar.

Pois, se sendo menor que Aquele que O gerou, e de substância diversa, Ele fosse tido por igual, não usaria de todos os meios para que tal ideia não fosse admitida? Mas agora Ele faz o oposto, dizendo: "Se não faço as obras d'Aquele que Me enviou, não creiais em Mim" (Jo 10,37). Na verdade, ao dizer: "Eu estou no Pai e o Pai em Mim" (Jo 14,10), Ele nos dá a entender a igualdade.

Se Ele fosse inferior, seria necessário refutar essa ideia com vigor, e de modo algum afirmar: "Eu estou no Pai e o Pai em Mim" (Jo 10,30), ou "Nós somos Um", ou ainda: "Quem Me vê, vê o Pai" (Jo 14,9). Assim também, quando o discurso é sobre poder, diz: "Eu e o Pai somos Um"; e quando é sobre autoridade, diz: "Pois assim como o Pai ressuscita os mortos e lhes dá vida, assim também o Filho dá vida a quem quer" (Jo 5,21). Ora, isso seria impossível se Ele fosse de substância diversa; ou, ainda que possível, não convinha dizê-lo, para que não se suspeitasse que a substância fosse uma e a mesma.

Pois, se por não ser tido como inimigo de Deus Ele diz muitas coisas que não Lhe são próprias, muito mais o teria feito nesse caso; mas agora, ao dizer:

“Para que honrem o Filho como honram o Pai” (Jo 5,23), e: “As obras que Ele faz, Eu também as faço” (Jo 5,19), e afirmar que é “a Ressurreição, a Vida e a Luz do mundo” (Jo 11,25; 8,12), Ele se apresenta como igual Àquele que O gerou, e confirma a suspeita que tinham Dele.

Vês, pois, como Ele fala e Se defende, não apenas para mostrar que não viola a Lei, mas também para confirmar claramente a Sua igualdade com o Pai? Assim também, quando Lhe dizem: “Tu blasfemas, porque te fazes Deus” (Jo 10,33), é com base na igualdade das obras que Ele sustenta essa afirmação.

[2.] E por que digo eu que o Filho fez isso, se o próprio Pai, que não assumiu a carne, também o faz? Pois Ele igualmente permitiu que muitas coisas humildes fossem ditas a Seu respeito, para a salvação dos ouvintes. Por exemplo: “Adão, onde estás?” (Gn 3,9); e: “Descerei, pois, e verei se de fato praticaram segundo esse clamor” (Gn 18,21); e: “Agora sei que temes a Deus” (Gn 22,12); e: “Se ouvirem” (Ez 3,11); e: “Se compreenderem” (Dt 5,29); e: “Quem dera que este povo tivesse um coração assim!”; e ainda: “Não há entre os deuses ninguém semelhante a ti, Senhor” (Sl 86,8 [LXX: 80,29]); — todas essas expressões e muitas outras semelhantes no Antigo Testamento, se alguém as selecionar, verá que são indignas da dignidade de Deus.

No caso de Acab, diz-se: “Quem enganará Acab para que suba e caia em Ramot de Galaad?” (2 Cr 18,19). E o modo contínuo como se prefere o Senhor aos deuses dos pagãos por meio de comparações — tudo isso parece indigno de Deus. Contudo, de outro modo, tudo isso se torna digno d’Ele, pois Ele é tão bondoso que, por nossa salvação, não Se importa com palavras que não convêm à Sua dignidade. De fato, tornar-Se homem é indigno d’Ele, e assumir a forma de servo, e proferir palavras humildes, e revestir-Se de aparência humilde — tudo isso é indigno, se se olha à Sua dignidade; mas é digno, se se considera a inefável riqueza da Sua benignidade.

E há outra razão para a humildade de Suas palavras. Qual é? É que eles conheciam e confessavam o Pai, mas a Ele (Cristo) não conheciam. Por isso, volta-Se constantemente ao Pai, que era por eles confessado, porque Ele próprio ainda não era tido por digno de fé; não por alguma inferioridade Sua,

mas por causa da insensatez e fraqueza dos ouvintes. Por isso Ele ora e diz: “Pai, dou-Te graças porque Me ouviste.” Pois se Ele vivifica quem quer, e o faz assim como o Pai o faz, por que então invoca o Pai?

Mas é tempo agora de retomarmos o trecho desde o início.

“Tiraram, pois, a pedra de onde o morto jazia. E Jesus, levantando os olhos ao alto, disse: Pai, dou-Te graças porque Me ouviste. E Eu sabia que sempre Me ouves; mas por causa da multidão que está ao redor Eu disse isto, para que creiam que Tu Me enviaste.” (Jo 11,41-42)

Perguntemos então ao herege: teria Ele recebido um impulso da oração e, com isso, ressuscitado o morto? Como, então, realizou outros milagres sem oração? Como, por exemplo, ao dizer: “Espírito maligno, Eu te ordeno, sai dele” (Mc 9,25); e: “Quero, fica limpo” (Mc 1,41); e: “Levanta-te, toma teu leito” (Jo 5,8); e: “Teus pecados estão perdoados” (Mt 9,2); e ao mar: “Silêncio! Cala-te!” (Mc 4,39). Em suma, o que teria Ele mais do que os Apóstolos, se também operasse por oração? Ou melhor dizendo, nem mesmo os Apóstolos operaram sempre por oração, mas frequentemente agiam sem oração, apenas invocando o Nome de Jesus.

Ora, se o Nome d’Ele tinha tal poder, como poderia Ele necessitar de oração? Se precisasse de oração, o Nome d’Ele não teria poder algum. Quando criou o homem por completo, de que oração precisou? Não havia ali plena igualdade de glória? Pois disse: “Façamos o homem” (Gn 1,26). O que poderia ser maior sinal de fraqueza do que precisar de oração? Mas vejamos qual foi a oração: “Dou-Te graças porque Me ouviste.” Quem já orou assim? Antes mesmo de fazer qualquer pedido, Ele diz: “Dou-Te graças”, mostrando que não necessitava de oração.

“E Eu sabia que sempre Me ouves.”

Ele não disse isso como se fosse impotente, mas para mostrar que a vontade d’Ele e do Pai é uma só. Mas por que assumiu o gesto de quem ora? Ouve, não a mim, mas a Ele mesmo dizendo: “Por causa do povo que está ao redor, para

que creiam que Tu Me enviaste.” Ele não disse: “Para que creiam que sou inferior, que preciso de um impulso do alto, que sem oração nada posso fazer”; mas: “para que creiam que Tu Me enviaste.” Pois tudo isso a oração declara, se a tomarmos em sua simplicidade. Ele não disse: “Tu Me enviaste como fraco, reconhecendo servidão, sem nada poder fazer por Mim mesmo”; mas, afastando todas essas ideias, para que não suspeites de nada disso, Ele declara o verdadeiro motivo da oração: “Para que não pensem que sou inimigo de Deus; para que não digam que não vim de Deus; para que lhes mostre que o milagre foi realizado conforme Tua vontade.”

É como se dissesse: “Se Eu fosse inimigo de Deus, o que foi feito não teria tido sucesso.” Mas o “Tu Me ouviste” é dito entre amigos e iguais: “E Eu sabia que sempre Me ouves.” Isto é, “para que Minha vontade se realize, não preciso de oração, a não ser para convencer os homens de que a Ti e a Mim pertence uma só vontade.” “Por que, então, oraste?” Por causa dos fracos e dos grosseiros.

Versículo 43: “E, tendo dito isso, clamou em alta voz...”

Por que não disse: “Em nome de Meu Pai, sai”? Ou por que não disse: “Pai, ressuscita-o”? Por que omitiu todas essas expressões e, depois de assumir o gesto de quem ora, mostrou por Suas ações a autoridade independente? Porque isso também fazia parte da Sua sabedoria: mostrar humildade nas palavras, mas poder nos atos. Pois como nada tinham para acusá-Lo senão o fato de Ele “não ser de Deus” — e com isso enganavam muitos —, por isso Ele demonstra de modo mais abundante esse ponto específico, com palavras adequadas à fraqueza deles. Pois era capaz de outras formas de mostrar, ao mesmo tempo, Sua concordância com o Pai e Sua própria dignidade, mas a multidão não podia elevar-se a esse ponto. E Ele disse:

“Lázaro, vem para fora.”

[3.] É disso que Ele falou: “Vem a hora em que os mortos ouvirão a voz do Filho de Deus, e os que ouvirem viverão.” (Jo 5,28). Pois, para que não imaginasses que Ele recebeu de outrem o poder de operar milagres, Ele te

ensinou isso de antemão e deu provas por atos, e não disse simplesmente: "Levanta-te", mas sim: "Vem para fora", dirigindo-se ao morto como se estivesse vivo. Que autoridade poderia ser igual a essa? E se Ele não o fez por Seu próprio poder, que teria então a mais que os Apóstolos, que disseram: "Por que olhais para nós, como se por nossa própria força ou santidade tivéssemos feito este homem andar?" (At 3,12). Pois, se não agindo por Seu próprio poder, Ele não disse aquilo que os Apóstolos disseram de si mesmos, então, de certo modo, eles seriam mais verdadeiramente sensatos que Ele, por terem recusado a glória. E noutro lugar dizem: "Por que fazeis essas coisas? Também nós somos homens sujeitos às mesmas paixões que vós." (At 14,15). Os Apóstolos, como nada faziam por si mesmos, assim falavam para convencer os homens disso; mas Ele, quando se formava opinião semelhante a Seu respeito, acaso não teria dissipado a suspeita, se ao menos não agisse por Sua própria autoridade? Quem ousaria afirmar tal coisa? Na verdade, Cristo faz o contrário, ao dizer: "Por causa da multidão que está ao redor é que Eu disse isso, para que creiam." De modo que, se cressem, não haveria necessidade de oração. Ora, se a oração não fosse indigna de Sua dignidade, por que Ele a teria atribuído à multidão? Por que não disse: "Faço isso para que creiam que Eu não sou igual a Ti"? Pois, diante da suspeita, Ele deveria ter chegado a esse ponto. Quando foi suspeito de transgredir a Lei, usou expressão direta — mesmo quando nada Lhe haviam dito —: "Não penseis que vim abolir a Lei." (Mt 5,17); mas aqui, Ele confirma a suspeita. De fato, qual a necessidade de rodeios e de palavras veladas? Bastava dizer: "Não sou igual", e a questão estaria resolvida. "Mas," dirá alguém, "Ele não disse acaso: 'Não faço a Minha própria vontade'?" Mesmo isso Ele fez de modo velado, apropriado à fraqueza deles, e pela mesma razão que o levou a fazer oração.

Mas o que significa "Que Me ouviste"? Significa: "Que nada há da Minha parte contrário a Ti." Assim como o "Que Me ouviste" não é palavra de quem declara que não tem poder em si mesmo (pois, se fosse, seria não apenas impotência, mas ignorância, se antes de orar Ele não soubesse que Deus atenderia Sua oração; e se não soubesse, como pôde então dizer: 'Vou para despertá-lo', e não: 'Vou orar ao Pai para que o desperte'?). Assim como essa expressão é sinal não de fraqueza, mas de identidade de vontade, o mesmo se deve dizer de "Tu sempre Me ouves". Devemos, pois, dizer isto, ou então que

foi dito para combater suas suspeitas. Ora, se Ele não era nem ignorante nem fraco, é claro que proferiu essas palavras humildes para que tu fosses persuadido pelo excesso delas, e te visses forçado a confessar que tais palavras não convêm à Sua dignidade, mas procedem de condescendência. Que dizem então os inimigos da verdade? "Ele não disse essas palavras, 'Tu Me ouviste'," diz alguém, "por causa da fraqueza dos ouvintes, mas para mostrar superioridade." Contudo, isso não era mostrar superioridade, mas humilhar-Se profundamente, e apresentar-Se como alguém que nada tinha de mais que um homem. Pois orar não convém a Deus, nem àquele que é coeterno ao trono divino. Vês então que Ele chegou a isso por nenhuma outra causa senão pela incredulidade deles? Repara, ao menos, que a própria ação dá testemunho de Sua autoridade.

"Ele chamou, e o morto saiu, ainda envolto." Então, para que o fato não parecesse uma ilusão (pois o fato de sair ainda atado não parecia menos maravilhoso que a própria ressurreição), Jesus mandou que o desatassem, para que, ao tocá-lo e aproximarem-se, vissem que realmente era ele. E disse:

"Deixai-o ir."

Vês Sua humildade? Ele não o leva consigo, nem ordena que o acompanhe, para que não pareça a alguém estar exibindo-o; tão bem sabia Ele guardar a moderação.

Quando o sinal foi realizado, alguns se admiraram, outros foram contar aos fariseus. Que fizeram então? Quando deveriam ter-se maravilhado e O adorado, conspiraram para matar Aquele que ressuscitara um morto. Que insensatez! Pensaram em entregar à morte Aquele que vencera a morte nos corpos dos outros.

Versículo 47. "E disseram: Que faremos? Pois este homem realiza muitos milagres."

Ainda O chamam de “homem”, aqueles que tinham recebido tantas provas de Sua divindade. “Que faremos?” Deveriam crer, adorá-Lo, prostrar-se diante d’Ele, e já não considerá-Lo como um simples homem.

Versículo 48. “Se O deixarmos assim, todos crerão n’Ele, e os romanos virão e destruirão nosso lugar e nossa nação.”

O que é que deliberam fazer? Querem incitar o povo, como se eles próprios corressem perigo de serem acusados de querer fundar um reino. “Pois se,” diz um deles, “os romanos souberem que este Homem está arrastando as multidões, suspeitarão de nós, e virão destruir nossa cidade.” Por quê, dize-me? Ele pregava alguma revolta? Não permitiu Ele que se pagasse tributo a César? Não fostes vós que desejastes fazê-Lo rei, e Ele fugiu? Não viveu Ele uma vida simples e discreta, sem casa nem posses? Portanto, disseram isso, não porque acreditassem realmente, mas por malícia. Contudo, aconteceu o contrário do que esperavam: os romanos tomaram sua cidade e sua nação depois que mataram Cristo. Pois os atos realizados por Ele estavam acima de qualquer suspeita. Aquele que curava os doentes, ensinava o caminho mais excelente de vida, e ordenava obedecer às autoridades, não fundava uma tirania, mas a desfazia. “Mas,” dirá alguém, “julgamos a partir de impostores anteriores.” Mas eles, sim, ensinavam a revolta; Ele, o contrário. Vês que essas palavras eram apenas um pretexto? Pois que ação semelhante Ele praticou? Conduzia guarda-costas pomposos? Tinha séquito em carros de guerra? Não buscava antes os desertos? Mas eles, para não parecerem falar por ódio pessoal, alegam que toda a cidade está em perigo, que o bem comum está ameaçado, e que devem temer o pior. Essas, porém, não foram as causas da vossa escravidão, mas coisas contrárias a elas; tanto na última quanto na do cativeiro babilônico e naquele sob Antíoco: não foi por haver entre vós adoradores, mas porque havia injustos que provocavam a ira de Deus — isso é o que vos fez cair na servidão. Mas tal é a inveja: ela impede que os homens vejam o que deveriam ver, quando já cegou totalmente a alma. Não ensinou Ele aos homens a serem mansos? Não ordenou que, se alguém nos ferisse na face direita, lhe déssemos também a esquerda? Não mandou que, ao sofrer uma injustiça, a suportássemos? Que mostrássemos mais prontidão para suportar o mal do que outros para

infligi-lo? São esses, dize-me, os sinais de alguém que estabelece uma tirania, ou de alguém que a destrói?

[4.] Mas, como disse, a malícia é coisa terrível, e cheia de hipocrisia; ela encheu o mundo de dez mil males. Por causa dessa enfermidade estão cheios os tribunais; dela provém o desejo de fama e de riquezas, dela o amor ao poder e a insolência. Por ela os caminhos estão cheios de salteadores e o mar de piratas; dela procedem os homicídios espalhados pelo mundo; por ela a raça humana é dilacerada, e todo o mal que possas ver, verás que dele provém. Ela penetrou até mesmo nas igrejas; ela causou desde o princípio dez mil horrores; é a mãe da avareza; essa enfermidade transtornou todas as coisas e corrompeu a justiça. Pois, como está escrito: "Os presentes cegam os olhos dos sábios e como um freio na boca desviam as repreensões." (Eclo 20,29 — LXX e margem da Bíblia em inglês.)

Ela faz escravos os homens livres; sobre ela falamos todos os dias, e nada disso aproveita, pois tornamo-nos piores do que as feras selvagens; saqueamos os órfãos, despojamos as viúvas, fazemos injustiça aos pobres, somamos dor a dor. "Ai! Porque o justo pereceu da terra!" (Mq 7,1-2.) Também nos cabe, pois, lamentar; ou antes, deveríamos dizer isso todos os dias. De nada servem nossas orações, de nada nossos conselhos e exortações; resta, pois, que choremos. Assim fez Cristo: depois de muitas vezes ter exortado os de Jerusalém e de nada ter aproveitado, chorou por causa da dureza deles. Assim também fizeram os Profetas; e isso façamos nós agora. Doravante é tempo de pranto, de lágrimas e lamentos; é tempo de dizermos também: "Chamem as pranteadoras, e mandem buscar as hábeis em lamentar, para que levantem alta lamentação." (Jr 9,17)

Talvez assim consigamos extirpar a enfermidade dos que constroem casas suntuosas, dos que se cercam de terras obtidas por rapina. É tempo de prantear; mas tomai parte comigo neste pranto, vós que fostes espoliados e feridos; com vossos lamentos, provocai as minhas lágrimas. E enquanto chorarmos, choremos não por nós, mas por eles; pois eles não vos feriram tanto quanto destruíram a si mesmos. Porque vós tendes o Reino dos Céus em recompensa pela injustiça sofrida, e eles, o inferno em troca do ganho

obtido. Por isso é melhor ser ferido do que ferir. Lamentemo-los com lamentos não humanos, mas com os das Sagradas Escrituras, com os quais também os Profetas se lamentavam.

Com Isaías lamentemos amargamente, dizendo: "Ai dos que ajuntam casa a casa, e campo a campo acrescentam, até que nada reste ao próximo; porventura habitareis vós sós na terra? Grandes casas e formosas, mas nelas não haverá moradores." (Is 5,8-9)

Choremos com Naum e digamos com ele: "Ai daquele que edifica sua casa nas alturas." (Ou talvez Jr 22,13.) Ou antes, choremos por eles como Cristo chorou pelos antigos: "Ai de vós, ricos, porque já recebestes a vossa consolação." (Lc 6,24)

Rogo-vos, não cessemos de lamentar; e se não for impróprio, batamos até no peito por causa da indiferença de nossos irmãos. Não choremos por quem já está morto, pois sobre eles já não é possível operar nada; choremos por aqueles que ainda podem mudar. E, enquanto choramos, talvez eles riam. Mas também isso é motivo de pranto: que eles riam quando deveriam chorar. Pois se fossem tocados por nossas dores, caberia cessarmos de lamentar em vista da esperança de sua conversão. Mas como têm ânimo insensível, sigamos chorando, não apenas pelos ricos, mas por todos os amantes do dinheiro, os ávidos, os rapaces.

A riqueza em si não é um mal — pois podemos usá-la retamente, ao gastá-la com os necessitados — mas a cobiça é um mal, e prepara punições eternas. Lamentemo-los, pois; talvez venha alguma conversão. Ou, se os que caíram não escaparem, ao menos outros evitarão cair, guardando-se contra esse perigo. Possa acontecer que eles sejam libertos de sua enfermidade, e que nenhum de nós venha jamais a cair nela, para que todos juntos alcancemos os bens prometidos, pela graça e benignidade de nosso Senhor Jesus Cristo, a quem seja dada a glória pelos séculos dos séculos. Amém.

Sermão LXV
João 11,49-50 — "E um deles, chamado Caifás, sendo sumo sacerdote naquele ano, disse-lhes: Vós nada sabeis, nem considerais que nos convém que um homem morra pelo povo, e que toda a nação não pereça", etc.

[1.] "Os gentios caíram na cova que fizeram; no laço que esconderam, ficou preso o seu pé." (Salmo 9,15, segundo a LXX). Isto se cumpriu nos judeus. Disseram que matariam Jesus para que os romanos não viessem e tirassem o seu lugar e a sua nação; e, quando O mataram, estas coisas justamente lhes aconteceram, e, ao fazerem o que pensavam que os livraria, acabaram por não escapar. Aquele que foi morto está no Céu, e os que O mataram têm por herança o inferno. Contudo, eles não consideraram estas coisas; mas o que fizeram? "Desde aquele dia", diz o texto, "resolveram matá-lo" (v. 53); pois diziam: "Os romanos virão e tirarão nossa nação"; e um deles, Caifás, sendo sumo sacerdote naquele ano (homem mais desavergonhado que os demais), disse: "Vós nada sabeis". O que os outros apresentavam com dúvida e em forma de deliberação, este proclamou em alta voz, sem vergonha, abertamente, com audácia. Pois que diz ele? "Vós nada sabeis, nem considerais que nos convém que um homem morra, e que toda a nação não pereça".

Verso 51 – "Ora, ele não disse isso de si mesmo, mas, sendo sumo sacerdote naquele ano, profetizou."

Vês quão grande é a força da dignidade sacerdotal? Pois mesmo tendo sido considerado digno do sacerdócio sem realmente o ser, profetizou, sem saber o que dizia; e a graça usou apenas da sua boca, sem tocar o seu coração maldito. Na verdade, muitos outros predisseram coisas futuras, ainda que fossem indignos, como Nabucodonosor, Faraó, Balaão; e a razão disso tudo é evidente. Mas o que Caifás disse foi algo assim: "Vós ainda estais passivos, tratando esta questão com negligência, e não compreendeis como desprezar a vida de um homem em favor da comunidade." Vê o poder do Espírito: a partir de uma imaginação maligna, Ele foi capaz de fazer brotar palavras cheias de maravilhosa profecia. O evangelista chama os gentios de "filhos de Deus" pelo que haveria de acontecer futuramente; como também o próprio

Cristo disse: “Tenho ainda outras ovelhas” (Jo 10,16), referindo-se ao que mais tarde viria a ocorrer.

Mas que quer dizer “sendo sumo sacerdote naquele ano”? Até esta instituição se havia corrompido; pois, desde que os cargos passaram a ser comprados, já não permaneciam no sacerdócio por toda a vida, mas por apenas um ano. Contudo, mesmo neste estado de coisas, o Espírito ainda estava presente. Mas quando levantaram as mãos contra Cristo, então Ele os deixou e passou para os Apóstolos. Isso foi simbolizado pela rasgadura do véu e pela voz de Cristo que disse: “Eis que a vossa casa vos será deixada deserta.” (Mt 23,38). E José Flávio, que viveu pouco tempo depois, narra que certos anjos, que ainda permaneciam com eles (para ver se mudariam de conduta), os abandonaram. Enquanto a vinha se manteve, tudo corria bem; mas, depois de matarem o Herdeiro, não mais, e eles pereceram. E Deus, tirando-lhes a vinha, como quem tira uma veste gloriosa de um filho inútil, deu-a a servos sensatos dentre os gentios, deixando os outros desolados e nus. Além disso, não foi pouca coisa que até um inimigo tenha profetizado tal coisa. Isso poderia mover outros à conversão. Pois, quanto à sua vontade, o que aconteceu foi o contrário, pois, ao morrer Cristo, os fiéis foram por isso libertos do castigo vindouro. Que significa: “para reunir em um os filhos de Deus que andavam dispersos” (v. 52)? Fez deles um só Corpo. Aquele que vive em Roma considera o indiano como um membro de si mesmo. Que há de igualar-se a essa “reunião”? E o Cabeça de todos é Cristo.

Verso 53 – “Desde aquele dia, pois, tomaram conselho para o matar.”

E, de fato, já tinham buscado fazê-lo antes; pois o evangelista diz: “Por isso, pois, os judeus procuravam matá-lo” (Jo 5,18); e: “Por que procurais matar-me?” (Jo 7,19). Mas então apenas procuravam; agora, confirmaram sua decisão e assumiram a execução do ato como se fosse uma incumbência oficial.

Verso 54 – “Jesus, pois, já não andava abertamente entre os judeus.”

[2.] Outra vez Ele salva a Si mesmo de modo humano, e isso Ele faz

continuamente. Mas já mencionei o motivo pelo qual Ele frequentemente se afastava e se retirava. E, nesta ocasião, Ele permaneceu em Efrata, próximo ao deserto, e ali ficou com Seus discípulos. Como pensas que esses discípulos ficaram confusos ao vê-Lo salvando a Si mesmo como um homem comum? Depois disso, ninguém mais O seguiu. Pois, como a Festa estava próxima, todos corriam para Jerusalém; mas eles, justamente num tempo em que todos os demais se alegravam e celebravam solenemente, escondiam-se, e estavam em perigo. Contudo, ainda assim permaneceram com Ele. Pois eles se ocultaram na Galileia, na época da Páscoa e da Festa dos Tabernáculos; e depois disso, novamente durante a Festa, somente eles, de todos, estavam com seu Mestre, em fuga e ocultação, manifestando assim sua boa vontade para com Ele. Daí Lucas registrar que Ele disse: "Vós permanecestes comigo nas minhas tentações" (cf. Lc 22,28); e isso Ele disse mostrando que eles foram fortalecidos por Sua influência.

Vers. 55: "E muitos subiram do campo a Jerusalém para se purificarem antes da Páscoa."

Vers. 57: "E os sumos sacerdotes e os fariseus tinham dado ordem de que, se alguém soubesse onde Ele estava, o denunciasse para que O pudessem prender."

Uma purificação admirável, com vontade assassina, com intenções homicidas e mãos manchadas de sangue!

Vers. 56: "E diziam: Pensais que Ele não virá à festa?"

Por meio da Páscoa tramaram contra Ele, e fizeram do tempo da festa um tempo de assassinato, isto é, pensavam que ali Ele cairia em suas mãos, porque a época O chamava. Que impiedade! Quando precisavam de maior cuidado e de perdoar até os que tivessem cometido os piores delitos, foi então que tentaram prender Aquele que nada fizera de errado. Contudo, agindo assim, não apenas não obtiveram nenhum proveito, mas tornaram-se ridículos. Pois, vindo continuamente ao meio deles, Ele escapava, e os continha quando tramavam matá-Lo, e os deixava perplexos, querendo

feri-los com a demonstração de Seu poder; para que, quando O prendessem, soubessem que o que havia sido feito não se dera por seu poder, mas por Sua permissão. Pois nem mesmo naquela hora podiam prendê-Lo — e isso mesmo estando Betânia tão próxima; e, quando O prenderam, Ele os fez recuar.

João 12,1-2: "Seis dias antes da Páscoa, Jesus foi a Betânia, onde estava Lázaro, o que morrera, e que Ele ressuscitara dentre os mortos. Ali fizeram-Lhe uma ceia, e Marta servia, enquanto Lázaro era um dos que estavam à mesa com Ele."

Isto era uma prova da veracidade de sua ressurreição: que, depois de muitos dias, ele ainda vivia e comia. "E Marta servia"; de onde se vê claramente que o banquete era em sua casa, pois recebiam Jesus como a um amigo amado. Alguns, no entanto, dizem que se deu na casa de outro. Maria não servia, pois era discípula. Aqui novamente ela agiu de forma mais espiritual. Pois não serviu como convidada, nem ofereceu seus serviços a todos igualmente. Mas dirigiu a honra somente a Ele, e O abordou não como a um homem, mas como a um Deus. Por isso derramou o unguento e enxugou os pés d'Ele com os cabelos de sua cabeça — o que era ação de quem não tinha a mesma opinião que os demais acerca d'Ele; no entanto, Judas a repreendeu, sob o pretexto — por certo — de zelo pelos pobres. Que diz então Cristo? "Ela fez boa obra para o Meu sepultamento." Mas por que Ele não expôs o discípulo, nem disse o que o Evangelista declarou, que ele a repreendera por ser ladrão? Em Sua abundante longanimidade, Ele quis reconduzi-lo ao bem. Pois, sabendo que ele era um traidor, desde o início já o advertira várias vezes, dizendo: "Nem todos vós credes" (Jo 6,64), e: "Um de vós é um diabo" (Jo 6,70). Mostrava-lhes que sabia que ele era um traidor, mas não o repreendia abertamente, antes o suportava, querendo reconduzi-lo.

Como então diz outro evangelista que todos os discípulos disseram tais palavras? (cf. Mt 26,8-9) Todos as disseram, e ele também, mas os outros não com a mesma intenção. E se alguém perguntar por que Ele confiou a bolsa dos pobres a um ladrão, e fez dele o ecônomo, sendo ele amante do dinheiro, responderíamos que Deus conhece a razão secreta; mas, se pudermos dizer

algo por conjectura, foi para que ele ficasse sem desculpa. Pois não poderia dizer que fez tal coisa por amor ao dinheiro — já que tinha na bolsa o bastante para saciar seu desejo — mas por extrema malícia, a qual Cristo quis restringir, usando de grande condescendência para com ele. Por isso nem mesmo o repreendeu por roubo, embora soubesse, cortando-lhe o caminho da ganância, e tirando-lhe toda desculpa. "Deixai-a", diz Ele, "para o dia da Minha sepultura ela o guardou." Novamente, menciona o traidor ao falar de Sua sepultura. Mas a repreensão não o alcança, nem a expressão o comove, ainda que suficiente para inspirar compaixão: como se dissesse, "Sou um peso, um incômodo, mas esperai um pouco, e partirei." Isso também Ele quis dizer ao dizer:

Vers. 8: "Pois sempre tereis os pobres convosco, mas a Mim nem sempre Me tereis."

Mas nada disso demoveu aquele selvagem insensato; contudo, na verdade, Jesus disse e fez muito mais do que isso: lavou-lhe os pés naquela noite, fez dele partícipe da mesa e do sal — o que costuma abrandar até os corações de ladrões — e proferiu outras palavras capazes de derreter uma pedra; e isso não muito antes, mas no próprio dia, para que nem mesmo o tempo apagasse da memória. Mas ele resistiu a tudo.

[3.] Pois terrível, terrível é o amor ao dinheiro: ele cega os olhos e tapa os ouvidos, tornando os homens piores que as feras selvagens, levando-os a não considerarem nem a consciência, nem a amizade, nem a convivência, nem a salvação da própria alma. Ao afastá-los de todas essas coisas, como uma senhora cruel, faz daqueles que captura seus escravos. E o aspecto mais temível dessa escravidão amarga é que ela persuade seus cativos até a serem-lhe gratos; e quanto mais se tornam escravos, mais aumenta seu prazer. E é justamente assim que a doença se torna incurável, e o monstro difícil de vencer.

Foi isso que fez de Geazi um leproso em vez de discípulo e profeta; foi isso que destruiu Ananias e sua esposa; foi isso que fez de Judas um traidor; foi isso que corrompeu os chefes dos judeus, que aceitavam subornos e se

tornaram cúmplices de ladrões. Foi isso que trouxe dez mil guerras, enchendo os caminhos de sangue, as cidades de prantos e lamentos. Foi isso que tornou as refeições impuras, as mesas malditas, e encheu o alimento de transgressão. Por isso Paulo o chamou de "idolatria" (Colossenses 3,5); e mesmo assim, nem assim conseguiu afastar os homens disso.

E por que ele o chama de "idolatria"? Muitos possuem riquezas e não ousam usá-las, mas as consagram, transmitindo-as intocadas, não ousando tocá-las, como se fossem coisa sagrada. E se em algum momento são forçados a fazê-lo, sentem como se tivessem cometido algo ilícito. Além disso, assim como o grego cuida zelosamente de sua imagem esculpida, assim tu confias teu ouro a portas e trancas, providenciando um cofre no lugar de um altar, e o guardas em vasos de prata. Mas tu não te inclinas diante dele como o grego diante da imagem? No entanto, mostras-lhe toda sorte de reverência.

Além disso, ele preferiria entregar os próprios olhos ou a própria vida a renunciar à sua imagem; o mesmo fazem os amantes do ouro. "Mas", dirás, "eu não adoro o ouro." Tampouco ele, diz ele, adora a imagem, mas o demônio que nela habita; e do mesmo modo tu, embora não adores o ouro, adoras o demônio que se lança sobre tua alma a partir do desejo pelo ouro. Pois mais grave que um espírito maligno é a cobiça do amor ao dinheiro, e muitos obedecem a ela mais do que outros aos ídolos. Estes, em muitas coisas, desobedecem; mas os avarentos obedecem em tudo, e fazem tudo o que o desejo lhes ordena.

O que ela diz? "Sê inimigo de todos", ela diz, "em guerra com todos, não reconheças parentesco, despreza a Deus, sacrifica a mim a ti mesmo"; e em tudo isso eles obedecem. Aos ídolos se sacrificam bois e ovelhas; mas a avareza diz: "Sacrifica-me a tua própria alma", e o homem obedece. Vês que tipo de altar ela tem, que tipo de sacrifício ela exige?

Os avarentos não herdarão o Reino de Deus (1 Coríntios 6,10); mas nem mesmo isso os faz temer. E no entanto esse desejo é o mais fraco de todos, não é inato, nem natural — pois, se fosse, teria sido posto em nós desde o princípio. Ora, no início não havia ouro, nem homem algum desejava ouro.

Mas, se quiseres, eu te direi de onde entrou esse mal: foi pela inveja que cada um teve do que veio antes de si. Os homens aumentaram a doença; e aquele que obtinha mais provocava o desejo naqueles que antes não o tinham. Pois, ao verem casas esplêndidas, terras extensas, muitos escravos, vasos de prata e montes de roupas, os homens usaram todos os meios para superá-los. Assim, os primeiros foram causa dos segundos, e estes dos que vieram depois.

Ora, se fossem sóbrios, não seriam mestres do mal para os outros; no entanto, nem mesmo estes têm desculpa. Pois há outros também que desprezam as riquezas. "E quem", dirás, "as despreza?" O terrível é que, por causa da extensão da maldade, isso parece impossível, e nem mesmo se crê que alguém possa agir retamente. Devo, então, mencionar muitos, tanto nas cidades quanto nos montes? E que aproveitaria? Vós não vos tornareis melhores com seu exemplo. Além disso, meu discurso agora não tem o objetivo de vos fazer esvaziar-vos de vossos bens — quisera eu que pudésseis! Contudo, já que o fardo é demasiado pesado para vós, não vos obrigo. Apenas vos aconselho a não cobiçardes o que é alheio, e a repartirdes um pouco do que é vosso.

Há muitos que encontraremos contentes com o que possuem, cuidando do que é seu, vivendo do trabalho honesto. Por que não os igualamos e imitamos? Pensemos naqueles que vieram antes de nós. Não estão aí ainda os seus bens, preservando nada além do nome: o banho de fulano, a vila de beltrano? Não gememos logo que os vemos, ao considerar quanto esforço suportaram, quantas violências cometeram? E agora já não são vistos, enquanto outros gozam de seus bens — homens que eles jamais esperavam que o fizessem, talvez até seus inimigos — ao passo que eles mesmos estão sofrendo os castigos mais extremos.

Essas coisas nos aguardam também a nós; pois certamente morreremos, e teremos que nos submeter ao mesmo fim. Quanta ira, dize-me, quanto gasto, quantas inimizades esses homens acumularam — e qual o ganho? Castigo eterno, sem consolação alguma; e a acusação, não só em vida, mas depois de mortos, por parte de todos.

E quando vemos as imagens de tantos acumuladas nas casas, não choramos ainda mais? Com razão disse o Profeta: "Na verdade, todo homem vivo se inquieta em vão" (Salmo 38,12 LXX); pois o cuidado com essas coisas é de fato inquietação, inquietação e trabalho sem proveito.

Mas assim não é nas moradas eternas, assim não é naquelas tendas. Aqui, um trabalha, e outro goza; mas lá, cada um possuirá o fruto de seus próprios labores e receberá uma recompensa multiplicada. Avancemos para alcançar essa posse; preparemos lá para nós casas, para que descansemos em Cristo Jesus, nosso Senhor, a quem, com o Pai e o Espírito Santo, seja a glória pelos séculos dos séculos. Amém.

Sermão LXVI
João 12,8 – "Grande multidão dos judeus soube, pois, que Ele estava ali, e vieram, não só por causa de Jesus, mas também para verem Lázaro, a quem Ele ressuscitara dos mortos."

[1.] Assim como as riquezas costumam precipitar na perdição os que não estão atentos, também o faz o poder: as primeiras conduzem à cobiça, o segundo à soberba. Vê, por exemplo, como o povo simples dos judeus é são, enquanto seus governantes estão corrompidos; pois que os primeiros creram em Cristo, os evangelistas continuamente afirmam, dizendo que "muitos da multidão creram n'Ele" (Jo 7,31.48), mas os que eram dos chefes não criam. E eles mesmos dizem – não a multidão – "Acaso algum dos chefes creu n'Ele?" Mas que diz um deles? "Esta multidão que nada sabe da Lei é maldita" (Jo 7,49); chamam de malditos os crentes, e a si mesmos, que são assassinos, consideram sábios.

Neste trecho também, tendo contemplado o milagre, muitos creram; mas os chefes, não contentes com suas más ações, também tentavam matar Lázaro. Suponhamos que quisessem matar a Cristo porque Ele quebrava o sábado, porque Se fazia igual ao Pai e por causa dos romanos que eles alegavam — ainda assim, que culpa tinha Lázaro, para que buscassem matá-lo? Acaso receber um benefício é um crime? Vês como o desejo de matar já dominava a

vontade deles? Ainda que Cristo tenha realizado muitos milagres, nenhum os exasperou tanto quanto este — nem o do paralítico, nem o do cego — pois este era mais admirável em sua natureza e aconteceu após muitos outros milagres; e era uma coisa estranha ver um homem morto há quatro dias caminhando e falando.

Ação honrosa, de fato, para a festa: misturar a solenidade com assassinatos! Além disso, no primeiro caso, podiam acusá-Lo de violar o sábado, e assim afastar o povo; mas aqui, como não tinham de que acusar, atentavam contra o próprio homem curado. Aqui nem sequer podiam alegar que Ele era contrário ao Pai, pois a oração que Ele fizera silenciava tais acusações. Já que a acusação que costumavam repetir foi removida, e o milagre era evidente, apressaram-se a matar. O mesmo teriam feito com o cego, se não tivessem tido a oportunidade de acusar por causa do sábado. Além disso, aquele homem era de pouca importância e foi expulso do templo; mas Lázaro era alguém de prestígio, como é evidente, já que muitos foram consolar suas irmãs; e o milagre se deu à vista de todos, e de modo maravilhoso. Por isso todos correram para vê-lo. Isso foi o que os feriu: que, enquanto a festa estava acontecendo, todos o abandonassem para ir a Betânia. Puseram, pois, as mãos para matá-lo, e pensavam não estar ousando coisa alguma, tão inclinados ao homicídio estavam. Por isso a Lei, logo ao começar, abre com este mandamento: "Não matarás" (Êx 20,13); e o Profeta faz este apelo contra eles: "Vossas mãos estão cheias de sangue." (Is 1,15)

Mas como é que, depois de não andar mais abertamente entre os judeus e de retirar-se para o deserto, agora Ele entra de novo abertamente? Tendo acalmado sua ira com o afastamento, volta quando eles estavam mais quietos. Além disso, a multidão que o precedia e o seguia era suficiente para os deixar perturbados; pois nenhum sinal atraiu tanto o povo quanto o de Lázaro. E outro Evangelista diz que lançavam seus mantos sob Seus pés (Mt 21,8) e que "a cidade inteira se comoveu" (Mt 21,10); com tamanha honra Ele entrou. E isso Ele fez, ao mesmo tempo figurando uma profecia e cumprindo outra; e o mesmo ato era o começo de uma e o fim da outra. Pois o "Alegra-te, filha de Sião, eis que teu Rei vem a ti, manso" (Zc 9,9), se referia a Ele como

cumprimento de profecia; e o fato de montar um jumentinho prefigurava um evento futuro: que a raça impura dos gentios estaria sujeita a Ele.

Mas como dizem os outros evangelistas que Ele enviou discípulos e disse: "Soltai a jumenta e o jumentinho" (Mt 21,2), enquanto João nada diz disso, mas apenas que "tendo encontrado um jumentinho, sentou-Se sobre ele"? Porque é provável que ambas as coisas tenham ocorrido: que depois que o animal foi solto, enquanto os discípulos o traziam, Ele o encontrou e sentou-Se sobre ele. E eles tomaram ramos de palmeiras e oliveiras, e estendiam seus mantos no caminho, mostrando que agora tinham uma opinião mais elevada sobre Ele do que a de simples profeta, e diziam:

Verso 13 – "Hosana! Bendito o que vem em nome do Senhor!"

Vês o que mais os sufocava: o fato de que todos estavam convencidos de que Ele não era inimigo de Deus? E isso mais dividia o povo: Ele dizer que vinha do Pai. Mas que significa:

Verso 15 – "Alegra-te grandemente, ó filha de Sião"?

Porque todos os seus reis foram, na maior parte, injustos e cobiçosos, entregaram-nos a seus inimigos, perverteram o povo e o sujeitaram aos seus adversários; "Tem bom ânimo", diz a Escritura, "este Rei não é como os outros, mas manso e gentil", como se mostra pelo jumento: pois Ele não entra com um exército, mas tendo apenas um jumentinho.

Verso 16 – "Mas isto", diz o Evangelista, "os discípulos não entenderam a princípio, que estava escrito a respeito d'Ele."

[2.] Vês que eles eram ignorantes em muitos pontos, porque Ele não lhes revelava? Pois, quando disse: "Destruí este Templo, e em três dias o levantarei" (Jo 2,19), nem então os discípulos compreenderam. E outro evangelista afirma que "a palavra estava oculta deles" (Lc 18,34), e que eles não sabiam que Ele haveria de ressuscitar dos mortos. Ora, isto foi ocultado deles com razão (por isso outro evangelista diz que, ao ouvirem isso de

tempos em tempos, entristeciam-se e ficavam abatidos), e isso porque não compreendiam o que Ele dizia sobre a Ressurreição. Foi, pois, com razão que lhes foi ocultado, pois era algo elevado demais para eles. Mas por que o episódio do jumentinho não lhes foi revelado? Porque isto também era algo grande. Mas observa a sabedoria do evangelista: como ele não se envergonha de expor abertamente a antiga ignorância deles. Eles sabiam que aquilo estava escrito, mas não sabiam que estava escrito a respeito Dele. Pois isso os teria escandalizado, que Ele, sendo Rei, fosse sofrer tais coisas e fosse traído. Além disso, não poderiam compreender de imediato o conhecimento do Reino de que Ele falava, pois outro evangelista diz que eles pensavam que aquelas palavras se referiam a um reino deste mundo (Mt 20,21).

Versículo 17. "O povo dava testemunho de que Ele havia ressuscitado Lázaro."

Pois tantos não teriam sido repentinamente convertidos, a menos que tivessem acreditado no milagre.

Versículo 19. "Os fariseus, portanto, disseram entre si: Vede que nada conseguimos! Eis que o mundo todo vai atrás Dele."

Isto me parece ter sido dito por aqueles que sentiam corretamente, mas que não tinham coragem de falar abertamente, e que então queriam refrear os outros, apontando o resultado, como se dissessem que estavam tentando o impossível. Aqui novamente chamam o povo de "o mundo". Pois a Escritura costuma usar o termo "mundo" tanto para a criação como para os que vivem na maldade: no primeiro sentido, quando diz "Aquele que tira o mundo pelo número" (Is 40,26); no segundo, quando diz: "O mundo não vos odeia, mas a Mim Me odeia" (Jo 7,7). E é necessário saber estas coisas com exatidão, para que não forneçamos, por causa do sentido das palavras, ocasião de escândalo aos hereges.

Versículo 20. "Ora, entre os que tinham subido para adorar na festa, havia alguns gregos."

Estando já próximos de se tornarem prosélitos, eles estavam na festa. Quando, portanto, ouviram o que se dizia sobre Ele, disseram:

Versículo 21. “Queremos ver Jesus.”

Filipe cede lugar a André como sendo mais antigo, e lhe comunica o assunto. Mas também ele não age logo com autoridade, pois ouvira aquela palavra: “Não entreis pelo caminho dos gentios” (Mt 10,5); por isso, depois de conversar com o discípulo, eles referem o assunto ao Mestre. Pois ambos falaram com Ele. Mas o que Ele diz?

Versículos 23-24. “Chegou a hora em que o Filho do Homem deve ser glorificado. Em verdade, em verdade vos digo: se o grão de trigo, caindo na terra, não morrer, fica ele só; mas se morrer, dá muito fruto.”

O que significa: “Chegou a hora”? Ele havia dito: “Não entreis pelo caminho dos gentios”, cortando assim toda desculpa de ignorância por parte dos judeus, e havia restringido os discípulos. Quando, pois, os judeus continuaram desobedientes, e os outros (isto é, os gentios) desejavam aproximar-se d’Ele, Ele diz: “Agora é tempo de avançar para a Minha Paixão, já que tudo está cumprido. Pois, se continuássemos esperando por aqueles que são desobedientes, e não admitíssemos estes que desejam vir, isso seria contrário ao nosso cuidado misericordioso.” Já que, então, Ele permitiria que os discípulos fossem aos gentios após a crucifixão, e via estes já se adiantando, Ele disse: “É tempo de avançar para a cruz.” Pois Ele não permitira que eles fossem antes, para que isso servisse de testemunho contra os judeus. Até que, pelas suas obras, os judeus O rejeitaram, até que O crucificaram, Ele não disse: “Ide e fazei discípulos de todas as nações” (Mt 28,19), mas: “Não entreis pelo caminho dos gentios” (Mt 10,5); e ainda: “Não fui enviado senão às ovelhas perdidas da casa de Israel” (Mt 15,24), e: “Não é bom tirar o pão dos filhos e lançá-lo aos cães” (Mt 15,26). Mas quando O odiaram, e tanto O odiaram a ponto de matá-Lo, era inútil perseverar, uma vez que O rejeitavam. Pois O recusaram, dizendo: “Não temos outro rei senão César” (Jo 19,15). Por isso, enfim, Ele os deixou, pois eles O haviam deixado primeiro. Por

isso Ele diz: “Quantas vezes quis eu reunir os teus filhos, e não o quisestes?” (Mt 23,37).

O que significa: “Se o grão de trigo não cair na terra e morrer”? Ele fala da cruz, pois para que não ficassem perturbados ao ver que, justamente quando os gregos começavam a vir a Ele, era então que Ele era morto, Ele lhes diz: “É precisamente isso que os faz vir, e é o que aumentará a pregação a Meu respeito.” E como não poderia convencê-los tão bem com palavras, Ele se propõe a demonstrar isso por um fato da natureza, dizendo que é assim com o trigo: ele dá mais fruto quando morre. “Ora”, diz Ele, “se é assim com as sementes, quanto mais será comigo!” Mas os discípulos não compreenderam o que era dito. Por isso o evangelista frequentemente menciona esse fato, como que se desculpando da futura fuga deles. O mesmo argumento São Paulo desenvolverá ao falar da Ressurreição.

[3.] Que desculpa, então, terão aqueles que não creem na ressurreição, quando essa ação é praticada todos os dias, nas sementes, nas plantas e também no caso da nossa própria geração? Pois é necessário, primeiro, que a semente morra, e então ocorre a geração. Mas, enfim, quando Deus faz algo, os raciocínios humanos não servem de nada; pois como Ele nos fez a partir daquilo que não existia? Digo isso aos cristãos que afirmam crer nas Escrituras; mas também direi outra coisa baseada em raciocínios humanos.

Entre os homens, alguns vivem no vício, outros na virtude; e, dentre os que vivem no vício, muitos atingiram extrema velhice com prosperidade, enquanto muitos dos virtuosos suportaram o contrário. Quando, então, cada um receberá o que merece? Em que momento?

“Sim”, dirá alguém, “mas não há ressurreição do corpo.” Eles não ouvem Paulo dizer: “É necessário que este corpo corruptível se revista da incorruptibilidade” (1 Cor 15,53). Ele não fala da alma, pois a alma não se corrompe; além disso, "ressurreição" se diz daquilo que caiu, e o que caiu foi o corpo.

Mas por que você insiste em que não há ressurreição do corpo? Acaso não é possível para Deus? Mas isso seria uma completa loucura dizer. Seria então indecoroso? Por que seria indecoroso que o corpo corruptível, que participou do labor e da morte, compartilhasse também das coroas (da glória)? Pois se fosse indecoroso, ele não teria sido criado desde o início, e Cristo não teria retomado a carne após a morte. Mas, para mostrar que Ele retomou a carne e a ressuscitou, escuta o que Ele diz: "Põe aqui o teu dedo" (Jo 20,27); e: "Um espírito não tem carne nem ossos" (Lc 24,39).

Mas por que Ele ressuscitou Lázaro, se teria sido melhor ressuscitar sem um corpo? Por que Ele fez isso, tratando-o como milagre e benefício? Por que Ele forneceu alimento algum? Não vos deixeis, portanto, enganar pelos hereges, amados: há uma ressurreição e haverá um juízo — mas negam essas coisas os que não desejam prestar contas de seus atos.

Pois essa ressurreição deve ser como a de Cristo, já que Ele foi as primícias e o primogênito dentre os mortos. Mas se a ressurreição for isto — uma purificação da alma, uma libertação do pecado — e se Cristo não pecou, como então Ele ressuscitou? E como fomos libertos da maldição, se Ele também pecou? Mas agora Ele diz: "O príncipe deste mundo vem, e nada tem em Mim" (Jo 14,30). São palavras de quem declara Sua impecabilidade. Portanto, segundo eles, ou Ele não ressuscitou, ou para poder ressuscitar, pecou antes da ressurreição. Mas Ele tanto ressuscitou como não pecou. Portanto, ressuscitou no corpo — e essas doutrinas perversas nada mais são que fruto da vanglória.

Fujamos, então, dessa doença. Pois está escrito: "As más conversações corrompem os bons costumes" (1 Cor 15,33). Essas doutrinas não vêm dos Apóstolos; Marcião e Valentim as inventaram recentemente. Fujamos, então, delas, amados: pois uma vida pura de nada aproveita quando as doutrinas são corrompidas; assim como também doutrinas corretas de nada valem se a vida for corrompida.

Os pagãos foram os pais dessas noções, e os hereges as nutriram, tendo-as recebido de filósofos gentios, os quais afirmavam que a matéria é incriada, e

outras coisas semelhantes. Assim como eles afirmavam que não poderia haver um Artífice se não houvesse uma matéria incriada, também negavam a ressurreição.

Mas não lhes demos atenção, sabendo que o poder de Deus é plenamente suficiente. Não lhes demos atenção. A vós eu digo isso, pois nós não recusaremos o combate com eles. Mas o homem que está desarmado e nu, ainda que enfrente os fracos, será facilmente vencido, mesmo sendo mais forte.

Se tivésseis prestado atenção às Escrituras, se vos afeiçoásseis cada dia mais a elas, eu não vos aconselharia a fugir da luta contra eles, mas vos exortaria a enfrentá-los — pois a verdade é forte. Mas como não sabeis usar as Escrituras, temo a luta, não vá ser que eles vos apanhem desarmados e vos derrubem. Pois não há nada mais fraco que aquele que está privado da ajuda do Espírito.

Se esses hereges empregam a sabedoria dos gentios, não devemos admirá-los, mas rir deles, porque recorrem a mestres insensatos. Pois esses homens (os filósofos pagãos) não foram capazes de encontrar nada sólido, nem acerca de Deus, nem da criação — e coisas que a viúva entre nós conhece, Pitágoras ainda ignorava, e dizia que a alma se tornava um arbusto, um peixe ou um cão.

A esses, dizei-me, deveis dar ouvidos? E como seria razoável fazê-lo? São grandes em sua província, cultivam lindos cachos de cabelo e envolvem-se em mantos; até aí vai a sua filosofia. Mas se olhardes por dentro, é pó e cinza, e nada de são, antes “sua garganta é sepulcro aberto” (Sl 5,10), e tudo está cheio de impureza e corrupção, e todas as suas doutrinas cheias de vermes.

Por exemplo, o primeiro deles dizia que a água era Deus; seu sucessor, o fogo; outro, o ar — e assim desceram às coisas corporais. Devemos, então, admirá-los, dizei-me, se nunca chegaram sequer a conceber um Deus incorpóreo? E, se algum dia chegaram a isso, foi depois de conversarem no Egito com o nosso povo.

Mas, para que não vos causemos demasiada confusão, aqui encerraremos nosso discurso. Pois, se começássemos a expor as doutrinas deles — o que disseram sobre Deus, sobre a matéria, sobre a alma, sobre o corpo — não haveria senão zombaria. E nem sequer precisam ser acusados por nós, pois já se atacaram uns aos outros; e aquele que escreveu contra nós um livro sobre a matéria acabou por destruir-se a si mesmo.

Portanto, para não vos atrasarmos inutilmente, nem tecer um labirinto de palavras, deixando essas coisas, exortamos-vos a manter firme a escuta das Santas Escrituras, e a não lutar com palavras sem proveito, como Paulo também exorta Timóteo (2 Tm 2,14), apesar de este ser cheio de sabedoria e possuir o poder dos milagres.

Obedeçamos, pois, a ele, e deixando as futilidades, apeguemo-nos às obras reais — quero dizer, à fraternidade e à hospitalidade — e valorizemos grandemente a esmola, para que possuamos os bens prometidos, pela graça e benignidade de nosso Senhor Jesus Cristo, a quem seja a glória pelos séculos sem fim. Amém.

Sermão LXVII.
João 12:25-26 – "Quem ama a sua vida a perderá; e quem odeia a sua vida neste mundo, guardá-la-á para a vida eterna. Se alguém Me servir, siga-Me."

[1.] Doce é a vida presente, e cheia de muitos prazeres, porém não para todos, mas para aqueles que dela estão presos. Pois, se alguém olhar para o céu e contemplar as coisas belas que lá há, logo desprezará esta vida e nada dela fará. Assim como a beleza de um objeto é admirada enquanto não se vê algo mais belo; mas quando aparece algo melhor, o anterior é desprezado. Se, então, quisermos escolher contemplar essa beleza e observar o esplendor do reino celestial, logo nos libertaremos das correntes presentes; pois é uma espécie de cadeia esta afeição às coisas presentes. E ouçam o que Cristo diz para nos levar a isso: "Quem ama a sua vida a perderá; e quem odeia a sua vida neste mundo, guardá-la-á para a vida eterna; se alguém Me servir,

siga-Me"; e, "Onde Eu estiver, ali estará também o Meu servo." As palavras parecem enigma, mas não o são, e estão cheias de muita sabedoria. Mas como "quem ama a sua vida a perderá"? Quando pratica seus desejos indevidos, quando os satisfaz onde não deve. Por isso um nos exorta, dizendo: "Não andes nos desejos da tua alma" (Eclo 18,30); pois assim a destruirás, pois ela desvia do caminho da virtude; assim como, pelo contrário, "quem a odeia neste mundo, a salvará." Mas o que significa, "quem a odeia"? Aquele que não se entrega a ela quando ela ordena o que é pernicioso. E Ele não disse, "quem não se entrega a ela", mas "quem a odeia"; pois assim como não suportamos ouvir a voz daqueles que odiamos, nem olhá-los com prazer, assim da alma também devemos nos afastar com veemência, quando ela manda o que é contrário ao que agrada a Deus. Pois, já que Ele estava prestes a falar muito sobre a morte, a Sua própria morte, e viu que eles estavam abatidos e desanimados, falou com firmeza: "Que digo Eu? Se não suportardes a Minha morte valentemente? Não, se não morreres tu mesmo, nada conseguirás." Observe também como suaviza o discurso. Era muito pesado e triste dizer que o homem que ama a vida deveria morrer. E por que falar do passado, quando até agora encontramos muitos que suportam de bom grado qualquer coisa, para gozarem a vida presente, mesmo estando convencidos das coisas futuras? Que, ao verem edifícios, obras e invenções, choram refletindo: "Quantas coisas o homem inventa e ainda assim torna-se pó! Grande é a ânsia pela vida presente." Para desfazer essas correntes, Cristo diz: "Quem odeia a sua alma neste mundo, guardá-la-á para a vida eterna." Para que saibas que Ele falava exortando-os e dissipando seu medo, ouve o que vem a seguir:

"Se alguém Me servir, siga-Me."

Falando da morte, e exigindo o seguimento que é por obras. Pois certamente quem serve deve seguir aquele a quem serve. E repare em que momento Ele disse essas coisas; não quando estavam perseguidos, mas quando estavam confiantes; quando achavam estar seguros pelo respeito e atenção de muitos, quando poderiam animar-se e ouvir: "Quem quiser seguir-Me, negue-se a si mesmo, tome a sua cruz e siga-Me" (Mt 16,24); ou seja, Ele diz: "Estejam sempre prontos para os perigos, para a morte, para a partida deste mundo."

Então, depois de ter dito o que era duro de ouvir, Ele também apresenta a recompensa. E que tipo de recompensa? Segui-Lo e estar onde Ele está; mostrando que a ressurreição sucederá à morte. Pois Ele diz:

"Onde Eu estiver, ali estará também o Meu servo."

Mas onde está Cristo? No céu. Portanto, até antes da ressurreição, vamos ali, em alma e mente.

"Se alguém Me servir, o Pai o amará."

Por que não disse, "Eu"? Porque ainda não tinham a verdadeira noção Dele, mas davam maior importância ao Pai. Pois como poderiam imaginar algo grandioso Dele, que nem sequer sabiam que Ele havia de ressuscitar? Por isso Ele disse aos filhos de Zebedeu: "Não me compete dar isso, mas será dado àqueles a quem está preparado por Meu Pai" (Mc 10,40), embora Ele seja o juiz. Mas neste trecho Ele também estabelece Sua verdadeira filiação. Pois assim como são servos do Filho, assim o Pai os receberá.

Verso 27. "Agora a Minha alma está perturbada; e que direi? Pai, salva-Me desta hora."

"Mas certamente esta não é a expressão de alguém que os encoraja até a morte." Não, é justamente de alguém que os estimula muito a isso. Para que não digam que "Ele, isento das dores mortais, filosofa facilmente sobre a morte e nos exorta sem estar em perigo," Ele mostra que, embora sinta a agonia, por ser proveitosa Ele não a rejeita. Mas estas coisas pertencem à Dispensação, não à Divindade. Por isso Ele diz: "Agora a Minha alma está perturbada"; pois, se não fosse assim, que relação teria isso com o que foi dito, e Sua oração: "Pai, salva-Me desta hora"? E tão perturbado que até buscou livramento da morte, se ao menos fosse possível escapar. Estas eram as fraquezas de Sua natureza humana.

[2.] “Mas,” Ele diz, “não tenho o que dizer, quando peço livramento.”

“Pois para isso vim a esta hora.”

Como se dissesse: “Ainda que estejamos confusos, ainda que estejamos perturbados, não fujamos da morte, pois mesmo agora, estando perturbado, não falo em fugir; pois é necessário suportar o que está por vir. Não digo: ‘Livra-me desta hora’, mas o quê?”

Verso 28. “Pai, glorifica o Teu nome.”

“Embora a minha angústia me impulsione a dizer isto, ainda assim digo o contrário, ‘Glorifica o Teu nome’, isto é, guia-me a partir daqui para a cruz”; o que mostra muito bem Sua humanidade, e uma natureza que não queria morrer, mas se apegava à vida presente, provando que Ele não estava isento dos sentimentos humanos. Pois assim como não é censurável sentir fome ou dormir, assim também não é desejar a vida presente; e Cristo, de fato, tinha um corpo puro do pecado, mas não isento das necessidades naturais, porque, caso contrário, não teria sido um corpo. Por estas palavras também Ele ensinou algo mais. Que tipo de ensinamento é esse? Que, se alguma vez estivermos em agonia e temor, ainda assim não devemos recuar daquilo que nos é proposto; e dizendo “Glorifica o Teu nome”, Ele mostra que morre pela verdade, chamando a ação de “glória a Deus.” E isso aconteceu após a Crucificação. O mundo estava para ser convertido, para reconhecer o nome de Deus, e servi-Lo, não somente o nome do Pai, mas também o do Filho; embora a esse respeito Ele ainda permanecesse silencioso.

“Veio então uma voz do céu: Já o glorifiquei, e ainda o glorificarei.”

Quando Ele “glorificou”? Pelo que foi feito antes; e “glorificarei novamente” depois da Cruz. O que disse Cristo então?

Verso 30. “Esta voz não veio por minha causa, mas por vossa causa.”

Eles pensaram que era um trovão, ou que um Anjo falara com Ele. E como pensaram isso? A voz não foi clara e distinta? Foi, mas rapidamente se afastou deles, por ser do tipo mais grosseiro, carnal e preguiçoso. Alguns

apenas captaram o som; outros perceberam que a voz era articulada, mas não entenderam o que significava. O que diz Cristo? "Esta voz não veio por minha causa, mas por vossa causa." Por que disse isso? Ele falou para se opor ao que eles afirmavam continuamente, que Ele não era de Deus. Pois aquele que foi glorificado por Deus, como poderia não ser daquele Deus cujo nome foi glorificado por Ele? De fato, para esse propósito a voz veio. Por isso Ele mesmo diz: "Esta voz não veio por minha causa, mas por vossa causa," "não para que eu aprenda algo que ignore (pois conheço tudo o que pertence ao Pai), mas por vossa causa." Pois quando disseram "Um Anjo falou com Ele," ou "Foi um trovão," e não deram atenção a Ele, Ele diz "foi por vossa causa," para que assim fossem levados a investigar o significado das palavras. Mas eles, excitados, nem assim investigaram, embora tivessem ouvido que aquilo lhes dizia respeito. Pois para quem não sabe por que foi pronunciada, a voz naturalmente parece indistinta. "A voz veio por vossa causa." Vês que estas circunstâncias humildes acontecem por causa deles, e não porque o Filho precise de ajuda?

Verso 31. "Agora é o juízo deste mundo; agora será lançado fora o príncipe deste mundo."

Que relação tem isso com "Eu glorifiquei, e glorificarei"? Muita, e harmoniosa. Pois quando Deus diz "Eu glorificarei," Ele mostra a maneira da glorificação. Qual é? Que alguém será lançado fora. Mas o que é "o juízo deste mundo"? É como se dissesse: "Haverá um tribunal e uma retribuição." Como e de que modo? "Ele matou o primeiro homem, tendo-o encontrado culpado de pecado (pois 'pelo pecado entrou a morte' – Rm 5,12); mas em mim isso não encontrou." Por que então ele se lançou sobre Mim e Me entregou à morte? Por que colocou na mente de Judas o desejo de Me destruir?" (Não digas que foi disposição de Deus, pois isso não pertence ao diabo, mas à Sabedoria Dele; por ora, investigue-se a disposição daquele malvado.) "Como então o mundo é julgado em Mim?" Será dito, como se fosse um tribunal, a Satanás: "Bem, mataste todos os homens porque os julgaste culpados de pecado. Mas por que mataste Cristo? Não está claro que fizeste isso injustamente?" Por isso, nele todo o mundo será vingado. Mas, para tornar isso ainda mais claro, farei uma comparação. Suponha que haja um tirano

cruel, que cause dez mil males a todos os que caem em suas mãos. Se esse tirano, enfrentando um rei ou o filho de um rei, o matar injustamente, a morte deste terá poder para vingar os outros também. Suponha que haja alguém que cobre dívidas, e bate e prende seus devedores; e que da mesma imprudência que leva à prisão quem lhe deve, leve também para a mesma masmorra quem nada lhe deve: esse homem sofrerá punição pelo que fez aos outros. Pois aquele destruirá aquele."

[3.] Assim também é no caso do Filho; pois daquelas coisas que o diabo fez contra nós, dessas será exigida a pena pelo que ele ousou fazer contra Cristo. E para mostrar que Ele implica isso, ouça o que Ele diz: "Agora será lançado fora o príncipe deste mundo," "pela Minha morte."

Verso 32. "E eu, se for levantado, atrairei a todos a Mim."

Isto é, "até mesmo os gentios." E para que ninguém pergunte: "Como será lançado fora, se ele é mais forte do que Tu?" Ele diz: "Ele não é mais forte; como poderia ser mais forte do que Aquele que atrai os outros a Si?" E Ele não fala da Ressurreição, mas de algo que é mais do que a Ressurreição: "Eu atrairei a todos a Mim." Pois, se Ele tivesse dito "Eu ressuscitarei," não estaria ainda claro que eles creriam; mas, dizendo "eles crerão," ambas as coisas ficam provadas ao mesmo tempo, tanto esta como a necessidade de que Ele deve ressuscitar. Porque, se Ele permanecesse morto e fosse um mero homem, ninguém acreditaria. "Eu atrairei a todos a Mim." (cap. VI, 44.) Como então Ele disse que o Pai atrai? Porque quando o Filho atrai, o Pai também atrai. Ele diz: "Eu os atrairei," como se eles estivessem retidos por um tirano, e incapazes, por si mesmos, de se aproximar Dele e escapar das mãos daquele que os segura. Em outro lugar Ele chama isso de "espoliação": "Ninguém pode saquear os bens de um homem forte, se antes não prender o homem forte, e então saquear seus bens." (Mateus 12, 29.) Isso Ele disse para provar Sua força, e o que ali Ele chamou "espoliação," aqui chamou de "atração."

Sabendo então essas coisas, despertemo-nos, glorifiquemos a Deus, não só pela fé, mas também pela vida, pois caso contrário não seria glória, mas

blasfêmia. Pois Deus não é blasfemado tanto por um pagão impuro quanto por um cristão corrupto. Por isso vos exorto a fazer tudo para que Deus seja glorificado; pois, "Ai," diz Ele, "daquele servo pelo qual o nome de Deus é blasfemado," (e onde há um "ai," toda punição e vingança imediatamente seguem), "mas bem-aventurado é aquele pelo qual esse nome é glorificado." Portanto, não estejamos em trevas, mas evitemos todos os pecados, e especialmente aqueles que causam dano aos outros, pois por estes Deus é mais blasfemado. Que perdão teremos, quando, sendo mandados a dar aos outros, roubamos os bens alheios? Qual será nossa esperança de salvação? Serás punido se não alimentaste o faminto; mas se até mesmo despojas-te quem estava vestido, que tipo de perdão obterás? Estas coisas nunca deixarei de dizer, pois aqueles que hoje não ouviram talvez ouçam amanhã, e aqueles que amanhã não atentarem talvez sejam persuadidos no dia seguinte; e mesmo que alguns estejam tão obstinados que não se deixem persuadir, para nós não haverá responsabilidade no Juízo por eles. Nossa parte cumprimos; que nunca tenhamos motivo para nos envergonhar de nossas palavras, nem vós para esconder os rostos, mas que todos possam estar com coragem perante o tribunal de Cristo, para que também possamos nos alegrar convosco, e ter alguma compensação por nossas próprias falhas, na aprovação de vós em Cristo Jesus nosso Senhor, ao qual, juntamente com o Pai e o Espírito Santo, seja glória para sempre. Amém.

Sermão LXVIII.
João 12:34 — "O povo respondeu: 'De acordo com a Lei ouvimos que o Cristo permanece para sempre; e tu dizes: O Filho do Homem deve ser levantado? Quem é este Filho do Homem?'"

[1.] O engano é algo facilmente detectado e fraco, mesmo que esteja revestido externamente com dez mil cores. Pois assim como aqueles que caiam paredes já podres não conseguem torná-las sólidas com reboco, assim também aqueles que mentem são facilmente descobertos — como de fato aconteceu aqui com os judeus. Quando Cristo lhes disse: "Se Eu for levantado, atrairei a todos a Mim", um deles respondeu: "Ouvimos da Lei que o Cristo permanece para sempre; e como dizes que o Filho do Homem deve ser levantado? Quem é este Filho do Homem?" Até eles sabiam que o Cristo

era alguém imortal, que tinha vida sem fim. Por isso, também entenderam o que Ele queria dizer; pois muitas vezes na Escritura a Paixão e a Ressurreição são mencionadas juntas. Assim Isaías as junta, dizendo: "Ele foi levado como ovelha para o matadouro" (Isaías 53:7), e tudo o que segue. Davi, também no segundo Salmo e em muitos outros lugares, associa essas duas coisas. O Patriarca, depois de dizer: "Deitou-se como um leão", acrescenta: "E como o filhote do leão, quem o levantará?" (Gênesis 49:9). Ele mostra logo a Paixão e a Ressurreição. Mas esses homens, quando tentaram silenciá-lo e provar que Ele não era o Cristo, confessaram por isso mesmo que o Cristo permanece para sempre. E note-se a malícia deles; não disseram: "Ouvimos que o Cristo não sofre nem é crucificado", mas disseram que "Ele permanece para sempre". Porém, mesmo essa objeção não teria fundamento real, pois a Paixão não é obstáculo para Sua imortalidade. Assim vemos que eles compreenderam muitos pontos duvidosos e, deliberadamente, se enganaram. Porque, já que Ele havia falado da morte, ao ouvirem agora "ser levantado", imaginaram que se referia à morte. Então disseram: "Quem é este Filho do Homem?" Isso também foi feito com engano. "Não pense, te peço," disse um, "que dizemos isso por inimizade contra ti; não afirmamos nos opor por ódio, pois na verdade não sabemos a quem te referes, e só damos nossa opinião." O que então faz Cristo? Para silenciá-los e mostrar que a Paixão não impede que Ele dure para sempre, diz:

Verso 35: "Ainda um pouco de tempo a luz está convosco." Significando que Sua morte seria uma retirada; pois a luz do sol não se destrói, mas, retirada por um tempo, volta a aparecer.

"Andai enquanto tendes a luz."

De que tempo Ele fala aqui? Da vida presente toda, ou do tempo antes da Crucificação? Penso que de ambos, pois por Sua incomensurável bondade, muitos mesmo após a Crucificação creram. E Ele fala assim para impulsioná-los à fé, como também fizera antes, dizendo: "Ainda um pouco estou convosco." (João 7:33)

"Aquele que anda em trevas não sabe para onde vai."

Quantas coisas, por exemplo, ainda hoje os judeus fazem sem saber o que fazem, andando como se estivessem em trevas? Pensam que vão pelo caminho certo, quando vão no oposto; guardam o sábado, respeitam a Lei e as prescrições sobre alimentos, mas não sabem para onde caminham. Por isso Ele disse:

Verso 36: "Andai na luz, para que vos torneis filhos da luz."

Isto é, "Meus filhos." Contudo, no começo o Evangelista diz: "Nascidos, não de sangue, nem da vontade da carne, mas de Deus" (João 1:13); isto é, do Pai; enquanto aqui Ele mesmo é dito gerar, para que entendas que a operação do Pai e do Filho é uma só. "Tendo Jesus dito essas coisas," partiu deles e se ocultou.

Por que Ele agora "se oculta"? Eles não lançaram pedras contra Ele, nem o blasfemaram como antes; por que então se ocultou? Andando nos corações dos homens, Ele sabia que a ira deles era feroz, embora calados; sabia que fervia e era assassina, e não esperou que se manifestasse em atos, mas se ocultou para aplacar a sua malícia. Note como o Evangelista alude a esse sentimento; logo acrescenta:

Verso 37: "Apesar de ter feito tantos milagres, não creram n'Ele."

[2.] Que "tantos"? Tantos quantos o Evangelista omitiu. E isso fica claro também pelo que segue. Pois, quando Ele se retirou, cedeu e voltou a eles, fala com eles de modo humilde, dizendo: "Quem crê em Mim, não crê em Mim, mas naquele que Me enviou." (v. 44.) Observa o que Ele faz. Começa com expressões humildes e modestas, entregando-Se ao Pai; depois Ele eleva Sua linguagem, e quando vê que eles se irritam, Ele se retira; então volta a eles, e novamente começa com palavras de humildade. E onde Ele não fez isso? Vê, por exemplo, o que Ele diz no começo: "Eu julgo conforme ouço." (c. 5, v. 30.) Depois, num tom mais elevado: "Assim como o Pai ressuscita os mortos e os vivifica, assim também o Filho vivifica a quem quer." (c. 5, v. 21); e novamente: "Eu não vos julgo; há outro que julga." Então Ele se retira novamente.

Chegando à Galileia, Ele diz: "Não trabalheis pela comida que perece" (c. 6, v. 27); e, após falar coisas grandiosas de Si mesmo, que desceu do Céu e dá a vida eterna, Ele novamente se retira. E Ele vem também na Festa dos Tabernáculos, e faz o mesmo. Pode-se vê-lo sempre assim, variando Seu ensino com Sua presença e ausência, com discursos humildes e elevados. E aqui não foi diferente: "Embora tenha feito tantos milagres," diz, "não creram n'Ele."

Vers. 38. "Para que se cumprisse a palavra de Isaías, que disse: Senhor, quem creu em nossa pregação? e a quem foi revelado o braço do Senhor?" E ainda,

Vers. 39-41. "Eles não puderam crer," diz, "porque Isaías disse: Vós ouvireis, e não entendereis. Estas coisas ele disse, quando viu a sua glória, e falou d'Ele."

Aqui, de novo, observa que o "porque" e o "disse" não indicam a causa da incredulidade deles, mas o evento. Pois não foi "porque" Isaías falou que eles não creram; mas porque não estavam dispostos a crer, é que ele falou. Então, por que o Evangelista não expressa isso diretamente, ao invés de fazer a incredulidade proceder da profecia, e não a profecia da incredulidade? Mais adiante, ele mesmo coloca isso positivamente, dizendo: "Por isso não puderam crer, porque Isaías disse." Ele quer assim firmar, por muitas provas, a verdade infalível das Escrituras, e que o que Isaías previu não ocorreu de outro modo, mas conforme dito. Para que ninguém diga: "Por que Cristo veio? Não sabia que eles não O dariam atenção?" Ele apresenta os Profetas, que também sabiam disso. Mas Ele veio para que não tivessem desculpa pelo pecado; pois o que o Profeta previu, previu como certo, já que, se não fosse certo, não poderia ter profetizado; e era certo porque esses homens eram irremediáveis.

E se está escrito "não puderam", ao invés de "não quiseram", não te espantes, pois Ele também diz em outro lugar: "Quem pode aceitar, aceite." (Mt 19:12.) Assim, em muitos lugares, Ele chama escolha de poder. De novo: "O mundo não pode odiar-vos, mas a Mim odeia." (Jo 7:7.) Isso se vê até na conversa comum; quando alguém diz: "Não posso amar esta ou aquela pessoa", chama a força da vontade de poder. E o Profeta, o que diz? "Se o etíope mudar a sua

pele, ou o leopardo as suas manchas, também estes povos poderão fazer o bem, ensinados para isso." (Jr 13:23.) Ele não diz que é impossível para eles praticar a virtude, mas que porque não querem, não podem. Com isso, o Evangelista quer dizer que era impossível para o Profeta mentir; porém não era impossível que eles cressem. Pois teria sido possível, mesmo se eles tivessem acreditado, que o Profeta permanecesse verdadeiro; pois ele não teria profetizado se fosse possível que eles acreditassem. "Por que então," pergunta alguém, "não disse isso?" Porque a Escritura tem certos modos idiomáticos assim, e é preciso respeitar suas leis.

"As coisas que ele disse quando viu a sua glória." De quem? Do Pai. Então, por que João fala do Filho? E Paulo do Espírito? Não confundindo as Pessoas, mas mostrando que a dignidade é uma só; por isso falam assim. Pois o que é do Pai também é do Filho, e o que é do Filho também é do Espírito. Muitas coisas Deus falou por meio dos Anjos, e ninguém diz: "como o Anjo falou", mas "como Deus falou". O que foi dito por Deus pelo ministério dos Anjos é de Deus; mas não por isso o que é de Deus é dos Anjos também. Mas aqui João diz que as palavras são do Espírito.

"E falou d'Ele." O que falou? "Eu vi o Senhor assentado sobre um trono elevado" (Is 6:1) e o que segue. Por isso ele chama "glória" aquela visão: a fumaça, o ouvir mistérios inefáveis, ver os Serafins, o relâmpago que saltava do trono, contra o qual aqueles poderes nada podiam. "E falou d'Ele." O que disse? Que ouviu uma voz dizendo: "A quem enviarei? Quem irá? E eu disse: Eis-me aqui, envia-me. E Ele disse: Vós ouvireis com os ouvidos e não entenderás; e vendo vereis, mas não perceberás." (Is 6:8, 10.) Pois,

Vers. 40. "Ele cegou os seus olhos e endureceu o seu coração, para que nunca vejam com os olhos, nem entendam com o coração."

Aqui de novo surge outra questão, mas que não o é se a considerarmos bem. Pois, assim como o sol ofusca os olhos dos fracos, não por sua natureza, assim ocorre com quem não dá atenção às palavras de Deus. Assim foi com o Faraó, a quem Deus endureceu o coração, e assim acontece com quem resiste às palavras divinas. Este é um modo peculiar de falar na Escritura, como

também "Deu-os a uma mente reprovável" (Rm 1:28), e "Os repartiu entre as nações," ou seja, permitiu que fossem. Pois o escritor não apresenta Deus aqui como quem efetivamente faz estas coisas, mas mostra que aconteceram pela maldade dos homens. Pois quando somos abandonados por Deus, somos entregues ao diabo, e quando assim entregues, sofremos mil e uma coisas horríveis. Para assustar o ouvinte, o escritor diz: "Ele endureceu" e "entregou". Para mostrar que Ele não apenas não nos abandona, mas nem mesmo nos deixa, a menos que queiramos, ouça o que Ele diz: "Não são as vossas iniqüidades que separam entre Mim e vós?" (Is 59:2.) E ainda: "Os que se afastam de Ti perecerão." (Sl 73:27.) E Oséias diz: "Esqueceste a lei do teu Deus, e Eu também me esquecerei de ti." (Os 4:6.) E Ele mesmo diz nos Evangelhos: "Quantas vezes quis juntar os teus filhos, e tu não quiseste." (Lc 13:34.) Isaías também: "Eu vim, e não havia quem ouvisse; clamei, e não houve quem atendesse." (Is 50:2.) Tudo isso mostra que começamos o abandono, e somos causa da nossa perdição; pois Deus não quer deixar ou punir, e mesmo quando pune, o faz contrariado: "Não quero a morte do pecador, mas que se converta e viva." (Ez 18:32.) Cristo também lamenta a destruição de Jerusalém, como nós lamentamos a morte dos amigos.

[3.] Sabendo disso, façamos tudo para não nos afastarmos de Deus, mas apeguemo-nos ao cuidado de nossas almas e ao amor mútuo; não rasguemos os nossos próprios membros, (pois isso é obra de homens insanos e descontrolados), mas quanto mais virmos alguém mal disposto, tanto mais sejamos bondosos para com ele. Pois frequentemente vemos muitas pessoas sofrendo no corpo de doenças difíceis ou incuráveis, e não cessamos de aplicar remédios. O que é pior do que uma gota no pé ou na mão? Devemos, por isso, cortar os membros? De maneira nenhuma, mas usamos todos os meios para que o sofredor tenha algum conforto, já que não podemos livrá-lo da doença. Isso também devemos fazer com nossos irmãos e, mesmo que estejam doentes incuravelmente, continuemos a cuidar deles e a levar os fardos uns dos outros. Assim cumpriremos a lei de Cristo e obteremos as coisas boas prometidas, pela graça e misericórdia de nosso Senhor Jesus Cristo, a quem sejam glória ao Pai e ao Espírito Santo, para todo o sempre. Amém.

Sermão LXIX.
João 12,42-43 — "Entretanto, entre os principais governantes também muitos creram nele; mas, por causa dos fariseus, não o confessavam, para não serem expulsos da sinagoga; porque amavam mais a glória dos homens do que a glória de Deus."

[1.] É necessário que evitemos todas as paixões que corrompem a alma, mas especialmente aquelas que por si mesmas geram numerosos pecados. Refiro-me, por exemplo, ao amor ao dinheiro. De fato, é por si só uma doença terrível, mas torna-se muito mais grave porque é a raiz e a mãe de todos os males. Assim também é a vaidade. Vejamos, por exemplo, como esses homens foram arrancados da fé por causa do amor à honra. Diz-se: "Muitos dos principais governantes também creram nele, mas por causa dos judeus não o confessavam, para não serem expulsos da sinagoga." Como Ele lhes disse antes: "Como podeis crer vós, que recebeis honra uns dos outros, e não buscais a honra que vem só de Deus?" (cap. 5, v. 44.) Portanto, eles não eram governantes, mas escravos na mais extrema escravidão. Contudo, esse medo foi depois removido, pois em nenhum momento durante o tempo dos Apóstolos os encontramos dominados por esse sentimento, já que em sua época tanto governantes quanto sacerdotes acreditavam. A graça do Espírito, uma vez chegada, tornou-os mais firmes que o adamantino. Portanto, sendo esse o motivo que os impedia de crer naquela época, ouçamos o que Ele diz.

Versículo 44. "Quem crê em Mim, não crê em Mim, mas naquele que Me enviou."

Como se dissesse: "Por que temeis crer em Mim? A fé passa ao Pai por Mim, assim como a incredulidade." Veja como, de toda forma, Ele mostra a invariabilidade de Sua Essência. Ele não disse "quem crê em Mim" referindo-se às Suas palavras, para que ninguém alegasse que falava apenas de Sua fala; isso poderia ser dito a respeito de meros homens, pois quem crê nos Apóstolos não crê neles, mas em Deus. Mas para que aprendas que Ele fala aqui da crença em Sua própria Essência, Ele não disse "quem crê nas Minhas palavras," mas "quem crê em Mim." "E por que," dirá alguém, "Ele não disse o contrário em lugar nenhum, 'quem crê no Pai, não crê no Pai, mas em

Mim'?" Porque responderiam: "Nós cremos no Pai, mas não cremos em ti." A disposição deles ainda era demasiado fraca. Contudo, conversando com os discípulos, Ele disse: "Vós credes no Pai, crede também em Mim" (cap. 14, v. 1); mas vendo que então eram muito fracos para ouvir tais palavras, Ele os conduz por outro caminho, mostrando que não é possível crer no Pai sem crer Nele. E para que não consideres as palavras como se falasse de um homem, Ele acrescenta:

Versículo 45. "Quem Me vê, vê aquele que Me enviou."

Pois então! Será Deus um corpo? De modo algum. O "ver" de que Ele fala aqui é o do entendimento, mostrando assim a consubstancialidade. E o que é "quem crê em Mim"? É como se se dissesse: "Quem toma água do rio, não a toma do rio, mas da fonte"; ou melhor, essa imagem é fraca diante da realidade que temos diante de nós.

Versículo 46. "Eu vim como luz para o mundo."

Pois, já que o Pai é chamado por esse nome em toda parte tanto no Antigo como no Novo Testamento, Cristo usa o mesmo nome; por isso Paulo também O chama de "Resplendor" (Hebreus 1,3), tendo aprendido a fazê-lo dessa fonte. E aqui Ele mostra Sua íntima relação com o Pai, e que não há separação entre eles, pois Ele diz que a fé Nele não é dirigida a Ele, mas passa ao Pai. E Ele se chama "luz" porque livra do erro e dissipa as trevas da mente.

Versículo 47. "Se alguém não Me ouvir, nem crer, eu não o julgo; pois não vim para julgar o mundo, mas para salvar o mundo."

[2.] Para que não pensassem que, por falta de poder, Ele teria passado despercebido pelos que O desprezavam, por isso disse: "Eu não vim para julgar o mundo." Então, para que eles não se tornassem ainda mais negligentes, depois de terem aprendido que "quem crê é salvo, e quem não crê é condenado", veja como Ele lhes apresenta também um tribunal temível de julgamento, continuando a dizer:

Versículo 48. "Quem Me rejeita e não recebe as Minhas palavras tem quem o julgue." "Se o Pai não julga ninguém, e tu não vieste para julgar o mundo, quem então o julga?" "A palavra que Eu falei é que o julgará." Pois como eles disseram, "Ele não é de Deus", Ele diz isso para que "não possam alegar nada contra essas coisas, mas as palavras que falei agora serão como acusação, condenando-os e eliminando toda desculpa." "E a palavra que falei." Que palavra é essa?

Versículo 49. "Porque não falei por Mim mesmo, mas o Pai que Me enviou deu-Me um mandamento sobre o que devo dizer e o que devo falar." E outras coisas semelhantes.

Certamente estas coisas foram ditas por causa deles, para que não tivessem pretexto de desculpa. Pois, se não fosse assim, o que Ele teria a mais que Isaías? Pois ele também diz a mesma coisa: "O Senhor Deus deu-me a língua dos instruídos, para que eu saiba sustentar com palavra o que é necessário." (Isaías 50,4). E Jeremias? Pois ele também, quando foi enviado, foi inspirado. (Jeremias 1,9). E Ezequiel? Pois ele também, depois de comer o rolo, falou assim. (Ezequiel 3,1). Caso contrário, aqueles que estavam para ouvir o que Ele disse seriam a causa do Seu conhecimento. Porque, se quando Ele foi enviado recebeu mandamento do que deveria dizer, você então argumentará que, antes de ser enviado, Ele não sabia. E que coisa mais impia do que essas afirmações, se (isto é) tomar as palavras de Cristo nesse sentido, e não entender a causa da humildade delas? Contudo, Paulo diz que tanto ele quanto aqueles que foram feitos discípulos sabiam "qual é a boa, agradável e perfeita vontade de Deus" (Romanos 12,2), e acaso o Filho não sabia até receber o mandamento? Como isso poderia ser razoável? Não vês que Ele expressa suas palavras com humildade extrema, para atrair aqueles homens e calar os que viriam depois? Por isso Ele profere palavras próprias de um mero homem, para que assim nos force a rejeitar a mesquinhez dessas expressões, por saber que as palavras não pertencem à Sua Natureza, mas se adaptam à fraqueza dos ouvintes.

Versículo 50. "E eu sei que o Seu mandamento é vida eterna; por isso, tudo o que falo, assim como o Pai Me disse, assim falo."

Vês a humildade dessas palavras? Pois quem recebe um mandamento não é seu próprio senhor. No entanto, Ele diz: "Assim como o Pai ressuscita os mortos e lhes dá vida, assim também o Filho dá vida a quem quer." (cap. 5, v. 21). Então Ele tem poder para dar vida a quem quer, mas não tem poder para dizer o que quer? O que Ele quer dizer com essas palavras é isto: "Não é natural que Ele fale uma coisa e Eu diga outra." "E eu sei que o Seu mandamento é vida eterna." Ele disse isso àqueles que O chamavam de enganador e afirmavam que Ele tinha vindo para fazer o mal. Mas quando Ele diz "Eu não julgo", mostra que não é a causa da perdição dessas pessoas. Por isso, quando estava prestes a afastar-se deles e a não estar mais com eles, Ele testifica claramente que "converso convosco, não dizendo nada por mim mesmo, mas tudo como do Pai." E por essa razão limitou seu discurso a expressões humildes, para poder dizer: "Até o fim pronunciei a eles esta minha última palavra." Que palavra foi essa? "Assim como o Pai Me disse, assim falo." "Se eu fosse contra Deus, teria dito o contrário, que não falo nada que agrade a Deus, para atrair honra para Mim mesmo; mas agora refiro tudo a Ele, e nada chamo Meu." Por que, então, não credes em Mim quando digo que "recebi um mandamento," e quando tão veementemente removo vossa má suspeita sobre rivalidade? Pois, assim como é impossível para quem recebeu um mandamento fazer ou dizer algo diferente do que seus enviados desejam, desde que cumpram o mandamento e não inventem nada; assim também não me é possível dizer ou fazer algo que não seja conforme a vontade do Meu Pai. Porque o que faço, Ele o faz, porque Ele está comigo, e "o Pai não Me deixou sozinho." (cap. 8, v. 29.) Vês como em toda parte Ele se mostra unido àquele que O gerou, e que não há separação? Pois quando Ele diz "Eu não vim por Mim mesmo", não diz isso para se privar do poder, mas para afastar toda alienação ou oposição. Porque, se os homens são senhores de si mesmos, muito mais o Filho Unigênito. E para mostrar que isso é verdade, ouve o que Paulo diz: "Ele se esvaziou, assumindo a forma de servo por nós." (Filipenses 2,7.) Mas, como disse, a vaidade é coisa terrível, muito terrível (Efésios 5,2); pois foi isso que fez com que esses homens não cressem,

e outros cressem mal, de modo que as coisas ditas por amor a eles se tornaram motivo de impiedade.

[3.] Fugi, pois, sempre desse monstro: ele é variado e múltiplo, e por toda parte derrama seu veneno peculiar, na riqueza, na luxúria, na beleza do corpo. Por causa disso ultrapassamos em toda parte o uso necessário; por isso surge a extravagância nas vestes e um grande enxame de servos; por isso o uso necessário é por toda parte desprezado — nas nossas casas, nas nossas roupas, em nossa mesa — e a extravagância prevalece. Queres desfrutar da glória? Faz obras de caridade, então os Anjos te louvarão, então Deus te acolherá. Agora a admiração não vai além dos ourives e tecelões, e tu partes sem coroa, vendo muitas vezes que recebes maldições. Mas se não puseres essas coisas sobre o teu corpo, e as gastares em alimentar os pobres, grande será o aplauso de todos os lados, grande o louvor. Então terás essas coisas, quando as deres aos outros; quando as guardares para ti mesmo, não as tens. Pois uma casa é um tesouro infiel, mas um tesouro seguro são as mãos dos pobres. Por que adornas o teu corpo, enquanto tua alma é negligenciada, possuída pela imundícia? Por que não dedicas à tua alma tanto cuidado quanto ao teu corpo? Deverias dar-lhe ainda mais; mas, em todo caso, amado, devemos dar a ela cuidado igual. Pois diga-me: se alguém te perguntasse o que preferirias, que teu corpo fosse são, bem constituído e belo, e vestisse roupas simples, ou que teu corpo fosse deformado e cheio de doenças, e usasse ouro e adornos; não preferirias muito mais ter a beleza dependente da natureza do teu ser do que das roupas com que te cobres? E escolherás isso para o corpo, mas o contrário para a alma; e, tendo a alma feia, repulsiva e negra, pensas ganhar algo com adornos dourados? Que loucura é essa! Muda esse adorno para dentro, coloca esses colares na tua alma. As coisas que se colocam sobre o corpo não ajudam nem à saúde nem à beleza, pois não farão o negro ser branco, nem o feio ser belo ou atraente. Mas se os colocares na alma, logo a tornarás branca em vez de negra, em vez de feia e repulsiva, farás bela e bem-feita. Essas palavras não são minhas, mas do próprio Senhor, que diz: "Ainda que os vossos pecados sejam como escarlate, tornar-se-ão brancos como a neve" (Isaías 1,18); e: "Dai esmolas, e tudo será limpo para vós" (Lucas 11,41); e por essa disposição não embelezarás somente a ti mesma, mas também a teu marido. Pois, se eles virem que tiras

esses ornamentos exteriores, não terão grande necessidade de gastos, e, não tendo esses gastos, se afastarão de toda cobiça, e estarão mais inclinados a dar esmolas, e vós também podereis aconselhá-los com ousadia sobre isso. Atualmente, estais privados de toda essa autoridade. Pois com que boca falareis dessas coisas? Com que olhos olhareis para vossos maridos, pedindo dinheiro para esmolas, quando gastais a maior parte no ornamento de vossos corpos? Então poderás falar com ousadia a teu marido sobre a esmola, quando deixares de usar teus adornos dourados. Mesmo que não consigas outra coisa, já cumpriste toda a tua parte; mas eu diria antes que é impossível que a esposa não conquiste o marido, quando ela fala por suas ações. "Pois que sabes, ó mulher, se salvarás teu marido?" (1 Coríntios 7,16.) Assim como agora prestarás contas por ti e por ele, se deixares toda essa vaidade, terás uma coroa dupla, usando tua coroa e triunfando com teu marido por essas idades sem mácula, e desfrutando os bens eternos, que possamos todos alcançar, pela graça e misericórdia de nosso Senhor Jesus Cristo, a quem seja glória para sempre. Amém.

Sermão LXX.
João 13,1 — "Ora, antes da festa da Páscoa, sabendo Jesus que tinha chegado a sua hora de passar deste mundo para o Pai, tendo amado os seus que estavam no mundo, amou-os até o fim."

[1.] “Sede meus imitadores,” disse Paulo, “como também eu sou de Cristo.” (1 Coríntios 11,1.) Pois foi por isso que Ele também tomou a carne da nossa substância, para que, por meio dela, pudesse nos ensinar a virtude. Pois ("Deus enviando o Seu próprio Filho, feito em semelhança da carne do pecado," diz, "e para o pecado condenou o pecado na carne." (Romanos 8,3.) E o próprio Cristo diz: "Aprendei de Mim, porque sou manso e humilde de coração." (Mateus 11,29.) E isso Ele ensinou, não só por palavras, mas também por ações. Pois O chamavam de Samaritano, de possuído por demônio, de enganador, e lançavam pedras contra Ele; e, por vezes, os fariseus mandavam servos para prendê-Lo, noutras, enviavam aqueles que tramavam contra Ele; e continuavam também a insultá-Lo, mesmo quando nada de errado tinham para apontar, antes eram continuamente beneficiados por Ele. Contudo, mesmo diante de tal conduta, Ele não deixava de fazer o bem a eles, tanto

com palavras quanto com atos. E quando um criado O bateu no rosto, Ele disse: "Se falei mal, dá testemunho do mal; mas, se bem, por que me bate?" (João 18,23.) Mas isso era para aqueles que O odiavam e conspiravam contra Ele. Vejamos também o que Ele faz agora para com os discípulos, ou melhor, que ações Ele demonstra para com o traidor. O homem que mais motivos tinha para ser odiado, pois sendo discípulo, tendo compartilhado a mesa e o sal, tendo visto os milagres e sido considerado digno de tais grandes coisas, agiu de maneira mais grave que todos, não apedrejando, nem insultando, mas traindo e entregando-O. Observa com que amizade Ele recebe esse homem, lavando seus pés; pois até dessa maneira desejava dissuadi-lo do mal. Contudo, estava em seu poder, se quisesse, fazê-lo secar como a figueira, parti-lo em dois como a rocha que Ele rasgou, dividí-lo como o véu; mas não o afastou por força, e sim por escolha. Por isso lavou seus pés; e nem mesmo assim aquele homem miserável e infeliz sentiu vergonha.

"Antes da festa da Páscoa," diz, "Jesus sabendo que tinha chegado a sua hora." Não "sabendo" agora, mas (quer dizer) que fez o que fez já sabendo de antemão. "Que devia partir." Magnificamente o Evangelista chama Sua morte de "partida." "Tendo amado os seus, amou-os até o fim." Vês como, prestes a deixá-los, Ele demonstra maior amor? Pois o "tendo amado, amou-os até o fim" mostra que nada faltou daquilo que era próprio a quem amava intensamente. Por que, então, não fez isso desde o princípio? Ele realiza as maiores coisas no final, para tornar mais forte o apego deles e para lhes guardar de antemão muito conforto diante das coisas terríveis que iam acontecer. São João chama-os de "seus" por apego pessoal, já que chama outros de "seus" por causa da criação; como quando diz: "Os seus não o receberam." (João 1,11.) Mas o que significa "que estavam no mundo"? Porque os mortos também eram "seus," Abraão, Isaque, Jacó e homens desse tipo, mas eles não estavam no mundo. Vês que Ele é Deus do Velho e do Novo Testamento? Mas o que significa "amou-os até o fim"? Significa "continuou amando-os sem cessar," e isso o Evangelista menciona como prova certa de grande afeição. Em outro lugar Ele falou de outra prova, o dar a vida pelos amigos; mas isso ainda não havia acontecido. E por que fez isso "agora"? Porque era muito mais admirável fazer isso quando Ele parecia mais glorioso diante de todos. Além disso, Ele lhes deixou grande consolação agora que ia

partir, pois, estando eles prestes a sofrer grande tristeza, Ele introduz conforto para a dor.

Versículo 2. "E acabada a ceia, tendo já Satanás posto no coração de Judas que o traísse."

O Evangelista disse isso com admiração, mostrando que Jesus lavou os pés daquele que já tinha decidido traí-lo. Isso também prova a grande maldade de Judas, pois nem mesmo o fato de terem compartilhado o sal o conteve — e o sal é a coisa que mais segura da maldade; nem o fato de que até o último dia o Mestre continuava a suportá-lo.

Versículo 3. "Jesus, sabendo que o Pai lhe havia entregado todas as coisas nas mãos, e que tinha vindo de Deus e para Deus ia."

Aqui o Evangelista diz, quase espantado, que alguém tão grande, tão grandioso, que veio de Deus e para Deus ia, e que governa sobre tudo, fez tal coisa, e nem por isso desprezou a ação. E pela "entrega" penso que São João quer dizer a salvação dos fiéis. Pois quando Ele diz: "Todas as coisas me foram entregues por meu Pai" (Mateus 11,27), fala desse tipo de entrega; como também em outro lugar: "Eram teus, e tu os deste a mim" (João 17,6); e ainda: "Ninguém pode vir a mim, se o Pai não o atrair" (João 6,44); e: "Se não for dado do céu" (João 3,27). O Evangelista então quer dizer isso, ou que Cristo não é diminuído por essa ação, pois veio de Deus, vai para Deus, e possui tudo. Mas quando ouves "entrega," não entendas de forma humana, pois isso mostra como Ele honra o Pai e a unanimidade com Ele. Pois como o Pai lhe entrega, assim Ele entrega ao Pai. E isso Paulo declara, dizendo: "Quando Ele entregar o reino a Deus, o Pai" (1 Coríntios 15,24). Mas São João falou aqui em sentido mais humano, mostrando o grande cuidado dEle por eles e declarando Seu amor incomparável, pois agora Ele cuidava deles como seus; ensinando-lhes a mãe de todo o bem, a humildade, que Ele disse ser o começo e o fim da virtude. E não sem razão acrescenta, "Veio de Deus e vai para Deus": para que aprendamos que Ele fez o que era digno daquele que veio de lá e para lá vai, esmagando todo orgulho.

Versículo 4. “Levantando-se da ceia, tirou as vestes...”

[2.] Observa como Ele não manifesta humildade apenas pelo lavar dos pés, mas também de outra maneira. Pois não foi antes de se reclinarem, mas depois que todos se sentaram, que Ele se levantou. Além disso, Ele não se limita a lavar os pés, mas o faz tirando Suas vestes. E não parou aí, mas cingiu-se com uma toalha. Nem se contentou com isso, mas encheu Ele mesmo a bacia, não mandando outro enchê-la; Ele fez tudo isso por Si mesmo, mostrando com isso que devemos realizar tais atos quando estamos no bem, não apenas para cumprir uma forma, mas com todo zelo. Agora, parece-me que Ele lavou primeiro os pés do traidor, pois diz:

Verso 5. "Começou a lavar os pés dos discípulos," e acrescenta,

Verso 6. "Então vem a Simão Pedro, e Pedro lhe diz: Senhor, tu lavas os meus pés?"

"Com essas mãos," ele diz, "com as quais abriste olhos, curaste leprosos e ressuscitaste mortos?" Pois essa pergunta é muito enfática; por isso Ele não precisou dizer mais do que "Tu" — isso por si só teria sido suficiente para transmitir tudo. Alguém poderia perguntar razoavelmente: por que nenhum dos outros O impediu, mas somente Pedro, que era sinal de amor e respeito não pequeno? Qual a causa? Parece-me que Ele lavou o traidor primeiro, depois veio a Pedro, e que os outros foram instruídos pelo exemplo dele. Isso fica claro ao dizer: "Mas quando chegou a Pedro." No entanto, o Evangelista não é um acusador severo, pois o verbo "começou" indica isso. E mesmo se Pedro tivesse sido o primeiro, é provável que o traidor, sendo uma pessoa ousada, tivesse se reclinado antes do chefe. Também por outra circunstância sua ousadia é mostrada: quando Ele mergulha no prato com o Mestre, e, ao ser denunciado, não se envergonha; enquanto Pedro, repreendido uma vez antes, e por palavras que falou por amor, ficou tão envergonhado que, angustiado e tremendo, pediu a outro que fizesse a pergunta. Mas Judas, embora continuamente denunciado, não sentiu nada. (Verso 24.) Quando, portanto, Ele chegou a Pedro, este lhe disse: "Senhor, tu lavas os meus pés?"

Verso 7. "Disse-lhe Jesus: Agora não compreendes o que faço, mas depois entenderás."

Isto é, "tu entenderás quão grande é o benefício disso, o proveito da lição, e como ela pode nos conduzir a toda humildade." O que faz Pedro? Ainda o impede, dizendo:

Verso 8. "Nunca lavarás os meus pés." "O que fazes, Pedro? Não te lembras daquelas palavras anteriores? Não disseste: ‘Tem misericórdia de ti mesmo’? E não ouviste em resposta: ‘Vai-te atrás de mim, Satanás’? (Mateus 16:22) Não estás, pois, sóbrio, e ainda assim és tão vehemente?" "Sim," diz ele, "pois o que está sendo feito é coisa grande, e cheia de espanto." Visto que ele agiu assim por amor excedente, Cristo, por sua vez, o submete pelo mesmo amor; e como naquele momento o repreendeu severamente dizendo: "Tu és para mim pedra de tropeço," aqui também diz:

"Se eu não te lavar, não tens parte comigo." O que diz, então, aquele ardente?

Verso 9. "Senhor, não somente os meus pés, mas também as mãos e a cabeça."

Veemente na recusa, torna-se ainda mais veemente na aceitação; mas ambos por amor. Por que Ele não explicou a razão do que fazia, em vez de acrescentar uma ameaça? Porque Pedro não teria sido persuadido. Se Ele dissesse: "Permita isso, pois assim te ensino a humildade," Pedro teria prometido dez mil vezes para que o Mestre não fizesse tal coisa. Mas agora o que Ele diz? Fala do que Pedro mais temia e receava: ser separado d’Ele; pois é Pedro quem continuamente pergunta: "Para onde vais?" (Verso 36.) Por isso também disse: "Darei até a minha vida por ti." (Verso 37.) E se, após ouvir: "Agora não compreendes o que faço, mas depois entenderás," ele ainda insistiu, quanto mais teria feito se tivesse aprendido o significado da ação? Por isso Ele disse: "Mas depois entenderás," porque sabia que, se soubesse logo, ainda resistiria. E Pedro não disse: "Diz-me, para que eu te permita," mas (o que foi mais veemente) nem sequer suportou aprender, mas resistiu dizendo: "Nunca lavarás os meus pés." Mas assim que Ele ameaçou, ele imediatamente suavizou o tom. Mas o que significa: "Depois entenderás"?

"Depois?" Quando? "Quando, em Meu Nome, expulsares demônios; quando me vires subir ao céu; quando, pelo Espírito, aprenderes que Eu estou à direita de Deus; então entenderás o que agora está sendo feito." O que diz Cristo? Quando Pedro disse: "Não somente os meus pés, mas também as mãos e a cabeça," Ele respondeu:

Versos 10 e 11. "Quem já está lavado, não necessita senão lavar os pés, pois está limpo por completo; e vós estais limpos, mas não todos." Pois Ele sabia quem havia de traí-lo.

"E se estão limpos, por que lhes lava os pés?" Para aprendermos a modéstia. Por isso Ele não lavou outra parte do corpo, senão aquela que é considerada mais desonrosa que as demais. Mas quem é o "lavado"? Em vez de "limpo." Então, seriam eles limpos, que ainda não haviam sido libertados do pecado, nem considerados dignos do Espírito, visto que o pecado ainda dominava, a escritura da condenação ainda permanecia, a vítima ainda não oferecida? Como então Ele os chama de limpos? Para que não os julgues limpos como se já fossem libertos do pecado, Ele acrescenta: "Vós estais limpos pela palavra que vos tenho falado." Isto é, "Assim estais, em certo sentido, limpos; recebestes a luz, fostes libertos do erro judaico. Pois o Profeta também diz: 'Lavai-vos, purificai-vos, tirai a maldade de vossas almas' (Isaías 1:16). Assim aquele que está lavado é limpo." Visto que estes homens haviam expulsado toda maldade da alma e estavam com Ele de mente pura, por isso Ele diz conforme a palavra do Profeta: "Quem está lavado já está limpo." Pois ali não se refere à lavagem com água, praticada pelos judeus, mas à purificação da consciência.

[3.] Sejamos, portanto, também nós limpos; aprendamos a fazer o bem. Mas o que é "fazer o bem"? "Defende o direito do órfão, pleiteia pela causa da viúva; e vinde, passemos a juízo, diz o Senhor." (Isaías 1:7.) Há frequentes menções nas Escrituras a viúvas e órfãos, mas não damos a isso a devida atenção. Contudo, consideremos quão grande é a recompensa. "Ainda que os vossos pecados sejam como escarlate, eles se tornarão brancos como a neve; ainda que sejam vermelhos como carmesim, se tornarão como a lã." Pois a viúva é um ser desprotegido, por isso Ele cuida muito dela. Pois elas, mesmo quando

lhes é possível contrair um segundo casamento, suportam os sofrimentos da viuvez por temor a Deus. Portanto, todos nós, homens e mulheres, estendamos nossas mãos para elas, para que nunca soframos as dores da viuvez; ou, se tivermos que passá-las, que acumulemos grande quantidade de bondade para nós mesmos. Não é pequeno o poder das lágrimas da viúva; elas são capazes de abrir o próprio céu. Não devemos pisoteá-las, nem agravar a sua calamidade, mas ajudá-las por todos os meios. Se assim fizermos, estaremos cercados de muita segurança, tanto na vida presente quanto na que há de vir. Pois não apenas aqui, mas também lá elas serão nossas defensoras, cortando a maioria dos nossos pecados por causa da nossa benevolência para com elas, e fazendo-nos estar confiantes perante o tribunal de Cristo. Que isso, pela graça e misericórdia do nosso Senhor Jesus Cristo, a quem seja a glória para sempre e eternamente, aconteça a todos nós. Amém.

Sermão LXXI
João 13 – "E tomou suas vestes, e tendo-se assentado novamente, disse-lhes: Sabeis o que vos fiz?" E o que segue.

[1.] Coisa grave, amados, coisa grave é cair nas profundezas da maldade; pois então a alma torna-se difícil de ser restaurada. Por isso, devemos empregar todos os esforços para não sermos tomados por ela; pois é mais fácil não cair do que, tendo caído, recuperar-se. Observa, por exemplo, quando Judas se lançou no pecado, quanta ajuda recebeu, mas nem assim foi levantado. Cristo disse a ele: "Um dentre vós é um diabo" (cap. 6, vers. 71); disse: "Nem todos creem" (cap. 6, vers. 65); disse: "Não falo de todos," e, "Eu sei a quem escolhi" (cap. 13, vers. 18); e nenhuma dessas palavras ele sentiu. Agora, quando Ele lavara os pés deles, tomara Suas vestes e se assentara, disse: "Sabeis o que vos fiz?" Já não se dirige somente a Pedro, mas a todos.

Vers. 13. "Vós me chamais Senhor e Mestre, e dizeis bem, pois eu o sou."

"Vós me chamais." Ele aceita deles esse juízo, e para que as palavras não pareçam apenas gentilezas deles, acrescenta: "pois eu o sou." Ao introduzir uma palavra deles, Ele a torna menos ofensiva e, ao confirmá-la, torna-a

indiscutível. “Pois eu o sou,” diz Ele. Vês como, quando conversa com os discípulos, Ele revela mais o que pertence a Si mesmo? Assim como diz: “Não chameis mestre a ninguém sobre a terra, pois um só é vosso guia” (Mateus 23:8-9), assim também, “E não chameis pai vosso na terra.” Mas o “um” e o “um” não se referem somente ao Pai, mas também a Ele mesmo. Pois se Ele falasse excluindo-Se, como poderia dizer: “Para que vos torneis filhos da luz”? E se chamasse o Pai apenas de “Mestre,” como diz: “Pois eu o sou”; e ainda, “Pois um só é vosso guia, que é Cristo”? (cap. 12, vers. 26.)

Vers. 14, 15. “Se eu, pois,” diz Ele, “vosso Senhor e Mestre, lavei os vossos pés, também vós deveis lavar os pés uns dos outros. Porque eu vos dei o exemplo, para que, como eu vos fiz, façais vós também.”

E contudo não é a mesma coisa, pois Ele é Senhor e Mestre, e vós sois servos uns dos outros. O que significa então o “como”? “Com o mesmo zelo.” Pois por isso Ele toma exemplos de ações maiores para que, se possível, façamos as menores. Assim, os mestres escrevem as letras para as crianças muito bem, para que elas possam imitá-las ainda que de modo inferior. Onde estão agora aqueles que cospem em seus semelhantes? Onde estão aqueles que exigem honras? Cristo lavou os pés do traidor, do sacrílego, do ladrão, e isso próximo ao tempo da traição, e, por mais incurável que ele fosse, fez-o participante de Sua mesa; e tu te enches de orgulho e arqueias as sobrancelhas? “Então, vamos lavar os pés uns dos outros,” diz alguém, “mas então devemos lavar os dos nossos servos.” E que grande coisa há se lavarmos até os pés dos nossos servos? Para nós, “escravo” e “livre” são só palavras; ali é uma realidade. Pois por natureza Ele era Senhor e nós servos, contudo nem isso Ele recusou fazer naquela ocasião. Mas agora é motivo de contentamento se não tratamos homens livres como escravos, como comprados com dinheiro. E o que diremos naquele dia, se, tendo recebido provas de tamanha paciência, nós mesmos não as imitarmos, antes formos contrários, orgulhosos e não cumprirmos o dever? Porque Deus nos fez devedores uns dos outros, tendo Ele mesmo começado, e nos fez devedores em menor grau. Pois Ele foi nosso Senhor, mas nós, se fizermos algo, fazemos a nossos semelhantes, o que Ele mesmo indicou dizendo: “Se eu, pois, vosso Senhor e Mestre, lavei...” Teria sido natural dizer: “Quanto mais

vós, servos," mas Ele deixou isso para a consciência dos ouvintes.

[2.] Mas por que Ele fez isso "agora"? Eles estavam para receber, no futuro, uma honra maior ou menor. Para que não se exaltassem uns acima dos outros, e não dissessem como antes: "Quem é o maior?" (Mateus 18:1), nem se irritassem uns contra os outros, Ele derruba os pensamentos altivos de todos, dizendo que "ainda que sejas muito grande, não deves ter pensamentos arrogantes contra teu irmão." E Ele não mencionou a ação maior, dizendo "se lavei os pés do traidor, que grande coisa será se lavardes os uns aos outros?", mas tendo dado esse exemplo por meio das ações, deixou ao juízo dos espectadores. Por isso disse: "Quem guardar e ensinar será chamado grande" (Mateus 5:19); pois "ensinar" algo é realmente praticá-lo. Que orgulho não deveria isso eliminar? Que tipo de loucura e insolência não deveria aniquilar? Aquele que está assentado sobre os Querubins lavou os pés do traidor, e tu, ó homem, tu que és terra, cinzas e pó, te exaltas e te enches de soberba? E que inferno não merecerias? Se desejas, então, ter um espírito elevado, vem, mostrar-te-ei o caminho para isso; pois tu nem sequer sabes o que isso é. O homem que dá atenção às coisas presentes como grandes, tem alma medíocre; pois não pode haver humildade sem grandeza de alma, nem vaidade que não proceda da pequenez de alma. Como as crianças pequenas se afeiçoam às coisas vãs, olhando fixamente para bolas, aros e dados, mas não conseguem conceber as coisas importantes; assim, aquele que é verdadeiramente sábio considerará as coisas presentes como nada (de modo que nem desejará adquiri-las, nem recebê-las de outros); mas quem não é assim será afetado de modo contrário, focado em teias de aranha, sombras e sonhos de coisas menos substanciais que estas.

Versículos 16-18. "Em verdade vos digo: o servo não é maior que o seu senhor, nem o enviado maior que aquele que o enviou. Se sabeis estas coisas, feliz sois se as fizerdes. Não falo de todos vós – mas para que se cumpra a Escritura: Aquele que come o pão comigo levantou contra mim o calcanhar."

O que Ele dissera antes, Ele repete aqui, para envergonhá-los: "Se o servo não é maior que o seu senhor, nem o enviado maior que aquele que o enviou, e estas coisas Eu fiz, com muito mais razão deveis fazê-las vós." E para que

ninguém diga: “Por que falas isso agora? Não sabemos disso?” Ele acrescenta justamente isso: “Não vos falo como a ignorantes, mas para que pelas vossas ações manifesteis o que foi dito.” Pois “saber” é para todos, mas “fazer” nem todos. Por isso disse: “Bem-aventurados se as fizerdes”; e por isso eu vos repito continuamente, ainda que saibais, para vos colocar na prática. Pois até os judeus “sabem,” mas não são “bem-aventurados,” porque não fazem o que sabem.

“Não falo de todos vós,” diz Ele. Oh, que paciência! Ainda não condena o traidor, mas vela o caso, dando-lhe espaço para o arrependimento. Condena, mas não condena, quando diz: “Aquele que comeu o pão comigo levantou contra mim o calcanhar.” Parece-me que “o servo não é maior que o seu senhor” foi dito também para que, se algum dia alguém sofresse dano por servos ou pessoas de menor condição, não se ofendesse, olhando para o exemplo de Judas, que tendo recebido mil boas coisas, retribuiu ao Beneficiário com o contrário. Por isso acrescentou: “Aquele que comeu o pão comigo,” e deixando passar o resto, colocou o que melhor podia contê-lo e envergonhá-lo: “aquele que foi alimentado por mim” e “que compartilhou da minha mesa.” E falou estas palavras para ensinar a beneficiar aqueles que lhes faziam o mal, mesmo que permanecessem incuráveis.

Mas, tendo dito “Não falo de todos vós,” para não espalhar medo a mais de um, por fim separa o traidor, dizendo assim: “Aquele que comeu o pão comigo.” Pois o “não de todos” não se dirige a um único, por isso acrescenta: “aquele que comeu o pão comigo,” mostrando àquele infeliz que não o ignorava, mas conhecia plenamente, o que por si só bastava para contê-lo. E não disse “que me traiu,” mas “que levantou o calcanhar contra mim,” querendo representar o engano, a traição, o segredo da trama.

[3.] Estas coisas estão escritas para que não tenhamos rancor contra aqueles que nos fazem mal, mas os repreendamos e choremos por eles; pois os que são próprios de chorar não são os que sofrem, mas os que fazem o mal. O homem ganancioso, o falso acusador e quem pratica qualquer outra maldade faz a si mesmo o maior dano, e a nós o maior benefício, se não nos vingarmos. Exemplo deste caso: alguém te roubou; tens dado graças pelo

prejuízo e glorificado a Deus? Por esse agradecimento ganhaste dez mil recompensas, assim como ele acumulou para si um fogo inexprimível. Mas se alguém disser: “Como posso, se não pude me defender daquele que me fez mal, sendo mais fraco?” Eu responderia que podias colocar em ação o estar descontente, o estar impaciente (pois estas coisas estão ao nosso alcance), orar contra quem te entristeceu, proferir mil maldições contra ele, falar mal dele para todos. Portanto, quem não fez essas coisas será até recompensado por não se defender, pois está claro que, se tivesse tido poder, não o faria. O homem ferido usa qualquer arma que lhe vem à mão, quando, tendo alma pequena, se defende contra quem o feriu, com maldições, insultos e planos. Tu, então, não só não faças essas coisas, mas ora por ele; porque, se não as fizeres, mas até orares por ele, tu te tornarás semelhante a Deus. Pois está escrito: “Orai por aqueles que vos perseguem, para que sejais filhos do vosso Pai que está nos céus” (Mateus 5:44-45). Vês como somos os maiores beneficiados pela insolência dos outros? Nada agrada tanto a Deus quanto não retribuir o mal com mal. Mas o que digo? Não retribuir mal com mal? Certamente nos é ordenado retribuir o contrário, benefícios, orações. Por isso Cristo também retribuiu aquele que estava para traí-lo com tudo que era contrário: lavou seus pés, o reprendeu secretamente, repreendeu-o com moderação, cuidou dele, permitiu que compartilhasse Sua mesa e Seu beijo, e nem por isso ele melhorou; contudo, Cristo continuou fazendo a Sua parte.

Mas vem, ensinemos-te ainda pelo exemplo dos servos e, para tornar a lição mais forte, pelos do Antigo Testamento, para que saibas que não temos motivo para defesa quando lembramos um mal. Queres que te fale de Moisés, ou que recuemos ainda mais? Porque quanto mais antigos os exemplos apontados, mais somos superados. “Por quê?” Porque a virtude era então mais difícil. Aqueles homens não tinham preceitos escritos, nem modelos de vida, mas sua natureza lutava, desarmada, por si mesma, e era obrigada a flutuar em todas as direções, sem lastro. Por isso, ao louvar Noé, Deus não o chamou simplesmente perfeito, mas acrescentou: “na sua geração” (Gênesis 7:1), significando “naquele tempo,” quando havia muitos obstáculos, pois muitos outros brilharam depois dele, contudo ele não ficou atrás; pois na sua própria época era perfeito. Quem, então, antes de Moisés foi paciente? O bendito e nobre José, que tendo brilhado pela castidade, brilhou também pelo

longo sofrimento. Foi vendido quando não tinha cometido erro algum, mas servia e cumpria todos os deveres dos domésticos. Contra ele foi feita uma acusação maligna, e ele não se defendeu, embora tivesse seu pai ao lado. Mais ainda, foi buscar comida para eles no deserto, e quando não os encontrou, não desesperou nem voltou atrás (tinha desculpa para isso, se quisesse), mas ficou perto dos animais selvagens e daqueles homens cruéis, conservando o sentimento de um verdadeiro irmão. Novamente, quando estava na prisão e perguntado sobre a causa, não falou mal deles, mas somente: "Não fiz nada" e "Fui roubado da terra dos hebreus"; e depois disso, quando se tornou senhor, os alimentou e os livrou de milhares de perigos. Se formos sensatos, a maldade do nosso próximo não é forte o suficiente para nos afastar da nossa própria virtude. Mas aqueles outros não eram como ele; eles o despojaram, tentaram matá-lo, zombaram de seu sonho, ainda que recebessem sua comida, e planejaram tirar-lhe a vida e a liberdade. Comeram e não se importaram com o irmão nu no poço. O que poderia ser pior que tal brutalidade? Não foram piores do que qualquer número de assassinos? E depois disso, ao tirá-lo do poço, entregaram-no a mil mortes, vendendo-o a homens bárbaros e selvagens que viajavam para os bárbaros. Contudo, ele, quando se tornou governante, não só perdoou seus castigos, mas até os absolveu, pelo menos em relação a si mesmo, chamando o que foi feito uma dispensação de Deus, não uma maldade deles; e tudo que fez contra eles não foi por guardar rancor, mas dissimulando, por amor ao irmão. Depois disso, quando os viu apegados a ele, lançou fora a máscara, chorou em voz alta e os abraçou como se tivesse recebido os maiores benefícios, ele que antes fora destruído por eles; e os levou para o Egito, retribuindo-lhes com milhares de benefícios. Que desculpa teremos então, se após a Lei, após a graça e após tanta sabedoria celestial, nem mesmo nos esforçamos para igualar aquele que viveu antes da graça e da Lei? Quem nos livrará do castigo? Pois nada, nada é mais penoso que a lembrança das injúrias. E isso nos mostrou o homem que devia dez mil talentos; cuja dívida ora não foi cobrada, ora foi novamente cobrada; ora não, pela misericórdia de Deus; ora sim, pela própria maldade e pela malícia contra seu companheiro. Sabendo tudo isso, perdoemos nossos próximos suas ofensas, e retribuamos com ações contrárias, para que também alcancemos misericórdia de Deus, pela graça e

misericórdia do nosso Senhor Jesus Cristo, a quem seja glória e domínio para sempre. Amém.

Sermão LXXII
João 13:20 — "Em verdade, em verdade vos digo: quem recebe aquele a quem eu enviar, a mim me recebe; e quem a mim me recebe, recebe aquele que me enviou."

[1.] Grande é a recompensa pelo cuidado dedicado aos servos de Deus, e ela própria nos dá seus frutos. Pois, "quem vos recebe," diz Ele, "recebe a mim, e quem me recebe, recebe aquele que me enviou" (Mateus 10:40). O que pode ser maior do que receber Cristo e o Seu Pai? Mas qual é a relação disso com o que foi dito antes? O que tem em comum com o que Ele falou: "Bem-aventurados sois se fizerdes estas coisas," para depois acrescentar "quem vos recebe"? Uma ligação estreita e muito harmoniosa. Observa como. Quando estavam para sair e sofrer muitas coisas terríveis, Ele os conforta de duas maneiras: uma que vem d'Ele mesmo, outra que vem dos outros. "Porque se," Ele diz, "sóis verdadeiramente sábios, guardando-me em mente e levando convosco tudo o que Eu disse e fiz, suportareis facilmente as coisas terríveis. E não só isso, mas também por gozardes grande acolhida entre os homens." O primeiro ponto Ele declarou ao dizer: "Bem-aventurados sois se fizerdes estas coisas"; o segundo, quando disse: "Quem vos recebe, recebe a mim." Pois Ele abriu as casas de todos para eles, para que, tanto pela sabedoria evidente de seus costumes, como pelo zelo daqueles que os acolhiam, eles tivessem conforto em dobro. Depois de lhes ter dado essas instruções, como homens que iriam pelo mundo, refletindo que o traidor estava privado de ambas as coisas — nem teria paciência para os trabalhos, nem o cuidado de bons anfitriões — Ele se entristeceu novamente. E o Evangelista, para mostrar isso além disso, e para indicar que foi por causa dele que Ele se perturbou, acrescenta:

Versículo 21: "Depois que Jesus disse isto, perturbou-se em espírito e testemunhou, dizendo: Em verdade, em verdade vos digo que um de vós me trairá."

Mais uma vez Ele espalha o temor em todos ao não mencionar o traidor pelo nome.

Versículo 22: "Mas eles estavam em dúvida," embora não soubessem de nenhum mal em si mesmos; porém julgavam mais crível a declaração de Cristo do que seus próprios pensamentos. Por isso "olhavam uns para os outros." Ao lançar toda a suspeita sobre um só, Jesus teria acabado com o medo deles, mas ao dizer "um de vós" perturbou todos. O que aconteceu então? Os outros olharam uns para os outros; mas o sempre fervoroso Pedro fez um gesto para João. Como já fora repreendido antes, e quando Cristo queria lavar seus pés teria tentado impedir, e por toda parte é mostrado movido de amor, mas também culpado, e por isso temeroso, ele nem se calou, nem falou, mas queria saber pelo gesto de João. Mas é importante perguntar: por que, quando todos estavam aflitos e tremendo, com seu líder amedrontado, João, como alguém calmo, se reclina no peito de Jesus, e não só se reclina, mas até se deita em seu peito? E não é só isso digno de investigação, mas também o que segue. O que é? O que ele diz de si mesmo: "Aquele a quem Jesus amava." Por que ninguém mais disse isso de si mesmo, embora os outros também fossem amados? Mas ele mais que todos. E se ninguém disse isso dele, senão ele mesmo, não é estranho. Paulo também faz o mesmo quando precisa, dizendo: "Conheço um homem há quatorze anos," ainda que tenha também feito outras autocríticas não pequenas. Parece-te pouca coisa que, ao ouvir "Segue-me," ele logo deixou suas redes e seu pai e o seguiu; e que Cristo o levou sozinho com Pedro ao monte (Mateus 17:1), e outra vez quando entrou numa casa (Lucas 8:51)? Que alta consideração ele mesmo atribuiu a Pedro sem esconder, dizendo que Cristo lhe perguntou: "Pedro, amas-me mais do que estes?" (João 21:15), e em todos os lugares mostra que Pedro era quente e nobre para consigo mesmo; por exemplo, quando perguntou: "Senhor, que acontecerá a este?" ele falou com grande amor. Mas por que ninguém mais disse isso a seu respeito? Porque ele não o teria dito, a não ser que tivesse chegado a esta parte. Pois se, ao nos dizer que Pedro fez um gesto para João, não tivesse acrescentado mais, causaria dúvida considerável e nos forçaria a perguntar o motivo. Para resolver essa dúvida, ele diz: "Ele se reclinava no peito de Jesus." Achas que aprendeste pouco ao

ouvir que “ele se reclinava” e que o Mestre permitia essa intimidade? Se quiseres saber a razão dessa ação, foi por amor; por isso ele diz: “Aquele a quem Jesus amava.” Suponho também que João fez isso para mostrar que estava isento da acusação, e por isso fala abertamente e com confiança. E por que usou essas palavras, não em outro momento, mas só quando o chefe dos Apóstolos fez o gesto? Para que não julgasses que Pedro o chamou por ser maior, ele diz que foi por causa do grande amor que Jesus tinha por ele. Mas por que ele até se reclina no peito? Ainda não tinham suspeitas altas contra Jesus; além disso, assim ele acalmava a tristeza deles, pois é provável que naquele momento seus rostos estivessem carregados. Se estavam perturbados na alma, muito mais estariam nas feições. Acalmando-os, portanto, com palavra e com a pergunta, Ele abre caminho e permite que ele se deite no Seu peito. Observa também sua modéstia: ele não menciona seu próprio nome, mas “aquele a quem Ele amava.” Como Paulo, quando disse: “Conheço um homem há quatorze anos.” Agora Jesus acusava o traidor pela primeira vez, mas ainda não pelo nome; como então?

Versículo 26: “É aquele a quem Eu der o pedaço depois de o molhar.”

Até a forma da repreensão foi feita para envergonhá-lo. Ele não respeitou a mesa, embora partilhasse o pão; seja assim; mas receber o pedaço da Sua mão, quem não teria ficado conquistado? Mas ele não.

Versículo 27: “Então Satanás entrou nele.” Rindo dele por sua desfaçatez. Enquanto ele ainda pertencia ao grupo dos discípulos, não ousava atacá-lo diretamente, mas o fazia de fora; porém, quando Cristo o denunciou e o separou, ele o atacou sem medo. Não era apropriado manter-se entre os tais, que por tanto tempo foram incorrigíveis. Por isso Ele o expulsou dali, e outro o capturou quando ele foi afastado, e ele saiu de noite.

“Jesus lhe disse: Amigo, faz depressa o que tens que fazer.”

Versículo 28: “Ninguém à mesa entendia por que Ele lhe disse isso.”

[3.] Maravilhosa insensibilidade! Como pôde ser que ele não se comoveu nem se envergonhou; mas tornou-se ainda mais sem vergonha, "foi-se embora". O "faz depressa" não é a expressão de quem está dando uma ordem ou aconselhando, mas de quem está repreendendo, mostrando que Ele desejava corrigi-lo, mas, visto que ele era incorregível, o deixou ir. E isto, diz o Evangelista, "ninguém dos que estavam à mesa sabia".

Alguém talvez encontre aqui uma grande dificuldade: se, quando os discípulos perguntaram, "Quem é?" e Ele respondeu, "É aquele a quem Eu der o pedaço molhado quando o tiver molhado", mesmo assim eles não entenderam; a menos que Ele tenha falado em segredo, para que ninguém ouvisse. Pois João, por este mesmo motivo, deitado junto ao Seu peito, perguntou-Lhe quase perto do ouvido, para que o traidor não fosse revelado; e Cristo respondeu da mesma forma, de modo que nem então Ele o denunciou. E, embora tenha dito enfaticamente, "Amigo, faz depressa o que fazes", mesmo assim eles não entenderam.

Mas Ele falou assim para mostrar que o que havia dito aos judeus a respeito da Sua morte era verdade. Pois Ele havia dito a eles: "Tenho poder para deixar a Minha vida, e tenho poder para tomá-la novamente"; e "Ninguém a tira de Mim" (cap. 10:18). Enquanto Ele a retivesse, ninguém poderia tirá-la; mas quando a entregasse, o ato se tornaria fácil. Tudo isso Ele quis dizer quando falou: "Faz depressa o que fazes".

Ainda assim, nem então Ele o denunciou, pois talvez os outros o tivessem despedaçado, ou Pedro o matado. Por isso, "ninguém à mesa sabia". Nem João? Nem mesmo ele: pois não poderia esperar que um discípulo chegasse a tal ponto de maldade. Como eles mesmos estavam longe de tal iniquidade, não podiam suspeitar dessas coisas em relação aos outros.

Como antes Ele lhes dissera: "Não falo de todos vocês" (v.18), sem revelar a pessoa, assim aqui, eles pensaram que se referia a outra coisa qualquer.

"Era noite," diz o Evangelista, quando ele saiu. "Por que mencionas o tempo?" Para que aprendamos sua ousadia, que nem o tempo o impediu de cumprir

seu propósito. Ainda assim, isso também não o tornou completamente manifesto, pois os outros estavam confusos, ocupados pelo medo e grande angústia, e não sabiam a verdadeira razão do que fora dito, supunham que Ele falava para que Judas desse algo aos pobres. Pois Ele se importava muito com os pobres, ensinando-nos também a sermos diligentes nesse ponto.

Mas eles pensavam isso, não sem motivo, "porque ele tinha o alforge". No entanto, ninguém parece ter trazido dinheiro para Ele; foi dito que as discípulas o sustentavam com seus próprios recursos, mas isso não foi declarado em outro lugar (Lucas 8:3).

Mas como poderia Aquele que mandou os discípulos não levar bolsa, nem dinheiro, nem bastão, Ele próprio levar uma bolsa para ministrar aos pobres? Para que aprendas que até aquele que é extremamente necessitado e crucificado deve ser muito cuidadoso nesse ponto. Pois Ele fez muitas coisas por providência para nossa instrução.

Então, os discípulos pensaram que Ele falava para que Judas desse algo aos pobres; e nem isso o envergonhou, pois até o último dia não quis fazer dele um exemplo público.

Também devemos agir assim, e não expor os pecados de nossos companheiros, mesmo que sejam incuráveis. Pois, mesmo após isso, Ele deu um beijo ao homem que veio traí-Lo, e suportou tal ato; e depois seguiu para algo muito mais audacioso, a própria Cruz, a morte vergonhosa, onde novamente manifestou Sua bondade.

E aqui Ele chama isso de "glória", mostrando-nos que não há nada tão vergonhoso ou repreensível que não torne mais brilhante aquele que vai a isso, se feito conforme a vontade de Deus.

Pelo menos, depois da saída de Judas para trair, Ele diz:

Verso 31. "Agora é glorificado o Filho do Homem." Assim despertando os pensamentos abatidos dos discípulos e persuadindo-os não apenas a não desanimar, mas até a se alegrar.

Por isso Ele repreendeu Pedro logo no começo, porque para alguém que esteve na morte vencer a morte é grande glória. E isso é o que Ele disse de Si mesmo: "Quando Eu for levantado, então saberão que Eu Sou" (cap. 8:28); e ainda, "Destruí este Templo" (cap. 2:19); e também, "Nenhum sinal vos será dado, exceto o sinal de Jonas" (Mateus 12:39).

Pois como poderia ser de outro modo senão grande glória o fato de poder, mesmo após a morte, fazer coisas maiores do que antes dela? Para que a ressurreição fosse crida, os discípulos fizeram coisas maiores. Mas se Ele não tivesse vivido e não fosse Deus, como esses homens poderiam ter feito tais coisas em Seu nome?

Verso 32. "E Deus o glorificará."

O que significa: "E Deus o glorificará nele mesmo"? É "por meio de Si mesmo, não por meio de outro".

"E logo o glorificará."

[4.] Isto é, "simultaneamente com a Cruz". "Pois não será depois de muito tempo," Ele diz, "nem esperará a distante estação da Ressurreição, nem então o mostrará glorioso, mas imediatamente na própria Cruz aparecerão Suas glórias."

E assim o sol se escureceu, as rochas se partiram; o véu do templo se rasgou em dois, muitos corpos de santos que dormiam ressuscitaram, o túmulo tinha seus selos, os guardas estavam ao redor, e enquanto uma pedra repousava sobre o Corpo, o Corpo ressurgiu; passaram-se quarenta dias, e veio o Dom do Espírito, e todos imediatamente pregavam sobre Ele. Isto é, "glorificará a Si mesmo, e logo o glorificará"; não por anjos ou arcanjos, nem por outro poder, mas por Si mesmo.

Mas como Ele também o glorificou por Si mesmo? Fazendo tudo para a glória do Filho. E o Filho fez tudo. Vês que Ele atribui ao Pai as coisas feitas por Ele mesmo?

Verso 33. "Filhinhos, ainda um pouco estou convosco — e como disse aos judeus: 'Para onde Eu vou, vós não podeis ir,' assim agora digo a vocês."

Agora Ele começa palavras de tristeza depois da ceia. Pois quando Judas saiu já não era mais tarde, mas noite. Mas, como estavam para partir em breve, era necessário colocar tudo diante dos discípulos para que guardassem na memória; ou melhor, o Espírito lhes recordou tudo. Pois é provável que eles esquecessem muitas coisas, por ouvirem pela primeira vez e estarem prestes a enfrentar tais provações.

Homens que estavam quase adormecidos (como outro Evangelista diz — Lucas 22:45), possuídos de desalento, como o próprio Cristo disse: "Porque vos disse estas coisas, o vosso coração se encheu de tristeza" (cap. 16:6), como poderiam guardar todas essas coisas exatamente? Por que, então, foram ditas?

Isso se tornou um grande ganho para eles, em relação à sua opinião sobre Cristo, porque tempos depois, ao serem lembrados, certamente sabiam que já há muito tinham ouvido essas coisas dEle. Mas por que primeiro Ele abateu suas almas dizendo, "Ainda um pouco estou convosco"? "Foi dito com razão aos judeus, mas por que nos coloca na mesma classe daqueles obstinados?" Ele de modo algum fez isso.

"Por que, então, disse Ele: 'Como disse aos judeus'?" Ele lhes lembrou que agora, porque as dificuldades estavam sobre eles, não os advertia dessas coisas pela primeira vez, mas que Ele já as havia previsto desde o início, e que eles eram testemunhas de que Ele as dissera aos judeus. Por isso acrescentou a palavra "filhinhos", para que ao ouvirem "como disse aos judeus", não achassem que a expressão era usada do mesmo modo para eles.

Não era para abatê-los, mas para consolá-los, para que os perigos, vindo de repente, não os perturbassem excessivamente.

"Para onde Eu vou, vós não podeis ir." Ele mostra que Sua morte é uma partida, e uma mudança para melhor, para um lugar que não admite corpos corruptíveis. Isso Ele diz para despertar o amor deles por Ele e torná-lo mais fervoroso. Vós sabeis que, quando vemos algum de nossos amigos mais queridos partir, nosso afeto se intensifica, e mais ainda quando vemos que vão para um lugar onde nem nós podemos ir.

Estas coisas Ele disse para aterrorizar os judeus, mas para acender o desejo nos discípulos. "Esse é o lugar, que não só eles, mas nem mesmo vós, meus amados, podeis alcançar." Aqui Ele mostra também Sua própria dignidade.

"Assim, agora vos digo." Por que "agora"? "De um modo para eles, de outro para vós"; isto é, "não como para eles". Mas quando os judeus O buscaram? E quando os discípulos? Os discípulos, quando fugiram dos judeus, quando sofreram misérias insuportáveis e indescritíveis na captura de sua cidade, quando a ira de Deus veio sobre eles de todos os lados.

Por isso, Ele falou aos judeus então, por causa da incredulidade deles, "mas a vocês agora, para que os problemas não venham de repente."

Verso 34. "Um novo mandamento vos dou."

Como era provável que se perturbassem ao ouvir isso, como se fossem abandonados, Ele os consola, conferindo-lhes aquilo que é raiz de toda bênção e proteção: o amor. Como se dissesse: "Entristeceis-vos com Minha partida? Não, se amardes uns aos outros, sereis mais fortes."

Por que então não disse isso? Porque disse algo que os beneficiava mais do que isso.

Verso 35. "Nisto todos conhecerão que sois Meus discípulos."

[5.] Por meio disso, Ele mostrou ao mesmo tempo que a comunhão jamais deveria ser extinta, quando lhes deu um sinal distintivo. Isso Ele disse quando o traidor foi afastado deles. Mas por que chama de novo mandamento algo que também está contido no Antigo (testamento)? Ele mesmo o fez novo pelo modo de expressar; por isso acrescentou: "Como Eu vos amei."

"Não vos paguei uma dívida de boas obras previamente feitas por vós, mas Eu mesmo comecei," Ele diz. "Assim também deveis beneficiar vossos mais queridos, embora nada lhes deveis"; e, omitindo mencionar os milagres que deveriam realizar, Ele faz do amor a característica deles.

E por quê? Porque é isso que principalmente mostra aos homens como santos; é o fundamento de toda virtude; por isso principalmente todos nós somos salvos. Pois "isto," Ele diz, "é ser discípulo; assim todos vos louvarão quando virem que imitais Meu amor."

Então? Os milagres não mostram isso muito mais? De modo nenhum. Pois "muitos dirão, Senhor, acaso não expulsamos demônios em Teu nome?" (Mateus 7:22.) E ainda, quando se alegravam porque os demônios lhes obedeciam, Ele disse: "Não vos alegreis porque os demônios vos obedecem, mas alegrai-vos por estarem escritos os vossos nomes no céu." (Lucas 10:20.)

E isto realmente venceu o mundo, porque aquilo era anterior a isto; não fosse isso, isto também não teria resistido. Isso imediatamente os tornou perfeitos, tendo todos um só coração e uma só alma. Mas, se tivessem se separado uns dos outros, tudo estaria perdido.

Agora Ele não falou isso apenas para eles, mas para todos os que creriam nEle; pois mesmo agora, nada faz os gentios tropeçarem, senão a falta de amor. "Mas," diz alguém, "eles também nos acusam da ausência de milagres." Mas não da mesma forma.

"Mas onde os Apóstolos manifestaram seu amor?" Vês Pedro e João inseparáveis um do outro, subindo ao templo? (Atos 3:1.) Vês Paulo

igualmente disposto para com eles, e duvidas? Se tivessem recebido as outras bênçãos, muito mais teriam a mãe de todas elas.

Pois isso nasce de uma alma virtuosa; onde há maldade, essa planta murcha. Pois "quando," diz, "a iniqüidade se multiplicar, o amor de muitos esfriará." (Mateus 24:12.) E os milagres não atraem tanto os gentios quanto o modo de vida; e nada tanto causa uma vida reta quanto o amor.

Pois os que realizavam milagres frequentemente eram chamados de enganadores; mas não podiam demonstrar uma vida pura. Enquanto a mensagem do Evangelho ainda não estava difundida, os milagres eram com razão admirados; mas agora as pessoas devem ser admiradas por suas vidas.

Nada tanto eleva o respeito dos gentios quanto a virtude, nada tanto os ofende quanto o vício. E com razão. Quando um deles vê o ganancioso, o saqueador, exortando outros ao contrário, quando vê o homem que foi mandado amar até seus inimigos tratar seus próprios parentes como bestas, dirá que as palavras são loucura.

Quando vê alguém tremendo diante da morte, como receberá os relatos da imortalidade? Quando vê que gostamos de mandar e somos escravos das paixões, permanecerá firme em suas próprias doutrinas, sem nos admirar.

Nós somos a causa de permanecerem em seu erro. Eles mesmos já condenaram suas doutrinas, e de modo semelhante admiram as nossas, mas são impedidos pelo nosso modo de vida.

Seguir a sabedoria nas palavras é fácil; muitos o fizeram entre eles; mas eles exigem a prova pelas obras.

"Então que olhem para os antigos da nossa fé." Mas não acreditam neles; perguntam pelos que vivem agora. Pois, "mostra-me," diz, "tua fé pelas tuas obras" (Tiago 2:18); mas não é assim; pelo contrário, vendo-nos maltratar os vizinhos pior que feras, nos chamam a maldição do mundo.

Estas coisas impedem os gentios e não os deixam vir para o nosso lado. Assim, seremos punidos também por isso; não só pelo que fazemos de errado, mas porque o nome de Deus é blasfemado.

Por quanto tempo continuaremos entregues à riqueza, ao luxo e às outras paixões? Para o futuro, deixemo-las de lado.

Ouça o que o Profeta diz a certos insensatos: "Comamos e bebamos, porque amanhã morreremos." (Isaías 22:13.) Mas, no caso presente, nem isso podemos dizer, pois "muitos" acumulam para si o que pertence a todos.

Repreendendo-os, o Profeta disse também: "Vós habitareis só na terra?" (Isaías 5:8.) Por isso temo que algo grave aconteça, e que atraiamos sobre nós pesada vingança de Deus.

E para que isso não aconteça, cuidemos de toda virtude, para que alcancemos as bênçãos futuras, pela graça e misericórdia do nosso Senhor Jesus Cristo, por quem e com quem, ao Pai e ao Espírito Santo, seja glória agora e para sempre, pelos séculos dos séculos. Amém.

Sermão LXXIII
João 13:36 – "Simão Pedro lhe disse: Senhor, para onde vais? Jesus respondeu: Para onde eu vou, não podes seguir-me agora, mas me seguirás depois."

[1.] Grande coisa é o amor, e mais forte do que o próprio fogo, e sobe até o céu; não há obstáculo que possa conter a sua força dilacerante. Assim, o fervoroso Pedro, quando ouve "Para onde eu vou, vocês não podem ir", o que diz ele? "Senhor, para onde vais?" E isso ele disse, não tanto por desejar aprender, mas por desejar seguir. Dizer abertamente "Eu vou" ele ainda não ousava, mas perguntou "Para onde vais?" Cristo respondeu, não às palavras, mas aos seus pensamentos. Pois era claro que esse era o seu desejo, como mostra Cristo quando diz: "Para onde eu vou, tu não podes seguir-me agora." Vês que ele anelava por segui-lo, e por isso fez a pergunta? E quando ouviu

"Tu me seguirás depois", nem assim cessou o seu desejo, e, embora tivesse boas esperanças, disse ansiosamente:

Verso 37. "Por que não posso seguir-te agora? Estou pronto para dar a minha vida por ti."

Depois que ele afastou o medo de ser o traidor e foi mostrado como um dos Seus, perguntou com ousadia, enquanto os outros se calavam: "O que dizes, Pedro? Ele disse 'tu não podes', e tu dizes 'posso'?" Por isso deves entender, a partir dessa tentação, que o teu amor não vale nada sem o impulso vindo do alto. Daí é claro que, por cuidado com ele, Cristo permitiu até essa queda. Ele queria ensiná-lo já desde as primeiras palavras, mas quando ele persistiu em sua veemência, Cristo não o forçou ou lançou na negação, mas o deixou sozinho para que aprendesse sua própria fraqueza. Cristo disse que Ele devia ser traído; Pedro respondeu: "Longe de ti, Senhor; isso não te acontecerá." (Mateus 16:22.) Ele foi repreendido, mas não instruído. Pelo contrário, quando Cristo quis lavar seus pés, ele disse: "Nunca lavarás os meus pés." (v. 8.) Novamente, quando ouviu "Tu não podes seguir-me agora," ele disse, "Ainda que todos te neguem, eu não te negarei." Como era provável que ele se elevasse à loucura pela sua contradição, Jesus então o ensinou a não O opor. Isso também Lucas indica, quando relata que Cristo disse: "Eu roguei por ti, para que a tua fé não falhe." (Lucas 22:32); isto é, "para que não te percas completamente." Ensinando-o em tudo a humildade e provando que a natureza humana sozinha não é nada. Mas, como o grande amor o tornava apto à contradição, agora Cristo o modera para que, no futuro, quando receber a responsabilidade do mundo, ele não seja sujeito a isso, mas lembrando o que sofreu, conheça a si mesmo. E veja a força da sua queda; não aconteceu uma ou duas vezes, mas ele foi tão dominado que, em curto espaço de tempo, negou três vezes, para aprender que não amava tanto quanto foi amado. E ainda assim, àquele que caiu assim, Ele pergunta de novo: "Amas-me mais do que estes?" Assim, a negação não veio por esfriamento do amor, mas porque ele foi privado da ajuda do alto. Ele aceita, portanto, o amor de Pedro, mas corta o espírito de contradição gerado por ele. "Porque, se amas, deves obedecer àquele que amas. Eu disse a ti e aos que estão contigo: 'Tu não podes'; por que és contencioso? Sabes o que é

contradizer a Deus? Mas, como não queres aprender que é impossível que o que Eu digo não aconteça, aprenderás pela negação.” E ainda assim isso te parecia ainda mais incrível. Pois isso não compreendias, mas sabias em teu coração. E mesmo assim aconteceu o que nem esperavas.

“Darei a minha vida por ti.” Pois, tendo ouvido “Ninguém tem maior amor do que este,” ele imediatamente se lançou, insaciável e desejoso de alcançar o mais alto grau de virtude. Mas Cristo, para mostrar que só Ele tem autoridade para prometer tais coisas, disse:

Verso 38. “Antes que o galo cante.”

Isto é, “agora”; faltava pouco tempo. Falou já tarde da noite, depois da primeira e segunda vigílias.

Capítulo 14, verso 1. “Não se turbe o vosso coração.”

Disse isso porque era provável que, ao ouvirem, ficassem perturbados. Pois, se o líder do grupo, tão fervoroso, foi informado que antes do galo cantar negaria três vezes o Mestre, era de se esperar que enfrentassem grande prova, suficiente para abalar até almas de ferro. Assim, prevendo que eles ficariam espantados, vê como Ele os consola: “Não se turbe o vosso coração.” Com essa palavra mostra o poder da Sua divindade, pois conhece e revela o que guardam no coração.

“Crede em Deus, crede também em Mim.” Isto é, “Todos os perigos passarão, pois a fé em Mim e no Meu Pai é mais poderosa do que tudo que vier, e não permitirá que o mal prevaleça contra vós.” Então acrescenta:

Verso 2. “Na casa de Meu Pai há muitas moradas.”

Assim como consola Pedro, dizendo “tu me seguirás depois,” Ele também dá esperança aos demais. Para que não pensem que a promessa é só para ele, diz: “Na casa de Meu Pai há muitas moradas.”

"Se assim não fosse, Eu vo-lo teria dito; vou preparar-vos lugar."

Isto é, "O mesmo lugar que receber Pedro também vos receberá." Pois há muitas moradas, e não se pode dizer que precisam de preparação. Quando disse "vós não podeis seguir-me agora," para que não se sentissem excluídos, acrescentou:

Verso 3. "E onde Eu estou, ali vós também estareis."

"Tenho sido tão zeloso disso, que já teria partido para isso, se não tivesse sido preparado para vós há muito tempo." Mostrando que devem ser ousados e confiantes. E para que não pareça que os engana, mas para que creiam firmemente, acrescenta:

[2.] Verso 4. "E para onde Eu vou, sabeis o caminho."

Vês que Ele lhes dá prova de que essas coisas não foram ditas sem significado? E usou essas palavras porque sabia em si mesmo que suas almas agora desejavam aprender isso. Pois Pedro disse o que disse, não para aprender, mas para que pudesse seguir. Mas quando Pedro foi repreendido, e Cristo declarou que aquilo seria possível, embora no momento parecesse impossível, e quando a aparente impossibilidade o levou a desejar saber exatamente a questão, por isso Ele diz aos outros: "E o caminho vós sabeis." Pois assim como, quando disse, "Tu Me negarás", antes que alguém pronunciasse uma palavra, sondando seus corações, disse: "Não vos turbeis", assim aqui também, dizendo "Vós sabeis", Ele revelou o desejo que havia em seus corações, e Ele mesmo lhes dá uma desculpa para questionar. Agora, o "Para onde vais?" Pedro usou por afeto muito amoroso; Tomé, por covardia.

Verso 5. "Senhor, nós não sabemos para onde vais."

"Diz ele, 'o lugar nós não sabemos, e como saberemos o caminho para lá?'" E observa com que submissão ele fala; não diz, "diz-nos o lugar", mas, "não sabemos para onde vais"; pois todos há muito anelavam ouvir isso. Se os judeus se perguntavam entre si quando ouviam (sobre Sua partida), embora

desejassem se livrar dele, muito mais desejariam aprender aqueles que nunca queriam se separar dele. Portanto, temiam perguntar, mas ainda assim perguntavam, por seu grande amor e ansiedade. O que então diz Cristo?

Verso 6. "Eu sou o Caminho, e a Verdade, e a Vida; ninguém vem ao Pai senão por Mim."

"Por que então, quando Pedro perguntou, ‘Para onde vais?’, Ele não disse diretamente: ‘Vou para o Pai, mas vocês não podem ir agora’? Por que Ele usou tantas palavras, colocando perguntas e respostas? Com razão, Ele não disse isso aos judeus; mas por que não disse a estes?" De fato, Ele já tinha dito a ambos, judeus e discípulos, que veio de Deus e ia para Deus, agora Ele diz a mesma coisa mais claramente do que antes. Além disso, aos judeus Ele não falou tão claramente; pois, se tivesse dito: "Não podeis vir ao Pai senão por Mim", eles imediatamente considerariam isso vanglória; mas agora, ao ocultar isso, Ele os lançou na perplexidade. "Mas por que", alguém diz, "Ele falou assim tanto aos discípulos quanto a Pedro?" Ele conhecia a grande ousadia dele e que, por causa disso, ele pressionaria e inquietaria ainda mais; para afastá-lo, Ele escondeu o assunto. Tendo conseguido o que queria pela obscuridade e por ocultar Sua fala, Ele revela novamente o assunto. Depois de dizer: "Para onde Eu vou ninguém pode vir", Ele acrescenta: "Na casa de Meu Pai há muitas moradas"; e ainda, "Ninguém vem ao Pai senão por Mim." Isso Ele não lhes disse no começo, para não lançá-los em maior desânimo; mas agora, que os acalmou, Ele lhes diz. Pois pela repreensão a Pedro Ele expulsou muito de seu desânimo; e temendo que eles fossem tratados da mesma forma, ficaram mais contidos. "Eu sou o Caminho." Esta é a prova do "Ninguém vem ao Pai senão por Mim"; e "a Verdade e a Vida" provam que "essas coisas certamente serão." "Então não há falsidade em Mim, se Eu sou a 'Verdade'; se Eu sou também a 'Vida', nem mesmo a morte poderá impedir que venhais a Mim. Além disso, se Eu sou o 'Caminho', não precisareis que ninguém vos conduza pela mão; se Eu sou também a 'Verdade', Minhas palavras não são falsas; se Eu sou também a 'Vida', ainda que morrais, alcançareis o que vos disse." Agora, ser "o Caminho" eles tanto entenderam quanto aceitaram, mas o resto não sabiam. De fato, não ousavam dizer o que

não sabiam. Ainda assim, obtiveram grande consolo por Ele ser "o Caminho." "Se," diz Ele, "Eu tenho autoridade exclusiva para conduzir ao Pai, certamente vós chegareis lá; pois não é possível chegar por outro caminho." Mas ao dizer antes: "Ninguém pode vir a Mim, a menos que o Pai o atraia"; e ainda, "Se Eu for levantado da terra, atrairei todos a Mim" (cap. 12, v. 32); e novamente, "Ninguém vem ao Pai senão por Mim" (cap. 14, v. 6); Ele se mostra igual àquele que o gerou. Mas como, depois de dizer: "Para onde Eu vou vós sabeis, e o caminho sabeis," acrescentou,

Verso 7. "Se Me tivésseis conhecido, conheceríeis também a Meu Pai; e desde agora O conheceis e O tendes visto"?

Ele não se contradiz; eles O conheciam, mas não como deviam. Conheciam Deus, mas ainda não o Pai. Pois depois que o Espírito veio sobre eles, trabalhou neles todo o conhecimento. O que Ele diz é dessa natureza: "Se tivésseis conhecido Minha Essência e Minha Dignidade, também conheceríeis a do Pai; e desde agora O conhecereis e O tendes visto" (uma coisa no futuro, a outra no presente), ou seja, "por Mim." Por "ver", Ele quer dizer conhecimento pela percepção intelectual. Pois aqueles que são vistos podem ser vistos sem serem conhecidos; mas aqueles que são conhecidos não podem ser não conhecidos. Por isso Ele diz, "e O tendes visto"; assim como está escrito: "foi visto também pelos Anjos." (1 Timóteo 3,16.) Todavia, a própria Essência não foi vista; porém diz que Ele "foi visto", isto é, tanto quanto era possível para eles verem. Essas palavras são usadas para que aprendas que o homem que O viu conhece aquele que O gerou. Mas eles O contemplaram não em Sua Essência revelada, mas revestido de carne. Ele costuma em outros lugares usar "ver" como sinônimo de "conhecer"; como quando diz: "Bem-aventurados os puros de coração, porque eles verão a Deus." (Mateus 5,8.) Por "puros", Ele não quer dizer somente aqueles livres da fornicação, mas de todos os pecados. Pois todo pecado traz imundície à alma.

[3.] Usemos, pois, todos os meios para apagar a imundície. Mas primeiro a fonte limpa, depois muitos outros modos também, variados e de todos os tipos. Pois Deus, sendo misericordioso, depois disso mesmo nos deu vários meios de reconciliação, dos quais o primeiro é a prática da esmola. "Pelas

obras de esmola," diz, "e pelas obras da fé, os pecados se purificam." (Eclo 3,30). Por esmola não entendo aquilo que se mantém pela injustiça, pois isso não é esmola, mas selvageria e desumanidade. Que proveito há em despir um homem para vestir outro? Porque devemos começar a ação pela misericórdia, mas isso é desumanidade. Se damos tudo o que recebemos de outros, não é lucro para nós. E isso mostra Zacarias, que naquela ocasião disse que aplacava a Deus dando quatro vezes mais do que havia tomado. (Lc 19,8). Mas nós, quando saqueamos sem limite e damos pouco, pensamos que agradamos a Deus, ao passo que, na verdade, O irritamos mais. Pois diga-me: se arrastares um burro morto e podre das beiras das estradas e becos, e o trouxeres ao altar, acaso não te apedrejariam todos como alguém maldito e impuro? Pois bem, se eu provar que um sacrifício conseguido por saque é mais impuro que isso, que defesa teremos? Suponhamos que algum objeto foi obtido por saque, acaso não tem odor mais fétido que um burro morto? Queres saber quão grande é a podridão do pecado? Ouve o profeta dizendo: "Minhas feridas cheiravam mal, e estavam corrompidas." (Sl 38,5). E tu pedes a Deus, com palavras, que esqueça tuas más ações, e tu mesmo, roubando e agarrando, e colocando teu pecado no altar, fazes com que Ele sempre se lembre delas? Mas isso não é o único pecado, há um ainda mais grave, que é que tu profanas as almas dos santos. Pois o altar é apenas uma pedra, consagrada, mas eles sempre trazem consigo o próprio Cristo; e ousas enviar para lá tal impureza? "Não," dirá alguém, "não o mesmo dinheiro, mas outro." Isso é zombaria e escárnio. Não sabes que se uma gota de injustiça cair em grande quantidade de bens, tudo fica corrompido? E assim como o homem, ao lançar estrume numa fonte pura, a torna toda imunda, assim também no caso das riquezas, tudo que é mal obtido as contamina com seu mau cheiro. Depois lavamos as mãos quando entramos na igreja, mas não lavamos o coração. Por quê? As mãos dão voz? É a alma que pronuncia as palavras; para ela Deus olha; a pureza do corpo não adianta nada enquanto a alma estiver suja. Que proveito há em limpar tuas mãos exteriores, se tens as internas impuras? Pois o terrível e destruidor de todo bem é que, enquanto nos preocupamos com coisas pequenas, não nos importamos com o que é importante. Orar com mãos não lavadas é algo indiferente; mas fazê-lo com mente não purificada é o extremo de todo mal. Ouve o que foi dito aos judeus que se ocupavam com essas impurezas exteriores: "Lava o teu coração da

maldade, até quando terás pensamentos sobre os teus trabalhos?" (Jr 4,14). Lavemo-nos também, não com lama, mas com água limpa, com a esmola, não com a cobiça. Primeiro liberta-te da rapina, e então mostra esmolas. "Afasta-te do mal e faze o bem." (Sl 37,27). Afasta tuas mãos da cobiça e assim trazê-las para a esmola. Mas se com as mesmas mãos roubamos alguns, ainda que não vistamos outros com o que tomamos deles, não escaparemos do castigo. Pois o que é a base da propiciação torna-se base de toda maldade. Melhor não mostrar misericórdia do que mostrá-la assim; pois para Caim também teria sido melhor não trazer oferta alguma. Agora, se aquele que dá pouco irritou a Deus, quando alguém dá o que é dos outros, como não irá irritá-Lo? "Eu te ordenei," dirá Ele, "não roubar, e honras-Me com o que roubaste? Que pensais? Que Me agrado dessas coisas?" Então dirá a ti: "Pensaste mal, que Eu sou como tu; Eu te repreenderei e porei diante do teu rosto os teus pecados." (Sl 50,21). Mas que não aconteça que algum de nós ouça essa voz; antes, tendo praticado esmolas puras, e com as lâmpadas acesas, entremos na câmara nupcial, pela graça e misericórdia do nosso Senhor Jesus Cristo, a quem, com o Pai e o Espírito Santo, seja glória para sempre. Amém.

Sermão LXXIV
João 14,8-9 – "Filipe disse-lhe: Senhor, mostra-nos o Pai, e isso nos basta. Jesus lhe disse: Há tanto tempo estou convosco, e ainda não me conheces, Filipe? Quem me viu, viu o Pai."

[1.] O profeta disse aos judeus: "Tu tinhas o rosto de uma prostituta, foste sem vergonha diante de todos os homens." (Jeremias 3,3 LXX) Agora, parece apropriado usar esta expressão não apenas contra aquela cidade, mas contra todos que afrontam a verdade sem pudor. Pois quando Filipe disse a Cristo: "Mostra-nos o Pai", Ele respondeu: "Há tanto tempo estou convosco, e ainda não me conheces, Filipe?" E, no entanto, há alguns que, mesmo após essas palavras, separam o Pai do Filho. Que proximidade desejas maior do que esta? De fato, a partir dessa mesma palavra, alguns caíram no erro de Sabélio. Mas deixemos tanto esses quanto aqueles, pois estão envolvidos em erros diametralmente opostos, e consideremos o exato sentido das palavras. "Há tanto tempo estou convosco, e ainda não me conheces, Filipe?" Ele disse.

Então, o que Filipe respondeu? "És tu o Pai que procuro?" "Não," Ele disse. Por isso não disse "não o conheces", mas "não me conheces", declarando nada mais do que isto: que o Filho não é outro senão o que o Pai é, ainda que continue sendo Filho. Mas como Filipe pôde fazer essa pergunta? Cristo havia dito: "Se me conhecêsseis, conheceríeis também a meu Pai" (cap. XIV,7), e frequentemente dissera isso aos judeus. Já que Pedro e os judeus frequentemente lhe perguntavam: "Quem é o Pai?", já que Tomé lhe havia perguntado, e ninguém entendera claramente, e suas palavras ainda não eram compreendidas; Filipe, para não parecer importuno e incomodar, perguntou em nome dos judeus: "Mostra-nos o Pai", acrescentando, "e isso nos basta", "não buscamos mais nada". Mas Cristo disse: "Se me conhecêsseis, conheceríeis também a meu Pai", e Ele mesmo revelou o Pai. Contudo, Filipe inverteu a ordem e disse: "Mostra-nos o Pai", como se já conhecesse Cristo perfeitamente. Mas Jesus não o tolera assim, antes o corrige, persuadindo-o a conhecer o Pai por meio d'Ele mesmo, enquanto Filipe desejava vê-Lo com os olhos do corpo, talvez tendo ouvido dos profetas que eles "viram a Deus". Mas aqueles casos, Filipe, foram atos de condescendência. Por isso Cristo disse: "Ninguém jamais viu a Deus" (cap. I,18); e ainda: "Todo aquele que ouviu e aprendeu de Deus vem a mim." (cap. VI,45) "Nem nunca ouvistes a sua voz, nem viste a sua aparência." (cap. V,37) E no Antigo Testamento: "Ninguém verá a minha face e viverá." (Ex 33,20) O que Cristo diz? Muito repreensivamente, Ele diz: "Há tanto tempo estou convosco, e ainda não me conheces, Filipe?" Ele não disse: "Ainda não me viste", mas "ainda não me conheces". "Por que," Filipe poderia dizer, "quero aprender sobre Ti? Agora procuro ver teu Pai, e Tu me perguntas se não Te conheço?" Qual a relação disso com a pergunta? Certamente muito próxima; pois se Ele é aquilo que o Pai é, ainda sendo Filho, com razão Ele mostra em si mesmo Aquele que o gerou. Para distinguir as Pessoas, Ele diz: "Quem me viu, viu o Pai", para que ninguém afirme que o mesmo é Pai e Filho. Pois se Ele fosse o Pai, não teria dito: "Quem me viu, viu Ele." Por que, então, não respondeu: "Tu pedes coisas impossíveis e proibidas ao homem; só Eu posso isso"? Porque Filipe disse: "Isso nos basta", como se conhecesse Cristo, Ele mostra que ele ainda não o conheceu sequer. Pois certamente teria conhecido o Pai se pudesse conhecer o Filho. Por isso Ele diz: "Quem me viu, viu o Pai." "Quem me viu também verá a Ele." O que Ele diz é algo assim: "Não é possível ver nem a Mim nem a Ele." Pois Filipe buscava o

conhecimento pela vista, e, pensando ter visto Cristo, desejava ver o Pai do mesmo modo; mas Jesus lhe mostra que ele nem a si mesmo havia visto. E se alguém aqui chamar conhecimento de visão, não o contradigo, pois, "quem me conhece," diz Cristo, "conhece também o Pai." Contudo, Ele não disse isso; desejando estabelecer a consubstancialidade, declarou: "Quem conhece a minha essência, conhece também a do Pai." "E o que é isso?" dirá alguém; "Pois quem conhece a criação conhece também a Deus." Contudo, todos conhecem e viram a criação, mas nem todos conhecem a Deus. Além disso, consideremos o que Filipe deseja ver. É a sabedoria do Pai? É a sua bondade? Não, mas o próprio que Deus é, a própria essência. A isso Cristo responde: "Quem me viu." Agora, quem viu a criação, também viu a essência de Deus? "Quem me viu, viu o Pai," Ele diz. Se Ele fosse de essência diferente, não teria falado assim. Para usar um argumento mais grosseiro: ninguém que não sabe o que é ouro pode discernir a substância do ouro na prata. Pois uma natureza não é mostrada por outra. Por isso Ele o repreendeu justamente, dizendo: "Estou contigo há tanto tempo?" Tens desfrutado de tal ensino, visto milagres realizados com autoridade, todos pertencentes à divindade, que somente o Pai opera: perdão dos pecados, revelação dos segredos, morte que recua, criação feita do barro, e ainda assim não me conheces? Porque estava vestido de carne, Ele disse: "Ainda não me conheces?"

[2.] Tu tens visto o Pai; não procures ver mais; porque nele tu viste a Mim. Se viste a Mim, não sejas excessivamente curioso; porque também em Mim conheceste a Ele.

Verso 10. “Não crês que Eu estou no Pai?”

Isto é, “Eu sou visto nessa Essência.”

“As palavras que Eu falo, não falo de Mim mesmo,”

Vês quão próxima é a relação e a prova da unidade da Essência?

“O Pai que habita em Mim, esse faz as obras.”

Como, começando pelas palavras, Ele passa às obras? Pois o que naturalmente se esperaria seria que dissesse: “O Pai fala as palavras.” Mas Ele coloca aqui duas coisas, tanto referentes à doutrina quanto aos milagres. Ou talvez seja porque as palavras também eram obras. Como Ele as faz? Em outro lugar Ele diz: “Se Eu não fizer as obras de Meu Pai, não Me creiais.” (cap. 10, vers. 37.) Então, por que aqui Ele diz que o Pai as faz? Para mostrar essa mesma coisa: que não há separação entre o Pai e o Filho. O que Ele quer dizer é: “O Pai não agiria de uma forma, e Eu de outra.” De fato, em outro trecho, tanto Ele quanto o Pai trabalham: “Meu Pai trabalha até agora, e Eu trabalho” (cap. 5, vers. 17); mostrando no primeiro caso a imutabilidade das obras, no segundo a identidade delas. E se o significado evidente das palavras indica humildade, não te espantes; pois depois de ter dito “Não crês?” Ele fala assim para modelar Suas palavras e levá-lo à fé; porque Ele caminhava nos corações deles.

Verso 11. “Crede que Eu estou no Pai, e o Pai em Mim.”

“Não deveis, ao ouvir ‘Pai’ e ‘Filho’, buscar outra coisa que estabeleça a relação no que toca à Essência; mas se isso não for suficiente para provar-vos a dignidade e consubstancialidade, podereis aprendê-lo também pelas obras.” Se “quem Me viu, viu o Pai” fosse usado só em relação às obras, Ele não teria dito depois:

“Ou então crede-Me por causa das próprias obras.” E para mostrar que Ele não só é capaz de fazer essas coisas, mas outras muito maiores do que essas, Ele as apresenta em abundância. Pois Ele não diz “Posso fazer coisas maiores do que estas,” mas, o que é muito mais maravilhoso, “Posso dar aos outros também o poder de fazer coisas maiores do que estas.”

Verso 12. “Em verdade, em verdade vos digo: quem crê em Mim, também fará as obras que Eu faço, e fará obras maiores do que estas, porque Eu vou para o Pai.”

Isto é, “Agora cabe a vós realizar milagres, porque Eu vou embora.” Então, quando cumpriu o que Sua argumentação pretendia, Ele disse:

Verso 13. “Tudo o que pedirdes em Meu Nome, Eu o farei, para que o Pai seja glorificado no Filho.”

Vês de novo que é Ele quem faz? “Eu,” Ele diz, “farei”; não “Eu pedirei ao Pai,” mas “para que o Pai seja glorificado em Mim.” Em outro lugar Ele disse: “Deus o glorificará em Si mesmo” (cap. 13, vers. 32), mas aqui, “Ele glorificará o Pai”; pois quando o Filho aparecer com grande poder, Aquele que O gerou será glorificado. Mas o que é “em Meu Nome”? É o que os Apóstolos disseram: “Em nome de Jesus Cristo, levanta-te e anda.” (Atos 3, vers. 6.) Pois todos os milagres que fizeram, Ele operou neles, e “a mão do Senhor estava com eles.” (Atos 11, vers. 21.)

Verso 14. “Eu o farei,” Ele diz.

Vês a Sua autoridade? As coisas feitas por meio de outros, Ele mesmo faz; terá Ele poder para as coisas feitas por Si mesmo, senão como operadas pelo Pai? E quem poderia dizer isso? Mas por que Ele coloca isso em segundo lugar? Para confirmar Suas próprias palavras e mostrar que as primeiras foram de condescendência. Mas o “Eu vou para o Pai” significa: “Eu não perecerei, mas permanecerei em Minha dignidade própria, e Estou no Céu.” Tudo isso Ele disse para confortá-los. Pois, como era provável que eles, ainda sem entender Suas palavras sobre a Ressurreição, imaginassem algo sombrio, Ele em outras falas prometeu dar-lhes tais coisas, consolando-os de toda forma, e mostrando que Ele permanece continuamente; e não apenas permanece, mas mostrará um poder ainda maior.

[3.] Sigamos, pois, a Ele, e tomemos a Cruz. Porque, embora a perseguição não esteja presente, já está conosco a estação para outro tipo de morte. “Mortificai,” diz, “os vossos membros que estão sobre a terra.” (Colossenses 3:5.) Então, extinguamos a concupiscência, matememos a ira, abolamos a inveja. Esta é uma “sacrifício vivo.” (Romanos 12:1.) Esse sacrifício não termina em cinzas, não se dispersa em fumaça, não precisa nem de lenha, nem de fogo, nem de faca. Pois ele tem tanto fogo quanto faca, que é o Espírito Santo. Usando essa faca, circuncide a parte supérflua e estranha do

teu coração; abre o fechamento dos teus ouvidos, pois os vícios e maus desejos costumam bloquear o caminho contra a entrada da palavra. O desejo do dinheiro, quando está diante de alguém, não permite ouvir a palavra sobre a esmola; e a malícia, quando presente, ergue um muro contra o ensinamento sobre o amor; e alguma outra enfermidade, sucedendo uma à outra, torna a alma ainda mais insensível a todas as coisas. Façamos, pois, desaparecer esses desejos malignos; basta ter a vontade, e todos eles se extinguem. Pois não olhemos, peço, para o fato de que o amor à riqueza é coisa tirânica, mas que a tirania é a de nossa própria preguiça espiritual. Muitos, de fato, dizem que nem sabem o que é dinheiro. Pois esse desejo não é natural; os desejos naturais foram implantados em nós desde o princípio, mas quanto ao ouro e à prata, por muito tempo nem mesmo o que eram era conhecido. De onde, então, surgiu esse desejo? Da vaidade e da extrema preguiça espiritual. Porque alguns desejos são necessários, alguns naturais, e outros nem uma coisa nem outra. Por exemplo, aqueles que, se não satisfeitos, destroem a criatura são tanto naturais quanto necessários, como o desejo de comida, bebida e sono; o desejo carnal é natural, de fato, mas não necessário, pois muitos o venceram e não morreram. Mas o desejo da riqueza não é nem natural nem necessário, mas supérfluo; e, se quisermos, não precisamos admitir seu início. De qualquer modo, Cristo, falando da virgindade, diz: "Quem pode aceitar, aceite" (Mateus 19:12). Mas quanto às riquezas não é assim, mas como? "Se alguém não abandonar tudo o que tem, não pode ser meu discípulo." (Lucas 14:33.) O que era fácil Ele recomendou, mas o que está além da capacidade da maioria Ele deixou à escolha. Por que então nos privamos de toda desculpa? O homem que é cativo de uma paixão mais tirânica não sofrerá punição severa, mas aquele que é subjugado por uma fraca é privado de toda defesa. Pois o que responderemos quando Ele disser: "Vós Me viste com fome e não Me destes de comer"? (Mateus 25:42); que desculpa teremos? Certamente alegaremos pobreza; contudo, não somos mais pobres que aquela viúva que, lançando duas pequenas moedas, superou a todos os outros. Pois Deus não requer a quantidade da oferta, mas a medida da mente; e isso Ele faz por Sua ternura. Admirando, pois, a Sua bondade, contribuamos com o que estiver ao nosso alcance, para que, tendo nesta vida e na futura abundância da bondade de Deus, possamos desfrutar das coisas boas prometidas a nós, pela graça e bondade de nosso Senhor Jesus Cristo, a

quem seja glória para sempre. Amém.

Sermão LXXV
João 14,15-17 — “Se me amais, guardai os meus mandamentos. E eu rogarei ao Pai, e Ele vos dará outro Consolador, para que fique convosco para sempre; o Espírito da verdade, que o mundo não pode receber, porque não o vê nem o conhece.”

[1.] Precisamos em toda parte de obras e ações, não de meras palavras vazias. Pois falar e prometer é fácil para qualquer um, mas agir não é igualmente fácil. Por que faço estas observações? Porque há muitos hoje que dizem temer e amar a Deus, mas em suas ações mostram o contrário; porém Deus exige um amor manifestado pelas obras. Por isso disse aos discípulos: “Se me amais, guardai os meus mandamentos.” Pois depois de lhes ter dito “O que pedirdes farei,” para que não pensassem que o simples “pedir” fosse suficiente, acrescentou: “Se me amais,” “então,” Ele diz, “farei isso.” E, como era provável que eles ficassem perturbados ao ouvir: “Eu vou para o Pai,” Ele lhes diz que não se perturbem, pois não é amar perturbar-se, amar é obedecer às minhas palavras. Dei-vos um mandamento para que vos ameis uns aos outros, que façais com os outros como Eu fiz convosco; este é o amor, obedecer a estas minhas palavras e ceder àquele que é objeto do vosso amor.

“E eu rogarei ao Pai, e Ele vos dará outro Consolador.” Novamente, seu discurso é cheio de condescendência. Pois, como era provável que, não conhecendo-o ainda, buscassem ansiosamente a sua companhia, sua conversa, sua presença corporal, e não admitissem consolo na sua ausência, o que Ele diz? “Eu rogarei ao Pai, e Ele vos dará outro Consolador,” isto é, “Outro semelhante a Mim.” Que se envergonhem aqueles que têm a heresia de Sabélio, que não sustentam a opinião correta sobre o Espírito. Pois a maravilha deste discurso é que derrubou heresias contraditórias num único golpe. Porque ao dizer “outro,” mostra a diferença de Pessoa, e ao dizer “Consolador” (Paráclito), a unidade de Substância. Mas por que disse: “Eu rogarei ao Pai”? Porque se Ele dissesse “Eu o enviarei,” eles não acreditariam tanto, e o objetivo é que creiam. Pois depois Ele declara que Ele mesmo o envia, dizendo: “Recebei o Espírito Santo” (João 20,22); mas aqui lhes diz que

Ele roga ao Pai, para tornar seu discurso credível. Pois João diz dele: "Da sua plenitude todos nós recebemos" (João 1,16); mas o que Ele tinha, como receberia de outro? E ainda: "Ele vos batizará no Espírito Santo e fogo" (Lucas 3,16). "Mas o que Ele tinha a mais que os Apóstolos, se ia pedi-lo ao Pai para dar aos outros, quando eles muitas vezes, mesmo sem oração, o fizeram?" E como, se é enviado a pedido do Pai, desce por si mesmo? E como algo que está em toda parte é enviado por outro, que "distribui a cada um como quer" (1 Coríntios 12,11), e que diz com autoridade: "Separai-me a Paulo e a Barnabé" (Atos 13,2)? Aqueles ministros serviam a Deus, mas ele os chamava com autoridade à sua própria obra; não para obra diferente, mas para mostrar seu poder. "Então, o que significa 'Eu rogarei ao Pai'?" (Ele diz isso) para indicar o tempo da vinda. Pois, depois que Ele os purificou pelo sacrifício, então o Espírito Santo veio sobre eles. "E por que, estando Ele com eles, não veio ainda?" Porque o sacrifício ainda não havia sido oferecido. Mas depois, quando o pecado foi perdoado e eles foram enviados ao perigo, e se preparavam para o combate, era necessário que viesse o Ungidor (o Espírito). "Mas por que o Espírito não veio imediatamente após a Ressurreição?" Para que, desejando-o muito, o recebessem com grande alegria. Pois enquanto Cristo estava com eles, não estavam em tribulação; mas quando Ele partiu, estando desamparados e temerosos, o receberam prontamente.

"Ele permanecerá convosco." Isso mostra que, mesmo após a morte, Ele não partirá. Mas para que, ao ouvir falar do "Consolador," não imaginassem uma segunda Encarnação, esperando vê-lo com os olhos, Ele esclarece: "Que o mundo não pode receber, porque não o vê." "Ele não estará convosco como Eu estive, mas habitará nas vossas almas"; pois este é o "estará em vós." Ele chama-o de "Espírito da verdade," explicando assim os tipos no Antigo Testamento. "Para que esteja convosco." O que significa "esteja convosco"? O que Ele mesmo diz: "Eu estou convosco" (Mateus 28,20). Além disso, Ele implica outra coisa: que "a situação do Espírito não será igual à Minha, Ele jamais vos abandonará." "Que o mundo não pode receber, porque não o vê." "Mas por que não há algo visível pertencente às outras Pessoas?" Nada; mas aqui fala do conhecimento; ao menos acrescenta, "nem o conhece." Pois Ele costuma chamar o conhecimento exato de "visão"; porque a visão é mais clara que os outros sentidos, e por isso Ele representa o conhecimento exato

assim. Por "mundo," Ele aqui entende "os ímpios," confortando assim os discípulos com um dom especial. Vede quantos pontos Ele levantou em seu discurso sobre Ele. Disse: "Ele é outro como Eu"; disse: "Ele não vos deixará"; disse: "Só a vós Ele vem, como Eu"; disse que "Ele permanece em vós"; mas ainda assim não dissipou sua tristeza. Pois ainda o buscavam e a sua companhia. Para curar esse sentimento, Ele diz:

Verso 18. "Não vos deixarei órfãos, voltarei a vós."

[2.] "Não temais," Ele diz, "não disse que enviaria outro Consolador, como se Eu mesmo me retirasse de vós para sempre; não disse que Ele permaneceria convosco, como se Eu não vos fosse mais ver. Pois Eu mesmo também virei a vós, não vos deixarei órfãos." Porque ao começar Ele disse: "Filhinhos," por isso também aqui diz: "Não vos deixarei órfãos." Primeiro lhes disse: "Vós ireis aonde Eu vou"; e "Na casa do Meu Pai há muitas moradas"; mas aqui, já passado muito tempo, Ele lhes dá o Espírito; e quando, não sabendo o que poderia ser aquilo de que falava, não ficaram suficientemente consolados, Ele diz: "Não vos deixarei órfãos," porque era isso o que mais lhes faltava. Pois "Eu virei a vós" era uma expressão que indicava "presença," observa como, para que não buscassem outra vez o mesmo tipo de presença como antes, Ele não lhes disse isso claramente, mas o sugeriu; pois tendo dito,

Verso 19. "Ainda por um pouco o mundo não Me verá," acrescentou, "mas vós Me vereis."

Como quem diz: "Eu de fato virei a vós, mas não do mesmo modo de antes, estando convosco dia a dia." E para que não dissessem: "Como disseste aos judeus: Daqui em diante não Me vereis?" Ele resolve a contradição dizendo: "Só a vós"; pois tal é também a natureza do Espírito.

"Porque Eu vivo, vós também vivereis."

Pois a Cruz não nos separa definitivamente, mas apenas nos esconde por um momento; e por "vida" parece-me que Ele não quer dizer só a presente, mas também a futura.

Verso 20. “Naquele dia vós sabereis que Eu estou no Pai, e vós em Mim, e Eu em vós.”

Em relação ao Pai, estas palavras referem-se à Essência; em relação aos discípulos, ao acordo de mente e à ajuda de Deus. “E como, diga-me, isso é razoável?” pergunta alguém. E como, por favor, o contrário seria razoável? Pois imenso e absolutamente infinito é o intervalo entre Cristo e os discípulos. E se as mesmas palavras são usadas, não se admire; porque a Escritura costuma usar o mesmo termo em sentidos diferentes, quando aplicados a Deus e aos homens. Assim somos chamados “deuses” e “filhos de Deus,” mas a palavra não tem o mesmo sentido quando aplicada a nós e a Deus. E o Filho é chamado “Imagem” e “Glória”; assim também somos chamados, mas a distância entre nós é grande. De novo, “Vós sois de Cristo, e Cristo é de Deus” (1 Coríntios 3,23), mas não do mesmo modo que Cristo é de Deus somos nós de Cristo. Mas o que Ele diz? “Quando Eu ressuscitar,” diz Ele, “vós sabereis que Eu não estou separado do Pai, mas tenho o mesmo poder que Ele, e que estou convosco continuamente, quando os fatos proclamarem a ajuda que vem de Mim para vós, quando vossos inimigos forem vencidos, e vós falardes com ousadia, quando os perigos forem afastados do vosso caminho, quando o anúncio do Evangelho crescer dia a dia, quando todos cederem e darem lugar à palavra da verdadeira religião. ‘Como o Pai Me enviou, assim Eu vos envio’” (João 20,21). Vês que aqui também a palavra não tem o mesmo sentido? Pois, se a tomássemos como se tivesse, os Apóstolos não difeririam em nada de Cristo. Mas por que Ele diz “Então vós sabereis”? Porque então eles O viram ressuscitado e conversando com eles, então aprenderam a fé exata; pois grande foi o poder do Espírito, que lhes ensinou todas as coisas.

[3] Verso 21. "Quem tem os meus mandamentos e os guarda, esse é o que me ama."

Não basta apenas tê-los, é preciso também guardá-los exatamente. Mas por que Ele frequentemente repete a mesma coisa para eles? Como, por exemplo, "Se me amardes, guardareis os meus mandamentos" (v. 15); e, "Quem tem os

meus mandamentos e os guarda"; e, "Se alguém ouve a minha palavra e a guarda, esse é o que me ama — mas quem não ouve as minhas palavras, não me ama" (v. 24). Creio que Ele aludia ao desânimo deles; pois, já tendo dito muitas coisas sábias sobre a morte, dizendo: "Quem ama a sua vida, perdê-la-á para a vida eterna" (cap. 12,25); e, "Se alguém não toma a sua cruz e me segue, não é digno de mim" (Mateus 10,38); e estando para dizer outras coisas, repreendendo-os, Ele diz: "Pensais que sofreis por amor? O não sofrer seria sinal de amor." E porque desejava firmar isso, Ele resume seu discurso neste ponto: "Se me amásseis, alegrar-vos-íeis, porque vou para o Pai" (v. 28), mas agora estais assim por covardia. Estar assim disposto para a morte não é para quem guarda meus mandamentos; pois deveis estar crucificados, se verdadeiramente me amais, porque a minha palavra vos exorta a não temer os que matam o corpo. A estes tanto o Pai ama quanto Eu. "E eu me manifestarei a ele."

Então Judas pergunta:

Verso 22. "Como é que te manifestarás a nós?"

Vês que a alma deles estava oprimida pelo medo? Pois ele estava confuso e perturbado, e pensava que, assim como vemos mortos em sonho, também Ele seria visto assim. Para que não imaginassem isso, ouve o que Ele diz.

Verso 23. "Eu e o Pai viremos a ele, e faremos morada com ele."

É quase como dizer: "Assim como o Pai se manifesta, assim também Eu me manifesto." E não só assim Ele dissipa a suspeita, mas também dizendo "faremos morada com ele," algo que não pertence aos sonhos. Mas observa, por favor, o discípulo confuso, que não ousa dizer claramente o que deseja dizer. Pois ele não disse: "Ai de nós, pois morres e virás a nós como os mortos vêm"; não falou assim; mas perguntou: "Como é que te manifestarás a nós, e não ao mundo?" Jesus então diz: "Eu vos aceito porque guardais os meus mandamentos." Para que, quando o vissem depois, não pensassem que fosse uma aparição, Ele diz isso antes. E para que não imaginassem que Ele apareceria assim, Ele lhes dá a razão: "Porque guardais os meus

mandamentos." Ele diz que o Espírito também aparecerá assim. Ora, se depois de tanto tempo com Ele, ainda não podiam suportar essa Essência, ou sequer imaginá-la, como seria se Ele lhes aparecesse assim desde o começo? Por isso também Ele comia com eles, para que a ação não parecesse ilusão. Pois se pensassem isso ao vê-lo andar sobre as águas, ainda com sua forma usual e perto deles, o que imaginariam se vissem de repente o Ressuscitado, aquele que tinham visto preso e envolto em faixas? Por isso Ele lhes diz constantemente que vai aparecer, e explica por quê e como, para que não o tomem por uma aparição.

Verso 24. "Quem não me ama não guarda as minhas palavras; e a palavra que ouvistes não é minha, mas do Pai que me enviou."

"Então, quem não ouve essas palavras não só não me ama, como também não ama o Pai." Pois se esse é o sinal certo de amor, ouvir os mandamentos, e eles vêm do Pai, quem os ouve não ama só o Filho, mas também o Pai. "E como é que a palavra 'tua' e 'não tua'?" Isto significa: "Eu não falo sem o Pai, nem digo nada de mim mesmo contrário ao que é bom para Ele."

Verso 25. "Estas coisas vos tenho falado estando ainda convosco."

Como essas palavras não eram claras, e alguns não entendiam, e duvidavam da maioria delas, para que não ficassem novamente confusos, e perguntassem: "Quais mandamentos?" Ele os livrou de toda perplexidade, dizendo:

Verso 26. "O Consolador, que o Pai enviará em meu nome, Ele vos ensinará tudo."

"Talvez essas coisas ainda não estejam claras para vocês, mas 'Ele' é um mestre claro delas." E o "permanece convosco" (v. 17) é a expressão de quem indica que vai partir. Então, para que não fiquem tristes, Ele diz que, enquanto Ele permanecesse com eles e o Espírito não viesse, eles não conseguiriam entender nada grande ou sublime. Isso Ele disse para prepará-los a suportar nobremente sua partida, como algo que seria causa de

grandes bênçãos para eles. Ele sempre chama o Espírito de "Consolador," por causa das aflições que eles tinham então. E mesmo depois de ouvir isso, estavam perturbados, ao pensar nas tristezas, nas guerras, na partida Dele; vê como Ele os acalma novamente, dizendo:

Verso 27. "Deixo-vos a paz."

É quase como dizer: "Que mal vos faz a aflição do mundo, se estiverdes em paz comigo? Pois esta paz não é da mesma espécie daquela. Uma é externa, muitas vezes maligna e inútil, e não serve a quem a possui; mas Eu vos dou uma paz tal que vos faz estar em paz uns com os outros, o que vos fortalece." E porque disse novamente "Deixo," expressão de quem parte, e isso já os confundia, Ele disse outra vez:

"Não se turbe o vosso coração, nem tenha medo."

Vês que estavam afetados, parte por amor, parte por medo?

Verso 28. "Ouvistes que Eu vos disse: vou e volto para vós. Se me amásseis, alegrar-vos-íeis de que Eu vá para o Pai, porque o Pai é maior do que Eu."

[4.] E que alegria isso lhes traria? Que consolação? O que então significam essas palavras? Eles ainda não sabiam sobre a Ressurreição, nem tinham uma opinião correta acerca d'Ele; (pois como poderiam, se nem sequer sabiam que Ele ressuscitaria?) mas pensavam que o Pai era poderoso. Ele então diz que, "Se vocês temem por Mim, como se Eu não pudesse Me defender, e se não confiam que Eu vos verei novamente após a Crucificação, ainda assim, quando ouvistes que Eu vou ao Pai, deveríeis ter-vos alegrado, porque Eu vou para Aquele que é maior, e que pode desfazer todo perigo." "Ouvistes como Eu vos disse." Por que Ele colocou isso? Porque, diz Ele, "Estou tão firmemente confiante acerca das coisas que vão acontecer, que até as anuncio antecipadamente, tão longe estou de temer." Isso também é o significado do que segue.

Verso 29. “E agora vos tenho dito antes que aconteça, para que, quando acontecer, acrediteis que Eu Sou.” Como se dissesse, “Vocês não saberiam, se Eu não vos tivesse dito. E Eu não vos teria dito, se não estivesse confiante.” Vês que a fala é de condescendência? Pois quando Ele diz, “Pensais que Eu não posso orar ao Pai, e Ele imediatamente Me dará mais de doze legiões de Anjos” (Mateus 26,53), Ele fala aos pensamentos secretos dos ouvintes; pois ninguém, mesmo no auge da loucura, diria que Ele não podia se ajudar e precisava de Anjos; mas porque eles pensavam d’Ele como um homem, Ele falou das “doze legiões de Anjos.” Porém, na verdade, Ele apenas perguntou isso aos que vieram prendê-lo e os lançou para trás. (cap. 18,6.) (Se alguém disser que o Pai é maior, pois é a causa do Filho, não contradizemos isso. Mas isso não faz com que o Filho seja de Essência diferente.) Mas o que Ele quer dizer é isto: “Enquanto Eu estiver aqui, é natural que penseis que Eu estou em perigo; mas quando Eu for ‘lá,’ confiai que estou em segurança; pois ninguém poderá vencer Aquele.” Todas essas palavras foram dirigidas à fraqueza dos discípulos, pois, “Eu mesmo estou confiante e não temo a morte.” Por isso, Ele disse, “Tenho-vos dito essas coisas antes que aconteçam”; “mas, visto que,” Ele diz, “ainda não sois capazes de receber o que digo a respeito, trago-vos conforto mesmo do Pai, a quem chamais grande.” Depois de assim consolá-los, Ele novamente lhes diz coisas tristes,

Verso 30. “Daqui em diante não falarei mais convosco.” Por quê? “Porque o príncipe deste mundo vem, e não tem nada em Mim.”

Por “príncipe deste mundo,” Ele quer dizer o diabo, chamando também os homens maus pelo mesmo nome. Pois ele não governa o céu e a terra, pois estes seriam destruídos e tudo lançado ao chão, mas governa sobre aqueles que se entregam a ele. Por isso Ele o chama, “o príncipe das trevas deste mundo,” aqui novamente chamando as ações más de “trevas.” “Então, o diabo Te mata?” De modo algum; “ele não tem nada em Mim.” “Como, então, Te matam?” Porque Eu quero, e,

Verso 31. “Para que o mundo saiba que Eu amo o Pai.”

“Pois não estando sujeito,” diz Ele, “à morte, nem devendo a ela, Eu a suporto por amor ao Pai.” Isso Ele diz para despertar novamente suas almas, e para que saibam que não vai para isso contra a vontade, mas de livre vontade, e que o faz desprezando o diabo. Não bastava Ele ter dito, “Ainda pouco tempo estou convosco” (cap. 7,33), mas Ele continuamente tratava desse assunto doloroso, (com razão,) até que fosse aceitável para eles, entrelaçando-o com palavras agradáveis. Por isso, ora Ele diz, “Eu vou e volto”; e, “Para onde Eu vou, vós também estareis”; e, “Agora não podeis Me seguir, mas depois Me seguireis”; e, “Eu vou para o Pai”; e, “O Pai é maior do que Eu”; e, “Antes que aconteça, vos disse”; e, “Não sofro essas coisas por força, mas por amor ao Pai.” Para que considerassem que a ação não poderia ser destrutiva nem prejudicial, se ao menos Aquele que o amava muito, e que era muito amado por Ele, assim quisesse. Por isso, misturando essas palavras agradáveis, Ele continuamente pronunciava também as dolorosas, exercitando suas mentes. Pois tanto o “permanece convosco” (cap. 16,7), quanto “Minha partida é proveitosa para vós,” eram expressões de quem consola. Por essa razão, Ele falou antecipadamente milhares de vezes sobre o Espírito, o “Está em vós,” e “O mundo não pode receber,” e “Ele vos fará lembrar de tudo,” e “Espírito da verdade,” e “Espírito Santo,” e “Consolador,” e que “É proveitoso para vós,” para que não desanimassem, como se não houvesse ninguém para estar diante e ajudá-los. “É proveitoso,” diz Ele, mostrando que Ele os faria espirituais.

[5.] Isto ao menos vemos que aconteceu. Pois aqueles que agora tremiam e temiam, depois de receberem o Espírito, lançaram-se no meio dos perigos, e despiram-se para o combate contra aço, fogo, feras selvagens, mares e todo tipo de punição; e eles, iletrados e ignorantes, falavam com tanta ousadia que maravilhavam seus ouvintes. Pois o Espírito os fez homens de ferro em vez de homens de barro, deu-lhes asas, e não permitiu que fossem vencidos por nada humano. Pois tal é a graça; se encontra desânimo, ela o dispersa; se desejos maus, ela os consome; se covardia, ela a expulsa, e não permite que aquele que a tenha recebido seja depois mero homem, mas, como se o elevasse ao próprio céu, faz com que imagine para si tudo o que lá há. (Atos 4,32 e 2,46.) Por isso ninguém dizia que algo do que possuía era seu próprio, mas permaneciam em oração, em louvor e em unidade de coração. Pois isso

o Espírito Santo mais requer, porque "o fruto do Espírito é alegria, paz, fé, mansidão." (Gálatas 5,22-23.) "E ainda assim as pessoas espirituais muitas vezes se entristecem," alguém diz. Mas essa tristeza é mais doce que a alegria. Caim estava triste, mas com a tristeza do mundo; Paulo estava triste, mas com tristeza piedosa. Tudo o que é espiritual traz o maior ganho, assim como tudo o que é mundano traz a maior perda. Então, atraímos para nós a ajuda invencível do Espírito, guardando os mandamentos, e assim não seremos inferiores aos Anjos. Pois eles também não são assim por serem incorpóreos; pois, se assim fosse, nenhum ser incorpóreo teria se tornado mau, mas a vontade é sempre a causa de tudo. Por isso, entre os seres incorpóreos alguns foram piores que homens ou irracionais, e entre os corpóreos alguns foram melhores que os incorpóreos. Todos os homens justos, por exemplo, quaisquer que fossem suas boas obras, as fizeram enquanto moravam na terra e tinham corpos. Pois moravam na terra como peregrinos e estrangeiros; mas no céu, como cidadãos. Então não digas tu também, "Estou revestido de carne, não posso dominar, nem empreender os esforços que são para a virtude." Não acuses o Criador. Pois, se o fato de ter carne torna a virtude impossível, a culpa não é nossa. Mas que isso não torna impossível, o grupo dos santos mostrou. A natureza da carne não impediu Paulo de se tornar quem foi, nem Pedro de receber as chaves do céu; e Enoque também, tendo carne, foi arrebatado e não foi encontrado. Assim também Elias foi levado com carne. Abraão também, com Isaque e seu neto, brilhou, tendo carne; e José, na carne, lutou contra aquela mulher perversa. Mas por que falar da carne? Pois mesmo que coloques uma cadeia na carne, nenhum mal é feito. "Embora esteja preso," diz Paulo, "a palavra de Deus não está presa." (2 Timóteo 2,9.) E por que falar de correntes e cadeias? Acrescente-se a isso a prisão, e as grades, mas nenhuma delas impede a virtude; ao menos assim Paulo nos ensinou. Pois o laço da alma não é o ferro, mas a covardia, o desejo da riqueza, e as inúmeras paixões. Estes nos prendem, embora nosso corpo esteja livre. "Mas," diz alguém, "estes vêm do corpo." Uma desculpa e uma falsa pretensão. Pois se viessem do corpo, todos os teriam sofrido. Pois assim como não podemos escapar do cansaço, do sono, da fome e da sede, porque pertencem à nossa natureza, assim também essas coisas, se fossem do mesmo tipo, não permitiriam que ninguém escapasse à sua tirania; mas, como muitos escapam, é claro que tais coisas

são falhas de uma alma negligente. Então ponhamos um fim nisso, e não acusemos o corpo, mas subjuguemo-lo à alma, para que, tendo-o sob comando, possamos gozar das coisas eternas, pela graça e misericórdia do nosso Senhor Jesus Cristo, a quem seja glória para todo o sempre. Amém.

Sermão LXXVI
João 14,31; 15,1 — "Levantai-vos, vamos daqui. Eu sou a verdadeira videira, (vós sois os ramos,) e meu Pai é o agricultor."

[1.] A 'ignorância' torna a alma tímida e covarde, assim como o ensino das doutrinas celestes a torna grande e sublime. Pois, quando não recebeu cuidado algum, ela é como que tímida, não por natureza, mas por vontade. Porque, quando vejo o homem que antes era corajoso tornar-se agora covarde, digo que esse último sentimento não pertence mais à natureza, pois o que é natural é imutável. De novo, quando vejo aqueles que antes eram covardes tornarem-se de repente ousados, julgo do mesmo modo, e atribuo tudo à vontade. Pois mesmo os discípulos eram muito temerosos antes de aprenderem o que deviam e de serem considerados dignos do dom do Espírito; contudo depois tornaram-se mais corajosos que leões. Assim Pedro, que não podia suportar a ameaça de uma moça, foi pendurado de cabeça para baixo e açoitado, e embora suportasse milhares de perigos, não se calava, mas suportava tudo como se fosse um sonho, e nessa situação falava com ousadia; porém não assim antes da Crucificação. Por isso Cristo disse: "Levantai-vos, vamos daqui." "Mas por quê? Acaso não sabia a hora em que Judas viria a ele? Ou talvez temia que viesse e os prendesse, e que os conspiradores estivessem sobre ele antes que ele tivesse dado seu ensinamento mais excelente." Fora tal pensamento! Essas coisas estão longe da sua dignidade. "Se então Ele não temia, por que os afastou, e depois de terminar seu discurso os conduziu a um jardim conhecido por Judas? E ainda que Judas tivesse vindo, não poderia Ele ter cegado seus olhos, como também fez quando o traidor não estava presente? Por que então os afastou?" Ele concede aos discípulos um pouco de descanso. Pois era provável que, estando num lugar visível, tremessem e temessem, tanto pelo tempo quanto pelo lugar (pois era noite alta), e não dessem atenção às suas palavras, mas ficassem continuamente olhando para todos os lados, imaginando ouvir

aqueles que viriam atacá-los; e isso especialmente porque as palavras do Mestre os faziam esperar o mal. Pois "ainda um pouco", Ele disse, "e não estarei mais convosco", e "o príncipe deste mundo está para vir." Ora, quando ouviram tais palavras, ficaram perturbados, como se fossem ser imediatamente presos. Então Ele os leva a outro lugar, para que, pensando estarem em segurança, pudessem ouvi-lo sem medo. Pois estavam para ouvir doutrinas elevadas. Por isso diz: "Levantai-vos, vamos daqui." Depois acrescenta e diz: "Eu sou a videira, vós sois os ramos." O que quer Ele dizer com essa comparação? Que aquele que não dá atenção às suas palavras não pode ter vida, e que os milagres que estavam para acontecer seriam feitos pelo poder de Cristo. "Meu Pai é o agricultor." "Como assim? O Filho precisa de um poder que atue dentro dele?" Longe disso! Este exemplo não significa isso. Observa com que exatidão Ele percorre a comparação. Não diz que a "raiz" recebe o cuidado do agricultor, mas os "ramos." E o tronco é mencionado aqui para que aprendam que nada podem fazer sem seu poder, e que devem estar unidos a Ele pela fé, como o ramo à videira.

Versículo 2. "Todo ramo que não dá fruto, o Pai o corta."

Aqui Ele alude ao modo de vida, mostrando que sem obras não é possível estar nele.

"E todo ramo que dá fruto, ele o poda."

Isto é, "faz com que ele receba grande cuidado." Porém a raiz requer mais cuidado que os ramos, sendo cavada e limpa, mas disso aqui não diz nada, fala somente dos ramos. Mostrando que Ele é suficiente para si mesmo, e que os discípulos precisam de muita ajuda do agricultor, embora sejam muito excelentes. Por isso diz: "Aquele que dá fruto, ele o poda." Um ramo, por ser estéril, não pode nem mesmo permanecer na videira, mas o outro, por dar fruto, é tornado mais frutífero. Alguns poderiam dizer que isso foi dito também com relação às perseguições que estavam por vir. Pois o "poda" é o "podar," que faz o ramo produzir melhor. Por isso está claro que as perseguições tornam o homem mais forte. Então, eles podem perguntar sobre quem Ele disse isso, e para não os deixar ansiosos, Ele diz:

Versículo 3. “Já estais limpos pela palavra que vos tenho falado.”

Vês como Ele se apresenta como quem cuida dos ramos? “Eu vos limpei,” diz Ele; porém antes afirmou que isso é obra do Pai. Mas não há separação entre o Pai e o Filho. “Agora, vossa parte deve ser cumprida também.” Para mostrar que não fez isso por precisar do serviço deles, mas para o progresso deles, Ele acrescenta:

Versículo 4. “Assim como o ramo não pode dar fruto por si mesmo, se não permanecer na videira, assim também ninguém pode dar fruto se não permanecer em mim.”

Para que eles não se separassem dele por timidez, Ele prende e cola suas almas, enfraquecidas pelo medo, a si mesmo, e lhes oferece boas esperanças para o futuro. Pois a raiz permanece, mas ser removido ou deixado depende dos ramos. Depois de os exortar por meios agradáveis e dolorosos, Ele exige primeiro o que devemos fazer de nossa parte.

Versículo 5. “Aquele que permanece em mim, e eu nele...”

Vês que o Filho contribui tanto quanto o Pai para o cuidado dos discípulos? O Pai poda, mas Ele os mantém em si mesmo. Permanecer na raiz é o que faz os ramos darem fruto. Pois aquilo que não é podado, se permanecer na raiz, dá fruto, embora talvez não tanto quanto deveria; mas aquilo que não permanece, não dá nenhum fruto. Porém foi mostrado também que a “poda” pertence ao Filho, e o “permanecer na raiz” pertence ao Pai, que também gerou a raiz. Vês como tudo é comum, tanto a “poda” quanto o desfrutar da virtude que vem da raiz?

[2.] Ora, seria uma grande penalidade apenas não poder fazer nada; mas Ele não detém o castigo neste ponto, e continua Seu discurso mais adiante:

Verso 6. "Será lançado fora," diz Ele.

Não desfrutando mais do benefício da mão do agricultor. "E secará." Isto é, se ele possuía algo da raiz, perde-o; se alguma graça, é despojado disso e privado da ajuda e da vida que dela procedem. E qual é o fim? "É lançado ao fogo." Não assim acontece com aquele que permanece com Ele. Então Ele mostra o que significa "permanecer", e diz:

Verso 7. "Se as Minhas palavras permanecerem em vós..."

Vês que com razão eu disse acima que Ele exige prova por meio de obras? Pois, quando disse: "Tudo o que pedirdes, Eu o farei" (João 14,14-15), acrescentou: "Se Me amais, guardareis os Meus mandamentos." E aqui: "Se permanecerdes em Mim, e as Minhas palavras permanecerem em vós..."

"Pedireis o que quiserdes, e vos será feito."

Ele disse isso para mostrar que aqueles que conspiravam contra Ele seriam consumidos, mas que eles produziriam frutos. Em seguida, transferindo o temor deles para os outros, e mostrando que seriam invencíveis, diz:

Verso 8. "Nisto é glorificado Meu Pai: que deis muito fruto e vos torneis Meus discípulos."

Com isso, Ele torna Seu discurso digno de fé, pois, se dar fruto pertence à glória do Pai, Ele não negligenciará Sua própria glória. "E sereis Meus discípulos." Vês como aquele que dá fruto é o discípulo? Mas o que significa "nisto é glorificado Meu Pai"? "Ele Se alegra quando permaneceis em Mim, quando produzis fruto."

Verso 9. "Assim como o Pai Me amou, também Eu vos amei."

Aqui, finalmente, Ele fala de modo mais humano, pois isso, como dito a homens, tem sua força peculiar. Pois que medida de amor manifestou Aquele que escolheu morrer, que julgou dignos de tanta honra aqueles que eram Seus escravos, Seus inimigos, Seus adversários declarados, e os elevou até os céus! "Se, então, Eu vos amo, tende ânimo; se é glória de Meu Pai que

produzais fruto, não imagineis nada de mau." Então, para que não se tornassem negligentes, observa como Ele os exorta novamente:

"Permanecei no Meu amor."

"Pois isso vós tendes o poder de fazer." E como isso será feito?

Verso 10. "Se guardardes os Meus mandamentos, assim como Eu tenho guardado os mandamentos de Meu Pai."

Mais uma vez, Seu discurso procede de modo humano; pois, certamente, o Legislador não estaria sujeito a mandamentos. Vês como aqui também, como sempre digo, isso é declarado por causa da fraqueza dos ouvintes? Pois Ele fala principalmente às suas suspeitas e, por todos os meios, lhes mostra que estão em segurança, que seus inimigos estão perecendo, que tudo quanto têm, o têm do Filho e que, se levarem uma vida pura, ninguém jamais terá domínio sobre eles. E observa como Ele fala com autoridade: pois não disse, "permanecei no amor de Meu Pai", mas, "no Meu". Então, para que não dissessem: "quando nos pões em guerra com todos os homens, Tu nos deixas e partes", Ele mostra que não os abandona, mas está tão unido a eles, se quiserem, como o ramo à videira. Depois, para que da confiança não passassem à negligência, Ele não diz que a bênção é irreversível caso se tornem indolentes. E para não atribuir a ação a Si mesmo, tornando-os assim mais propensos à queda, Ele diz: "Nisto é glorificado Meu Pai." Pois em toda parte Ele manifesta tanto Seu amor quanto o do Pai por eles. Não as coisas dos judeus, então, eram "glória", mas aquelas que eles estavam prestes a receber. E para que não dissessem: "fomos expulsos das posses de nossos pais, fomos abandonados, tornamo-nos nus e destituídos de todas as coisas", Ele diz: "Olhai para Mim. Sou amado pelo Pai, e ainda assim sofro estas coisas designadas. E assim, não vos deixo agora porque não vos amo. Pois, se Eu sou morto e não tomo isso como prova de não ser amado pelo Pai, também vós não deveis vos perturbar. Pois, se permanecerdes no Meu amor, estes perigos não poderão vos causar dano algum no que diz respeito ao amor."

[3.] Sendo, pois, o amor coisa poderosa e irresistível, e não uma palavra vã, manifestemo-lo por nossas ações. Ele nos reconciliou quando éramos Seus inimigos; permaneçamos, agora que nos tornamos Seus amigos, fiéis a essa amizade. Ele tomou a dianteira; ao menos sigamos Seus passos. Ele nos amou não por algum proveito próprio (pois nada necessita), amemo-Lo ao menos por nosso próprio proveito. Ele nos amou sendo nós Seus inimigos; amemo-Lo ao menos sendo Ele nosso amigo.

Mas atualmente fazemos o contrário: pois todos os dias Deus é blasfemado por nossa causa, por nossos roubos, por nossa cobiça. E talvez algum de vós diga: "Todos os dias teu discurso é sobre a cobiça." Oxalá eu pudesse falar disso também toda noite! Oxalá eu pudesse seguir-vos pelas praças e mercados, e também à vossa mesa, falando disso! Oxalá esposas, amigos, filhos, servos, lavradores, vizinhos, e até mesmo o chão e as paredes, todos clamassem essa palavra — para que, porventura, nos abrandássemos um pouco. Pois essa enfermidade apoderou-se de todo o mundo, ocupa todas as almas, e grande é a tirania de Mammon. Fomos resgatados por Cristo, e somos escravos do ouro. Proclamamos o senhorio de um, e obedecemos ao outro. Tudo o que ele ordena, prontamente obedecemos, e por ele deixamos de reconhecer família, amizade, natureza, leis ou qualquer outra coisa.

Ninguém ergue os olhos ao Céu, ninguém pensa nas coisas futuras. Mas chegará o tempo em que nem mesmo estas palavras trarão proveito algum. "No túmulo," diz a Escritura, "quem Te louvará?"
O ouro é coisa desejável, proporciona-nos muito luxo e faz com que sejamos honrados — mas não da mesma forma que o faz o Céu. Pois do homem rico muitos se afastam e o detestam, mas o que vive virtuosamente é respeitado e honrado.

"Mas," diz alguém, "o pobre é zombado, mesmo sendo virtuoso." Não entre os homens, mas entre os brutos. Por isso, ele nem deveria levar isso em consideração. Pois, se jumentos zurrassem ou gralhas grasnassem contra nós, enquanto todos os sábios nos louvassem, não daríamos atenção aos clamores das bestas, esquecendo os louvores dos sensatos. Pois semelhantes

às gralhas — ou até piores que jumentos — são aqueles que admiram as coisas presentes.

Além disso, se um rei terreno te aprovasse, tu não darias importância à multidão, ainda que todos zombassem de ti; mas se o Senhor do universo te louva, buscarás a boa opinião de besouros e mosquitos? Pois é isso o que são esses homens em comparação com Deus — ou antes, nem mesmo isso, mas algo ainda mais vil, se tal houver.

Até quando revolveremos na lama? Até quando tomaremos por juízes os preguiçosos e os glutões? Eles sabem bem identificar jogadores de dados, bêbados, e aqueles que vivem para o ventre, mas quanto à virtude e ao vício, não conseguem sequer sonhar com tais coisas. Se alguém te criticasse por não saber abrir canais de irrigação, tu não considerarias isso grande afronta, mas até ririas dele por censurar-te uma ignorância dessas; e, no entanto, desejando praticar a virtude, entregas teu caso a quem nada sabe dela? Por isso nunca alcançamos essa arte: confiamos nossa causa não aos experientes, mas aos ignorantes, e eles julgam não segundo as regras da arte, mas segundo sua própria ignorância.

Portanto, exorto-vos: desprezemos a opinião da maioria; ou melhor, não desejemos louvores, nem posses, nem riquezas, nem consideremos a pobreza um mal. Pois a pobreza nos ensina a prudência, a paciência e toda verdadeira sabedoria. Assim viveu Lázaro, na pobreza, e recebeu uma coroa; Jacó apenas desejava conseguir pão; e José conheceu extrema pobreza, sendo não só escravo, mas também prisioneiro — e é por isso que mais o admiramos: não quando distribuía o trigo, mas quando habitava o cárcere; não quando usava o diadema, mas quando usava cadeias; não quando se sentava no trono, mas quando era vendido e traído.

Considerando, pois, todas essas coisas, e as coroas entrelaçadas para nós após os combates, admiremos não a riqueza, a honra, o luxo e o poder, mas sim a pobreza, as cadeias, os grilhões e a constância por causa da virtude. Pois o fim dessas coisas [terrenas] está cheio de aflições e confusão, e seu destino se encerra com esta vida presente; mas o fruto das outras é o Céu, e

os bens celestes, “que olho nenhum viu, nem ouvido ouviu.” Que todos nós os alcancemos, pela graça e bondade de nosso Senhor Jesus Cristo, a quem seja a glória pelos séculos dos séculos. Amém.

Sermão LXXVII
João 15, 11-12 — "Estas coisas vos tenho dito para que a minha alegria permaneça em vós, e a vossa alegria seja completa. Este é o meu mandamento: que vos ameis uns aos outros, assim como eu vos amei."

[1.] Todas as coisas boas têm sua recompensa quando chegam ao seu fim apropriado; mas, se forem interrompidas no meio do caminho, ocorre um naufrágio. Assim como uma embarcação de imenso porte, se não chega ao porto a tempo, mas naufraga no meio do mar, nada lucra com a extensão da viagem, antes torna o desastre ainda maior, na medida em que suportou mais fadigas; assim também são as almas que recuam quando estão perto do fim de seus labores e desfalecem no meio da luta. Por isso Paulo disse que glória, honra e paz receberiam aqueles que perseverassem com paciência na prática do bem. (Rm 2,7). Isto é o que Cristo agora realiza com os discípulos. Pois, tendo-os aceitado e estando eles se alegrando n’Ele, a vinda repentina da Paixão e Suas palavras tristes estavam prestes a interromper-lhes o contentamento. Após, portanto, ter conversado o suficiente para os confortar, acrescenta:
"Estas coisas vos tenho dito, para que a minha alegria permaneça em vós e a vossa alegria seja completa" — isto é: "para que não vos separeis de Mim, para que não interrompais o vosso caminho. Vós estais vos alegrando em Mim, e grandemente, mas o desânimo caiu sobre vós. Isto, pois, eu removo, para que a alegria venha por fim, mostrando que vossa condição presente é motivo não de dor, mas de júbilo. Vi que estais escandalizados; não vos desprezei; não disse: ‘Por que não permaneceis corajosos?’ Pelo contrário, falei-vos palavras que trazem consolo consigo. E assim desejo manter-vos sempre no mesmo amor. Ouvistes falar de um Reino e vos alegrastes. Portanto, para que vossa alegria se complete, vos tenho dito estas coisas."

Mas “este é o mandamento: que vos ameis uns aos outros, assim como eu vos amei.”

Vês que o amor de Deus está entrelaçado com o nosso amor mútuo e se une como que numa cadeia? Por isso, às vezes se diz que há dois mandamentos, outras vezes apenas um. Pois não é possível que aquele que tomou para si o primeiro não possua também o segundo. Em certo momento Ele disse: "Destes dois mandamentos depende toda a Lei e os Profetas" (Mt 22,40); e noutra ocasião: "Tudo quanto quereis que os homens vos façam, fazei-o também a eles, porque esta é a Lei e os Profetas" (Mt 7,12); e também: "O amor é o pleno cumprimento da Lei" (Rm 13,10).

O que Ele afirma aqui também tem o mesmo sentido; pois se permanecer n'Ele procede do amor, e o amor do cumprimento dos mandamentos, e o mandamento é que nos amemos uns aos outros, então permanecer em Deus procede do amor mútuo.

E Ele não fala apenas de amor, mas também declara o seu modo: "assim como Eu vos amei". Mostra novamente que Sua própria partida não se dá por ódio, mas por amor. "De forma que Eu deveria ser admirado justamente por isto: porque dou a Minha vida por vós."

Contudo, Ele nunca diz isto com estas palavras exatas, mas o insinua anteriormente, esboçando o retrato do bom pastor; e aqui o expressa exortando-os e mostrando a grandeza do Seu amor, e quem Ele mesmo é.

E por que exalta o amor em todo lugar? Porque este é o sinal dos discípulos, o laço de toda virtude. Por isso Paulo fala coisas tão grandiosas sobre o amor, sendo ele verdadeiro discípulo de Cristo e tendo experiência dele.

Versículos 14-15 — "Vós sois Meus amigos — já não vos chamo servos, pois o servo não sabe o que faz seu senhor; mas chamei-vos amigos, porque tudo quanto ouvi de Meu Pai vos dei a conhecer."

Como então Ele diz: "Ainda tenho muitas coisas a vos dizer, mas não as podeis suportar agora"? (Jo 16,12). Ao dizer "tudo" e "ouvi de Meu Pai", Ele não quer dizer outra coisa senão que nada proferiu de estranho, mas somente o

que era do Pai. E como revelar segredos parece a prova mais forte de amizade, Ele diz: “Fostes considerados dignos até desta comunhão”.

Quando, porém, Ele diz “tudo”, quer significar “tudo o que era conveniente que ouvísseis”.

Depois apresenta ainda outra prova segura de amizade — não uma qualquer. De que tipo?

Versículo 16 — “Não fostes vós que Me escolhestes, mas Eu vos escolhi a vós.”

Isto é: fui Eu que corri ao encontro da vossa amizade. E Ele não parou aí, mas:

“Eu vos estabeleci” — isto é, “plantei-vos” — “para que vades” (Ele ainda usa a metáfora da videira), ou seja, “para que vos estendais”,
“e produzais fruto, e o vosso fruto permaneça.”

“Agora, se o vosso fruto permanece, quanto mais vós mesmos. Pois não apenas vos amei”, diz Ele, “mas vos concedi os maiores benefícios, estendendo vossos ramos por todo o mundo.”

Vês quantas formas Ele emprega para mostrar Seu amor? Revelando-lhes segredos, indo ao encontro da amizade deles, concedendo-lhes as maiores bênçãos, e sofrendo por eles o que então padeceu.

Depois disso, mostra que Ele também permanece continuamente com aqueles que produzem fruto; pois é necessário usufruir da Sua ajuda para poder frutificar.

“Para que tudo quanto pedirdes ao Pai em Meu Nome, Ele vos conceda.”

Contudo, pedir é função de quem recebe o pedido; mas se é ao Pai que se pede, como é que o Filho realiza? Para que compreendas que o Filho não é inferior ao Pai.

Versículo 17 — "Isto vos mando: que vos ameis uns aos outros."

Isto é: "Não é para vos censurar que digo que dou a Minha vida por vós, ou que corri ao vosso encontro, mas para vos conduzir à amizade."

Então, como ser perseguido e insultado por muitos era algo penoso e insuportável, suficiente para abater até a alma mais elevada, Cristo, após dizer-lhes milhares de coisas antes, introduz este tema.

Depois de suavizar as mentes deles, Ele trata desses pontos, mostrando que estas coisas também eram para grande proveito deles, assim como havia mostrado que as anteriores também o eram. Pois assim como dissera que eles não deviam se entristecer, mas antes alegrar-se "porque vou para o Pai", (pois fazia isto não como quem abandona, mas por profundo amor), também aqui mostra que eles deviam alegrar-se, e não entristecer-se.

E nota como Ele realiza isto. Não diz: "Sei que isto é doloroso, mas suportai por amor de Mim, pois também por Mim sofreis" — pois tal motivo ainda não seria suficiente para consolá-los. Por isso, deixando isso de lado, Ele apresenta outro argumento.

E qual é esse? Que o fato de serem odiados seria prova segura de sua virtude anterior.
"E, ao contrário, deveríeis vos entristecer, não por agora serdes odiados, mas se fôsseis amados."

Pois é isto que Ele insinua ao dizer:

Versículo 19 — "Se fôsseis do mundo, o mundo amaria o que é seu."

Portanto, se tivésseis sido amados, isso mostraria claramente que tínheis manifestado sinais de impiedade. Então, quando, ao dizer isso de início, Ele não alcança o efeito desejado, Ele retoma novamente o discurso:

Versículo 20. "O servo não é maior do que o seu senhor. Se a Mim perseguiram, também a vós vos perseguirão."

Ele mostrou que, nesse ponto, eles seriam os maiores imitadores d'Ele. Pois enquanto Cristo estava na carne, os homens guerreavam contra Ele; mas quando Ele foi elevado, a batalha veio, em seguida, sobre eles. Depois, porque devido à sua pequenez eles estavam aterrorizados por terem de enfrentar o ataque de tão grande multidão, Ele fortalece suas almas dizendo-lhes que era motivo especial de alegria serem odiados por eles: "Pois assim participareis dos Meus sofrimentos. Não deveis, portanto, vos perturbar, pois não sois melhores do que Eu," como já vos disse antes: "O servo não é maior do que seu senhor." Então há ainda uma terceira fonte de consolação: o Pai também é insultado juntamente com eles.

Versículo 21. "Mas tudo isso vos farão por causa do Meu Nome, porque não conhecem Aquele que Me enviou."

Ou seja, "também insultam a Ele." Além disso, privando aqueles outros de desculpas e colocando ainda outra fonte de consolo, Ele diz:

Versículo 22. "Se Eu não tivesse vindo e lhes falado, não teriam pecado."

Mostrando que o que farão contra Ele e contra os discípulos será inteiramente injusto. "Por que então," diz alguém, "Tu nos trouxeste a tais calamidades? Acaso não preconhecias as guerras, o ódio?" Por isso, novamente, Ele diz:

Versículo 23. "Aquele que Me odeia, odeia também a Meu Pai."

Com isso também anuncia de antemão um castigo nada pequeno contra eles. Pois, já que eles continuamente fingiam que O perseguiam por causa do Pai, para privá-los dessa desculpa Ele disse essas palavras. "Eles não têm desculpa. Eu lhes dei o ensinamento por palavras, ao qual adicionei obras, conforme a Lei de Moisés, que ordenava que todos obedecessem a quem

fizesse tais coisas, quando conduzisse à piedade e operasse os maiores milagres." E Ele não fala simplesmente de "sinais," mas:

Versículo 24. "Obras que nenhum outro homem fez."

E disso eles mesmos são testemunhas, falando assim: "Nunca se viu tal coisa em Israel" (Mt 9,33); e: "Desde o princípio do mundo nunca se ouviu que alguém tenha aberto os olhos de um cego de nascença" (Jo 9,32); e o caso de Lázaro era do mesmo tipo, e todos os outros atos eram semelhantes, e o modo de operar milagres era novo, e tudo ia além da compreensão. "Por que então," pergunta alguém, "eles perseguem tanto a Ti quanto a nós?" "Porque não sois do mundo. Se fôsseis do mundo, o mundo amaria o que é seu." (v. 19).

Ele primeiro os recorda das palavras que também disse aos próprios irmãos (Jo 7,7); mas lá Ele falou mais em forma de reflexão, para não os ofender, enquanto aqui, pelo contrário, Ele revela tudo. "E como é claro que é por essa razão que somos odiados?" "Pelo que Me foi feito. Pois, dizei-Me, de qual das Minhas palavras ou obras puderam lançar mão, que recusassem a Mim?" Então, como isso seria algo espantoso para nós, Ele explica a causa: ou seja, a malícia deles. E não para aí, mas introduz também o Profeta (Sl 34[35],19; Sl 68[69],4), mostrando que ele proclamou isso desde tempos antigos, dizendo:

Versículo 25. "Odiaram-Me sem motivo."

[3.] O mesmo faz Paulo. Pois, quando muitos se admiravam de que os judeus não acreditassem, ele traz os Profetas predisseram isso desde a antiguidade, declarando a causa: que a malícia e o orgulho deles foram a causa da incredulidade. "Pois bem; se não guardaram a Tua palavra, tampouco guardarão a nossa; se Te perseguiram, certamente nos perseguirão também; se viram sinais que nenhum outro homem realizou; se ouviram palavras que nenhum outro pronunciou, e nada aproveitaram; se odeiam a Teu Pai e a Ti com Ele, por que," diz alguém, "Tu nos enviaste para o meio deles? Como, depois disso, seremos dignos de crédito? Quem dentre os nossos parentes nos escutará?"

Para que, portanto, não se perturbem com tais pensamentos, vede que tipo de consolação Ele acrescenta:

Versículos 26–27. "Mas, quando vier o Consolador, que Eu vos enviarei da parte do Pai, o Espírito da Verdade, que procede do Pai, Ele dará testemunho de Mim. E vós também dareis testemunho, porque estais comigo desde o princípio."

"Ele será digno de crédito, pois é o Espírito da Verdade." Por isso Ele não O chamou aqui de "Espírito Santo," mas de "Espírito da Verdade." Mas o dizer "que procede do Pai" mostra que Ele conhece todas as coisas com exatidão, assim como Cristo também diz de Si mesmo: "Eu sei de onde vim e para onde vou" (Jo 8,14), falando também ali a respeito da verdade. "Que Eu vos enviarei." Vede: já não é apenas o Pai que O envia, mas o Filho também.

"E vós também," diz Ele, "sois dignos de crédito, porque estivestes Comigo, porque não ouvistes de outros." De fato, os Apóstolos confiam confiantemente nessa circunstância, dizendo: "Nós que comemos e bebemos com Ele." (At 10,41). E para mostrar que isso não foi dito apenas para agradar, o Espírito dá testemunho das palavras que foram ditas. (At 10,44)

Cap. 16, vers. 1. "Estas coisas vos tenho dito para que não vos escandalizeis."

Isto é, "quando virdes muitos não crerem e vós mesmos forem maltratados."

Vers. 2. "Expulsar-vos-ão das sinagogas."
(Pois "os judeus já haviam decidido que, se alguém confessasse que Ele era o Cristo, fosse expulso da sinagoga" — Jo 9,22.)

"Vem mesmo a hora em que todo aquele que vos matar julgará prestar culto a Deus."

“Eles buscarão tanto o vosso assassinato, como se estivessem praticando uma ação piedosa e agradável a Deus.” E então novamente Ele acrescenta uma consolação:

Vers. 3. “E isto vos farão, porque não conheceram ao Pai nem a Mim.”

“Basta para vos consolar saber que suportais estas coisas por Minha causa e por causa do Pai.” Aqui Ele os faz recordar da bem-aventurança de que falou no início: “Bem-aventurados sereis, quando vos insultarem e vos perseguirem, e disserem todo mal contra vós falsamente por causa de Mim. Alegrai-vos e exultai, porque grande é a vossa recompensa nos céus.” (Mt 5,11–12)

Vers. 4. “Mas Eu vos disse essas coisas, para que, quando chegar a hora, vos lembreis de que vo-las disse.”

“Assim, julgando a partir destas palavras, considereis também confiáveis as demais. Pois não podereis dizer que vos falei lisonjeiramente apenas aquelas coisas que agradavam, nem que as palavras foram palavras de engano; pois quem pretende enganar, não vos teria dito de antemão coisas que poderiam desanimar-vos. Portanto, Eu vos avisei de antemão, para que estas coisas não vos sobrevenham de modo inesperado e vos perturbem; e por outra razão também: para que não digais que Eu não sabia que isso aconteceria. Lembrai-vos, pois, de que vos adverti.”

E, de fato, os pagãos sempre cobriam suas perseguições com o pretexto de impiedade da parte dos cristãos, expulsando-os como corruptores; mas isso não perturbava os discípulos, que haviam sido advertidos de antemão e sabiam por que sofriam. A causa do que acontecia bastava para inflamar-lhes a coragem.

Por isso Ele insiste sempre nesse ponto, dizendo: “não Me conheceram”; e: “por causa de Mim o farão”; e: “por causa do Meu Nome, e por causa do Pai”; e: “Eu sofri primeiro”; e: “sem nenhuma causa justa ousam fazer estas coisas.”

[4.] Consideremos também nós estas coisas nas nossas tribulações, quando padecermos algo por parte dos ímpios, "olhando para o Autor e Consumador da nossa fé" (Hb 12,2), e refletindo que é por parte de homens maus e por causa da virtude e d'Ele que sofremos. Pois se meditarmos nessas coisas, tudo se tornará facílimo e suportável. Já que, se alguém que sofre por aqueles que ama até se orgulha disso, que sentimento de aflição poderá ter aquele que sofre por amor a Deus? Pois se Ele, por nossa causa, chamou de "glória" aquela coisa vergonhosa — a Cruz (Jo 13,31) — quanto mais nós deveríamos ter o mesmo sentimento. E se podemos desprezar os sofrimentos dessa forma, muito mais seremos capazes de desprezar as riquezas e a avareza.

Devemos, portanto, ao estarmos prestes a suportar qualquer coisa penosa, pensar não nos trabalhos, mas nas coroas; pois assim como os mercadores consideram não apenas os mares, mas também os lucros, também nós devemos calcular o Céu e a confiança para com Deus. E se adquirir mais nos parece algo agradável, pensemos que Cristo não o quer, e logo isso nos parecerá desagradável. E se for penoso dar aos pobres, não detenhas teu pensamento no gasto, mas transporta logo tua mente à colheita que virá da semeadura; e quando for difícil resistir ao amor de uma mulher alheia, pensa na coroa que virá após a luta, e facilmente suportarás o combate. Pois, se o temor desvia o homem de coisas vergonhosas, muito mais o deve fazer o amor de Cristo. Difícil é a virtude; mas envolvamos sua figura com a grandeza da promessa dos bens futuros.

Com efeito, os que são virtuosos, mesmo sem essas promessas, vêem a virtude bela em si mesma, e por isso a seguem, e agem por parecer bom a Deus, não por pagamento; e pensam que é grande coisa serem sóbrios, não para que não sejam punidos, mas porque Deus assim o mandou. Mas se alguém for fraco demais para isso, que pense nos prêmios.

Assim devemos proceder também quanto às esmolas: compadeçamo-nos de nossos semelhantes, não os negligenciemos, suplico-vos, quando estiverem a perecer de fome. Como poderá deixar de ser algo vergonhoso que nos assentemos à mesa rindo e nos deleitando, e, ao ouvirmos outros gemendo

enquanto passam pela rua, nem sequer viremos o rosto a seus clamores, mas fiquemos irados contra eles e os chamemos de “trapaceiros”? “O que queres dizer, homem? Alguém forjaria um engano por um único pedaço de pão?” “Sim”, diz alguém. Pois justamente nesse caso é que ele merece compaixão; justamente nesse caso é que deve ser livrado de sua necessidade. Ou se não queres dar, ao menos não insultes; se não queres salvar o náufrago, ao menos não o empurres para o abismo.

Pois considera: quando afugentas o pobre que se achega a ti, que serás tu quando clamares a Deus? “Com a medida com que medirdes, vos medirão também a vós.” (Mt 7,2.) Considera como ele parte — esmagado, abatido, lamentando-se —, tendo recebido, além da pobreza, ainda o golpe da tua insolência. Pois se tu consideras a mendicância uma maldição, pensa que tempestade se faz quando se mendiga para nada receber, mas ainda se vai embora insultado. Até quando seremos como feras selvagens, sem conhecer sequer a própria natureza, por causa da ganância?

Muitos se comovem com estas palavras; mas desejo que não seja só agora, e sim sempre, que tenham esse sentimento de compaixão. Pensai, peço-vos, naquele dia em que estaremos perante o tribunal de Cristo, quando suplicaremos por misericórdia, e Cristo, trazendo-os à frente, dirá: “Por causa de um único pedaço de pão, de uma única moeda de cobre, levantastes tão grande tempestade contra estas almas!” Que responderemos? Que desculpa daremos? Que Ele os apresentará, ouvi o que Ele mesmo diz: “Em verdade vos digo: em quanto o deixastes de fazer a um destes pequeninos, a mim o deixastes de fazer.” (Mt 25,45.) Eles já não nos dirão coisa alguma, mas Deus por eles nos repreenderá. Pois o rico viu também a Lázaro (Lc 16), e Lázaro nada lhe disse, mas foi Abraão quem falou por ele; e assim também será no caso dos pobres hoje desprezados por nós. Não os veremos mais estendendo as mãos em miséria, mas estando em repouso; e tomaremos nós o estado que era deles — e oxalá fosse somente esse estado, e não um muito mais penoso — como castigo. Pois o rico não pedia lá para ser alimentado com migalhas, mas era atormentado duramente pelas chamas, e foi-lhe dito: “Tu recebeste os teus bens em vida, e Lázaro, da mesma forma, os males.” (Lc 16,25.)

Não consideremos, pois, a riqueza como coisa grandiosa; ela nos ajudará no caminho do castigo, se não nos acautelarmos, assim como, se nos acautelarmos, a própria pobreza se torna para nós acréscimo de bem-aventurança e repouso. Pois, se a suportarmos com gratidão, ela tanto apaga os nossos pecados quanto nos dá grande ousadia diante de Deus.

[5.] Não busquemos, pois, segurança contínua neste mundo, para que possamos gozá-la plenamente no outro; mas aceitemos os trabalhos em favor da virtude, cortemos o que é supérfluo, não procuremos mais do que o necessário, e gastemos todos os nossos bens com os necessitados. Pois que desculpa poderemos ter, quando Deus nos promete o céu e nós não queremos sequer dar-Lhe pão? Ele, por ti, faz nascer o sol e provê todo o serviço da Criação, e tu não Lhe dás sequer uma veste, nem O deixas compartilhar do teu teto? Mas por que falo do sol e da lua? Ele te colocou diante de ti o Seu Corpo, deu-te o Seu precioso Sangue — e tu nem sequer repartes com Ele o teu cálice? E acaso fizeste isso uma única vez? Isso não é misericórdia; enquanto tiveres meios e não socorres, ainda não cumpriste todo o teu dever. Assim como as virgens que tinham lâmpadas tinham óleo, mas não em abundância. Pois tu deverias, mesmo ao dares do que é teu, não ser mesquinho; quanto mais agora, que dás o que pertence ao teu Senhor — por que então contas cada pequena moeda?

Quereis que eu vos diga a causa dessa desumanidade? Os que ajuntam riquezas por ganância são também os mais lentos em dar esmolas; pois quem aprendeu a adquirir assim, não sabe como gastar. Como pode um homem acostumado ao roubo adaptar-se ao seu contrário? Aquele que toma dos outros, como poderá entregar aos outros o que é seu? Um cão acostumado a comer carne não pode guardar o rebanho; por isso os pastores matam tais cães. Que isso não aconteça conosco: abstenhamo-nos de tais banquetes. Pois também esses homens se alimentam de carne, quando causam a morte pela fome. Não vês como Deus permitiu que todas as coisas fossem comuns a nós? Se no meio das riquezas Ele permitiu que houvesse pobres, foi para consolação dos ricos — para que, exercendo a misericórdia para com eles, pudessem apagar seus pecados. Mas tu, mesmo nisso, foste cruel e

desumano; o que mostra que, se tivesses poder em coisas maiores, terias cometido dez mil assassinatos, e terias privado os homens da luz e da vida totalmente. Para que isso não acontecesse, a necessidade limitou tua insaciabilidade nestas coisas.

Se vos dói ouvir essas palavras, mais ainda me dói vê-las acontecendo. Até quando serás rico e aquele homem pobre? Até o entardecer, e nada mais; pois tão breve é a vida, e todas as coisas estão tão próximas do fim, e tudo já tão próximo à porta, que tudo deve ser considerado como uma hora apenas. Para que precisas de celeiros abarrotados, de uma multidão de criados e administradores? Por que não tens antes dez mil proclamadores da tua esmola? O celeiro não dá voz alguma, e ainda assim atrairá sobre ti muitos ladrões; mas os celeiros dos pobres subirão até o próprio Deus, adoçarão tua vida presente, removerão todos os teus pecados, e te conquistarão glória diante de Deus e honra entre os homens. Por que, então, negas a ti mesmo tais bens? Pois não farás tanto bem ao pobre quanto a ti mesmo, quando o beneficias. Corrigirás o estado presente dele; mas para ti, acumularás de antemão glória e confiança para o porvir.

E isso possamos nós todos alcançar, pela graça e benignidade de nosso Senhor Jesus Cristo, a quem, com o Pai e o Espírito Santo, sejam a glória e o poder pelos séculos dos séculos. Amém.

Sermão LXXVIII
João 16, 4-6 — "Estas coisas não vos disse desde o princípio, porque estava convosco. Mas agora vou para aquele que me enviou; e nenhum de vós me pergunta: Para onde vais? Mas, porque vos disse isto, a tristeza encheu o vosso coração."

[1.] Grande é a tirania da desolação (ou melancolia), e é necessária muita coragem para que a enfrentemos com firmeza e, depois de dela extrairmos o que é útil, deixemos de lado o que é supérfluo. Ela tem algo de útil: quando pecamos — nós mesmos ou outros — é bom entristecermo-nos; mas quando caímos nas vicissitudes próprias da condição humana, a desolação é inútil. Agora, tendo derrubado os discípulos que ainda não eram perfeitos, vê como

Cristo os reergue por meio de uma repreensão. Eles, que antes haviam feito a Ele dez mil perguntas (pois Pedro dissera: "Para onde vais?" [Jo 13,36]; e Tomé: "Não sabemos para onde vais, e como podemos saber o caminho?" [Jo 14,5]; e Filipe: "Mostra-nos o Pai" [Jo 14,8]); agora, ao ouvirem que seriam expulsos das sinagogas, que seriam odiados, e que "todo aquele que vos matar pensará que oferece um culto a Deus", ficaram tão abatidos que não disseram mais nada a Ele. Cristo então os repreende, dizendo: "Estas coisas não vos disse desde o princípio, porque estava convosco. Mas agora vou para aquele que me enviou, e nenhum de vós me pergunta: Para onde vais? Mas, porque vos disse isto, a tristeza encheu o vosso coração." Pois a tristeza excessiva é algo terrível, algo que pode levar à morte. Por isso Paulo diz: "Para que tal pessoa não seja consumida por excessiva tristeza" (2Cor 2,7).

"Estas coisas," diz Ele, "não vos disse desde o princípio." Por que não lhes falou disso desde o começo? Para que ninguém dissesse que Ele o disse por conjeturar os acontecimentos ordinários. E por que agora introduz assuntos tão desagradáveis? Ele dá a entender: "Eu sabia dessas coisas desde o princípio, mas não vos falei delas; não porque eu não soubesse, mas porque 'estava convosco'." E isso foi dito de modo humano, como que dizendo: "Porque estaveis em segurança, e podíeis Me perguntar a qualquer momento, e toda a tempestade caía sobre Mim, era supérfluo dizer-vos estas coisas desde o princípio."

"Mas Ele não lhes dissera isso? Não chamou os doze e lhes disse: 'Sereis levados diante de governadores e reis por minha causa' (Mt 10,18), e 'vos açoitarão nas sinagogas' (Mt 10,17)? Como então Ele diz: 'Não vos disse isso desde o princípio'? Porque lá Ele falava dos açoites e dos governadores, mas não que sua morte seria vista como algo tão louvável que seria considerada serviço prestado a Deus. Isso era o que mais poderia amedrontá-los: o fato de serem tidos como ímpios e corruptores. Também se pode dizer que naquela ocasião Ele falou do que sofreriam dos gentios, mas aqui Ele acrescenta, de forma mais forte, os atos dos judeus, dizendo-lhes que estavam às portas.

"Mas agora vou para aquele que me enviou, e nenhum de vós me pergunta: Para onde vais? Mas, porque vos disse isto, a tristeza encheu o vosso

coração." Não foi pouco consolo para eles perceber que Cristo conhecia a profundidade de sua tristeza. Pois estavam fora de si de tanta angústia por serem deixados por Ele e por aguardarem os terríveis acontecimentos vindouros, sem saber se seriam capazes de suportá-los com coragem. "Por que então Ele não lhes disse imediatamente que seriam agraciados com o Espírito? Para que se visse quão virtuosos eram. Pois, se sem ainda terem recebido o Espírito não recuaram, mesmo estando dominados pela tristeza, que tipo de homens seriam depois de receberem a graça? Se tivessem ouvido isso naquela hora e então tivessem suportado, tudo seria atribuído ao Espírito; mas agora é fruto claro da disposição interior deles — é uma clara manifestação de seu amor a Cristo, que testa seus corações ainda desprotegidos.

Verso 7. "Mas eu vos digo a verdade..."

Vê como Ele os consola novamente. "Não falo," diz Ele, "para vos agradar; e embora estejais profundamente entristecidos, é preciso ouvir o que é útil. De fato, é agradável para vós que Eu permaneça convosco, mas o que é vantajoso para vós é outra coisa. E é próprio de quem cuida dos outros não ser excessivamente gentil nas questões que lhes dizem respeito, nem desviá-los do que lhes é útil."

"Porque, se eu não for, o Consolador não virá até vós."

Que dizem aqui os que não têm uma opinião correta sobre o Espírito Santo? É "vantajoso" que o Senhor vá embora e venha o servo? Vês quão grande é a dignidade do Espírito?

"Mas se eu for, vo-lo enviarei." — E qual é o ganho?

Verso 8. "E quando ele vier, convencerá o mundo..."

Isto é: "eles não cometerão tais coisas impunemente, se Ele vier. Pois o que já foi feito é suficiente para calá-los; mas quando essas coisas também forem feitas por Ele, quando os ensinamentos forem mais perfeitos e os milagres

ainda maiores, muito mais serão condenados, ao verem tudo isso feito em Meu Nome, o que tornará mais certa a prova da Ressurreição. Pois agora podem dizer: 'Este é o filho do carpinteiro, cujo pai e mãe conhecemos'; mas quando virem as cadeias da morte rompidas, os aleijados curados, os demônios expulsos, a abundância do Espírito derramada, e tudo isso realizado por invocar Meu Nome, que dirão então? O Pai deu testemunho de Mim, e o Espírito também o fará." — Já tinha dado testemunho no início. Sim, mas o dará novamente agora. E o "convencerá":

Verso 9. "Do pecado..."

Isto significa: "cortará todas as suas desculpas, e mostrará que transgrediram de modo imperdoável."

Verso 10. "Da justiça, porque vou para o Pai, e não me vereis mais."

Ou seja: "mostrei uma vida irrepreensível, e esta é a prova: 'vou para o Pai'." Pois como eles constantemente acusavam-nO de não vir de Deus — por isso O chamavam de pecador e transgressor — Ele diz que o Espírito tirará também essa desculpa. "Pois, se pensar que não venho de Deus me torna um transgressor, quando o Espírito mostrar que fui até Ele — e não só por um tempo, mas para permanecer lá (pois o 'não me vereis mais' expressa isso) —, o que dirão então?" Vê como, por essas duas coisas, a suspeita maliciosa deles é removida: nem realizar milagres é próprio de um pecador (pois um pecador não pode realizá-los), nem estar com Deus continuamente pertence a um pecador. "Portanto, não podereis mais dizer: 'este homem é pecador', 'este homem não é de Deus'."

Verso 11. "Do juízo, porque o príncipe deste mundo está julgado."

Aqui Ele volta a argumentar sobre a justiça: que Ele venceu o adversário. Ora, se Ele fosse pecador, não poderia tê-lo vencido — coisa que nem mesmo os justos conseguiram. "Mas que ele foi condenado por Meu intermédio, saberão aqueles que depois o pisoteiam, e que reconhecem claramente a Minha Ressurreição, que é a marca daquele que o venceu. Pois ele não pôde Me

reter. E, já que diziam que Eu tinha um demônio, e que era um enganador, isso também se mostrará falso; pois Eu não poderia tê-lo vencido, se estivesse sujeito ao pecado; mas agora ele está condenado e expulso."

[2.] Versículo 12. "Ainda tenho muito que vos dizer, mas vós não o podeis suportar agora."

"Portanto, é conveniente para vós que Eu parta, se então podereis suportar quando Eu tiver partido." "E o que aconteceu? Seria o Espírito maior do que Tu, para que agora, de fato, não possamos suportar, mas Ele nos capacite a suportar? Seria Sua ação mais poderosa e perfeita?" "Não é isso; pois Ele também falará as Minhas palavras." Por isso Ele diz:

Versículos 13–15. "Ele não falará por Si mesmo; mas tudo o que tiver ouvido, isso falará; e vos anunciará as coisas que hão de vir. Ele Me glorificará, porque receberá do que é Meu e vo-lo anunciará. Todas as coisas que o Pai tem são Minhas."

Pois, como já lhes havia dito: "Ele vos ensinará, e vos fará lembrar" (Jo 14,26), e os "consolará nas vossas aflições" (coisa que Ele mesmo não fazia), e que "convém que Eu vá" (v. 7), para que Ele venha, e também: "agora não podeis suportar" (v. 12), mas então podereis, e que "Ele vos conduzirá a toda a verdade" (v. 13); para que, ouvindo essas coisas, eles não imaginassem que o Espírito era maior, e assim caíssem numa impiedade extrema, por isso Ele diz: "Ele receberá do que é Meu", isto é, "tudo o que Eu vos disse, Ele também vos dirá." Quando Ele diz: "Ele não falará por Si mesmo", quer dizer: "nada contrário, nada que se oponha às Minhas palavras." Assim como ao dizer a respeito de Si mesmo: "Não falo de Mim mesmo" (Jo 14,10), Ele quer significar que nada fala além do que o Pai diz, nada que seja d'Ele próprio contra o Pai ou diferente d'Ele, do mesmo modo ocorre com o Espírito. Mas o dizer "do que é Meu", significa: "daquilo que Eu conheço", "do Meu próprio conhecimento"; pois "o conhecimento de Mim e do Espírito é um só."

"E Ele vos anunciará as coisas que hão de vir." Ele incita a mente deles, pois a natureza humana é extremamente ávida por conhecer o futuro. Isso, por

exemplo, eles sempre perguntavam: "Para onde vais?", "Qual é o caminho?" Para libertá-los, então, dessa ansiedade, Ele diz: "Ele vos anunciará todas as coisas, para que não as enfrenteis desprevenidos."

"Ele Me glorificará." Como? "Em Meu nome Ele concederá Suas operações interiores." Pois, como ao vir o Espírito os discípulos iriam realizar milagres ainda maiores, então, para novamente introduzir a Igualdade de Honra, Ele diz: "Ele Me glorificará."

O que quer dizer Ele com "toda a verdade", pois também isso Ele testifica d'Ele: "Ele vos conduzirá a toda a verdade" (v. 13)? Porque Ele estava revestido da carne, e para não parecer que falava de Si mesmo, e porque os discípulos ainda não compreendiam claramente a respeito da Ressurreição, e estavam demasiado imperfeitos, e também por causa dos judeus — para que não pensassem que estavam punindo um transgressor — por isso Ele não dizia sempre grandes coisas, nem os afastava claramente da Lei. Mas quando os discípulos se separassem dos judeus, e estivessem no mundo por conta própria, e muitos estivessem prestes a crer, e a serem libertos de seus pecados, e quando outros falassem d'Ele, então, com razão, Ele não mais hesitaria em dizer grandes coisas sobre Si mesmo. "Portanto, não foi por ignorância da Minha parte", Ele diz, "que não vos disse o que devia ter dito, mas por causa da fraqueza dos ouvintes." Por isso, depois de ter dito: "Ele vos conduzirá a toda a verdade", acrescenta: "Ele não falará por Si mesmo." Para mostrar que o Espírito não precisa ser ensinado, ouve o que diz Paulo: "Assim também, ninguém conhece as coisas de Deus, senão o Espírito de Deus." (1 Cor 2,11). "Assim como o espírito do homem, sem aprender de outro, conhece; assim também o Espírito Santo 'receberá do que é Meu'", isto é, "falará em harmonia com o que é Meu."

"Todas as coisas que o Pai tem são Minhas." "Portanto, como essas coisas são Minhas, e Ele falará das coisas do Pai, Ele falará das Minhas."

[3.] "Mas por que o Espírito não veio antes que Ele (Cristo) partisse?" Porque a maldição ainda não havia sido removida, o pecado ainda não havia sido desatado, mas todos ainda estavam sujeitos à vingança; assim, Ele (o Espírito)

não podia vir. “Era necessário então”, diz Ele (Cristo), “que a inimizade fosse removida, que fôssemos reconciliados com Deus, e então recebêssemos esse Dom.” Mas por que Ele diz: "Eu o enviarei"? (v. 7) Significa: “Eu vos prepararei de antemão para recebê-lo.” Pois, como pode Aquele que está em toda parte ser “enviado”? Além disso, Ele mostra também a distinção das Pessoas. Por essas duas razões Ele fala assim; e também porque eles (os discípulos) dificilmente se deixariam afastar d’Ele, encorajando-os a se apegarem ao Espírito e para que O estimassem. Pois Ele mesmo era capaz de operar essas coisas, mas concedeu ao Espírito a realização dos milagres — por esta razão — para que compreendessem a dignidade d’Ele (do Espírito). Pois, assim como o Pai poderia ter trazido à existência todas as coisas, mas o Filho o fez, para que compreendêssemos Seu poder, assim também neste caso. Por essa razão Ele mesmo foi feito carne, reservando a operação interior para o Espírito, calando a boca daqueles que tomam o argumento de Seu amor inefável como ocasião de impiedade.

Pois quando dizem que o Filho foi feito carne porque era inferior ao Pai, responderemos: “Que dizeis, então, do Espírito?” Ele não tomou carne, e certamente não por isso o chamareis de maior que o Filho, nem direis que o Filho é inferior a Ele. Por isso, também no batismo, a Trindade está incluída. O Pai é capaz de realizar tudo, como o é o Filho, e o Espírito Santo também; mas, como ninguém duvida do Pai, mas a dúvida era quanto ao Filho e ao Espírito, Eles são incluídos no rito, para que, por Sua comunhão em conceder essas bênçãos indizíveis, aprendamos também Sua comunhão em dignidade.

Pois que tanto o Filho é capaz por Si mesmo de fazer aquilo que, no batismo, é feito com o Pai, como o Espírito Santo também, ouve essas coisas ditas claramente. Pois aos judeus Ele disse: “Para que saibais que o Filho do Homem tem poder na terra para perdoar pecados” (Mc 2,10); e novamente: “Para que vos torneis filhos da luz” (Jo 12,36); e: “Eu lhes dou a vida eterna” (Jo 10,28). E depois disso: “Para que tenham vida e a tenham em abundância” (Jo 10,10). Vejamos agora o Espírito realizando o mesmo. Onde podemos ver isso? “Mas a manifestação do Espírito”, diz, “é dada a cada um para o que for útil” (1 Cor 12,7; cf. Jo 6,63); ora, se Ele dá essas coisas, com muito mais razão remite pecados. E novamente: “É o Espírito que vivifica”; e: “Ele vos vivificará

pelo Seu Espírito que habita em vós" (Rm 8,11); e: "O Espírito é vida por causa da justiça" (Rm 8,10); e: "Se sois guiados pelo Espírito, não estais sob a Lei" (Gl 5,18). "Pois não recebestes o espírito de escravidão para cairdes novamente no temor, mas o Espírito de adoção" (Rm 8,15). Também todas as maravilhas que realizaram naquela ocasião, fizeram-no com a vinda do Espírito. E Paulo, escrevendo aos Coríntios, disse: "Fostes lavados, fostes santificados, fostes justificados no nome do Senhor Jesus Cristo e no Espírito do nosso Deus" (1 Cor 6,11).

Visto que tinham ouvido muitas coisas do Pai, e tinham visto o Filho operar muitas coisas, mas ainda não conheciam claramente nada sobre o Espírito, então o Espírito opera milagres e traz o conhecimento perfeito. Mas (como já disse) para que daí não se imagine que Ele é maior, por isso Cristo diz: "Tudo o que ouvir, Ele falará; e vos anunciará as coisas futuras." Pois, se não for assim, como não seria absurdo, se Ele viesse a ouvir depois, por causa daqueles que estavam sendo feitos discípulos? Pois, segundo vós, nem mesmo naquele momento Ele saberia, senão por causa dos que haveriam de ouvir. Que poderia haver de mais ímpio do que essa afirmação?

Além disso, o que Ele teria a ouvir? Acaso não foi Ele quem falou todas essas coisas pelos profetas? Pois, se era para ensinar sobre a abolição da Lei, isso já fora dito; se sobre Cristo, Sua Divindade e Sua Encarnação, isso também já fora anunciado. O que poderia Ele dizer mais claramente do que isso?

"E vos anunciará as coisas futuras." Aqui, sobretudo, Cristo manifesta Sua dignidade, pois anunciar o futuro é propriamente atributo de Deus. Ora, se Ele também aprender isso de outros, então não terá nada a mais que os profetas; mas aqui Cristo declara um conhecimento perfeitamente conforme ao de Deus — que é impossível que Ele diga algo diferente. Mas "receberá do que é Meu" significa: "receberá ou da graça que veio sobre Minha carne, ou do conhecimento que Eu também tenho — não como quem necessita disso, nem como quem aprende de outrem, mas porque é Um e o mesmo."

"E por que Ele falou assim, e não de outro modo?" Porque ainda não entendiam a palavra sobre o Espírito; por isso Ele cuida, antes de tudo, que o

Espírito seja acreditado e recebido por eles, e que não se escandalizem. Pois, como Ele dissera: “Um só é vosso Mestre, o Cristo” (Mt 23,10), para que não pensassem que desobedeceriam a Cristo ao obedecerem ao Espírito, Ele diz: “Seu ensinamento e o Meu são um só; daquilo que Eu teria ensinado, dessas mesmas coisas Ele também falará. Não penseis que Suas palavras são outras que as Minhas, pois essas palavras são Minhas, e confirmam Meu ensino. Pois uma só é a vontade do Pai, e do Filho, e do Espírito Santo.”

Assim também Ele quer que sejamos, quando diz: “Para que sejam um, como Tu e Eu somos Um” (Jo 17,11).

[4.] Não há nada igual à unanimidade e à concordância; pois assim o “um” é múltiplo. Se dois ou dez têm a mesma mente, o “um” já não é só um, mas cada um se multiplica dez vezes, e encontrarás o um no dez, e o dez no um; e se tiverem um inimigo, aquele que atacar o um, por assim dizer atacando os dez, será vencido; pois ele é o alvo não de um só, mas de dez adversários. Está o um necessitado? Não, ele não está necessitado, pois é rico na sua parte maior, isto é, nos nove; e a parte necessitada, a menor, fica oculta pela parte rica, a maior. Cada um destes tem vinte mãos, vinte olhos e tantos pés. Pois ele não vê só com seus próprios olhos, mas com os dos outros; não anda só com seus próprios pés, mas com os dos outros; não trabalha só com suas próprias mãos, mas com as deles. Ele tem dez almas, pois não pensa só por si, mas as outras almas também pensam por ele. E se forem cem, ainda assim será o mesmo, e seu poder será ampliado. Vês a superabundância do amor, como ele torna o um tanto irresistível quanto múltiplo, como o um pode estar em muitos lugares, o mesmo tanto na Pérsia como em Roma, e que o que a natureza não pode fazer, o amor pode? Pois uma parte dele estará aqui, outra ali, ou melhor, ele estará todo aqui e todo ali. Se então ele tiver mil ou dois mil amigos, considera de novo até onde se estenderá seu poder. Vês o quanto o amor é algo que aumenta? Pois a coisa maravilhosa é esta: ele faz do um mil. Por que então não adquirimos esse poder e nos colocamos em segurança? Isso é melhor do que todo poder ou riqueza, isso é mais do que saúde, mais do que a própria luz, é o fundamento da boa coragem. Por quanto tempo colocamos nosso amor em um ou dois? Considera também a ação na direção contrária. Suponha um homem sem amigo, marca da

máxima loucura, (pois um tolo dirá: "Não tenho amigo"), que tipo de vida esse terá? Pois embora seja infinitamente rico, em abundância e luxo, possuidor de dez mil bens, ainda assim é desolado e completamente vazio. Mas no caso dos amigos não é assim; embora sejam pobres, estão melhor providos do que os ricos; e as coisas que o homem não se atreve a dizer por si mesmo, um amigo dirá por ele, e tudo quanto ele não pode conseguir para si, ele poderá obter por intermédio de outro, e muito mais; e isso será para nós o fundamento de todo gozo e segurança, pois aquele que é guardado por tantos lanceiros não pode sofrer dano. Pois os guardas pessoais do rei não são tão rigorosos quanto estes. Uns vigiam por obrigação e medo, os outros por bondade e amor; e o amor é muito mais poderoso do que o medo. O rei teme seus próprios guardas; o amigo confia mais neles do que em si mesmo, e por causa deles não teme nenhum dos que tramam contra ele. Entremos, então, nesse comércio; o pobre, para que tenha consolo em sua pobreza; o rico, para que possua sua riqueza em segurança; o governante, para que governe com segurança; os governados, para que tenham governantes benevolentes. Esta é a fonte da bondade, este é o fundamento da gentileza; pois até mesmo entre as feras, as mais ferozes e indomáveis são as que não são gregárias. Por isso habitamos nas cidades e temos lugares públicos, para que possamos conversar uns com os outros. Isto também Paulo ordenou, dizendo: "Não deixando a nossa congregação, como é costume de alguns" (Heb. 10:25); pois nenhum mal é tão grande quanto a solidão, e o estado sem união e convivência. "Então, o que dizer," dirá alguém, "dos solitários e dos que ocuparam os picos das montanhas?" Nem eles estão sem amigos; de fato, fugiram do tumulto da vida comum, mas têm muitos de alma única com eles, unidos estreitamente uns aos outros; e se retiraram para poderem realizar isso direito. Pois, como a rivalidade dos negócios causa muitas disputas, retirando-se dos homens, eles cultivam o amor com muito cuidado. "Mas como," dirá alguém, "se um homem está sozinho, pode ter dez mil amigos?" Eu, da minha parte, desejo, se possível, que os homens saibam como viver uns com os outros; mas por enquanto que as propriedades da amizade permaneçam firmes. Pois não é o lugar que faz os amigos. Eles, por exemplo, têm muitos que os admiram; esses não os admirariam se não os amassem. Além disso, eles oram por todo o mundo, que é a maior prova de amizade. Por isso nos saudamos nos Mistérios, para que, sendo muitos, nos tornemos

um; e no caso dos não iniciados, fazemos orações comuns, suplicando pelos doentes, e pela produção do mundo, pela terra e pelo mar. Vês todo o poder do amor? Nas orações, nos Mistérios, nas exortações? Isso é o que causa todas as coisas boas. Se guardarmos isso cuidadosamente, distribuiremos corretamente as coisas presentes e também obteremos o Reino; que possamos todos obter pela graça e benignidade de nosso Senhor Jesus Cristo, por quem e com quem, ao Pai e ao Espírito Santo, seja a glória para sempre. Amém.

Sermão LXXIX
João 16,16-33 – "Por pouco tempo ainda não me vereis; e outra vez, por pouco tempo, vereis-me, porque vou para o Pai." Então alguns dos seus discípulos disseram entre si: "Que é isto que Ele diz?" [E o que segue.]

[1.] Nada derruba tanto a alma angustiada e dominada pela profunda tristeza como o remoer contínuo de palavras dolorosas. Por que, então, Cristo, depois de dizer "Eu vou" e "Daqui em diante não falarei mais convosco", insistiu tanto no mesmo assunto, dizendo "Por pouco tempo ainda não me vereis, porque vou para aquele que me enviou"? Quando os havia confortado com as palavras sobre o Espírito, Ele de novo abate sua coragem. Por quê? Porque Ele prova seus sentimentos, tornando-os mais fortes, e os acostuma, ouvindo coisas tristes, a suportar corajosamente a separação d'Ele; pois aqueles que tivessem praticado isso apenas na palavra, seriam mais capazes de suportá-la na ação. E se alguém perguntar mais fundo, isso mesmo é uma consolação, o dizer "Eu vou para o Pai", pois é a expressão daquele que declara que não vai perecer, mas que seu fim é uma espécie de transição. Acrescenta também outra consolação; pois não diz somente "Por pouco tempo não me vereis", mas também "Por pouco tempo me vereis", mostrando que voltará a eles, e que a separação será breve, mas a presença constante.

Porém eles não entenderam isso. De onde podemos, com razão, nos admirar que, tendo ouvido tantas vezes essas coisas, duvidem como se nada tivessem escutado? Por que não entenderam? Ou por tristeza, que afastava o que foi dito do entendimento deles, ou pela obscuridade das palavras. Pois parecia que falava duas coisas contrárias, que na verdade não eram contrárias. "Se

vamos ver-Te", diz um deles, "para onde vais? E se vais, como Te veremos?" Por isso dizem: "Não sabemos o que Ele quer dizer." Sabiam que Ele ia partir, mas não que voltaria em breve. Por isso Ele os repreende por não entenderem Suas palavras. Querendo fixar neles o ensinamento sobre Sua morte, o que diz?

Verso 20: "Em verdade, em verdade vos digo: vós chorareis e vos lamentareis" — o que se refere à Morte e à Cruz — "mas o mundo se alegrará."

Porque, por não quererem Sua morte, rapidamente pensaram que Ele não morreria, e quando ouviram que morreria, não compreendiam o que era esse "pouco tempo". Por isso Ele diz: "Vós chorareis e vos lamentareis, mas a vossa tristeza se transformará em alegria." Depois de mostrar que da tristeza vem a alegria, que a tristeza é breve, mas o prazer é eterno, passa a um exemplo comum; e o que diz?

Verso 21: "A mulher, quando está em dores de parto, tem tristeza."

Ele usa uma comparação que os Profetas também usam frequentemente, comparando a tristeza às dores muito fortes do parto. Mas o que quer dizer é isto: "Sofrereis dores, mas a dor do parto é causa de alegria," confirmando a palavra sobre a Ressurreição e mostrando que a partida daqui é como passar do ventre para a luz do dia. Como se dissesse: "Não vos admireis que eu vos traga proveito por meio dessa tristeza, pois até a mãe, para se tornar mãe, passa por dores." Também aqui há algo místico: Ele suavizou as dores da morte e fez nascer um homem novo delas. E não disse que a dor simplesmente passaria, mas que a mulher "nem se lembra dela", tamanha é a alegria que sucede. Assim será com os Santos. A mulher não se alegra porque "um homem entrou no mundo", mas porque um filho nasceu dela; pois, se fosse assim, nada impediria que a estéril se alegrasse com outro que dantes não podia gerar. Por que, então, Ele falou assim? Porque quis mostrar que a tristeza é temporária, mas a alegria, duradoura; e que a morte é uma transição para a vida; e o grande proveito das suas dores. Não disse "nasceu uma criança", mas "nasceu um homem". Creio que aqui Ele alude à Sua própria Ressurreição, e que nasceu não para aquela morte que causou a dor

do parto, mas para o Reino. Por isso não disse "nasceu uma criança", mas "nasceu um homem no mundo".

Versos 22-23: "Agora, portanto, tendes tristeza; mas eu vos verei de novo, e o vosso coração se alegrará, e a vossa alegria ninguém vos tirará." Depois, para mostrar que Ele não morrerá mais, diz: "E ninguém vos tirará essa alegria. Naquele dia nada me perguntareis." Com isso, Ele prova que é de Deus: "Pois naquele dia sabereis tudo." Mas o que significa "Não me perguntareis"? "Não tereis necessidade de intercessor; basta invocar Meu Nome para obter tudo."

"Em verdade, em verdade vos digo: tudo o que pedirdes ao Pai em Meu Nome, Ele vo-lo dará." Aqui Ele mostra o poder do Seu Nome, pois mesmo não sendo visto ou invocado diretamente, mas apenas nomeado, Ele nos torna aceitos pelo Pai. Isso aconteceu quando disseram: "Senhor, olha para as ameaças deles e concede aos teus servos que falem com ousadia a tua palavra" (Atos 4,29-31), e "façam milagres em Teu Nome". E o lugar onde estavam tremeu.

Verso 24: "Até agora nada pedistes." [2.] Por isso Ele mostra que é bom que Ele parta, pois se até agora nada pediram, logo receberão tudo o que pedirem. "Não penseis que, por eu não estar convosco, fostes abandonados; Meu Nome vos dará mais coragem." Como as palavras d'Ele estavam obscuras, Ele diz:

Verso 25: "Tenho-vos falado em parábolas, mas chegará a hora em que não vos falarei mais em parábolas."

"Virá tempo em que tudo conhecereis claramente." Ele fala do tempo da Ressurreição. "Então vos falarei abertamente do Pai." (Pois esteve com eles e falou durante quarenta dias sobre o Reino de Deus — Atos 1,3-4 — "mas agora, por causa do medo, não prestais atenção às minhas palavras; quando me virdes ressuscitado e conversardes comigo, aprendereis tudo claramente, pois o Pai vos amará quando a fé em Mim estiver firme.")

Verso 26: "E não vos pedirei ao Pai."

“O vosso amor por Mim será suficiente como intercessor.”

Versos 27-28: “Porque vós me amastes e crestes que saí de Deus. Saí do Pai e vim ao mundo; agora deixo o mundo e vou para o Pai.”

Como as palavras sobre a Ressurreição, junto com o ouvir que “saí de Deus e para Deus volto”, não lhes deram conforto comum, Ele insiste nelas. Primeiro garantiu que estavam certos em crer n’Ele; depois, que estariam seguros. Quando disse: “Por pouco tempo ainda não me vereis; depois, por pouco tempo, me vereis” (v. 17), eles não entenderam. Mas agora não é assim. O que significa “Não me perguntareis”? “Não direis ‘Mostra-nos o Pai’, ‘Para onde vais?’, pois conhecereis tudo, e o Pai vos amará como Eu.” Isso os acalmou muito, ao saber que seriam amigos do Pai. Por isso disseram:

Verso 30: “Agora sabemos que sabes todas as coisas.”

Vês que Ele respondeu ao que estava oculto na mente deles? “E não precisas que alguém te pergunte.” Ou seja, “Antes de ouvir, sabes as dúvidas que nos atormentam e nos deste paz, porque disseste: ‘O Pai vos ama porque me amastes.’” Depois de tantos ensinamentos, dizem: “Agora sabemos.” Vês quão imperfeitos ainda eram? Então, como se lhe fizessem um favor, dizem: “Agora falas claramente e não em parábolas, por isso cremos.” Ele lhes mostra que, embora creiam, ainda não creem plenamente, e não aceita suas palavras. Diz isso referindo-se a um tempo futuro.

Verso 32: “O Pai está comigo.” Ele repetiu para eles, pois era o que mais queriam aprender. Para mostrar que não lhes deu conhecimento perfeito com isso, para que não rebelassem a razão (pois podiam pensar que não teriam ajuda humana), disse:

Verso 33: “Estas coisas vos disse para que em Mim tenhais paz.”

Ou seja, “Para que não me rejeiteis, mas me aceitais.” Que ninguém tire dessas palavras uma doutrina; foram ditas para nosso conforto e amor. “Pois

mesmo sofrendo o que mencionei, vossos problemas não acabarão, enquanto estiverdes no mundo tereis tristeza, não só agora que sou traído, mas depois também. Mas animai-vos, pois não sofrereis coisa terrível. Quando o mestre vence os inimigos, os discípulos não devem desanimar." "E como, dize-me, 'conquistaste o mundo'?" Já vos disse: lancei por terra o seu príncipe, mas saberão depois, quando tudo vos for dado e cedido.

[3.] Mas também nos é permitido conquistar, olhando para o Autor da nossa fé, e caminhando pela estrada que Ele abriu para nós. Assim, nem a morte terá domínio sobre nós. "Então, não morreremos?" — alguém pode perguntar. Pelo contrário, justamente por isso fica claro que a morte não terá domínio sobre nós. O verdadeiro campeão é glorioso não quando ainda não enfrentou o adversário, mas quando, tendo lutado, não foi dominado por ele. Portanto, não somos mortais por causa da luta com a morte, mas imortais por causa da vitória; seríamos mortais se permanecêssemos sempre com ela. Assim como não chamamos de imortais os animais que vivem muito, embora escapem da morte por muito tempo, assim também não devemos chamar de mortais aqueles que ressuscitarão depois da morte, só porque por um curto tempo estiveram sob o domínio da morte. Pois me diga, se um homem cora um pouco, devemos dizer que está sempre corado? Não, porque a ação não é um hábito. Se alguém ficar pálido, devemos chamá-lo de amarelado? Não, pois o estado é temporário. E assim você não chamaria de mortal aquele que esteve pouco tempo nas mãos da morte. Assim falamos dos que dormem, pois eles estão mortos, por assim dizer, e inativos. Mas a morte corrompe nossos corpos? E daí? Isso não é para que permaneçam na corrupção, mas para que sejam transformados em algo melhor.

Vamos, pois, conquistar o mundo, correr para a imortalidade, seguir nosso Rei, também erguer um troféu, desprezar os prazeres mundanos. Não precisamos de esforço para isso; basta transferirmos nossa alma para o céu, e todo o mundo está conquistado. Se tu não o desejas, ele está conquistado; se tu o desprezas, ele está derrotado. Somos estrangeiros e peregrinos, portanto não devemos nos entristecer por suas coisas dolorosas. Pois, se, tendo nascido numa terra famosa e de ancestrais ilustres, tu fosses a um país distante, sendo desconhecido por todos, sem servos nem riqueza, e alguém

te insultasse, tu não ficarias triste como se isso tivesse acontecido em tua terra. Pois o conhecimento claro de que estavas num país estranho e estrangeiro te persuadiria a suportar tudo facilmente, desprezando fome, sede e qualquer sofrimento.

Considera também agora que és estrangeiro e peregrino, e nada te perturbe nesta terra estrangeira; pois tens uma Cidade cujo Artífice e Criador é Deus, e a permanência aqui é curta e passageira. Que aqueles que quiserem te ataquem, insultem e difamem; estamos numa terra estranha e vivemos humildemente; o verdadeiro problema seria sofrer isso na nossa própria terra, diante dos nossos concidadãos — aí sim é a maior vergonha e perda. Pois, se um homem está onde ninguém o conhece, ele suporta tudo facilmente, porque o insulto torna-se mais amargo conforme a intenção de quem o faz. Por exemplo, se alguém insulta o governador sabendo que ele é governador, o insulto é amargo; mas se insulta pensando que ele é um homem comum, não atinge verdadeiramente quem sofre o insulto.

Raciocinemos assim também. Pois nem nossos caluniadores sabem quem somos, isto é, que somos cidadãos do céu, registrados na pátria celestial, coadjutores dos Querubins. Portanto, não devemos nos entristecer nem considerar seus insultos como insultos; se soubessem, não nos insultariam. Acham que somos pobres e insignificantes? Nem isso devemos contar como insulto. Pois me diga: se um viajante chegasse antes de seus servos e se sentasse por um tempo na hospedaria esperando por eles, e então o estalajadeiro ou outros viajantes se comportassem rudemente e o insultassem, ele não riria da ignorância deles? Não seria o erro deles motivo de prazer? Ele não sentiria satisfação como se não fosse ele, mas outra pessoa a ser insultada?

Vamos agir assim também. Nós também estamos sentados na hospedaria, esperando nossos amigos que viajam pela mesma estrada; quando todos estivermos reunidos, eles saberão a quem insultaram. Então esses homens envergonhar-se-ão e dirão: “Este é aquele que nós, tolos, desprezamos.” (Sabedoria 5,3)

[4.] Com essas duas coisas, então, consolemo-nos: que não somos insultados porque eles não sabem quem somos, e que, se desejarmos obter satisfação, eles nos darão uma das mais amargas no futuro. Mas Deus nos livre de que alguém tenha uma alma tão cruel e desumana. "E se formos insultados por nossos próprios parentes? Pois isso é o que pesa." Não, isso é coisa leve. "Por quê?" Porque não suportamos aqueles que amamos quando eles nos insultam da mesma forma que suportamos os que não conhecemos. Por exemplo, ao consolar os ofendidos, muitas vezes dizemos: "É um irmão que te feriu, suporta nobremente; é um pai; é um tio." Mas se o nome "pai" e "irmão" te envergonha, muito mais se eu te nomear um vínculo mais íntimo do que esses; pois não somos apenas irmãos uns dos outros, mas também membros, e um só corpo. Agora, se o nome "irmão" te envergonha, muito mais o de "membro".

Não ouviste aquele provérbio gentílico que diz "É necessário manter amigos mesmo com seus defeitos"? Não ouviste Paulo dizer: "Suportai as cargas uns dos outros"? Não vês os amantes? Pois sou obrigado, já que não posso trazer exemplo de vós, a recorrer a esse argumento. Isso também Paulo faz, dizendo: "Além disso, tivemos pais segundo a carne, que nos corrigiram, e os reverenciamos." (Hebreus 12:9) Ou melhor, é mais apropriado o que ele diz aos Romanos: "Assim como entregastes os vossos membros servos à impureza e à iniquidade, assim agora entregai-os servos à justiça." Por isso, apeguemo-nos confiantemente à ilustração.

Agora, não observas os amantes, que misérias eles sofrem quando inflamados pelo desejo por prostitutas, sendo bofeteados, espancados e ridicularizados, suportando uma mulher que os rejeita e insulta de mil maneiras; ainda assim, se veem uma só vez algo doce ou gentil dela, tudo se torna bem para eles, todos os males desaparecem, tudo segue com bons ventos, seja pobreza, doença ou qualquer outra coisa. Pois contam sua vida como miserável ou abençoada, conforme ela, a amada, os favoreça. Eles não sabem nada de honra ou vergonha mortais, mas mesmo se forem insultados, suportam tudo facilmente pelo grande prazer e deleite que recebem dela; e mesmo que ela os injurie e cuspa no rosto, eles pensam, enquanto suportam isso, que estão sendo cobertos de rosas.

E que espanto se tais são seus sentimentos por ela? Pois até a casa dela lhes parece mais esplêndida do que qualquer outra, embora seja feita de barro, ou esteja caindo aos pedaços. Mas por que falar de paredes? Quando veem os lugares que frequentam à noite, já ficam excitados.

Permite-me agora, para o que segue, usar a palavra do Apóstolo. Como ele diz: "Assim como entregastes os vossos membros servos à impureza, assim entregai-os servos à justiça", assim eu digo: "Como amamos essas mulheres, amemo-nos uns aos outros, e não acharemos que sofremos coisa terrível."

E por que digo "uns aos outros"? Amemos assim a Deus. Estremeceis ao ouvir que exijo tanto amor para com Deus quanto mostramos a uma prostituta? Mas eu estremeço porque nem sequer mostramos tanto assim. E, se quiserdes, continuemos com o argumento, ainda que o que seja dito seja muito doloroso.

A mulher amada não promete nada de bom a seus amantes, senão desonra, vergonha e insolência. Pois isso é o que ser escravo de uma prostituta faz de um homem: ridículo, vergonhoso, desonrado. Mas Deus nos promete o céu e as coisas boas que nele há; fez-nos filhos e irmãos do Unigênito, deu-nos milhares de coisas enquanto vivemos, e, quando morremos, a ressurreição, e promete que nos dará coisas tão boas que nem é possível imaginar, e nos torna honrados e reverenciados.

Além disso, aquela mulher obriga seus amantes a gastarem toda a sua riqueza para a perdição e destruição; mas Deus nos manda semear no céu e nos dá cem vezes mais e a vida eterna. Além disso, ela trata seu amante como escravo, dando ordens mais duras que qualquer tirano; mas Deus diz: "Já não vos chamo servos, mas amigos." (João 15:15)

[5.] Vistes o excesso tanto dos males aqui como das bênçãos lá? O que vem depois? Por causa desta mulher, muitos ficam acordados à noite, e obedecem prontamente a tudo o que ela manda; abandonam casa, pai, mãe, amigos, dinheiro, proteção, e deixam tudo o que lhes pertence em miséria e

desolação; mas por causa de Deus, ou antes por causa de nós mesmos, muitas vezes não escolhemos gastar nem sequer a terça parte do nosso patrimônio, olhando com indiferença para os famintos, ignorando o nu, e nem mesmo lhes dirigindo uma palavra.

Mas os amantes, se veem apenas uma pequena serva da sua amada, mesmo que ela seja estrangeira, ficam no meio da praça do mercado, e conversam com ela como se se orgulhassem e se alegrassem de fazê-lo, desenrolando um interminável rolo de palavras; e por causa dela consideram toda a sua vida como nada, desprezam governantes e governo (isso é sabido por todos que já tiveram experiência dessa doença), e agradecem mais quando ela ordena do que outros quando servem.

Não há razão para existir um inferno? Não há razão para haver milhares de castigos? Então, tornemo-nos sóbrios, entreguemos ao serviço de Deus tanto, ou metade, ou até a terça parte do que outros entregam à prostituta. Talvez ainda estremeçais; assim também eu estremeço. Mas não quero que estremeçais só com as palavras, mas com as ações; porque, aqui, de fato, nossos corações são ordenados, mas ao sairmos, jogamos tudo fora.

Qual é então o ganho? Pois lá, se é preciso gastar dinheiro, ninguém lamenta sua pobreza, e até mesmo toma emprestado para dar, talvez, quando é atingido. Mas aqui, se mencionarmos a esmola, respondem com filhos, esposa, casa, proteção e milhares de desculpas.

“Mas,” diz alguém, “o prazer lá é grande.” É isso que eu lamento e choro. E se eu mostrar que o prazer aqui é maior? Pois lá, vergonha, insulto e gasto cortam não pouco do prazer, e depois disso as brigas e inimizades; mas aqui nada disso existe.

Diz-me, o que é igual a esse prazer, a sentar-se esperando o céu e o reino, e a glória dos santos, e a vida eterna? “Mas essas coisas,” diz alguém, “são esperanças, as outras são experiências.” Que tipo de experiência? Queres que eu te diga dos prazeres que também aqui se experimentam?

Considera que liberdade tens, e como não temes nem tremes diante de ninguém enquanto vives na companhia da virtude, nem inimigo, nem conspirador, nem delator, nem rival em crédito ou amor, nem invejoso, nem pobreza, nem doença, nem qualquer outra coisa humana.

Mas lá, embora milhares de coisas estejam conforme tua vontade, embora riquezas fluam como fonte, ainda assim a guerra com rivais, as conspirações e emboscadas tornam a vida daquele que se entrega àquelas mulheres mais miserável do que qualquer outra.

Pois quando aquela abominável está arrogante e insolente, tu precisas incitar a briga para agradá-la. Isso é, portanto, mais doloroso que dez mil mortes, mais intolerável que qualquer castigo. Mas aqui nada disso existe.

Pois "o fruto do Espírito é amor, alegria, paz." (Gálatas 5:22) Aqui não há brigas, nem gastos inoportunos, nem vergonha ou gastos, e se deres um centavo, ou um pão, ou um copo de água fria, Ele te será muito grato, e não faz nada para te causar dor ou tristeza, mas tudo para te glorificar e libertar de toda vergonha.

Que defesa teremos, que perdão alcançaremos, se, deixando essas coisas, nos entregarmos ao contrário, e voluntariamente nos lançarmos na fornalha que arde em fogo?

Por isso exorto aqueles que sofrem desta doença a se recuperarem, a voltarem à saúde, e a não se deixarem cair em desespero. Pois aquele filho também estava em estado muito mais grave que este, mas quando voltou para a casa do pai, retomou sua antiga honra, e apareceu mais glorioso que aquele que sempre tinha sido agradável.

Imitemos também ele, e, voltando ao nosso Pai, mesmo que tarde, deixemos essa escravidão, e transfiramo-nos para a liberdade, para que possamos desfrutar do Reino dos Céus, pela graça e misericórdia do nosso Senhor Jesus Cristo, a quem, com o Pai e o Espírito Santo, seja glória para sempre. Amém.

Sermão LXXX
João 17,1 — "Estas palavras falou Jesus, e levantou os olhos ao céu, e disse: Pai, é chegada a hora; glorifica o Teu Filho, para que também o Filho Te glorifique a Ti."

[1.] "Quem fizer e ensinar," diz a Escritura, "esse será chamado grande no Reino dos Céus." E com muita razão; pois mostrar verdadeira sabedoria em palavras é fácil, mas a prova pelas obras é papel de algum nobre e grande homem. Por isso também Cristo, falando sobre a paciência diante do mal, se põe à frente, ordenando que tomemos exemplo d'Ele. Por essa razão, após essa exortação, volta-se para a oração, ensinando-nos em nossas tentações a deixar todas as coisas e fugir para Deus.

Pois porque havia dito: "No mundo tereis tribulação," e havia abalado suas almas, pela oração as eleva novamente. Ainda O ouviam como a um homem; e por causa deles age assim, tal como fez no caso de Lázaro, e ali mesmo explica a razão: "Por causa das pessoas que estavam por perto, eu disse isso, para que cressem que Tu me enviaste." (João 11,42)

"Sim," dirá alguém, "isto aconteceu com razão entre os judeus; mas por que entre os discípulos?" Também com razão entre os discípulos. Pois aqueles que, depois de tudo o que fora dito e feito, disseram: "Agora sabemos que Tu sabes" (João 16,30), precisavam acima de tudo ser firmados na fé.

Além disso, o Evangelista sequer chama essa ação de oração; mas o que diz? "Ele levantou os olhos ao céu," e afirma que foi um diálogo com o Pai. E se em outro lugar fala de oração, e por vezes mostra-O ajoelhado, em outras levantando os olhos ao céu, não te perturbe; pois por esses meios somos ensinados sobre a seriedade que deve haver em nossas súplicas, que em pé devemos olhar para cima, não só com os olhos do corpo, mas com os do espírito, e que devemos dobrar os joelhos, esmagando nossos próprios corações.

Pois Cristo não veio apenas para se manifestar, mas também para ensinar uma virtude inefável. Mas cabe ao mestre ensinar não só com palavras, mas também com ações. Ouçamos então o que Ele diz neste lugar:

"Pai, é chegada a hora; glorifica o Teu Filho, para que também o Filho Te glorifique a Ti."

Aqui Ele mostra novamente que não vem ao sofrimento relutante. Pois como poderia estar relutante, aquele que orou para que isso acontecesse, e chamou essa ação de “glória”, não só para Si, o Crucificado, mas também para o Pai? Pois não foi somente o Filho que foi glorificado, mas também o Pai.

Antes da Crucificação, nem mesmo os judeus O conheciam; “Israel não Me conhece” (Isaías 1,3); mas depois da Crucificação, todo o mundo correu a Ele.

Depois fala também da forma da glória e como Ele o glorificará.

Versículo 2:
"Como Tu lhe deste poder sobre toda a carne," para que nada do que lhe deste pereça.

Pois fazer o bem continuamente é glória para Deus. Mas o que significa “Como Tu lhe deste poder sobre toda a carne”? Ele agora mostra que o que pertence à pregação não está restrito só aos judeus, mas se estende a todo o mundo, e antecipa os primeiros chamados aos gentios.

E como Ele havia dito: "Não váis pelo caminho dos gentios" (Mateus 10,5), e depois desta hora está para dizer: "Ide e fazei discípulos de todas as nações" (Mateus 28,19), Ele mostra que o Pai também quer isso.

Pois isso ofendeu muito os judeus e também os discípulos, e não foi fácil para eles aceitarem os gentios, até que receberam o ensino do Espírito, porque daí surgia um grande escândalo para os judeus.

Por isso, quando Pedro, depois de tal manifestação do Espírito, foi a Jerusalém, mal conseguiu, ao relatar a visão do lençol, escapar das acusações contra si.

Mas o que significa "Tu lhe deste poder sobre toda a carne"? Perguntarei aos hereges: "Quando Ele recebeu esse poder? Foi antes de formar os homens ou depois?"

Ele mesmo diz que foi depois de ter sido crucificado e ressuscitado; pelo menos então disse: "Toda autoridade me foi dada" (Mateus 28,18), e "Ide e fazei discípulos de todas as nações."

Então, Ele não tinha autoridade sobre suas próprias obras? Criou-as, mas não tinha autoridade sobre elas depois de criá-las?

Entretanto, Ele é visto agindo desde os tempos antigos, punindo alguns como pecadores, ("Certamente não esconderá de Abraão, seu servo, o que está para fazer" – Gênesis 18,17 LXX), e honrando outros como justos.

Ele já tinha poder naquela época? Agora perdeu-o e depois o recebeu de novo? Que demônio poderia afirmar isso?

Mas se seu poder era o mesmo então e agora (pois Ele diz: "Assim como o Pai ressuscita os mortos e lhes dá vida, assim também o Filho dá vida a quem quer" – João 5,21), qual o sentido das palavras?

Ele estava para enviá-los aos gentios; para que não pensassem que isso era novidade, porque Ele havia dito: "Não fui enviado senão às ovelhas perdidas da casa de Israel" (Mateus 15,24), Ele mostra que isso também agrada ao Pai.

E se Ele fala assim com tanta modéstia, não é de espantar. Pois assim edificou tanto aqueles da época, quanto os que viriam depois; e, como já disse, pela extrema modéstia persuadiu firmemente que aquelas palavras eram de condescendência.

[2.] Mas o que significa, “De toda a carne”? Pois certamente nem todos creram. Contudo, por parte d’Ele, todos creram; e se os homens não deram atenção às suas palavras, a culpa não foi do Mestre, mas daqueles que não as receberam.

“Que Ele dê a vida eterna a todos quantos Tu Lhe deste.”

Se aqui também Ele fala de maneira mais humana, não te surpreendas. Pois Ele o faz tanto por causa das razões que já mencionei, quanto para evitar dizer algo grandioso sobre Si mesmo; já que isso seria um escândalo para os ouvintes, porque ainda não tinham ideia de algo grande a Seu respeito. João, por exemplo, quando fala em sua própria pessoa, não age assim, mas eleva sua linguagem a uma maior sublimidade, dizendo: “Todas as coisas foram feitas por Ele, e sem Ele nada foi feito” (João 1,3-4,9,11); e que Ele era a “Vida”; que Ele era a “Luz”; e que “Veio para o que era Seu”: ele não diz que Ele não teria poder se não o tivesse recebido, mas que deu a outros também “poder para se tornarem filhos de Deus.” Paulo, de modo semelhante, chama-O de igual a Deus. Mas Ele próprio pergunta de forma mais humana, dizendo assim: “Que Ele dê a vida eterna a todos quantos Tu Lhe deste.” (Filipenses 2,6)

Verso 3. “E esta é a vida eterna: que conheçam a Ti, o único Deus verdadeiro, e a Jesus Cristo, a quem enviaste.”

“Único Deus verdadeiro,” Ele diz, para distinguir daqueles que não são deuses; pois Ele estava para enviá-los aos gentios. Mas se eles não aceitarem isso, e por causa da palavra “único” rejeitarem o Filho como verdadeiro Deus, desse modo, rejeitam-no como Deus totalmente. Pois Ele também diz: “Não buscais a glória que vem do único Deus.” (João 5,44) Pois então, o Filho não será Deus? Mas se o Filho é Deus, e Filho do Pai que é chamado o Único Deus, é claro que Ele também é verdadeiro, e Filho daquele que é chamado o Único Deus verdadeiro. Por que, quando Paulo diz “Ou eu sozinho e Barnabé” (1 Coríntios 9,6), estaria excluindo Barnabé? De modo algum; pois o “sozinho” é usado para distinguir dos outros. E se Ele não é o verdadeiro Deus, como Ele

é a "Verdade"? Pois a verdade supera o que é verdadeiro. Como chamaremos a alguém que não é "verdadeiro" homem? Não será a mesma coisa que não ser homem? Assim, se o Filho não é verdadeiro Deus, como pode ser Deus? E como Ele nos faz deuses e filhos, se Ele não é verdadeiro? Mas sobre esses assuntos já falamos mais detalhadamente em outro lugar; por isso vamos aplicar-nos ao que segue.

Verso 4. "Eu Te glorifiquei na terra." Bem falou Ele "na terra", pois no céu já fora glorificado, possuindo a Sua glória natural e sendo adorado pelos Anjos. Cristo então não fala daquela glória que está ligada à Sua Essência, (pois essa glória, mesmo que ninguém O glorifique, Ele sempre a possui em sua plenitude,) mas daquela que provém do serviço dos homens. E assim, o "Glorifica-Me" é desse tipo; e para que entendas que Ele fala dessa maneira de glória, ouve o que segue.

"Eu terminei a obra que Me deste para fazer."

E ainda a ação estava apenas começando, ou melhor, ainda nem tinha começado. Como então disse: "Eu terminei"? Ou Ele quer dizer que "fiz tudo o que me cabia"; ou fala do futuro como se já tivesse acontecido; ou, o que mais se pode dizer, que tudo já fora efetuado, porque a raiz das bênçãos fora lançada, cujos frutos certamente e necessariamente seguiriam, e porque Ele estava presente e assistindo aquelas coisas que aconteceriam depois. Por isso Ele diz novamente de modo condescendente: "Que Me deste." Pois se Ele tivesse esperado para ouvir e aprender, isso diminuiria muito Sua glória. Pois que Ele veio para isso de Sua própria vontade, é claro por muitos textos. Como quando Paulo diz que "Ele nos amou, e se entregou por nós" (Efésios 5,2); e "Ele esvaziou-se, tomando a forma de servo" (Filipenses 2,7); e "Como o Pai Me amou, também Eu vos amei." (João 15,9)

Verso 5. "E agora, ó Pai, glorifica-Me junto de Ti mesmo, com a glória que Eu tinha Contigo antes que o mundo existisse."

Onde está essa glória? Pois, admitindo que Ele foi justamente desonrado entre os homens, por causa do véu que Lhe foi posto; como busca ser

glorificado com o Pai? O que Ele quer dizer aqui? A expressão refere-se à Dispensação; pois Sua natureza carnal ainda não fora glorificada, não tendo ainda desfrutado da incorruptibilidade, nem compartilhado do trono real. Por isso Ele não disse "na terra", mas "Contigo".

[3.] Esta glória também desfrutaremos na medida de nossa sobriedade. Por isso Paulo diz: "Se é certo que sofremos com Ele, para que também com Ele sejamos glorificados." (Rm 8,17.) Dez mil lágrimas merecem aqueles que, por preguiça e sono, tramam contra si mesmos, quando lhes é apresentada tão grande glória; e, se não houvesse inferno, seriam ainda mais miseráveis do que todos aqueles que, tendo poder para reinar e ser glorificados com o Filho de Deus, se privam de tão grandes bênçãos. Pois, se fosse necessário ser despedaçado, morrer dez mil mortes, entregar dez mil vidas e tantos corpos quanto dias, não deveríamos submeter-nos a tais coisas por essa glória? Mas agora nem desprezamos o dinheiro, que depois, embora a contragosto, deixaremos; não desprezamos o dinheiro, que nos traz dez mil males, que fica aqui, que não é nosso. Pois somos apenas mordomos do que não é nosso, embora o recebamos de nossos pais. Mas quando há o inferno, o verme que não morre, o fogo que não se apaga, o ranger de dentes, como, diga-me, suportaremos essas coisas? Até quando recusaremos ver claramente, e gastaremos tudo em lutas diárias, contendas e conversas inúteis, alimentando, cultivando a terra, engordando o corpo e negligenciando a alma, não cuidando do que é necessário, mas cuidando muito do supérfluo e inútil? E construímos sepulcros esplêndidos, compramos casas caras, andamos com rebanhos de servos de toda espécie, nomeamos diferentes mordomos, encarregados das terras, das casas, do dinheiro, e gestores desses gestores; mas quanto à nossa alma desolada, nada nos importa. E qual será o limite disso? Não é uma só barriga que enchemos? Não é um só corpo que vestimos? Que é esse grande alvoroço de negócios? Por que e para quê despedaçamos e rasgamos a única alma que nos foi dada, dedicando-a ao serviço dessas coisas, armando para nós mesmos uma escravidão cruel? Pois quem precisa de muitas coisas é escravo de muitas coisas, embora pareça ser seu senhor. Pois o senhor é até escravo de seus domésticos, trazendo um modo de serviço ainda mais pesado; e de outra forma também é seu escravo, não ousando, sem eles, entrar na praça, nem no banho, nem ao campo, mas

eles frequentemente vão para todos os lados sem ele. Quem parece ser senhor, não ousa, se seus escravos não estão presentes, sair de casa, e se, estando sozinho, só põe a cabeça para fora de casa, pensa que estão zombando dele. Talvez alguns riam de nós quando dizemos isso, mas por isso mesmo mereceriam dez mil lágrimas. Pois para mostrar que isso é escravidão, eu perguntaria com prazer a ti: gostarias de precisar que alguém te pusesse o pedaço de comida na boca, e aplicasse o copo aos teus lábios? Não acharias esse serviço digno de lágrimas? E se precisasses continuamente de ajuda para andar, não te acharias digno de piedade, e mais miserável do que qualquer um? Então, deves estar disposto agora. Pois não importa se és tratado assim por coisas irracionais ou por homens.

Por que, diga-me, os Anjos não diferem de nós nesse aspecto, que eles não precisam de tantas coisas como nós? Portanto, quanto menos precisamos, mais estamos a caminho deles; quanto mais precisamos, mais afundamos nesta vida perecível. E para que aprendas que assim são as coisas, pergunta aos velhos qual vida julgam mais feliz, quando eram dominados impotentes, ou agora que são senhores dessas coisas? Mencionamos essas pessoas porque os intoxicados pela juventude nem sequer sabem o quanto são escravos. Pois os doentes, eles se consideram felizes quando, com muita sede, bebem muito e precisam de mais, ou quando, recuperando a saúde, estão livres do desejo? Vês que, em todo caso, precisar de muito é lamentável, e longe da verdadeira sabedoria, um agravamento da escravidão e do desejo? Por que então aumentamos voluntariamente nossa miséria? Pois, diga-me, se fosse possível viver ileso, sem teto ou paredes, não preferirias isso? Então, por que aumentas os sinais da tua fraqueza? Não chamamos feliz a Adão por isso, porque ele nada precisava, nem casa, nem roupas? “Sim,” diz alguém, “mas agora precisamos delas.” Por que então aumentamos nossa necessidade? Se muitas pessoas cortam muitas das coisas realmente necessárias (servos, casas, dinheiro), que desculpa teremos se ultrapassarmos essa necessidade? Quanto mais colocas ao teu redor, mais escravo te tornas; pois na medida em que demandas mais, nessa medida perdes tua liberdade. Pois a liberdade absoluta é não querer nada; a seguinte é querer pouco; e isso os Anjos e seus imitadores especialmente possuem. Mas para os homens conseguirem isso enquanto habitam um corpo mortal, pensa quão grande é o louvor por isso.

Paulo também disse isso ao escrever aos Coríntios: “Mas vos poupo” e “para que não haja dificuldade em corpo.” (1 Cor 7,28.) As riquezas são chamadas “usáveis” para que as “usemos” corretamente, e não para guardá-las e enterrá-las; pois isso não é possuí-las, mas ser possuído por elas. Se nosso objetivo for multiplicá-las, não usá-las corretamente, a ordem se inverte, e elas nos possuem, não nós a elas. Libertemo-nos então dessa escravidão cruel e finalmente sejamos livres. Por que criamos dez mil cadeias para nós mesmos? Não é suficiente o laço da natureza, a necessidade da vida, a multidão de dez mil afazeres? Mas ainda assim teces outras redes para ti mesmo e as colocas nos teus pés? E quando alcançarás o céu e poderás estar naquela altura? Pois é algo grande, muito grande, que mesmo cortando todos esses laços, possas alcançar a cidade que está acima. São tantos outros impedimentos; para vencê-los, mantenhamos a condição mediana [e, afastando o supérfluo, guardemos o necessário]. Assim alcançaremos a vida eterna, pela graça e misericórdia de nosso Senhor Jesus Cristo, a quem seja glória para sempre. Amém.

Sermão LXXXI.
João 17,6 — “Manifestei o Teu nome aos homens que deste a mim do mundo; Teus eram e Tu mo deste, e guardaram a Tua palavra.”

[1.] O Filho de Deus é chamado “mensageiro do grande conselho” (Isaías 9,6, LXX), por causa das outras coisas que ensinou, e principalmente porque anunciou o Pai aos homens, como Ele mesmo agora diz: “Manifestei o Teu nome aos homens.” Pois, depois de dizer “Tenho consumado a Tua obra”, Ele passa a explicá-la em detalhe, dizendo que tipo de obra era esta. De fato, o Nome já era bem conhecido, pois Isaías disse: “Jurareis pelo Deus verdadeiro” (Isaías 65,16). Mas, como já lhes disse muitas vezes, digo agora que, embora fosse conhecido, o era apenas para os judeus, e não para todos os homens; agora Ele fala dos gentios. E não se limita a declarar isso, mas também que eles o conheceram como Pai. Pois não é a mesma coisa saber que Ele é Criador e saber que Ele tem um Filho. Mas Ele “manifestou o Seu nome” tanto por palavras como por ações.

"Os que Me deste do mundo." Como Ele disse antes: "Ninguém pode vir a mim se o Pai não o trouxer" (João 6,65) e "Se o Pai não o atrair" (João 6,44); assim também aqui, "Os que Me deste." Aqui Ele chama a si mesmo "o Caminho", mostrando claramente duas coisas: que Ele não está em oposição ao Pai, e que é vontade do Pai confiá-los ao Filho.

"Eram Teus, e Tu Mo deste." Aqui Ele quer ensinar que é muito amado pelo Pai. Pois não precisava recebê-los, pois Ele os fez e cuida deles continuamente. Como então Ele os recebeu? Como disse antes, isso mostra sua unidade com o Pai. Se alguém quiser examinar isso de modo humano, pelas palavras, verá que eles não pertenceriam mais ao Pai. Pois, se enquanto estavam com o Pai, o Filho não os tinha, é claro que quando o Pai os deu ao Filho, ele teria deixado de dominá-los. E ainda há uma conclusão mais absurda: que eles eram imperfeitos enquanto estavam com o Pai, e ficaram perfeitos ao virem para o Filho. Mas é zombaria falar assim. Então, o que Ele declara com isso? Que "pareceu bem também ao Pai que eles cressem no Filho."

"E guardaram a Tua palavra."

Vers. 7. "Agora sabem que tudo quanto Me deste vem de Ti."

Como "guardaram a Tua palavra"? "Cremos em Mim e não deram atenção aos judeus. Pois quem crê Nele, afirma que Deus é verdadeiro" (João 3,33). Alguns leem: "Agora Eu sei que tudo quanto Me deste vem de Ti." Mas isso não faz sentido, pois como o Filho poderia ignorar as coisas do Pai? Não, as palavras se referem aos discípulos: "Desde o momento em que lhes disse essas coisas, aprenderam que tudo quanto Me deste vem de Ti; nada é estranho, nada Me pertence separadamente de Ti." Pois o que é peculiar separa e faz estranho. "Assim, eles aprenderam que tudo quanto Eu ensino são os teus ensinamentos." "E onde aprenderam isso?" Nas minhas palavras; pois assim Eu os ensinei. E não só isso, mas também que "Eu saí de Ti." Isso Ele procurou provar durante todo o Evangelho.

Vers. 9. "Eu rogo por eles."

“O que dizes? Ensinas ao Pai, como se Ele fosse ignorante? Falas com Ele como se não soubesse?” Que significa essa distinção? Veja que a oração não é para outra coisa senão para que eles compreendam o amor que Ele tem por eles. Pois aquele que não só dá o que tem de si mesmo, mas também chama outro para fazer o mesmo, demonstra maior amor. Então, o que é “Eu rogo por eles”? “Não por todo o mundo”, Ele diz, “mas por aqueles que Me deste.” Ele repete “os que Me deste” para que saibam que isso parece bem ao Pai. E como Ele disse sempre “eles são teus” e “Tu os deste a Mim”, para afastar qualquer suspeita má, e para que ninguém pense que sua autoridade é recente e que acabou de recebê-los, o que Ele diz?

[2.] Vers. 10.
“Todas as coisas que são Minhas são Tuas, e Tu és Meu; e neles sou glorificado.”

Vês a igualdade de honra? Para que, ao ouvir “Tu Me deste”, não penses que eles foram afastados da autoridade do Pai, ou antes disso, da autoridade do Filho, Ele removeu ambas as dificuldades falando como falou. Foi como se dissesse: “Não penses, ao ouvir ‘Tu os deste a Mim’, que eles foram afastados do Pai, pois o que é Meu é Dele; nem, ao ouvires ‘Eram Teus’, que eles estavam afastados de Mim, pois o que é Dele é Meu.” Assim, o “Tu Me deste” é dito só por condescendência, pois o que o Pai tem é do Filho, e o que o Filho tem é do Pai. Mas isso nem mesmo se pode dizer de um filho segundo o modo humano, porque Eles estão numa maior igualdade de honra. Pois é claro para todos que o que pertence ao menor pertence também ao maior, mas o contrário não; aqui Ele inverte esses termos, e a inversão indica igualdade. E em outro lugar, declarando isso, Ele disse: “Tudo o que o Pai tem é Meu”, referindo-se ao conhecimento. E as expressões “Tu Me deste” e similares são para mostrar que Ele não veio como estranho para atraí-los para Si, mas os recebeu como Seus. Depois Ele dá a causa e a prova, dizendo: “E neles sou glorificado”, ou seja, “tenho poder sobre eles” ou “eles Me glorificam, crendo em Ti e em Mim, e nos glorificam igualmente.” Mas se Ele não fosse glorificado igualmente neles, o que é do Pai não seria mais Seu. Pois ninguém é glorificado sobre aqueles sobre quem não tem autoridade.

Mas como Ele é glorificado igualmente? Todos morrem por Ele igualmente como pelo Pai; pregam Ele como pregam o Pai; e assim como dizem que tudo é feito em Seu Nome, assim também é em Nome do Filho.

Vers. 11.
"E agora não estou mais no mundo, mas estes estão no mundo."

Ou seja, "Embora Eu já não apareça na carne, ainda sou glorificado por meio destes." Mas por que Ele diz continuamente que "não estou mais no mundo"; que "os deixo e os entrego a Ti"; e que "enquanto estive no mundo Eu os guardei"? Se tomarmos essas palavras no sentido simples, surgirão muitas absurdidades. Pois como seria razoável dizer que Ele não está mais no mundo e que, ao partir, os entrega a outro, se são palavras de um mero homem partindo para sempre? Vês como Ele fala na maior parte como um homem e de modo adaptado à mentalidade deles, porque eles pensavam que tinham maior segurança por Sua presença? Por isso Ele diz: "Enquanto estive com eles, Eu os guardei" (João 14,28). Porém Ele lhes disse também: "Eu vou a vós" e "estarei convosco até o fim" (Mateus 28,20). Como então Ele diz essas palavras, como se fosse partir deles? Ele dirige-se, como disse antes, aos seus pensamentos, para que possam ter um pouco de alívio ao ouvi-Lo falar assim, entregando-os ao cuidado do Pai. Pois, depois de muitas exortações, eles não estavam persuadidos; então Ele conversa com o Pai, manifestando Seu amor por eles. Como se dissesse: "Como Tu Me chamas para Ti, guarda estes em segurança, pois Eu vou a Ti." "O que dizes? Não podes guardá-los?" "Posso." "Então, por que falas assim?" "Para que a Minha alegria esteja completa neles" (vers. 13), isto é, "para que não fiquem confundidos, como sendo imperfeitos." Com essas palavras Ele mostrou que disse tudo isso para lhes dar repouso e alegria. Pois a expressão parece contraditória: "Agora não estou mais no mundo, e estes estão no mundo." Era isso que eles suspeitavam. Por isso Ele se compadece deles, pois se dissesse "Eu os guardo", eles não acreditariam tão facilmente; então diz: "Pai santo, guarda-os em Teu nome", ou seja, "com a Tua ajuda."

Vers. 12.
"Enquanto estive no mundo, Eu os guardei em Teu nome."

Novamente fala como homem e profeta, já que em nenhum lugar Ele parece ter feito algo pelo Nome de Deus.

“Os que Me deste guardei, e nenhum deles se perdeu, senão o filho da perdição, para que a Escritura se cumprisse.”

Em outro lugar Ele disse: “De tudo o que Me deste, nenhum se perderá” (João 6,39). Contudo, não só esse (Judas) se perdeu, mas muitos depois; como então diz “Eu não perderei nenhum”? “Da Minha parte, não perderei.” Por isso, em outro lugar, explicando melhor, Ele disse: “Eu não rejeito ninguém” (João 6,37). “Não por Minha culpa, nem porque Eu os incite ou abandone; mas se eles se afastam por vontade própria, Eu não os atraio por necessidade.”

Vers. 13.
“Mas agora vou para Ti.”

Vês que o discurso é feito de modo mais humano? Se alguém quiser, por essas palavras, diminuir o Filho, diminuirá também o Pai. Observa, como prova disso, que desde o começo Ele fala às vezes como quem informa e explica, e às vezes como quem ordena. Informa quando diz: “Não rogo pelo mundo”; ordena quando diz: “Tenho guardado eles até agora”, “nenhum se perdeu”, e “Guarda-os, pois.” E também: “Eram Teus, e Tu os deste a Mim” e “Enquanto estive no mundo, Eu os guardei.” Mas a solução de tudo isso é que as palavras foram dirigidas à fragilidade deles.

Depois de dizer que “nenhum se perdeu senão o filho da perdição”, acrescenta: “para que a Escritura se cumprisse.” De que Escritura Ele fala? Da que prediz muitas coisas sobre Ele. Não que Ele morreu por causa disso para cumprir a Escritura, mas já falamos longamente sobre isso: é a maneira peculiar da Escritura apresentar os acontecimentos como se fossem causados por ela. É preciso analisar bem, tanto o modo do orador, seu argumento, quanto as leis da Escritura, para não tirar conclusões erradas. Pois, “Irmãos, não sejais crianças no entendimento” (1 Coríntios 14,20).

[3.] Isto é necessário considerar bem, não só para o entendimento das Escrituras, mas também para a seriedade no modo de vida. Pois as crianças pequenas não desejam grandes coisas, mas costumam admirar aquelas que não valem nada; alegram-se ao ver carros, cavalos, o cocheiro e rodas, todos feitos de barro; mas se veem um rei sentado em um carro, com um par de mulas brancas e grande magnificência, nem sequer voltam a cabeça. E enfeitam como noivas bonecas feitas do mesmo material, mas as noivas reais, belas e verdadeiras, nem sequer percebem; e assim acontece com elas em muitas outras coisas. Agora, muitos homens também passam por isso hoje em dia; pois quando ouvem falar das coisas celestiais, nem lhes dão atenção, mas para todas as coisas de barro têm o mesmo interesse de crianças, e tola e estupidamente admiram as riquezas da terra e honram a glória e o luxo da vida presente. Contudo, estes são tão somente brinquedos quanto aqueles; mas os outros são causas de vida, glória e repouso. Mas, assim como as crianças privadas de seus brinquedos choram e não sabem nem sequer desejar as coisas verdadeiras, assim também muitos dos que parecem ser homens. Por isso se diz, "Não sejais crianças no entendimento." (1 Cor. 14,20.) Desejas riquezas, dize-me, e não desejas a riqueza que dura, mas brinquedos infantis? Se visses um homem admirando uma moeda de chumbo e abaixando-se para apanhá-la, considerarias sua pobreza extrema; e tu, que colecionas coisas ainda mais inúteis do que essa, te consideras rico? Como isso pode ser razoável? Chamaremos rico aquele que despreza todas as coisas presentes. Pois ninguém, absolutamente ninguém, escolherá rir-se dessas pequenas coisas, prata, ouro e outras coisas de aparência, a não ser que deseje coisas maiores; assim como o homem não desprezaria a moeda de chumbo, a não ser que tivesse moedas de ouro. Portanto, quando vires um homem correndo para longe de todas as coisas mundanas, considera que o faz por nenhum outro motivo senão porque olha para um mundo maior. Assim o lavrador despreza alguns grãos de trigo, quando espera uma colheita maior. Mas se, quando a esperança é incerta, desprezamos as coisas que existem, quanto mais devemos fazê-lo quando a expectativa é certa. Por isso, vos rogo e suplico que não vos causeis dano, nem, segurando lama, vos roubeis dos tesouros do alto, trazendo o teu vaso ao porto carregado de palha e casca. Que cada um diga o que quiser de nós, que se irrite com nossas contínuas advertências, que nos chame tolos, enfadonhos, cansativos, nós,

porém, não cessaremos de exortar-vos continuamente nestas questões, e de repetir-vos constantemente aquilo do Profeta: "Quebrem seus pecados pela esmola, e vossas iniquidades pela misericórdia aos pobres" (Dn 4,27), e amarra-os ao teu pescoço. Não aja assim hoje e deixe amanhã. Pois até este corpo necessita de alimento diário; e também a alma, ou antes, muito mais; e se não o receber, enfraquece e se torna mais vil. Não a negligenciemos quando está morrendo, sufocando. Muitas feridas recebe a cada dia, por ser lasciva, irada, preguiçosa, caluniadora, vingativa, invejosa. É preciso preparar também remédios para ela, e não é pequeno o remédio da esmola, que pode ser aplicado a toda ferida. Pois, "Dai esmola do que tendes, e eis que tudo vos será limpo." (Lc 11,41.) Esmola, e não avareza, pois o que procede da avareza não dura, ainda que se dê aos necessitados. A esmola é o que está livre de toda injustiça, "isso" torna tudo limpo. Isso é coisa melhor até que o jejum ou o deitar no chão; podem ser mais dolorosos e trabalhosos, mas este é mais proveitoso. Ilumina a alma, torna-a macia, bela e vigorosa. Não é assim o fruto da oliveira que sustenta os atletas, como este óleo recupera os combatentes da piedade. Untemos então nossas mãos, para que as possamos levantar bem contra nosso adversário. Quem pratica a misericórdia para com o necessitado, logo cessará de ser avarento; quem continua a dar aos pobres, logo cessará da ira, e nunca se tornará soberbo. Pois assim como o médico que cuida continuamente dos feridos se torna facilmente sóbrio, ao ver a natureza humana nas calamidades dos outros; assim nós, se entrarmos no trabalho de ajudar os pobres, facilmente nos tornaremos verdadeiramente sábios, e não admiraremos os ricos, nem consideraremos as coisas presentes como grandes, mas as desprezaremos todas, e elevando-nos ao céu, obteremos facilmente as bênçãos eternas, pela graça e bondade de nosso Senhor Jesus Cristo, a quem, com o Pai e o Espírito Santo, seja glória para sempre. Amém.

Sermão LXXXII
João 17,14 — "Eu lhes dei a tua palavra, e o mundo os odiou, porque eles não são do mundo, assim como eu não sou do mundo."

[1.] Quando, tendo-nos tornado virtuosos, somos perseguidos pelos maus, ou quando desejamos a virtude e somos zombados por eles, não nos deixemos

perturbar nem irritar. Pois este é o curso natural das coisas, e em toda parte a virtude costuma gerar ódio nos homens maus. Pois, invejando aqueles que desejam viver corretamente e querendo encontrar uma desculpa para si mesmos, se puderem desacreditar os outros, odeiam-nos por terem objetivos opostos aos seus, e usam todos os meios para envergonhar seu modo de vida. Mas não nos entristeçamos, pois isso é sinal de virtude. Por isso Cristo também diz: "Se vós fósseis do mundo, o mundo amaria o que é seu." (João 15,19) E em outro lugar: "Ai de vós quando todos os homens vos louvarem!" (Lc 6,26) Por isso aqui Ele diz: "Eu lhes dei a tua palavra, e o mundo os odiou." Novamente, Ele revela a razão pela qual eles merecem todo o cuidado do Pai: "Por amor a ti", diz Ele, "eles foram odiados, por causa da tua palavra"; para que mereçam toda a providência.

Vers. 15 — "Não peço que os tires do mundo, mas que os guardes do mal."

Novamente Ele simplifica sua linguagem; torna-a mais clara; é o ato daquele que, fazendo súplica por eles com precisão, demonstra nada mais que seu grande cuidado por eles. Contudo, Ele mesmo lhes havia dito que o Pai faria tudo o que pedissem. Como então ora por eles aqui? Como disse, para mostrar Seu amor.

Vers. 16 — "Eles não são do mundo, assim como eu não sou do mundo."

Como então Ele diz em outro lugar: "Os que me deste do mundo; teus eram" (v. 6)? Ali fala de sua natureza; aqui, de ações más. E Ele reúne um longo elogio a eles: primeiro, que "não eram do mundo"; depois, que "o Pai mesmo os deu"; que "guardaram a sua palavra"; e que, por isso, "foram odiados". E se Ele diz: "Assim como eu não sou do mundo", não te perturbes; pois o "assim como" não expressa aqui absoluta igualdade. Pois assim como, no caso Dele e do Pai, o "assim como" indica grande igualdade pela relação de natureza; quando é usado entre nós e Ele, a distância é enorme, por causa da imensa diferença entre as naturezas respectivas. Pois, se Ele "não cometeu pecado, nem foi achada engano em sua boca" (1 Pe 2,22), como poderiam os Apóstolos ser iguais a Ele? Então, o que quer dizer quando diz: "Eles não são do mundo"? "Eles olham para outro mundo, nada têm em comum com a terra,

mas tornaram-se cidadãos do céu." E por essas palavras Ele mostra Seu amor ao recomendá-los ao Pai, confiando-os àquele que o gerou. Quando diz: "Guarda-os", não fala apenas de livrá-los dos perigos, mas também de mantê-los na fé. Por isso acrescenta:

Vers. 17 — "Santifica-os na verdade."

"Faze-os santos pelo dom do Espírito e pelas doutrinas corretas." Assim como Ele disse: "Vós estais limpos pela palavra que vos falei" (Jo 15,3), agora diz a mesma coisa: "Instruí-os, ensinai-lhes a verdade." "E ainda diz que é o Espírito quem faz isso. Como, então, Ele ora ao Pai por isso?" Para que aprendas novamente sua igualdade de honra. Pois as doutrinas corretas acerca de Deus santificam a alma. E se Ele diz que são santificados pela palavra, não te espantes. E para mostrar que fala de doutrinas, acrescenta:

"A tua palavra é a verdade."

Isto é: "Não há falsidade nela, e tudo o que nela está dito necessariamente acontecerá"; e não significa nada típico ou corporal. Como Paulo também diz acerca da Igreja, que Ele a santificou pela Palavra. Pois a Palavra de Deus costuma também purificar. (Ef 5,26.) Além disso, o "santifica-os" me parece significar algo mais, como isto: "Separa-os para a Palavra e para o ministério." E isso fica claro pelo que segue. Pois Ele diz:

Vers. 17 — "Assim como me enviaste ao mundo, também eu os enviei ao mundo."

Como Paulo também diz: "Nos deu a palavra da reconciliação." (2 Cor 5,19.) Para o mesmo fim pelo qual Cristo veio, esses tomaram posse do mundo. Aqui novamente o "assim como" não quer dizer semelhança entre Ele e os Apóstolos; pois como poderia ser que homens fossem enviados de outro modo? Mas Ele costuma falar do futuro como se já tivesse acontecido.

Vers. 19 — "E por eles me santifico, para que também eles sejam santificados na verdade."

O que é “Eu me santifico”? "Eu te ofereço um sacrifício." Todos os sacrifícios são chamados "santos", e aqueles especialmente chamados "coisas santas" são os que são oferecidos a Deus. Pois enquanto antes a santificação era tipificada pelas ovelhas, agora não é em tipo, mas pela própria verdade; por isso Ele diz: "Para que sejam santificados na tua verdade." "Pois eu os dedico a Ti e faço deles uma oferta"; Ele diz isso ou porque seu Cabeça foi assim dedicado, ou porque também eles foram sacrificados; pois "Apresentai os vossos corpos como sacrifício vivo, santo" (Rm 12,1); e "Fomos contados como ovelhas para o matadouro." (Sl 44,22.) E Ele faz deles, sem morte, um sacrifício e oferta; pois fica claro pelo que segue que Ele alude a seu próprio sacrifício quando diz "Eu me santifico."

Vers. 20 — "Não peço somente por estes, mas também por aqueles que pela sua palavra crerão."

[2.] Pois, já que Ele estava morrendo por eles, e disse: “Por amor deles Me santifico”, para que ninguém pensasse que Ele fazia isso somente pelos Apóstolos, acrescentou: “Não rogo somente por estes, mas também por aqueles que crerão em Mim por meio da palavra deles.” Com isso, Ele novamente fortaleceu suas almas, mostrando que os discípulos deveriam ser muitos. Porque, tendo tornado comum o que possuíam de forma particular, Ele os consola mostrando que estavam sendo causa da salvação de outros.

Depois de assim falar acerca da salvação deles, e de serem santificados pela fé e pelo Sacrifício, Ele passa a falar da unidade, e finalmente encerra seu discurso com isso, pois começou por isso e termina nisso. Pois, no começo, Ele diz: “Um novo mandamento vos dou” (João 13,34); e aqui,

Vers. 21. “Que todos sejam um, assim como Tu, Pai, estás em Mim, e Eu em Ti.”

Aqui de novo o “assim como” não indica semelhança exata no caso deles (pois não era possível a eles em tão grande grau), mas apenas o que era possível

para os homens. Assim como quando Ele diz: “Sede misericordiosos, como vosso Pai” (Lucas 6,36).

Mas o que significa “Em nós”? Na fé que está em nós. Porque nada tanto ofende a todos quanto as divisões, Ele providencia que sejam um só. “Então, o que Ele fez?” alguém pode perguntar. Certamente Ele fez isso. Pois todos os que creem por meio dos Apóstolos são um, embora alguns tenham sido afastados. E isso não escapou ao Seu conhecimento, pois Ele até previu e mostrou que isso se dava pela fraqueza humana.

“Para que o mundo creia que Tu Me enviaste.”

Como disse no começo: “Nisto todos saberão que sois Meus discípulos, se tiverdes amor uns pelos outros.” E como deveriam então crer? “Porque,” Ele diz, “Tu és Deus de paz.” Portanto, se observarem o mesmo que aprenderam, seus ouvintes reconhecerão o mestre pelos discípulos; mas se discutirem, as pessoas negarão que eles sejam discípulos de um Deus de paz, e não acreditarão que Eu, não sendo pacífico, tenha vindo de Ti. Vês como, até o fim, Ele prova sua unidade com o Pai?

Vers. 22. “E a glória que Me deste, Eu lhes dei.”

Por meio de milagres, por meio de doutrinas, e para que fossem de uma só alma; porque essa é a glória, que sejam um só, e maior até do que os milagres. Como os homens admiram a Deus porque não há contenda nem discórdia em Sua natureza, e esta é Sua maior glória, “assim também” Ele diz, “estes se tornarão gloriosos por essa causa.” “E como,” pergunta alguém, “Ele pede ao Pai que lhes dê isto, se diz que Ele mesmo lhes dá?” Seja a fala sobre milagres, unanimidade ou paz, vê-se que Ele mesmo lhes concedeu essas coisas; por isso é claro que a petição é feita para o consolo deles.

Vers. 23. “Eu neles, e Tu em Mim.”

“Como deu Ele a glória?” Estando neles, e tendo o Pai consigo, para os unir firmemente. Mas em outro lugar Ele não fala assim; não diz que o Pai vem

por Ele, mas que "Ele e o Pai vêm e fazem morada com ele" — removendo aqui a suspeita dos sabelianos e ali a dos arianos.

"Para que sejam perfeitos em unidade, e que o mundo saiba que Tu Me enviaste." (João 14,23)

Diz essas palavras logo após as outras para mostrar que a paz tem mais poder para atrair os homens do que um milagre; pois, como é da natureza da contenda separar, assim é da concórdia unir.

"E Eu os amei assim como Tu Me amaste."

Aqui novamente o "assim como" significa, na medida do possível para um homem ser amado; e a prova segura do Seu amor é dar a Si mesmo por eles. Depois de lhes dizer que estarão em segurança, que não serão derrubados, que serão santos, que muitos crerão por meio deles, que gozarão de grande glória, que não só Ele os amou, mas também o Pai; Ele lhes fala a seguir do que acontecerá depois de sua peregrinação aqui, a respeito dos prêmios e coroas que lhes estão reservados.

Vers. 24. "Pai," Ele diz, "quero que também aqueles que Me deste estejam comigo onde Eu estou."

"Então conquistas pela oração, e ainda não possuis aquilo que perguntaram continuamente, dizendo: 'Para onde vais?' O que dizes? Como então disseste a eles: 'Sentareis sobre doze tronos'? (Mateus 19,28). Como prometeste outras coisas maiores?" Vês que Ele diz tudo de modo condescendente? Pois como teria dito: "Tu me seguirás depois"? (João 13,36.) Mas Ele fala assim para dar uma convicção e demonstração mais plena do Seu amor.

"Para que vejam a minha glória que Me deste."

Isto é sinal da Sua unidade com o Pai, de um caráter mais sublime do que os anteriores, pois Ele diz: "Antes da fundação do mundo," mas tem também certa condescendência; pois, "Tu Me deste," Ele diz. Agora, se não fosse

assim, eu gostaria de fazer uma pergunta aos contraditores. Aquele que dá, dá a alguém que existe; então, o Pai, tendo antes gerado o Filho, depois Lhe deu glória, permitindo que antes Ele estivesse sem glória? Como isso poderia fazer sentido? Vês que "Ele deu" significa "Ele gerou"?

[3.] Mas por que Ele não disse: "Para que compartilhem a Minha glória", em vez de "Para que vejam a Minha glória"? Aqui Ele implica que tudo o que resta é olhar para o Filho de Deus. Isso certamente é o que os torna glorificados; como Paulo diz: "Com rosto descoberto, refletindo a glória do Senhor" (2 Coríntios 3,18). Pois, assim como aqueles que contemplam os raios de sol, e desfrutam de uma atmosfera muito clara, tiram prazer da sua visão, assim também, e em grau muito maior, isso nos causará prazer. Ao mesmo tempo, Ele mostra que o que eles deveriam contemplar não era o corpo visível naquele momento, mas alguma substância terrível e sublime.

Vers. 25. "Ó Pai justo, o mundo não Te conheceu."

O que isto significa? Qual é a conexão? Aqui Ele mostra que ninguém conhece a Deus, exceto aqueles que conheceram o Filho. E o que Ele diz é deste tipo: "Eu queria que todos fossem assim, mas eles não Te conheceram, embora não tivessem do que se queixar contra Ti." Pois este é o sentido de "Ó Pai justo". E aqui parece-me que Ele fala estas palavras, como aflito pelo fato de que não reconheceriam Aquele tão justo e bom. Pois, como os judeus diziam que conheciam a Deus, mas que Ele não os conhecia, Ele responde a isso, dizendo: "Porque Tu Me amaste antes da fundação do mundo"; assim apresentando uma defesa contra as acusações dos judeus. Pois como poderia Aquele que recebeu glória, que foi amado antes da fundação do mundo, que desejava que eles fossem testemunhas dessa glória, estar em oposição ao Pai? "Isso então não é verdade, o que os judeus dizem, que eles Te conhecem, e que Eu não Te conheço; pelo contrário, Eu Te conheço, e eles não Te conheceram."

"E estes conheceram que Tu Me enviaste."

Vês que Ele alude àqueles que diziam que Ele não era de Deus, e tudo está finalmente resumido para responder a esse argumento?

Vers. 26. “E lhes declarei o Teu Nome, e continuarei a declará-lo.”

“Ainda que dizes que o conhecimento perfeito vem do Espírito.” “Mas as coisas do Espírito são Minhas.”

“Para que o amor com que Tu Me amaste permaneça neles, e Eu neles.”

“Porque se aprenderem quem Tu és, então saberão que Eu não estou separado de Ti, mas sou um dos muito amados, e um verdadeiro Filho, estreitamente unido a Ti. E aqueles que forem devidamente convencidos disso conservarão tanto a fé que está em Mim quanto o amor perfeito; e enquanto amarem como devem, Eu permanecerei neles.” Vês como Ele chegou a um bom fim, encerrando o discurso com o amor, a mãe de todas as bênçãos?

[4.] Creiamos, pois, e amemos a Deus, para que não se diga de nós: “Professam conhecer a Deus, mas pelas suas obras O negam.” (Tito 1,16.) E ainda: “Negou a fé, e é pior do que um infiel.” (1 Timóteo 5,8.) Pois, quando ele ajuda seus domésticos, seus parentes e estranhos, enquanto tu nem mesmo socorres aqueles que são da tua própria família, qual será daqui por diante tua desculpa, quando Deus for blasfemado e insultado por tua causa? Considera as oportunidades que Deus nos deu para fazermos o bem. “Tem misericórdia de um,” Ele diz, “como de um parente, de outro como de amigo, de outro como de próximo, de outro como de cidadão, de outro como de homem.” E se nada disso te comove, e tu rompeste todas as ligações, ouve de Paulo que tu és “pior do que um infiel”; pois ele, não tendo ouvido nada sobre esmolas ou coisas celestiais, superou-te em amor ao homem; mas tu, que foste ordenado a amar até mesmo os teus inimigos, olhas para os teus amigos como inimigos, e te preocupas mais com teu dinheiro do que com os seus corpos. Contudo, o dinheiro, sendo gasto, não sofrerá dano algum, mas teu irmão, se negligenciado, perecerá. Que loucura, então, cuidar do dinheiro e ser indiferente para com os próprios parentes! De onde surgiu essa cobiça

por riquezas que irrompeu em nós? De onde essa desumanidade e crueldade? Pois se alguém pudesse, como sentado no banco mais alto de um teatro, olhar para todo o mundo — ou, se preferires, tomemos por ora uma única cidade —, se um homem sentado em lugar elevado pudesse contemplar de relance tudo o que os homens lá fazem, considera que loucuras condenaria, que lágrimas choraria, que risos soltaria, com que ódio odiaria; pois cometemos ações que merecem risos, acusações de loucura, lágrimas e ódio. Um homem mantém cães para apanhar feras, tornando-se ele mesmo brutal; outro mantém bois e jumentos para transportar pedras, mas negligencia os homens que se consomem de fome; e gasta ouro sem limite para fazer estátuas de pedra, mas negligencia os homens reais, que estão se tornando pedras por causa de seu estado miserável. Outro, recolhendo com grande esforço minas de ouro, as coloca ao redor de seus muros, mas ao ver as barrigas nuas dos pobres, não se comove. Alguns arquitetam roupas sobre as suas próprias vestes, enquanto seu irmão não tem sequer com que cobrir seu corpo nu. Ainda, um engoliu outro nos tribunais; outro gastou seu dinheiro com mulheres e parasitas, outro com atores e bandas teatrais, outro em edifícios esplêndidos, na compra de campos e casas. Ainda, um homem conta juros, outro juros sobre juros; outro junta grupos repletos de mortes, e nem mesmo descansa à noite, permanecendo acordado para prejudicar os outros. Então, quando vem o dia, correm, um para o ganho injusto, outro para o gasto impetuoso, outros para o roubo público. E grande é a ansiedade com coisas supérfluas e proibidas, mas com as necessárias não se toma conta; e os que decidem questões de lei têm o nome de juízes, mas na verdade são ladrões e assassinos. E se alguém investigasse processos e testamentos, encontraria novamente ali dez mil maldades, fraudes, roubos, conspirações, e é nisso que todo o tempo é gasto; mas para as coisas espirituais não há cuidado algum, e todos prejudicam a Igreja, apenas por aparência. Mas isso não é o que se requer; precisamos de obras e de uma mente pura. Mas se passas o dia inteiro agarrado à cobiça por riquezas, e ao chegar dizes algumas palavras, não só não apaziguaste a Deus, como até O irritaste mais. Queres reconciliar teu Senhor? Mostra obras, toma conhecimento da multidão de males, olha os nus, os famintos, os oprimidos; Ele te deu dez mil maneiras de mostrar amor aos homens. Não nos enganemos, vivendo sem propósito nem sentido, nem presumamos por

estarmos agora com saúde; mas lembrando que, quando adoecemos e chegamos ao extremo da fraqueza, morremos de medo e esperamos o que há de vir, esperemos cair novamente nesse estado, sintamos novamente o mesmo temor, e nos tornemos homens melhores; pois o que se faz agora merece condenação infinita. Pois os que estão nos tribunais são como leões e cães; os nos lugares públicos, como raposas; e os que levam vida ociosa, nem mesmo usam bem o ócio, gastando todo o tempo em teatros e nos males que deles advêm. E não há quem reprovar o que se faz; mas há muitos que invejam e se irritam por não estarem na mesma condição, de modo que eles também são punidos, embora não cometam o mal diretamente. Pois eles "não só fazem essas coisas, mas também se deleitam com os que as praticam." Porque o que pertence à sua vontade é igualmente corrupto; daí é claro que a intenção também será punida. Estas coisas digo a cada dia, e não cessarei de dizê-las. Pois se alguém ouvir, será lucro; mas se ninguém der atenção, ouvirás essas coisas quando já não te servirão de nada, e te culparás, e fugiremos da culpa. Mas que nunca aconteça termos só essa desculpa, e que vós sejais nosso orgulho perante o tribunal de Cristo, para que juntos desfrutemos das bênçãos, pela graça e misericórdia de nosso Senhor Jesus Cristo, a quem sejam glória, para sempre. Amém.

Sermão LXXXIII
João 18,1 — "Depois que Jesus falou estas palavras, saiu com seus discípulos para além do ribeiro Cedrom, onde havia um jardim, no qual entrou com seus discípulos."

A morte é coisa terrível e cheia de terror, mas não para aqueles que aprenderam a verdadeira sabedoria que vem do alto. Pois aquele que nada sabe com certeza sobre o que virá, e pensa que a morte é uma dissolução e fim certo da vida, com razão treme e tem medo, como se estivesse passando para a inexistência. Mas nós, que pela graça de Deus conhecemos as coisas ocultas e secretas de Sua sabedoria, e consideramos a morte uma passagem para outro lugar, não temos razão para temer, mas para nos alegrar e regozijar, pois ao deixarmos esta vida perecível, vamos para uma vida muito melhor e mais brilhante, que não tem fim. Isso Cristo ensinou com suas ações, quando voluntariamente se encaminhou para a Paixão, não por

necessidade ou força, mas de livre vontade. “Estas coisas,” diz o texto, “Jesus falou, e saiu para além do ribeiro Cedrom, onde havia um jardim, no qual entrou com seus discípulos.”

Verso 2 — “Também Judas, que o entregou, conhecia o lugar, porque Jesus muitas vezes ali se reunia com seus discípulos.”

Jesus vai à meia-noite, cruza o ribeiro e apressa-se em ir a um lugar conhecido pelo traidor, facilitando a quem conspirava contra Ele, poupando-lhes esforços e mostrando aos discípulos que Ele vinha voluntariamente para aquele momento — o que mais os confortava — e se coloca no jardim como se estivesse numa prisão.

“Estas coisas Jesus lhes disse.” “O que dizes? Certamente Ele falava com o Pai, orava. Então, por que não dizes que, ‘tendo cessado a oração,’ Ele foi para lá?” Porque não era oração, mas uma fala dirigida aos discípulos. “E os discípulos entraram no jardim.” Ele os libertou do medo a ponto de não resistirem mais, mas entrarem com Ele no jardim. Mas como Judas foi para lá? Ou de onde obteve a informação? É claro que Jesus passava frequentemente a noite ao ar livre, pois se estivesse acostumado a dormir em casa, Judas teria ido para lá, esperando encontrá-lo dormindo. E para evitar que se pense que Jesus se escondia, o texto diz que “Judas conhecia o lugar” — e não só isso, “pois Jesus muitas vezes se reunia ali com seus discípulos.” Frequentemente Ele estava com eles em retiro, falando de assuntos necessários e que não podiam ser ouvidos por outros. Fazia isso especialmente em montes e jardins, buscando lugares tranquilos, para que nada distraísse a atenção deles.

Verso 3 — “Judas, pois, tendo recebido uma coorte de soldados e oficiais dos principais sacerdotes e fariseus, chegou com lanternas, tochas e armas.”

Esses homens já tinham tentado prender Jesus outras vezes, mas não conseguiram; portanto, é claro que agora Ele se entrega voluntariamente. E como convenceram os soldados? Eram soldados que tinham por costume fazer qualquer coisa por dinheiro.

Verso 4 — “Jesus, sabendo todas as coisas que lhe iam acontecer, saiu e disse-lhes: Quem buscais?”

Ou seja, Ele não esperou que viessem para saber, mas falou e agiu sem medo, sabendo de tudo. “Mas por que vêm armados para prendê-lo?” Porque temiam os seguidores de Jesus e, por isso, vieram de noite. “E Ele saiu e lhes perguntou: Quem buscais?”

Verso 5 — “Responderam-lhe: Jesus de Nazaré.”

Vês seu poder invencível? Estando no meio deles, Ele cegou seus olhos. A escuridão não foi causa para que não o reconhecessem, pois tinham tochas. Mesmo sem tochas, deveriam reconhecê-lo pela voz; ou se não o reconheciam, como Judas não reconheceu, que estava sempre com Ele? Judas estava junto deles, e caiu para trás, como os demais. Jesus fez isso para mostrar que não só não podiam prendê-lo, mas nem mesmo vê-lo no meio deles, se Ele não permitisse.

Verso 7 — “Ele perguntou outra vez: Quem buscais?”

Que loucura! Sua palavra os fez recuar, mas mesmo assim não desistiram, e novamente tentaram prendê-lo. Então, quando cumpriu tudo que devia, Ele se entregou.

Verso 8 — “Jesus respondeu: Eu vos disse que sou Eu.” (Verso 5 — “E Judas, que o entregou, estava com eles.”)

Vê a mansidão do Evangelista, que não insulta o traidor, mas só relata o fato, querendo mostrar que tudo ocorreu com o consentimento de Jesus. Para que ninguém diga que Ele se entregou voluntariamente colocando-se nas mãos deles, após mostrar-lhes tudo que poderia tê-los afastado, e eles, teimosos no mal, não tendo desculpa, Ele se entrega dizendo:

“Se me buscais, deixai ir estes.”

Manifestando até o fim sua misericórdia para com eles: "Se querem a Mim, deixem estes; eis que me entrego."

Verso 9 — "Para que se cumprisse a palavra que disse: Nenhum deles perdi."

Por "perdido" não se entende aqui a morte, mas a perda eterna — embora o Evangelista inclua também a primeira. Pode-se perguntar por que não prenderam também os discípulos e os mataram, especialmente depois da reação de Pedro ao ferir o servo? Quem os conteve? Nenhum outro senão o poder que os fez recuar. Por isso, o Evangelista diz que não foi pela intenção deles, mas pelo poder e vontade daquele a quem prenderam, acrescentando: "Para que se cumprisse a palavra que Ele falou: Nenhum deles perdi" (cf. João 17,12).

[2.] Pedro, portanto, tomando coragem pela voz de Jesus e pelo que já havia acontecido, arma-se contra os agressores.
"E como," diz alguém, "aquele que foi mandado a não ter alforje, nem duas túnicas, possui uma espada?" Parece-me que ele a preparou há muito tempo, temendo exatamente aquilo que aconteceu. Mas se disseres, "Como pode aquele que foi proibido até de golpear com a mão tornar-se assassino?" Ele certamente fora ordenado a não se defender, mas aqui ele não defendeu a si mesmo, e sim ao seu Mestre. Além disso, ainda não eram perfeitos ou completos. Mas se desejas ver Pedro dotado da sabedoria celestial, depois disto o verás ferido, suportando mansamente, sofrendo milhares de coisas terríveis, sem se irar.
Mas Jesus aqui também opera um milagre, tanto mostrando que devemos fazer o bem aos que nos fazem mal, quanto revelando Seu próprio poder. Portanto, Ele restaurou a orelha do servo e disse a Pedro que "todos os que tomam a espada, pela espada morrerão" (Mateus 26,52); assim como fizera com a bacia, quando suavizou sua veemência por meio de uma ameaça, assim também aqui. O Evangelista acrescenta o nome do servo porque o feito foi grandioso, não só porque Ele o curou, mas porque curou alguém que vinha contra Ele, que logo depois O golpearia, e porque impediu uma guerra que quase se iniciou entre os discípulos por causa disso. Por essa razão, o

Evangelista menciona o nome, para que os homens daquela época procurassem e investigassem diligentemente se realmente essas coisas aconteceram.
E não sem motivo menciona a "orelha direita", mas penso que para mostrar a impetuosidade do Apóstolo, que quase mirou a cabeça do servo. Todavia, Jesus não só o contive com uma ameaça, mas também o acalmou com outras palavras, dizendo:

Verso 11. "O cálice que o Pai Me deu, hei de Eu não bebê-lo?"

Mostrando que o que foi feito não procedeu do poder deles, mas do Seu consentimento, e declarando que Ele não era contrário a Deus, mas obediente ao Pai até a morte.

Versos 12-13. "Então prenderam Jesus; e O amarraram e O levaram para Anás."

Por que para Anás? Por prazer deles, faziam alarde do que havia sido feito, como se tivessem erguido um troféu. "Ele era sogro de Caifás."

Verso 14. "Ora, Caifás era o que dera conselho aos judeus, que era conveniente que um só homem morresse pelo povo."

Por que o Evangelista nos lembra novamente dessa profecia? Para mostrar que essas coisas foram feitas para a nossa salvação. E tal é a força suprema da verdade, que até os inimigos anunciaram essas coisas antecipadamente. Para que o ouvinte, ao ouvir sobre as prisões, não fique confuso, ele lembra dessa profecia, que a morte de Jesus foi a salvação do mundo.

Verso 15. "E Simão Pedro seguia Jesus, e também outro discípulo."

Quem é esse outro discípulo? É o próprio escritor. "E por que ele não se nomeia? Quando estava reclinado no peito de Jesus, ele, com razão, ocultou seu nome; mas agora, por que faz isso?" Pelo mesmo motivo, porque aqui também menciona uma grande boa ação: que quando todos fugiram, ele

seguiu. Portanto, ele se oculta e coloca Pedro à frente. Foi obrigado a mencionar a si mesmo para que você entenda que ele narra com mais precisão que os demais o que aconteceu no pátio, pois esteve lá dentro. Mas observa como ele diminui seu próprio louvor; para que ninguém pergunte "Como, quando todos fugiram, esse homem entrou mais longe que Simão?" ele diz que "era conhecido do sumo sacerdote." Para que ninguém se admire que ele tenha seguido ou o elogie por sua coragem. Mas o espanto é o caso de Pedro, que estando com tanto medo, chegou até o pátio quando os outros haviam recuado. Sua vinda até lá foi por amor; seu não entrar foi por angústia e medo. O Evangelista registrou isso para abrir caminho para justificar a negação de Pedro; quanto a si mesmo, não registra como algo grandioso que era conhecido do sumo sacerdote, mas, já que disse que somente ele e Jesus entraram, para que não se pense que a ação decorreu de sentimentos elevados, também dá a causa. E que Pedro teria entrado se lhe fosse permitido, mostra depois; pois quando saiu e mandou a moça que guardava a porta chamar Pedro, ele entrou imediatamente. Mas por que não o chamou ele mesmo? Apegou-se a Cristo e O seguiu; por isso mandou que a mulher o chamasse. O que disse a mulher?

Verso 17. "Não és também tu um dos discípulos deste homem?" E ele respondeu, "Não sou."

O que dizes, Pedro? Não havias acabado de declarar, "Se for preciso, darei a vida por Ti"? O que aconteceu, então, para que não suporte nem o questionamento de uma porteira? É um soldado que te interroga? É alguém dos que O prenderam? Não, é uma porteira humilde e abjeta, nem o questionamento é rude. Ela não pergunta "És discípulo daquele enganador e corruptor?", mas "desse homem", que era expressão de quem sente compaixão e piedade. Mas Pedro não suportou essas palavras. O "Não és também" foi dito porque João estava dentro. Assim falou a mulher tão gentilmente. Mas ele não percebeu nada disso, nem teve isso em mente, nem da primeira nem da segunda nem da terceira vez, nem quando cantou o galo; nem isso o fez refletir, até que Jesus lançou-lhe um olhar amargo. E ele estava ali, aquecendo-se com os servos do sumo sacerdote, enquanto Cristo

estava preso dentro. Não dizemos isso para acusar Pedro, mas para mostrar a verdade do que Jesus dissera.

Verso 19. “Então o sumo sacerdote perguntou a Jesus sobre os seus discípulos e sobre a sua doutrina.”

[3.] Ó maldade! Embora ele o tivesse ouvido continuamente falando no templo e ensinando abertamente, agora deseja ser informado. Pois, como não tinham nenhuma acusação para apresentar, perguntavam sobre Seus discípulos, talvez onde estavam, por que Ele os havia reunido, com que intenção e sob quais condições. E isso ele disse, desejando provar que Ele era um pessoa sediciosa e inovadora, pois ninguém dava ouvidos a Ele, exceto eles, como se Sua fosse alguma fábrica de maldade. O que então diz Cristo? Para refutar isso, Ele diz:

Vers. 20. "Eu falei abertamente ao mundo, (não aos discípulos em particular,) ensinei abertamente no templo."

"O que, então, Ele não disse nada em segredo?" Disse, mas não, como pensavam, por medo ou para conspirar, mas se porventura Suas palavras eram demasiado elevadas para serem ouvidas por muitos.

Vers. 21. "Por que me perguntas? Pergunta aos que Me ouviram."

Estas não são palavras de alguém falando com arrogância, mas de alguém confiando na verdade do que dissera. Portanto, o que Ele disse no início, "Se eu testifico de mim mesmo, o meu testemunho não é verdadeiro" (cap. 5, vers. 31), Ele agora implica, querendo tornar Seu testemunho abundantemente credível. Pois quando Anás mencionou os discípulos, o que Ele disse? "Perguntas-me acerca dos meus? Pergunta aos meus inimigos, pergunta àqueles que conspiraram contra mim, que me prenderam; deixa que eles falem." Isso é uma prova incontestável da verdade, quando alguém chama seus inimigos para serem testemunhas do que diz. O que então faz o sumo sacerdote? Quando seria justo fazer tal inquisição, ele não o faz.

Vers. 22. "E, depois de assim falar, um dos oficiais que estavam presentes deu-lhe uma bofetada com a palma da mão."

Que ousadia maior do que essa poderia haver? Estremece, ó céu; espanta-te, ó terra, diante da longanimidade do Senhor e da insensatez dos servos! Contudo, o que Ele disse? Não disse, "Por que me perguntas," como se recusasse a falar, mas querendo eliminar qualquer pretexto para tal insensatez; e estando assim agredido, embora pudesse sacudir, aniquilar ou remover todas as coisas, não fez nenhuma dessas coisas, mas falou palavras capazes de acalmar qualquer brutalidade.

Vers. 23. "E Ele disse: Se falei mal, dá testemunho do mal."

Ou seja, "Se podes pegar nas minhas palavras, declara; mas se não podes, por que me bates?" Vês que o tribunal está cheio de tumulto, confusão, paixão e desordem? O sumo sacerdote perguntou com engano e traição, Cristo respondeu de modo direto, e como convinha. O que deveria ser feito depois? Ou refutar, ou aceitar o que Ele disse. Mas isso não aconteceu; um servo o agride. Estava longe de ser um tribunal justo; era uma conspiração, uma tirania. Não tendo descoberto nada além disso, O enviam preso a Caifás.

Vers. 25. "E Simão Pedro estava ali, aquecendo-se."

Maravilhoso! Em que letargia estava esse furioso quando Jesus era levado! Depois de tudo o que aconteceu, ele não se mexe, apenas se aquece, para que aprendas quão grande é a fraqueza da nossa natureza se Deus a abandona. E, interrogado, nega novamente.

Vers. 26. Então disse "um parente daquele cuja orelha Pedro cortou, (entristecido com o ocorrido,) 'Não te vi no jardim?'"

Mas nem o jardim o fez lembrar o que aconteceu, nem o grande afeto que Jesus ali mostrou com aquelas palavras, mas, pressionado pela ansiedade, ele expulsou tudo da mente. Mas por que os Evangelistas escreveram por unanimidade sobre ele? Não para acusar o discípulo, mas para ensinar quão

grande mal é não entregar tudo a Deus, mas confiar em si mesmo. Admira, porém, o cuidado terno do Mestre, que, embora preso e acorrentado, cuidou muito do discípulo, levantando Pedro, quando estava abatido, com Seu olhar e lançando-o num mar de lágrimas.

"Então o levaram de Caifás a Pilatos."

Isto foi feito para que o número de juízes mostrasse, até contra sua vontade, quão plenamente testada estava a Sua verdade. "Era cedo." Antes do galo cantar, Ele fora levado a Caifás, e cedo pela manhã a Pilatos; daí o Evangelista mostra que, tendo sido interrogado por Caifás durante metade da noite, nada foi provado contra Ele; por isso Caifás o enviou a Pilatos. Mas deixando estas coisas para que outros as relatem, João fala do que segue. E observa o comportamento ridículo dos judeus. Aqueles que prenderam o inocente e pegaram em armas não entram no tribunal, "para não se contaminarem." Diz-me, que tipo de contaminação é pisar num tribunal, onde os malfeitores são julgados? Aqueles que pagavam o dízimo de hortelã e erva-doce não achavam que se contaminavam quando planejavam matar injustamente, mas achavam que se contaminavam até mesmo pisando no tribunal. "E por que não o mataram, em vez de levá-lo a Pilatos?" Em primeiro lugar, a maior parte de seu poder fora cortada, pois seus assuntos estavam sob a autoridade dos romanos; além disso, temiam ser depois acusados e punidos por Ele. "Mas o que significa, 'para que comessem a Páscoa'?" Pois Ele fez isso no primeiro dia dos pães ázimos. Ou chama toda a festa de Páscoa, ou quer dizer que eles estavam celebrando a Páscoa enquanto Ele a entregava a Seus seguidores um dia antes, reservando Seu próprio sacrifício para o dia da Preparação, quando antigamente também a Páscoa era celebrada. Mas eles, embora tivessem armado-se, o que era ilegal, e estivessem derramando sangue, eram escrupulosos quanto ao lugar, e levam Pilatos a eles.

Vers. 29. "E, saindo, disse: Que acusação trazereis contra este homem?"

[4.] Vês que Ele estava livre do desejo de domínio e da malícia? Pois, vendo Jesus preso e levado por tanta gente, não pensou que tivessem prova incontestável contra Ele, mas perguntou-lhes, achando estranho que

assumissem para si mesmos o julgamento e depois aplicassem a punição sem qualquer julgamento para ele. O que então responderam?

Ver. 30. “Se Ele não fosse um malfeitor, não te o haveríamos entregue.”

Ó loucura! Por que então não mencionais as más ações dele, em vez de as esconder? Por que não provais o mal? Vês que em toda parte evitam uma acusação direta, e que nada podem dizer? Que Anás o interrogou sobre sua doutrina, e depois de ouvi-lo, enviou-o a Caifás; e ele, por sua vez, interrogou-o, não descobriu nada, e o enviou a Pilatos. Pilatos disse: “Que acusação apresentais contra este homem?” Nem aqui tinham algo a dizer, mas novamente usam certas conjecturas. Pilatos, perplexo, disse então:

Ver. 31, 32. “Tomai-o e julgai-o segundo a vossa lei.” Eles disseram: “Não nos é lícito matar ninguém.” Mas isso disseram “para que se cumprisse a palavra do Senhor, que disse de que modo havia de morrer.”

“E como essa expressão, ‘Não nos é lícito matar ninguém’, declarou isso?” Ou o Evangelista quer dizer que Ele seria morto não só pelos judeus, mas também pelos gentios, ou que não lhes era permitido crucificá-lo. Mas se dizem “Não nos é lícito matar ninguém,” dizem isso com referência àquela época. Pois matavam homens, e os matavam de outra maneira, como mostra Estêvão, apedrejado. Mas queriam crucificá-lo para exibir o modo de sua morte. Pilatos, querendo livrar-se do problema, não o mandou para longo julgamento, mas,

Ver. 33, 34. “Entrando, perguntou a Jesus: ‘És tu o rei dos judeus?’ Jesus respondeu: ‘Dizes isso por ti mesmo, ou outros te disseram isso a meu respeito?’”

Por que Cristo perguntou isso? Porque queria expor as más intenções dos judeus. Pilatos ouvira essa frase de muitos, e, como os acusadores nada tinham a dizer, para que o interrogatório não demorasse, queria avançar com o que constantemente se dizia. Mas quando ele disse: “Julgai-o segundo vossa lei,” querendo mostrar que a ofensa não era judaica, eles responderam: “Não

nos é lícito.” “Ele não pecou contra nossa lei, mas a acusação é geral.” Pilatos, percebendo isso, disse, como se temesse perigo para si mesmo: “És tu o rei dos judeus?” Jesus, não por ignorância, mas para que até ele acusasse os judeus, perguntou-lhe: “Outros te disseram isso?” Declarando-se assim, Pilatos respondeu:

Ver. 35. “Sou eu judeu? A tua nação e os principais sacerdotes entregaram-te a mim; que fizeste?”

Aqui desejava se isentar do assunto. Depois, porque dissera “És rei?”, Jesus o repreende e responde: “Isso ouviste dos judeus. Por que não investigas com cuidado? Eles disseram que sou malfeitor; pergunta a eles que mal fiz. Mas não fazes isso, apenas formulando acusações contra mim.” “Jesus respondeu: ‘Dizes isso por ti mesmo,’ ou por outros?” Pilatos então não pode dizer logo que ouviu, mas simplesmente acompanha o povo dizendo: “Eles te entregaram a mim.” “Tenho, portanto, que perguntar o que fizeste.” O que disse Cristo?

Ver. 36. “Meu reino não é deste mundo.”

Ele eleva Pilatos, que não era muito mau nem como os outros, e quer mostrar que Ele não é um mero homem, mas Deus e Filho de Deus. E o que disse?

“Se meu reino fosse deste mundo, meus servos lutariam para que eu não fosse entregue aos judeus.”

Ele desfaz o que Pilatos temia por algum tempo, ou seja, a suspeita de que Ele buscava o poder real. “Então, seu reino não é deste mundo?” Certamente é. “Então, por que diz que não é?” Não porque Ele não governe aqui, mas porque tem seu império do alto, e porque é um reino não humano, mas muito maior e mais esplêndido. “Se é maior, como foi feito prisioneiro dos outros?” Consentindo, entregando-se. Mas Ele não revela isso agora, mas diz: “Se eu fosse deste mundo, meus servos lutariam para que não me entregassem.” Aqui Ele mostra a fragilidade do reinado humano, cuja força está nos servos; mas o que está acima é suficiente para si mesmo, não

necessita de ninguém. Por isso os hereges dizem que Ele é diferente do Criador. Mas o que diz "Veio para o que era seu" (cap. 1, 11)? E quando Ele mesmo diz: "Eles não são do mundo, como eu não sou do mundo" (cap. 17, 14)? Também Ele diz que seu reino não é daqui, sem tirar do mundo sua providência e governo, mas mostrando que seu poder não é humano nem perecível. O que Pilatos disse?

Ver. 37. "Então és rei?" Jesus respondeu: "Dizes que sou rei. Para isso nasci."

Se Ele nasceu rei, todos seus outros atributos vêm pela geração, e nada recebeu além disso. Então, quando ouves "Assim como o Pai tem vida em si mesmo, assim deu ao Filho também a ter vida" (cap. 5, 26), pensa nisso apenas como geração e o resto.

"E para isso vim, para dar testemunho da verdade."

Ou seja, "para dizer isso mesmo, ensinar e persuadir todos os homens."

[5.] Mas tu, ó homem, quando ouvires estas coisas e vires o teu Senhor preso e conduzido, considera as coisas presentes como nada. Pois como poderia ser diferente, se Cristo suportou tais coisas por tua causa, e tu muitas vezes não consegues suportar sequer palavras? Ele é cuspido, e tu te adornas com roupas e anéis, e se não recebes boa fama de todos, achas a vida insuportável? Ele é insultado, suporta zombarias e golpes escarnecedores no rosto; e tu queres ser honrado em todo lugar, e não suportas o reproche de Cristo? Não ouves Paulo dizendo: "Sede meus imitadores, como também eu o sou de Cristo" (1 Coríntios 11:1)? Quando, portanto, alguém zomba de ti, lembra-te do teu Senhor, que em zombaria se curvaram diante dEle, e o atormentaram tanto com palavras quanto com ações, e O trataram com muita ironia; mas Ele não só não se defendeu, como também lhes retribuiu com o oposto, com mansidão e gentileza. Deste Ele agora devemos ser imitadores; assim seremos capazes até de escapar de toda ofensa. Pois não é o que insulta que dá força ao insulto e o torna doloroso, mas sim quem tem alma pequena e se aflige com isso. Se tu não te afliges, não foste insultado; pois o sofrimento das injúrias não depende de quem as inflige, mas de quem

as sofre. Por que te entristeces, então? Se alguém te insultou injustamente, neste caso certamente não deverias te entristecer, mas sim compadecer-te dele; se justamente, muito mais deverias ficar calado. Pois se alguém te dirigir a palavra, pobre, como se fosses rico, o elogio contido em suas palavras não é nada para ti, mas o louvor dele é mais zombaria; e assim, se alguém te insultar com coisas falsas, a repreensão também não é nada para ti. Mas se a consciência se apoderar do que foi dito, não te entristeças pelas palavras, mas corrige pelas ações. Isso digo quanto aos insultos reais. Pois se alguém te reprovar pela pobreza ou pela baixa condição, ri dele. Essas coisas são reprovações não para quem ouve, mas para quem fala, por não conhecer a verdadeira sabedoria. "Mas," diz alguém, "quando isso é dito na presença de muitos que ignoram a verdade, a ferida se torna insuportável." Não, é muito suportável, quando tens uma plateia de testemunhas que te elogiam e aplaudem, escarnecendo e zombando dele. Pois não é quem se defende, mas quem nada diz, que é aplaudido pelos sensatos. E se nenhum dos presentes for sensato, ri ainda mais dele e alegra-te na audiência do céu. Pois ali todos te louvarão, aplaudirão e acolherão. Pois um Anjo vale tanto quanto todo o mundo. Mas por que falo dos Anjos, quando o próprio Senhor te proclama? Exercitemo-nos, pois, com essas reflexões. Pois não é perda ficar em silêncio diante do insulto, mas é, ao contrário, defender-se do insulto. Pois se fosse erro suportar em silêncio o que se diz, Cristo nunca nos teria dito: "Se alguém te bater na face direita, oferece-lhe também a outra" (Mateus 5:39). Se, então, nosso inimigo disser o que não é verdade, compadeçamo-nos dele por isso, porque ele atrai para si a punição e a vingança dos acusadores, sendo indigno até de ler as Escrituras. Pois Deus diz ao pecador: "Por que declaras os meus estatutos e tomas a minha aliança na boca? Tu que te assentaste e falaste contra teu irmão" (Salmo 50:16 e 50:20 LXX). E se ele disser a verdade, também ele merece compaixão; pois até o fariseu dizia a verdade; porém ele não prejudicava quem o ouvia, mas fazia bem, enquanto se privava de milhares de bênçãos, naufragando por sua acusação. Assim, de qualquer forma, quem sofre a injúria é ele, não tu; mas tu, se fores sóbrio, terás ganho duplo; tanto apaziguando Deus pelo teu silêncio, quanto tornando-te mais prudente, ganhando a oportunidade, a partir do que foi dito, de corrigir o que foi feito, e desprezando a glória mortal. Pois esta é a fonte da nossa dor, que muitos se preocupam demais com a opinião dos

homens. Se quisermos ser verdadeiramente sábios, saberemos bem que as coisas humanas não são nada. Aprendamos então, e tendo contado nossas faltas, façamos a correção delas a seu tempo, e decidamos corrigir uma neste mês, outra no próximo e uma terceira no seguinte. E assim, subindo por assim dizer por degraus, alcancemos o céu pela escada de Jacó. Pois a escada me parece significar, em enigma, por essa visão, a subida gradual pela virtude, pela qual podemos ascender da terra ao céu, não usando degraus materiais, mas pela melhora e correção dos costumes. Agarremo-nos, pois, a este meio de partida e ascensão, para que, tendo alcançado o céu, também desfrutemos de todas as bênçãos lá, pela graça e misericórdia de nosso Senhor Jesus Cristo; a quem seja glória para sempre. Amém.

Sermão LXXXIV.
João 18:37 – "Para isso eu nasci, e para isso vim ao mundo, para dar testemunho da verdade. Todo aquele que é da verdade ouve a minha voz."

[1.] Coisa maravilhosa é a longanimidade (paciência prolongada); ela coloca a alma como num porto tranquilo, livrando-a das tempestades e dos maus espíritos. E isso Cristo nos ensinou em toda parte, mas especialmente agora, quando Ele está sendo julgado, arrastado e conduzido. Pois, quando foi levado a Anás, respondeu com grande mansidão, e ao servo que lhe bateu disse palavras que tinham o poder de diminuir toda sua insolência; depois, tendo ido a Caifás, depois a Pilatos, e passando toda a noite nesses acontecimentos, Ele mostrou sempre sua própria mansidão; e quando disseram que Ele era malfeitor e não puderam provar, permaneceu calado; mas quando foi interrogado sobre o Reino, então falou a Pilatos, instruindo-o e conduzindo-o a coisas mais elevadas. Mas por que Pilatos fez a pergunta não na presença deles, mas à parte, entrando no pretório? Ele suspeitava algo grande a respeito dEle e queria, sem se perturbar pelos judeus, conhecer tudo com exatidão. Então, quando disse: "Que fizeste?" sobre isso Jesus não respondeu; mas sobre aquilo que Pilatos mais queria ouvir, ou seja, seu Reino, respondeu dizendo: "Meu Reino não é deste mundo." Isto é, "Eu sou realmente um Rei, mas não como tu suspeitas, e sim muito mais glorioso," declarando por essas palavras e as seguintes que não havia feito mal algum. Pois quem diz: "Para isso nasci, e para isso vim ao mundo, para dar

testemunho da verdade," mostra que não fez mal algum. Quando Ele diz: "Todo aquele que é da verdade ouve a minha voz," atrai-o por essas palavras e o persuade a escutar. "Pois, se," diz Ele, "alguém é verdadeiro e deseja estas coisas, certamente me ouvirá." E de fato, Ele o prende por essas palavras curtas, que ele disse,

Vers. 38 – "Que é a verdade?"

Mas por ora ele se ocupa do que é urgente, pois sabia que esta questão precisava de tempo e queria livrá-lo da violência dos judeus. Por isso saiu e o que disse?

"Não encontro nele culpa alguma."

Considera como agiu com prudência. Ele não disse: "Como ele pecou e merece a morte, perdoa-o por causa da festa"; mas primeiro o absolveu de toda culpa, e ainda perguntou se eles não estavam dispostos a soltá-lo como inocente, ou ao menos perdoá-lo por causa do tempo. Por isso acrescentou,

Vers. 39-40 – "Tendes costume de vos soltar um à Páscoa"; então, persuadindo-os, "Quereis que eu solte o rei dos judeus?" Todos então clamaram: "Não este, mas Barrabás."

Ó decisão maldita! Eles pedem aqueles que são semelhantes a eles, e deixam ir o culpado; mas mandam punir o inocente. Pois essa era a sua costume antigo. Mas observa sempre a bondade do Senhor nestas circunstâncias. Pilatos flagelou-o talvez querendo cansar e acalmar a fúria dos judeus. Pois, como não conseguira livrá-lo por seus meios anteriores, ansioso para conter o mal naquele momento, flagelou-o e permitiu o que foi feito: que lhe vestissem a túnica e a coroa, para aliviar a ira deles. Por isso também o apresentou a eles coroado (vers. 5), para que, vendo a injúria feita a Ele, pudessem um pouco se acalmar e despejar seu veneno. "E como fariam isso os soldados, se não fosse por ordem de seu comandante?" Para agradar aos judeus. Pois não foi por sua ordem que entraram à noite, mas para agradar aos judeus; faziam qualquer coisa por dinheiro. Mas Ele, quando tantas coisas

assim foram feitas, permaneceu em silêncio, como fizera durante o julgamento, e nada respondeu. E não só ouças isso, mas guarda sempre em tua mente, e quando vires o Rei do mundo e de todos os anjos, zombado pelos soldados, em palavras e ações, e suportando tudo em silêncio, imita-o tu mesmo em obras. Pois quando Pilatos o chamou rei dos judeus, e eles o vestiram com trajes de zombaria, então Pilatos, tendo-o conduzido para fora, disse,

Vers. 4-5 – “Não acho culpa alguma nele. Ele, portanto, saiu usando a coroa.”

Mas nem assim se apagou a ira deles, e clamavam,

Vers. 6 – “Crucifica-o, crucifica-o!”

Então Pilatos, vendo que tudo era em vão, disse:

“Tomai-o vós e crucificai-o.”

De onde fica claro que ele permitiu o que foi feito antes, por causa da loucura deles.

“Pois eu,” disse ele, “não acho culpa alguma nele.”

[2.] Vê de quantas maneiras o juiz faz a Sua defesa, continuamente o absolvendo das acusações; mas nenhuma dessas coisas envergonhou os cães de seu propósito. Pois o "Tomai-o vós, e crucificai-o" é a expressão de quem se declara inocente, e empurra-os a uma ação que não lhes é permitida. Eles, portanto, o trouxeram para que a coisa fosse feita pela decisão do governador; mas aconteceu o contrário, que Ele foi antes absolvido do que condenado pela decisão do governador. Então, porque estavam envergonhados,

v. 7 — “Temos,” disseram, “uma lei, e segundo nossa lei ele deve morrer, porque se fez Filho de Deus.”

“Como, pois, quando o juiz disse, ‘Tomai-o vós e julgai-o segundo a vossa lei,’ respondestes: ‘Não nos é permitido matar ninguém,’ e agora, aqui, recorrestes à lei? E considerai a acusação: ‘Ele se fez Filho de Deus.’ Dizei-me: é esta uma razão para acusar, que Aquele que praticou as obras do Filho de Deus se declare Filho de Deus?” O que então faz Cristo? Enquanto eles mantinham este diálogo entre si, Ele ficou em silêncio, cumprindo aquela palavra do Profeta, que “não abriu a boca: na sua humilhação, o seu juízo foi tirado” (Is 53,7-8 LXX).

Então Pilatos se alarmou quando ouviu deles que Ele se fazia Filho de Deus, e temeu que essa afirmação pudesse ser verdadeira, e que ele parecesse transgredir; mas esses homens, que tinham aprendido isso tanto por Suas obras como por Suas palavras, não estremeceu, mas O estavam matando justamente pelas razões pelas quais deveriam ter O adorado. Por isso, ele não lhe pergunta mais, “Que fizeste?” mas, abalado pelo medo, começa a inquirição de novo, dizendo: “És tu o Cristo?” Mas Ele não respondeu. Pois aquele que ouvira “Para isso nasci e para isso vim,” e “Meu Reino não é deste mundo,” quando devia ter enfrentado seus inimigos e libertado-o, não o fez, mas apoiou a fúria dos judeus. Então, eles, totalmente silenciados, passam a acusá-lo politicamente, dizendo: “Quem se faz rei, fala contra César” (v. 12). Pilatos deveria, portanto, ter perguntado com precisão se Ele pretendia a soberania e se tinha como objetivo expulsar César do reino. Mas não fez uma pergunta exata, e por isso Cristo não lhe respondeu nada, pois sabia que ele perguntava tudo em vão. Além disso, como Suas obras testemunhavam por Ele, não pretendia prevalecer com palavras, nem apresentar qualquer defesa, mostrando que viera voluntariamente a essa condição. Quando Ele ficou em silêncio, Pilatos disse:

v. 10 — “Não sabes que tenho poder para te crucificar?”

Vês como ele se condenou antes? Pois, “se tudo depende de ti, por que não O soltas, quando não encontraste culpa nele?” Quando Pilatos pronunciou esta sentença contra si mesmo, então Ele diz:

v. 11 — “Quem me entregou a ti tem maior pecado.”

Mostrando que também ele era culpado de pecado. Depois, para derrubar seu orgulho e arrogância, disse:

“Não terias poder algum, se não te fosse dado.”

Mostrando que isso não aconteceu simplesmente pela ordem comum dos acontecimentos, mas que foi realizado de modo misterioso. Para que, ao ouvir “se não te fosse dado,” tu não pensasses que Pilatos estava isento de toda culpa, disse então: “Portanto, quem me entregou a ti tem maior pecado.” “E ainda que tenha sido concedido, nem ele nem eles estavam isentos de culpa.” “Tu argumentas em vão; pois o ‘dado’ aqui significa o que é ‘permitido’; como se dissesse: ‘Ele permitiu que estas coisas acontecessem, mas não por isso estais livres da maldade.’” Ele amedrontou Pilatos com estas palavras e ofereceu uma defesa clara. Por isso, aquele homem tentou libertá-lo; mas eles novamente clamaram, dizendo:

v. 12 — “Se o soltas, não és amigo de César.”

Pois, quando nada lucraram ao trazer acusações da própria lei deles, lançaram-se perversamente a leis externas, dizendo:

“Todo aquele que se faz rei fala contra César.”

E onde apareceu este Homem como tirano? Onde podeis provar isso? Pela púrpura? Pela coroa? Pela vestimenta? Pelos soldados? Ele não andava nunca acompanhado, senão pelos seus doze discípulos, seguindo em todos os pontos um modo humilde de vida, quanto à comida, à vestimenta e à habitação? Mas oh, que descaramento e covardia inoportuna! Pois Pilatos, julgando que correria algum perigo se ignorasse estas palavras, veio como se fosse investigar a questão (porque o “sentar-se” indicava isso), mas sem fazer qualquer investigação, entregou-o a eles, pensando em envergonhá-los. Para provar que ele fez isso por esse motivo, ouve o que ele diz:

vv. 14-15 — “Eis o vosso rei!” Mas, quando disseram, “Crucifica-o,” acrescentou: “Hei de crucificar o vosso rei?” E eles clamaram, “Não temos rei senão César.”

De livre vontade, sujeitaram-se à punição; por isso Deus também os abandonou, porque foram os primeiros a se afastar da Sua providência e supervisão; e, como por unanimidade rejeitaram a Sua soberania, permitiu que caíssem por seu próprio voto. Ainda assim, o que foi dito já deveria ter sido suficiente para acalmar a sua paixão, mas temiam que, libertado, Ele voltasse a atrair as multidões, e fizeram tudo o que podiam para impedir isso. Pois terrível é o amor pelo poder, terrível e capaz de destruir a alma; foi por isso que nunca O ouviram. E Pilatos, por causa de poucas palavras, desejava soltá-lo, mas eles insistiam, dizendo: “Crucifica-o.” E por que se esforçavam para matá-lo dessa forma? Porque era uma morte vergonhosa. Temendo, portanto, que depois houvesse lembrança Dele, quiseram submetê-lo à punição maldita, não sabendo que a verdade é exaltada pelas dificuldades. Para provar que tinham essa suspeita, escuta o que dizem: “Ouvimos que esse enganador disse: ‘Depois de três dias ressuscitarei’” (Mt 27,63); por isso fizeram todo esse alvoroço, virando as coisas de cabeça para baixo, para destruir tudo depois. E o povo mal ordenado, corrompido pelos seus governantes, clamava continuamente, “Crucifica-o!”

[3.] Mas não devemos apenas ler essas coisas, mas guardá-las em nosso coração; a coroa de espinhos, o manto, o junco, os golpes, o tapa no rosto, os escarnios, o desprezo. Estas coisas, se meditadas continuamente, são suficientes para acalmar toda ira; e se formos ridicularizados, se sofrermos injustiça, devemos ainda dizer: “O servo não é maior do que o seu senhor” (cap. 13, v. 16); e trazer à mente as palavras dos judeus, que proferiram em sua loucura, dizendo: “Tu és samaritano, e tens demônio” (cap. 8, v. 48); e, “Ele expulsa demônios pelo poder de Belzebu” (Lucas 11, 15). Pois foi por esta causa que Ele suportou todas essas coisas, para que nós pudéssemos seguir Seus passos e suportar aqueles escárnios que perturbam mais do que qualquer outro tipo de reprovação.

No entanto, Ele não apenas suportou essas coisas, mas usou todo meio para salvar e livrar da punição marcada aqueles que as praticavam. Pois também enviou os Apóstolos para sua salvação, pelo menos ouves-os dizer: “Sabemos que por ignorância o fizestes” (Atos 3, 17); e assim, por esses meios, os conduziu ao arrependimento. Isso também devemos imitar; pois nada tanto torna Deus propício quanto amar os inimigos e fazer o bem aos que nos maltratam.

Quando alguém te insulta, não olhes para ele, mas para o diabo que o move, e contra ele despeja toda tua ira, mas tenha compaixão do homem que é movido por ele. Pois se a mentira vem do diabo, a ira sem causa é muito pior. Quando vês alguém zombando de outro, considera que é o diabo quem o move, pois as zombarias não pertencem aos cristãos. Quem foi chamado para chorar, e ouviu: “Ai de vós, que rireis” (Lucas 6, 25), e que depois disso insulta, zomba e se exalta, não merece reprovação, mas sim tristeza, já que Cristo também se perturbou quando pensou em Judas.

Portanto, pratiquemos todas essas coisas em nossas ações, pois se não agirmos corretamente nelas, não viemos ao mundo para nada, e em vão. Ou melhor, viemos para nosso prejuízo, pois a fé não basta para levar o homem ao Reino; pelo contrário, tem o poder de condenar mais aqueles que vivem mal; pois “aquele que conheceu a vontade do seu senhor e não fez, será castigado com muitas açoites” (Lucas 12, 47); e novamente, “Se eu não tivesse vindo e falado com eles, não teriam pecado” (cap. 15, v. 22).

Que desculpa teremos, então, nós que fomos colocados no palácio, considerados dignos de nos curvar e entrar no santuário, e participarmos dos Mistérios da libertação, e que ainda assim somos piores que os gregos, que nada disso participaram? Pois se eles, por vaidade, mostraram tanta sabedoria verdadeira, quanto mais nós devemos perseguir toda virtude, porque ela agrada a Deus.

Mas atualmente nem mesmo desprezamos as riquezas; enquanto eles frequentemente desprezaram suas vidas, e em guerras entregaram seus filhos à loucura contra os demônios, e desprezaram a natureza por causa de

seus demônios, nós nem ao menos desprezamos o dinheiro por causa de Cristo, nem a ira por causa da vontade de Deus, mas estamos inflamados, e em estado nenhum melhor que febris. Assim como eles, quando possuídos pela sua doença, estão todos em chamas, assim nós, sufocados como por fogo, não conseguimos conter nossos desejos, aumentando tanto a ira quanto a avareza.

Por isso me envergonho e me espanto ao ver entre os gregos homens desprezando as riquezas, e entre nós todos loucos. Pois mesmo que encontrássemos alguns que desprezam as riquezas, veríamos que estão cativos de outros vícios, da paixão ou da inveja; e é difícil descobrir verdadeira sabedoria sem mácula.

Mas a razão é que não nos empenhamos em buscar remédios nas Escrituras, nem nos aplicamos a elas com compunção, tristeza e gemidos, mas de maneira descuidada, se alguma vez temos tempo livre. Assim, quando uma grande quantidade de coisas mundanas vem, tudo isso nos domina; e se houve algum proveito, ele é destruído.

Pois se alguém tem uma ferida, e depois de colocar um curativo, não o aperta, mas deixa que caia e exponha sua ferida à umidade, à poeira, ao calor e a muitas outras coisas que podem irritá-la, não terá benefício; não por causa da ineficácia do remédio, mas por sua própria negligência.

Isso também costuma acontecer conosco, quando damos pouca atenção aos oráculos divinos, e nos entregamos total e incessantemente às coisas desta vida; pois assim toda semente é sufocada, e tudo se torna infrutífero.

Para que isso não aconteça, olhemos atentamente para cima, olhemos para o céu, inclinemo-nos para os túmulos e caixões dos que partiram. Pois o mesmo destino nos espera, e a mesma necessidade de partir muitas vezes virá antes da noite.

Preparemo-nos, então, para essa jornada; pois é necessário muito suprimento para a viagem, pois ali há grande calor, grande seca e grande

solidão. Daqui em diante não há repouso em hospedaria, não há compras, quando não se levou tudo daqui. Ouve ao menos o que dizem as virgens: “Ide aos que vendem” (Mateus 25, 9); mas as que foram não acharam nada.

Ouve o que diz Abraão: “Há um abismo entre nós e vós” (Lucas 16, 26). Ouve o que diz Ezequiel sobre aquele dia, que Noé, Jó e Daniel de modo algum livrarão seus filhos (Ezequiel 14, 14).

Mas que nunca aconteça ouvirmos essas palavras, mas que tendo levado daqui provisões suficientes para nossa jornada à vida eterna, possamos contemplar com ousadia nosso Senhor Jesus Cristo, a quem sejam glória, domínio e honra, ao Pai, ao Filho e ao Espírito Santo, agora e sempre, pelos séculos dos séculos. Amém.

Sermão LXXXV
João 19,16-18 — "Então, pois, o entregou a eles para ser crucificado. E eles tomaram Jesus e o levaram. E Ele, carregando a sua cruz, saiu para um lugar chamado o lugar da caveira, onde o crucificaram."

[1.] Os sucessos têm um poder terrível para derrubar ou desviar aqueles que não tomam cuidado. Assim, os judeus, que inicialmente gozavam da influência de Deus, buscaram a lei da realeza junto aos gentios, e no deserto, após o maná, lembraram das cebolas. Do mesmo modo aqui, recusando o Reino de Cristo, convidaram para si o de César. Por isso, Deus lhes deu um rei, conforme a própria decisão deles. Quando Pilatos ouviu isso, entregou-O para ser crucificado — totalmente sem razão. Pois, quando deveria ter investigado se Cristo desejava poder soberano, pronunciou a sentença apenas por medo. No entanto, para que isso não lhe acontecesse, Cristo já tinha dito: "Meu Reino não é deste mundo"; mas Pilatos, entregue por completo às coisas presentes, não exerceu grande sabedoria. E ainda assim o sonho da esposa dele deveria ter sido suficiente para amedrontá-lo; mas nenhuma dessas coisas o tornou melhor, nem olhou para o céu, mas o entregou. Agora, colocaram a cruz sobre Ele como a um malfeitor. Pois até mesmo a madeira eles abominavam, e não suportavam nem tocá-la. Assim também aconteceu no tipo (figura): Isaque carregou a madeira, mas aí parou

na vontade do pai, porque era o símbolo; enquanto aqui passou à ação, porque era a realidade.

"E Ele chegou ao lugar da caveira." Alguns dizem que Adão morreu e jaz ali; e que Jesus, naquele lugar onde reinava a morte, também ali ergueu o troféu. Pois Ele saiu carregando a cruz como troféu sobre a tirania da morte; e, como fazem os conquistadores, levou sobre os ombros o símbolo da vitória. Que importa se os judeus fizeram isso com outro intento? Também O crucificaram com ladrões, cumprindo involuntariamente a profecia; pois o que fizeram por insulto contribuiu para a verdade, para que saibas quão grande é o seu poder, já que o Profeta anunciou de longe: "Ele foi contado entre os transgressores" (Isaías 53,12). O diabo, portanto, tentou lançar um véu sobre o ocorrido, mas não pôde; pois os três foram crucificados, mas Jesus só foi glorioso, para que aprendamos que todo o poder veio dEle. Ainda assim, os milagres aconteceram quando os três já estavam pregados na cruz; mas ninguém atribuiu nada do que aconteceu aos outros dois, apenas a Jesus; assim todo o plano do diabo foi frustrado, e voltou contra ele mesmo. Pois, destes dois, um foi salvo. Portanto, ele não insultou a glória da cruz, mas até contribuiu para ela não pouco. Pois não foi coisa menor do que abalar as rochas, mudar um ladrão na cruz e levá-lo ao Paraíso.

Versículo 19: "E Pilatos escreveu um título."

Ao mesmo tempo, ele punia os judeus e fazia uma defesa de Cristo. Pois, visto que o entregaram como inútil, e tentaram confirmar essa sentença fazendo-O partilhar do castigo dos ladrões, para que no futuro ninguém pudesse acusá-lo falsamente, ou acusá-lo como mau e indigno, para calar suas bocas e as de todos que quisessem acusá-Lo, e para mostrar que eles se levantaram contra seu próprio rei, Pilatos colocou, como em um troféu, essas letras que proclamam em voz clara sua vitória e anunciam seu reino, ainda que não em sua plenitude. E fez isso não em uma única língua, mas em três idiomas; pois como provavelmente haveria uma multidão mista entre os judeus por causa da festa, para que ninguém ignorasse a defesa, ele escreveu publicamente a loucura dos judeus em todas as línguas. Pois eles lhe guardavam rancor mesmo estando crucificado. "Mas que dano isso te

causou? Nada. Pois se Ele era mortal e fraco, e estava para desaparecer, por que temiam as letras que diziam que Ele é o Rei dos Judeus?" E o que pedem? "Diz que 'ele disse'." Pois agora é uma afirmação geral, mas se se acrescentar 'ele disse', a acusação mostra ser fruto da própria arrogância e audácia dele. Ainda assim Pilatos não mudou de opinião, mas manteve sua decisão inicial. E não é coisa pequena o que disso se extrai, mas tudo. Pois como a madeira da cruz foi enterrada, porque ninguém cuidou de pegá-la, por medo e porque os fiéis estavam apressados com outras coisas urgentes; e como seria procurada depois, e provavelmente as três cruzes estariam juntas, para que a do Senhor não fosse desconhecida, tornou-se manifesto a todos, primeiro por estar no meio, e depois pelo título. Pois as cruzes dos ladrões não tinham títulos.

[2.] Os soldados repartiram as vestes, mas não a túnica. Veja como as profecias se cumprem em cada detalhe por causa da maldade deles; pois isso também havia sido predito de longe; e ainda que três foram crucificados, os detalhes das profecias se cumpriram somente nele. Por que não fizeram isso com os outros, mas só no caso Dele? Considera também, peço-te, a exatidão da profecia. O Profeta não diz apenas que "repartiram", mas que "não repartiram". Portanto, dividiram as outras vestes, mas não dividiram a túnica, e deixaram isso para a sorte decidir. E o termo "tecida de cima" (v. 23) não é colocado sem propósito; mas alguns dizem que isso expressa uma afirmação figurada de que o Crucificado não era simplesmente homem, mas também possuía a Divindade do alto. Outros dizem que o Evangelista descreve exatamente a forma da túnica. Pois na Palestina eles juntam duas tiras de tecido para tecer suas vestes, e João, para mostrar que a túnica era desse tipo, diz "tecida de cima"; e me parece que ele quer dizer isso aludindo à pobreza das vestes, e que, como em todas as outras coisas, assim também no vestuário Ele seguia um modo simples.

Versículo 24. "Estas coisas fizeram os soldados." Mas Ele, na cruz, confia Sua mãe ao discípulo, ensinando-nos até o último suspiro a ter todo cuidado para com nossos pais. Quando, de fato, ela o incomodou intempestivamente, Ele disse: "Mulher, que tenho eu contigo?" (cap. 2,4) e "Quem é minha mãe?" (Mateus 12,48). Mas aqui Ele mostra muito afeto e a confia ao discípulo

amado. De novo, João se oculta por modéstia; pois, se quisesse vangloriar-se, teria dito também a razão pela qual era amado, que provavelmente seria alguma coisa grande e maravilhosa. Mas por que Ele não conversa com João sobre outra coisa, nem o consola na tristeza? Porque não era tempo para consolo com palavras; além disso, não era pouca coisa para ele ser honrado com essa honra e receber a recompensa da firmeza. Mas considera, peço-te, como mesmo na cruz Ele fez tudo sem se perturbar, falando com o discípulo acerca de Sua mãe, cumprindo profecias, oferecendo esperança ao ladrão. Contudo, antes de ser crucificado, Ele aparece suando, agonizando, temendo. O que isso significa? Nada de difícil, nada de duvidoso. Ali se mostrou a fraqueza da natureza, aqui se mostrou o excesso do Poder. Além disso, com essas duas coisas Ele nos ensina que, mesmo que antes de coisas terríveis fiquemos perturbados, não devemos por isso fugir das coisas terríveis, mas, quando já nos comprometemos na luta, considerar tudo possível e fácil. Portanto, não tremamos diante da morte. Nossa alma tem por natureza o amor à vida, mas cabe a nós afrouxar os laços da natureza, tornando esse desejo fraco, ou apertá-los, tornando o desejo mais tirânico. Pois assim como temos desejo sexual, mas ao praticar verdadeira sabedoria enfraquecemos esse desejo, assim também ocorre com o amor à vida; e assim como Deus anexou o desejo carnal à geração de filhos, para manter uma sucessão entre nós, sem porém nos proibir de seguir o caminho mais alto da continência; assim também Ele implantou em nós o amor à vida, proibindo que nos destruamos, mas não impedindo que desprezemos a vida presente. E devemos, sabendo disso, observar a medida adequada, e nunca ir voluntariamente à morte, ainda que mil coisas terríveis nos afetem; nem, quando nela formos arrastados, por amor ao que agrada a Deus, devemos recuar ou temê-la, mas despir-nos dela com coragem, preferindo o futuro à vida presente.

Mas as mulheres ficaram junto à cruz, e o sexo mais fraco então pareceu o mais corajoso (v. 25); assim, a partir de então, todas as coisas foram totalmente transformadas.

[3.] E Ele, tendo confiado Sua mãe a João, disse: "Eis aí teu filho." (v. 26.) Ó honra! Com que honra Ele honrou o discípulo! Quando Ele próprio já estava

partindo, confiou-a ao discípulo para que cuidasse dela. Pois, como era de se esperar que, sendo Sua mãe, ela sofreria e precisaria de proteção, Ele com razão a confiou ao amado. A ele disse: "Eis aí tua mãe." (v. 27.) Isso Ele disse, unindo-os na caridade; o que o discípulo entendeu e a levou para sua própria casa. "Mas por que não mencionou nenhuma outra mulher, embora outra estivesse presente?" Para nos ensinar a dar mais do que respeito comum às nossas mães. Pois, assim como quando os pais nos opõem em questões espirituais não devemos nem mesmo reconhecê-los, assim, quando não nos impedem, devemos dar-lhes todo o respeito devido e preferi-los aos outros, porque nos geraram, porque nos criaram, porque suportaram por nós milhares de coisas terríveis. E com essas palavras Ele silencia a audácia de Marcião; pois, se Ele não tivesse nascido segundo a carne, nem tivesse mãe, por que então teria tal cuidado só dela?

Versículo 28. "Depois disso, Jesus, sabendo que tudo já estava consumado."

Isto é, "que nada faltava para a Dispensa." Pois Ele desejava mostrar em todo lugar que essa Morte era de um tipo novo, já que todo o poder pertencia à Pessoa que morria, e a morte não chegava ao Corpo antes que Ele quisesse; e Ele a quis depois de cumprir todas as coisas. Por isso também disse: "Tenho poder para lançar Minha vida, e tenho poder para retomá-la." (cap. 10,18.) Sabendo, portanto, que tudo estava cumprido, Ele diz:

"Tenho sede." (v. 29)

Aqui Ele novamente cumpre uma profecia. Mas considera, peço-te, a natureza maldita dos espectadores. Ainda que tenhamos milhares de inimigos e soframos coisas intoleráveis pelas mãos deles, ao vê-los perecer, nos compadecemos; mas eles nem assim fizeram as pazes com Ele, nem se amansaram com o que viram, antes ficaram mais cruéis e aumentaram suas zombarias; e tendo-lhe oferecido vinagre num esponja, como se faz com os condenados, assim Lhe deram para beber; por isso foi acrescentado o hissopo.

Versículo 30. "Tendo recebido, disse: Está consumado."

Vês como Ele faz tudo com calma e poder? E o que segue mostra isso. Pois quando tudo foi completado,

"Inclinou a cabeça (esta não estava pregada) e entregou o espírito."

Isto é, "morreu." Mas expirar não acontece após inclinar a cabeça; aqui, ao contrário, acontece assim. Pois Ele não inclinou a cabeça após expirar, como nós fazemos, mas quando inclinou a cabeça, então expirou. Com tudo isso o Evangelista mostra que Ele era Senhor de tudo.

Mas os judeus, por outro lado, que engoliram o camelo e coaram o mosquito, cometendo uma ação tão atroz, foram muito cuidadosos quanto ao dia.

Versículo 31. "Porque era a Preparação, para que os corpos não permanecessem na cruz — pediram a Pilatos que lhes quebrassem as pernas."

Vês como forte é a verdade? Por meio das coisas que eles zelavam, a profecia se cumpria, pois por causa delas, essa predição simples, sem conexão aparente, recebia seu cumprimento. Pois os soldados, quando chegaram, quebraram as pernas dos outros, mas não as de Cristo. Contudo, para agradar aos judeus, traspassaram-lhe o lado com uma lança, e agora insultavam o corpo morto. Ó propósito abominável e maldito! Contudo, amado, não te envergonhes, nem desesperes; pois as coisas que esses homens fizeram por má vontade, lutaram do lado da verdade. Já que havia uma profecia dizendo (dessa circunstância): "Olharão para Aquele que traspassaram." (v. 37; Zacarias 12,10.) E não só isso, mas o ato ousado então realizado foi uma demonstração de fé para os que depois duvidariam; como Tomé e os semelhantes a ele. Com isso também foi cumprido um mistério inefável. Pois "saíram água e sangue." Não foi sem propósito ou por acaso que essas fontes jorraram, mas porque por meio dessas duas coisas juntas a Igreja subsiste. E os iniciados sabem disso, pois são regenerados pela água, e alimentados pelo Sangue e pela Carne. Daí começam os Mistérios; para que,

quando te aproximares daquele cálice terrível, o faças como se bebesses do próprio lado.

Versículo 35. "E aquele que viu dá testemunho, e seu testemunho é verdadeiro."

Isto é, "Não ouvi de outros, mas estive presente e vi, e o testemunho é verdadeiro." Como se pode supor. Pois ele narra um insulto; não algo grande e admirável para que se suspeite da narrativa; mas para silenciar os hereges e proclamar em voz alta os Mistérios que haveriam de vir, e contemplando o tesouro guardado neles, é muito preciso no que relata. E aquela profecia também se cumpriu.

Versículo 36. "Nenhum dos seus ossos será quebrado." (Êxodo 12,46; Números 9,12.)

Pois, ainda que isso tenha sido dito a respeito do cordeiro dos judeus, foi por causa da realidade que o tipo o precedeu, e n'Ele a profecia foi plenamente cumprida. Por isso o Evangelista citou o Profeta. Pois, querendo mostrar-se testemunha constante, o que pareceria pouco crível, ele recorre a Moisés para ajudá-lo, e diz que nada disso aconteceu sem propósito, mas que foi escrito de antigo. E este é o sentido das palavras: "Nenhum dos seus ossos será quebrado." Novamente ele confirma as palavras do Profeta com seu próprio testemunho. "Estas coisas," diz ele, "vos disse para que aprendais quão grande é a conexão do tipo com a realidade." Vês com que cuidado ele quer fazer crer algo que parecia motivo de vergonha e desonra? Pois que o soldado insultasse o corpo morto era muito pior do que a crucificação. "Mas mesmo assim, estas coisas," ele diz, "contudo as contei, e com muito empenho, para que acreditásseis." (v. 35.) Que ninguém então duvide, nem por vergonha prejudique nossa causa. Pois as coisas que parecem mais vergonhosas são os veneráveis registros das nossas coisas boas.

Versículo 38. "Depois disso, veio José de Arimateia, discípulo."

Não dos doze, mas talvez dos setenta. Pois, já acreditando que a ira dos judeus estava aplacada pela cruz, aproximaram-se sem medo e cuidaram do funeral. José veio, portanto, e pediu a Pilatos o favor, que foi concedido; por que não? Nicodemos também ajudou e forneceu um sepultamento custoso. Pois ainda pensavam n'Ele como mero homem. E trouxeram aqueles aromas cuja natureza especial é preservar o corpo por muito tempo, e não permitir que se corrompa rapidamente, o que foi um ato de quem não imaginava nada grande a respeito Dele; mas, de qualquer forma, demonstraram muito afeto. Mas por que nenhum dos doze veio, nem João, nem Pedro, nem outro dos discípulos mais destacados? Nem o escritor oculta esse ponto. Se alguém disser que foi por medo dos judeus, esses homens também estavam com esse medo; pois José também era, diz o texto, "um discípulo secreto por medo dos judeus." E ninguém pode dizer que José agiu assim por desprezar muito os judeus, mas apesar do medo, veio. Mas João, que esteve presente e viu-o expirar, nada fez do tipo. Parece-me que José era homem de alta posição (como se vê pelo funeral) e conhecido de Pilatos, por isso conseguiu o favor; e o sepultou, não como criminoso, mas magnificamente, segundo a tradição judaica, como alguém grande e admirável.

[4.] E porque estavam apertados pelo tempo, (pois a morte ocorreu na nona hora, e é provável que, por causa da ida a Pilatos e do descimento do corpo, a tarde já estivesse chegando, quando não era permitido trabalhar,) colocaram-No no túmulo que ficava perto. E é providencialmente ordenado que Ele fosse colocado num túmulo novo, onde ninguém havia sido posto antes, para que a Sua Ressurreição não fosse considerada a de algum outro que ali jazesse com Ele; e para que os discípulos pudessem facilmente ir e ser testemunhas do que havia acontecido, pois o lugar era próximo; e para que não somente eles fossem testemunhas do Seu sepultamento, mas também os seus inimigos, pois o fato de colocarem selos no túmulo e a permanência dos soldados vigiando eram ações que atestavam o sepultamento. Porque Cristo desejava ardentemente que isso fosse confessado, não menos que a Ressurreição. Por isso, os discípulos se empenham muito nisso, em mostrar que Ele morreu. Pois a Ressurreição seria confirmada por todo o tempo subsequente, mas a morte, se naquela época tivesse sido parcialmente ocultada ou não evidenciada, poderia prejudicar o relato da Ressurreição. E

não foi somente por essas razões que Ele foi sepultado perto, mas também para que a história do roubo pudesse ser provada falsa.

"No primeiro dia da semana" (isto é, o dia do Senhor) "Maria Madalena veio muito cedo pela manhã, e viu a pedra removida do sepulcro." (Cap. XX, ver. 1.)

Porque Ele ressuscitou enquanto a pedra e os selos ainda estavam sobre Ele; mas, como era necessário que outros ficassem plenamente convencidos, o túmulo foi aberto depois da Ressurreição, e assim o que havia acontecido foi confirmado. Foi isso então que moveu Maria. Pois, cheia inteiramente de amor para com seu Mestre, quando o sábado terminou, ela não pôde descansar, mas veio muito cedo pela manhã, desejando encontrar algum consolo naquele lugar. Mas quando viu o lugar e a pedra removida, ela não entrou nem se curvou, mas correu para os discípulos, na grande intensidade do seu desejo; pois era isso que ela ardentemente desejava, queria muito rapidamente saber o que havia acontecido com o corpo. Esse era o sentido da sua corrida, e suas palavras o declaram.

Verso 2. "Levaram embora," disse ela, "meu Senhor, e não sei onde o colocaram."

Vês como ela ainda não sabia nada claramente sobre a Ressurreição, mas pensava que o corpo tinha sido removido, e simplesmente conta isso aos discípulos? E o Evangelista não privou a mulher desse louvor, nem achou vergonha que eles tivessem aprendido essas coisas primeiro dela, que havia passado a noite vigiando. Assim, em toda parte, brilha a natureza amante da verdade da sua disposição. Quando então ela veio e disse essas coisas, os que as ouviram aproximaram-se com grande prontidão do sepulcro, e viram os lençóis de linho ali, o que era um sinal da Ressurreição. Pois nem mesmo se alguém tivesse removido o corpo, teria despido antes de fazê-lo; nem se alguém o tivesse roubado, teria se dado ao trabalho de remover o sudário, enrolá-lo e colocá-lo separado; pois teria levado o corpo tal qual estava. Por isso João nos diz antecipadamente que o corpo fora sepultado com muita mirra, que cola o linho ao corpo tão firmemente quanto o chumbo; para que, ao ouvires que os lençóis estavam separados, não aceites os que dizem que

Ele fora roubado. Pois um ladrão não seria tão tolo a ponto de gastar tanto esforço em algo supérfluo. Por que desfaria as vestes? E como poderia escapar de ser descoberto, se o fizesse? Já que teria gasto muito tempo nisso, sendo encontrado por sua demora e lentidão. Mas por que as vestes estão separadas, enquanto o sudário estava enrolado? Para que aprendas que não foi ação de homens confusos ou apressados, que colocassem alguns objetos em um lugar, outros em outro, e os enrolassem juntos. Por isso creram na Ressurreição. Por isso Cristo depois lhes apareceu, quando ficaram convencidos pelo que viram. Observa aqui também a ausência de vaidade do Evangelista, como ele testemunha a exatidão da busca de Pedro. Pois João, tendo chegado antes de Pedro e visto os lençóis, não investigou mais, mas retirou-se; porém aquele fervoroso entrou mais, examinou tudo cuidadosamente, e viu um pouco mais; e então o outro foi chamado para ver também. Pois entrando depois de Pedro, viu os lençóis ali, separados. Agora, separar e colocar uma coisa à parte, outra enrolada e também à parte, era ação de alguém que fazia as coisas com cuidado, e não de modo casual, como se perturbado.

[5.] Mas tu, quando ouvires que teu Senhor ressuscitou nu, cessa de tua loucura em relação aos funerais; pois qual é o sentido daquela despesa supérflua e inútil, que traz grande prejuízo aos enlutados, e nenhum benefício aos que partiram, ou (se devemos dizer que traz algum) antes dano? Pois a ostentação do sepultamento muitas vezes causou a abertura dos túmulos, e fez com que aquele que fora enterrado com muito cuidado fosse lançado nu e não enterrado. Mas ai da vaidade! Quão grande é a tirania que ela mostra mesmo no sofrimento! Quão grande a loucura! Muitos, para evitar isso, cortando em pedaços aquelas vestes finas, e enchendo-as com muitas especiarias, para que sejam duplamente inúteis para aqueles que quisessem insultar os mortos, depois as lançam à terra. Não são essas ações de loucos? De homens fora de si? Para mostrar sua ambição e depois destruí-la? "Sim," diz alguém, "é para que possam descansar em segurança com os mortos que usamos todos esses artifícios." Pois bem, se os ladrões não as pegam, não as pegarão as traças e os vermes? Ou se as traças e vermes não as pegam, não as destruirão o tempo e a umidade da putrefação? Mas suponhamos que nem os quebradores de túmulos, nem traças, nem vermes, nem o tempo, nem

qualquer outra coisa destruam o que está no túmulo, e que o corpo mesmo permaneça intacto até a Ressurreição, e essas coisas se conservem novas, frescas e belas; que vantagem haveria nisso para o falecido, quando o corpo será ressuscitado nu, enquanto estas coisas permanecem aqui, e não nos aproveitam para aquelas contas que devem ser prestadas? “Por que então,” diz alguém, “foi feito isso no caso de Cristo?” Antes de tudo, não compares essas coisas a assuntos humanos, pois a prostituta chegou a derramar ungüento até sobre Seus pés santos. Mas se devemos falar dessas coisas, dizemos que foram feitas quando os que as fizeram não conheciam a palavra da Ressurreição; por isso se diz, “como era costume dos judeus.” Pois os que honravam Cristo não eram os doze, mas aqueles que não O honravam grandemente. Os doze não O honravam assim, mas com morte, massacre e perigos por causa d’Ele. Aquilo sim era honra, mas muito inferior a esta de que falei. Além disso, como comecei dizendo, estamos falando agora de homens, mas naquela época essas coisas foram feitas em relação ao Senhor. E para que saibas que Cristo não levava essas coisas em conta, Ele disse: “Vistes-Me com fome e Me destes de comer; com sede e Me destes de beber; nu e Me vestistes” (Mateus 25, 35); mas em nenhum lugar Ele disse: “morto e Me sepultastes.” E isto digo, não para abolir o costume do sepultamento, (longe de mim tal pensamento,) mas para conter sua extravagância e vaidade inoportuna. “Mas,” diz alguém, “o sentimento, a dor e a compaixão pelos mortos persuadem a essa prática.” A prática não procede da compaixão pelos mortos, mas da vaidade. Pois se queres sentir compaixão pelos mortos, te mostrarei outro modo de prantear, e te ensinarei a vesti-los com roupas que ressuscitarão com eles e os tornarão gloriosos. Pois essas vestes não são consumidas por vermes, nem desgastadas pelo tempo, nem roubadas por quebradores de túmulos. De que tipo então são essas vestes? São as vestes da caridade; pois esta é a roupa que ressuscitará com ele, porque o selo da caridade está com ele. Com essas vestes brilham aqueles que ouvem então: “Com fome Me destes de comer.” Estas tornam os homens distintos, estas os fazem gloriosos, estas os colocam em segurança; mas as que usamos agora são apenas alimento para traças e mesa para vermes. E digo isto, não proibindo o uso das cerimônias funerárias, mas recomendando que o façais com moderação, para cobrir o corpo e não lançá-lo nu à terra. Pois se enquanto vivos Ele nos manda não termos mais do que o suficiente para nos

cobrirmos, quanto mais quando mortos; já que o corpo morto não precisa tanto de roupas quanto quando está vivo e respirando. Pois enquanto vivo, por causa do frio e da decência, precisamos de roupas que nos cubram, mas quando morto não necessitamos de roupas de sepultamento por essas razões, e sim para que o corpo não fique nu; e melhor que roupas de sepultamento temos a terra, o mais belo dos cobertores, e mais adequado à natureza de corpos como o nosso. Se então onde há tantas necessidades não devemos procurar coisas supérfluas, muito menos onde não há tal necessidade é a ostentação inoportuna.

[6.] "Mas os que olham vão rir," diz alguém. Com certeza, se houver risos, não devemos nos importar muito com alguém tão profundamente tolo; mas atualmente há muitos que antes admiram e aceitam nossa verdadeira sabedoria. Pois não são essas coisas que merecem riso, mas aquelas que fazemos agora, chorando, lamentando e enterrando-nos com os mortos; essas coisas merecem escárnio e punição. Mas mostrar verdadeira sabedoria, tanto nestes aspectos quanto na modéstia do traje usado, prepara coroas e louvores para nós, e todos nos aplaudirão, admirarão o poder de Cristo, e dirão: "Espantoso! Quão grande é o poder daquele que foi Crucificado! Ele persuadiu aqueles que estão perecendo e se consumindo de que a morte não é morte; portanto, eles não agem como homens que perecem, mas como homens que enviam os mortos à frente para uma morada distante e melhor. Ele os persuadiu de que este corpo corruptível e terreno vestirá uma roupa mais gloriosa que a seda ou o pano de ouro, a veste da imortalidade; por isso, eles não se preocupam muito com seu sepultamento, mas consideram a vida virtuosa como um admirável sudário." Estas coisas dirão, se nos virem mostrando verdadeira sabedoria; mas se nos virem curvados em tristeza, agindo como mulheres, cercados por tropas de enlutadas, rirão, zombarão e encontrarão defeitos de mil maneiras, destruindo nossos gastos tolos, nosso trabalho vão. Com essas coisas ouvimos todos criticando; e com muita razão. Pois que desculpa teremos quando adornamos um corpo consumido pela corrupção e vermes, e negligenciamos Cristo quando com sede, andando nu e estrangeiro? Cessemos então dessa vaidade inútil. Cumpramos as cerimônias dos que partiram, como é bom para nós e para eles, para a glória de Deus: façamos muita caridade por eles, enviemos com eles a melhor

provisão para a jornada. Pois se a memória de homens admiráveis, embora mortos, protege os vivos, (pois "Eu defenderei esta cidade por amor a Mim mesmo e por amor ao Meu servo Davi" — 2 Reis 19, 34), muito mais a caridade fará isso; pois ela até ressuscitou mortos, como quando as viúvas mostravam o que Dorcas fizera enquanto estava entre elas (Atos 9, 39). Portanto, quando alguém estiver para morrer, que o amigo desse moribundo prepare as cerimônias, e persuada o que parte a deixar algo aos necessitados. Com essas vestes o enviará para a sepultura, deixando Cristo seu herdeiro. Pois se aqueles que escrevem reis entre seus herdeiros deixam uma porção segura para seus parentes, quando alguém deixa Cristo herdeiro junto com seus filhos, considera quão grande bem atrairá para si e para todos os seus. Esses são os funerais corretos, esses beneficiam tanto os que ficam quanto os que partem. Se formos assim sepultados, seremos gloriosos na hora da Ressurreição. Mas se, cuidando do corpo, negligenciarmos a alma, sofreremos muitas coisas terríveis e seremos alvo de muitas zombarias. Pois não é um simples desacato partir sem estar revestido de virtude, nem o corpo, embora lançado sem sepultura, é tão desonrado quanto a alma que aparecer nua de virtude naquele dia. Isso vistamos, isso envolvamos ao nosso redor; é melhor fazer isso durante toda nossa vida; mas se nesta vida fomos negligentes, ao menos sejamos sóbrios no fim, e encarreguemos nossos parentes de nos ajudarem com obras de caridade quando partirmos; para que assim, ajudando-nos uns aos outros, possamos alcançar muita confiança, pela graça e bondade amorosa de nosso Senhor Jesus Cristo, a quem sejam glória, domínio e honra, ao Pai e ao Espírito Santo, agora e sempre, pelos séculos dos séculos. Amém.

Sermão LXXXVI
João 20,10-11 — "Então os discípulos voltaram para casa. Maria, porém, estava fora, junto ao sepulcro, chorando."

[1.] O sexo feminino é, de certa forma, cheio de sentimentos e mais inclinado à compaixão. Digo isto para que não te surpreendas de que Maria chorasse amargamente no sepulcro, enquanto Pedro não foi afetado dessa maneira. Pois "os discípulos", diz o texto, "foram para casa"; mas ela ficou ali derramando lágrimas. Porque a natureza dela era mais fraca, e ela ainda não

conhecia claramente o relato da Ressurreição; ao passo que eles, tendo visto os lençóis e crendo, voltaram para suas casas admirados. E por que eles não foram imediatamente para a Galileia, como lhes havia sido ordenado antes da Paixão? Talvez esperassem pelos outros e ainda estavam atônitos diante da surpresa. Então eles foram embora; mas ela ficou no lugar, porque, como disse, mesmo a visão do sepulcro a confortava muito. Ao menos, vê-la mais para aliviar sua dor, inclinando-se e querendo contemplar o lugar onde o corpo jazia. Por isso recebeu grande recompensa por seu zelo. Pois o que os discípulos não viram, essa mulher viu primeiro: anjos sentados, um aos pés e outro à cabeça, vestidos de branco; e suas vestes brilhavam com muita luz e alegria. Como a mente da mulher não estava suficientemente elevada para aceitar a Ressurreição apenas pela prova dos panos, aconteceu algo mais — ela viu algo mais; anjos sentados em vestes resplandecentes, para elevá-la um pouco do seu pranto e consolá-la. Mas eles nada lhe disseram sobre a Ressurreição, porém a guiaram suavemente para essa doutrina. Ela viu rostos brilhantes e incomuns; viu vestes resplandecentes, ouviu uma voz consoladora. Pois o que disse o anjo?

Verso 13 — “Mulher, por que choras?”

Por todas essas circunstâncias, como se uma porta estivesse sendo aberta para ela, ela foi pouco a pouco conduzida ao conhecimento da Ressurreição. E o modo como os anjos estavam sentados a convidava a questioná-los, pois mostravam que sabiam o que acontecera; por isso não estavam sentados juntos, mas separados. Como não era provável que ela ousasse interrogá-los de imediato, eles a levam à conversa, questionando-a e pelo modo de se sentar. E o que ela diz? Fala com grande ardor e afeto:

“Levaram embora o meu Senhor, e não sei onde o puseram.”

“O que dizes? Ainda não sabes nada da Ressurreição, e ainda imaginas que Ele foi colocado em algum lugar?” Vês como ela ainda não recebeu a sublime doutrina?

Verso 14 — “E tendo dito isso, virou-se para trás.”

Por qual consequência, tendo falado com eles e ainda sem ouvir deles nada, ela se volta? Parece-me que, enquanto falava, Cristo apareceu subitamente atrás dela, causando temor nos anjos; e eles, vendo seu Senhor, mostraram imediatamente pela postura, pelo olhar e pelos gestos que o viam; e isso chamou a atenção da mulher, fazendo-a voltar-se para trás. Então Ele apareceu assim para eles, mas não para a mulher, para não assustá-la logo na primeira visão, mas com uma forma simples e comum — pois ela pensou que fosse o jardineiro. Era adequado conduzir alguém de mente tão humilde a grandes mistérios, não de uma vez, mas com gentileza. Ele então pergunta a ela:

Verso 15 — "Mulher, por que choras? Quem buscas?"

Isso mostrou que Ele sabia o que ela queria perguntar, e a levou a responder. E a mulher, compreendendo, não menciona mais o nome de Jesus, mas, como se o interlocutor soubesse do que se tratava, responde:

"Senhor, se o levaste daqui, diz-me onde o puseste, e eu o levarei."

Novamente fala de colocar, levar e carregar, como se falasse de um cadáver. Mas quer dizer: "Se o levaste por medo dos judeus, diz-me, e eu o levarei." Grande é a bondade e o amor da mulher, mas ainda nada elevado nela. Por isso Ele agora lhe apresenta a verdade, não pela aparência, mas pela voz. Pois, assim como uma vez foi conhecido pelos judeus e outra vez esteve presente sem ser reconhecido, assim também na fala Ele se fazia conhecido quando queria; como quando disse aos judeus "Quem buscais?" — eles não conheceram nem a face nem a voz até que Ele quisesse. E foi assim aqui. Ele chamou seu nome, repreendendo-a por pensar assim daquele que vivia. Mas como se explica que,

Verso 16 — "Ela se voltou e disse," se Ele falava com ela? Parece-me que, após dizer "Onde o puseste?" ela se voltou para os anjos para perguntar por que estavam tão admirados, e então Cristo, chamando-a pelo nome, a voltou para si, revelando-se pela voz; pois quando Ele chamou "Maria," então ela O

reconheceu; o reconhecimento não foi pela aparência, mas pela voz. E se alguém perguntar “Como sabemos que os anjos ficaram assustados e que por isso a mulher se voltou?” dirão também “Como sabemos que ela o tocou e caiu aos seus pés?” Como isto está claro em “Não me toques,” assim o outro está claro pelo fato dela ter se virado. Mas por que Ele disse,

Verso 17 — “Não me toques”?

[5.] Alguns afirmam que Maria pediu a graça espiritual porque ouvira Jesus dizer aos discípulos: "Se eu for para o Pai, eu pedirei a Ele, e Ele vos dará outro Consolador" (João 14,3.16). Mas como poderia ela, que não estava com os discípulos, ter ouvido isso? Além disso, tal suposição está muito distante do sentido aqui. E como poderia ela pedir algo, se Ele ainda não tinha ido para o Pai? Qual é então o sentido? Parece-me que ela ainda desejava conversar com Ele como antes, e que na sua alegria não percebia a grandeza d’Ele, embora Ele tivesse se tornado muito mais excelente na carne. Para tirá-la dessa ideia, e para que falasse com Ele com mais reverência (pois nem mesmo aos discípulos Ele aparecia dali em diante com tanta familiaridade como antes), Ele eleva seus pensamentos para que Lhe dê mais respeito. Dizer: "Não te aproximes como antes, pois as coisas não estão no mesmo estado, nem estarei mais convosco da mesma maneira," teria sido uma palavra dura e solene; mas a expressão:

"Ainda não subi para o Pai,"

embora não dolorosa de ouvir, era uma declaração da mesma coisa. Pois ao dizer, "Ainda não subi," Ele mostra que se apressa para ir, e que não era apropriado que Aquele que estava para partir e não mais conviver com os homens fosse visto com os mesmos sentimentos de antes. E o que vem depois mostra que é assim.

"Vai dizer aos irmãos que eu vou para meu Pai e vosso Pai, meu Deus e vosso Deus."

Mas Ele não iria fazer isso imediatamente, e sim depois de quarenta dias. Como então Ele diz isso? Para elevar a mente deles e persuadi-los de que Ele estava indo para os céus. Mas o "meu Pai e vosso Pai, meu Deus e vosso Deus" pertence à Dispensa, assim como a "subida" também pertence à Sua carne. Pois Ele fala essas palavras a alguém que não tinha grandes pensamentos. "Será que o Pai é d'Ele de um modo, e nosso de outro?" Certamente é assim. Pois, se Ele é Deus dos justos de uma forma diferente daquela em que é Deus dos outros homens, muito mais no caso do Filho e de nós. Porque como Ele disse: "Diz aos irmãos," para que não imaginassem qualquer igualdade, mostrou a diferença. Ele estava para sentar-se no trono do Pai, mas eles para estar ao lado. Assim, embora em Sua subsistência segundo a carne Ele tenha se tornado nosso Irmão, na Honra Ele era grandemente diferente de nós, tanto que nem se pode dizer o quanto.

Versículo 18. "Por isso ela foi e anunciou essas coisas aos discípulos."

Quão grande é o benefício da perseverança e da paciência! Mas como foi que eles não mais se entristeceram quando Ele estava para partir, nem falaram como antes? Naquele momento eles estavam aflitos, imaginando que Ele iria morrer; mas agora que Ele ressuscitara, que motivo tinham para se entristecer? Além disso, Maria contou-lhes a aparição e as palavras de Jesus, que foram suficientes para confortá-los. Como era provável que os discípulos, ao ouvir essas coisas, ou não acreditassem na mulher, ou, acreditando, se entristecessem por Ele não tê-los considerado dignos da visão, embora prometesse encontrá-los na Galileia, para que não se perturbassem por isso, Ele não deixou passar um só dia. Levando-os ao desejo e à certeza da ressurreição, e pelo que ouviram da mulher, enquanto ansiavam por vê-Lo e estavam muito receosos — o que aumentava ainda mais esse anseio —, Ele então, quando era já a tarde, apareceu-lhes de maneira maravilhosa. E por que Ele apareceu à tarde? Porque era provável que estivessem então especialmente temerosos. Mas o milagre foi que eles não pensaram que Ele fosse um fantasma; pois entrou com as portas fechadas, de repente. A causa principal foi a grande fé que a mulher já tinha produzido neles; além disso, Ele mostrou-lhes um rosto amável e tranquilo. Não veio durante o dia para que todos se reunissem. A surpresa foi grande, pois Ele

nem bateu na porta, mas apareceu de repente no meio deles, mostrando Seu lado e Suas mãos. Ao mesmo tempo, pela voz, acalmou seus pensamentos agitados dizendo:

Versículo 19. “Paz seja convosco.”

Isto é, “Não vos turbeis,” lembrando-lhes a palavra que dissera antes da crucificação: “Deixo-vos a paz, a minha paz vos dou” (João 14,27), e ainda: “No mundo tereis tribulação, mas tende bom ânimo” (João 16,33).

Versículo 20. “Então os discípulos se alegraram ao ver o Senhor.”

Vês as palavras que resultam em ações? Pois aquilo que Ele dissera antes da crucificação — “Eu vos verei outra vez, e o vosso coração se alegrará, e a vossa alegria ninguém vos tirará” (João 16,22) — agora Ele cumpria na realidade; mas tudo isso os levava a uma fé muito firme. Pois, tendo guerra cruel com os judeus, Ele repetia constantemente: “Paz seja convosco,” dando-lhes, para equilibrar a guerra, o consolo. E esta foi a primeira palavra que Ele falou a eles após a ressurreição, (por isso Paulo sempre diz: “Graça e paz a vós”) e às mulheres Ele traz boas novas de alegria, pois esse sexo estava em tristeza e recebia isso como a primeira maldição. Portanto Ele dá boas novas adequadas: paz para os homens, por causa da guerra; alegria para as mulheres, por causa da tristeza. Depois, afastando tudo o que é doloroso, fala das vitórias da Cruz, e estas são a “paz”. “Pois já foram removidos todos os obstáculos,” Ele diz, “e eu glorifiquei a minha vitória, e tudo foi cumprido,” (e então diz depois:)

Versículo 21. “Assim como o Pai me enviou, eu também vos envio.”

“Não tereis dificuldades, por causa do que já aconteceu, e pela dignidade daquele que vos envia.” Aqui Ele eleva suas almas e mostra-lhes a grande confiança que podem ter se forem realizar Sua obra. E não apela mais ao Pai, mas com autoridade dá poder a eles. Pois:

Versículos 22, 23. “E soprou sobre eles e disse: ‘Recebei o Espírito Santo. Aqueles a quem perdoardes os pecados, lhes serão perdoados; aqueles a quem os retiverdes, lhes serão retidos.’”

Assim como um rei que envia governadores lhes dá poder para prender e soltar, assim Cristo, enviando-os, lhes dá o mesmo poder. Mas como diz Ele: “Se eu não for, Ele não virá” (João 16,7), e mesmo assim lhes dá o Espírito? Alguns dizem que Ele não deu o Espírito ainda, mas os tornou aptos para recebê-lo, soprando sobre eles. Pois se Daniel, ao ver um anjo, ficou assustado, o que eles não sofreriam ao receber aquele dom incomensurável, se Ele não os tivesse preparado antes? Por isso não disse: “Recebestes o Espírito Santo,” mas “Recebei o Espírito Santo.” Ainda assim, não é errado afirmar que receberam então algum poder e graça espiritual; não para ressuscitar mortos ou fazer milagres, mas para perdoar pecados. Pois os dons do Espírito são diversos; por isso acrescentou: “A quem perdoardes os pecados, lhes serão perdoados,” mostrando que poder lhes dava. Mas, no outro caso, depois de quarenta dias, receberam o poder de operar milagres. Por isso Ele disse: “Recebereis poder quando o Espírito Santo descer sobre vós, e sereis minhas testemunhas em Jerusalém, em toda a Judeia” (Atos 1,8). E foram testemunhas por meio dos milagres, pois incomensurável é a graça do Espírito e variados os seus dons. Tudo isso para que saibas que o dom e o poder do Pai, do Filho e do Espírito Santo é um só. Pois coisas que parecem próprias do Pai, também pertencem ao Filho e ao Espírito Santo. “Como, pois,” pergunta alguém, “ninguém vem ao Filho se o Pai não o atrair?” (João 6,44). Pois justamente isso se mostra também próprio do Filho. “Eu sou o Caminho; ninguém vem ao Pai senão por mim” (João 14,6). E observa que isso pertence também ao Espírito, pois “ninguém pode dizer Jesus é Senhor, senão pelo Espírito Santo” (1 Coríntios 12,3). Vemos ainda que os Apóstolos foram dados à Igreja ora pelo Pai, ora pelo Filho, ora pelo Espírito Santo, e que as “diversidades de dons” (1 Coríntios 12,4) pertencem ao Pai, ao Filho e ao Espírito Santo.

[4.] Façamos, pois, tudo o que pudermos para termos o Espírito Santo conosco, e tratemos com muita honra aqueles em cujas mãos foi confiada a sua operação. Pois grande é a dignidade dos sacerdotes. “Àqueles cujos

pecados remirdes, eles são remidos para eles"; por isso também Paulo diz: "Obedecei aos que vos governam, e sujeitai-vos a eles." (Hebreus 13:17.) E os deveis honrar muitíssimo; pois tu realmente te ocupas dos teus próprios assuntos, e se os ordenares bem, não dás conta pelos outros; mas o sacerdote, mesmo que ordene bem sua própria vida, se não tiver um cuidado ansioso pela tua, sim, e pela de todos os que o cercam, partirá com os ímpios para o inferno; e muitas vezes, mesmo não sendo traído pela sua própria conduta, ele perece por causa da tua, se não tiver cumprido corretamente toda a sua parte. Sabendo, portanto, a grandeza do perigo, dê-lhes uma grande parcela da tua boa vontade; o que Paulo também implicou quando disse: "Pois eles vigiam por vossas almas", e não simplesmente isso, mas "como os que hão de dar conta." (Hebreus 13:17.) Eles, portanto, devem receber grande atenção de tua parte; mas se te juntares aos demais para pisoteá-los, então teus próprios assuntos não estarão em boa condição. Pois enquanto o timoneiro mantém bom ânimo, a tripulação também estará segura; mas se ele for cansado pelos insultos deles e pela má vontade contra ele, não pode vigiar tão bem, nem conservar sua habilidade, e sem querer lança-os em milhares de males. E assim também o sacerdote, se gozar honra de vossa parte, poderá bem ordenar vossos assuntos; mas se o lançardes em desânimo, enfraqueceis suas mãos e fazeis dele, bem como de vós mesmos, presa fácil às ondas, embora sejam muito corajosos. Considera o que Cristo diz acerca dos judeus: "Os escribas e fariseus assentam na cadeira de Moisés; portanto, tudo o que eles vos disserem, fazei-o." (Mateus 23:2-3.) Agora, não devemos dizer "os sacerdotes assentam na cadeira de Moisés", mas "na de Cristo", pois receberam sucessivamente Sua doutrina. Por isso também Paulo diz: "Somos embaixadores em nome de Cristo, como se Deus por nós rogasse." (2 Coríntios 5:20.) Não vês que, no caso dos governantes gentios, todos lhes se inclinam, e frequentemente mesmo pessoas superiores em família, em vida, em inteligência, aos que os julgam? Ainda assim, por causa daquele que lhes deu a autoridade, eles não consideram essas coisas, mas respeitam a decisão do seu governante, quem quer que ele seja que recebe o governo sobre eles. Há, então, tanto temor quando o homem nomeia, mas quando Deus nomeia desprezamos aquele que foi nomeado, o maltratamos, o enojamos com milhares de reprovações, e embora nos seja proibido julgar nossos irmãos, afiamos nossa língua contra os nossos sacerdotes? E como

isso pode merecer desculpa, quando não vemos a trave em nosso próprio olho, mas somos amargamente curiosos com o argueiro no olho do outro? Não sabes que, julgando assim, tornas teu próprio juízo mais difícil? E não digo isso aprovando aqueles que exercem seu sacerdócio de modo indigno, mas com grande compaixão e pranto por eles; contudo, não por isso permito que seja justo que sejam julgados pelos que estão sob seu governo. E embora sua vida seja muito criticada, tu, se tomares cuidado contigo mesmo, não serás prejudicado em nada no que foi confiado a eles por Deus. Pois se Ele fez uma voz sair de um jumento, e concedeu bênçãos espirituais por um adivinho, operando pela boca tola e língua impura de Balaão, em favor dos judeus que ofendiam, quanto mais, por vós, que sois de mente reta, Ele operará todas as Suas coisas e enviará o Espírito Santo, ainda que os sacerdotes sejam extremamente vis. Pois nem o puro atrai esse Espírito pela sua própria pureza, mas é a graça que opera tudo. "Pois todos," diz, "são para o vosso bem, seja Paulo, seja Apolo, seja Cefas." (1 Coríntios 3:22-23.) Pois as coisas que são colocadas nas mãos do sacerdote são dadas somente por Deus; e por mais que a sabedoria humana alcance, parecerá inferior a essa graça. E digo isso, não para que vivamos de forma descuidada, mas para que, quando alguns dos que estão sobre vós forem negligentes, vós, os governados, não acumuleis muitas vezes males para vós mesmos. Mas por que falo dos sacerdotes? Nem anjo nem arcanjo podem fazer algo quanto ao que é dado por Deus; mas o Pai, o Filho e o Espírito Santo dispensam tudo, enquanto o sacerdote empresta sua língua e oferece sua mão. Pois não seria justo que, pela maldade de outro, aqueles que vêm em fé aos símbolos de sua salvação fossem prejudicados. Sabendo todas essas coisas, temamos a Deus e honremos Seus sacerdotes, dando-lhes toda reverência; para que tanto por nossas boas ações quanto pela atenção para com eles, possamos receber grande retorno de Deus, pela graça e benignidade de nosso Senhor Jesus Cristo, com quem ao Pai e ao Espírito Santo seja glória, domínio e honra, agora e para sempre, pelos séculos dos séculos. Amém.

Sermão LXXXVII.
João 20:24-25 — "Mas Tomé, um dos doze, chamado Dídimo, não estava com eles quando Jesus veio. Disseram-lhe, pois, os outros discípulos: Vimos o Senhor. Porém ele disse: Se não vir nas suas mãos a marca dos cravos, e não meter o dedo no lugar dos cravos, e não meter a mão no seu lado, de maneira nenhuma crerei."

[1.] Quanto a crer de modo descuidado e ao acaso, isso provém de um temperamento demasiado fácil; assim, ser além da conta curioso e intrometido denota um entendimento muito grosseiro. Por essa razão Tomé é tido como culpado. Pois ele não acreditou nos apóstolos quando disseram: "Vimos o Senhor"; não tanto por desconfiar deles, mas por julgar que aquilo era impossível — isto é, a ressurreição dos mortos. Já que ele não disse "Não vos creio", mas "Se não puser a minha mão... não creio." Mas como se deu que, quando todos estavam reunidos, ele sozinho estava ausente? Provavelmente, depois da dispersão que recentemente ocorrera, ele ainda não havia retornado. Mas tu, ao veres a incredulidade do discípulo, considera a bondade do Senhor, que por causa de uma única alma se mostrou com Suas feridas, e vem para salvar até mesmo aquele, embora fosse mais rústico que os demais; por isso ele buscou prova nos sentidos mais grosseiros, e nem mesmo confiava em seus olhos. Pois ele não disse "Se não vir," mas "Se não tocar," dizia, para que o que ele visse não fosse alguma aparição. Contudo, os discípulos que lhe contaram essas coisas eram dignos de crédito, e também Aquele que prometeu; mas, como ele desejava mais, Cristo não lhe negou nem isso.

E por que não apareceu logo a ele, em vez de "depois de oito dias"? (ver. 26) Para que, enquanto isso, fosse continuamente instruído pelos discípulos e ouvindo a mesma coisa, seu desejo se inflamasse ainda mais, e estivesse mais pronto a crer no futuro. Mas como ele sabia que o lado de Cristo fora aberto? Por ter ouvido dos discípulos. Como então creu em parte e em parte não creu? Porque isso era muito estranho e maravilhoso. Mas observa, peço-te, a veracidade dos discípulos, como eles não escondem defeitos, nem os próprios nem alheios, mas os registram com grande honestidade.

Jesus novamente se apresenta a eles, e não espera que Tomé peça, nem que diga qualquer coisa, mas antes que ele fale, Ele mesmo o previne e satisfaz seu desejo; mostrando que, mesmo quando falou aquelas palavras aos discípulos, Ele estava presente. Pois usou as mesmas palavras, numa espécie de repreensão severa e instrução para o futuro. Pois tendo dito,

v. 26: "Põe aqui o teu dedo, e vê as minhas mãos; e chega a tua mão, e mete-a no meu lado," acrescentou:

"Não sejas incrédulo, mas crente."

Vês que a dúvida dele procedia da incredulidade? Mas isso foi antes que recebesse o Espírito; depois disso, não foi mais assim, mas foram aperfeiçoados para o futuro.

E não só assim Jesus o repreendeu, mas também pelo que segue; pois quando ele, estando plenamente satisfeito, respirou de novo e exclamou,

v. 28: "Meu Senhor e meu Deus," disse ele,

v. 29: "Porque me viste, creste; bem-aventurados os que não viram e creram."

Pois isso é fé: receber as coisas que não se vêem; pois "a fé é o firme fundamento das coisas que se esperam, a prova das coisas que não se veem." (Hebreus 11:1) E aqui Ele declara bem-aventurados não só os discípulos, mas também aqueles que depois deles haveriam de crer. "Mas," diz alguém, "os discípulos viram e creram." Sim, mas eles nada pediram desse tipo, mas pela prova dos panos receberam logo a palavra sobre a Ressurreição, e antes de verem o corpo mostraram toda a fé. Portanto, quando hoje alguém diz: "Gostaria de ter vivido naquela época e ter visto Cristo fazer milagres," que pensem que "bem-aventurados os que não viram e creram."

Vale a pena perguntar como um corpo incorruptível mostrou as marcas dos cravos e foi tangível por uma mão mortal. Mas não te perturbes; o que ocorreu foi um ato de condescendência. Pois aquilo que era tão sutil e leve

que entrou pelas portas fechadas, estava livre de toda densidade; mas essa maravilha foi mostrada para que se acreditasse na Ressurreição e para que os homens soubessem que era o próprio Crucificado, e que outro não ressuscitara em seu lugar. Por isso Ele ressuscitou mostrando os sinais da Cruz, e por isso Ele come. Ao menos os apóstolos em todos os lugares fizeram disso um sinal da Ressurreição, dizendo: "Nós, que comemos e bebemos com Ele." (Atos 10:41) Assim como quando o vemos andar sobre as ondas antes da Crucificação, não dizemos que aquele corpo é de natureza diferente, mas da nossa própria; assim depois da Ressurreição, quando o vemos com as marcas dos cravos, não diremos que por isso Ele é corruptível. Pois Ele mostrou essas aparências por causa do discípulo.

v. 30: "E muitas outras sinais verdadeiramente fez Jesus."

[2.] Já que este Evangelista mencionou menos [milagres] que os outros, ele nos diz que nem todos os demais relataram tudo, mas apenas o suficiente para levar os ouvintes à fé. Pois está escrito: "Se fossem escritas uma por uma, penso que nem o mundo inteiro poderia conter os livros" (Jo 21,25). Daí se vê claramente que o que escreveram, não o fizeram por vaidade ou ostentação, mas apenas visando o que era útil. Pois como poderiam escrever essas outras [coisas] por ostentação, se omitiram a maior parte? Mas por que não registraram tudo? Principalmente por causa do número [dos milagres]; além disso, consideraram também que aquele que não acreditasse nos [milagres] que haviam sido mencionados, tampouco daria atenção a uma quantidade maior, enquanto aquele que os acolhesse, não precisaria de mais para crer. E aqui também me parece que ele está se referindo, por ora, aos milagres após a Ressurreição. Por isso diz:

"Na presença dos seus discípulos."

Pois assim como antes da Ressurreição era necessário que muitos [milagres] fossem feitos, para que cressem que Ele era o Filho de Deus, assim também depois da Ressurreição, para que admitissem que Ele havia ressuscitado. E por outro motivo também acrescentou: "Na presença dos discípulos", porque após a Ressurreição, Ele conversava apenas com eles; por isso também

dissera: “O mundo já não me verá mais” (Jo 14,19). Em seguida, para que compreendas que tudo o que foi feito, foi feito apenas por causa dos discípulos, acrescentou:

Versículo 31. “Mas estes [milagres] foram escritos para que creiais que Jesus é o Cristo, o Filho de Deus, e para que, crendo, tenhais vida em seu nome.”

Falando aqui de modo geral à humanidade, e mostrando que o favor não é feito àquele que é crido, mas a nós mesmos, concede-nos um benefício muito grande. “Em seu nome”, ou seja, por meio d’Ele; pois Ele é a Vida.

Capítulo 21, versículo 1: “Depois disso, Jesus manifestou-se de novo aos discípulos, à beira do mar de Tiberíades.”

Vês que Ele já não permanece com eles continuamente, como antes? Apareceu-lhes, por exemplo, à tarde, e desapareceu; depois de oito dias, novamente apareceu, e desapareceu outra vez; depois disso, junto ao mar, e outra vez com grande admiração. Mas por que diz “manifestou-se”? Daí se entende que Ele não era visto a não ser que se dignasse aparecer, pois Seu corpo era, desde então, incorruptível e de pureza imaculada. E por que o autor menciona o lugar? Para mostrar que agora Ele já havia removido grande parte do temor deles, de modo que ousavam sair de casa e se locomover livremente. Pois já não estavam trancados em casa, mas tinham ido para a Galileia, fugindo do perigo vindo dos judeus. Simão, então, vai pescar. Pois como Ele não estava mais com eles continuamente, nem ainda tinham recebido o Espírito, nem lhes fora confiada qualquer missão até então, não tendo o que fazer, voltam ao seu ofício.

Versículo 2: “Estavam juntos Simão Pedro, Tomé (chamado Dídimo), Natanael (que era de Caná da Galileia), os filhos de Zebedeu e mais dois discípulos.”

Estando então desocupados, foram à pesca, e fizeram isso de noite, porque ainda estavam muito amedrontados. Lucas também menciona esse fato, mas trata-se de outra ocasião. Os outros discípulos o seguiram, porque já estavam unidos entre si, e ao mesmo tempo desejavam ver a pesca, e fazer bom uso do

tempo. Enquanto se afadigavam e se cansavam, Jesus se apresentou a eles e não Se revelou de imediato, para que pudessem conversar com Ele. Ele então lhes disse:

Versículo 5: “Tendes algo para comer?”

Por ora, Ele fala de modo humano, como se quisesse comprar algo deles. Mas como eles indicaram que não tinham nada, mandou que lançassem as redes à direita; e ao lançarem, apanharam uma grande quantidade de peixes. Quando O reconheceram, os discípulos Pedro e João mostraram mais uma vez seus temperamentos peculiares. Um era mais ardente, o outro mais elevado; um mais impetuoso, o outro mais perspicaz. Por isso João primeiro reconheceu Jesus, Pedro primeiro foi até Ele. Pois não eram sinais comuns os que haviam ocorrido. Quais sinais? Primeiro, que tantos peixes foram apanhados; depois, que a rede não se rompeu; depois, que antes de chegarem à terra, já havia brasas acesas, com peixe sobre elas, e pão. Pois Ele já não criava a partir de matéria preexistente, como por disposição anterior fazia antes da Crucificação. Quando, então, Pedro O reconheceu, largou tudo, peixes e redes, e cingiu-se.

Vês o respeito e o amor dele? Estavam apenas a uns duzentos côvados (cerca de 90 metros) da margem; mas nem por isso Pedro pôde esperar ir de barco, senão que nadou até a praia. E o que faz Jesus?

Versículo 12: “Vinde, comei.” “E nenhum deles ousava perguntar: Quem és tu?”

Pois já não tinham a mesma familiaridade, nem tanta confiança, e agora se aproximavam d’Ele com silêncio, grande temor e reverência, sentando-se e prestando-Lhe toda atenção.

“Porque sabiam que era o Senhor.”

E por isso não Lhe perguntaram: “Quem és Tu?”, mas vendo que Sua aparência havia mudado, e que Ele estava cheio de majestade, ficaram muito

maravilhados e quiseram perguntar algo a respeito; mas o temor, e o fato de saberem que não era outro, mas o mesmo [Senhor], refreou a pergunta. E apenas comeram o que Ele criara para eles com ainda mais poder do que antes. Pois agora Ele já não levantava os olhos para o céu, nem fazia aqueles gestos humanos, mostrando que também aquilo que fazia antes era por condescendência. E para mostrar que Ele não permanecia mais com eles continuamente, nem do mesmo modo que antes, diz:

Versículo 14: "Esta foi a terceira vez que Jesus Se manifestou aos discípulos, depois de ter ressuscitado dentre os mortos."

E Ele os manda trazer dos peixes para mostrar que o que viam não era uma ilusão. Aqui, de fato, não se diz que Ele comeu com eles, mas Lucas, em outro lugar, afirma que sim: "Comendo com eles" (At 1,4). Mas como isso aconteceu, não nos compete dizer; pois esses fatos ocorreram de modo muito admirável — não como se Sua natureza agora tivesse necessidade de alimento, mas por um ato de condescendência, como prova da Ressurreição.

[3.] Talvez, ao ouvirdes estas coisas, vos tenhais inflamado, e chamado felizes aqueles que então estavam com Ele, e aqueles que estarão com Ele no dia da ressurreição geral. Empenhemo-nos, pois, com todo esforço, para que possamos ver aquele Rosto admirável. Pois, se agora, apenas ouvindo falar d'Ele, já nos inflamamos e desejamos ter vivido naqueles dias que Ele passou sobre a terra, e ter ouvido Sua Voz, visto Seu rosto, nos aproximado d'Ele, tocado n'Ele e servido a Ele — considerai quão grande coisa será vê-Lo, não mais num corpo mortal, nem praticando ações humanas, mas rodeado de Anjos como guarda de honra, sendo nós mesmos também formados numa natureza de pureza sem mistura, contemplando-O e desfrutando do repouso daquela bem-aventurança que excede toda linguagem.

Por isso, suplico: empreguemos todos os meios para não perder tal glória. Porque nada é difícil se quisermos, nada é pesado se prestarmos atenção. "Se sofrermos, também com Ele reinaremos." (2 Tm 2,12.) Que quer dizer: "se sofrermos"? Se suportarmos tribulações, perseguições, se andarmos pelo caminho estreito. Pois o caminho estreito, por sua natureza, é laborioso, mas

pela nossa vontade se torna leve, em vista da esperança das coisas futuras. “Porque a nossa tribulação momentânea e leve produz para nós um peso eterno de glória muito superior, enquanto não fixamos o olhar nas coisas visíveis, mas nas invisíveis.” (2 Cor 4,17-18.)

Transfiram-se, pois, nossos olhos ao céu, e continuamente imaginemos e contemplemos aquelas realidades. Pois se passarmos todo o nosso tempo com elas, não seremos movidos ao desejo dos prazeres do mundo, nem acharemos difícil suportar suas dores; antes, riremos dessas coisas e semelhantes a elas, e nada poderá nos escravizar ou nos exaltar, se apenas dirigirmos nosso desejo para lá e contemplarmos aquele Amor. E por que digo que não nos entristeceremos com os sofrimentos presentes? Não apenas não nos entristeceremos, mas nem sequer parecerá que os vemos. Tão poderosa é a força do desejo ardente.

Aqueles, por exemplo, que não estão agora conosco, mas que, estando ausentes, são amados, nós os imaginamos todos os dias. Pois o amor tem um império poderoso: ele aliena a alma de todas as outras coisas e a prende ao objeto desejado. Se amarmos assim a Cristo, todas as coisas deste mundo parecerão sombra, imagem, sonho. Nós também diremos: “Quem nos separará do amor de Cristo? A tribulação, ou a angústia?” (Rm 8,35.) Ele não disse: “o dinheiro, ou a riqueza, ou a beleza” (estas são coisas muito vis e desprezíveis), mas colocou as coisas que parecem penosas: fomes, perseguições, mortes. Ele desprezou até mesmo estas, como sendo nada; mas nós, por causa de dinheiro, nos separamos da nossa vida e nos afastamos da luz.

E Paulo, com efeito, não prefere “nem a morte, nem a vida, nem as coisas presentes, nem as futuras, nem qualquer outra criatura” ao amor que está em Cristo; mas nós, se vemos um pequeno punhado de ouro, nos inflamamos e pisamos Suas leis. E se estas coisas já são intoleráveis quando ditas, muito mais o são quando praticadas. Pois o mais terrível é isto: que estremecemos ao ouvir, mas não estremecemos ao fazer. Juramos com facilidade, e perjuramos, e roubamos, e cobramos usura, não damos atenção à sobriedade, deixamos de ser rigorosos na oração, transgredimos a maior

parte dos mandamentos, e por amor ao dinheiro não fazemos caso nem mesmo dos nossos próprios membros.

Com efeito, quem ama o dinheiro praticará dez mil males contra seu próximo — e contra si mesmo também. Facílimo será para ele se irar contra o outro, injuriá-lo, chamá-lo de tolo, jurar falsamente e perjurar-se, e nem sequer guardará as normas da antiga Lei. Pois aquele que ama o ouro não amará seu próximo; e no entanto nós, por causa do Reino, somos ordenados a amar até os nossos inimigos. Ora, se cumprindo os antigos mandamentos ainda assim não pudermos entrar no Reino dos céus, a não ser que a nossa justiça exceda e vá além deles, quando nós sequer os observamos, que desculpa nos restará? Aquele que ama o dinheiro não apenas não amará seus inimigos, mas tratará até seus amigos como se fossem inimigos.

[4.] Mas por que falo eu de amigos? Os amantes do dinheiro muitas vezes ignoram até mesmo a própria natureza. Tal homem não reconhece os laços de sangue, não se lembra das amizades, não reverencia a idade, não tem amigos, mas é hostil a todos — e, mais do que a todos, a si mesmo — não apenas destruindo sua alma, mas atormentando-se com dez mil preocupações, trabalhos e tristezas. Pois suportará viagens para terras distantes, ódios, perigos, conspirações, qualquer coisa, apenas para ter em sua casa a raiz de todos os males e poder contar muito ouro. Que há, então, mais doloroso do que esta doença?

Ela é desprovida de qualquer luxo ou prazer (por causa dos quais os homens muitas vezes pecam), é desprovida de honra ou glória. Pois o amante do dinheiro aparenta ter dezenas de milhares, e de fato os tem — mas muitos são os que o acusam, invejam, caluniam e conspiram contra ele. Aqueles que ele prejudicou o odeiam por terem sido maltratados; os que ainda não sofreram, por temer que venham a sofrer, e por compaixão para com os que já sofreram, demonstram igual hostilidade; ao passo que os maiores e mais poderosos, feridos e indignados em favor dos humildes, e também por inveja, tornam-se seus inimigos e o odeiam.

E por que falo eu apenas de homens? Quando se faz também de Deus um inimigo, que esperança resta para tal homem? Que consolo? Que alívio? Aquele que ama as riquezas jamais poderá usá-las; será seu escravo e guardião, não seu senhor. Pois, estando sempre ansioso por aumentá-las, nunca quererá gastá-las; mas se mutilará a si mesmo, e viverá em condição mais miserável que qualquer pobre, porque seu desejo jamais encontra fim.

Ora, as riquezas foram feitas não para que as guardemos, mas para que as usemos; mas se vamos enterrá-las para os outros, que pode haver mais miserável do que nós, que corremos por toda parte tentando reunir os bens de todos os homens, para depois trancá-los, tirando-os do uso comum?

Mas há outro mal, não menor que este: alguns enterram seu dinheiro na terra, outros no ventre, no prazer e na embriaguez — juntando à injustiça o castigo da luxúria. Uns sustentam com seus bens parasitas e aduladores, outros os dados e as meretrizes, outros ainda gastos semelhantes, abrindo para si dez mil caminhos que levam ao inferno, mas abandonando o caminho reto e aprovado que conduz ao céu.

E todavia, este caminho (o do céu) não só dá maior ganho, mas também maior prazer do que os já mencionados. Pois o que dá às meretrizes é ridículo e vergonhoso, e terá muitas contendas e um prazer breve — ou melhor, nem mesmo breve, porque, por mais que dê às mulheres que o dominam, elas não lhe agradecerão. Pois, "a casa de uma estranha é como tonel com buracos." (Prov. 23,27 LXX). Além disso, esse tipo de mulher é desavergonhado, e Salomão comparou seu amor ao sepulcro; e só deixam o homem quando o veem despojado de tudo. Ou melhor, tal mulher nem mesmo então para, mas se enfeita ainda mais, pisa nele quando está caído, provoca risos às suas custas, e lhe causa tanto mal que nem é possível descrever em palavras.

Não assim é o prazer dos salvos: ali não há rivais, mas todos se alegram e rejubilam, tanto os que recebem bênçãos quanto os que as contemplam. Nenhuma ira, nem desânimo, nem vergonha, nem opróbrio assaltam a alma de quem vive assim, mas grande é o júbilo da consciência, grande a

esperança das coisas futuras, resplandecente a sua glória, e grande a sua honra; e, acima de tudo, tem o favor e a segurança vindos de Deus — e não há abismo, nem suspeita, mas um porto sem ondas e em paz.

Considerando, pois, todas essas coisas e comparando prazer com prazer, escolhamos o melhor, para que obtenhamos os bens futuros, pela graça e benignidade de nosso Senhor Jesus Cristo, a quem seja a glória e o domínio pelos séculos dos séculos. Amém.

Sermão LXXXVIII.
João 21,15 — "Depois de terem comido, Jesus disse a Simão Pedro: Simão, filho de Jonas, amas-Me mais do que estes? Ele respondeu: Sim, Senhor, Tu sabes que Te amo."

[1.] Há de fato muitas outras coisas que podem nos dar confiança diante de Deus e nos tornar resplandecentes e aprovados, mas o que mais atrai o favor do alto é o cuidado solícito para com o próximo. Por isso Cristo o exige de Pedro. Pois, terminado o comer, Jesus disse a Simão Pedro: "Simão, filho de Jonas, amas-Me mais do que estes?" Ele respondeu: "Sim, Senhor, Tu sabes que Te amo." E Jesus disse: "Apascenta as Minhas ovelhas."

E por que, tendo passado pelos outros, Ele trata dessas questões apenas com Pedro? Porque ele era o escolhido dos Apóstolos, a boca dos discípulos, o chefe do grupo; por isso também Paulo subiu certa vez para consultar a ele antes dos outros. E, ao mesmo tempo, para mostrar-lhe que devia agora estar confiante, pois a negação já fora apagada, Jesus coloca em suas mãos a principal autoridade entre os irmãos; e não traz à tona a negação, nem o repreende pelo que se passara, mas diz: "Se Me amas, preside sobre teus irmãos, e o amor fervoroso que sempre manifestaste, e no qual te regozijaste, mostra agora; e a vida que disseste estar disposto a entregar por Mim, agora entrega por Minhas ovelhas."

Tendo então sido questionado uma, duas vezes, e invocado como testemunha Aquele que conhece os segredos do coração, e sendo perguntado ainda uma terceira vez, ele se entristeceu, temendo a repetição do que acontecera antes

(pois então, forte em suas afirmações, foi depois desmentido), e por isso novamente recorre a Ele. Pois a expressão:

Verso 17. "Tu sabes todas as coisas" quer dizer: "as presentes e as futuras". Vês como ele se tornou melhor e mais sóbrio, já não sendo voluntarioso nem contradizendo? Pois por isso se entristeceu: "para que não pense que amo, e afinal não amo, como antes, quando afirmei muito e fui desmentido por fim". Mas Jesus pergunta-lhe pela terceira vez, e pela terceira vez lhe dá a mesma incumbência, para mostrar quão alto é o preço que Ele atribui ao cuidado de Suas ovelhas, e que este é especialmente um sinal de amor para com Ele. E tendo falado a ele sobre o amor a Si mesmo, profetiza o martírio que ele sofreria, mostrando que não disse o que disse por desconfiar, mas por confiar muito nele; desejando também indicar uma prova de amor por Ele e nos ensinar como devemos amá-Lo. Por isso disse:

Verso 18. "Em verdade, em verdade te digo: Quando eras jovem, cingias-te e ias para onde querias; mas quando fores velho, estenderás as mãos, e outro te cingirá, e te levará para onde não queres."

E, no entanto, ele o quis, e desejava isso; e por isso mesmo Cristo lhe revelou. Pois, como Pedro dissera repetidamente: "A minha vida darei por Ti" (Jo 13,37), e "Ainda que me seja necessário morrer contigo, não Te negarei" (Mt 26,35), Ele agora lhe restitui esse desejo. O que então significa "para onde não queres"? Refere-se ao sentimento natural, à necessidade da carne, e ao fato de que a alma é arrancada do corpo contra a vontade. De modo que, mesmo que a vontade fosse firme, ainda assim a natureza falharia. Pois ninguém abandona o corpo sem sentir dor — Deus, como disse antes, ordenou isso adequadamente, para que as mortes violentas não se tornassem numerosas. Pois se, como as coisas são, o diabo tem sido capaz de provocar isso, e levou dezenas de milhares a precipícios e abismos, se a alma não sentisse tal desejo pelo corpo, muitos teriam corrido para isso sob qualquer desânimo. A expressão "para onde não queres" é então uma forma de indicar o sentimento natural.

Mas por que, depois de dizer “quando eras jovem”, volta a dizer “quando fores velho”? Pois isso indica que ele não era mais jovem (e de fato não era, nem tampouco velho, mas homem de meia-idade). Por que então recorda sua vida anterior? Para mostrar que essa é a natureza das coisas de Deus. Nas coisas desta vida, o jovem é útil, o velho inútil; “mas nas Minhas coisas”, diz Ele, “não é assim; mas quando a velhice chega, então o valor é mais brilhante, então a coragem é mais ilustre, não sendo impedida pelo tempo da vida.” Ele disse isso não para atemorizá-lo, mas para estimulá-lo; pois conhecia o seu amor, e que ele há muito desejava essa bênção. Ao mesmo tempo, declara o tipo de morte. Pois, como Pedro desejava continuamente os perigos por causa d’Ele, Ele diz: “Tem bom ânimo; satisfarei teu desejo, de modo que, o que não sofrestes quando jovem, sofrerás quando fores velho.” Então o evangelista, para despertar o ouvinte, acrescenta:

Verso 19. “Disse isso para significar com que morte havia de glorificar a Deus.”

Não disse “com que morte havia de morrer”, mas “com que morte havia de glorificar a Deus”, para que compreendas que sofrer por Cristo é glória e honra para quem sofre.

“E tendo dito isso, disse-lhe: ‘Segue-Me’.”

Aqui mais uma vez alude ao seu zelo afetuoso, e à sua forte ligação com Cristo. E se alguém disser: “Como então Tiago recebeu a cátedra em Jerusalém?”, eu responderia: que Ele constituiu Pedro mestre, não de uma cátedra local, mas do mundo inteiro.

Versos 20-21. “Então Pedro, voltando-se, viu que o discípulo a quem Jesus amava os seguia, aquele que na ceia se recostara sobre o peito de Jesus e perguntara: ‘Senhor, quem é o traidor?’ Vendo-o, Pedro perguntou a Jesus: ‘Senhor, e quanto a este?’”

[2.] Por que ele nos recorda daquele momento de se reclinar (sobre o peito de Jesus)? Não sem motivo, nem de modo casual, mas para nos mostrar a confiança que Pedro havia recuperado após a negação. Pois aquele que antes não ousava interrogar Jesus, mas havia confiado a outro essa tarefa, foi agora incumbido da autoridade principal sobre os irmãos e, não apenas não confia mais a outro aquilo que diz respeito a si mesmo, mas agora ele próprio faz perguntas ao Mestre acerca de outro. João está em silêncio, mas Pedro fala. Ele mostra aqui também o amor que tinha por ele (João); pois Pedro amava grandemente a João, como fica claro pelo que se segue, e sua união íntima se manifesta por todo o Evangelho e nos Atos. Quando, portanto, Cristo predisse grandes coisas a ele, confiou-lhe o mundo e falou antecipadamente sobre o seu martírio, e testemunhou que o amor dele era maior do que o dos outros, desejando ter também João como companheiro, disse: "E este, o que será?" Ou seja: "Ele não virá pelo mesmo caminho que nós?" E, assim como da outra vez, não podendo perguntar por si, pediu a João que o fizesse, agora, querendo retribuir-lhe, e supondo que João desejava perguntar sobre si, mas não tinha coragem, ele próprio assume a pergunta. Que respondeu Cristo?

Vers. 22. "Se Eu quiser que ele permaneça até que Eu venha, que te importa?"

Visto que Pedro falou movido por grande afeição e não querendo separar-se dele, Cristo, para mostrar que, por mais que ele amasse, não podia superar o amor d'Ele próprio, diz: "Se Eu quiser que ele permaneça, que te importa?" Com essas palavras, ensina-nos a não sermos impacientes nem curiosos além do que Lhe parece bem. Pois como Pedro era sempre impetuoso e se lançava a questionamentos como este, para refrear seu ardor e ensinar-lhe a não ir além, Ele assim falou.

Vers. 23. "Então se espalhou entre os irmãos o dito de que aquele discípulo não morreria; contudo, Jesus não dissera que ele não morreria, mas: Se Eu quiser que ele permaneça até que Eu venha, que te importa?"

"De modo algum deves supor", diz Ele, "que organizo vossos destinos segundo uma regra única." E disse isso para desviá-los daquela compaixão mútua, mas inoportuna; pois, como estavam prestes a receber o encargo do

mundo inteiro, era necessário que não estivessem mais tão unidos fisicamente; pois isso certamente traria grande prejuízo ao mundo. Por isso diz a Pedro: “Tu recebeste um encargo; cuida dele, cumpre-o, trabalha e esforça-te. E se Eu quiser que ele fique aqui, o que te importa? Cuida de teus próprios deveres.” E observa, por favor, também aqui a ausência de orgulho no evangelista; pois, tendo mencionado a opinião dos discípulos, ele a corrige, como se dissessem que não haviam compreendido corretamente o que Jesus quis dizer. “Jesus não disse”, afirma ele, “que ‘ele não morreria’, mas: ‘Se Eu quiser que ele permaneça’.”

Vers. 24. “Este é o discípulo que testifica estas coisas e as escreveu; e sabemos que seu testemunho é verdadeiro.”

Por que, sendo que nenhum dos outros faz isso, ele sozinho usa essas palavras — e pela segunda vez — testemunhando de si mesmo? Pois parece ofensivo aos ouvintes. Qual é, então, a razão? Diz-se que ele foi o último a escrever, tendo sido Cristo quem o moveu e impeliu a essa tarefa; e por isso ele frequentemente exalta seu amor (por Cristo), aludindo à causa pela qual foi impelido a escrever. Por isso também ele frequentemente a menciona, para tornar seu relato digno de crédito e mostrar que, movido por esse motivo, entregou-se a essa obra. “E eu sei”, diz ele, “que são verdadeiras as coisas que ele afirma. E se muitos não crerem, podem crer por isso.” “Por isso o quê?” Por aquilo que se segue.

Vers. 25. “Há, porém, ainda muitas outras coisas que Jesus fez; se todas elas fossem escritas uma por uma, creio que nem o mundo todo poderia conter os livros que seriam escritos.”

“Donde se vê claramente que eu não escrevi para agradar aos homens; pois eu, que, embora os milagres fossem tantos, nem sequer relatei tantos quantos os outros, mas omiti a maior parte e trouxe à tona as conspirações dos judeus, os apedrejamentos, o ódio, os insultos, as zombarias e mostrei como o chamaram de endemoninhado e enganador, certamente não busquei o favor humano. Pois aquele que quisesse agradar aos homens deveria fazer o contrário: rejeitar o que é vergonhoso e relatar apenas o que é glorioso.”

Tendo, portanto, escrito o que escreveu com plena certeza, ele não se furta a dar seu próprio testemunho, convidando cada pessoa a investigar e examinar cuidadosamente os fatos. Pois é nosso costume, quando cremos estar dizendo a mais pura verdade, jamais recusar nosso testemunho; e se nós fazemos isso, quanto mais ele, que escreveu movido pelo Espírito. Assim, o que os outros Apóstolos declararam ao pregar, ele também diz: "Nós somos testemunhas destas coisas, e também o Espírito Santo, que Deus concedeu aos que Lhe obedecem" (Atos 5,32). Além disso, ele esteve presente em tudo, não o abandonou nem mesmo durante a crucificação, e lhe foi confiada a mãe d'Ele; todos esses fatos são sinais de seu amor por Cristo e de que conhecia com exatidão todas as coisas. E se ele disse que tantos milagres aconteceram, não te espantes, mas, considerando o poder inefável de quem os realizou, acolhe com fé o que é dito. Pois era tão fácil para Ele fazer tudo o que quisesse quanto é para nós falar — ou melhor, muito mais fácil; bastava que Ele quisesse, e tudo se realizava.

[3.] Prestemos, pois, atenção cuidadosa às palavras e não cessemos de desdobrá-las e examiná-las profundamente, pois é da aplicação contínua que colhemos algum proveito. Assim poderemos purificar nossa vida e arrancar os espinhos, pois o pecado e o cuidado do mundo são como espinhos — infrutíferos e dolorosos. Assim como o espinho fere quem o segura de qualquer maneira, também as coisas desta vida, de qualquer lado que sejam agarradas, causam dor àquele que as abraça e acarinha. As coisas espirituais, porém, não são assim; elas se assemelham a uma pérola: de qualquer lado que a voltes, ela deleita os olhos.

Por exemplo: um homem praticou uma obra de misericórdia; ele não só é alimentado com esperanças do futuro, como também é consolado com os bens presentes, vivendo sempre cheio de confiança e agindo com muita ousadia. Ele venceu um desejo mau; mesmo antes de obter o Reino, já colheu aqui o fruto disso, sendo louvado e aprovado, mais do que todos, pela própria consciência. E toda boa obra tem essa natureza; assim como a consciência também pune as ações más ainda aqui, antes mesmo do inferno. Pois se, após pecar, consideras o futuro, ficas com medo e tremes, ainda que ninguém te castigue; se consideras o presente, tens muitos inimigos, vives com

desconfiança e já não podes nem sequer olhar no rosto daqueles a quem ofendeste — ou melhor, daqueles a quem nem mesmo ofendeste.

Pois não colhemos, no caso das más ações, tanto prazer quanto colhemos desespero, quando a consciência nos acusa, os homens nos condenam exteriormente, Deus Se ira, o inferno se abre para nos receber, nossos pensamentos não têm descanso. O pecado é algo pesado, muito pesado e penoso, mais difícil de carregar do que qualquer chumbo. Quem quer que tenha algum senso disso não será capaz de levantar os olhos sequer um pouco, mesmo que seja muito insensível. Assim, por exemplo, Acab, embora muito ímpio, quando sentiu isso, andou curvado, esmagado e aflito. Por isso vestiu-se de saco e derramou rios de lágrimas. (1 Reis 21,27) Se fizermos o mesmo e nos entristecermos como ele, também nós deporemos nossos pecados, como fez Zaqueu, e também alcançaremos algum perdão. (Lucas 19,9)

Pois, como no caso de tumores e fístulas, se primeiro não se estanca a secreção que corre e inflama a ferida, por mais remédios que se apliquem, enquanto a fonte do mal não for detida, tudo será em vão; assim também, se não refrearmos nossa mão da cobiça, e não detivermos aquele afluxo nocivo de riqueza, ainda que demos esmolas, tudo será inútil. Pois aquilo que foi curado por ela (a esmola), a cobiça, vindo depois, costuma recobrir e estragar, e tornar mais difícil a cura do que antes.

Cessemos, pois, de roubar, e assim pratiquemos a esmola. Mas se nos lançarmos aos precipícios, como poderemos nos recuperar? Pois, se um lado (a esmola) puxa um homem em queda desde cima, enquanto outro (a cobiça) o arrasta com força desde baixo, o único resultado de tal luta será que o homem será despedaçado. Para que não soframos isso, e para que, enquanto a cobiça nos pesa desde abaixo, a esmola não nos abandone e nos deixe, aliviemo-nos, e estendamos nossas asas, para que, aperfeiçoados pela remoção dos males e pela prática do bem, alcancemos os bens eternos, pela graça e benignidade de nosso Senhor Jesus Cristo, com o qual, ao Pai e ao Espírito Santo, seja glória, domínio e honra, agora e sempre, e pelos séculos dos séculos. Amém.